



Eu, submissa

Beneath This Man, best-seller do *The New York Times*

Trilogia O Amante

Jodi Ellen Malpas





Eu, submissa

Eu, submissa

Beneath This Man, best-seller do *The New York Times*

Trilogia *O Amante*

Jodi Ellen Malpas

TRADUÇÃO

VIVIANE PIRES DE ARAÚJO



Copyright © Jodi Ellen Malpas, 2013

Título original: *Beneath This Man*

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e incidentes são fruto da imaginação da autora e/ou são usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança de eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou não, é coincidência.

Preparação: Alyne Azuma

Revisão: Gabriela Ghetti e Paula B. P. Mendes

Diagramação: Marcos Gubiotti

Capa: adaptada do projeto gráfico original

Imagem de capa: © Laurie Hill

Conversão eBook: Hondana

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M223e

Malpas, Jodi Ellen

Eu, submissa / Jodi Ellen Malpas; tradução Viviane Pires de Araújo. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2014.

Tradução de: Beneath this man

ISBN 978-85-422-0389-9

1. Ficção inglesa. I. Araújo, Viviane Pires de. II. Título.

14-16584

CDD:

823

CDU:

821.111-

3

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Padre João Manoel, 100 – 21º andar – Conj. 2101 e 2102

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-901 – São Paulo – SP

www.editoraplaneta.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

PARA AS MINHAS MENINAS.

Agradecimentos



A montanha-russa de *O Amante* acelera a cada minuto, com mais voltas e reviravoltas. Não quero mais descer. Como sempre, minha gratidão a cada uma das pessoas que se juntaram a mim ao longo do caminho é imensurável.

Continuo tomando um banho de sol no Sétimo Céu de Jesse.

Beijos,
Jodi

Sumário



Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Cena Bônus Ponto de vista de Jesse em Eu, submissa

Capítulo 1



Quase não consegui reunir forças para ir ao trabalho hoje. Faz cinco dias desde a última vez que vi Jesse Ward. Cinco dias de agonia, vazio e lágrimas.

Toda vez que fecho os olhos ele está lá, as imagens que vão do homem lindo, seguro e confiante que me arrebatou, para a criatura oca, maldosa e embriagada que me destruiu. Mesmo assim, sem ele, me sinto vazia e incompleta. Jesse me fez precisar dele e agora se foi.

Na escuridão vejo seu rosto e no silêncio ouço sua voz. Não há como escapar. Não tomo conhecimento do que acontece ao meu redor, todos os sons parecem zumbidos distantes, toda imagem, um borrão. Estou no inferno. Estou em total agonia.

Deixei Jesse bêbado e furioso em sua cobertura no último domingo. Não tenho notícias dele desde que parti e o abandonei gritando e cambaleante. Não houve mais telefonemas, mensagens, flores... nada.

Seu amigo Sam ainda é uma presença constante e seminua na casa que compartilho com Kate, mas sabe que é melhor para ele não falar sobre Jesse comigo. Ele se mantém quieto e distante. Deve ser doloroso ficar perto de mim nesse momento. Como posso me sentir assim por um homem que conheço faz poucas semanas? Contudo, nesse pouco tempo, aprendi que ele é intenso, temperamental e controlador, mas também gentil, carinhoso e protetor. Sinto tanta saudade desse Jesse. Mas o homem bêbado e vazio que encontrei na cobertura não é o Jesse por quem me apaixonei. Eu aceitaria com prazer seu comportamento difícil e frustrante para não ver nunca mais a feiura do Jesse embriagado.

Pelo jeito, a recaída de Jesse foi culpa minha. Ele me alertou, com a fala enrolada, sobre o que aconteceria se eu o abandonasse. E avisou mesmo. Só não havia me explicado que tipo de danos ou por quê. Eu devia ter perguntado mais, mas estava ocupada demais sendo engolida por ele. Eu estava distraída com relação a tudo, cega de luxúria e me afogando na intensidade dele. Nunca imaginei que ele seria o Senhor do Solar do Sexo e nunca antevi que seria um alcoólatra. Eu estava andando por aí de olhos bem fechados.

Tenho sorte de ter conseguido evitar que meu chefe, Patrick especulasse sobre o projeto do sr. Ward. Quando cem mil libras entraram na conta bancária da Rocco Union, por cortesia do sr. Ward, fiquei muito grata. Com um adiantamento tão alto, eu podia enrolar Patrick com uma viagem de negócios imaginária, que vem mantendo o sr. Ward fora do país e, o projeto, parado. Sei que vou ter que lidar com isso em algum momento e não sei quando. Talvez nunca.

A pobre Kate tem tentado me tirar do buraco negro em que me enfiei. Ela tenta me ocupar com aulas de ioga, drinques no pub e decorações de bolo. Mas fico mais feliz apodrecendo em minha cama. E ela me encontra sem falta todos os dias, na hora do almoço. Não que eu consiga comer. É difícil engolir quando a comida não passa pelo nó permanente que tenho na garganta.

A única coisa que me anima são minhas caminhadas matinais. Não estou conseguindo dormir mesmo, então levantar da cama às cinco toda manhã tem sido relativamente fácil.

No ar silencioso e fresco da manhã, vou até o local onde desabei exausta no Green Park, na manhã em que Jesse me arrastou pelas ruas de Londres, em uma de suas torturantes maratonas. Fico sentada em silêncio e arranco folhas de grama cobertas de orvalho até meu traseiro ficar dormente e úmido, então me sinto pronta para voltar sem pressa para casa e me preparar para mais um dia sem Jesse.

Por quanto tempo posso continuar assim?

Meu irmão Dan volta para Londres amanhã, depois de visitar meus pais na Cornualha. Eu deveria estar ansiosa para encontrá-lo, já faz seis meses que não o vejo, mas onde vou encontrar energia para fingir?

Meu celular dispara na minha mesa, me tirando dos devaneios e das batidas com a caneta na mesa. É Ruth Quinn. Solto um gemido por dentro. Ruth é uma cliente nova e já mostrou ser um desafio. Ela ligou na terça e exigiu uma visita no mesmo dia. Expliquei que estava ocupada e sugeri que talvez outra pessoa pudesse ir, mas ela insistiu que eu fizesse o trabalho, e acabamos marcando nossa primeira reunião, que vem a ser hoje. Desde então, ela tem me telefonado todos os dias para me lembrar.

– Srta. Quinn... – eu a cumprimento, com a voz cansada.

– Ava, como vai?

Ela sempre me pergunta como estou, o que é bom, penso eu. Não vou dizer a verdade a ela.

– Estou bem. E você?

– Sim, sim, bem – ela diz, animada. – Eu só queria checar se nosso encontro está de pé.

– Às quatro e meia, srta. Quinn – confirmo, pelo terceiro dia consecutivo. Acho que vou aumentar o valor a ser cobrado por esse trabalho.

– Ótimo! Não vejo a hora.

Desligo e respiro fundo para me acalmar. Onde eu estava com a cabeça quando marquei de terminar a sexta-feira me reunindo com uma cliente nova e complicada?

Victoria entra no escritório com os longos cabelos loiros esvoaçando sobre os ombros. Ela parece diferente... Ela está laranja!

– O que foi que você fez? – pergunto, chocada. Sei que não estou no meu melhor ultimamente, mas não há como negar o tom da pele dela.

Ela revira os olhos e pega um espelhinho na bolsa para inspecionar o rosto.

– Nem pergunte! – ela me adverte. – Pedi bronze. – Ela esfrega o rosto com

um lenço de papel. – A idiota usou a cor errada. Pareço um salgadinho de queijo! – ela continua esfregando o rosto, enquanto bufa e xinga baixinho.

– Você precisa de um esfoliante corporal e de um chuveiro – aconselho, voltando meus olhos para a tela do computador.

– Não acredito que isso esteja acontecendo! – ela choraminga. – Drew vai encontrar comigo hoje à noite. Ele vai sair correndo se me vir assim!

– Aonde vocês vão? – pergunto.

– Ao Langanş. Vão me achar muito cafona. Não posso ir assim!

Isso é uma completa catástrofe para Victoria. Ela e Drew estão saindo faz uma semana, mais um relacionamento que nasceu de minha vidinha patética. Tudo que preciso agora é ver Tom entrar por aquela porta e declarar que vai se casar. Estou em um momento egoísta, não consigo ficar feliz por ninguém.

Sally, nossa faz-tudo, sai da cozinha e congela assim que vê Victoria.

– Uau! Victoria, você está bem? – ela pergunta, e não consigo conter um sorriso quando ela me dirige um olhar alarmado. Qualquer forma de embelezamento passa despercebida por nossa Sally sem sal.

– Estou bem! – Victoria vocifera.

Sally se retira para a segurança do seu almoxarifado para escapar de Victoria, irritada, e, de mim, miserável.

– Onde está Tom? – pergunto, numa tentativa de distrair Victoria de sua crise de bronzamento artificial.

Ela fecha o espelhinho e bate com ele na mesa, antes de se virar para mim. Eu riria, se tivesse energia para isso. Ela está horrível.

– Está na casa dos Baines. Parece que o pesadelo continua – ela bufa, ajeitando os cachos loiros em torno da cabeça.

Deixo Victoria às voltas com o seu rosto brilhante e olho para a tela do computador sem a menor concentração. Mal posso esperar para o dia acabar e eu poder rastejar até minha cama, onde não preciso ver, conversar ou interagir com ninguém.

Chego pontualmente a uma bela casa em Lansdowne Crescent, e a srta. Quinn atende à porta. Sou surpreendida na hora – a voz não combinada em nada com a aparência. Eu a imaginava uma solteirona de meia-idade, quase uma professora de piano, mas não poderia estar mais enganada. Ela é muito atraente, longos cabelos loiros, grandes olhos azuis e a pele lisa e clara. Está usando um lindo vestido preto e saltos anabela. Ela sorri.

– Você deve ser Ava. Entre, por favor. – Ela me leva até uma medonha cozinha retrô anos 1970.

– Srta. Quinn, meu portfólio – estendo a pasta para ela, que a segura com entusiasmo. Ela tem um sorriso cativante. Talvez eu tenha tido mesmo uma primeira impressão errada.

– Por favor, me chame de Ruth. Ouvi falar muito bem do seu trabalho, Ava – ela diz, enquanto folheia a pasta. – Especialmente do Lusso.

– Ouviu? – pareço surpresa, mas não estou. Patrick está encantado com o retorno que a Rococo Union tem recebido com a divulgação do Lusso um prédio alto, inusitado em Saint Katherine Docks. Eu preferiria esquecer tudo o que se relaciona ao Lusso, mas não parece possível.

– Sim! Você fez um trabalho incrível. Gostaria de beber algo?

– Um café seria bom, obrigada.

Ela sorri e começa a preparar as bebidas.

– Sente-se, por favor, Ava.

Eu me sento e pego meu bloco de anotações.

– Como posso ajudá-la, Ruth?

Ela ri e faz um gesto apontando para a cozinha toda com a colher de chá.

– Precisa perguntar? É horrorosa, não é? – ela exclama, antes de retornar ao preparo do café.

Sim, na verdade, é bem feia, mas eu não vou engasgar de terror com as paredes de tijolos falsos marrons e amarelos.

Ela prossegue.

– Obviamente estou aceitando ideias de como transformar essa monstruosidade. Estive pensando em derrubar essa parede e fazer uma sala de estar grande. Venha, vou mostrar. – Ela me serve o café e sinaliza para que eu a siga até o cômodo ao lado. A decoração é tão ruim quanto a da cozinha. Ela parece jovem – talvez uns trinta e poucos anos –, então imagino que tenha se mudado há pouco tempo. Esse lugar parece não ver um pincel há uns quarenta anos.

Depois de uma hora de discussão, estou certa de que sei o que Ruth quer. Ela tem uma boa visão.

– Vou criar alguns esboços de acordo com seu orçamento e suas ideias e enviá-los junto com os valores – digo a ela enquanto me dirijo à porta de saída. – Há algo em particular que você queira?

– Não. Obviamente quero todos os luxos básicos que se espera encontrar numa cozinha. – Ela me estende a mão, e eu a aperto, educada. – Uma adega – ela ri.

– Claro – dou um sorriso amarelo, a menção ao álcool faz meu sangue congelar. – Eu entro em contato, srta. Quinn.

– Ruth, por favor! – ela balança a cabeça. – Vou aguardar ansiosa, Ava.

Eu me arrasto pela rua até a casa de Kate, na esperança de que ela tenha saído, para que eu possa ir ao meu quarto antes que retome a missão de “Vamos Animar a Ava”.

– Ava!

Paro e vejo Sam debruçado na janela do carro, enquanto dirige em baixa velocidade ao meu lado.

– Oi, Samuel – digo com um sorriso forçado e sigo meu caminho.

– Ava, por favor, não se junte à sua amiga malvada no Clube do Ódio ao Sam. Posso ser forçado a sair da casa dela. – Ele estaciona e sai do Porsche, parando ao meu lado na calçada, diante da casa de Kate.

Ele parece o mesmo cara sem frescuras, com a bermuda larga demais, camiseta dos Rolling Stones e os cabelos castanhos despenteados.

– Desculpe, mas você se mudou de vez para cá? – pergunto, com a sobrelance erguida. Sam tem um apartamento caro e luxuoso próximo ao Hyde Park, com muito mais espaço, mas, com o ateliê de bolos funcionando no andar térreo, Kate insiste que ele fique na casa dela.

– Não, não me mudei. Kate disse que você estaria em casa às seis. Eu estava mesmo esperando encontrar você aqui. – Ele parece nervoso de repente, o que me deixa extremamente desconfortável.

– Está tudo bem? – pergunto.

Ele dá um sorriso que nem chega a ativar sua covinha.

– Na verdade, não. Ava, preciso que venha comigo – ele responde, em voz baixa.

– Para onde? – Por que ele está tão sem graça? Isso não é normal em Sam. Em geral ele é desligado e descarado.

– Para a casa de Jesse.

Sam deve ter percebido meu olhar de horror, porque dá um passo na minha direção, com uma expressão de súplica. A simples menção do nome dele me causa pânico. Por que ele quer que eu vá à casa de Jesse? Depois de nosso último encontro, eu só entraria lá à força. Não há a menor chance de eu voltar para aquele lugar – nunca.

– Sam, não acho uma boa ideia. – Dou um passo para trás, balançando a cabeça em negativa. Começo a tremer.

Ele suspira e arrasta os tênis na calçada.

– Ava, estou ficando preocupado. Jesse não atende o telefone, e ninguém tem notícias dele. Não sei mais o que fazer. Sei que não quer falar sobre ele, mas já faz cinco dias. Estive no Lusso, mas o concierge nos impede de subir. Ele vai deixar você entrar. Kate disse que você o conhece. Não pode nos ajudar a subir? Só preciso saber se ele está bem.

– Não, Sam. Sinto muito, mas não posso – respondo, com a voz rouca.

– Ava, tenho medo de que ele tenha feito algo idiota. Por favor.

Minha garganta ameaça se fechar, e Sam se aproxima de mim com as mãos estendidas. Não percebi que estava me afastando dele.

– Não, Sam, por favor. Não posso fazer isso. Ele não vai querer me ver, e eu não quero vê-lo.

Ele segura minhas mãos para impedir que eu me afaste mais, me puxa para perto e me abraça forte.

– Ava, eu não queria pedir isso, não mesmo, mas preciso subir lá e ver como ele está.

Meus ombros desabam, derrotados com seu abraço, e um soluço escapa, justo

quando penso que não tenho mais lágrimas.

– Não posso vê-lo, Sam.

– Ei – ele se afasta e olha para mim –, nos ajude a passar pelo concierge. É tudo o que peço. – Ele enxuga uma lágrima furtiva e sorri, suplicante.

– Não vou entrar – afirmo, o pânico se instala como um nó em meu estômago, só de pensar em vê-lo de novo. Mas e se ele tiver mesmo feito uma besteira?

– Ava, só nos ajude a entrar na cobertura.

Faço um meneio com a cabeça e enxugo as lágrimas que escorrem pelo meu rosto.

– Obrigado. – Ele me leva até o Porsche. – Entre. Drew e John vão nos encontrar lá. – Sam abre a porta do passageiro e faz sinal para eu entrar.

Sento no carro e deixo Sam me levar até o Lusso – um lugar para onde jurei nunca mais voltar.

Capítulo 2



Assim que o Lusso entra no meu campo de visão, tenho uma crise de ansiedade. É difícil resistir ao desejo arrebatador de abrir a porta e pular do carro de Sam em movimento. Ele olha para mim com uma óbvia expressão de ansiedade naquele lindo rosto, como se sentisse minha intenção de fugir.

Assim que paramos do lado de fora dos portões, Sam dá a volta para me buscar, me segurando com firmeza enquanto nos leva para a entrada de pedestres, onde Drew nos espera.

Ele está vestido com sua habitual elegância, de terno, gravata e sapatos sociais, os cabelos pretos perfeitamente penteados, mas não me deixa incomodada. Em vez disso, fico em completo choque quando me puxa para si e me abraça forte. É o primeiro contato físico efetivo que tenho com o sujeito.

– Ava, obrigado por vir.

Não respondo, porque realmente não sei o que dizer. Eles estão preocupados de verdade com Jesse, e me sinto culpada e muito mais ansiosa agora. Drew me solta com um sorriso rápido e tranquilizador. Pena que não consegue me tranquilizar.

Sam aponta para a rua.

– Olha o grandão ali.

Todos viramos para ver John, o braço direito de Jesse, parando seu Range Rover com uma freada brusca, logo atrás do carro de Sam. Ele desliza o corpanzil para fora, tira os óculos escuros e nos cumprimenta com um aceno de cabeça. É o modo silencioso como ele se relaciona com as pessoas. Meu Deus, ele parece colérico. Mal consegui ver um lampejo de seus olhos – já que estão sempre escondidos pelos óculos, mesmo à noite ou em ambientes fechados, mas o sol está brilhando, então não entendo por que ele os tiraria agora. Talvez queira que todos saibam o quanto está furioso. Funcionou. Ele parece fora de si.

Respiro fundo e digito o código, abrindo em seguida o portão para os rapazes. Queria que fosse o mais longe que eu precisasse ir. Drew faz um gesto para que eu vá na frente, sempre um cavalheiro, então dou o primeiro passo e começo a atravessar o estacionamento em silêncio. Vejo o carro de Jesse e noto que a janela continua quebrada. Meu estômago dá um salto mortal quando entramos no foyer de mármore do Lusso quietos, o único ruído são nossos passos. Minhas entranhas começam a se contorcer, e minha respiração acelera. Quanta coisa aconteceu nesse lugar. O Lusso foi minha primeira grande realização como designer de interiores. Meu primeiro encontro sexual com Jesse aconteceu aqui, assim como foi aqui a última vez que o vi. Tudo começou e terminou aqui.

Clive tira os olhos do balcão grande e curvo quando nos aproximamos, o cansaço evidente em sua expressão.

– Olá, Clive – digo, com um sorriso forçado.

Ele olha de mim para os três seres sinistros que me acompanham, antes de seus olhos pousarem em mim de novo.

– Olá, Ava. Como vai?

– Estou bem, Clive – minto. – E você?

– Estou bem. – Ele está exausto, sem dúvida depois de ter tido algumas discussões acaloradas com os três homens que me rodeiam. A julgar pela frieza com que me trata, eles não devem ter sido muito agradáveis.

– Clive, eu ficaria muito grata se me deixasse subir até a cobertura para ver Jesse. – Encho minha voz de confiança, mas estou sentindo qualquer coisa, menos isso. Meu coração dispara mais a cada segundo.

– Ava, como eu disse para seus amigos aqui, posso perder meu emprego se permitir isso. – Ele lança mais um olhar cauteloso para os meninos.

– Eu sei, Clive, mas eles estão preocupados – explico, soando totalmente desinteressada. – Só querem checar se ele está bem e depois vão embora. – Tento ser graciosa, porque sei que Drew, Sam e John foram tudo menos isso.

– Ava, eu já subi, bati na porta do sr. Ward e não obtive resposta. Nós vimos alguns trechos das gravações das câmeras de segurança, e não o vi sair nem entrar durante o meu turno. O pessoal da segurança não pode assistir a cinco dias de filmagem contínua. Expliquei isso aos seus amigos. Se os deixar subir, posso perder meu emprego.

Fico perplexa com a reviravolta na etiqueta de Clive. Se ele tivesse sido assim profissional e teimoso quando vim ver Jesse no domingo, talvez não tivéssemos tido aquela briga terrível. Mas eu também estaria feliz, contente e alheia ao pequeno problema de Jesse.

Sinto Sam fazer pressão nas minhas costas.

– Deixa a gente subir, caramba! – ele grita sobre meu ombro.

Eu me encolho, mas não posso culpá-lo por estar frustrado. Eu também estou. Só quero garantir que vão passar por Clive e ir embora. Posso sentir as paredes se fechando ao meu redor, assim como Jesse atravessando o chão de mármore comigo nos braços. Todas as imagens que inundam meu cérebro ficam mais vívidas aqui.

Viro e vejo John com o rosto transtornado e uma mão no ombro de Sam, como se pedisse para ele se acalmar. Não me agrada nem um pouco fazer isso, mas todos estão no limite.

– Clive, detesto ter que recorrer à chantagem – digo, seca, voltando para ele, que me olha, confuso. Posso ver seu cérebro funcionar, pensando no que eu poderia usar para chantageá-lo. – Eu detestaria que alguém descobrisse sobre as visitas frequentes que o sr. Gomez recebe ou a preferência do sr. Holland por meninas tailandesas. – Observo o rosto de Clive se contorcer, derrotado.

– Ava, você joga sujo, minha menina.

– Você não me deixa opção, Clive.

Ele balança a cabeça e faz um sinal em direção ao elevador, enquanto nos xinga em voz baixa.

– Ótimo! – Sam festeja enquanto vamos para o elevador que leva à cobertura.

Não tenho ideia de como tudo acontece, mas meus pés dão passos curtos e vão com eles até o elevador.

– Jesse pode ter trocado o código – digo atrás deles.

Sam se vira rapidamente, alarmado. Dou de ombros.

– Se ele tiver trocado o código, não há como subir.

De repente, estou diante do elevador, respirando fundo e digitando o código da construtora. Ouço um coro de expirações quando as portas se abrem, e todos entram, enquanto fico do lado de fora, olhando para Sam. Ele sorri e faz um sinal discreto com a cabeça, me incentivando a embarcar com eles.

É o que faço.

Entro no elevador, com Sam e Drew de um lado e John do outro, e digito o código de novo. A viagem acontece em um silêncio desconfortável e, quando as portas do elevador se abrem, nos deparamos com a porta dupla da cobertura de Jesse.

Sam é o primeiro a descer, se aproximando e girando a maçaneta devagar, antes de esmurrar a porta como um louco.

– Jesse! Abra essa porta!

Drew e John se aproximam e o afastam da porta, e então John também tenta abri-la, sem sucesso. Não consigo evitar o pensamento de que posso ter sido a última pessoa a sair da cobertura. Eu me lembro bem de ter batido a porta o mais forte possível.

– Sam, ele pode nem estar aí. – Drew tenta acalmá-lo.

– Onde diabos ele está, então? – Sam grita.

– Ah, ele está aí, sim. – John diz, com a voz grave. – E o filho da puta já está afogando as mágoas há tempo demais. Ele tem um negócio para administrar.

Ainda estou no elevador quando as portas começam a se fechar, me tirando do estarrecimento. Meu reflexo natural me faz estender o braço para impedir que elas se fechem, e piso no hall de entrada do apartamento, apesar de ter dito que só ia garantir a entrada deles e iria embora – sei que deveria ir, mas ver Sam nesse estado me deixa ainda mais preocupada, e as palavras de John me deixam inquieta. Afogado nas mágoas ou em vodca? Se eu ficar, vou ficar frente a frente com aquele Jesse bêbado e furioso outra vez?

Drew bate com calma à porta. É risível. Se os murros insistentes de Sam não conseguiram uma resposta, duvido que as gentis batidas de Drew tenham sucesso.

Ele se afasta da porta e traz Sam até mim.

– Ava, você tentou ligar para ele? – pergunta Drew.

– Não! – respondo rápido. Por que eu faria isso? Tenho certeza de que ele não ia querer falar comigo.

– Pode tentar? – pede Sam.

Eu balanço a cabeça.

– Ele não atenderia, Sam.

– Ava, pode tentar, por favor? – Drew insiste.

Eu pego meu telefone com relutância na bolsa e digito o número de Jesse, enquanto Sam e Drew me observam, ansiosos. Não tenho a menor ideia do que dizer se ele atender.

Drew vira a cabeça na direção da porta.

– Eu estou ouvindo tocar – ele vira a mim, obviamente esperando que eu fale, mas minha ligação cai na caixa postal, e meu coração parece diminuir de tamanho. Ele não quer falar comigo. Caminho para o elevador, a mágoa inflamada pela rejeição à minha chamada, mas então um som de algo se quebrando invade o hall.

Sam, Drew e eu viramos para a porta da cobertura de Jesse e vemos John do outro lado, cercado pela porta destruída. Ele faz um aceno, e Drew e Sam correm para dentro. Eu me pego seguindo-os com cautela, lembrando-me da última vez que estive aqui.

Dê meia-volta! Vá para o elevador! Vá embora AGORA!

Mas não faço isso. Fico parada na entrada e, pelo que vejo, nada mudou. Dou um passo para a área aberta e ouço os rapazes correndo pelos dois andares, procurando Jesse. Quando o pé da escada entra no meu campo de visão, noto que a garrafa vazia de vodka ainda está no console. Então vejo as portas do terraço abertas. Caminho para lá devagar, ainda ouvindo os meninos caminhando pela casa, portas se abrindo e fechando, o nome dele sendo chamado.

Eu, no entanto, sou guiada para o terraço. Sei por quê. É o mesmo magnetismo que me atrai para Jesse sempre que ele está perto. Só que dessa vez sei que não é o *meu* Jesse. Será que eu quero vê-lo de novo naquele estado terrível, tão maligno e detestável? Não, claro que não, mas não consigo me afastar.

Assim que me aproximo das portas, tento preparar meus olhos para encontrá-lo bêbado e largado em uma das espreguiçadeiras, agarrado a uma garrafa de vodka. Mas, em vez disso, me deparo com o corpo nu e inconsciente de Jesse, caído de bruços no deck da piscina.

Quase engasgo e meu coração bate forte.

– Ele está aqui! – grito, correndo até seu corpo sem vida, soltando a bolsa e desabando ao lado dele.

Seguro seus ombros para tentar virá-lo. Não sei de onde surge a força, mas consigo tirá-lo da posição em que o encontrei e deito sua cabeça no meu colo. Passo as mãos desesperadamente por seu rosto barbado, noto sua mão inchada e ferida, com sangue seco nas articulações.

– Jesse, acorde. Por favor, acorde – imploro, me tornando histérica enquanto olho para o homem que amo inconsciente e inerte, deitado no meu colo. As lágrimas escorrem dos meus olhos e caem no dele. – Jesse, por favor. – Corro as mãos por seu rosto, seu peito, seus cabelos. Ele parece vazio, perdeu peso, e seu rosto está coberto pela barba de uma semana.

– Desgraçado – John fala, quando me encontra no terraço, com Jesse no colo.

– Não sei se ele está respirando – soluço, com os olhos marejados no homem imenso diante de mim.

– Aqui. – John se ajoelha e faz um gesto para tirar o braço de Jesse de mim.

Olho para a frente e vejo Sam parando na porta.

– Mas que p...

Mais lágrimas escorrem sem controle dos meus olhos, e tudo parece ficar em câmera lenta. Sam vem até mim, se agacha e começa a acariciar meu braço.

– Vou chamar uma ambulância – Drew diz com urgência assim que nos encontra em volta do corpo imóvel de Jesse.

– Espere – John dispara, inclinando-se sobre Jesse, abrindo seus lábios ressecados e inspecionando cada parte do corpo dele – Filho da puta idiota. Ele está em coma alcoólico.

Olho para Sam e Drew, mas não consigo compreender a reação deles diante da conclusão de John. Como ele sabe? Jesse pode estar quase morto, até onde John sabe. Ele parece morto.

– Acho que devíamos chamar uma ambulância – insisto, entre soluços.

John me olha com compaixão. Nunca vi nada além da expressão impassível em seu rosto duro, então o olhar que ele me dirige agora, pesaroso, e como se eu fosse ingênua, é estranhamente reconfortante.

– Ava, minha menina, eu já o vi assim, mais de uma vez. Ele precisa da própria cama e alguns cuidados para sair dessa. Não de um médico. Não desse tipo, pelo menos – John diz, balançando a cabeça.

Quantas vezes são “mais de uma vez”? John parece conhecer a rotina. Ele não está nem um pouco preocupado com a condição de Jesse deitado ali, enquanto eu estou em frangalhos, histérica. Sam e Drew também não estão nada bem. Será que já viram Jesse assim antes?

John acaricia meu rosto e se levanta. Eu nunca o ouvi falar tanto. O gigante silencioso é, na verdade, um gigante amigável.

– O que houve com a mão dele? – Sam pergunta, quando vê a mão de Jesse ensanguentada. Ela está mesmo horrorosa e precisa de atenção.

– Ele esmurrou a janela do carro – soluço outra vez, e todos olham para mim.

– Quando brigamos na casa de Kate – acrescento, quase com vergonha.

– É melhor levá-lo para cama? – Drew pergunta, timidamente.

– Sofá – instrui John. Ele voltou a ser lacônico.

Vejo Sam levantar e pegar a garrafa de vodka de baixo de uma das espreguiçadeiras. Ele olha para o objeto com nojo e a quebra dramaticamente em uma floreira, me fazendo encolher com o ruído que ecoa por nós, mas, o que é mais significativo, faz Jesse se mexer também.

– Jesse? – eu o chacoalho de leve. – Jesse, por favor, abra os olhos.

Sam, Drew e John se reúnem em torno de nós, e o braço de Jesse começa a tatear sem rumo, movimentando-se no nada. Eu o seguro e o coloco de volta junto ao longo do corpo dele, mas, assim que o solto, ele o aproxima de novo do meu rosto, murmurando palavras inaudíveis e espedneando.

– Ele está procurando você, garota. – John diz, calmamente.

Olho chocada para John, que assente. Ele está me procurando? Seguro sua mão e a guio para o meu rosto, tocando minha bochecha. Ele se acalma imediatamente. Sua mão fria no meu rosto me deixa inquieta, mas parece confortá-lo, então a mantenho ali e o deixo me sentir, horrorizada pela ideia de que ele provavelmente está aqui no terraço há dias, nu e inconsciente. Pode até estar agradável agora, durante o dia, mas à noite a temperatura baixa. Por que o abandonei? Eu devia ter ficado e o acalmado, não ido embora.

– Vou pegar lençóis lá em cima – diz Drew, voltando para dentro.

– Vamos? – John chama, fazendo um gesto na direção de Jesse, no chão.

Reluto em soltar a mão dele, mas deixo Sam e John o carregarem, um de cada lado, para levá-lo. Assim que ele é tirado do meu colo, eu me levanto e saio na frente para deixar o caminho livre e garantir que o sofá de couro em L não tenha nenhuma das milhares de almofadas – cortesia minha – e pareça mais uma cama.

Drew desce as escadas com as mãos cheias de cobertores, e Sam e John esperam pacientemente com Jesse nos braços, seu peso distribuído entre os dois. Pego um dos cobertores de veludo e forro o couro frio, me afastando em seguida para que John e Sam possam deitá-lo no sofá. Acomodo a cabeça dele nos travesseiros, e cobrimos seu corpo nu com mais um cobertor.

Eu me ajoelho ao seu lado e acaricio seu rosto barbado, a culpa tomando conta de mim, lágrimas começando a cair de novo. Eu poderia ter impedido isso. Se não tivesse saído correndo, ele não estaria nesse estado agora. Eu devia ter ficado, ajudado-o a se acalmar e a ficar sóbrio. Eu me odeio.

– Ava, você está bem? – ouço a voz baixa de Drew acima dos meus soluços reprimidos enquanto uma mão acaricia minhas costas. Fungo e enxugo o nariz nas costas da mão.

– Estou bem, desculpe.

– Não peça desculpas – Sam suspira.

Eu me inclino sobre Jesse e pouso os lábios em sua testa, deixando-os ali por alguns segundos e, enquanto levanto, seu braço sai de baixo do cobertor e me segura.

– Ava? – Sua voz é rouca e entrecortada, e seus olhos se abrem um pouco, procurando algo pela sala. E, quando encontram os meus, tudo o que vejo são abismos vazios; seus olhos verdes e viciantes estão quase pretos.

– Ei. – Coloco a mão em seu braço.

Ele começa a levantar a cabeça do travesseiro, mas antes que eu tenha a chance de detê-lo e fazê-lo voltar ao lugar, ele desiste de tentar.

– Desculpe – ele murmura, sua mão subindo pelo meu braço para alcançar meu rosto. – Eu sinto muito. Desculpe, desculpe, desculpe...

– Pare – sussurro, com a voz trêmula, ajudando-o a encontrar meu rosto com a mão. – Por favor, pare. – Viro o rosto e beijo a palma de sua mão e, quando me viro para olhar para ele, seus olhos estão fechados. Ele se foi outra vez.

Colocando sua mão sob o cobertor, verifico se ele está bem coberto, antes de me levantar e olhar para Sam, Drew e John, todos de pé, apenas me observando

cuidar dele. Eu tinha esquecido que não estou sozinha com Jesse, mas não me envergonho nem um pouco.

– Vou preparar um café – Sam quebra o silêncio e vai para a cozinha, seguido por John e Drew.

Eu olho de novo para Jesse, o instinto me dizendo para deitar abraçada com ele no sofá, acariciá-lo e confortá-lo. Talvez eu faça isso, mas antes preciso falar com os rapazes. Vou atrás deles na cozinha e encontro Sam e Drew levantando bancos e John tirando o freezer do chão. As coisas não estavam assim quando saí daqui, no domingo. Jesse claramente teve um ataque de fúria.

– Preciso ir embora – Drew diz, lamentando-se, pondo o último banco de pé. – Vou sair com a Victoria. – Ele parece um pouco constrangido.

– Vá em frente, meu amigo – Sam diz, enquanto procura xícaras. – Eu ligo mais tarde.

– Na última porta da direita, estante de cima – indico onde ficam as xícaras, e Sam me devolve um olhar curioso, virando para mim assim que Drew sai.

Dou de ombros.

Ele leva três xícaras de café para a ilha no centro da cozinha, onde John e eu estamos sentados.

– Eu não me arriscaria a provar o leite, se ele tiver. Café puro, pode ser? – Sam pergunta.

Faço que sim e me sirvo, seguida por John, que põe incríveis quatro colheres de açúcar no dele. Sei que não tem leite na casa, mas não faz sentido compartilhar o fato.

– Pois bem... – Sam começa. – Agora que o encontramos, o que vamos fazer com ele? – brinca.

O Sam desencanado está de volta, e isso é um alívio. Vê-lo tão transtornado só piorou a minha preocupação e, pelo que vimos, ele tinha toda a razão de estar ansioso. Sinto um calafrio por dentro só de pensar em Jesse aqui sozinho, sofrendo nos últimos cinco dias. Por quantos dias ele ainda ficaria desacordado ali se eu tivesse me recusado a vir? Eles com certeza teriam chamado a polícia.

John dá sua sugestão.

– Tudo está indo bem no Solar, por ora. Não temos que nos preocupar com isso. Ele vai voltar ao normal depois de ficar de ressaca por uma semana.

– Ele não precisa ir para uma clínica de reabilitação? – pergunto. – Ou terapia, sei lá. – Não faço ideia de como essas coisas funcionam.

John balança a cabeça em negativa e coloca os óculos no lugar, então começo a pensar em como é sua relação com Jesse. Achei que fosse apenas um funcionário, mas parece que é ele quem sabe das coisas por aqui.

– Nada de reabilitação – John afirma, categórico. – Ele não é viciado em álcool, Ava. Bebeu para acalmar os nervos, para preencher um vazio. Quando começa, não consegue parar. – Ele abre um pequeno sorriso. – Você ajudou, garota.

– O que foi que eu fiz? – não sei por que pareço tão magoada com a declaração de John. Ele acaba de dizer que ajudei a situação, mas não consigo

evitar a sensação de que está insinuando que também posso ter ajudado na recaída.

Sam pousa a mão sobre a minha no balcão.

– A atenção dele estava concentrada em outra coisa.

– Mas então eu o deixei – digo, em voz baixa. Só estou confirmando o que ambos estão pensando.

– Não é culpa sua, Ava – Sam me conforta, com firmeza. – Você não tinha como saber.

– Ele nunca me disse – sussurro. – Se soubesse, as coisas teriam sido diferentes.

Na verdade, não sei como as coisas teriam sido diferentes se Jesse tivesse me contado. Mas sei que nunca mais quero vê-lo como estava no domingo. Se eu for embora agora, aquilo vai acontecer? Minha cabeça está uma bagunça. Apoio os cotovelos no balcão e seguro a cabeça com as mãos. Que diabos vou fazer?

– Ava? – a voz grave de John me faz levantar a cabeça. – Ele é um bom homem.

– O que o fez beber? É muito grave? – pergunto. Sei que no fundo ele é um bom homem, mas se souber mais, posso entendê-lo melhor.

– Quem sabe? – John pondera, antes de olhar para mim. – Não pense que ele anda bêbado o tempo todo. Ele não é assim. Isso que aconteceu com ele agora foi por tristeza, não porque é alcoólatra.

– E ele parou de beber quando eu apareci? – Não acredito nisso.

John ri.

– Parou, embora você tenha ressaltado outros traços complicados nele, garota.

Meu rosto se entristece, mas sei do que está falando, assim como Sam, pela expressão de safado. Já me disseram que Jesse é um homem sossegado, mas só tive lampejos desse Jesse Ward tranquilo quando ele conseguia que as coisas fossem do seu jeito. Na maior parte do tempo, o que vi foi um controlador irracional. Ele mesmo admitiu que só é assim comigo... Hunf, sorte a minha.

– Eu fico, mas, se ele acordar e não me quiser aqui, vou ligar para um de vocês – aviso.

Os ombros de Sam desabam, em sinal de frustração.

– Isso não vai acontecer, Ava.

John concorda.

– Preciso voltar para o Solar e tomar conta dos negócios desse desgraçado. – Ele se levanta do banco. – Ava, você precisa do meu número. Onde está seu telefone?

Procuro minha bolsa e percebo que a deixei no terraço, então levanto e deixo Sam e John na cozinha, enquanto vou buscá-la.

Ao voltar para a cozinha, vejo que Jesse ainda está completamente desacordado. Por quanto tempo ele vai ficar assim, e em que momento devo me preocupar de verdade? Não faço ideia do que fazer.

Fico parada, em silêncio, observando-o. Suas pálpebras se movem sutilmente, o peito subindo e descendo em ritmo estável. Mesmo inconsciente, ele parece

perturbado. Eu me aproximo sem fazer barulho, puxo o cobertor até seu queixo. Não consigo evitar. Nunca cuidei dele antes, mas é instintivo. Eu me ajoelho e colo os lábios em seu rosto frio, obtendo, com o gesto, o mínimo de conforto que consigo desse contato, antes de me levantar e voltar para a cozinha. John já se foi.

– Aqui está – Sam me passa um pedaço de papel. – O número do celular de John.

– Ele estava com pressa? – pergunto. – Podia ter me esperado.

– John nunca fica em lugar algum por mais tempo que o necessário. Ouça, falei com Kate. Ela está trazendo algumas roupas para você.

– Oh, tudo bem. – Minhas pobres roupas vão começar a se perguntar onde moram, afinal. Já foram transportadas para lá e para cá várias vezes.

– Obrigado, Ava – Sam diz, com sinceridade.

– Não me agradeça – protesto, me sentindo incomodada, especialmente por tudo isso ser, em parte, culpa minha.

Sam está agitado.

– Eu sei. É só que... bom, depois do domingo passado, o choque no Solar.

– Não, Sam.

– Quando ele bebe, bebe mesmo – Sam ri. – Ele é um homem orgulhoso, Ava. Vai se sentir humilhado ao perceber que o vimos assim.

Imagino que sim. O Jesse que conheço é forte, confiante, dominador e uma porção de outras coisas. Fraco e impotente não fazem parte da longa lista de seus atributos. Quero dizer a Sam que o Solar e suas atividades foram diluídos diante do problema com a bebida, mas não foram. Não mesmo. Agora que estou aqui e coloquei os olhos em Jesse de novo, está tudo gritando na minha cabeça. Jesse é dono de um clube de sexo. Ele também faz uso da estrutura de seu clube. Sam confirmou, embora tenha ficado óbvio quando fiquei frente a frente com o marido de uma das conquistas de Jesse. Eu sabia, lá no fundo, que ele tinha estado com muitas mulheres, que era um playboy que busca o prazer, mas com certeza nunca imaginei como.

Passamos a hora seguinte pegando garrafas vazias e limpando a cobertura. Tirei toda a vodka da geladeira, despejando todo o líquido na pia e pensando que eu mesma nunca mais ia beber aquilo.

Clive chama pelo interfone para me dizer que uma jovem chamada Kate está no foyer e, depois que conto a ele o que vimos, descemos para encontrá-la, cada um arrastando um saco grande cheio de lixo e garrafas vazias. Faço uma anotação mental de que é preciso consertar a porta.

Quando chegamos ao hall do Lusso, Kate nos aguarda, sob a atenta supervisão de Clive.

– Olá – ela diz, cautelosa, quando nos aproximamos, carregando os sacos. – Como ele está?

Solto o saco de lixo, que faz bastante barulho, e olho feio para Clive, só para deixar claro que estou brava com ele. Se tivesse deixado Sam, Drew ou John

entrar na cobertura antes, talvez o tivéssemos encontrado apenas bêbado, e não em coma. Ele tem a decência de parecer arrependido.

– Ele está dormindo – Sam responde, quando fica óbvio que eu estou ocupada fazendo Clive se sentir culpado.

Quando volto minha atenção para Kate, vejo Sam passar o braço livre em torno dela e abraçá-la. Ela dá tapinhas nele, sem a menor intenção de afastá-lo de verdade.

– Aqui está – ela me entrega minha mala. – Coloquei tudo e mais um pouco aí.

– Obrigada – digo, pegando a mala.

– Então você vai ficar aqui? – ela pergunta.

– Sim – respondo, encolhendo os ombros. Sam me lança um olhar de gratidão, e fico desconfortável outra vez.

– Por quanto tempo? – Kate quer saber.

Boa pergunta. Quanto tempo duram essas coisas? Ele pode acordar hoje à noite ou amanhã ou no dia seguinte. Tenho um emprego e preciso encontrar um lugar para morar. Olho para Sam tentando encontrar uma pista, mas ele só dá de ombros, então olho para Kate e faço o mesmo movimento.

De repente me dou conta de que deixei Jesse lá em cima sozinho e começo a entrar em pânico. Ele pode acordar, e ninguém vai estar lá.

– Preciso subir – digo, olhando na direção dos elevadores.

– Claro, vá – Kate faz um gesto para me dispensar e pega o saco do chão. – Nós damos conta disso.

Nós nos despedimos, e prometo ligar para ela na manhã seguinte. Antes de pegar o elevador, instruo Clive a providenciar o conserto da janela do carro de Jesse, assim como a porta da cobertura. Ele, é claro, começa a tomar providências imediatamente.

Quando chego ao último andar, vou direto para a sala e vejo que Jesse ainda dorme.

O que faço agora, então? Ainda estou usando meu vestido areia e salto alto, então subo e me acomodo no quarto mais longe da escada. Depois visto meus jeans rasgados e camiseta preta. Eu queria tomar um banho, mas não quero deixar Jesse sozinho por muito tempo. Vou ter de esperar.

Desço, preparo mais um café e, enquanto estou bebendo na cozinha, penso que poderia ser uma boa ideia ler algo a respeito de alcoolismo. Jesse deve ter um computador em algum lugar, então vou procurar e encontro um laptop no estúdio. Eu o ligo e fico imensamente aliviada quando não me pede uma senha. Levo-o para o andar de baixo e me acomodo na poltrona de frente para Jesse, para ficar de olho nele. Entro no Google, digito “alcoólicos” e obtenho dezessete milhões de resultados. No topo da página leio “Alcoólicos Anônimos”. Suponho que seja um bom lugar para começar. John pode ter dito que Jesse não é alcoólatra, mas tenho minhas dúvidas.

Depois de algumas horas vasculhando a internet, sinto que meus neurônios

estão em choque. Há tanto para absorver – efeitos crônicos, alterações neurológicas, crises de abstinência. Li uma matéria sobre distúrbios na infância que podem levar ao alcoolismo, o que me faz imaginar se algo aconteceu a Jesse quando era criança, a cicatriz feia em seu abdome vindo à mente no mesmo instante. Há também conexões genéticas, e isso me faz pensar se algum dos pais de Jesse é alcoólatra. Sou bombardeada por informações, e não sei o que fazer com elas.

Minha mente volta ao domingo e às coisas que ele me disse. *Você gosta de provocar e me deixar na mão, Ava. Eu precisava de você e você me abandonou.* E eu o deixei... de novo. Fecho o computador, exasperada, e o coloco na mesa de centro. São só dez horas, mas estou exausta. Não quero ir para a cama porque ele pode acordar, então junto algumas almofadas, coloco-as no chão ao lado dele e me acomodo, encostando a cabeça no sofá e acariciando os pelos dos seus braços torneados. O contato me faz relaxar, e não demora muito para meus olhos pesarem, e eu cair no sono.

Capítulo 3



– Eu amo você.

Tenho a vaga noção de que a mão dele acaricia minha nuca, seus dedos passando pelos meus cabelos, e é uma sensação tão reconfortante... tão certa. Abro os olhos e vejo uma versão mais apagada dos olhos verdes que conheço tão bem.

Fico de pé num pulo e bato o tornozelo na mesa de centro.

– Porcaria! – reclamo.

– Olhe a boca! – ele me repreende, com a voz rouca e entrecortada.

Seguro meu tornozelo, mas logo estou totalmente desperta e lembro onde estou. Solto o pé e olho para o sofá, onde vejo Jesse sentado, com uma aparência péssima, mas, pelo menos, acordado.

– Você acordou! – grito.

Ele geme e segura a cabeça com a mão boa.

Que merda!

Deve estar com uma ressaca infernal, e eu gritando como uma louca. Dou alguns passos atrás, encontro uma cadeira e me sento. Não faço ideia do que dizer. Não vou perguntar como ele está se sentindo, está bem óbvio, e não vou passar um sermão sobre segurança ou por colocar sua saúde em risco.

Quero perguntar se ele se lembra da nossa briga.

Quero perguntar por que não me contou que é dono de um clube de sexo ou que tem problemas com álcool.

Quero perguntar se está imaginando o que eu estou fazendo aqui e se quer que eu vá embora.

Quero dizer que o amo.

Mas não faço nada disso. Em vez disso, disparo:

– Como está se sentindo? – Na hora penso que deveria ter mantido a boca fechada.

Ele suspira e inspeciona a mão machucada.

– Droga – ele diz, seco.

Ele deve estar precisando de líquidos, então me levanto e vou para a cozinha.

– Aonde você vai? – ele pergunta, com um leve pânico e sentando-se mais ereto no sofá.

– Achei que você ia precisar de água – eu o conforto, meu coração um pouco mais calmo. Já o vi assim várias vezes. Em geral, o dominador vem logo na sequência desse tipo de reação, depois que ele me prende em algum lugar, mas não vou criar expectativas. Ele não tem forças para me seguir, prender ou

dominar nesse momento. Estou decepcionada.

Ele se aquieta depois da minha resposta, e vou para a cozinha, olhando para o relógio do forno enquanto pego um copo. Oito horas. Dormi por dez horas seguidas. Isso não acontecia desde que... bem, desde a última vez em que estive com Jesse.

Pego uma garrafa de água na geladeira e encho o copo, antes de voltar para a sala, onde encontro Jesse sentado no sofá, com a cabeça apoiada nas mãos, boa parte do cobertor acumulado no colo.

Quando o alcanço, ele olha nos meus olhos e ficamos nos encarando enquanto entrego a água. Ele pega o copo com a mão boa, os dedos tocando os meus, e puxo a mão rapidamente, derramando um pouco da água. Não sei por que isso aconteceu, e a expressão nos olhos dele faz eu me sentir uma desalmada. Ele treme muito, e me pergunto se é uma crise de abstinência. Estou certa de ter lido que tremores são parte dos sintomas, junto com uma lista de outros.

Ele segue meus olhos para sua mão e balança a cabeça. Isso é estranho. As coisas nunca foram assim entre nós. Nenhum dos dois sabe o que dizer.

– Quando foi a última vez que você bebeu? – pergunto. Este é o elefante rosa no meio da sala, mas tenho que dizer alguma coisa.

Ele bebe um pouco d'água e desaba no sofá outra vez, os músculos do abdome mais evidentes por conta da perda de peso.

– Não sei. Que dia é hoje?

– Sábado.

– Sábado? – ele pergunta, obviamente chocado. – Nossa!

Imagino que isso signifique que esteve ausente por algum tempo, mas ele não pode ter ficado nessa cobertura por cinco dias apenas bebendo. Teria morrido, não teria?

E então o silêncio paira sobre nós mais uma vez e me vejo sentada na poltrona em frente a ele, girando os polegares e vasculhando o cérebro em busca da coisa certa a dizer. Detesto isso. Normalmente, eu não pensaria duas vezes antes de me jogar nele e abraçá-lo, deixá-lo me tomar completamente, mas Jesse está em estado tão delicado no momento, o que é uma loucura, considerando sua estrutura alta e forte, ainda que esteja um pouco mais magro. Meu valentão está reduzido a um fiapo trêmulo. Isso está me matando. Esse não é o homem por quem me apaixonei. Seria esse o Jesse real?

Ele fica ali sentado, brincando com o copo e perdido em pensamentos. As engrenagens familiares entrando em ação são um alento, além de um pedacinho dele que reconheço, mas não suporto esse silêncio.

– Jesse, tem alguma coisa que eu possa fazer?

Ele suspira.

– Tem várias coisas que você pode fazer, Ava. Mas não posso pedir para você fazer qualquer uma delas. – Ele não olha para mim.

– Quer tomar um banho? – pergunto, gentil.

Ele se inclina para a frente e geme de dor.

– Quero.

Vejo-o fazer força para ficar de pé e me sinto fria por não ajudá-lo, mas não sei se ele quer ajuda e não tenho certeza se consigo. A atmosfera entre nós está mesmo estranha.

Quando ele se levanta, um dos cobertores cai, e ele olha para o próprio corpo nu.

– Droga... – ele xinga, abaixando para pegar um deles. Ele o enrola em torno da cintura e se vira para mim.

– Eu sinto muito – ele diz, constrangido.

Ele sente muito?

Como se eu já não tivesse visto tudo antes – várias vezes, na verdade. Em suas próprias palavras, não há um centímetro do meu corpo onde ele não tenha estado, dentro ou sobre ele.

Meus ombros caem, dou um suspiro e começo a subir os degraus com ele, em direção à suíte máster. Levamos um tempo nesse processo e somos cercados por um silêncio incômodo, mas acabamos conseguindo.

– Um banho de banheira não seria melhor? – pergunto, indo para o banheiro. Ele está exausto depois de subir até aqui, por isso ficar de pé no chuveiro não parece uma boa ideia. Um bom banho com sais relaxantes deve ajudar.

Ele dá de ombros.

– Acho que sim.

Abro a torneira gigante e deixo a mão sob o fluxo d'água até achar que a temperatura está boa, me esforçando para não pensar nas nossas conversas na banheira e no fato de que Jesse se declarou um amante dos banhos de banheira – mas apenas quando estou lá com ele.

Viro e olho para a pia. Foi ali que tivemos nosso primeiro encontro sexual. Aqui tomamos banhos de chuveiro e de banheira juntos e tivemos tórridas sessões de sexo. Também foi aqui que o vi pela última vez.

Pare!

Balanço a cabeça para afastar os pensamentos e me ocupo de encontrar os sais e preparar o banho, enquanto ele fica apoiado na parede, em silêncio. A banheira demora uma eternidade para encher, e começo a pensar que deveria tê-lo colocado debaixo do chuveiro.

– Pronto – digo quando ela finalmente está cheia, virando de costas para escapar do constrangimento.

– Você está agindo como uma estranha – ele diz em voz baixa no momento em que chego à porta, o que me fez parar no ato. É muito doloroso.

Eu não me viro.

– Eu me sinto uma estranha – digo mais baixo ainda, engolindo em seco e tentando conter os tremores que ameaçam tomar conta do meu corpo.

O silêncio se instala de novo. Não tenho ideia do que fazer. Eu pensava que a dor não pudesse piorar. Achei que já estava nos níveis mais baixos do inferno. Estava errada. Vê-lo assim está me despedaçando. Preciso ir embora e retomar minha batalha para esquecer esse homem. Sinto que voltei alguns passos agora que o vi de novo, mas a verdade é que não fiz muitos progressos na minha

recuperação.

– Por favor, olhe para mim, Ava.

Meu coração vai parar na boca ao ouvir essas palavras, que são um apelo em vez do comando de sempre. Sua voz soa diferente, até. Não é a voz rouca, profunda e sexy que conheço. Ele está derrotado e humilhado, o que significa que estou derrotada e humilhada.

Viro devagar para encarar o homem que é um estranho para mim, vindo-o morder o lábio inferior e olhar para mim com olhos verdes vazios.

– Não posso fazer isso – dou as costas e saio, com o coração disparado, mas ao mesmo tempo desacelerando. Ele vai parar a qualquer momento.

– Ava!

Ouçoo vindo atrás de mim, mas não olho para trás. Ele não está em sua melhor forma, então dessa vez posso escapar. No que eu estava pensando quando aceitei vir aqui? Cenas do último domingo inundam minha mente, e desço a escada rápido, com a visão turva e as pernas dormentes.

Ao chegar ao pé da escada, sinto-o segurar meu punho e entro em pânico, tentando me desvencilhar dele.

– Não! – grito, tentando desesperadamente me libertar. – Não me toque!

– Ava, não faça isso – ele implora, pegando meu outro punho e me segurando diante de si. – Pare!

Caio no chão, me sentindo frágil e desamparada. Já estou em mil pedaços, mas ele pode desferir o último golpe que vai me matar de vez.

– Por favor, não faça isso – peço, entre soluços. – Por favor, não torne isso mais difícil.

Ele desaba no chão comigo, me puxando para colocar-me no colo e me apertando contra o peito. Choro sem parar abraçada a ele. Não consigo me controlar.

O rosto dele toca meus cabelos.

– Desculpe – ele sussurra. – Eu sinto tanto, mas tanto. Não mereço, mas, por favor, me dê uma chance – ele me aperta em seus braços. – Eu preciso de mais uma chance.

– Não sei o que fazer. – Estou sendo honesta. Sinto que preciso fugir dele, mas, ao mesmo tempo, sinto a necessidade de ficar e deixá-lo consertar as coisas. Mas, se ficar, vou receber o último golpe? Ou, se for embora, *esse* vai ser o último golpe... para nós dois?

Tudo o que conheço é o Jesse forte, firme e determinado, o Jesse que se enfurece se o desafio, me detém fisicamente quando ameaço deixá-lo e me leva ao delírio na cama. Este que está aqui é o completo oposto daquele homem.

– Não fuja de mim de novo – ele implora, agarrado a mim. Percebo que os tremores desapareceram.

Eu me afasto, enxugando as lágrimas com as costas da mão, os olhos fixos em seu abdome, sua cicatriz maior e mais evidente que antes. Não consigo olhar nos olhos de Jesse. Eles não me são mais familiares. Não estão sombrios de raiva ou brilhando de prazer – nem estreitos com firmeza ou semicerrados de desejo por

mim. São abismos de nada, sem conforto para me oferecer. Apesar disso, no entanto, sei que se eu sair por aquela porta, será meu fim. Minha única esperança é ficar, encontrar as respostas de que preciso e rezar para que não me destruam. Jesse tem o poder de me destruir.

Sua mão fria segura meu queixo e me faz encará-lo.

– Vou consertar isso tudo. Vou fazer você lembrar, Ava.

Olho nos olhos dele e vejo a determinação atravessar a névoa verde. É bom, mas é o bastante para apagar a dor e a loucura que estavam lá antes?

– Você pode me fazer lembrar da maneira convencional? – Não é uma piada, embora ele sorria de leve.

– Vai ser o objetivo da minha missão. Faço qualquer coisa.

Suas palavras, uma repetição do que ele disse na noite do lançamento do Lusso, são ditas com tanta firmeza quanto naquela ocasião. Ele manteve sua promessa de provar que eu o queria. Uma ponta de esperança acalenta meu coração pesado, e encosto o rosto em seu peito outra vez, me agarrando a ele, ouvindo o ar escapar por seus lábios enquanto ele me abraça mais forte, como se sua vida dependesse disso.

Provavelmente depende mesmo. E a minha também.

– Seu banho vai esfriar – murmuro contra o peito dele. Ainda estamos no chão, abraçados, depois de algum tempo.

– Estou confortável – ele balbucia, e detecto uma ponta familiar do Jesse em seu tom.

– Você também precisa comer – comento, achando estranho dar instruções a ele. – E essa mão precisa de cuidados. Está doendo?

– Demais.

Não me surpreende; está horrível.

– Vamos.

Eu me liberto do seu abraço, o que o faz resmungar, mas ele me solta. Em pé, estendo a mão para ele, que olha para cima com o esboço de um sorriso, antes de aceitá-la e se levantar do chão.

Subimos a escada em silêncio e voltamos à suíte máster.

– Entre – ordeno, apontando para a banheira.

– Está me dando ordens? – ele levanta uma sobrancelha.

– É o que parece – aceno de novo para a banheira.

Ele começa a morder o lábio, sem mover um músculo na intenção de obedecer.

– Você vai entrar comigo? – ele pergunta baixinho.

De repente me sinto estranha e deslocada.

– Não posso – balanço a cabeça e dou um passo atrás. Eu quero, desesperadamente, mas sei que, assim que me render aos seus toques e carinhos, vou desviar do meu objetivo de pensar com clareza e conseguir respostas.

– Ava, você está me pedindo para não tocar você. Isso vai contra todos os

meus instintos.

– Jesse, por favor. Eu preciso de tempo.

– Isso não é natural, Ava. Não tocar você simplesmente não é certo.

Ele tem razão, mas não posso me deixar ser arrebatada por ele. Preciso manter a cabeça no lugar, pois, assim que ele puser as mãos em mim, vou me distrair.

Eu não digo nada. Apenas olho para a banheira de novo e o encaro. Ele balança a cabeça, tira o cobertor, entra na banheira e se senta com cuidado. Pego um pote no armário e me agacho ao seu lado para lavar seus cabelos.

– Não é a mesma coisa sem você aqui comigo – ele resmunga, recostando e fechando os olhos.

Ignoro o comentário e começo a lavar seus cabelos e ensaboar seu lindo corpo da cabeça aos pés, lutando contra as faíscas inevitáveis que percorrem meu corpo ao toque dele.

Mantenho a mão por bastante tempo sobre a cicatriz em seu abdome, aguardando, em silêncio, uma explicação para ela. Mas, não. Ele mantém os olhos e a boca fechados. Tenho a sensação de que vou enfrentar uma jornada difícil. Ele nunca me conta nada e desvia de minhas perguntas com uma advertência ou táticas de distração. Não posso deixar que isso aconteça de novo. Vou precisar de toda a minha força de vontade. Evitá-lo não é algo natural para mim.

Passo a mão por seu queixo áspero.

– Você precisa se barbear.

Ele abre os olhos e passa a mão boa pelo rosto, afagando a barba.

– Você não gosta?

– Eu gosto de você de qualquer jeito.

Exceto bêbado!

A expressão fugaz que percorre seu rosto quase me convence de que ele leu minha mente.

– Nunca mais vou tocar em uma gota de álcool – ele declara confiante, sem romper o contato visual enquanto faz a promessa.

– Você parece confiante – digo em voz baixa.

– Estou – Jesse senta na banheira e vira para olhar para mim, levantando a mão ferida para tocar o meu rosto e gemendo quando percebe que não vai conseguir. – É sério, nunca mais. Eu prometo. Não sou um alcoólatra descontrolado, Ava. Admito que exagero quando acontece de eu beber, e fica difícil parar, mas basta não começar. Fiquei muito mal depois que você me deixou. Eu só queria entorpecer a dor.

Meu coração se aperta no peito, e sinto um certo alívio misturado à dúvida. Todo mundo exagera quando bebe, certo? Olho através dele, tentando organizar o que preciso dizer. Milhões de palavras surgem na minha mente há dias, mas agora não consigo pensar em nenhuma.

– Por que não me contou antes? Foi isso que quis dizer quando falou que eu causaria mais estrago se fosse embora?

Ele deixa a cabeça pender para a frente.

– Foi podre de minha parte dizer isso.

– Foi mesmo.

Ele leva os olhos até os meus.

– Eu só queria que você ficasse. Fiquei atordoado quando você disse que eu tinha um belo hotel. – Ele sorri, e eu me sinto uma idiota. – As coisas ficaram intensas demais, rápido demais. Eu não sabia mais como contar. Não queria que você fugisse de novo. Você vivia fugindo.

– Não fui muito longe, não é?

– Eu ia contar. Não era para você ir ao Solar daquele jeito. Eu não estava preparado, Ava.

Isso estava óbvio. Todas as vezes que fui ao suposto hotel, estava acompanhada ou confinada no escritório de Jesse. Tenho certeza de que as pessoas foram alertadas a não conversar comigo, e ninguém se aproximou de Jesse enquanto eu estava com ele. E ele tem razão, as coisas ficaram mesmo intensas muito rápido, mas isso não foi culpa minha. Meu Deus, há tanto o que conversar. Tantas perguntas. O ser desprezível que Jesse agrediu no Solar tinha coisas interessantes a dizer. Jesse teve mesmo um caso com a mulher dele?

Solto um suspiro.

– Vamos, você está ficando enrugado. – Seguro uma toalha, e ele também suspira, antes de levantar, apoiando-se na borda da banheira com a mão boa. Ele sai da banheira, e eu o enxugo, sob seu olhar atento.

Os cantos de sua boca se mexem de leve, no lampejo de um sorriso, quando chego ao pescoço dele.

– Algumas semanas atrás, era eu quem cuidava da *sua* ressaca.

– Aposto que sua cabeça está latejando muito mais que a minha naquele dia. – Não dou atenção às reminiscências e penduro a toalha em sua cintura. – Comida e depois hospital.

– Hospital? – ele pergunta, a voz assustada. – Não preciso ir para o hospital, Ava.

– Sua mão – explico. Ele provavelmente acha que quero dissecá-lo.

Vejo o entendimento surgir em seus olhos quando ele levanta a mão para inspecioná-la. O sangue foi levado pela água, mas ainda estava bem feia.

– Está tudo bem.

– Acho que não.

– Ava, não preciso ir ao hospital.

– Não vá, então. – Eu me viro e vou para o quarto.

Ele me segue, desaba na borda na cama e me observa até eu desaparecer dentro do imenso closet. Mexo nas roupas dele e encontro uma calça de moletom cinza-mescla e uma camiseta branca. Ele precisa de conforto. Pego uma cueca boxer em uma das gavetas da cômoda e, ao voltar para o quarto, encontro-o esparramado na cama. Apenas subir a escada e tomar um banho já foram suficientes para exauri-lo. Não consigo imaginar uma ressaca nessa escala.

– Aqui. Vista isso. – Deixo as roupas ao lado dele na cama e Jesse vira a

cabeça para inspecionar minha escolha, dando um suspiro pesado e cansado.

Como ele não faz menção de se vestir sozinho, pego a cueca e me ajoelho diante dele, segurando-a aos seus pés. Ele já fez o mesmo comigo várias vezes. Dou um tapinha em seu tornozelo, e ele se senta na cama e olha para mim, um brilho ilumina seus olhos. É mais um traço familiar.

Ele levanta os pés e depois o corpo, para que eu possa passar a cueca por suas pernas, mas a toalha cai quando estou na metade do caminho e dou de cara com seu membro ereto.

Solto a cueca e me afasto, de um salto, como se ele tivesse me queimado ou coisa parecida. Nem tudo nele está exausto, então, penso comigo mesma, tentando ignorar o mastro de aço a tão curta distância. Olho nos olhos dele e noto, pela primeira vez, que brilham com intensidade, mas não é disso que preciso nesse momento, embora meu corpo discorde totalmente do meu cérebro. Controlo a urgência de empurrá-lo na cama e sentar-me sobre ele. Não vou colocar tudo em risco desviando a nossa atenção com sexo. Há muito a ser dito.

Ele veste a cueca.

– Vou ao hospital – ele anuncia. – Se você quer que eu vá, eu vou.

Faço uma careta.

– Concordar em cuidar da sua mão não vai me fazer cair aos seus pés em sinal de gratidão – digo, seca.

Seus olhos se estreitam diante da minha grosseria.

– Vou deixar essa passar.

– Preciso alimentar você – murmuro, dou meia-volta e saio do quarto, deixando Jesse vestir a calça e a camiseta.

Capítulo 4



Depois de tomar um banho e me trocar no quarto de hóspedes, desço a escada e encontro Jesse dormindo no sofá. Fico vendo seu peito subir e descer por um momento com os olhos satisfeitos, apesar de seu evidente cansaço. Meu celular toca e me tira de meu devaneio, e saio à procura dele, atendendo sem me importar em olhar para a tela.

– Alô?

– Ava?

– Dan!

– Com tudo o que aconteceu, esqueci que ia me encontrar com ele hoje. É tão bom ouvir sua voz. – Onde você está?

– Acabei de entrar em Euston.

– Como estão a mamãe e o papai?

– Preocupados – ele diz, direto.

– Eles não precisam se preocupar.

– Bem, estão preocupados. E eu também. Onde você está?

Droga!

– Na casa de Kate – minto. Ele não vai visitá-la nem conversar com ela para descobrir a verdade. E, de qualquer forma, minha mãe sabe que estou morando com Kate, e tenho certeza de que ela contou para ele.

Um silêncio surge entre nós com a menção do nome de Kate.

– Entendi – ele diz, breve. – Ainda?

Quanta indiferença na voz. Eles não se veem há anos, mas, pelo jeito, o tempo não cura tudo.

– É temporário, Dan. Estou procurando um lugar nesse momento.

– Tem falado com o babaca do seu ex? – o desprezo em sua voz é óbvio.

– Não, mas ouvi dizer que andou falando com a mamãe e o papai. Que educado da parte dele.

– Imbecil de merda. Precisamos conversar sobre isso. A mamãe me contou da conversa que teve com Matt. Sei que ele é uma cobra, mas ela ficou preocupada.

– Eu liguei para ela – me defendo.

– Sim, e também sei que você não contou a história toda para ela. Qual é a desse cara novo?

Eu congelo. É uma boa pergunta.

– Dan, há coisas que não se contam para os pais.

– Sim, mas você pode contar para o seu irmão.

– Posso? – disparo. Duvido. Meu irmão mais velho provavelmente se juntaria ao meu pai na ala dos infartados. É por isso que não fui a Newquay: o interrogatório e a amolação. Vou ter que enfrentar isso em algum momento, mas não agora. Nunca fiquei tão feliz por meus pais morarem longe.

– Pode, sim. E então, quando vou ver você? – ele pergunta, parecendo mais animado.

Quer me ver ou me interrogar?

– Amanhã?

– Achei que fosse hoje – ele soa tão decepcionado.

Eu também estou. Quero muito vê-lo, mas, ao mesmo tempo, não quero.

– Desculpe. Vou ver alguns lugares para alugar e tenho pilhas de desenhos para finalizar – minto de novo, mas eu não conseguiria reunir forças para parecer normal em tão pouco tempo. Talvez amanhã tenha saído do buraco de depressão e incerteza em que me enfiar. Duvido, mas, pelo menos, vou ter tempo de tentar.

– Ótimo! Vamos passar o dia juntos – ele confirma o que eu temia.

Um dia todo fugindo de suas perguntas?

– Ok, me ligue amanhã – digo e tenho a esperança de que ele saia com os amigos hoje à noite e tenha uma ressaca terrível, que adie o telefonema. Preciso de tempo.

– Com certeza. Vejo você amanhã, menina. – Meu irmão desliga.

Começo a pensar em maneiras de escapar dessa e, depois de uma hora andando para lá e para cá nesse apartamento, nada me ocorre. Não posso evitá-lo para sempre.

O interfone toca, e eu atendo.

– Ava, o rapaz da manutenção está subindo para consertar a porta. Ah, e a janela do carro do sr. Ward já foi substituída.

– Obrigada, Clive – desligo e vou até a porta.

Abro e vejo que o moço já está inspecionando o estrago.

– Você foi atacada por um rinoceronte? – ele pergunta, coçando a cabeça.

– Algo assim – murmuro.

– Posso dar um jeito provisório, mas vai precisar substituir essa porta. Vou fazer o pedido e aviso quando ela chegar – ele diz, deixando a caixa de ferramentas no chão.

– Obrigada – deixo o rapaz tirando farpas de madeira do batente da porta e, ao virar, vejo Jesse sonolento, olhando desconfiado para a porta.

– O que está acontecendo? – ele pergunta.

– John entrou numa briga com a sua porta quando você não abriu – informo-o, seca.

As sobranceiras dele se levantam, mas, em seguida, ele parece preocupado.

– Preciso ligar para ele.

– Como está se sentindo? – pergunto, olhando para ele e notando que parece

melhor depois de uma hora de cochilo.

– Melhor. E você?

– Ótima. Hora de ir ao hospital. Vou pegar minha bolsa – dou um passo para o lado e desvio dele, antes de passar.

Ele segura meu braço.

– Ava.

Paro e espero o que vem a seguir, qualquer palavra que possa ajudar a melhorar essa situação, mas não recebo nada, apenas o calor e sua mão no meu braço. Olho para ele e o vejo me estudando, mas ele não abre a boca.

Solto um suspiro pesado e me liberto dele, mas então me lembro de que meu carro não está aqui. Como vou levá-lo ao hospital?

– Droga! – xingo baixinho.

– Olhe a boca, Ava. O que houve?

– Meu carro está na casa da Kate.

– Vamos com o meu.

– Você não pode dirigir com uma mão só. – A maneira como ele dirige já me apavora quando ele está em seu estado normal. Não vou com ele guiando com uma mão só de jeito nenhum.

– Eu sei. Você pode ir dirigindo. – Ele joga a chave para mim, e entro em pânico. Ele confia em mim para dirigir um carro que custa mais de cento e sessenta mil libras?

– Ava, você está dirigindo como a Miss Daisy. Pode acelerar? – Jesse reclama.

Olho feio para ele, que me ignora. O acelerador é tão sensível, e me sinto tão pequena ao volante. Estou morrendo de medo de arranhá-lo.

– Cale a boca! – vocifero, antes de obedecê-lo e fazer o carro roncar pela rua. Se eu bater em alguém, azar.

– Assim é melhor – ele olha para mim e sorri. – É mais fácil lidar com a força dele se você não ficar tão hesitante.

Quero sorrir, mas não o faço. Essa afirmação se aplica perfeitamente a ele.

Depois de três horas na ala de pequenos ferimentos e um raio X, o médico confirma que a mão de Jesse não está quebrada, mas que ele tem uma lesão muscular.

– Você tem movido a mão? – a enfermeira pergunta. – Se o ferimento já tem alguns dias, o inchaço já deveria ter diminuído.

Jesse me lança um olhar culpado, enquanto a enfermeira enfaixa sua mão.

– Tenho – ele diz em voz baixa.

– Devia ter deixado a mão parada – ela o repreende. – E elevada.

Levanto as sobrançelas para Jesse, que revira os olhos ao mesmo tempo que a enfermeira põe o braço dele em uma tipoia e nos libera. Assim que chegamos

à saída, ele tira a tipoia e a joga no lixo.

– O que está fazendo? – pergunto, num sobressalto, enquanto o observo sair do hospital.

– Não vou usar essa coisa.

– Mas é claro que vai! – grito, pescando a tipoia do lixo. Estou chocada. Esse homem não tem o menor respeito pelo bem-estar do próprio corpo. Ele agrediu seus órgãos internos com litros e litros de vodca e agora se recusa a cooperar para que sua mão se recupere da maneira correta.

Eu o sigo, mas ele só para quando chega ao carro. Estou com a chave na mão, mas não aciono a trava automática. Ficamos nos encarando por cima do capô do DBS.

– Não vai abrir o carro? – ele pergunta.

– Não. Não até você colocar isso de volta. – Seguro a tipoia acima da cabeça.

– Já falei, Ava, não vou usar isso.

– Por quê? – pergunto, incisiva. O Jesse teimoso está de volta, mas esse é um traço que não fico feliz em ver.

– Não preciso.

– Precisa, sim.

– Não preciso, não – ele me imita.

– Coloque a merda da tipoia, Jesse! – grito por cima do carro.

– Olha a boca, merda!

– Merda! – sibilo, petulante.

Ele me lança um olhar feio. O que deve parecer para os outros, nós dois no meio do estacionamento do hospital, gritando “merda” um para o outro sobre o capô de um Aston Martin? Não ligo. Ele é um homem das cavernas, às vezes.

– Olha a boca! – ele ruge e leva as mãos à cabeça, gemendo com o volume do próprio grito.

– *Merda!*

Começo a rir quando o vejo começar a dançar em círculos balançando a cabeça e xingando sem parar. Benfeito, idiota teimoso.

– Abra a porcaria da porta, Ava – ele berra.

Oh, ele está bravo. Aperto os lábios para conter o riso.

– Como está a sua mão? – pergunto com uma risadinha, que logo se torna uma gargalhada. Não consigo me segurar. Rir é tão bom.

Quando me recupero e endireito o corpo de novo, ele está me observando com raiva por cima do carro.

– Abra – ele ordena.

– Tipoia – devolvo, jogando o curativo para ele.

Ele pega a tipoia e a joga no chão, antes de voltar os olhos furiosos para mim.

– Abra!

– Você parece uma criança às vezes, Jesse Ward. Não vou abrir o carro enquanto você não colocar essa tipoia.

Eu lhe assisto estreitar os olhos para mim, e sua boca formar um sorriso

maligno.

– Três – ele diz, em alto e bom som.

Meu queixo cai no chão.

– Você não está fazendo uma contagem regressiva de verdade! – vocifero, incrédula.

– Dois – seu tom é calmo e casual, enquanto estou chocada. Ele se inclina sobre o carro e apoia os cotovelos no capô.

– Um.

– Vá se danar! – xingo, permanecendo firme. Só quero que ele coloque a tipóia para o seu próprio bem. Para mim não faz diferença, mas é uma questão de princípio.

– Zero – ele move os lábios, sem emitir som e começa a dar a volta no carro pelo lado da frente, enquanto instintivamente vou na direção oposta. Ele para e levanta as sobranceiras.

– O que você está fazendo? – ele pergunta, fazendo o caminho inverso.

Conheço essa expressão. É a que diz “Você vai se arrepender”. Sei que ele não vai pensar duas vezes antes de me prender no chão e me torturar até eu me render a todas as suas ordens.

– Nada – respondo, ficando sempre do outro lado do carro. Podemos ficar aqui o dia todo.

– Venha aqui. – É aquela voz rouca e grave que amo, e outro traço dele que está de volta. Mas estou me distraindo. Balanço a cabeça.

– Não.

Antes que eu possa prever seu próximo movimento, ele começa a correr em volta do carro e saio correndo para o outro lado, gritando. As pessoas começam a olhar, e me embrenho entre os outros carros no estacionamento como uma maluca, antes de parar atrás de um carro alto. Arrisco uma espiada por um dos lados do carro para ver onde ele está.

Meu coração sai pela boca, direto no asfalto. Ele está com o corpo dobrado e as mãos apoiadas nos joelhos.

Merda!

Que diabos estou fazendo, encorajando esse comportamento estúpido quando ele devia estar se recuperando? Corro até ele ao ver que algumas pessoas que estavam passando o veem e começa a se aproximar.

– Jesse! – grito, ao chegar perto.

– Ele está bem, querida? – um homem pergunta quando passo por ele.

– Eu não... *O quê?* – Sou levantada do chão com um braço e jogada sobre o ombro de Jesse.

– Não brinque comigo, Ava – ele diz, arrogante. – Você já deveria saber, eu sempre venço. – Ele poussa a mão na parte interna da minha coxa e caminha para o carro comigo sobre o ombro.

Sorrio com doçura para todos os transeuntes, mas nem me incomodo em lutar. Fico feliz que ele tenha força para me levantar.

– Minha calcinha está aparecendo – reclamo, tentando fazer o vestido cobrir

meu traseiro.

– Não está, não. – Ele me baixa até ficarmos frente a frente, meus pés fora do chão, seu peito firme e quente contra o meu. Seus olhos recuperaram um pouco do brilho e estão à procura dos meus. Ele vai me beijar. Preciso detê-lo.

Começo a me agitar em seus braços.

– Precisamos ir ao supermercado – digo, com os olhos em seu peito, enquanto esperneio para me soltar.

Ele solta um suspiro pesado e me coloca no chão.

– Como eu vou consertar as coisas se você fica desviando das minhas tentativas?

Ajeito meu vestido e o encaro.

– Esse é o seu problema, Jesse. Você quer consertar as coisas me distraindo com as suas carícias em vez de conversar comigo e me dar algumas respostas. Não posso deixar isso acontecer de novo. – Aciono o botão para liberar a trava automática e entro no carro, deixando Jesse de cabeça baixa mordendo o lábio.

Chegamos ao supermercado, e começo a procurar uma vaga para estacionar. Aprendi uma coisa hoje – Jesse é um péssimo passageiro. Ele me infernizou para eu fazer ultrapassagens, fechar outros carros e costurar no trânsito, tudo para ganhar uns poucos metros. É um cabeça-quente quando se trata de dirigir. Na verdade, é um cabeça quente mesmo parado.

– Tem uma vaga ali – ele aponta, com o braço no meu campo de visão, e dou um tapa nele para tirá-lo da minha frente.

– A vaga é para pessoas com crianças – desprezo, seguindo adiante.

– E daí?

– E daí que não estou vendo nenhuma criança neste lindo carro. Você está?

Ele baixa os olhos para o meu ventre e de repente fico extremamente desconfortável.

– Encontrou suas pilulas? – ele pergunta, mantendo os olhos fixos na minha barriga.

– Não – respondo, entrando em uma vaga. Eu gostaria de culpá-lo por me distrair de meu cronograma pessoal normal, mas, para falar a verdade, minhas habilidades de organização sempre foram uma porcaria. Fui forçada a fazer mais uma visita vergonhosa à dra. Monroe para substituir a segunda caixa de anticoncepcionais que perdi em uma semana e me obriguei a fazer exames para ter certeza de que não peguei nenhuma doença sexualmente transmissível depois de fazer sexo sem proteção várias vezes com Jesse. A noção da vida sexual ativa de Jesse não me deixou alternativa.

– Você esqueceu algum dia? – ele pergunta, os lábios apertados em uma linha fina.

Ele está preocupado que eu esteja grávida?

– Minha menstruação veio domingo à noite – respondo. Como uma espécie de presságio, tenho vontade de acrescentar, mas não o faço. Só desligo o carro.

Jesse permanece em silêncio enquanto saio do carro e espero por ele.

– Dava para ter estacionado mais longe? – ele resmunga, vindo até o meu lado do carro.

– Pelo menos não é uma vaga proibida. – Caminho até os carrinhos disponíveis e introduzo uma libra no dispositivo para liberar um deles. – Você já foi a um supermercado? – pergunto, enquanto seguimos pela área coberta. Jesse e um supermercado não são uma combinação natural.

Ele dá de ombros.

– Cathy faz as compras. Eu normalmente como no Solar.

A menção ao superlucroso clube de sexo de Jesse me arrepia e me faz perder todo o entusiasmo em puxar assunto. Sinto seus olhos em mim, mas eu o ignoro e mantenho os olhos fixos à frente.

Voltamos para o Lusso às seis horas e descobrimos que a porta já havia sido consertada. Jesse deita no sofá, exausto após algumas horas fora de casa, e eu fico na cozinha, depois de guardar as compras, pensando no que fazer. É sábado à noite, e tenho vontade de relaxar com uma taça de vinho. Não temos vinho, e não consigo relaxar, então ligo para Kate.

– O que vai fazer? – pergunto, sentando em um dos bancos com uma xícara de café: nada de vinho. Café.

– Estamos saindo – ela diz, empolgada.

– Aonde vocês vão? – não consigo evitar uma ponta de inveja pelo fato de que ela vai sair.

– Sam vai me levar ao Solar.

– O Solar? – repito, incrédula, toda a inveja desintegrando. Ela está brincando comigo?

– Sim, não entenda mal. Eu pedi para ele me levar. Estou curiosa.

Meu Deus! O desprendimento de Kate não tem limites. Enquanto eu saía correndo quando descobri o que o Solar era exatamente, ela quer ir e socializar? Estou chocada.

– E Sam está feliz em levar você? – pergunto, no tom mais casual que consigo, mas não há como esconder o choque na minha voz. Não acredito que ele concordou com isso.

– Sim, ele me contou o que acontece lá, e quero ver. – Ela parece tão decidida, enquanto tenho um surto só de pensar naquele lugar. Como é ser tão cabeça aberta? E o que exatamente acontece no Solar, afinal? – Como está Jesse? – ela pergunta, me afastando dos meus pensamentos. Detecto um certo nervosismo nela.

– Está bem. A mão sofreu uma lesão muscular leve, e ele insiste que não é alcoólatra.

– Fico feliz – Sua sinceridade é doce, e fico aliviada por ela não estar destilando palavras ao telefone e exigindo que eu vá embora.

– Escute – volto a minha atenção para Kate. – Eu gostaria de dizer “divirta-se

hoje à noite”, mas estou mais inclinada a dizer... mantenha a mente aberta.

– Ava, não há ninguém mais mente aberta que eu. Mal posso esperar! Falo com você amanhã.

– Tchau. – Desligo e começo a me lembrar das vezes em que estive no Solar quando achava que era um hotel inocente. Balanço a cabeça para mim mesma. Como perdi tantos detalhes, quando agora tudo parece tão óbvio? Eu devia me dar um desconto por ter sido distraída por um loiro alto e forte, com olhos verdes hipnóticos. Ele era perfeito. Ainda é, mesmo alguns quilos mais leve e alguns problemas mais pesado.

Subo e tiro o vestido, dando preferência a um short de algodão e uma camiseta regata, antes de tirar todos os grampos do cabelo.

Quando volto para o andar de baixo, vejo que Jesse ainda dorme no sofá. Mexo na estante da TV por um tempo, mas não consigo fazer essa coisa se abrir e revelar uma televisão, então me jogo na poltrona e fico olhando Jesse dormir, a mão machucada sobre o peito sólido, subindo e descendo com a respiração estável. Minha imaginação viaja naturalmente para bombas de chocolate, copos-de-leite e “Angels”, e pego no sono.

Capítulo 5



– Eu amo você.

Desperto na escuridão e esfrego os olhos enquanto me sento mais ereta na poltrona. Levo algum tempo para me lembrar onde estou, mas, quando meus olhos entram em foco, encontro um loiro lindo agachado diante de mim.

– Oi – ele diz, suave, enquanto afasta uma mecha de cabelos do meu rosto.

– Que horas são? – pergunto, sonolenta.

Ele se inclina e beija minha testa.

– Pouco depois da meia-noite.

Meia-noite? Eu ando dormindo como nunca e poderia voltar a dormir agora mesmo, mas o som agudo do toque de um telefone me desperta, cortando o silêncio.

– Mas que droga! – Jesse reclama.

Vejo-o pegar o telefone com violência da mesa de centro e olhar para a tela. Quem poderia estar ligando a essa hora?

– John... – ele atende, com calma. – Por quê? – ele olha para mim. – Não... Tudo bem... Dê-me meia hora – e desliga.

– Qual é o problema? – pergunto, completamente desperta.

Ele calça os tênis rápido e caminha para a porta, parecendo bem infeliz.

– Problemas no Solar. Não demoro.

E, de um minuto para outro, ele se foi.

Agora estou acordada depois da meia-noite, e Jesse desapareceu. Fico sentada na poltrona como uma peça sobressalente e refletindo sobre o que pode ter acontecido de tão urgente no Solar.

Oh, não, Kate está lá.

Corro até a cozinha e pego meu telefone para ligar para ela, que não atende. Tento várias vezes e, a cada chamada perdida, fico mais preocupada. Eu devia ligar para o Jesse, mas ele parecia bem irritado. Ando de um lado para o outro, preparo mais uma xícara de café e me sento diante do balcão sem parar de ligar para Kate. Se meu carro estivesse aqui, eu também estaria a caminho do Solar. Ou não? É fácil dizer sim, especialmente agora que não tenho essa possibilidade.

Depois de ficar perambulando pelo apartamento por uma hora e telefonando para Kate sem parar, desisto, vou para a cama do quarto de hóspedes e deito encolhida nos lençóis macios.

– Eu amo você.

Abro os olhos e vejo Jesse pairando sobre a cama. Estou em algum lugar entre o sono e a vigília, e minha boca não funciona. Que horas são, e quanto tempo ele ficou fora? Não tenho chance de perguntar, no entanto. Ele me pega no colo e me leva para o quarto dele.

– Você dorme aqui – sussurra, me deitando na cama dele. Sinto ele deitar atrás de mim e sou puxada ao encontro do seu peito.

Se eu não estivesse tão confortável, poderia fazer perguntas, mas estou, então não vou fazê-las. Minha cabeça toca o travesseiro, e o calor de Jesse me envolve. Pego no sono outra vez.

– Bom dia.

Meus olhos se abrem, e estou presa ao colchão, sob o perfume de água fresca e menta. Meu cérebro matinal está tentando desesperadamente me convencer a lutar para me libertar, mas meu corpo bloqueia todas as instruções racionais que se infiltram.

Ele se senta sobre os calcanhares.

– Eu preciso fazer isso – ele sussurra, segurando minha mão e me colocando sentada.

Jesse tira minha camiseta, antes de se inclinar sobre mim e beijar o meio do meu peito, passando a língua delicadamente em um círculo que vai até meu pescoço.

Fico tensa.

Ele se afasta.

– Renda – ele comenta, com carinho, antes de tirar meu sutiã.

Estou dividida entre a necessidade desesperada que meu corpo sente por ele e a necessidade intensa que minha mente sente em conversar sério. Preciso esclarecer as coisas antes de ser levada às nuvens do Sétimo Céu de Jesse, onde perco todo o pensamento cognitivo.

– Jesse, precisamos conversar – digo em voz baixa, enquanto ele beija meu pescoço e segue rumo à minha orelha. Cada nervo meu vibra, pedindo que eu cale a boca e aceite.

– Eu preciso de você – ele sussurra, encontrando a minha boca e a possuindo com carinho.

– Jesse, por favor. – Minha voz é quase inaudível, e, de alguma forma, consigo me desvencilhar.

– Ava, é assim que eu converso. – Ele segura a minha nuca e me puxa mais para perto. – Deixe eu mostrar para você.

Meu corpo vence.

Eu me rendo a ele como a escrava que sou. Jesse passa o braço pela base da minha coluna e me deita na cama, selando nossos lábios no processo, todo o meu ser voltando à vida quando sua língua quente e úmida atravessa meus lábios gentilmente e desliza em minha boca. Estamos no modo Jesse gentil, e é como se ele soubesse que esse é o melhor lugar aonde me levar no momento.

Sua respiração lenta e estável me diz que ele tem completo controle, apoiado no antebraço e usando a mão boa para desenhar uma linha com a ponta do indicador do topo do meu ilíaco até meu seio, numa onda de cócegas que atravessa meu corpo com o toque, deixando minha respiração curta e errática. Ele termina acompanhando meu mamilo, num movimento que imita nossas línguas.

Eu me agarro aos seus ombros, sentindo todas as emoções desencontradas retornarem a mim sob suas carícias doces, sua boca atenta e seu corpo firme colado ao meu. Meus medos são completamente justificados: estou perdida nele outra vez.

Solto um gemido quando seus lábios deixam os meus, e ele se senta de joelhos e usa a mão boa para tirar meu short, levando a calcinha junto.

– Você precisa lembrar.

– Esse não é o jeito convencional.

– É como eu faço as coisas, Ava. – Ele joga meu short e minha calcinha de lado e me põe sentada, unindo nossas bocas. – Precisamos fazer as pazes.

Não consigo mais lutar contra ele. Prendo os dedos no elástico de sua cueca e apertos mais meus lábios contra os dele, enquanto puxo sua boxer pelas pernas. Ele solta um longo gemido, me deitando na cama e afastando sua cueca até que saia do alcance da minha mão, mas eu a prendo com o pé e estico a perna para terminar de tirá-la. Ele está metade sobre mim e metade fora, seu corpo sólido e magro se estendendo sobre o meu enquanto clama minha boca, roçando-se ainda mais em mim.

Passando os dedos por seus cabelos, me deleito com a fricção de sua barba contra meu rosto. Está longa demais para pinicar ou arranhar, então a sensação é de um pincel macio deslizando pela minha pele.

Ele afasta a boca e enterra o rosto no meu cabelo, ao mesmo tempo que toca meu sexo e depois traz a mão espalmada pelo centro do meu corpo, lentamente sobre meu ventre e então, aos poucos, por entre meus seios, terminando no meu pescoço.

– Eu estava com saudade – ele murmura no meu pescoço. – Estava com tanta saudade de você.

– Eu também senti tanto a sua falta. – Seguro a cabeça dele bem perto de mim, me sentindo protegida por sua força, apesar de ele não estar forte nesse momento. Sinto-me protegida e segura, mas tenho consciência de que sou eu quem faz o papel de cuidadora agora. Estou arrebatada também – completamente arrebatada por sentimentos intensos por esse homem perturbado.

Ele se move até se aninhar entre as minhas pernas, e logo sinto a umidade de sua glândula roçando em mim, sua ereção matinal me invadindo. Minha mente é um redemoinho de pensamentos misturados, mas logo ele se apoia nos cotovelos e fixa os olhos em mim, como se eu fosse a única coisa que existe no mundo. Nossos olhos dizem mais do que qualquer palavra poderia significar. Tiro as mãos da nuca dele e pouso uma palma de cada lado daquele lindo rosto.

– Obrigado por voltar para mim – ele diz com suavidade enquanto eu o observo, mergulhando naqueles olhos verdes gloriosos, as emoções inundando

todo o meu ser.

Passo o polegar por seus lábios úmidos e o introduzo em sua boca, retirando-o em seguida, mas mantendo a ponta sobre seu lábio inferior. Ele beija meu dedo e sorri, enquanto levanta os quadris sem romper o contato visual, minha pélvis se movendo para encontrar a dele.

Dou um suspiro de puro prazer quando ele me penetra fundo, devagar e com reverência. Meus olhos se fecham, minhas mãos vão parar na sua nuca, e ele me preenche completamente e fica imóvel, latejando dentro de mim. Sua respiração se torna curta e superficial, o que também é um traço familiar. Ele está se esforçando para manter o controle.

– Olhe para mim – ele ordena entre uma inspiração e outra, e reúno forças para abrir os olhos e solto um gemido leve quando o sinto se mover dentro de mim.

– Eu amo você – ele sussurra, a voz entrecortada.

Respiro fundo ao ouvir as palavras que esperei desesperadamente durante tanto tempo. Será que ele sabe? É por isso que está dizendo isso agora? Ele acha que isso basta?

– Não faça isso, Jesse. – Fecho os olhos, e minhas mãos deixam sua cabeça.

– Ava, olhe para mim – ele exige, ríspido. Abro os olhos marejados e me deparo com um rosto inexpressivo.

– Estou dizendo como me sinto o tempo todo.

– Não, não está. Você monopoliza meu telefone e tenta me controlar.

Ele ondula os quadris sobre mim, arrancando um gemido dos dois.

– Ava, eu nunca me senti assim antes. – Ele se afasta e me penetra de novo, ainda mais fundo. Tento organizar meus pensamentos errantes, mas o que escapa é um gemido. – Passei a vida inteira cercado por mulheres nuas, que não têm o menor respeito por si mesmas. – Ele põe as mãos sobre as minhas, prendendo meus punhos do lado da minha cabeça.

Uma estocada.

– Jesse!

– Você não é como elas, Ava.

Outra.

– Oh, meu Deus! – Ele se afasta e volta a me penetrar com força.

– Jesus! – Ele para e respira fundo algumas vezes. – Você é só minha, querida. Apenas para os meus olhos, apenas para o meu toque e apenas para o meu prazer. Só minha. Entendeu? – Ele se afasta outra vez e, devagar, me invade em seguida.

– E quanto a você? Você também é só meu? – pergunto, empurrando os quadris para a frente, para receber a penetração deliciosa.

– Só seu, Ava. Diga que me ama.

– O quê? – grito quando ele me surpreende com um movimento especialmente intenso.

– Você me ouviu – ele diz, com doçura. – Não me faça arrancar as palavras de você com sexo.

Estou chocada. Estou derretendo sob ele, despedaçada de prazer, e agora ele me obriga a dizer que o amo? É verdade, mas devo confessar sob coação? É exatamente como eu esperava, no entanto. Jesse está tentado me tornar o oposto de tudo o que conhece, me mantendo coberta, me impedindo de beber, insistindo que eu use renda delicada em vez do couro vulgar e áspero. Mas e quanto ao sexo?

– Ava, responda – ele investe mais forte ao meu encontro e se esfrega com firmeza, uma gota de suor surgindo em sua sobrancelha. – Não me negue isso.

Suas palavras me atingem como um raio. Negar? Ele já tentou me fazer confessar meu amor com sexo antes – no banheiro da suíte máster, sábado passado, enquanto me penetrava com força e ordenava que eu dissesse as palavras. Achei que queria uma garantia de que eu não ia abandoná-lo. Estava errada. Como ele sabia?

Mais uma vez ele se encaixa em mim de maneira perfeita, e meus músculos internos começam os espasmos, tremores que chegam ao epicentro dos meus nervos. Minhas pernas se contraem.

– Como você sabia? – grito, jogando a cabeça para trás, em desespero mental e físico.

– Porra, Ava, olhe para mim! – Ele me ataca com mais um movimento preciso do quadril, e eu abro os olhos ao ouvir o grito. – Eu amo você! – ele berra e reforça a declaração com outro golpe rápido e forte para dentro de mim.

– Eu também amo você! – grito as palavras que são praticamente arrancadas de mim.

Ele para completamente os movimentos, nossa respiração pesada e frenética, segura minhas mãos e olha para mim.

– Eu amo tanto você. Não achava que fosse possível. – Suas palavras ecoam fundo em mim, a intensidade dos nossos corpos unidos faz meu coração disparar, e ele me olha com lágrimas se formando nos olhos. Dá um sorriso leve e, devagar, sai de dentro de mim. – Agora, nós vamos fazer amor – diz baixinho, voltando a me penetrar com carinho e capturando meus lábios em um beijo calmo e sensual, cheio de significado. Ele solta minhas mãos, que logo vão para as costas dele, deslizando pela pele úmida.

Sua tática mudou completamente. Com calma e sem pressa, ele passa a entrar e sair de mim, me levando ao êxtase máximo enquanto me agarro às suas costas molhadas com toda força. Sexo com Jesse sempre foi algo inigualável, mas esse momento tem um poder maior, que eu nunca considerei ser possível. Ele me ama.

Luto para manter as emoções sob controle quando ele deixa meu sexo e fica face a face comigo, nariz com nariz, os olhos repletos de sentimento. Eu me desfazo. A intensidade de suas estocadas profundas e controladas me faz retesar e tremer embaixo dele, meu sexo convulsiona e se aperta em torno de seu membro a cada investida. O suor em sua testa e a linha de expressão pronunciada me dizem que ele também está quase lá. Projeto meus quadris para a frente e solto um gemido quando ele me preenche no limite absoluto. A sensação da cadência de seus movimentos ritmados e meticulosos me faz querer

fechar os olhos, mas não consigo desviar dos dele.

– Juntos – ele diz, seu hálito quente se espalha pelo meu rosto.

– Sim – fico sem ar, sentindo-o expandir e pulsar dentro de mim, preparando-se para o orgasmo.

– Meu Deus, Ava – uma lufada de ar escapa de seus lábios, e seu corpo fica rígido, mas ele não tira os olhos dos meus. Minha coluna arqueia num reflexo, quando a espiral de prazer atinge o clímax e me joga em um turbilhão de sentimentos incontroláveis. Solto um grito de prazer desesperado, meu corpo trêmulo em seus braços, meus olhos se fecham para liberar as lágrimas que brotaram, e meu orgasmo abrandava aos poucos, de maneira preguiçosa, com seus movimentos contínuos.

– Olhe... – ele pede e eu o obedeco, abrindo os olhos de novo.

Ele dá um gemido profundo, todos os meus músculos internos se contraem para se agarrar a ele e extrair seu sêmen. Posso vê-lo lutar com seus instintos, que pedem que ele me possua com força e jogue a cabeça para trás, mas ele está mantendo o controle. E então é quase possível ouvir o momento em que ele goza, suas bochechas se enchendo de ar quando ele me invade, longa e profundamente, e se mantém ali dentro, meus músculos estimulando seu sexo pulsante, enquanto ele mantém os movimentos controlados, mesmo ao jorrar dentro de mim.

– Eu amo você – digo bem baixinho enquanto ele me olha, ofegante. Pronto. Eu disse. Minhas cartas estão todas na mesa, e ele tecnicamente não teve que arrancar a informação de mim pelo sexo.

Ele pausa os lábios nos meus.

– Eu sei que ama, Ava.

– Como você sabia? – pergunto. Sei que nunca disse isso. Já gritei na minha mente mil vezes, mas nunca disse em voz alta.

– Você me disse quando estava bêbada – ele sorri. – Depois que ensinei você a dançar.

Repasso na cabeça a noite em que fiquei ridiculamente embriagada e me rendi às suas investidas persistentes outra vez. Lembro-me de admitir para mim mesma, mas certamente não de ter verbalizado para ele. Quem diria, não recordo de muita coisa depois que ele me tirou do bar. Eu estava acabada. Também por culpa dele.

– Não me lembro – admito, me sentindo boba.

– Sei que não. – Ele ondula os quadris, e eu dou um suspiro. – Foi tão frustrante! – E então tudo me vem à mente. Ele estava mesmo tentando tirar uma confissão de mim. Jesse me observa enquanto me dou conta de tudo, sua boca forma um O e então ele sorri.

– Você sabia o tempo todo? – *Confissões éticas.*

Eu me torturei por causa daquilo por dias, e ele sabia o tempo todo? Por que não disse alguma coisa? Por que não conversou comigo, em vez de querer arrancar as palavras de mim durante o sexo? Tantas coisas poderiam ter sido diferentes.

Seu sorriso desaparece, e é substituído por uma expressão estoica.

– Você estava bêbada. Eu queria ouvir a frase quando você estivesse sóbria. As mulheres bebem e confessam seu amor imortal por mim o tempo todo.

– Elas fazem isso, é? – digo, sem pensar.

Ele quase ri.

– Sim, fazem. – Ele baixa os olhos. – Eu não sabia se você ainda me amava depois... – Seus dentes recomeçam a torturar seu lábio inferior. – Bem, depois do meu pequeno surto.

Rio por dentro. Pequeno surto? Uau, o que seria um grande surto? As mulheres dizem que o amam? Que mulheres e quantas foram? Faço uma careta de desgosto. Fico muito desconfortável com o ressentimento que sinto ao pensar em qualquer mulher que o tenha possuído ou amado. Preciso tirar esses pensamentos da cabeça agora mesmo. Não vou ganhar nada descobrindo.

– Eu amo você – reforço minhas palavras, articulando bem cada uma delas, como se estivesse dizendo a frase para todas as mulheres que afirmaram amá-lo também. Sinto seu corpo todo relaxar sobre o meu, antes de continuar desenhando círculos com os quadris, ainda dentro de mim.

Puxando-o para mais perto, eu o abraço com o corpo todo. Sinto como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros, mas logo me ocorre que eu estou apaixonada por um homem e não tenho ideia de quantos anos ele tem.

– Quantos anos você tem, Jesse?

Ele levanta a cabeça, e posso ver as engrenagens em sua mente começando a funcionar. Sei que ele está pensando se deve ou não me dizer sua idade real e parar com essa brincadeira boba.

– Não me lembro.

Ah, posso usar isso a meu favor.

– Paramos em trinta e três – informo.

Ele abre um sorriso satisfeito.

– Acho que precisamos começar de novo.

– Não! – puxo o rosto dele e passo o nariz pela barba. – Já chegamos a trinta e três.

– Você é uma péssima mentirosa, Ava – Jesse ri, acariciando meu rosto com o dele. – Gosto desse jogo. Acho que vamos começar de novo. Tenho dezoito anos.

– Dezoito!

– Não brinque comigo, Ava.

– Por que não me diz de uma vez quantos anos você tem? – pergunto, exasperada. Não faz mais diferença para mim. Ele tem quarenta anos, no máximo.

– Tenho trinta e um.

Afundo embaixo dele, dramaticamente. Ele se lembra.

– Quantos anos você tem?

– Acabei de dizer. Tenho trinta e um.

Aperto os olhos para ele, contrariada, e um dos cantos de sua boca se ergue,

em um sorriso safado.

– É só um número – digo, gemendo. – Se você me perguntar qualquer coisa, daqui por diante, não vou responder. Não com a verdade.

Seu sorriso desaparece na hora.

– Já sei tudo o que preciso saber sobre você. Sei como me sinto, e nada que você diga vai mudar isso. Eu gostaria que você sentisse o mesmo.

Oh, foi um golpe baixo! Não faria a menor diferença no que sinto por ele. Só estou curiosa.

– Você disse que eu podia sair correndo se soubesse – eu o faço lembrar. – Não vou a lugar nenhum.

Ele ri.

– Não, não vai. Ava, você descobriu o meu pior lado e não saiu correndo. Bem, correu, mas voltou. – Ele beija a minha testa. – Você acha mesmo que minha idade me incomoda?

– Então por que você simplesmente não me diz? – tento de novo, frustrada.

– Por que eu gosto desse jogo. – Ele volta a acariciar meu pescoço com o rosto.

Solto um suspiro e aperto seus ombros suados um pouco mais, enquanto travo minhas coxas em torno do quadril dele.

– Eu não gosto – resmungo, enfiando o rosto em seu pescoço e sentindo seu cheiro. Solto o ar, satisfeita, e passo os dedos pelas suas costas firmes.

Ficamos ali deitados em silêncio por um longo tempo, mas então sinto seu corpo tremer, e isso me faz pensar no que o futuro nos reserva.

– Você está bem? – pergunto, preocupada.

Ele me abraça forte.

– Sim. Que horas são?

Boa pergunta. Que horas são? Espero não ter perdido a ligação de Dan. Tento me mexer embaixo dele, e Jesse geme no meu pescoço.

– Vou ver as horas.

– Não, eu estou confortável – ele reclama. – Não é tão tarde assim.

– Volto em dois segundos.

Ele solta em grunhido, se levanta um pouco para sair de dentro de mim e depois se solta, rolando até deitar de costas. Eu pulo da cama, saio em busca do meu telefone e descubro que são nove horas e que Dan ainda não ligou. É um alívio, mas eu tenho doze chamadas perdidas de Jesse.

Volto para o quarto e o encontro encostado à cabeceira da cama, nu e sem a menor timidez. Olho para mim mesma. Oh, eu também estou.

– Tenho doze chamadas suas não atendidas – digo, confusa, mostrando meu celular para ele.

Um olhar de desaprovação surge em seu rosto.

– Eu não conseguia achar você. Achei que tinha ido embora. Tive cem infartos em dez minutos, Ava. Por que você estava no outro quarto? – Seu tom é de acusação.

– Eu não sabia como as coisas estavam entre nós. – É melhor ser honesta.

– O que isso significa?

Ele parece ofendido.

– Jesse, da última vez que nos vimos, você era um estranho que me chamou de provocadora de merda e disse que eu tinha causado um estrago incalculável. Peça desculpas se eu estava um pouco apreensiva.

Seu olhar indignado é substituído no mesmo instante por um de arrependimento.

– Desculpe. Eu não quis dizer nada daquilo.

– Certo – suspiro.

– Venha cá. – Ele dá um tapinha no colchão, e eu me encaixo ao lado dele. Ficamos deitados de lado, frente a frente, a cabeça encostada no braço. – Você nunca mais vai ver aquele homem.

Espero que não, mas não tenho certeza.

– Você nunca mais vai beber? – pergunto, nervosa. Agora pode ser um bom momento para conseguir a informação de que preciso.

– Não. – Ele toca meu osso da bacia com a ponta do dedo e desenha círculos suavemente. Sinto um calafrio.

– Nunca?

Ele para na metade de um círculo.

– Nunca, Ava. Eu só preciso de você e que você precise de mim. Mais nada.

Meu rosto se fecha.

– Você já me fez precisar de você. E então me destruiu – digo, em voz baixa. Não quero fazê-lo se sentir culpado, mas é a verdade.

Ele chega mais perto de mim, o nariz dos dois quase se tocando e seu hálito quente e mentolado se espalha pelo meu rosto.

– Eu nunca vou magoar você.

– Você disse isso antes.

– Ava, a ideia de ver você sentir dor, física ou emocional, é terrível para mim. Completamente impensável. Fico louco só de imaginar. O que eu fiz a você me faz ter vontade de enfiar uma faca no meu coração.

– Isso é um pouco exagerado, não? – disparo.

Ele me olha feio.

– É a verdade. Assim como fico violento quando penso em outro homem interessado em você. – Ele balança a cabeça, como se quisesse afastar imagens que se formam em sua mente.

– Você não pode controlar tudo – digo, com as sobrancelhas juntas.

– No que diz respeito a você, vou fazer o possível, Ava. Eu já disse isso, esperei tempo demais por você. Você é o meu pedaço do Paraíso. Nada vai roubar você de mim. Nada. – Ele cola os lábios nos meus para selar sua declaração. – Enquanto eu tiver você, tenho propósito e razão. É por isso que não vou mais beber, e é por isso que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para manter você segura. Entendeu?

Na verdade, acho que não entendi, mas faço um meneio com a cabeça mesmo assim. Sua determinação é louvável, mas ridiculamente ambiciosa. O que ele acha que vai acontecer comigo? Não posso ficar grudada com ele o tempo todo. Louco.

Estendo a mão e passo o dedo por sua cicatriz.

– Como isso aconteceu? – Resolvi arriscar. Sei que ele não vai responder e sei que é um assunto delicado, mas estou determinada a extrair toda informação que conseguir. Agora que conheço o pior dele, que mal pode haver?

Ele olha minha mão na cicatriz e dá um suspiro.

– Curiosa esta manhã, não é?

– Sim – confirmo. – Estou mesmo.

– Eu já expliquei. Não gosto de falar sobre ela.

– Agora é você quem está me negando algo – eu acuso, e ele se vira, olhando para cima com um suspiro e descansando o braço sobre o rosto. Oh, não. Ele não vai fugir dessa. Monto no quadril dele e tiro seu braço da frente dos seus olhos. – Por que não me fala sobre sua cicatriz?

– Porque, Ava, isso faz parte do meu passado, e quero que continue lá. Não quero que nada afete meu futuro.

– E não vai. Não importa o que você me diga. Eu ainda amo você. – Ele não entende isso?

Faço uma careta quando ele sorri.

– Eu sei – ele diz, confiante demais. Está muito seguro de si mesmo esta manhã. – Você já me disse isso quando mal conseguia andar – ele acrescenta.

Hummm, contei muitas coisas a ele quando estava bêbada.

– Então por que não me diz?

Ele pousa as mãos entre as minhas coxas.

– Se não vai mudar o seu sentimento por mim, então não há motivo para preocupar sua linda cabecinha com isso – ele levanta as sobrancelhas –, não é?

– Eu não vou mais responder nada que você me perguntar – reclamo.

– Você já disse isso. – Ele se senta e une nossos lábios, meus braços mecanicamente o enlaçam, mas então penso em outra coisa.

– Você descobriu como os portões ficaram abertos? E a porta da frente? – faço o máximo para parecer casual.

– O quê? – ele se afasta, perplexo.

– Quando fui ao Solar no domingo, os portões se abriram sem que eu apertasse o interfone, e a porta da frente estava entreaberta. – Sei que foi ela.

– Oh, parece que os portões não estavam funcionando bem. Sarah resolveu o problema. – Ele me beija de novo.

– Que conveniente! A porta da frente, que é manual, estava com problemas também? – pergunto, com todo o meu sarcasmo. Não acredito que ele aceitou essa desculpa esfarrapada. Eu sei o que aconteceu. A vagabunda interceptou minha mensagem e adorou a ideia de eu aparecer lá sem avisar e descobrir o que o Solar tem para oferecer.

– Sarcasmo não combina com você. – Ele lança um olhar de desaprovação,

mas não me importo. Aquela mulher é uma vadia desprezível. De repente me sinto cheia de determinação, mas tenho compaixão por Jesse. Ele acha mesmo que ela é uma amiga? Devo revelar meu veredito? – O que quer fazer hoje? – ele pergunta.

Ai, droga! Eu tenho que me encontrar com Dan hoje e não posso levar Jesse comigo. O que iria parecer? Não posso apresentar Jesse a Dan. É um desastre previsível, com o comportamento superprotetor de irmão mais velho de Dan e o estilo “rolo compressor” de Jesse. Como resolver isso?

– Bem, só tem uma coisa que eu... – O telefone de Jesse começa a tocar, interrompendo meu anúncio.

– Que saco! – ele xinga, me tirando do seu colo e me colocando na cama. Ele se levanta e atende o telefone antes de sair do quarto.

– John? – ele parece um pouco impaciente.

Fico deitada na cama, pensando em como dizer a ele que tenho mesmo que ir encontrar Dan. Ele vai entender.

– Tenho que ir ao Solar. – ele diz, seco, voltando para o quarto e indo direto para o banheiro.

Outra vez? Nem perguntei o que o levou até lá ontem à noite e então me dou conta de que Kate não retornou minha ligação.

– Está tudo bem? – pergunto. Ele está furioso.

– Vai ficar bem. Vista-se.

O quê?

Ah, não! Eu não vou para aquele lugar! Ainda preciso processar a ideia toda. Ouço o barulho do chuveiro e me levanto para ir explicar a situação, mas encontro-o já embaixo da ducha. Ele abre um sorriso, como quem entende o recado, e faz um gesto para eu entrar. Obedeço, pegando a esponja e o gel de banho, que ele tira das minhas mãos ao me virar de costas, antes de começar a me lavar. Fico quieta, buscando na mente um modo de abordar o assunto, enquanto Jesse desliza a esponja pelo meu corpo. Ele vai ter um ataque só porque não quero ir.

– Jesse?

Ele beija meu ombro.

– Ava?

– Eu não quero ir – disparo e depois xingo a mim mesma por não ter tido mais tato.

Ele interrompe os círculos que faz com a esponja na minha pele por um momento.

– Posso perguntar por quê?

Ele não pode ser tão insensível a ponto de me fazer essa pergunta.

– Você pode me dar um tempo para me acostumar? – pergunto, apreensiva, ao mesmo tempo que imploro mentalmente que ele compreenda e seja razoável.

Ele suspira e me abraça pelos ombros, me puxando para si.

– Eu entendo – ele beija minha têmpora. – Mas você não vai evitá-lo para sempre, vai? Ainda quero o design dos meus quartos.

Estou chocada com sua racionalidade. Sem perguntas, sem dominação nem uma transa de lembrete – só um “ok”? Será que atravessamos um marco? Isso é bom. E quanto à nova extensão? Eu não tinha pensado nisso, mas ele está certo. Não posso evitar o lugar para sempre.

– Não. De qualquer forma, vou acompanhar o andamento do trabalho quando terminarmos os croquis.

– Que bom.

– O que está acontecendo no Solar?

Ele solta meus ombros e começa a lavar meus cabelos com seu xampu masculino.

– A polícia apareceu lá ontem à noite – ele diz, totalmente indiferente.

Eu fico tensa.

– Por quê?

– É só um idiota fazendo joguinhos. A polícia ligou para John hoje de manhã para marcar a averiguação. Não posso deixar de ir. – Ele me vira de frente e me coloca sob o jato para enxaguar meus cabelos. – Desculpe.

– Tudo bem – eu o conforto. Não digo por que está tudo bem. Posso ir me encontrar com Dan sem me preocupar com uma avalanche ao estilo de Jesse. – Kate estava no Solar ontem à noite. – A preocupação na minha voz é óbvia.

– Eu sei – suas sobrancelhas se levantam. – Foi uma bela surpresa.

– Ela estava bem?

– Sim, estava. – Ele beija meu nariz e me dá um tapinha no traseiro. – Dê o fora.

Assim que nos secamos, e Jesse me adorna com lingerie de renda antes de sair, não perco tempo. Pego o telefone, ligo para Dan e marcamos de nos encontrar no Almundo's, um café em Covent Garden. Saio correndo pelo apartamento, me visto em tempo recorde e ligo para Clive chamar um táxi para mim, enquanto seco e prendo os cabelos. Estou superanimada.

Capítulo 6



Procuro entre a massa de gente tomando brunch e vejo Dan em uma mesa de canto, com o rosto enfiado no jornal de domingo. Ele está tão bem, bronzado e bonito como nunca. Atravesso o café e praticamente pulo sobre ele.

– Ei! – ele ri. – Feliz em me ver, moleca? – Ele me abraça e eu me desfaço em lágrimas. Estou tão feliz por vê-lo, e todo o estresse acumulado e as emoções das últimas semanas transbordam... de novo.

Ele segura a minha mão.

– Pode parar de chorar agora mesmo – sorri. – Foi a melhor coisa que podia acontecer. Você está melhor sem ele.

Oh, ele acha que é por causa de Matt? Devo deixar que continue pensando assim? A alternativa é explicar um monte de outras coisas, e não posso fazer isso. Ficariamos aqui meses. Enxugo os olhos.

– Eu sei. É só que essas últimas semanas foram um horror. Estou bem, de verdade.

– Esqueça esse cara e siga com a sua vida. – Ele acaricia meu braço, com carinho. – E esse outro homem que Matt mencionou?

– O nome dele é Jesse. Não é nada. Ele é só um amigo – eu digo, encolhendo os ombros.

– Só um amigo? – ele me olha desconfiado enquanto minha mão busca um cacho solto nos meus cabelos presos.

– Só um amigo e algumas verdades exageradas. – Preciso mudar de assunto. – Como estão mamãe e papai?

Ele me lança um olhar de alerta.

– Ameaçando fazer uma visita a Londres para pôr você nos eixos. Mamãe mencionou um estranho que atendeu seu telefone semana passada. Imagino que seja a verdade exagerada?

Minha tentativa de distraí-lo foi um fracasso completo.

– Sim. Tudo bem. Podemos mudar de assunto, por favor?

Dan abre as mãos no ar, na defensiva.

– Ok, ok. Só estou dizendo para ter cuidado, Ava.

Desabo na cadeira, considerando o que exatamente meus pais vão pensar de Jesse, e nada do que me ocorre é bom.

Fazemos nossos pedidos e conversamos sobre o trabalho de Dan, a Austrália e seus projetos para o futuro. O amigo dele está expandindo a escola de surfe e quer que Dan vire sócio. Fico feliz por ele, mas decepcionada por razões egoístas. Ele não vai voltar para casa tão cedo.

– Como vai Kate? – ele pergunta, arrancando pedaços de um doce, fingindo desinteresse.

Preciso evitar falar de Sam. Não acho que Dan gostaria de saber disso. Lembro que ainda não tomei minha pílula e começo a mexer na bolsa.

– Continua igual – digo, casualmente. Encontro a embalagem, tiro uma e tomo com um gole d'água. Vejo, por sobre a borda do copo, que Dan está perdido em seus pensamentos. Preciso tirá-lo desse estado agora. – E quanto a você? Algum interesse no campo feminino? – pergunto, com a sobrancelha levantada, trocando a água por café.

– Não. – Ele dá um sorrisinho. – Nada permanente, pelo menos.

Estou prestes a começar um sermão sobre medo de compromisso, quando meu telefone começa a tocar na mesa, ao som de “Sweet Disposition”, do Temper Trap. Abro um sorriso. Os modos dele com o celular alheio não melhoraram.

É uma da tarde. Eu achei que Jesse fosse ficar lá por mais tempo, mas talvez ele ainda esteja no Solar e só queira saber como estou.

– Ei! Eu adoro essa música! – Dan exclama. – Deixe tocar – e começa a cantar junto.

Dou risada.

– Preciso atender. – Saio da mesa com meu celular e deixo Dan com uma expressão de suspeita. Sei que ele está desconfiado por eu me afastar para atender à chamada. Vou dizer que é Kate.

Saio para o sol.

– Oi! – digo, animada.

– Onde diabos está você? – ele grita ao telefone.

Afasto o aparelho para proteger meu tímpano.

– Estou com meu irmão. Calma.

– Calma? – ele grita. – Chego em casa, e você fugiu!

– Que merda – sussurro para mim mesma, mas não baixo o bastante.

– Olha a boca, merda!

Olho para o céu, desesperada.

– Eu não fugi. Vim encontrar meu irmão. Ele está de visita, veio da Austrália – explico, calmamente. – Eu deveria ter me encontrado com ele ontem, mas fiquei presa em outros afazeres. – Não tinha sido minha intenção ser sarcástica, mas o sentimento saiu com naturalidade.

– Sinto por ter sido um inconveniente para você – ele diz por entre os dentes.

– Como é que é? – estou chocada com a hostilidade dele.

– Quanto tempo vai demorar? – O tom não mudou. Ele ainda soa como um animal.

– Eu disse que ia passar o dia com ele.

– O dia!? – ele grita. – Por que não me disse?

Porque eu sabia que você ia estragar tudo!

– Seu telefone me interrompeu, e você precisava resolver os problemas no

Solar – disparo as palavras.

O celular fica mudo, mas ainda posso ouvir sua respiração pesada.

– Onde você está? – sua voz está um pouco mais calma.

– Estou num café.

– Onde?

Não vou dizer de jeito nenhum. Jesse vai aparecer aqui, sei que vai, e aí eu vou ter que explicar a Dan quem ele é e de onde saiu.

– Não importa onde é. Volto para a sua casa mais tarde.

Silêncio de novo. Eu espero e finalmente ouço-o suspirar.

– Volte para mim, Ava – É definitivamente uma ordem.

– Eu vou voltar.

O silêncio se instala entre nós mais uma vez, e me dou conta de repente da pequena parte de Jesse que me deixa louca. Essa parte eu também queria de volta?

– Ava?

– Estou aqui.

– Eu amo você – ele diz com calma, mas sua voz revela um certo esforço. Sei que ele quer soltar os cachorros e provavelmente me fazer voltar para o Lusso, mas não vai conseguir se não souber onde estou.

– Eu sei que ama, Jesse. – Desligo e solto a respiração, exausta. Estou começando a pensar que seria melhor se eu não soubesse do problema de Jesse com o álcool, porque agora fico preocupada em levá-lo a outra bebedeira. Sempre fui uma defensora da frase “conhecimento é poder”, mas no momento penso que “a ignorância é uma bênção”. Assim eu poderia desligar o telefone e pensar que ele é um controlador irracional e ficar feliz por deixá-lo de molho. Mas agora que sei, desligo e fico preocupada que ele esteja com uma garrafa de vodca na mão.

– Está tudo bem?

Viro e vejo Dan se aproximar, com minha bolsa sobre os ombros. Dou um sorriso breve.

– Tudo bem.

– Paguei a conta. Aqui está. – Ele me entrega minha bolsa.

– Obrigada.

– Você está bem? – ele franze o cenho.

Não, não estou nada bem. A verdade exagerada está acabando com a minha paciência.

– Sim, estou. – Faço uma expressão feliz. – E então, o que quer fazer?

– O museu de cera Madame Tussauds? – ele me dá um sorriso amplo, que eu retribuo.

– Claro! Vamos.

Ele me dá o braço, e começamos a andar. Já perdi a conta de quantas vezes perambulamos pelas salas do Madame Tussauds. É uma tradição. Não há uma estátua de cera com a qual não tenhamos uma foto. Já nos enfiemos em todos os

lugares, entramos em zonas restritas e fizemos de tudo para conseguir as fotos de que precisávamos para manter nosso álbum em dia. Parece infantil, mas é uma coisa nossa.

Foi muito divertido. Dei tanta risada que minhas bochechas doem. As únicas estátuas novas dessa vez são da realeza. Tirei uma foto com William e Kate, e Dan foi capturado apalpando os seios da rainha. Jantamos no nosso restaurante favorito em Chinatown e tomamos vinho num bar.

Dou um abraço forte em Dan ao nos despedirmos no metrô.

– Quando você volta?

– Só daqui a algumas semanas. Vou a Manchester amanhã encontrar alguns amigos da faculdade, mas volto para Londres domingo que vem, para ver você antes de ir embora, está bem?

Eu o liberto do meu abraço apertado.

– Está bem. Ligue para mim assim que voltar a Londres.

– Pode deixar comigo. Se cuide, moleca. – Ele me dá um beijo no rosto. – Se precisar de mim, vou estar com o meu celular.

– Ok – dou um sorriso.

Dan vai embora e me deixa querendo que ele pudesse ficar para sempre. Nunca precisei tanto dele.

Entro no foyer do Lusso e vejo que Clive está ao telefone. Passo por sua mesa a caminho do elevador. Não estou com vontade de conversar.

– Obrigado. Até logo. Ava! – ele grita para mim; paro e reviro os olhos, antes de me virar para ele.

– Sim?

Ele põe o fone no gancho e vem apressado na minha direção.

– Uma mulher passou por aqui. Tentei ligar para o sr. Ward, mas ele não atendeu. Eu não podia deixá-la subir.

– Uma mulher? – Agora ele tem toda a minha atenção.

– Sim. Uma mulher madura. Simpática, com cabelos loiros e ondulados. Disse que era urgente, mas, claro, você conhece as regras.

Ah sim, eu conheço, e dessa vez fico feliz que ele as tenha seguido. Cabelos loiros ondulados? Não é Sarah, com certeza.

– Madura, como?

Ele dá de ombros.

– Uns quarenta e cinco anos.

Não gosto de Sarah, mas ela com certeza não parece estar na casa dos quarenta.

– A que horas foi isso, Clive?

Ele olha para o próprio relógio.

– Meia hora atrás.

– Ela deixou o nome?

Ele faz uma careta.

– Não, não deixou. Eu a encontrei no portão. Ela esperava subir direto para a cobertura, mas quando não a deixei entrar e disse que teria que avisar o sr. Ward, ela começou a ficar um pouco vaga.

– Sem problemas, Clive. Obrigada. – Entro no elevador e digito o código. Uma mulher vaga que achou que poderia subir para a cobertura sem ser anunciada?

Saio do elevador e encontro a porta aberta. Esse homem não tem o menor cuidado com a segurança da casa? Fecho a porta e entro em alerta. O som está ligado. Não está no último volume como da última vez, mas é a música que me deixa aflita.

“Angel.”

Corro pela cobertura e deixo a música tocando. Encontrar Jesse é mais importante do que desligar a música torturante que me lembra daquele dia terrível em que o encontrei embriagado. Vou direto ao terraço, mas ele não está lá. Deixo minha bolsa, subo dois degraus por vez e vou direto para o quarto. Nada.

Sou tomada pelo pânico, mas logo ouço o chuveiro ligado e vou para o banheiro, parando de repente ao ver Jesse sentado no chão do box, os shorts de corrida ensoados e grudados nas coxas. Suas costas nuas estão contra a parede fria, os braços apoiados nos joelhos. A água cai sobre sua cabeça baixa.

Levantando a cabeça para olhar para mim, ele sorri, mas não consegue esconder a tortura em seus olhos. Há quanto tempo ele está assim? Dou um suspiro de alívio, misturado com exasperação, antes de entrar no chuveiro vestida e sentar no colo dele.

Ele enterra o rosto no meu pescoço.

– Eu amo você.

– Eu sei. Quantas vezes você deu?

– Três.

– Isso é muito – eu o repreendo. São mais de trinta quilômetros. Não é uma corridinha no parque para aliviar o estresse. Seu corpo não está forte o bastante para isso no momento.

– Entrei em pânico quando você não estava aqui.

– Percebi – digo, com um leve sarcasmo. Ele coloca as mãos nos meus quadris e aperta. Eu me contorço.

– Você devia ter me avisado – ele diz, sério.

– Eu tinha toda a intenção de voltar – explico. – Não posso ficar grudada em você. – E ele não pode correr uma maratona toda vez que nos separarmos.

Ele se afunda mais no ponto onde meu pescoço encontra meu ombro.

– Eu queria que você pudesse – ele resmunga. – Você bebeu.

Fico constrangida de repente.

– Você comeu? – pergunto, sem saber o que dizer. Ele deve ter queimado um milhão de calorias correndo como Forrest Gump.

– Não estou com fome.

– Você precisa comer, Jesse – falo, num gemido. – Vou preparar algo.

Ele me abraça mais forte.

– Daqui a pouco. Estou confortável.

Então eu o deixo ficar confortável por um tempo. Fico sentada no colo dele, com meu vestido colado ao corpo, os cabelos ensopados e o deixo me abraçar. Isso não pode acontecer toda vez que nos separarmos. Nunca vou ficar em paz. Não, não atingimos nenhum marco, e estou bastante decepcionada.

– Eu detesto essa música – digo em voz baixa, depois de ficarmos sentados e abraçados por um bom tempo.

– Eu adoro. Me faz lembrar de você.

– Me faz lembrar de um homem de quem eu não gosto.

– Desculpe – ele morde de leve o meu pescoço e passa a língua por toda a minha mandíbula. – Minha bunda está dormente – ele murmura.

– Eu estou confortável – eu o imito. Ele segura meu osso da bacia e aperta, me fazendo espernear e gritar:

– Pare! Eu preciso alimentar você!

– Sim, precisa. E quero a minha Ava nua e deitada em nossa cama, para eu poder satisfazer minha compulsão. – Ele se levanta comigo ainda enlaçada em seu corpo sem o menor esforço, considerando sua mão machucada e o corpo convalescente.

Minha Ava? Tudo bem. Nossa cama? Vou guardar essa informação por ora.

– Sou totalmente a favor, mas preciso alimentar meu homem. Comida agora, amor mais tarde.

– Amor agora, comida mais tarde – ele me desafia, enquanto sai do chuveiro e me leva para o balcão da pia.

– Onde está seu curativo?

Ele pega uma toalha de rosto na estante e começa a tirar a umidade de meus cabelos com a mão boa.

– Estava me atrapalhando. – Ele cobre minhas costas com a toalha e usa as extremidades para me puxar para si, me beijando com força. Percebo que faz uma careta de dor.

– Por favor, me deixe preparar algo para você comer.

Ele se afasta fazendo bico.

– Tudo bem. Comida agora, amor mais tarde. – Ele dá um sorriso malicioso e acaricia meu nariz com o dele, antes de beijar minha testa. – Vamos, você precisa de roupas secas. – Jesse faz menção de me pegar no colo, mas eu o afasto.

– Ei! – ele me dá uma bronca.

– Sua mão nunca vai se curar se você ficar me carregando no colo para lá e para cá. – Desço do gabinete, tiro as sapatilhas molhadas e abro o zíper do vestido, antes de tirá-lo pela cabeça. E então sou jogada sobre o ombro dele e levada para fora do banheiro.

– Eu gosto de carregar você – ele declara, me jogando no meio da cama. – Onde estão suas coisas?

– No quarto de hóspedes. – Ele faz questão de demonstrar sua insatisfação resmungando alto, antes de sair do quarto e voltar minutos depois segurando todas as minhas coisas com a mão boa, debaixo dos braços e com a boca. E coloca tudo na cama.

– Pronto.

Pego a mala e escolho uma calcinha limpa e meu suéter largo preto, mas a calcinha confortável de algodão logo é arrancada da minha mão. Espero com uma careta ele revirar minhas coisas e tirar uma outra, de renda. Jesse me entrega a eleita.

– Sempre de renda. – Ele balança a cabeça em aprovação à sua própria ordem, e eu obedeço sem hesitar ou reclamar, vestindo a calcinha e o suéter grande demais. Vejo Jesse tirar o short úmido e vestir um de jérsei azul. É possível ver mais definição em seus músculos enquanto ele se veste. Eu o admiro de onde estou na cama, antes de Jesse me pegar no colo outra vez e me levar para a cozinha.

Primeiro desligo a música, com um arrepio, e então paro diante da porta da geladeira aberta, conferindo o que temos nas prateleiras.

– O que você quer?

– Tanto faz. Eu como o que você estiver comendo. – Ele estica o braço por trás de mim e pega um pote de manteiga de amendoim, ao mesmo tempo que beija meu pescoço.

– Ponha isso de volta! – Tento pegar o pote, mas ele desvia e senta num dos bancos, segurando a embalagem embaixo do braço para conseguir abri-la e mergulhando o dedo no conteúdo para retirar uma porção. Jesse abre aquele sorriso travesso e enfia o dedo na boca, retirando-o em seguida, com a boca em forma de O.

– Você é uma criança. – Decido preparar filés de frango e os retiro da geladeira.

– Eu sou uma criança porque gosto de manteiga de amendoim? – ele pergunta por cima do dedo.

– Não. Você é uma criança pelo *jeito* como come manteiga de amendoim. Ninguém com mais de dez anos de idade deveria enfiar o dedo em potes e, ainda que eu não saiba a sua idade, imagino que você seja mais velho que isso. – Lanço um olhar de nojo enquanto procuro papel-alumínio, envolvo os filés em presunto de Parma e os disponho em uma assadeira.

– Não despreze antes de experimentar. Prove – ele estende o braço e coloca o dedo cheio de pasta de amendoim na minha frente. Torço o nariz. Detesto manteiga de amendoim.

– Passo – digo, colocando o frango no forno. Ele dá de ombros e lambe o próprio dedo.

Pego uma porção de ervilhas tortas e de batatinhas na geladeira e coloco tudo para cozinhar no vapor, mexendo em alguns botões do aparelho até aprender a colocá-lo para funcionar.

Sento no balcão e fico observando Jesse com um sorriso no rosto.

– Está gostoso?

Ele para o dedo dentro do pote e olha para mim.

– Posso comer isso até enjoar. – Mais um dedo entra no pote.

– Já está enjoado?

– Ainda não.

– Quer parar agora, antes de ficar enjoado e assim guardar espaço para a refeição balanceada que estou preparando para você? – Faço um esforço para não sorrir.

Não quer. Ele dá um sorrisinho e coloca a tampa devagar no pote.

– Por que, vai pegar no meu pé, Ava?

– Não – eu o corrijo. Não quero nunca pegar no pé dele. – Estou fazendo uma pergunta.

Ele me observa com atenção, os olhos dançando. Fico arrepiada dos pés à cabeça. Conheço esse olhar.

– Gosto desse suéter – ele diz em voz baixa, passando os olhos pela blusa e chegando até minhas pernas nuas. O tamanho do suéter é o suficiente para cobrir meu traseiro. Não é nada sexy. – Gosto de ver você vestindo preto.

– Gosta?

– Gosto – ele confirma. Está tentando me distrair mais uma vez.

– Amanhã é segunda-feira – digo, em tom decidido. Nem sei por que escolhi esse tom.

– E? – ele cruza os braços.

Começo a tamborilar os dedos no balcão.

– E nada... Só estava me perguntando o que você planejou.

Um ligeiro olhar de pânico percorre seu rosto barbado.

– O que *você* planejou?

– Trabalho – respondo, vendo que ele começou a morder o lábio e as engrenagens começam a funcionar de novo. – Nem pense nisso. Tenho reuniões importantes – aviso, antes que ele tenha chance de dizer o que sei que está pensando.

– Só um dia? – ele faz um bico de brincadeira, mas sei que ele está falando muito sério. Começo a me preparar para uma contagem regressiva ou uma transa de lembrete.

– Não. Você deve ter muita coisa para colocar em dia no Solar – declaro, assertiva. Ele tem uma empresa para administrar e passou uma semana inconsciente. Não dá para esperar que John cuide de tudo para sempre.

– Acho que sim – ele resmunga.

Faço uma comemoração mental. Nada de contagem regressiva? Nem sexo para pôr bom senso na minha cabeça? Estamos mesmo progredindo.

– Ah, Clive disse que uma mulher esteve aqui mais cedo.

– Ah, é? – ele parece surpreso.

– Ele disse que ela estava tentando subir para a cobertura. Não deixou nome, e você não atendeu o interfone quando Clive tentou ligar. Loira. Madura. Cabelos

ondulados. – Aguardo sua reação, mas ele só junta as sobrancelhas.

– Vou conversar com ele. Minha refeição balanceada já está pronta?

É isso? Ele vai conversar com Clive?

– Quem era? – pergunto, descendo do balcão para checar os legumes no vapor.

– Não faço ideia. – Ele também se levanta e pega talheres na gaveta.

– Você não tem mesmo ideia? – pergunto, desconfiada, enquanto tiro o frango do forno e ponho em uma panela para terminar de prepará-lo.

– Ava, não sei mesmo quem era, mas garanto que vou conversar com Clive e ver se consigo descobrir quem era. Agora, alimente seu homem. – Ele se senta e segura os talheres ao lado do prato.

Sirvo dois pratos e apresento a primeira refeição que preparo para ele. Detesto cozinhar.

Ele começa a comer imediatamente.

– Que delícia – ele murmura, com a boca cheia de frango. – Como foi o dia com seu irmão?

– Bom. – Sento ao seu lado.

– Só bom? Está muito gostoso.

É bom vê-lo comendo algo que não seja manteiga de amendoim. Ele é outro homem de novo – tão confiante e seguro, mas, no minuto seguinte, está em frangalhos. Será que tenho tamanho efeito nele?

– Tivemos um ótimo dia. Fomos ao Madame Tussauds e jantamos no nosso restaurante chinês favorito.

– Tussauds?

– Sim, é uma coisa nossa – dou de ombros.

– É bom ter uma coisa – ele parece sincero. – Já terminou de comer? – ele olha para o meu prato, e fico vermelha. – Está comendo por dois? – ele pergunta, olhando para mim. Quase engasgo com uma batata.

– Não! – digo, quase cuspidando a comida. – Pare de se preocupar – balbucio, voltando ao meu jantar.

Ele continua comendo e fazendo ruídos de aprovação com o garfo na boca de vez em quando. Chego a pensar que ele estava só brincando comigo, mas provo a comida – está de fato boa.

Assim que terminamos, encho a máquina de lavar louças e me perco em pensamentos. Vê-lo tratando a visitante misteriosa com tão pouco caso está me deixando louca. Ele está desconversando, e isso me incomoda.

Viro para confrontá-lo sobre isso e dou de cara com seu peito nu e firme.

Ele se insinua sobre mim, ofegante, e meus olhos vão parar na ereção despontando em seus shorts.

– Tire a blusa – ele ordena, com a voz rouca e grave.

Olho dentro de seus olhos verdes e noto que não está brincando.

Eu seguro a barra do suéter e o tiro devagar, soltando-o no chão em seguida.

Ele percorre meus seios expostos com os olhos, apreciando a vista e pousando

entre as minhas pernas.

– Você é impossivelmente linda e toda minha. – Jesse prende os dedos na minha calcinha e a desliza pelas pernas, de joelhos.

Ele dá um toque em cada tornozelo para eu levantá-los, antes de segurá-los com suas mãos enormes. Seus olhos encontram os meus.

– Acho que vou deixar você gozar primeiro – diz, com a voz rouca. – E depois eu vou partir você ao meio.

Perco a respiração com essa promessa agressiva, e ele passa as mãos pelas minhas pernas, dos tornozelos à parte de trás das coxas, e então me puxa com força ao encontro de sua boca faminta. Sua invasão me reduz a gemidos, enquanto ele passa a língua em cada centímetro de mim – com conhecimento, com vontade. Minhas mãos vão parar em seus cabelos, e meus quadris ondulam em direção à sua boca, sem a menor contribuição do meu cérebro.

Minha cabeça pende para trás.

– Merda! – solto um gemido, o pulsar do meu sexo acelerando e se transformando em uma vibração constante.

– Olha a boca... – ele murmura conta a minha pele, o que só me deixa mais perto do êxtase máximo.

Sinto uma mão deixar as minhas coxas e um dedo deslizar para dentro de mim. Como um grito desesperado, solto a cabeça dele e me apoio no balcão para me manter de pé, seu dedo desenhando círculos, me abrindo e acariciando meu ponto G a cada rotação. Estou formigando, e meus músculos se agarram ao seu dedo com avidez.

– Me avise, Ava – ele substitui um dedo por dois e os introduz ainda mais fundo.

Isso, aliado aos seus lábios em meu clitóris, é o suficiente.

– Agora! – grito, projetando os quadris mais ainda na direção da boca dele, na tentativa de aliviar os espasmos do clímax.

Estou exausta com o ataque de sua boca e desabo sobre o balcão em uma violenta onda de tremores, meu coração batendo forte no peito, ao mesmo tempo que ele diminui o ritmo e me lambe de leve, permitindo que eu volte à Terra com um suspiro longo e satisfeito.

– Você é incrível... – baixo a cabeça e encontro seus olhos.

Ele olha para cima, mas mantém a boca em mim, ainda fazendo círculos e enfiando os dedos em mim e tirando sem pressa.

– Eu sei – ele se gaba. – Sorte a sua, não?

Balanço a cabeça, rindo com a sua autoconfiança, e o vejo levantar devagar, desenhando uma linha ascendente com a língua.

Ele morde um de meus mamilos de leve e depois me pega no colo, para meus olhos ficarem no mesmo nível dos dele.

– Está pronta para ser propriamente comida?

– Divirta-se! – eu o desafio, abraçando-o.

Ele ataca minha boca e me beija de maneira possessiva. Quando é assim, esqueço seus momentos de fraqueza – os momentos em que sou eu quem o

conforta, o abraça e o tranquiliza. Não nesse momento, no entanto. Nesse momento ele é brutalmente sexy e dominador. Eu o amo assim e senti muita, muita saudade.

Jesse mantém nossas bocas coladas e me leva para fora da cozinha, até a sala de ginástica, abre a porta, me colocando no chão, mas se abaixando para compensar nossa diferença de altura. Ele morde meu lábio inferior e começa a andar, me obrigando a andar para trás, e para alguns passos depois para beijar minha orelha, seu hálito quente incendiando meus sentidos. Estou implorando por ele em silêncio.

– Quer malhar um pouco? – ele sussurra.

– O que tem em mente? – eu o acaricio com o rosto enquanto ele lambe minha orelha, fazendo a pulsação em meu sexo começar de novo, sutil e lenta. Ele se afasta, e a ausência do calor de seu corpo me faz sentir frio e querer puxá-lo de volta.

Ele me observa com olhos cheios de desejo e promessas, ao mesmo tempo que baixa os shorts, libertando seu membro ereto.

Perco a respiração. Não sei por que, já o vi nu várias vezes, mas ainda perco o fôlego. Subo os olhos passando pela cicatriz e pelos músculos peitorais perfeitos. Nunca vou me cansar de admirar o físico fantástico do homem diante de mim – nunca. Ele é uma obra de arte, esculpido e polido com cuidado até atingir a perfeição.

Jesse acena com a cabeça para algo atrás de mim, e me viro devagar, mas tudo o que vejo é o simulador de remo e seu saco de boxe, por isso volto a olhar para ele. Seu rosto está completamente impassível, e ele faz um sinal com a cabeça outra vez – o que ele tem em mente está mesmo atrás de mim.

Então me dou conta. Ele disse mesmo que ia me partir ao meio.

Oh, meu Deus!

– Oh... – sussurro.

Jesse caminha com calma na minha direção, e o potencial de suas intenções me faz ficar um pouco insegura. Ele pega a minha mão e me leva para o simulador de remo, acomodando seu corpo nu no assento. Sua ereção desponta para cima e a perspectiva desse cenário me faz ofegar de ansiedade.

Sou puxada para ficar de pé ao seu lado, e ele me ajuda a passar a perna para o outro lado com a mão machucada, me fazendo montar seu corpo. Eu o encaro, e meu coração começa a bater à toda velocidade, aguardando suas instruções.

Ele estende os braços e massageia meus seios até ficarem doloridos com o próprio peso. Não deixo de notar sua expressão de dor, mas ele não para, e não pretende contê-lo.

– Hummm... – Minha cabeça pende para trás, e meus lábios se abrem, deixando escapar minha respiração entrecortada.

– Ava, você vai acabar comigo – ele diz, num fio de voz. Olho para baixo para encará-lo. – Eu amo você – ele sussurra, abaixando as mãos para apertar meus quadris. Eu me contorço, e um sorriso para no canto de sua boca. – Amo como você se contorce quando eu toco aqui. – Ele circula os dedos nas sensíveis

depressões. Eu luto para me manter de pé. – Amo como você está molhada para mim aqui. – Ele introduz um dedo em mim, e solto um gemido. – Amo o seu gosto. – Ele põe o mesmo dedo na boca e tira devagar, sem deixar de me olhar. Então pega minha mão de novo e me guia para baixo, sobre seu sexo ereto.

Um grito escapa dos meus lábios quando ele me empala, e a rigidez de seu membro me preenche completamente.

Ele encosta a testa na minha.

– Eu amo a sensação de estar dentro de você. – Ele apoia as mãos na base de minha coluna. – Prenda as pernas em mim.

Eu me agarro a ele com as pernas em volta de sua cintura e travo os tornozelos um no outro, chegando mais perto dele, que perde o fôlego quando espalmo as mãos em seus ombros.

– Eu. Amo. Você – ele declara, categórico, enquanto começa a nos fazer deslizar pelo aparelho, a parada abrupta no final do movimento me fazendo tremer e gemer alto.

Ele fecha os olhos.

Sim, agora estou começando a ver os benefícios disso. A penetração é profunda e não são necessários muitos movimentos de vaivém para me fazer implorar para gozar.

Quando ele abre os olhos, abaixo o rosto, e ele se ajeita para atender à minha necessidade de contato entre nossos lábios. Eu amo a boca dele. Amo o que ele pode fazer com essa boca. Amo as palavras e os tons que saem dessa boca. Amo a maneira como ele morde o lábio inferior quando precisa decidir algo importante.

– Eu amo você – digo, com os lábios colados nos dele.

Ele se afasta com uma expressão alegre no rosto.

– Eu não tenho palavras para dizer quanto isso me faz feliz. – Ele lentamente nos leva à posição tensa do aparelho. – Você precisa de mim?

Eu me preparo para o golpe que sei que está por vir, e, quando vem, ambos gemem juntos.

– Eu preciso de você.

– Isso também me deixa muito feliz. Mais uma vez? – Ele já prepara um novo tranco.

– Por favor. – Outro solavanco ao final do movimento e o frio no estômago se transformam em uma curva ascendente em direção ao clímax.

Estamos mais uma vez deslizando pela esteira do aparelho, um pouco mais rápido agora.

Agora!

– Ah!

– Eu sei – ele sussurra. – Mais?

– Sim! – mergulho a língua em sua boca, desesperada.

Ele nos faz deslizar lentamente dessa vez, sem chegar ao final. Em vez disso, empurra o assento com os pés e nos joga para o outro lado da esteira. Chegamos à outra extremidade com tanta força que nossos corpos se chocam pesadamente,

e eu tenho que deixar de beijá-lo para enterrar a cabeça em seu ombro e sufocar um grito.

– Meu Deus! – ele exclama e repete o mesmo movimento delicioso.

Desliza... e solta!

É tão intenso. Nunca o senti tão dentro de mim. Mantenho a boca em seu ombro, resistindo à vontade de mordê-lo, e minhas mãos na cabeça dele para me manter segura quando ele nos faz deslizar pela esteira outra vez, pronta para mais um tranco.

Meu corpo está tenso e posso senti-lo pulsar forte aqui dentro. Mais uma vez ele nos iça em direção ao topo e, quando vem mais um golpe, cravo os dentes em seu ombro e grito de puro prazer.

– Merda, Ava!

Eu o liberto e beijo a marca deixada pela mordida, enquanto deslizamos de novo.

– Morda o meu ombro outra vez!

Eu obedeço e volto a mordê-lo, gemendo contra sua pele.

– Meu Deus, vou gozar – ele grita, voltando à posição zero. – Está pronta?

– Sim! – Prendo seu ombro entre os dentes, aguardando o ataque.

Ele solta os remos.

Não há mais controle nos movimentos. Ele desliza e deixa o aparelho nos levar de volta sem parar, enquanto cravo os dentes e as unhas nele. A intensidade das investidas profundas me faz gritar seu nome em seu ombro. Começo a sentir fogos de artifício explodindo enquanto continuam os golpes, me levando ao clímax. O pulsar de sua ereção me leva à linha de chegada, e eu me deixo chegar ao êxtase com um ruído alto do aparelho e um grito que parte dos dois. Eu o mordo mais uma vez, fazendo Jesse projetar os quadris para cima e gritar ainda mais alto.

Oh, meu Deus!

Eu ainda estou latejando e voltando do meu orgasmo quando me dou conta de estar sendo gentilmente embalada para a frente e para trás, o movimento leve drenando tudo o que ele tem para me dar.

Eu afasto o rosto de seu ombro e beijo a marca da mordida.

– Você é uma selvagem, Ava. – Ele vira a cabeça para olhar para si mesmo e volta a olhar para mim.

Tomando conta da minha boca, ele me beija profundamente, e eu o abraço com força, unindo-me a ele em sua inércia contente. Eu poderia ficar aqui para sempre, completamente envolta em Jesse.

– Vou levar você para a cama e dormir a noite toda enterrado em você. – Ele levanta devagar, sem romper nossa conexão. – Me beije. Agora – ele ordena quando saio da sala de ginástica com meu corpo ainda pendurado em sua cintura. Corro as mãos por seus cabelos e puxo de leve, antes de pousar meus lábios nos dele.

– Selvagem – ele diz com os lábios contra os meus.

É minha vez de dar um sorriso atrevido. Abro os olhos quando ele começa a

subir a escada e o vejo olhando para mim. Nossas línguas dançam de uma boca para a outra. Mantenho nosso contato visual durante o caminho todo até o quarto, onde ele me deita na cama sob o próprio corpo. Posso senti-lo ficando excitado de novo dentro de mim. Esse homem é insaciável.

Apoiando minhas costas com o braço, ele nos eleva na cama até minha cabeça encontrar o travesseiro, as bocas e os corpos ligados por toda a jornada.

– Fique comigo – ele diz, se afastando um pouco e tirando uma mecha de cabelo do meu rosto. Ele me estuda com atenção, com os olhos brilhantes de satisfação por estar comigo em seus braços.

– Eu estou aqui.

– Venha morar comigo – ele abaixa e acaricia meu nariz com o dele.

Esse homem conhece o significado da palavra “gradual”? Está sendo um pouco apressado, e nem sequer discutimos as coisas mais importantes – como o Solar, o meu trabalho e sua personalidade difícil.

– Quero você aqui quando eu for dormir. – Ele lambe meu lábio inferior. – E quero você aqui quando eu acordar. Começar e terminar o dia com você é tudo de que eu preciso.

Tenho plena consciência de que, se não der a resposta que ele quer, vou ser recebida por um ataque de mau humor ou uma sessão de sexo de lembrete, mas não quero estragar esse momento. Eu preciso deste momento.

– Não acha que é um pouco cedo? – pergunto.

Ele levanta a cabeça, a expressão ainda não contrariada, mas a caminho.

– Pelo jeito você acha.

– Faz dois dias – tento argumentar com ele.

Ele faz uma careta.

– Dois dias desde o quê? – Ele levanta o tórax e se afasta um pouco de mim, apoiando os antebraços no colchão, um de cada lado da minha cabeça. Ele me penetra com força e minha respiração falha. – Quero isso toda manhã e toda noite. – Ele sorri com o canto da boca, sabendo muito bem a sensação que causa em mim. Está tentando colocar bom senso na minha cabeça usando o sexo. – E, quem sabe, algumas vezes entre um e outro. – Jesse se afasta sem pressa e lentamente me penetra outra vez. Eu fecho os olhos. Não tenho a ilusão de que ele vai fazer amor comigo. Talvez, seu eu concordar, vou ter o Jesse gentil, mas não tenho certeza se quero morar com ele.

– Você só me quer pelo meu corpo – finjo estar chocada, num sobressalto.

Ele suspira e ondula os quadris para uma investida controlada dentro de mim.

– Você não quer isso?

Eu joga a cabeça para trás e solto um gemido.

– Você joga sujo, sr. Ward.

Ele se retira bem devagar.

– Diga sim! – ele grita e avança com tudo, me tirando o ar, me forçando a colocar os braços para trás e me apoiar na cabeceira. – Eu vou ter que comer você até você entender, Ava?

Oh, lá vem. Ele quer me comer até dar sentido a uma coisa que não faz

nenhum sentido. Morar com ele? É cedo demais.

Meus músculos se retesam, e meu sangue ferve, correndo por minhas veias a uma velocidade absurda. Detesto quando ele faz isso comigo. Toda a razão é jogada pela janela.

– Não! – disparo, e ele me penetra outra vez, rosnando. Sua mão machucada me segura pela nuca e me faz encará-lo. Não sei se a expressão no rosto dele é de nervoso ou porque sua mão está doendo.

– Diga – ele ordena e me ataca com mais um golpe do quadril.

Não vou me render dessa vez. É mesmo cedo demais. Ele não vai parar; também já passou do seu limite.

– Não – declaro com firmeza e precisão, entre uma respiração e outra.

Ele solta um rugido e investe outra vez com o quadril, me penetrando sem piedade. Eu o agarro com os músculos do meu útero, e ele me força para cima na cama.

– Merda, Ava, diga! – ele grita. Uma gota de suor escorre por sua têmpora, e a linha de expressão na sua testa fica mais pronunciada.

– Não!

– Ava! – Seu grito ecoa pelo quarto, e ele une nossas bocas violentamente. Eu me contorço sob seu corpo implacável e sua boca sedenta, enquanto um novo orgasmo começa a brotar dentro de mim. – Você gosta disso? – ele resfolega contra a minha boca e persiste com suas estocadas impiedosas.

– Sim!

– Quer isso todo dia?

– Sim!

Ele puxa meus cabelos com mais força e me penetra com mais determinação.

– Então diga. – Sinto o clímax se aproximar e despenco em um abismo de puro prazer embaixo dele. Toda a razão se perde, e ele declara propriedade sobre meu corpo, minha alma e mente.

– Sim! Sim! Sim! Merda, sim! – grito.

– Cuidado com a boca! – Sua voz ecoa e se une a mim no auge do prazer. Ele solta meus cabelos, antes de levar o punho ao colchão. Deve ter doído! Ele empurra os quadris para frente ao máximo e se mantém ali. Sua cabeça pende para trás.

Ele solta um gemido alto.

Sinto seu sêmen jorrar em mim e abaixo as mãos, para pousarem em seu peito. Ele baixa a cabeça, seus olhos encontram os meus, e ele ainda ondula os quadris, nos trazendo de volta.

– Não foi tão difícil, foi? – Sua voz é rouca e seca.

Eu acaricio seu peito sólido.

– Eu estava sendo coagida – respondo, e me esbofeteio mentalmente pela péssima escolha de palavras.

Ele não pode achar que era sério. Mas depois penso... este é Jesse, meu controlador irracional. Ele pode e vai.

Jesse abre um sorriso glorioso e amplo e me beija com ternura, antes de nos fazer rolar na cama, me colocando esparramada sobre seu peito. Seu dedo acaricia a linha de minha coluna, e depois meus cabelos. Eu me encaixo nele, feliz.

– Não posso estar com você a cada segundo do dia – digo, embora pareça tentador, se eu pensar em como me sinto nesse momento. Por que eu não iria querer isso dia e noite, e algumas vezes entre os dois?

Ele dá um suspiro longo e cansado.

– Sei que não pode. Gostaria que pudesse.

– Eu tenho um emprego, uma vida.

– Eu quero ser a sua vida.

– Você é – eu explico, com delicadeza. Ele pode ser tão vulnerável e delicado, e sei que sou a resposta para isso. Estamos a quilômetros de distância do bruto dominador que acabou de me comer até eu ter um pouco de bom senso. Mas isso é mesmo bom senso? Ou apenas pura loucura?

Capítulo 7



Estou congelando e me encolho com a invasão da luz, que me ataca assim que abro os olhos. Sento na cama.

Onde ele está?

Tiro os cabelos do rosto, pulo da cama e vou correndo até o banheiro. Ele não está lá. Em um pânico cego, praticamente desço a escada voando e freio à entrada da cozinha.

– Bom dia. – Ele deixa a xícara de café na mesa e levanta do balcão, vindo com calma na minha direção. É como se eu estivesse olhando para um homem totalmente diferente. Os últimos dois dias foram um sonho?

Ele está de terno cinza-chumbo, camisa branca e gravata rosa-clara. Fez a barba, os cabelos bagunçados foram penteados para um dos lados, e seus olhos verdes brilham em deleite. Ele está magnífico.

– Ahn... bom dia – gaguejo.

Ele me abraça pela cintura e me tira do chão até eu alcançar seus lábios.

– Dormiu bem? – ele roça a boca na minha.

– Hummm... – eu apenas solto um gemido. Estou perplexa. Eu estava certa de que teria que me preparar para uma batalha esta manhã com o sr. Complicado.

– Viu, é exatamente por isso que quero você aqui de manhã, à tarde e à noite – ele devaneia.

– Por quê? – Para ele fazer isso toda manhã? Talvez me mudar para cá não seja uma má ideia no fim das contas.

Ele me deixa deslizar pela frente de seu corpo e depois se afasta para me olhar de cima a baixo, segurando o queixo com a mão machucada e arqueando uma sobrancelha, sorrindo.

Meu Deus! Estou nua!

– Droga! – eu me viro para bater em retirada rumo à escada, mas não vou muito longe. Ele me alcança no meio do caminho, me levantando pela cintura.

– Olha a boca! – ele me leva de volta à cozinha, me sentando no balcão.

– Ui! – dou um grito quando o mármore frio congela meu traseiro.

Ele ri e abre minhas coxas, se posicionando entre elas.

– Quero que você desça para tomar o café da manhã todos os dias assim. – Seu dedo vai do meu joelho até meu sexo. Estou mais do que desperta agora. Estou tensa, também.

– Você está mesmo confiante de que vou estar aqui todas as manhãs – digo tão casualmente quanto qualquer mulher conseguiria tendo um deus acariciando seus

pelos pubianos. Ele não pode considerar coisas que concordei fazer prestes a ter um orgasmo.

Ele está se esforçando para não sorrir.

– Eu *estou* confiante, porque você disse sim. Ou foi... – ele olha para o teto, concentrado, e depois para mim. – Ah, sim, eu me lembro. Foi: “Sim! Sim! Sim! Meu Deus, sim!”. Os cantos da boca dele se curvam em um sorriso atrevido, e ele introduz um dedo em mim.

– Fui pega num momento de fraqueza. – Não consigo esconder o desejo em minha voz. Ele me pegou.

Ele circula o polegar sobre meu clitóris, e os músculos de minhas pernas começam a doer. Eu me ajeito no balcão para oferecer livre acesso. Eu sou tão fácil.

– Preciso lembrar você de que foi uma boa decisão? – ele pergunta, antes de tomar meus lábios, trocar um dedo por dois e mergulhá-los em mim, me deixando em estado de desespero.

Não, ele não precisa me lembrar. Não faz o menor sentido, mas vou aceitar o lembrete. Agarro seu paletó, cerro os punhos e dou um gemido dentro de sua boca. Sinto-o sorrir com os lábios colados aos meus, antes de se afastar e me deitar no balcão. O frio do mármore irradia pelo meu corpo, mas não me importo. Preciso dele... outra vez.

Com os olhos ardendo nos meus, ele abre o cinto e o zíper com urgência e abaixa a calça junto com a cueca, libertando sua ereção matinal. Em um conjunto de movimentos coordenados, ele me puxa pela parte de trás das coxas, me trazendo ao encontro de seu membro ávido.

– Esta é outra razão – ele ruge, se afastando para, em seguida, me atacar com vontade.

– Oh, Deus! Jesse! – deito a cabeça e arqueio o corpo na direção dele. Oh, meu Deus, ele sabe o que faz. Ele inicia uma série de estocadas fortes e ritmadas que me faz agarrar as bordas do balcão para não deslizar pelo mármore. Sua respiração está pesada e ruidosa, e um grito gutural escapa de seus lábios a cada investida.

– Merda! Você é perfeita, Ava – ele me penetra de novo, com vontade, e um grito explode de minha boca.

Não sei o que fazer comigo mesma. Ele me criva com investidas do quadril por vezes seguidas, sem parar. Estou zonha. Ele leva a mão ao meu seio e o acaricia sem delicadeza, no mesmo compasso de seus movimentos pélvicos.

– Já se lembrou? – ele grita.

Mas não consigo responder. Não tenho capacidade de articular palavras no momento. A cada investida poderosa, ele me deixa mais e mais perto do orgasmo. Respiro fundo e prendo a respiração quando chego ao clímax.

– Responda à pergunta, Ava! – ele ordena. – Agora!

– Sim!

– Você vai ficar aqui comigo? – Sua mão aperta meu seio, seu membro me martela por dentro, sem piedade.

– Oh, Deus! Oh, Deus! Jesse!

– Ava, responda à pergunta, merda! – A maneira ininterrupta como ele me penetra me deixa louca, com a cabeça girando, meu ventre tremendo violentamente.

– Sim! – grito, soltando uma lufada de ar, enquanto sou levada aos céus em uma delirante e maravilhosa sensação de satisfação, vibrando da cabeça aos pés, as costas arqueando, o corpo em ondas de espasmos.

– Oh, Deus! – ele desaba em cima de mim, me aprisionando sobre o balcão.

Deixo os braços caírem sobre a cabeça com um suspiro exausto, meus músculos internos naturalmente se contraem em torno dele, e ficamos ali, ofegantes e suando na ilha da cozinha. Estou total e completamente esgotada. Eu poderia voltar para a cama, mas tenho que ir para o trabalho e, não que eu tenha a menor intenção de admitir para Jesse, realmente não quero ir. Preferia que ele me carregasse para o andar de cima e me amasse o dia todo – talvez mais.

Ele levanta a cabeça para olhar para mim.

– Meu Deus, eu amo tanto você.

– Sei que ama. Você fez a barba – comento, durante um suspiro. Eu queria mesmo voltar para a cama. Sinto como se tivesse acabado de voltar de uma de suas corridas torturantes.

– Quer que eu a deixe crescer de novo?

Passo a palma da mão por seu rosto macio.

– Não, gosto de poder ver seu rosto todo.

Ele vira o rosto para a palma da minha mão e deposita um beijo nela, levantando e deixando um beijo na minha barriga, antes de sair de dentro de mim e arrumar a calça.

Ele me encara enquanto afivela o cinto e enxuga os lábios úmidos com as costas da mão.

– Tenho que ir. Saia da minha frente antes que eu ataque você de novo. – Ele pega minha mão e me ajuda a descer do balcão, me beijando de um jeito demorado e sensual em seguida. – Agora.

Passa pela minha cabeça ficar exatamente onde estou – quero mais, mas ele parece contente em dar sequência ao seu dia sem mim, e isso é uma coisa boa. Não quero distraí-lo, então saio da cozinha nua, certa de que ele me observa. Paro no meio do caminho, me viro para olhar para ele e o encontro parado, com as mãos nos bolsos, os olhos brilhando. Ele está me estudando com atenção.

– Tenha um bom dia – sorrio, passando o dedo pela minha vagina úmida e colocando-o na boca. Oh, eu gosto de provocar.

– Caia fora, Ava – ele me adverte.

Abro outro sorriso e giro sobre os calcanhares, subindo a escada. Sou mesmo uma vadia! Mas nem ligo. Estou prazerosamente surpresa com o bom humor de Jesse esta manhã. Eu estava preparada para ter problemas, para tentar sair da cobertura sem Jesse. Isso é um progresso. Estou feliz.

Já é segunda-feira, e tenho muito trabalho a fazer. Eu me sinto poderosa e preciso me vestir de acordo com meu espírito confiante. Graças a Deus, Kate

teve a iniciativa de colocar na mala algumas roupas de trabalho e... meu vestido preto lápis, sem mangas.

Tomo um banho e faço o melhor possível com meus cabelos, antes de me vestir e pegar meus sapatos vermelhos de salto a caminho do andar de baixo. Paro de repente, ao lado da porta.

Droga!

Eu não estou com meu carro, e os arquivos de que preciso estão lá. Saio às pressas do apartamento e corro para o térreo, onde encontro Clive recebendo uma encomenda do lado de fora do foyer. Saio para o sol na direção dele, enquanto coloco os óculos escuros.

– Clive! Preciso de um táxi!

– Ava, bom dia! Como vai nesta manhã? – ele sorri para mim. – Seu transporte está aqui.

– Meu transporte?

Ele aponta para uma Range Rover preta, e vejo John debruçado no capô, ao telefone. Ele usa os óculos de costume e seu terno preto. Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça, sua saudação habitual.

Começo a caminhar na direção dele, mas então me lembro de algo e volto para Clive.

– Jesse falou com você sobre a visita que recebeu ontem?

– Não, Ava – Clive volta para a sua mesa.

Hummm. Imaginei que não. Sigo meu caminho e, ao me aproximar de John, pego o final da conversa.

– Ela está aqui, Jesse. Estou chegando aí – sua voz retumbante sempre dá a impressão de que ele está de mau humor. Ele desliga e aponta para o carro, a indicação de que quer que eu entre. Se eu não estivesse com tanta pressa, talvez reclamasse.

– Por que você está aqui? – pergunto, sentando no banco do passageiro.

– Jesse me pediu para levar você ao trabalho – John não parece impressionado.

– Preciso pegar meu carro. Você se importa? Está na casa de Kate, e ela mora em Notting Hill.

Ele só assente, baixa o vidro e apoia o braço na porta. Desse jeito, parece ainda mais mal-encarado.

– Você consertou os portões? – pergunto.

Seu rosto se vira devagar para mim, e vejo sua testa se franzir de leve, uma indicação de que está intrigado. Mantenho o contato visual, mas ainda assim ele não responde.

– Os portões do Solar – explico. – Eles tiveram um problema no domingo.

Ele faz um sinal positivo com a cabeça e volta a olhar para o caminho.

– Tudo arrumado, garota.

Aposto que sim. A vontade de insistir no assunto é irritante, mas, se tem algo que sei sobre John, é que ele não gosta de conversar.

Seguimos em silêncio, exceto pela cantoria de John, e logo ele me deixa na

casa de Kate.

– Obrigada, John – digo, saltando do carro.

– Tudo certo – ele murmura e desaparece.

São oito horas. Tenho tempo, então entro correndo na casa de Kate.

Vou direto encontrá-la batendo uma enorme tigela de manteiga com açúcar.

– Oi! – mergulho o dedo na tigela.

Ela me bate com a colher.

– Saia! Eu tenho tanta coisa para fazer! Não fiz absolutamente nada ontem. – Ela está atacada, o que está a quilômetros de distância de sua aura habitual, calma e controlada.

– Ah, é? – ofereço um sorriso maroto.

– Que divertido! – ela dispara, colocando farinha em uma balança de precisão. Tomo a sábia decisão de desistir da conversa. – Como está seu irmão? – Kate pergunta.

– Está bem. – Não entro em detalhes.

– E Jesse? – Ela está de língua de fora e inclinada para a frente, a atenção voltada para a balança.

– Bem... – desabo em um dos bancos.

Ela endireita o corpo e me olha com desconfiança. Não tenho tempo agora para entrar em muitos detalhes, quero ouvir sua opinião sobre muitas coisas.

– Ava?

Dou um suspiro.

– Quer que eu vá morar com ele. Eu disse sim, mas só porque ele me deu uma maldita transa de lembrete depois que eu disse não. E reafirmou o pedido com uma outra agora de manhã.

Kate está de queixo caído.

– Uau!

Dou risada.

– Pois é.

– Não é cedo demais?

A pergunta me pega de surpresa, mas fico feliz que ela pense como eu.

– Acho que sim. Ele me quer de dia e de noite, e algumas vezes entre os dois. Jesse já é difícil agora, com suas ordens, controle e preocupação.

– Você disse isso a ele? – ela adiciona a farinha à tigela e continua batendo.

– Não. Ei, o que aconteceu no Solar na noite de sábado e por que você não atendeu nenhuma das minhas ligações?

Ela fixa os olhos nos meus.

– Nada! – ela dispara, na defensiva. – Esqueci de ligar.

– Estou falando de a polícia aparecer lá – digo, com a sobrelha levantada.

– Oh! – ela volta a bater o bolo de maneira um pouco frenética demais. – Não sei. Jesse chegou e os policiais foram embora logo depois.

– Oi, gata!

A voz animada de Sam vem da porta, e nós duas olhamos ao mesmo tempo.

Ele está totalmente nu, exceto por um avental minúsculo de Kate e, quando passa por mim, tenho uma visão em close de seu traseiro firme.

Engasgo, olhando para qualquer lugar, exceto para Sam.

– Oi. – Aceno na direção de Sam, sentindo o rosto ferver e virando desesperada para Kate, implorando em silêncio que ela faça algo quanto ao sem-vergonha.

– Samuel, vista-se – Kate dá-lhe uma bronca, sorrindo.

– Eu vim ajudar – ele choraminga.

– Você já me atrasou demais – Kate reclama, batendo no traseiro dele com a espátula cheia de massa de bolo.

– Espero que você lave essa espátula agora! – dou risada.

Ela dá de ombros e começa a lamber a espátula, ainda sorrindo.

Sam vira para mim com o maior sorriso já visto em seu rosto atrevido, claramente feliz com meu embarço. Então ele se inclina para a frente, virando o traseiro para Kate.

– Agora você vai ter que me lamber para limpar.

Pulo do banco, constrangida.

– É melhor eu ir – digo depressa, minha voz aguda e esganiçada. Não quero ficar para testemunhar a operação de limpeza do traseiro nu de Sam.

– Até mais! – Kate ri, e saio correndo, sem ousar olhar para trás, com medo do que eu possa ver. A resposta seca de Kate sobre o ocorrido no Solar está mexendo com a minha cabeça. Não quero nem *pensar* no que estou pensando.

Chego ao escritório no horário e encontro um imenso buquê de copos-de-leite na minha mesa. Dou um suspiro. Como ele consegue encomendar flores em tão pouco tempo?

Pego o cartão.

Você é uma selvagem e uma provocadora.

Você me enlouquece.

Eu amo você.

Um beijo, J

Eu o enlouqueço? O sujeito delira. Mando uma mensagem de texto para ele.

Sei q sim. Lindas flores. Obrigada pela... carona.

Um beijo, A

Sento e abro meus e-mails e minha lista de tarefas, mas logo me distraio do meu trabalho quando lembro que não tomei minha pílula. Pego a bolsa do chão e

a reviro, mas depois de alguns minutos de busca, minha bolsa está virada no avesso, com tudo o que havia dentro dela espalhado sobre a mesa.

– Merda, merda, merda! Por favor, de novo, não.

– Bom dia, flor – Patrick entra no escritório.

– Bom dia. – Não tiro os olhos da bagunça inútil. Eu mereço uma medalha por ser tão descuidada.

– Belas flores. – Seu tom curioso não me escapa.

– Ah, sim. Meu irmão – digo depressa.

– Que lindo. – Ele sorri e vai para o seu escritório.

Meu telefone começa a dançar sobre a mesa, indicando uma mensagem de texto.

VOCÊ é linda e eu sei que sabe. Safada! Estou com saudade.

Beijo, J.

Eu me derreto na mesa. Também estou com saudade dele, mas nesse momento estou aflita por ter de ir ao consultório da dra. Monroe pela terceira vez. Isso é ridículo.

Com o celular na mão, decido que é melhor fazer a ligação que eu realmente não queria fazer e tirar isso logo do caminho. Ligo para Matt, e o telefone toca duas vezes antes que ele atenda.

– Ava? – ele parece feliz por ouvir minha voz.

– Preciso pegar minhas coisas. – Vou direto ao ponto. Se eu não precisasse das coisas que ainda estão lá, jamais ligaria para ele. Falar com ele me causa um incômodo físico. Fiquei com ele por quatro anos. Como isso aconteceu?

– Claro.

– Posso passar aí na quinta, depois do trabalho? Lá pelas seis horas?

– Claro! Vou esperar ansioso – ele responde, entusiasmado.

Quero gritar ao telefone “Por que você ligou para os meus pais, seu verme?”, mas sei que Matt provavelmente espera uma reação de mim. Não vou dar esse prazer a ele.

– Ótimo, vejo você na quinta, então. – Por quê eu disse isso? Não é ótimo!

– Sim, até lá – ele soa convencido.

Eu estremeço e desligo. Se pudesse, pediria a Kate para pegar minhas coisas, mas sei que isso terminaria em lágrimas e talvez uma intervenção policial. Vou entrar e sair em dez minutos. Com certeza sou capaz de resistir à vontade de agredi-lo por esse período.

– Quer um café, Ava?

Olho para cima e vejo Sally brincando com seu rabo de cavalo. Tem algo diferente nela.

– Por favor. Como foi o fim de semana, Sal? – ela fica inquieta, seu rosto ganha uns dez tons de vermelho, e noto que as blusas de gola alta foram substituídas por uma de decote redondo. Uau! Sally tem belos peitos! Quem

diria?

– Foi muito bom. Obrigada por perguntar, Ava. – Ela vai para a cozinha.

Sorriso para mim mesma. Nossa Sally triste e sem graça deve ter feito algo com algum homem no fim de semana. Deixo o telefone sobre a mesa e começo a trabalhar nos meus arquivos, me preparando para a reunião com o sr. Van Der Haus na quarta-feira.

São dez e meia, e pego minhas coisas para visitar algumas obras.

– Sally, diga a Patrick que fui verificar algumas obras. Volto umas quatro e meia.

– Pode deixar – ela cantarola entusiasmada, enquanto arquiva algumas faturas. Sim, ela foi alvo do interesse de algum homem. Será que eles têm mesmo tanto impacto na nossa vida?

Passo por Victoria e Tom, que estão na porta.

– Querida, como foi seu fim de semana? – Tom cantarola.

– Ótimo – digo, aceitando o beijo no ar. – Preciso correr. Volto umas quatro e meia.

– Com licença. – Victoria passa por mim rapidamente.

– O que ela tem? – pergunto para Tom.

Ele revira os olhos.

– Não sei. Ela me ligou no sábado dizendo que estava apaixonada. E então a encontro esta manhã com essa cara péssima.

– Será que foi Drew?

Tom dá de ombros.

– Ela não quer conversar sobre o assunto. Não é um bom sinal. Vou tentar arrancar alguma informação dela. Falo com você mais tarde.

Vou para o metrô e paro na farmácia para comprar um gloss. Sou atraída para a gôndola de vitaminas, lembrando ter lido sobre deficiência nutricional enquanto pesquisava sobre alcoolismo na internet. Leio o que parece ser um milhão de rótulos, mas decido conversar com o farmacêutico.

Depois de uma conversa rápida, ele me sugere algumas coisas, mas recomenda que eu vá ao médico se estiver preocupada. Estou preocupada, afinal? Jesse insiste que não é alcoólatra e certamente não parece ter vontade de beber quando vê uma garrafa. Compro as vitaminas, mesmo assim.

Caminho pela Kensington High Street quando ouço “Ain’t No Sunshine”, de Bill Withers, tocando na minha bolsa. Dou um sorriso e não penso duas vezes antes de atender. Não preciso que ele entre em pânico por causa das chamadas perdidas nem me bombardeie durante visitas a clientes. Preciso mantê-lo estável e, se isso significa ter uma conversa rápida por telefone, que seja.

– Olá! – cumprimento.

– Meu Deus, que saudade de você. – Ele parece tão desanimado. Faz só quatro horas que ele me deitou no balcão da cozinha.

– Onde você está? – pergunto.

– No Solar. Está tudo sob controle. Não precisam mais de mim aqui. Você precisa de mim?

Não posso vê-lo, mas sei que está fazendo bico.

– Sempre. – Sei que é o que ele quer ouvir.

– Agora? – pergunta, ansioso.

– Jesse, estou trabalhando. – Tento não soar incomodada, mas tenho um dia ocupadíssimo pela frente.

– Eu sei – ele resmunga, soando derrotado. – O que está fazendo neste momento?

– Estou indo até um cliente e acabei de chegar, por isso tenho que desligar. – Ele pode não ser necessário lá, mas eu tenho uma agenda a cumprir.

– Oh, está bem – ele soa tão arrasado que eu me sinto culpada por dispensá-lo. Paro diante de meu destino e olho para o céu.

– Vou ficar na sua casa hoje à noite – anuncio, esperando que isso o acalme.

– Espero que sim, você mora lá!

Eu reviro os olhos. É claro que moro.

– Vejo você mais tarde.

– Vê sim. A que horas? – ele pressiona.

– Umas seis.

– Umas... – ele sussurra. – Eu amo você, Ava.

– Eu sei que ama. – Desligo e subo os degraus que levam à entrada da nova casa do sr. e da sra. Kent.

– Belas flores.

Olho para a frente e vejo Victoria de pé, ao lado da minha mesa. Ela está menos laranja, mas não menos miserável do que hoje de manhã.

– Você está bem? – pergunto, imaginando se Tom conseguiu arrancar alguma informação dela.

– Na verdade, não.

– Quer falar sobre isso? – dou corda.

Ela dá de ombros.

– Na verdade, não.

Tento não parecer entediada, mas é difícil. Não tenho energia para fazê-la falar. Levanto para ir à cozinha pegar uns biscoitos. Preciso de minha dose de açúcar.

Encontro Sally lavando a louça.

– Oi, Ava – ela diz, feliz.

Por outro lado, estou morrendo de vontade de arrancar informações de Sally. Estou louca para saber o que colocou um sorriso enorme nesse rosto e provocou a introdução das blusas decotadas.

– O que fez no fim de semana, Sal? – pergunto casualmente, enquanto enfio a mão na lata de biscoitos. Vejo-a corar de novo. Alguma coisa aconteceu mesmo. Se ela disser que fez ponto cruz e limpou as janelas, vou me enforcar.

– Ah, sabe... Eu sai para beber. – Ela está tentando parecer casual, não está

fracassando em grande estilo.

Eu sabia!

– Que bom. Com quem? – finjo desinteresse. É difícil. Estou desesperada para descobrir que nossa Sally, tão sem graça quanto uma máquina de lavar louças, que usa saia xadrez e blusa de gola alta, a faz-tudo do escritório, é uma dominatrix ou algo assim.

– Tive um encontro – ela conta, mantendo o péssimo tom casual fingido.

– Sério?! – digo, num rompante. Nossa, soou tão mal. Eu não queria parecer chocada, mas estou.

– Sim, Ava. Eu o conheci na internet.

Encontros pela internet? Só ouvi coisas ruins sobre isso. Eles parecem modelos de cuecas nas fotos do perfil, mas pessoalmente parecem mais *serial killers*. Mas Sal parece feliz.

– E foi bom?

– Sim! – ela grita. Quase engasgo com meu biscoito. Nunca a vi tão animada.

– Ele é perfeito, Ava. Vamos sair juntos amanhã outra vez.

– Ah, Sally, estou muito feliz por você.

– Eu também! – ela cantarola. – Estou indo embora. Você precisa de alguma coisa antes que eu vá?

– Não, pode ir. Vejo você amanhã. – Ela sai dançando da cozinha, fico encostada na pia e como mais três biscoitos de chocolate.

Quando chego à entrada do Lusso, os portões se abrem imediatamente. O carro de Jesse não está aqui.

Entro no foyer carregando as malas e as flores e vejo Clive apertando vários botões em seu sistema superavançado de segurança.

– Oi, Clive!

Ele olha para mim e sorri.

– Ava, como vai?

Péssima! Tive um dia ridiculamente ocupado. Quero tomar um banho, vestir uma roupa confortável, beber uma taça de vinho. Não posso fazer nenhuma dessas coisas e estou brava porque Jesse não parou de insistir para que eu estivesse aqui, sendo que ele mesmo não está.

– Cansada – murmuro, indo me sentar em um suntuoso sofá. Posso até cair no sono.

– Aqui. O sr. Ward deixou isso para você.

Olho para Clive e o vejo segurando uma chave cor-de-rosa. Ele me deixou uma chave? Então ele sabia que não estaria aqui e nem se importou em me ligar para avisar.

Vou até Clive e pego a chave.

– Quando ele saiu?

Clive continua apertando e girando comandos enquanto estuda os monitores.

– Ele passou por aqui por volta das cinco horas para deixar a chave.

– E disse quando estaria de volta?

- Jesse espera que eu fique aqui aguardando?
- Nem uma palavra, Ava. – Clive não se dá ao trabalho de olhar para mim.
- Ele perguntou sobre a mulher que veio visitá-lo?
- Não, Ava – ele soa quase irritado.

Ele não perguntou porque sabe. E vai me dizer.

Deixo Clive brincando com seu equipamento, subo para a cobertura, usando minha chave cor-de-rosa, e vou direto para a cozinha. Abro a geladeira e me deparo com prateleiras e mais prateleiras de garrafas de água. Fecho a porta com mais força do que o necessário. A geladeira não tem culpa de não ter vinho.

Sento em um dos bancos e olho em volta para a descomunal cozinha que desenhei. Amo esse lugar e nem em um milhão de anos eu sonharia que teria a oportunidade de morar aqui. Agora que tenho, no entanto, não sei ao certo se quero. Eu amo Jesse, mas temo que viver com ele possa encorajar seu comportamento controlador e seu temperamento difícil. Ou ele ficaria melhor? Mais razoável?

Meu estômago revira e ronca, lembrando que eu deveria comer alguma coisa. Só comi aqueles biscoitinhos hoje. Não é de se admirar que esteja exausta.

Estou quase me convencendo a levantar meu traseiro cansado do banco quando ouço a porta de entrada se abrir e, segundos depois, Jesse entra na cozinha parecendo tão esgotado quanto eu. Ele não diz nada por um bom tempo. Fica ali, parado, olhando para mim, e noto que suas mãos tremem de leve, e suas têmporas estão molhadas de suor. Meu desejo por uma taça de vinho passa na hora.

- Você está bem?

Ele vem devagar até mim e me faz levantar. Puxa a barra do meu vestido até a cintura e me levanta, para que eu enlace as pernas em sua cintura. Ele enterra o rosto nos meus cabelos e nos leva para fora da cozinha. Posso sentir as batidas do seu coração no meu peito e me agarro a ele enquanto sobe a escada em silêncio, comigo nos braços. Tenho vontade de perguntar o que aconteceu, tenho várias coisas para perguntar, mas ele parece tão desanimado.

Jesse vai direto para a cama e rasteja sobre ela, comigo ainda agarrada a ele, e se deita sobre mim distribuindo o peso sobre o meu corpo todo. É reconfortante. Prendo meus braços em torno dele, respiro fundo em seu pescoço e inspiro o cheiro de água fresca. Dou um suspiro contente. Jesse pode ser um fator agravante para o meu estresse e cansaço, mas os faz desaparecer tão rápido quanto os causa.

– Me diga quantos anos você tem. – Quebro o silêncio, depois de abraçá-lo até as batidas de seu coração voltarem ao ritmo normal.

- Trinta e dois – ele responde, com o rosto no meu pescoço.

– Diga.

- Faz diferença? – ele pergunta, exausto.

Não faz diferença, mas quero saber. Ele pode até gostar desse jogo, mas eu não gosto, e não vai fazer a menor diferença em como me sinto. Só acho que preciso saber. É uma informação obrigatória, como a cor, comida ou música

favoritas – todas as coisas que não sei. Sei tão pouco sobre ele. Mas me corrijo no mesmo instante: preto, manteiga de amendoim e “Angel”.

– Não, mas gostaria que você me dissesse.

Ele acaricia meu pescoço com o rosto.

– Tudo o que você precisa saber é que amo você.

Dou um suspiro e começo a pensar em introduzir uma transa da verdade no nosso relacionamento. Alguma coisa tem que funcionar para tirar essa informação banal dele. Sei que perguntar com persistência não está dando resultados satisfatórios.

– Como foi seu dia? – ele pergunta, a voz abafada nos meus cabelos.

– Estupidamente ocupado, mas muito produtivo. – Estou satisfeita com o que consegui fazer hoje, considerando que eu pensava que receberia um bombardeio de ligações e mensagens de texto. – E você precisa parar de mandar flores para o meu escritório.

Ele levanta a cabeça e encontro um olhar de incômodo.

– Não. Vamos tomar um banho.

Reviro os olhos diante da teimosia, mas não consigo pensar em nada melhor a fazer nesse momento do que entrar na banheira com ele.

– Eu adoraria.

Ele levanta, o que me faz ter que soltar seu pescoço, e então me beija.

– Fique aqui, vou preparar o banho. – Ele pula da cama e tira o paletó enquanto vai para o banheiro.

Ouçõ a torneira se abrir e viro para deitar de lado, satisfeita e calma. Ele me deixa assim, e é nessas horas que sei por que estou aqui. Pelo fato de ele ser atencioso, apaixonado e carinhoso. Talvez morar com ele não seja ruim, afinal. Mas logo lembro que nesse momento estou no Sétimo Cêu de Jesse. Não vou pensar assim quando não me conformar com alguma de suas ordens. E isso vai acontecer, e pode até ter a ver com essa história de morarmos juntos.

Ele volta do banheiro, e eu me deito e admiro seu charme incrível. Ele tira a gravata e a joga na *chaise longue* ao seu lado e então começa a desabotoar a camisa, que fica aberta. Ele se agacha para tirar os sapatos e as meias. Agora está descalço e com as calças pendendo naquele quadril lindo e estreito, a camisa aberta, revelando as linhas definidas de seu peito. Eu poderia mordê-lo. E ele provavelmente ia gostar.

– Apreciando a vista?

Eu o encaro e vejo as duas piscinas verdes me estudando. Só esse olhar é o bastante para me deixar molhada.

– Sempre – minha voz sai rouca.

– Sempre – ele confirma. – Venha aqui.

Levanto da cama e tiro os sapatos.

– Deixe o vestido – ele ordena, com delicadeza.

Caminho até ele, com os olhos fixos em seu olhar hipnótico. Meu coração ricocheteia em meu peito, e abro os lábios para deixar escapar a respiração curta, observando-o passar a língua sobre o lábio inferior.

– Vire.

Eu o obedeço e giro, ficando de costas para ele. Sinto a palma das mãos dele nos meus ombros e o contato, mesmo pelo vestido, traz minhas terminações nervosas à vida.

Ele se inclina e encosta a boca na minha orelha.

– Gosto muito desse vestido. – Suas mãos se encontram na minha nuca, onde ele junta os meus cabelos, colocando-os sobre o ombro, antes de abrir devagar o zíper do meu vestido.

Eu flexiono os músculos do pescoço para tentar controlar a necessidade incrível de acalmar os tremores que ele provoca, mas desisto quando sinto seus lábios tocarem o alto das minhas costas, e sua língua correr pela minha nuca. Todos os meus pelos se arrepiam, e arqueio a coluna em resposta ao seu estímulo longo e quente.

– Amo as suas costas. – Sua boca vibra na minha pele, causando mais tremores. E continua falando perto da minha orelha.

– Você tem uma pele tão macia.

Minha cabeça pende para trás e encontra o ombro de Jesse, e meu rosto se vira na direção do pescoço. Ele ajusta a cabeça até seus lábios encontrarem os meus, puxa a parte da frente do vestido e me despe.

– Renda? – ele pergunta.

Faço que sim com a cabeça, e seus olhos brilham de desejo. Ele me beija com cuidado, como se eu fosse de vidro. Nossas línguas dançam e deslizam uma na outra sem o menor esforço, e me inclino sobre ele, em busca de apoio. Estou saboreando a gentileza e o toque suave.

Suas mãos encontram meus seios, e ele belisca meus mamilos de leve através da renda do sutiã, estimulando-os até ficarem intumescidos.

– Está vendo o que você faz comigo? – ele esfrega o quadril nas minhas costas, demonstrando exatamente o que faço com ele, antes de me dar um beijo inocente nos lábios. – Vou morrer amando você, Ava.

Eu sei como ele se sente. Também não vejo futuro sem ele e fico ao mesmo tempo excitada e apreensiva com isso. É o desconhecido. Ele ainda é desconhecido. Preciso de mais do que apenas seu corpo, sua atenção... sua personalidade complicada.

Ele puxa os bojos do meu sutiã para baixo, expondo meus seios, e passa a palma das mãos pelos meus mamilos.

– Você e eu – ele sussurra no meu ouvido, deslizando uma das mãos pelo meu corpo, direto para o meu sexo.

Meus joelhos falham quando a mão dele me apalpa sobre a calcinha, um fluxo de fogo líquido descendo por mim, meus quadris se insinuando contra ela para obter mais fricção.

– Eu excito você, Ava?

– Você sabe que sim – dou um gemido quando ele roça o quadril em mim.

– Me abraçe – ele pede baixinho. Estico os braços para trás e envolvo o pescoço dele. – Você está molhada para mim?

– Estou.

Ele prende um polegar de cada lado da minha calcinha.

– Só para mim – ele sussurra, passando a língua devagar pela borda da minha orelha.

– Só para você – concordo, num fio de voz. Não preciso de nada além dele.

Sinto um movimento brusco, ouço algo se rasgando e então vejo minha calcinha pendurada em seu dedo indicador, diante de mim. Ele a joga no chão e a outra mão vai parar no meu quadril.

Eu me contorço de leve, e ele ri no meu ouvido. Seus dedos se movem para dar a volta no meu quadril, me expondo, enquanto a outra mão paira na minha frente.

– O que eu devo fazer com essa mão, Ava? – ele mostra a mão boa para mim.

– Me mostre.

Meu coração acelerado não ajuda em nada para acalmar minha respiração entrecortada. Quero a mão dele em mim. Tiro o braço do pescoço e pego sua mão, guiando-a devagar entre as minhas pernas e espalmando-a contra a minha pele.

Começo a fazer pressão contra a mão e movê-la até que a palma cubra meu sexo, a umidade garantindo que se mova com facilidade. Perco o fôlego, meu quadril se choca com seu membro, fazendo um gemido escapar dos lábios dele, e minha cabeça pender para trás. Preciso que ele me beije.

Viro para encará-lo, e Jesse entende, roçando os lábios nos meus. Prendo seu lábio inferior com os dentes e puxo de leve para fazê-lo se soltar, seus olhos fixos nos meus, enquanto continuo a mover sua mão num vaivém, em uma carícia lenta e contínua.

– Não goze – ele diz, com a voz rouca.

Tiro a mão dele e a coloco em sua boca, que me olha enquanto passa a língua da palma em direção aos dedos. Meu Deus, estou desesperada por ele, mas não posso desobedecê-lo – não nesses momentos.

Ele abre meu sutiã e me vira para encará-lo, antes de afastar meus cabelos com a mão.

– Prometa que nunca vai me deixar.

Encaro seu olhar perturbado. Não consigo me acostumar com essa faceta dele. Não gosto dela, mas pelo menos ele está pedindo, não ordenando.

– Prometa.

– Eu prometo. – Desabotoo os punhos da camisa um de cada vez e a deslizo pelos ombros de Jesse. Ele deixa os braços caírem ao longo do corpo e abaixa a cabeça para me observar, enquanto tiro seu cinto e abro o zíper de sua calça. Minhas mãos mergulham dentro da calça e da cueca, para puxá-las pelo quadril e pela pele firme e macia de seu traseiro e de suas coxas, seu mastro pulsante pulando para fora, convidativo. Isso dispara todas as formas desesperadas de desejo em mim, e ver seus músculos do abdome se retesando enquanto acaricio seu tórax, maravilhada com sua beleza, também não ajuda em nada.

– Não consigo mais esperar. Preciso estar dentro de você. – Ele deixa a calça

no chão e me levanta, fazendo minhas pernas o envolverem pela cintura. Sinto um tremor quando seu pênis roça minha entrada úmida, e Jesse me leva até a parede, onde sou pressionada contra a pintura fria e sinto sua glânde penetrando minha fenda, abrindo caminho. Ele respira fundo e enterra o rosto no meu pescoço, como se estivesse se preparando para me invadir. Não posso mais esperar. Mexo os quadris para a frente e vou ao encontro dele, recebendo-o todo dentro de mim.

– Oh, você ainda vai me matar – ele geme e fica paralisado por um momento.

Sinto vontade de ondular o quadril para instigar seus movimentos, mas percebo, pela maneira como ele pulsa e vibra aqui dentro, que faz o possível para se controlar, então fico imóvel e passo as mãos por seus cabelos loiros-acinzentados enquanto ele se acalma, o coração batendo tão forte que quase posso ouvir.

– Você está me esperando? – ele fica face a face comigo.

– Sim. – Entrelaço meus dedos no pescoço dele e aperto as coxas.

Ele rosna em sinal de aprovação e afasta as mãos das minhas costas, apoiando-as na parede, uma de cada lado do meu corpo. E então relaxa com uma respiração profunda e mergulha em mim, soltando o ar com força.

Dou um gemido, a sensação da investida pulsante e quente me faz mudar a posição das mãos e cravar as unhas nas costas dele. Colando a testa na minha, ele entra e sai do meu corpo.

Suspiro a cada investida, enquanto ele me excita cada vez mais. Meu Deus, ele é tão gostoso. Sua pele molhada de suor me faz perder a aderência das mãos, nosso hálito se mistura no espaço mínimo entre uma boca e outra.

– Me beije – ele pede ofegante, e pressiono meus lábios contra os dele, atacando sua língua.

Sinto um grito subindo pela garganta quando ele se afasta o máximo possível e logo depois me penetra com toda a força, me fazendo subir pela parede. Aperto as coxas em torno dele para conseguir me levantar um pouco e, em seguida, me solto, para que ele afunde mais dentro de mim.

– Santo Deus, mulher! Por que você faz isso comigo? – ele empurra o quadril para a frente sem parar, me jogando parede acima, absorvendo meus gritos enquanto me beija até quase me matar. – Esperei o dia todo por isso. – Mais um golpe do quadril. – Foi o dia mais longo da minha vida.

– Hummm, você é tão gostoso. – Estou adorando tanta atenção.

– Eu sou gostoso, é? Merda, Ava, você me enlouquece. – Ele me penetra outra vez.

– Jesse! – Sou puro desespero. Os movimentos calmos são abandonados rápido, sendo substituídos por investidas mais agressivas.

– Ava, aonde quer que eu vá a partir de agora, eu vou levar você comigo.

Mais uma estocada.

Socorro, estou lutando. Cravo as unhas na sua carne.

– Merda, Ava! – ele me devora, e gotas de seu suor pingam em mim. – Você

vai gozar.

– Forte!

Ele murmura em minha boca. Não aguento mais. Ele me ataca com ferocidade, e eu explodo, a carga de prazer alcança o pico máximo e transborda, minhas unhas rasgam suas costas, meus dentes se cravam no seu lábio inferior. Encosto a testa em sua pele molhada e salgada, onde seu pescoço encontra o ombro, e balanço a cabeça de um lado para o outro, enquanto sinto espasmos incontrolláveis contra o corpo imenso dele.

– Ava! – ele grita, se afasta e volta com tudo, se afasta e mergulha de novo, chegando ao orgasmo enquanto ondas e mais ondas de contrações me fazem sugá-lo.

Ele geme e cai de costas no chão, suando e ofegante. Eu me arrasto e me esparramo sobre dele, coloco a mão em seu peito escorregadio e me esfrego de leve em seu quadril. Ele joga os braços acima da cabeça e me vê trazendo os dois de volta para a Terra. Estamos molhados, sem fôlego e satisfeitos. Eu estou exatamente onde deveria estar.

– No que está pensando? – ele ofega, voltando o olhar para mim.

– No quanto amo você – digo a verdade.

Seus lábios se curvam, e uma expressão de pura satisfação se espalha por seu lindo rosto.

– Eu ainda me qualifico como seu deus?

– Sempre. Ainda sou sua sedutora? – dou um sorriso e acaricio seu peito.

– Isso você é com toda a certeza, Ava. Meu Deus, eu amo o seu sorriso. – Ele me oferece um de seus sorrisos safados.

Aperto seus mamilos.

– Banho, meu deus?

Ele se levanta de repente, quase batendo a cabeça na minha.

– Merda! Deixei a torneira aberta! – Ele pula comigo no colo e, ainda enterrado em mim, solta um ruído de dor quando me agarra com muita força com a mão machucada.

– Me solte! – Tento me desvencilhar dele, o que o faz me segurar com mais vontade.

– Nunca! – Ele nos leva para o banheiro, onde descobrimos que a banheira não encheu nem três quartos. Ele fecha a água.

– É possível deixar a água correr por uma semana, e a banheira não vai ficar cheia – comento, enquanto ele entra e nos coloca na água.

– Eu sei. A designer de toda essa merda italiana obviamente não tem a menor preocupação com o meio ambiente e com minhas pegadas de carbono.

– Disse o sujeito que tem doze supermotos – provoco e dou um suspiro feliz quando meu corpo mergulha na água relaxante, ainda no colo dele, ainda empalada por seu pênis semiereto. – Posso passar o dia todo olhando para você. – Passo a ponta do dedo por cada centímetro daquele peito firme, definido e ligeiramente bronzado dele, acariciando-o e o estimulando. Estamos em um silêncio confortável, e ele acompanha o toque delicado pelo seu corpo todo, meus

dedos subindo até seu pescoço, seu queixo, sua boca, que se abre, e os olhos cintilam quando eu me acomodo sobre seu peito e meus lábios encontram os dele.

– Eu amo a sua boca. – Dou beijos leves em torno de seus lábios e volto para onde comecei. – Amo seu corpo. – Minhas mãos acariciam seus braços, minha língua invade sua boca. – Amo sua cabeça louca, também. – Convido sua língua para dançar com a minha e nos lambemos gentilmente, enquanto minhas mãos voltam por seus braços, minhas mãos espalmam seu pescoço, e meu corpo arqueia de encontro ao dele.

Ele geme.

– *Você* me deixa louco, Ava. Só você.

Sinto suas mãos deslizarem pelas minhas costas até chegarem à nuca, me puxando para ele, as bocas se acariciando de leve, os corpos se esfregando de leve. Sei que o deixo louco, mas ele me enlouquece também.

Eu me afasto um pouco e fixo o olhar no meu homem insano.

– Louco.

– Só um pouco. – Ele sorri, me levanta de seu colo, me vira e coloca sentada entre as suas pernas abertas.

– Me deixe lavar você.

Ele pega a esponja e começa a me molhar com a água morna, colando o rosto no meu.

– Preciso falar com você sobre uma coisa – ele diz, em uma voz quase inaudível. Não há como negar sua apreensão.

Fico tensa.

– O que foi?

– O Solar.

Ele para de apertar a esponja nos meus ombros, e quase posso ouvir as malditas engrenagens girando naquela linda cabeça. Não gosto do rumo que a conversa na banheira está tomando hoje. Quero sair dali e ir para o chuveiro.

– A festa de aniversário. – Ele está claramente preocupado. E com razão.

– O que tem? – Não vou me preocupar porque não vou a essa festa, nem em um milhão de anos. Nunca, de jeito nenhum. Será que Kate vai? Sinto um calafrio só de pensar. Claro que vai.

– Eu ainda quero que você vá.

– Você não pode me pedir para fazer isso. Você me convidou antes de eu saber.

– Você pretende evitar meu local de trabalho para sempre? – ele pergunta, sarcástico.

Não gosto desse tom. Nem um pouco.

– Talvez.

– Não seja boba, Ava. – Ele começa a me esfregar de novo e beija minha têmpora. – Diga pelo menos que vai pensar no assunto?

Solto um suspiro cansado.

– Não posso prometer nada. E se você tentar usar o sexo para isso, vou embora – ameaço. Estou sendo totalmente dramática, mas quero que ele saiba o quanto não quero ir.

Ele acaricia minha orelha e coloca as pernas em torno das minhas.

– Quero que a mulher que faz meu coração bater esteja lá comigo.

Meu Deus! É a maior chantagem emocional que já ouvi. Maldito Jesse Ward, cuja idade *ainda* não conheço. Deixo-o continuar me lavando, enquanto penso em como usar isso em meu benefício. Talvez eu consiga trocar essa informação pela minha presença na festa de aniversário do Solar. Preciso pensar no seguinte: quero saber a idade dele tanto quanto *não* quero ir à festa? É uma situação difícil.

– Você conversou com Clive? – Sei que não. Estou tentando ser esperta.

– Sobre o quê?

– A mulher misteriosa.

– Não, Ava, não tive tempo. Mas prometo que vou perguntar. Estou tão curioso quanto você. Está com fome? – Ele faz círculos com a língua na minha orelha. Eu poderia dormir com essa carícia. Pelo menos não menti sobre ter falado com Clive.

– Não vou conseguir dormir enquanto você não me disser quem é essa mulher.

– Como eu posso dizer, se não sei quem ela é?

– Você sabe.

– Não sei, porra!

Tenho um sobressalto diante da grosseria dele, e então sinto seus braços me apertarem com mais força.

– Desculpe, Ava.

– Tudo bem – digo baixinho. Mas não está nada bem. Eu *vou* falar com Clive pela manhã.

– Minha querida garota está exausta – ele sussurra. – Delivery? – Ele morde o lóbulo da minha orelha, passando a sola dos pés nos meus tornozelos.

– Você tem uma geladeira cheia de comida. É um desperdício.

– Bem, você está com vontade de cozinhar?

Não, não estou, mas noto que ele também não se oferece. Pensando bem, ele admite sem rodeios que cozinhar é uma das únicas coisas que não faz maravilhosamente bem. E estava falando sério, o arrogante.

– Delivery – concordo.

– Vou pedir o jantar enquanto você lava a cabeça. – Ele levanta e me deixa na banheira enorme, observando seu corpo nu e úmido sair do banheiro e retornar com xampu e condicionador. Fico eternamente grata. Meus pobres cabelos têm sido muito maltratados ultimamente. Ele sorri e abaixa até beijar minha testa.

– Use renda.

Capítulo 8



Eu me espreguiço e imediatamente noto a ausência de Jesse na cama. Apoiada nos cotovelos, vejo-o sentado na chaise longue, inclinado para a frente.

Oh não!

Deito de novo, o mais discreta possível, e fecho os olhos. Talvez ele nem tenha notado que acordei – se eu tiver sorte. Depois de alguns minutos de silêncio, sinto a cama afundar sob o peso dele, mas mantenho os olhos bem fechados, implorando mentalmente que Jesse me deixe em paz.

Um bom tempo se passa enquanto finjo dormir, e ele não me toca, então abro os olhos com cuidado e encontro piscinas verdes em puro deleite olhando para mim. Solto um gemido alto e vejo um esboço de sorriso se formar nos cantos de sua boca. Viro para deitar de bruços e cubro a cabeça com um travesseiro. Ouço Jesse rir enquanto pega o travesseiro e me vira outra vez.

– Bom dia! – ele cantarola, e faço uma careta diante de sua felicidade matinal.

– Por favor, não me obrigue. – Ele segura minha mão com sua mão boa e me faz sentar. Esperneio dramaticamente em repulsa à ideia dele de como começar o dia, e quase começo a chorar quando ele me apresenta roupas de corrida recém-lavadas, que tão generosamente comprou para mim.

– Quero sexo preguiçoso – suplico. – Por favor.

Ele me faz levantar da cama e tira minha calcinha de renda, tocando meus tornozelos para me fazer levantá-los, um de cada vez.

– Vai fazer bem para você.

Sigo as suas instruções para me vestir.

– Isso é tortura – resmungo. Ele não tem problema em correr distâncias absurdas todos os dias.

– Gosto de ter você comigo.

Continuo mau-humorada, mas quieta, enquanto o deixo me vestir e me levar ao foyer do Lusso. Saímos sob o sol da manhã, com pássaros cantando e o ruído dos carros de entregas. Começo a me alongar antes que Jesse me dê qualquer instrução, e ele sorri e me observa, ao mesmo tempo que prepara os próprios músculos. Quero continuar ranzinza, mas ele está delicioso demais de shorts pretos e camiseta regata branca, os cabelos despenteados e a barba da manhã no tamanho perfeito.

– Pronto? – cantarolo, começando a pular na direção do portão de pedestres. Digito o código para abrir e saio correndo rumo à margem do Tâmis. Já me sinto melhor.

– Pense nisso... – ele comenta, me acompanhando, para iniciarmos um ritmo cadenciado. – Podemos fazer isso juntos todas as manhãs.

Começo a tossir, respirando fundo. Mais de vinte quilômetros toda manhã? Acho que não, seu maluco.

Seguimos em passadas estáveis, e eu me lembro das vantagens de correr a essa hora do dia. Tudo é mesmo muito calmo e relaxante.

Depois de chegarmos ao Green Park, seguimos rumo à Piccadilly, passando pelo ponto onde desabei da última vez. Dou uma olhada para o local onde me sentava todas as manhãs, arrancando folhas de grama e absorvendo o orvalho com a calça. Posso me ver ali – abandonada, pálida e vazia –, uma mulher incompleta.

– Ei.

Saio de meus devaneios e olho para Jesse, encontrando nele uma expressão preocupada.

– Estou bem. – Expiro, sacudindo a cabeça e abrindo um sorriso tranquilizador.

Esqueço os pensamentos tristes e me felicito internamente. Vou conseguir! Sinto o cotovelo de Jesse me cutucar e vejo um olhar de reconhecimento pelo meu feito. Faço um cálculo rápido e descubro, porém, que só fizemos três quartos do percurso e a noção de ainda ter mais sete quilômetros pela frente me faz chegar a uma barreira... outra vez. Meus pulmões parecem esvaziar, e meu corpo arde.

Não vou conseguir.

Persisto por mais alguns metros, mas entro no parque por outro acesso, e deito dramaticamente na grama úmida... outra vez. Respiro ar valioso para meus pulmões ressecados e ofego como um cão no cio.

Vejo Jesse se aproximar e me olhar de cima, mesmo estando com a vista um pouco turva.

– Fui melhor que da outra vez – digo entre respirações longas e ruidosas.

Ele sorri.

– Foi, sim, Ava. – Ele se ajoelha ao meu lado e levanta a minha perna, fazendo círculos firmes e lentos nas minhas panturrilhas. Solto um gemido, e ele ri. – Estou orgulhoso de você. Mais uns dias e você vai fazer o percurso todo voando.

O quê? Meus olhos se arregalam mesmo estando fechados. Se eu tivesse fôlego sobrando, eu tossiria de desgosto, mas, como não tenho, apenas fico deitada na grama enquanto ele massageia, com suas mãos mágicas, todos os meus músculos doloridos. Rápido demais, no entanto, ele me faz sentar e balança uma nota de vinte diante dos meus olhos.

– Vim preparado. Café? – Ele faz um sinal com a cabeça, e vejo um Starbucks mais adiante.

Eu poderia beijá-lo. Abraço Jesse, grata por ele ter se programado. Ele me trouxe de volta à vida com sua massagem, e agora eu vou ganhar um café do Starbucks. A corrida valeu a pena. Ele ri e se levanta comigo ainda pendurada em seu pescoço.

– Vamos. – Ele me faz soltar os braços, pega a minha mão, e caminhamos juntos até a Starbucks, onde somos atendidos rápido, dado o horário.

– Quer algo para comer? – Jesse pergunta.

– Não – respondo, tirando os olhos das tentações de dar água na boca, no balcão de vidro.

Ele sorri e apoia a mão na minha nuca, me puxando para perto e pousando os lábios na minha testa, antes de voltar sua atenção para a balconista suspirante.

– Um cappuccino com dose extra de café sem chocolate, um espresso sem açúcar e dois muffins de mirtilo, por favor. – Ele abre um sorriso estonteante para a menina, que retribui com um riso nervoso. Ele volta o olhar para mim. – Ache um lugar para nós.

Encontro um lugar perto da janela e solto o corpo no sofá de couro. Que jeito perfeito de começar o dia, fora os dezesseis quilômetros da corrida. Eu ainda escolheria sexo preguiçoso a isso. Eu escolheria sexo preguiçoso a qualquer outra coisa.

Não demora muito, e minha mente viaja de volta ao pedido de Jesse para que eu vá à festa no Solar. Que tipo de festa seria, afinal? Minha mente confusa é invadida por imagens de pessoas andando seminuas pelos corredores, luz difusa e música erótica ao fundo. E ganchos, gruas... chiques.

Que merda!

Seria uma grande sessão de sexo grupal com brinquedos eróticos! Oh, céus, meu bom Deus. Não só *não* quero ir como também não me agrada nem um pouco a ideia de Jesse estar lá. Pontadas de ciúme me apunhalam sem parar enquanto imagino mulheres babando em cima dele, tentando excitá-lo com promessas de sexo pervertido. Não há dúvida de que ele gosta de um pouco de brutalidade no sexo, e é muito bom nisso. Está acostumado com aquela coisa toda. Estou tendo um surto no meio de um Starbucks, e de novo sou lembrada de que Jesse tem muita experiência... com sexo... e brinquedos eróticos e...

Pare!

Eu vi o olhar daquelas mulheres quando estive no Solar. *Eu* era uma intrusa e posso imaginar a recepção que teria se fosse à festa. Com certeza não seria mais acolhedora do que em todas as minhas visitas prévias. Eu estaria, aliás, atrapalhando a farra deles.

– Sonhando acordada?

Desvio meu olhar da vegetação linda do parque, do outro lado da rua, para encontrar os olhos verdes e lindos do meu senhor do Solar do sexo. De repente, me sinto deprimida e deslocada. E muito, muito amarga – ressentida e consumida pelo ciúme.

Dou um sorriso nada convincente, e Jesse me olha desconfiado, enquanto coloca as bebidas e os muffins na mesa. Começo a tirar pedaços do meu muffin e mexo meu café.

– Não vou à festa – anuncio para o meu cappuccino. – Eu amo você, mas não posso fazer isso – acrescento essa última parte para suavizar o golpe. Meu senhor não aceita um “não” com facilidade. Sei que ele está me observando, mas não

consigo reunir força para fingir que estou bem. Não estou e, passados alguns minutos de silêncio, olho para ele para tentar descobrir que expressão vou encontrar naquele lindo rosto. Não há raiva nem mau humor, mas sua linha de expressão está a postos, e ele está mordendo o lábio inferior.

– Não vai ser como você acha, Ava – ele diz baixo.

– O que quer dizer?

Ele toma um gole do café e o deixa sobre a mesa antes de se inclinar para a frente em sua cadeira e descansar os cotovelos nos joelhos.

– O Solar alguma vez deu a impressão de ser um clube de sexo decadente?

– Não – admito.

– Ava, não vai ter gente andando nua, nem fazendo propostas indecentes. Você não vai ser forçada a subir para o salão aberto. Existem regras.

– Regras?

Ele sorri.

– Os únicos lugares onde é permitido tirar a roupa são o salão aberto e as suítes privadas. O andar térreo, o spa e as quadras de esporte funcionam como qualquer outro clube. Não sou dono de um bordel, Ava. Os membros pagam um bom dinheiro por tudo que o Solar proporciona, não apenas o privilégio de realizar suas fantasias sexuais com pessoas que pensam da mesma forma.

– Qual é a sua preferência sexual? – pergunto, de modo quase inaudível. Sei que estou ruborizando e tenho vontade de me dar um chute por isso. De todas as perguntas que eu poderia fazer, é isso que pergunto? Que diabos há de errado comigo?

Ele abre aquele sorriso atrevido e coloca um pedaço de muffin na boca, mastigando muito devagar de propósito, me estudando enquanto me contorço sob seu olhar intenso.

– Você.

– Só eu?

– Só você, Ava.

Seu tom é grave e determinado, e não consigo conter o sorriso que roça os cantos de minha boca. Ele acaba de multiplicar seu magnetismo sexual por dez.

– Que bom. – Dou a primeira mordida de verdade no meu muffin, imensamente satisfeita com a resposta dele. Só eu. Gosto dessa resposta. Será que me importo com o que acontece no Solar, contanto que ele não esteja envolvido? Tenho apenas que desconsiderar que um dia esteve. Até onde ele esteve envolvido, afinal? E eu preciso mesmo saber?

Nós nos encaramos por um tempo, Jesse passando o dedo pelo lábio inferior e eu maravilhada com o fato de que ele fica extremamente sexy fazendo isso.

– Você vai? – ele pergunta, em vez de exigir. Para os padrões de Jesse, isso é ser bastante racional. – Por favor – ele acrescenta, esperançoso, fazendo bico.

Não consigo negar nada a esse homem.

– Só porque amo você.

O bico que ele fazia se transforma em um sorriso arrebatador, e eu me derreto no sofá.

- Diga isso de novo.
- O quê? Que você vai gozar da minha companhia?
- Ah, quem vai gozar é você. Não, diga que me ama de novo.
- É verdade – dou de ombros. – Eu amo você.

Ele sorri.

– Sei que ama. Eu amo ouvir você dizer isso. – Ele levanta seu corpo maravilhosamente devagar e estende a mão para mim. Eu a seguro e colo em seu peito quando Jesse me puxa de leve. – Se você tivesse continuado a correr, estaríamos em casa agora, e eu estaria dentro de você.

Ele me dá um beijo longo e depois me joga sobre o ombro, antes de sair para a rua.

Dou uma olhada para a menina que nos serviu, e ela suspira ao me ver no ombro do meu Adônis. Sorrio para mim mesma. É o que toda mulher quer, o que eu tenho. Ninguém vai tirá-lo de mim, então, se eu tiver que ir àquela maldita festa de aniversário para lutar contra a horda de leões que esperam o momento de cravar suas garras nele, eu vou. Serei o rolo compressor.

Sou jogada dentro de um táxi e submetida a uma torturante viagem para casa. Posso ver o volume sólido e óbvio sob os shorts de Jesse, e eu me contorço para tentar disfarçar a tensão que me consome entre as pernas.

– Bom dia, Clive – Jesse diz, com pressa, enquanto me leva pelo foyer. Que bom que estou de tênis de corrida, porque estou quase correndo. Ele me empurra para dentro do elevador, digita o código de segurança com um pouco mais de força do que seria necessário e me prende contra a parede de espelhos, atacando minha boca com avidez.

– Talvez eu tenha que comer você *antes* de sair para correr daqui para a frente – ele rosna, com a boca na minha. Seu tom selvagem me faz derreter sob seu corpo forte. Minhas mãos estão agarradas aos seus cabelos, e sua boca, grudada na minha, as línguas duelando. Vai ser intenso e rápido. Já deixamos o sexo preguiçoso para trás e, se as portas desse elevador não abrirem logo, pode acontecer aqui mesmo.

As portas se abrem, e ele me faz andar para trás pelo hall da cobertura, as bocas coladas e as línguas em uma batalha acirrada. Eu não sei como ele consegue abrir a porta do apartamento sem romper nosso contato, e eu sou despidas das roupas de corrida suadas antes mesmo que ela se feche. Ele quer tudo rápido, e estou completamente de acordo. Tiro os tênis enquanto ele tira meus shorts e logo depois puxa a camiseta dele. Ele solta a minha boca apenas pelos segundos necessários para passar a peça pela cabeça, fazendo sua boca colidir contra a minha e me empurrando de costas para a parede ao lado da porta.

Ele me vira.

– De joelhos, apoie as mãos na parede – ele diz com urgência.

Não perco tempo e obedeço o comando enquanto ele tira os tênis e o calção.

Eu me ajoelho e abro as mãos na tinta fria, ofegante e impaciente. Ele segura

meu quadril com força e me contorço com as cócegas, mas ele não me dá folga. Ele puxa meu quadril, abre minhas pernas com os joelhos e se posiciona atrás de mim.

– Não goze enquanto eu não disser que pode. Entendeu?

Concordo e fecho os olhos para tentar me preparar para o ataque de poder que meu corpo vai enfrentar. A essa altura, eu já deveria saber que não há como me preparar quando ele está assim.

Sinto seu membro abrindo caminho em mim e, assim que percebe que está no ângulo certo, ele me penetra de uma vez, com um grito gutural. Jesse não me dá tempo para me ajustar nem para aceitá-lo. Ele imediatamente me puxa para si e começa movimentos frenéticos e impiedosos de vaivém dentro de mim. Está possuído.

Meu Deus!

Meus olhos se abrem em choque, e me seguro mais na parede, tentando desesperadamente me manter estável, enquanto ele continua me penetrando de maneira selvagem.

– Meu Deus, Jesse! – grito diante da deliciosa invasão do meu corpo.

– Você sabia que ia ser difícil, Ava – ele vocifera, sem parar. – Não ouse gozar.

Tento me concentrar em qualquer outra coisa que não seja a pressão que se acumula rápida e imensamente dentro de mim, mas seus ataques impiedosos e bárbaros não estão ajudando minha situação desesperada. Não vou durar muito nessa velocidade desenfreada.

– Merda! – ele ruga, em um frenesi. – Você. Me. Deixa. Louco! – ele pontua cada palavra com uma estocada forte e precisa. Estou suando mais agora do que durante a corrida de dezesseis quilômetros.

As mãos dele deixam meu quadril e deslizam pelas minhas costas, até me segurarem com força pelos ombros e minha cabeça pender para trás. – Estou delirando de prazer. Os sinais que me dizem que ele está próximo vêm dos seus braços direto para os meus ombros. Fico aliviada. Já não tem mais volta para mim, mas ainda não posso me entregar até receber permissão. O que ele faria se eu o desafiasse e desse vazão ao orgasmo que cresce em mim, afinal?

Ele continua a investir contra mim e, com um rugido ensurdecedor, me penetra com tanta força que lágrimas brotam nos meus olhos. Ele para e se inclina sobre mim, me empurrando contra a parede, fazendo círculos com o quadril. Estou vibrando, meu corpo à beira de um abismo. Ele agarra meu rabo de cavalo e me puxa contra o seu ombro, colocando a mão machucada entre minhas pernas.

Ele me puxa pelo cabelo até virar meu rosto, e minha visão turva se depara com olhos verdes escuros de prazer.

– Goze – ele comanda e suavemente acaricia meu centro, enquanto varre minha boca com a língua.

Suas palavras e seu toque desencadeiam uma carga de pressão em meu ventre que faz meu corpo inteiro pegar fogo, e eu explodo com um gemido

longo, alto e satisfeito em sua boca.

Relaxo em seu abraço e o deixo me massagear até o fim de meu orgasmo.

– Você é mesmo um deus – murmuro em sua boca, tirando as mãos da parede para abraçá-lo pelo pescoço.

Sinto seu sorriso nos meus lábios.

– Você é uma mulher de sorte.

– Você é um deus arrogante.

Ele sai de dentro de mim e me vira em seu abraço. Eu me mexo com ele e o envolvo de novo.

– Seu deus arrogante ama você demais. – Ele salpica beijos no meu rosto suado. – Seu deus arrogante quer passar o resto da vida enchendo você com seu amor e seu corpo. – Ele se levanta, me levando junto.

Estou em estado de êxtase, mas também estou ignorando a pequena parte do meu cérebro que tenta me lembrar de que o sr. Controlador acompanha o amor e o corpo de Jesse.

– Que horas são? – pergunto, tentando olhar além do rosto dele e da barba por fazer típica da manhã.

– Não sei. – Ele continua me sufocando com suas carícias, e começo a caminhar de costas em direção à cozinha, para olhar o relógio. Ele me segue, ainda agarrado a mim e me cobrindo de beijos.

Vejo as horas no relógio do forno.

– Merda!

– Ei! Olhe a boca!

Eu me desvencilho dele e saio correndo escada acima.

– São quinze para as oito! – berro, subindo dois degraus por vez. Onde foi parar o tempo? Meu deus arrogante é distração demais. Vou me atrasar muito.

Eu me jogo no chuveiro e tomo um banho rápido para livrar meu corpo do suor e do sêmen. Enquanto enxágua os cabelos freneticamente, sinto as mãos de Jesse deslizando pelo meu ventre e passo a mão nos olhos para vê-lo se curvar sobre mim com aquele sorriso atrevido estampado no rosto.

– Não – eu aviso. Não vou mais ser distraída por ele. Ele faz um bico e coloca as mãos nos meus ombros, me puxando para um beijo. – Vou me atrasar – explico sem vontade, tentando ignorar o desejo que cresce em mim enquanto ele me provoca com os lábios.

– Quero marcar um horário – ele diz, lambendo meu lábio inferior, esfregando o pênis na minha barriga.

– Para me comer? Não precisa marcar hora para isso – respondo, tentando me afastar.

Ele rosna e me puxa de volta.

– Olha a boca! Já falei que não preciso marcar horário para comer você. Faço isso quando e onde quiser. – Ele se insinua outra vez, e agora sei que não tenho escapatória, antes de ser engolida de novo.

– Eu tenho que ir! – Eu me liberto do abraço e o deixo debaixo do chuveiro, parecendo um menino contrariado. Acabamos de fazer sexo, embora eu

também esteja disposta a fazer de novo.

Escovo os dentes, vou para o quarto e me sento diante do espelho, com meu estojo de maquiagem e o secador. Começo secando os cabelos rápido e os prendendo em seguida, antes de começar a aplicar a maquiagem.

Jesse sai do banheiro gloriosamente nu e sem vergonha. Lanço uma expressão brava para as costas dele, tirando depressa os olhos do corpo dele para continuar a me maquiar. Ele está me distraindo.

Eu me inclino para a frente a fim de passar o rímel e, quando volto, encontro Jesse ao meu lado, se olhando no espelho. Olho para o lado e dou de cara com a enorme glândula de meu membro semiereto. Não consigo desviar o olhar por um momento, em completo deleite, e apenas um instante depois meus olhos famintos vagam pelo corpo nu e o encontram virado para o espelho arrumando o cabelo. Ele sabe bem o que está fazendo.

Eu respiro fundo para me acalmar e volto à maquiagem, mas logo ele faz questão de se esfregar em mim, roçando a perna musculosa no meu braço. Sinto um calafrio e olho para Jesse, e seu rosto se contorce de leve, tentando fingir inocência. Cretino.

Ele baixa os olhos até o meu reflexo no espelho, os olhos cheios de promessas e então se senta atrás de mim, com uma perna de cada lado. Inclinando-se para a frente, ele pressiona seu corpo contra minhas costas, me envolvendo pela cintura e descansando o queixo no meu ombro. Fixo os olhos em seu reflexo.

– Você é linda – ele diz, com delicadeza.

– Você também – respondo, um pouco tensa ao sentir sua ereção protuberante nas costas.

Ele mal tenta disfarçar um sorriso, totalmente ciente do efeito que está causando.

– Não vá trabalhar.

Eu sabia.

– Por favor, não faça isso.

Ele faz um bico.

– Não quer cair na cama e receber minha atenção especial o dia todo?

Não consigo pensar em nada melhor que isso, mas se me render desta vez, tenho certeza de que vou criar um problema para mim mesma. Ele não pode me monopolizar o tempo todo, embora eu saiba que Jesse não considera que essa ambição seja desmedida.

– Eu preciso trabalhar – explico, fechando os olhos quando ele começa a beijar minha orelha.

– *Preciso de você* – ele acaricia minha orelha com a língua.

Meu Deus, preciso fugir agora!

– Jesse, por favor – tento me livrar dele.

Ele me olha feio pelo espelho.

– Está me rejeitando?

– Não, estou adiando – explico, esperneando um pouco mais e me virando em seus braços. Deito sobre ele, que geme com meus beijos. – Preciso trabalhar,

deus.

– Trabalhe em mim. Vou ser um cliente muito grato.

Eu me afasto para olhar para ele e sorrio.

– Você quer dizer que, em vez de me esforçar para manter os clientes satisfeitos com desenhos, projetos e cronogramas, eu deveria ir para a cama com eles?

Seus olhos se tornam sombrios.

– Não fale esse tipo de coisa, Ava.

– Foi só uma brincadeira – dou risada.

Ele nos vira e me prende sob seu peso.

– Está me vendo rir? Não diga coisas que vão me deixar louco de raiva.

– Desculpe – digo rápido. Preciso aprender a lidar com sua tolerância zero a piadas despretensiosas que sugerem qualquer relacionamento meu com outro homem.

Ele balança a cabeça, se levanta e vai para o closet. Aproveito a falta de distrações como uma oportunidade e termino minha maquiagem. Eu realmente o deixei chateado.

Uma imagem inesperada e indesejável de Jesse com outra mulher me vem à mente, me obrigando a balançar a cabeça também. Como se meu subconsciente estivesse me dando uma dose do meu próprio veneno. Faço uma careta e jogo o lápis de olho dentro do estojo de maquiagem. Funcionou. Sinto minha pele arrepiar de possessividade.

Depois de me lambuzar com hidratante de chocolate, visto uma lingerie de renda e meu tubinho vermelho.

– Gosto do seu vestido.

Assim que me viro, meus olhos são tomados por um homem devastadoramente bonito, vestido de terno azul-marinho. Dou um suspiro admirado. Ele está perfeito demais e não se barbeou. Eu derreto ali mesmo. Parece que o mau humor passou.

– Eu gosto do seu terno – devolvo.

Ele sorri e termina de arrumar a gravata cinza, antes de baixar o colarinho da camisa branca. Se eu fosse qualquer outra mulher e descobrisse o Solar e o deus que o administra, também ia querer me tornar membro.

Jogo minha bolsa sobre a cama, pego meu telefone, passo gloss nos lábios e apanho meus sapatos, tudo sob seus olhos curiosos. Reviro minha bolsa à procura das pílulas, mas sei que a busca é inútil.

– Perdeu alguma coisa? – ele passa perfume.

– Minhas pílulas – resmungo, com a cabeça praticamente dentro da minha bolsa de couro. Passo os dedos pela costura à procura de furos.

– Outra vez?

Olho para ele e abro um sorriso amarelo. Estou me sentindo uma idiota e não me agrada nem um pouco pensar em ir à dra. Monroe outra vez. Preciso resolver isso hoje, antes que perca mais um dia.

– Veja você mais tarde. – Ele vem até mim, beija meu rosto com carinho e

sai, me deixando às voltas com minha caçada ao buraco na costura da bolsa. Talvez eu deva tomar a injeção e me poupar do constrangimento.

Fico paralisada de repente, as sobrancelhas se juntam, e a ficha cai... eu acho.

Não, ele não faria isso. Por que faria isso?

Capítulo 9



Entro no foyer e encontro Clive esfregando o punho do paletó no balcão de mármore, lustrando-o.

– Bom dia, Clive.

– Bom dia, Ava – ele responde, alegre.

Retribuo sua alegria com um sorriso caprichado.

– Clive, você pode me mostrar os registros das câmeras de segurança de domingo?

– Não! – ele dispara, de repente muito ocupado, digitando algo no teclado do computador.

Olho para ele desconfiada, mas ele não olha para mim.

– Jesse falou com você?

– Não – ele balança a cabeça e mantém os olhos baixos.

– Claro – dou um suspiro, virando e saindo do foyer. O senhor é uma graça, e estou desconfiada.

– Oh, Ava! – ouço Clive vir até mim. – O pessoal da manutenção ligou. O pedido da porta já foi feito, mas ela vem da Itália, então pode demorar um pouco – ele explica, caminhando ao meu lado.

– Você devia ligar para o Jesse e avisá-lo – continuo andando, e ele me segue.

– Foi o que fiz, Ava. O sr. Ward me deu instruções para consultá-la em todos os assuntos que envolvem a cobertura.

Eu paro no ato.

– Como é? – soo confusa.

Clive parece nervoso.

– O sr. Ward disse que você mora aqui agora e que tudo o que diz respeito à cobertura deve passar por você, especialmente porque você assinou o design.

– Ah, ele disse, é? – disparo, sentindo uma ponta de culpa por soar tão ameaçadora. – Clive, me faça um favor. Ligue para o sr. Ward e diga a ele que eu não moro aqui.

Clive me olha como se eu tivesse dito que ele tem duas cabeças.

– Claro, Ava. Eu vou... ahn... Vou fazer isso agora mesmo.

– Ótimo – grito e continuo saindo do edifício. Estou fervendo. Ele acha que me convenceu a me mudar para cá com incontáveis sessões de sexo e espera que eu me torne algum tipo de “Amélia”? Não há sexo, bom senso nem lembrete que vá funcionar em seu favor dessa vez.

Paro para procurar meus óculos escuros e as chaves do carro, irritadíssima.

Assim que coloco os óculos sobre o nariz, “Angel”, do Massive Attack, invade meus ouvidos.

– Ah, não! – grito. Estou ainda mais nervosa agora. Ele sabe como me sinto sobre essa música. Pego o telefone e atendo. – Pare de mexer no meu celular!

– Não! Ela me lembra você! – ele grita. – O que quer dizer com “você não mora aí”?

– Não sou sua empregada, merda! – grito de volta.

– Olha a boca, merda!

– Vá à merda!

– *Olha a boca!*

Que ousadia! Se ele acha que eu vou fazer o papel da esposinha dona de casa e prendada, pode se preparar. Olho para a frente e vejo John apoiado na Range Rover. Mesmo com os óculos a postos, consigo ver a sobrancelha erguida por cima da armação escura. Ele está adorando a cena.

– O que John está fazendo aqui? – vocifero.

– Já se acalmou?

– Responda!

– Com quem diabos você acha que está falando?

– Com você! Está me ouvindo? Por que John está aqui?

– Ele vai levar você para o trabalho.

– Não preciso de motorista, Jesse. – Minha voz está um pouco mais calma. Que vergonha, eu aqui gritando e dizendo palavrões como um torcedor de futebol fanático, diante do mais novo complexo residencial de Londres, para não dizer o de maior prestígio. John está sorrindo. Isso para mim é novidade. Nunca o vi demonstrar emoções.

– Ele estava na área. Achei que seria mais fácil do que você tentar encontrar um lugar para estacionar. – Ele também está mais calmo.

– Pelo menos me informe o que acontece quando eu estiver envolvida. – falo por entre os dentes ao telefone e desligo.

Controlador!

Vou até John, e meu telefone toca de novo. Vou mudar esse maldito toque. Mostro a tela para John quando passo por ele, que sorri de novo.

– Sim, meu amo? – provoco, corajosa, totalmente ciente de que estou cavando um buraco para mim mesma. Mas ele está longe, e não há risco de usar o sexo como costuma fazer para me colocar no meu lugar.

– Não seja sarcástica, Ava. Não combina com você.

Entro na Range Rover e afivelo o cinto de segurança.

– Você vai ficar feliz em saber que eu estou a caminho do trabalho, com John. – Olho para John, que simplesmente acena com a cabeça. – Quer confirmar? – ponho o telefone perto de John. – John, manifeste-se.

– Tudo certo, Jesse. – Ele sorri, e noto um dente de ouro.

Coloco o telefone de volta à minha orelha.

– Feliz?

– Muito! – ele diz, rápido. – Já ouviu falar em sexo como castigo?

Só de ouvir as palavras, já sinto um frio na espinha. Olho para John, que ainda sorri.

– Não, você vai fazer uma demonstração?

– Se você tiver sorte... Vejo você em casa – e desliga.

Guardo o celular na bolsa, sentindo a expectativa dentro de mim. Olho então para a fera sentada ao meu lado.

– Você estava mesmo na área?

John para de cantarolar.

– O que você acha?

Foi o que pensei.

– Quantos anos Jesse tem? – pergunto, casualmente. Acho ridículo não saber a idade dele.

– Trinta e dois – John responde, sem titubear.

Trinta e dois. Foi a idade que Jesse disse ter ontem à noite. Olho para John, que recomeçou a cantoria.

– Ele não tem trinta e dois anos de verdade, tem?

Ele sorri de novo, e o dente de ouro brilha.

– Ele disse que você ia perguntar.

Balanço a cabeça, decidida a esquecer o assunto, mas já que John está falando hoje, tento outra abordagem.

– Ele tem sempre esse temperamento difícil?

– Só com você, garota. Ele é bem calmo, na verdade.

– Eu obviamente desperto o pior nele – resmungo.

– Ah, garota. Pegue leve com ele.

– Você quer morar com ele e seu temperamento difícil? – pergunto, exasperada.

– Então, você se mudou, afinal? – As sobrancelhas aparecem por trás dos óculos quando ele vira para me encarar. Espero que John não chegue à mesma conclusão que Sarah, de que estou atrás do dinheiro de Jesse.

Sinto uma necessidade urgente de me defender.

– Ele me perguntou e arrancou um “sim” de mim quase à força, mas não tenho certeza. É um pouco cedo. A discussão foi por isso. Ele não gosta de ouvir “não”. – Agito meu telefone para John.

John faz uma expressão triste e balanço a cabeça, pensativo.

– Ele tem um jeito especial de convencer você sempre.

Faço um ruído de bochecho e também balanço a cabeça. Ele consegue mesmo me convencer. É assustador.

– Quanto tempo faz que você o conhece? – Vou tentar extrair o que puder. Ele pode calar a boca e não falar mais.

– Muito tempo. – Ele ri, e é um som retumbante, profundo, uma risada que vem da barriga, que o faz parecer ter mais queixos ao retraindo o pescoço.

– Aposto que você vê coisas interessantes no Solar. – Agora que sei o que é

aquele lugar, o papel de John fica bem mais claro.

– Faz parte do meu trabalho – ele diz, casualmente.

O que me lembra...

– Por que a polícia esteve lá?

John me dirige um olhar quase ameaçador, e murcho um pouco.

– Só um imbecil fazendo joguinhos. Não é preciso se preocupar, garota. – Ele volta a atenção para a rua, me colocando no meu devido lugar. Informações. Eu preciso de informações.

Ele me deixa no escritório, com um meneio de cabeça como cumprimento.

– Bom dia, Ava! – Sally diz, alegre.

Ela está com a mesma blusa de ontem, mas de cor diferente. A de hoje é vermelha.

– Oi, Sally! Tudo bem?

– Sim, obrigada por perguntar. Estou muito bem. Quer um café?

– Por favor.

– É pra já! – Ela abre um sorriso adorável e vai quase saltitante até a cozinha. Notei que ela está usando esmalte colorido, não nude ou clarinho. É vermelho-pimentão! Deve estar se preparando para seu encontro. Gosto da Sally contente. Espero que ela não sofra.

Ligo meu computador, trabalho em alguns orçamentos e preparo uma pilha de pedidos de fatura para Sally. Minha caixa de mensagens está lotada de novos e-mails, na maioria lixo, por isso passo um tempo organizando-os.

Às dez e meia, ouço a porta do escritório se abrir e, quando levanto os olhos, vejo um buquê de copos-de-leite nos braços da entregadora que conheci no Lusso. Eu sabia que ele nem ligaria para o meu pedido. Ela revira os olhos, e eu levanto os ombros, sem graça. Depois da troca de flores e assinatura, pego o cartão.

Ansiosa por sua transa de castigo?

Um beijo do seu deus.

Abro um sorriso e mando uma mensagem de texto.

Sim, estou, e sim, você é.

Um beijo da sua A.

Estou bem acomodada no Sétimo Céu de Jesse. Depois de uma manhã de indecisão, decido ligar para Kate enquanto paro uns minutos para almoçar.

– Ei, oi! – ela canta ao telefone para me cumprimentar.

– Olá, tudo bem?

– Tudo bem por aqui! Como vai meu namorado de amiga preferido? – ela ri.

– Está ótimo – respondo, seca. Ela só o ama tanto assim porque ganhou Margô Junior dele.

– Ouça, estou a caminho de Brighton para entregar um bolo na Margô Junior. Quer almoçar comigo na quinta? Amanhã vai ser um caos para mim. Tenho muito trabalho para colocar em dia.

– Estamos distraídas ultimamente, não estamos?

– Diversão! – ela grita.

– Quer almoçar comigo ou não? – Combinado! – disparo. Ela está sensível demais, e isso está me deixando desconfiada. – Quinta-feira à uma hora, no Baroque.

– Perfeito! – ela desliga.

Puxa, acho que toquei num ponto crítico. Diversão coisa nenhuma! Ela está me enrolando e desconversando rápido demais. Ouço a porta do escritório se abrir de novo, e Tom entra.

– Tom, precisamos ter uma palavrinha sobre o seu traje.

Ele olha para a camisa verde-esmeralda e a gravata rosa brilhante. Contraste de cores é uma ofensa no mundo de Tom.

– Fabuloso, não é? – Ele ajeita a gravata.

Não, não é. Na verdade, é um crime. Se eu estivesse procurando um designer, e Tom aparecesse na minha casa, eu fecharia a porta na cara dele.

– Onde está Victoria? – pergunto.

– Compromisso em Kensington. – Ele joga a bolsa sobre a mesa, tira os óculos e limpa as lentes com a ponta da camisa.

– Descobriu o que aconteceu?

– Não! – Ele desaba na cadeira. – Ela ficou aí, sofrendo e fazendo bico o dia todo. – Ele se inclina para a frente e dá uma espiada no local. – Ei, o que acha que houve com Sally?

Ele também notou. É difícil não perceber.

– Ela teve um encontro – sussurro alto.

– Não! – ele exclama, incrédulo.

Ele recoloca os óculos no rosto, em um gesto dramático, como se precisasse me ver melhor, por causa da notícia. É ridículo. São um apelo fashion dele, além de uma tentativa de parecer profissional.

– Sim! E tem um segundo encontro hoje à noite – confirmo.

Seus olhos se arregalam de novo.

– Pode imaginar que cara chato ele deve ser?

Eu me encolho, de repente muito culpada por estar falando dela.

– Não seja malvado, Tom – eu o repreendo.

Sally passa pelo escritório, interrompendo nossa fofoca. Tom levanta as sobrancelhas e sorri ao acompanhar a passagem dela, a caminho da copiadora. Se eu estivesse mais perto, daria um chute nele.

Ele volta os olhos para mim, encontra minha expressão contrariada e levanta

as mãos, em defensiva.

– O que foi? – ele dubla.

Balanço a cabeça e volto para o meu computador, mas minha paz não dura muito.

– Então... – Tom diz, da mesa dele. – Victoria me contou que você está morando com o sr. Ward.

Tiro os olhos da tela, em choque, e o vejo folhear um catálogo, inocentemente. Como ela sabe? Claro... Drew.

– Eu não estou morando com ele e preciso que você fique quieto, Tom – recomendo a apagar e-mails inúteis.

– Imagine só, morar na cobertura de dez milhões de libras que você mesma decorou – ele devaneia, ainda virando as páginas.

– Cale a boca, Tom. – Olho feio para ele quando tira os olhos do catálogo que não está nem lendo. Dessa vez ele entende o recado, fica quieto e volta a cuidar da própria vida.

Não tenho ideia de como contar isso a Patrick. Não parece nada bom: eu saindo com cliente. E tudo que preciso é de Tom anunciando isso no escritório para todo mundo ouvir.

Às cinco da tarde, aqui estou eu batendo a caneta na mesa, perdida em pensamentos, e então tenho uma ideia fantástica.

Pulo da minha mesa e arrumo todos os esboços e papéis, pego minhas flores, minha bolsa e sigo para a porta do escritório.

– Estou indo embora. Vejo vocês amanhã, pessoal – aviso alto para ninguém em especial e saio correndo. Tenho meia hora. Sei que vou conseguir.

Vou para o metrô, que vai me levar ao destino desejado.

Depois das compras de última hora, corro do metrô até o Lusso. Preciso estar de banho tomado e pronta quando Jesse chegar. Recuso qualquer tentativa de conversa com Clive e entro no elevador, ofegante com o esforço. Meu pobre corpo teve um dia difícil. Vou direto para o quarto, deixo as flores e minha bolsa sobre a cômoda e começo a desembulhar todas as minhas compras, enfiando-as no baú de madeira, e entro rápido no chuveiro, ansiosa para me aprontar para a noite. Tomo cuidado para não molhar os cabelos enquanto me lavo freneticamente e me depilo não tão freneticamente.

Dando um passo para fora, em busca de uma toalha, dou de cara com um peito muito sólido e muito nu. Dou um grito, assustada.

– Surpresa em me ver? – A voz é grave e ameaçadora.

Eu o encaro e vejo seus olhos verdes escuros, semicerrados, e uma expressão mortalmente séria. O Jesse dominante chegou e estragou o meu plano.

– Um pouco – admito.

– Foi o que pensei. Temos uma questão a resolver e vamos fazer isso agora mesmo.

Fico ali congelada no lugar, pingando e agarrada à toalha, vendo-o inclinar seu

corpo enorme e firme sobre mim. Isso e a respiração pesada me dizem que não vou poder protestar... mas eu não consigo evitar.

– E se eu disser não?

– Você não vai. – Seu tom confiante faz meu sangue correr mais rápido nas veias, e ele se insinua para mim, sua glândula quente toca minha barriga, arrancando um gemido de minha boca. Seus olhos ardem com uma promessa sombria, e espero ele dar o bote, a expectativa causando uma convulsão nos meus músculos internos.

– Não vamos fazer joguinhos, Ava. Nós dois sabemos que você nunca vai dizer não para mim. – A ponta de seu dedo corre pelo meu braço úmido, passa pelo meu ombro e pescoço, até chegar à parte de trás da minha orelha.

Fecho os olhos. Ele me ganhou mais uma vez.

– Você acredita em destino, Ava? – Sua voz é macia como seda, mas séria e assertiva.

Abro os olhos, com uma careta.

– Não – respondo com sinceridade.

– Eu acredito. – Ele abaixa o braço e toca meu sexo, sua mão quente me deixa mais tensa. – Acredito que é seu destino estar aqui comigo, portanto dizer para o concierge que você não mora aqui me... deixa... louco – ele enfatiza as últimas três palavras com clareza e precisão.

Com a outra mão, ele torce um dos meus mamilos entre o polegar e o indicador, alongando mais ainda meu bico duro. Fecho os olhos, dividida em duas ondas de prazer. Lentamente, ele insere dois dedos em mim.

– Meu Deus! – dou um gemido alto, minha cabeça pende para trás, e solto a toalha no chão para segurar os ombros de Jesse.

Ele tira vantagem do acesso ao meu pescoço e se inclina, lambendo dali até o meu queixo, enquanto seus dedos desenhavam um grande círculo dentro de mim, me abrindo. Ele está me preparando para ele.

– Vou comer você até fazê-la gritar, Ava. – Sua voz rouca está me deixando desesperada. Acredito totalmente que ele vai me fazer gritar.

Jesse segura o meu rosto para me fazer encará-lo. Ele está no controle, mas também está enlouquecido. Não sei como lidar com isso. Só consigo me concentrar no fogo selvagem que se espalha pelo meu corpo e me atinge entre as coxas em um baque poderoso e determinado.

– Ajoelhe-se no pé da cama. Olhos para a cabeceira. – Ele dá a voz de comando, e obedeço imediatamente, indo até a cama, me ajoelhando e depois sentando de joelhos.

O que ele está planejando?

Sinto seu peito pressionar minhas costas, e ele pega minhas mãos e me faz abri-las. Então ele as conduz até os meus seios e as faz circular meus mamilos, apenas roçando a ponta dos bicos, e a fricção flamejante me faz empurrar o corpo para a frente, para aumentar o contato. Mas ele apenas faz um ruído de advertência e tira minhas mãos de lá. Protesto com um gemido.

Ele fala ao meu ouvido:

– Você confia em mim?

– Completamente – confirmo, um pouco confusa.

Ouçoo-rosnar em aprovação.

– Já foi algemada, Ava?

O quê?

Antes que eu tenha chance de registrar o que está acontecendo, meus braços são puxados para trás e um par de algemas é colocado nos meus punhos. *De onde diabos elas vieram?* Chacoalho os punhos e ouço o ruído do metal.

– Deixe os braços parados, Ava. – Ele me castiga, deixando minhas mãos pousarem sobre meu traseiro.

Oh, merda!

Nunca xinguei tanto mentalmente na minha vida. Isso é tão inesperado e tão mais forte que a transa da verdade! Ele nunca usou brinquedos antes. Quero e ao mesmo tempo não quero parar, mas não consigo pronunciar as palavras.

Fico imóvel e tento ao máximo relaxar os braços, enquanto me pergunto se ele já fez isso antes. Rio por dentro. Claro que já fez, sua idiota. Como foi que eu não previ isso?

Ele se inclina sobre mim.

– Boa menina.

Ele tira os grampos dos meus cabelos e passa as mãos pelos cachos longos, espalhando-os pelas minhas costas.

Sinto um tremor e tento acalmar minha respiração errática. Não dá certo. Meu coração dispara no peito, e nada vai acalmá-lo. Esse é um território desconhecido para mim. Eu nunca, nem por um minuto, permiti a mim mesma considerar a possibilidade de ser amarrada, indefesa, entregue à misericórdia de um homem. É irônico, pensando bem; estou à mercê de Jesse com ou sem algemas.

Ele roça a ponta de um dedo na minha coluna, em direção ao meu traseiro, e depois sinto seu outro braço me enlaçar pelo quadril. Agora a primeira mão pressiona minhas costas.

– Abaixo – ele ordena, suavemente, enquanto leva meu corpo ao encontro do colchão. Estou com o rosto encostado no colchão, aos pés da cama, e Jesse está de pé atrás de mim. Estou totalmente exposta e vulnerável.

– Você tem ideia de quão deliciosa está nessa posição? – Seu tom está cheio de aprovação, mas vou confiar em sua palavra. Isso não combina comigo, de jeito nenhum. – Não vamos fazer sexo anal. – Ele me beija na lombar e logo eu sinto seu pênis roçar minha pele úmida. Uma onda de alívio me toma. Não sei se aguentaria isso junto com as algemas.

E então ele invade minha fenda.

Jesse segura meu quadril com força, me fazendo esprenear.

– Não se mexa – ele diz por entre os dentes, e me força a ficar parada. Sinto-o me penetrar e me contraio instintivamente diante da poderosa invasão.

– Quer que eu enfie tudo? – Sua voz é grave e sombria. Eu não a reconheço, mas estou desesperada pela penetração total.

– Sim – respondo, sem pensar. *Meu Deus, me ajude.*

Ele retira o pênis outra vez, e solto um gemido, sentindo a ausência. Preciso dele todo. Empurro o quadril para trás impulsivamente e então sinto o golpe de sua mão em meu traseiro.

– Merda! – grito. Sinto minha nádega arder, e meus ombros ficam mais tensos na cama.

Ele me penetra apenas até a metade mais uma vez.

– Olha a boca! – ele dispara. – Não se mexa!

Perco a respiração quando a dor do tapa se mistura à deliciosa sensação da semi-invasão.

– Jesse! – imploro.

– Eu sei. – Ele desliza a mão pela minha nádega, enquanto retira o pênis de dentro de mim mais uma vez. Fecho os olhos bem apertados, incentivando meu corpo a atender às instruções do cérebro para relaxar.

– Não posso fazer isso – choramingo para o colchão e puxo as algemas. Isso é muito para mim e surgiu do nada. Ou não? Eu conheço o jeito dele, sei que pode ser um tanto selvagem durante o sexo, e amo isso, mas também sabe ser romântico, gentil e amoroso. Esse aqui é o próximo nível?

– Pode, sim, Ava. Lembre com quem você está. – Ele me penetra com toda a força, me preenchendo e arrancando todo o ar dos meus pulmões.

Dou um grito e fico rouca na mesma hora.

Ele se afasta lenta e controladamente.

– O que eu disse que você ia fazer, Ava? – ele pergunta com um grunhido, me invadindo de novo.

Não há ar nos meus pulmões, e ele está me preenchendo tão fundo que meu cérebro está se desfazendo. É impossível qualquer tipo de pensamento cognitivo, que dirá a capacidade de falar.

Ele repete o movimento enlouquecedor.

– Responda! – ele grita e me dá mais um tapa na bunda.

– Gritar! Você disse que eu ia gritar! – engasgo com as palavras enquanto ele se enterra em mim outra vez.

– Você está gritando?

– Sim!

Ele geme e dá mais uma estocada, mais outra, mais outra e mais outra, me levando às estrelas.

– Está gostoso, Ava?

Meu Deus, se está! A dor dos tapas, unida ao poder de seu membro estão me levando a um novo nível de prazer.

– Onde você mora, Ava? – ele grita e me dá mais um tapa feroz.

Tenho vontade de chorar. Chorar de choque, chorar de dor, chorar de desejo... chorar em absoluto e inenarrável prazer. Meu cérebro está em surto, e meu corpo pergunta o que diabos está havendo. Não consigo pensar nem enxergar direito. Isso é selvagem, intenso e incrível, mas outros pensamentos, indesejáveis, tentam se embrenhar na minha mente. Com quantas mulheres ele

já fez isso? Quantas mulheres já tiveram o prazer de uma transa de castigo? Estou me sentindo mal.

– Ava! Onde é que você mora? – ele pontua cada palavra com um ataque dos quadris. Estou dormente. Mas dormente de êxtase, absoluto, intenso, sensacional. – Não me faça perguntar de novo!

– Aqui! – berro. – Eu moro aqui!

– Pode ter certeza disso. – Sua mão atinge o meu traseiro outra vez, reforçando suas palavras, antes de apertar meu quadril e me puxar para si a cada duro golpe.

Faíscas começam a ser lançadas, a pressão dentro de mim pronta para detonar com um estrondo. Solto um grito de delírio desesperado. Isso está ficando sério. Não vou conseguir andar amanhã. Será que isso faz parte do plano dele para me manter em casa? Porque, se é, vai funcionar direitinho.

Sinto sua mão colidir com meu traseiro de novo, e esse último tapa me lança ao orgasmo mais poderoso e alucinante que já experimentei. Solto um grito bem alto, que ecoa pelo quarto, deixando a voz rouca, um grito desesperado, satisfeito e eletrizante.

– Meu Deus! – Jesse ruge. Sinto-o primeiro se reter e depois ondular o quadril contra meu traseiro.

Ele dá um gemido.

Eu dou um gemido.

Meu corpo todo treme. Tremores no melhor sentido da palavra, lancinantes, incontroláveis.

Um dos meus punhos é libertado da algema, e levanto meu braço acima da cabeça, enquanto ele cai sobre mim, me deixando deitada de bruços na cama sob o peso dele. Ele continua dentro de mim, ainda em espasmos e pulsando, ainda ondulando o quadril, ainda no propósito de extrair todo o prazer que puder de mim.

Estou surpresa comigo mesma e minha revelação. Eu gosto de apanhar! A inebriante combinação de prazer e dor me nocauteou e, contrariando todas as minhas reservas, estou feliz por ter ido adiante. Isso tudo acaba de provar, para além de qualquer dúvida, que não sou capaz de negar nada a ele.

Os braços dele cobrem os meus, e Jesse enche minha nuca de beijos, enquanto geme e continua girando os quadris preguiçosamente.

– Amigos? – ele suspira baixinho no meu ouvido, mordiscando minha orelha. Sua voz de veludo está a milhões de quilômetros de distância do senhor do sexo que acabei de encontrar.

– De onde veio isso? – pergunto. Ainda estou em choque. Já conheci vários níveis de suas habilidades sexuais, mas esse me deixou completamente chocada.

Ele prende o lóbulo de minha orelha entre os dentes.

– Me diga que fizemos as pazes.

– Fizemos as pazes – eu suspiro. – Me diga de onde veio tudo isso.

A algema sai do meu outro punho, e sinto o alívio da ausência de peso. Ele se retira de mim e me vira, segurando meus punhos dos dois lados da minha

cabeça. Olho para ele, esperando uma resposta, mas a situação não parece promissora. Seria melhor eu ficar quieta?

Mas ele acaba falando.

– Gosto de ouvir você gritar. – Ele sorri. – E gosto de saber que sou eu quem está fazendo você gritar.

Missão cumprida.

– Minha garganta está doendo. – Faço um bico, manhosa.

Ele deposita um beijo nos meus lábios.

– Está com fome?

– Não. – E não estou mesmo, assim como não vou sair dessa cama. E não são nem oito horas.

– Vou pegar água para você e então vamos dormir de conchinha, que tal? – ele diz, acariciando meu nariz com o dele.

– Ótimo.

Ele me dá mais um beijo antes de levantar. Rastejo até os travesseiros e me deito de bruços, feliz em sentir o cheiro dele nos lençóis. Estou exausta, e meu traseiro dói um pouco. Se eu não estivesse tão satisfeita e saciada, estaria irritada por ele ter ganhado mais uma vez. Jesse não sabe, mas acabou com meus planos para a noite. E estou cansada demais para ir atrás de minha transa da verdade nesse momento.

Viro na cama e olho para o teto. Tento afugentar os pensamentos desnecessários que invadem minha mente cansada. Quantas mulheres? Repito que não quero saber, mas a curiosidade irracional quer tornar sua presença em meu cérebro difícil de ignorar. Se eu não estivesse tão exausta, daria mais atenção a esse pensamento, mas estou, então fecho os olhos e, em silêncio, agradeço a Jesse por drenar de mim toda a energia para buscar essa resposta.

– Ava, deixei você inconsciente? – O colchão afunda um pouco e logo sinto seu corpo quente e firme ao meu lado. Deito de lado.

– Morangos? – ele roça a fruta gelada no meu lábio inferior, e abro a boca para mordê-la. – Bom?

– Muito – falo com a boca cheia de morango, maduro e delicioso. Eles me deixaram com fome.

Ele começa a morder o lábio, o olhar perdido pelo quarto. Oh, não. No que está pensando?

– Você não estava falando sério, não é? Quando disse que não morava aqui?

Paro de mastigar e olho para o rosto preocupado diante de mim. Sua linha de expressão começando a se formar.

– Você quer que eu more aqui, mas nem sequer me conta a sua idade. – Levanto as sobrancelhas. Ele tem que perceber o quanto isso é estranho. Além de muitas outras coisas, coisas que eu tenho tentado ao máximo ignorar – e falhado –, mas vou me ater a esse pequeno detalhe, por ora.

– Que diferença faz a minha idade? – ele pergunta, colocando um morango na boca.

Balanço a cabeça, observando-o comer.

– Está bem – engulo. – O que vou dizer aos meus pais quando me perguntarem qual é a sua profissão?

As engrenagens se movem, e ele afunda os ombros, enfiando outro morango na boca.

– Diga que eu tenho um hotel.

Aceito a sugestão, mas continuo. Não vou ser derrotada assim tão facilmente.

– E se eles quiserem ver esse hotel? – resmungo, também mastigando.

– Podem vê-lo. – Ele sorri. – Você achou que era um hotel.

Eu olho feio para ele.

– Você mantinha alguém do staff me acompanhando pelas dependências e me trancou no seu escritório, para que ninguém pudesse conversar comigo. Pretende fazer o mesmo com meus pais?

– Posso mostrá-lo a eles num dia calmo – ele responde rápido.

Ele já pensou nisso? Não acredito que estou falando sobre a possibilidade de ele conhecer meus pais.

– E se eles quiserem ficar hospedados no hotel? – devolvo. – Eles moram em Newquay, então vão ficar em um hotel se vierem me visitar.

Ele começa a rir.

– Devo colocá-los no salão aberto?

Eu o cutuco no estômago, o que só o faz se divertir mais.

– Fico feliz que ache graça no meu sofrimento. – Pego um morango e ponho na boca.

Ele se recupera do ataque de riso e lança um olhar sério.

– Ava, está parecendo que você quer arrumar uma desculpa qualquer para escapar dessa. – Ele passa o dedo por meu lábio inferior. – Se seus pais perguntarem quantos anos eu tenho, invente uma idade qualquer, quanto anos quiser que eu tenha, e vai ser a minha idade. Se eles vierem nos visitar, podem ficar aqui. Há muitos quartos de hóspedes, todos eles com banheiros. Pare de lutar contra isso. Pronto? – ele faz uma expressão ansiosa.

– Você vai passar por cima dos meus pais?

– Se ficarem no meu caminho – ele diz, sério.

Eu tenho um surto mental na hora. Preciso adiar apresentá-lo aos meus pais pelo maior tempo possível. Talvez até para sempre.

– Por que a polícia esteve no Solar? – pergunto, de repente.

Ele revira os olhos.

– Eu já expliquei. Um idiota fazendo joguinhos.

– Que tipo de joguinhos?

– Ava, não é nada com que você deva se preocupar. Fim. – Ele me dá mais um morango e eu o aceito, relutante. Ele quer me impedir de fazer perguntas irritantes mantendo minha boca cheia.

– E quanto à tal mulher misteriosa?

– Continua sendo um mistério – ele responde, curto e grosso.

– Você perguntou a Clive?

– Não, Ava. Não tive tempo. – Jesse está muito irritado. Ele já conversou com Clive e pediu que ele ficasse de boca fechada. Vou precisar ser engraçadinha, também. Fecho a cara para ele, mas ele continua. – Posso levar você para fazer compras?

O quê?

Ele deve ter percebido a surpresa no meu rosto, porque sua expressão irritada se suavizou no mesmo instante.

– Eu devo um vestido a você, e, com a festa chegando, pensei que poderíamos matar dois coelhos com uma cajadada só.

– Tenho muitos vestidos – resmungo. Ir às compras com Jesse está no topo da minha lista de coisas para evitar. Vou sair da loja parecendo um esquimó.

– Você vai contrariar tudo o que eu disser hoje, Ava? – ele estreita os olhos para mim, e eu também olho para ele com a expressão fechada, mas estou cansada demais para brigar. Em vez disso, eu me acomodo no peito dele. Ele pode ser um arrogante e temperamental, mas eu estou completamente apaixonada e não há nada que eu possa fazer quanto a isso.



Abro os olhos e me vejo aninhada no peito de Jesse. Ainda não amanheceu, o que significa que é muito cedo e, se Jesse ainda não acordou, não são nem cinco da manhã. Meu cérebro desperta na hora, e inicio a tarefa meticulosa de me libertar sem perturbá-lo. É difícil. Ele parece me abraçar tão forte durante o sono quanto o faz quando está acordado.

Consigo me desvencilhar com cuidado dele, parando e congelando no lugar toda vez que ele se vira ou suspira enquanto dorme. Meu corpo enrijecido faz o caminho até a beira da cama e, quando fico de pé, solto a respiração que estava presa e olho para o meu homem lindo, com dois dias de barba por fazer. Quero voltar para a cama com ele, mas resisto. O que tenho planejado me incentiva a deixá-lo dormir em paz, enquanto procuro meu celular na bolsa.

São cinco horas. Merda! Tudo bem, tenho que ser rápida, ou ele vai acordar em breve e me arrastar pelas ruas de Londres, em uma de suas torturantes maratonas. Ando pelo quarto como um ladrão nu, pegando minha sacola de ontem no baú e retirando o conteúdo. A sacola faz barulho, e ranjo os dentes, congelando no lugar quando ele vira de barriga para cima e geme.

Fico ali parada como uma estátua até me certificar de que Jesse está mesmo dormindo, depois vou até a cama, pé ante pé, pelo carpete macio.

Seguro seu punho e o coloco acima da cabeça, junto à cabeceira. É uma luta; o braço dele é pesado, mas consigo deixá-lo na posição que quero e passo a algema, que está presa nas barras da cabeceira da cama. Eu me afasto para admirar meu trabalho, sentindo uma enorme satisfação comigo mesma. Mesmo que ele acorde agora, não vai a lugar algum.

Com as outras algemas na mão, vou para o outro lado da cama. Tenho que me ajoelhar nela para conseguir pegar seu outro braço, mas agora já não me preocupo tanto se ele acordar, porque um dos braços está preso, embora meu plano vá funcionar melhor se ele não colocar nenhuma mão em mim.

Acomodo o braço dele sobre a cabeça e prendo a outra algema no punho da mão machucada. Já está bem melhor, mas fico preocupada que ele se machuque se lutar contra as algemas.

Eu estou me sentindo um gênio. Foi muito mais fácil do que pensei, e ele ainda está num sono profundo. Praticamente danço no caminho de volta até a sacola, para terminar a preparação, antes de vestir uma lingerie preta maravilhosa que comprei na minha loucura de última hora.

Meu Deus, ele vai enlouquecer. Viro para o meu deus nu, relaxado e subjugado e me sento sobre ele, montada sobre seu quadril. Ele se mexe, e sorrio quando o sinto se excitar sob mim. Espero pacientemente.

Não demora muito, e seus cílios se abrem, junto com as pálpebras, em movimentos mínimos. Seus olhos se abrem e imediatamente encontram os meus, a ereção matinal firme como rocha embaixo do meu corpo.

– Olá, Ava. – Sua voz está rouca, e ele estreita os olhos para ganhar foco.

Passo os olhos por seu tórax, que está com seus músculos rijos por causa da posição de seus braços.

– Oi. – Abro um sorriso brilhante e observo atenta ele ficar plenamente consciente e mover os braços, fazendo o metal bater nas barras de madeira da cama. O puxão abrupto o faz arregalar os olhos, e prendo a respiração, vendo seu rosto sonolento ganhar uma expressão terrível, quando olha para os braços, presos sobre a cabeça.

Ele agita os braços outra vez.

– Que merda é essa? – Sua voz ainda está rouca. Ele volta os olhos para mim. Estão enormes, e ele está perplexo. – Ava, por que diabos estou algemado à cama?

Tento não sorrir.

– Estou introduzindo um novo tipo de sexo no nosso relacionamento, Jesse – afirmo, calmamente.

– Cuidado! – ele agita os punhos de novo e olha para as mãos contidas. Vejo o entendimento surgir em seu rosto quando ele vira para mim. – Estas não são as minhas algemas – ele diz, com cautela.

– Não. E são dois pares. Tenho certeza de que você notou. – Não acredito no quanto estou calma. – Bem, como eu estava dizendo, inventei algo novo... e adivinhe? – pergunto, com excitação na voz.

Ele não reclama, dessa vez. Em vez disso, me olha com uma expressão nervosa.

– O quê?

Oh, eu poderia abraçá-lo.

– Pensei nele só para você. – Eu me esfrego nele de modo provocante, e seu peito expande, a linha da mandíbula tensa. – Eu amo você.

– Ah, puta merda – ele grunhe.

Abro as mãos sobre o peito dele e me inclino até ficarmos frente a frente. Ele me vê descer, os olhos brilhando de expectativa, e a respiração curta escapando dos lábios entreabertos.

– Quantos anos você tem? – murmuro, roçando meus lábios nos dele.

Ele levanta a cabeça para buscar mais contato, mas me afasto. Ele me olha contrariado, deitando de novo.

– Trinta e três. – Ele já está ofegante e geme de desespero quando me esfrego nele outra vez.

Começo a morder seu pescoço, até sua orelha, lambendo-o ao mesmo tempo.

– Fale a verdade – sussurro e mordo o lóbulo com carinho.

Suas bochechas se enchem de ar, e ele expira com força.

– Porra, Ava! Não vou dizer quantos anos eu tenho.

Sento-me ereta em seu peito e balanço a cabeça para ele.

– Por quê?

Seus lábios se apertam numa linha fina, em sinal de irritação.

– Tire as algemas. Quero tocar você.

Ah!

– Não – respondo na hora, me insinuando com o quadril, atingido o ponto perfeito. Não posso dizer que estou indiferente, mas tenho de manter o controle.

– Inferno! – Ele puxa as mãos e esperneia de leve, me jogando para a frente.

– Tire essas algemas, Ava!

Eu me ajeito.

– Não!

– Merda! – ele ruge. – Não tente brincar comigo!

Oh, ele está nervoso.

– Eu não acho que você está em posição de me dizer o que fazer – comento, fria. Ele para de mexer, mas está ansioso, frustrado. – Vai parar de ser irracional e me dizer?

Seus olhos se estreitam com uma fúria.

– Não!

Ele é mesmo um imbecil teimoso.

– Tudo bem – digo, calma. Caio sobre seu peito e seguro seu rosto entre as mãos. Ele me olha, esperando meu próximo movimento. Dou um beijo nele e solto um gemido quando ele abre os lábios, a língua ávida em busca da minha.

Eu me afasto.

Ele grunhe de frustração.

Mudando de posição, passo a língua lenta e sedutora ao longo de seu pênis.

– Ohhhhh, puta merda! – ele geme em desespero. – Ava!

Sorrio, sentando de joelhos, antes de pegar minha arma de destruição em massa e segurar diante dele. Seu rosto se levanta, os olhos quase saltando das órbitas quando ele se dá conta do que estou segurando.

– Oh, não! Ava, eu juro por Deus! – Jesse joga a cabeça de volta no travesseiro. – Você não pode fazer isso comigo. *Merda!*

Abro um sorriso e ligo o vibrador cravejado de brilhantes que ele detestou à primeira vista no nosso passeio a Camden. Jesse não quer mesmo me dividir com nada nem ninguém. Quando o aparelho entra em ação, ele geme, virando a cabeça para o lado, desesperado.

Isso vai matá-lo.

– Uau! – digo, sentindo o poder do vibrador na mão. – Isso é uma máquina poderosa! – pondero comigo mesma.

Ele fecha os olhos e aperta a mandíbula.

– Ava, tire essas malditas algemas! – ele vocifera, entre os dentes cerrados.

Eu não poderia ter esperado reação melhor. Vou descobrir sua idade, nem que eu tenha de mantê-lo aqui a manhã toda. Na verdade, espero que ele aguente por um tempo. Posso até gostar disso.

Desligo o vibrador e o coloco na cama. Ele abre os olhos devagar. Espero que eles se fixem nos meus.

– Vai me dizer quantos anos tem? – pergunto, totalmente segura.

– Não, não vou.

– Por que está sendo um idiota tão teimoso?

– Eu não sou seu deus teimoso? – ele pergunta, com um sorriso.

Ele vai parar de rir em um instante. Eu me ajoelho e mantenho os olhos fixos nos dele, enquanto enganchos os polegares nas laterais da calcinha de renda.

– Esta manhã você está sendo apenas um idiota. – Tiro a calcinha pelas coxas e pelos joelhos, e ele acompanha o movimento com os olhos cheios de desejo. Posso sentir sua ereção pulsando em um ritmo estável. – Não quer me ajudar? – Minha voz é sedutora e doce. Passo a língua nos dedos e os deslizo pelo meu corpo, até chegar às coxas.

Ele solta o ar das bochechas de novo e observa minha mão se perder entre minhas pernas.

– Ava, tire essas algemas agora, para eu comer você até você ver estrelas. – Sua voz está calma, mas sei que ele está tudo, menos calmo.

Passo os dedos pelo meu clitóris e o acaricio gentilmente, gemendo baixinho. Não é o Jesse, mas ainda assim é uma sensação deliciosa.

– Me diga.

– Não. – Ele encosta a cabeça. – Tire as algemas.

Eu balanço a cabeça para meu homem teimoso e apoio uma mão de cada lado do seu quadril.

Estrelas? Quem vai ver estrelas é ele. Beijo seu quadril, próximo à cicatriz e desenho círculos com a língua em sentido descendente, antes de levantar, tirando a calcinha no caminho. Olho para ele, que se recusa a abrir os olhos, então o beijo no canto da boca. Funciona. Ele vira a cabeça instintivamente, e seus lábios se abrem quando ele toma a minha boca. Faço pressão sobre seu sexo, a umidade em mim fazendo-o deslizar em vaivém com facilidade.

– Oh, Deus! Ava, por favor!

– Me diga. – Mordo seu lábio inferior e deixo que ele se arraste pelos meus dentes, mas ele balança a cabeça de leve, então afasto nossas bocas, até então colocadas uma na outra. – Tudo bem, como quiser. – Eu me posiciono entre as coxas dele e pego minha arma de destruição em massa.

– Solte isso. – Seu tom é de advertência, mas eu o ignoro. Ligo o vibrador de novo, sem dizer nada. – Ava, eu juro por Deus! – A raiva está retornando. Olho nos olhos dele e levo o vibrador devagar para o ápice de minhas coxas. – Não faça isso! – ele joga a cabeça para trás, em total desespero.

Não acredito que ele está se submetendo a isso. Ele pode interromper tudo em um segundo. Maldição, quero que ele olhe para mim. Rapidamente, mudo o destino de minha ação e passo o vibrador sobre seu mastro bonito e pulsante. Ele se contorce, em espasmos. A cama balança.

– Porra, Ava! Merda, merda, merda! – ele berra, mas seus olhos permanecem fechados. Não posso obrigá-lo a olhar para mim, mas posso

garantir que ele me ouça. Encosto a ponta do vibrador no meu clitóris.

Meu Deus do céu!

Fico sem ar, meus joelhos tremem e eu estou entregue ao seu poder, que ataca meu centro.

– Ohhhhhhhh, meu Deeeeeeeus! – dou um gemido e aumento um pouco a pressão. É delicioso.

Ele abre os olhos de repente, a respiração errática, e uma camada de suor forma um rio na depressão de sua testa. Seu rosto parece torturado. Quase me sinto culpada.

– Ava, todo o seu prazer vem de mim.

– Hoje não – comento, fechando os olhos com um suspiro.

– Ava! – ele vocifera, batendo com as algemas contra as barras da cabeceira.

– Que merda, Ava! Você está me provocando!

Eu mantenho os olhos fechados.

– Hummm – solto um gemido, tremendo de leve com as sensações que a vibração constante do aparelho causam no meu clitóris.

– Tenho trinta e sete anos! Pelo amor de Deus, mulher! Tenho trinta e sete anos, inferno!

Meus olhos abrem, meu queixo cai com o choque, e o vibrador cai na cama. Ele disse? Funcionou mesmo!? Tenho vontade de dançar na cama e gritar aos céus pela glória. Por que não pensei nisso antes? Não sou idiota de me convencer que conseguiria fazer isso outra vez – Jesse vai dormir com um olho aberto pelo resto da vida, então talvez eu deva tirar vantagem de seu estado vulnerável e buscar outras respostas, como de onde veio essa cicatriz, quantas mulheres ele já teve e que diabos a polícia foi fazer no Solar. Oh, e a mulher misteriosa e Sarah...

Ele está com os olhos fixos em mim e sou arrancada de minha dança da vitória mental direto para um estado de pânico.

– Tire... essas... malditas... algemas – ele sibila cada palavra.

Ai, porcaria. Durante todo o meticuloso planejamento e a execução da transa da verdade, não pensei nem por um momento no que aconteceria depois. Ele está fervendo de raiva, e agora tenho de soltá-lo. O que ele vai fazer? Penso nas opções, mas não demoro muito para descobrir que só há duas saídas: libertá-lo e aceitar minha punição ou deixá-lo algemado à cama para sempre.

Nós nos encaramos, eu com olhos arregalados e cautelosos, ele com o olhar furioso e sombrio. O que fazer? Coloco as mãos em suas coxas fortes e deslizo sobre o corpo dele, até ficarmos face a face. Preciso melhorar o seu humor.

Passo as mãos por seus cabelos e pouse os lábios nos dele.

– Eu ainda amo você – murmuro durante o beijo. Talvez ele precise dessa segurança. Onze anos não são muita coisa. Qual é o problema? Ele ainda é meu deus lindo e selvagem.

Ele geme quando dou tratamento especial à sua boca.

– Que bom. Agora tire as algemas.

Beijo o seu pescoço e o acaricio ali.

– Está bravo comigo?

– Estou louco de raiva, Ava!

Eu me sento e olho para ele. Está mesmo louco de raiva e eu estou morrendo de medo. Abro um sorriso atrevido.

– Não pode estar louco de amor?

– Isso também. Tire as algemas. – Ele me olha com expectativa.

Quando me mexo para levantar da cama, sinto sua glândula se encaixar na entrada de minha vagina, a cabeça pulsante abrindo caminho em minha fenda.

Ele arqueia o corpo.

– Merda, Ava! Tire essas algemas! – Ele está transtornado, e agora eu sei... que não vou tirá-lo dali. Levanto e fico ao lado da cama, vendo-o espumar.

– O que você vai fazer? – pergunto, nervosa.

– Tire. – Ele parece capaz de matar alguém.

– Não até você me dizer o que vai fazer.

Sua respiração está pesada, seu peito se expande.

– Vou comer você até me implorar que pare e então você vai correr vinte quilômetros. – Ele levanta a cabeça, e seus olhos verdes parecem adagas. – E nós não vamos fazer pausas para massagens nem café!

O quê? O sexo eu aceito, mas não vou correr coisa nenhuma, a não ser para longe dessa cobertura. Ele já me fez correr dezesseis quilômetros ontem. Essa vai ser a maneira de ele retomar o controle, de me obrigar a fazer coisas que não quero fazer, e eu definitivamente não quero correr.

– Não quero sair para correr – digo, com o máximo de calma possível. – Você não pode me obrigar.

As sobrelanceiras dele saltam.

– Ava, você precisa se lembrar de quem detém o poder nesse relacionamento.

Eu me afasto, enojada, e então olho para seus punhos presos, antes de encarar outra vez.

– Com licença, quem é que detém o poder? – Meu sarcasmo serve apenas para aumentar a fúria de Jesse, se é que isso é possível.

– Ava, eu estou avisando!

– Não acredito que você está sendo tão rabugento quanto a isso. Você não teve problemas em *me* algemar!

– Eu estava no comando!

Isso é ridículo!

– Você é maníaco por poder! – grito de volta, e ele se agita um pouco mais. – Vou tomar banho. – Saio do quarto batendo os pés.

– Só sou maníaco por poder com você! – ele grita atrás de mim. – Ava!

Bato a porta do banheiro e tiro o sutiã. Que arrogante, obcecado e controlador! A alegria que eu senti quando a transa da verdade funcionou foi totalmente destruída. Entro no chuveiro e ouço meu nome sendo repetido aos berros. Eu daria risada, se não estivesse tão indignada. Ele realmente não gosta de não poder me tocar e não gosta mesmo, de maneira alguma, de abrir mão do poder.

Tomoo banho e escovo os dentes com calma. Ainda é muito cedo. Tenho tempo

de sobra.

Quando volto para o quarto, vejo que ele está um pouco mais calmo, mas ainda há uma ponta de raiva em sua expressão quando olha para mim.

– Ava, venha aqui e me solte, por favor.

A mudança brusca de humor me deixa desconfiada e alerta. Conheço o jogo dele e não vou cair nessa. Assim que eu o libertar, ele vai vir para cima de mim como um leão e vai me enfiar no traje de corrida e me arrastar pelas ruas de Londres. Não vou negar que gostaria de tê-lo em cima de mim nesse exato momento, mas não estou disposta a ser torturada por vinte e poucos quilômetros. Infelizmente, as duas coisas vêm em um mesmo pacote.

Sento diante do espelho e começo a secar os cabelos, vendo-o pelo reflexo de vez em quando, me observando. Mas ele só faz uma expressão contrariada e solta a cabeça no travesseiro, como um menino mimado sempre que nosso olhar se cruza.

Aplico a maquiagem e passo meu hidratante de chocolate pelo corpo. Visto a lingerie creme que ele comprou para mim e o ouço choramingar. Dou um sorriso convencido para mim mesma. Eu mereço. Não sei por quanto tempo vou ter esse poder. Visto uma blusa branca de babados, calça justa e um sapato preto de salto.

Estou pronta. Caminho até meu homem algemado, me inclino para um longo beijo nos lábios entreabertos. Não sei por que estou fazendo isso. Minha façanha é louvável.

Ele suspira e dobra as pernas, plantando os pés na cama, quando seguro seu pênis semiereto. Vou pagar caro quando ele me pegar.

Ele treme.

– Ava, eu amo tanto você, mas, se não me soltar dessas algemas, vou te estrangular! – Sua voz é um misto de prazer e dor.

Abro um sorriso e dou um beijo casto em seus lábios antes de traçar uma linha de beijos do peito até o mastro sólido, da base à glândula, terminando com uma lambida em torno da cabeça, antes de tomá-lo inteiro na boca.

– Ava, por favor!

Eu o deixo e pego a chave das algemas na cômoda. Vou até ele, que respira aliviado. Não sei por quê; eu não vou libertá-lo totalmente. Tiro a algema da mão machucada, que cai sem vida sobre a cama. Uma pontada de culpa me invade ao vê-lo abrir e fechar a mão e flexionar o punho para fazer o sangue circular. Vou até a cômoda e deixo a chave.

– O que está fazendo? – ele pergunta, com o rosto fechado.

– Onde está seu celular?

– Por quê? – É evidente a confusão em seu rosto.

– Você vai precisar dele. Onde está?

– Está no bolso do meu paletó. Ava, dê-me a chave. – Está perdendo a paciência de novo.

Vasculho o quarto com os olhos e encontro seu paletó no chão, onde ele obviamente o deixou ontem à noite, antes de me pegar no banheiro. Retiro o

telefone do bolso interno e coloco na mesa de cabeceira, um pouco fora de alcance. Não quero que ele consiga pedir ajuda antes que eu escape.

Pego minha bolsa e saio do quarto, deixando-o como uma bomba não detonada em forma de homem. Sei que vou ter de enfrentar as consequências mais tarde, mas pelo menos libertei uma das mãos. Ainda que seja a mão ferida. Ele vai conseguir sair dessa.

Capítulo 11



– Olá, flor! – Patrick sai do seu escritório quando me vê sentando à minha mesa.
– Chegou cedo, hoje! – Ele se senta na borda da mesa e faz seu habitual ruído de desprezo quando ouve o habitual rangido de protesto. – O que tem para me contar?

– Não muito. – Viro para o computador. – Tenho uma reunião com Van Der Haus na hora do almoço para vermos meus esboços.

– Que bom. E quanto ao sr. Ward? Tem tido notícias dele?

Sinto meu rosto ferver e olho mais fixamente para o computador.

– Ahn... não. Não sei quando ele volta da viagem de negócios – respondo, rezando mentalmente para ele desistir do assunto.

– Já faz duas semanas, não? Eu gostaria de saber o que pode estar acontecendo... – ele pergunta, e suspeito que seu rosto esteja revelando a curiosidade, mas não consigo olhar para confirmar.

Eu tusso.

– Não sei mesmo.

Patrick se levanta da mesa com um rangido ainda mais alto.

– A propósito, a Sally está doente. Ela não vem hoje – ele diz, enquanto segue para seu escritório.

Sally está doente? Não é comum para ela. Oh! Ontem à noite seria seu segundo encontro. Ou tudo correu muito bem, e ela está fingindo uma doença para passar o dia na cama com o sr. Misterioso, ou correu muito mal e ela inventou uma doença para chorar na cama o dia todo com uma caixa de lenços. É com sentimento de culpa que desconfio que seja a segunda opção. Pobre Sal.

Respiro fundo, afundo na cadeira e então “Angel” começa a tocar dentro da minha bolsa. Meu Deus. Ele obviamente está livre. Não vou atender. O celular toca até cair na caixa de mensagens e volta a tocar, desta vez com meu toque padrão. Pego-o desta vez e atendo à ligação da srta. Quinn.

– Bom dia, srta. Quinn. – cumprimento, alegre.

– Olá, Ava. Por favor, é Ruth. Estou só dando um oi. Conseguiu fazer alguma coisa, já?

– Sim. Preparei a tabela de valores pelo serviço e fiz alguns esboços que preciso enviar.

– Excelente! – Ela é tão entusiasmada. – Eu estou ansiosa para vê-los. E agora, o que fazemos?

– Bem, se você concordar com os valores e gostar das ideias, podemos começar a criar os designs.

– Ótimo! Estou tão animada!

Abro um sorriso. Isso é óbvio.

– Está bem. Mando tudo no fim do horário comercial hoje. Tchau, Ruth.

– Obrigada, Ava. – Ela desliga e começo imediatamente a escanear os esboços. Adoro trabalhar com gente que tem o mesmo amor que eu pela própria casa.

Quando o relógio dá dez horas, já estou no escritório há três e impressionada com a montanha de trabalho que já fiz.

Viro a cadeira para ir preparar um café e quase tenho uma síncope quando dou de cara com meu deus arrogante, que me olha com as sobrancelhas levantadas. Seu lindo rosto abre aquele sorriso safado. Entro em alerta máximo imediatamente. Ele está radiante de terno cinza e camisa azul-clara, aberta no colarinho e sem gravata. Ainda está com a barba de dois dias por fazer. Meus olhos estão inebriados, mas minha mente se inunda de incertezas.

– Que prazer em vê-la, Ava – ele diz calmamente, estendendo a mão. A manga do paletó sobe um pouco e revela seu Rolex de ouro.

Merda!

Fico gelada quando vejo uma porção de marcas vermelhas ao redor do punho, o Rolex pouco fazendo para ajudar a escondê-las. E essa é a mão machucada, inclusive. Olho assustada para ele, que acena com a cabeça, afirmativamente. Bato em mim mesma mentalmente. Eu o machuquei. Fico péssima. Não o culpo por estar tão furioso.

Coloco a mão na dele, sem apertar. Não quero machucá-lo ainda mais.

– Eu sinto muito. De verdade – sussurro as palavras, tomada pelo remorso. Meu desejo irracional por saber a idade dele me fez machucá-lo. Vou pagar por isso.

– Sei que sente – ele responde, frio.

– Ah, sr. Ward! – a voz animada de Patrick invade meus ouvidos, e ele se aproxima da mesa, vindo de seu escritório. Solto a mão de Jesse. – Que bom vê-lo! Acabei de perguntar a Ava se ela tinha notícias suas.

– Sr. Peterson, como vai? – Jesse dá um de seus sorrisos matadores, de fazer derreter, reservado normalmente para mulheres.

– Muito bem. Como foi sua viagem de negócios? – pergunta Patrick.

Os olhos de Jesse passam pelos meus rapidamente, antes de voltar para os de Patrick.

– Fui cuidar da segurança dos meus bens – ele responde, em perfeito controle. – Recebeu o depósito que fiz?

O rosto de Patrick se ilumina.

– Sim. Claro. Obrigado. – Percebo que ele não diz ao sr. Ward que a quantia é muito maior que o normal para um adiantamento.

– Que bom, como eu disse antes, estou ansioso para ver as coisas acontecendo. Minha viagem *inesperada* fez tudo atrasar um pouco.

– Claro, tenho certeza de que Ava vai ajudar. – Patrick coloca a mão no meu ombro num gesto de carinho, e os olhos de Jesse a seguem.

– Estou certo de que vai – ele pondera em voz baixa, o olhar ainda fixo na mão de Patrick

Ele é um homem grisalho de sessenta anos e uns trinta quilos acima do peso ideal. Jesse não estaria se sentindo ameaçado pelo meu chefe, que parece um enorme urso de pelúcia?

Ele encara Patrick

– Eu vim convidar Ava para um brunch, para repassarmos algumas ideias. Você não se importa.

A última frase definitivamente não foi uma pergunta. Ele está se impondo.

– Fique à vontade – Patrick responde, feliz, sem me consultar.

– Na verdade, tenho uma reunião na hora do almoço – informo. Aponto para a página na minha agenda nova, que não tem mais as linhas longas, pretas e permanentes que Jesse fez em todas as páginas da anterior. Quero adiar esse confronto pelo maior tempo possível. Estou muito incomodada com o olhar astuto naquele lindo rosto. E então ele olha para a minha agenda nova, e sua mandíbula se aperta de maneira selvagem.

Sim, eu comprei outra!

– Isso é só ao meio-dia – Jesse intervém, e eu recuo. – Não vou segurá-la por tanto tempo – ele acrescenta com a voz rouca e cheia de promessas, que também soa um pouco como uma ameaça.

– Pronto! – Patrick cantarola e volta para seu escritório. – Foi muito bom revê-lo, sr. Ward.

Fico parada, batendo freneticamente a unha no dente, enquanto tento pensar numa escapatória. Não consigo e, mesmo se eu tivesse um bom motivo, estaria apenas adiando o inevitável. Olho para o homem que amo acima de qualquer coisa e tremo nas bases.

– Vamos? – Jesse pergunta, com as mãos nos bolsos. Pego meu telefone na mesa e jogo dentro da bolsa, junto com a pasta do Life Building. Vou precisar ir direto para o Royal Park para a reunião com Mikael, logo depois da minha reunião com Jesse.

Ele segura a porta para mim, e Tom entra esbaforido antes que eu tenha chance de sair. Seus olhos se arregalam, e ele parece chocado quando se dá conta de quem está segurando a porta.

– Sr. Ward! – exclama. É até ridículo vê-lo falar com Jesse de maneira tão formal. Ele já saiu para beber e dançar com ele.

– Tom – Jesse o cumprimenta em tom bastante formal.

– Estou saindo para uma reunião com o sr. Ward – inclino a cabeça para o lado e olho para Tom de maneira cúmplice. Ouço Jesse rir baixinho.

– Ah, sim... Uma reunião, hein? – Tom dá uma risadinha. Quero dar um chute nele por essa, mas, quando ele dá uma piscadela exagerada, decido que, da próxima vez em que o vir, eu vou dar um chute nele. Saindo apressada para a rua, fico aliviada por estar fora do escritório e da possibilidade de ser delatada,

mas nervosa por estar à mercê de Jesse. Não tenho ilusões de que, apenas por estarmos em público, ele não vai ser capaz de me pensar no primeiro muro que encontrar.

Andamos lado a lado até Piccadilly. Não sei aonde estamos indo, mas eu o acompanho. Ele não faz menção de segurar a minha mão e não fala. Estou ficando mais apreensiva a cada segundo. Olho para ele e vejo sua face livre de qualquer expressão, e ele não retribui meu olhar, embora eu saiba que ele sabe que estou olhando.

– Com licença, você tem horas? – uma senhora com aparência de executiva pergunta a Jesse.

Ele tira a mão do bolso e olha para o relógio. Eu me encolho ao ver as marcas em seus punhos. A mão dele ainda está machucada dos socos no carro, e eu a deixei pior.

– São dez e quinze. – Jesse dá o sorriso que reserva apenas para as mulheres, e ela se derrete toda, diante dele.

Sou tomada por um imenso sentimento de posse quando a vejo agradecer de maneira provocante. Ela deve ter idade mais próxima de Jesse que eu, a abusada. Ninguém me convence que ela não tem um celular em que possa ver as horas, ou por que ela não perguntou ao gordo engravatado, careca e suado que estava na frente dela? Revirando os olhos, espero Jesse tomar a iniciativa de retomar a caminhada e, depois de um momento oferecendo à mulher seu sorriso arrebatador, garantindo que ela tenha a experiência completa, ele segue, e eu o acompanho. Olho para trás e vejo a mulher ainda olhando sobre o ombro. Como pode alguém ser tão desesperada e sem-vergonha? Mas logo dou risada sozinha. Eu mesma sou desesperada quando se trata de Jesse e também sou completamente sem-vergonha.

Atravessamos a rua, nos aproximamos do Ritz, e fico impressionada quando a porta é aberta para nós. Jesse faz sinal para que eu entre. Vamos tomar o brunch no Ritz?

Não abro a boca enquanto ele me conduz até o restaurante e somos acomodados no espaço mais suntuoso. Chega a ser obsceno. Não tem nada a ver com Jesse e com certeza não tem nada a ver comigo.

– Ovos Benedict para dois, ambos com pão integral. Um cappuccino, com dose extra de café, sem chocolate, e um expresso forte. Obrigado. – Jesse entrega o cardápio para o garçom.

– Claro, senhor. – Ele pega meu guardanapo chique de tecido e coloca no meu colo, repetindo o mesmo gesto cuidadosamente executado em Jesse, antes de se afastar da mesa. Olho em volta, absorvendo o luxo do ambiente, cheio de gente bem-nascida e muito rica. Fico desconfortável.

– Como está sendo seu dia? – ele pergunta com quem não quer nada, sem emoção na voz. Isso só piora meu incômodo, a pergunta me levando de volta para a sombria presença do outro lado da mesa. Ele tira o guardanapo do colo e o coloca sobre a mesa, o rosto impassível me observando.

O que posso dizer? Não são nem dez e meia e já tive um dia bastante peculiar. Até agora já descobri a idade dele, usei um vibrador, o algemei na cama – e o

deixei lá –, e agora estou tomando um café da manhã no Ritz. Essas coisas não fazem parte da minha rotina.

– Não sei... – respondo com sinceridade, porque tenho a sensação de que mais algumas peculiaridades serão adicionadas à lista.

Ele baixa os olhos e seus cílios incríveis quase tocam as bochechas.

– Posso dizer como o meu dia está indo?

– Se quiser... – sussurro. Minha voz está tomada de nervosismo. Não duvido que ele faça uma cena no hotel mais chique de Londres, entre as pessoas mais chiques de Londres.

Ele encosta na cadeira e me ataca com aqueles olhos verdes.

– Bem, uma sedutorazinha temperamental armou uma emboscada que impediu minha corrida matinal, já que ela me algemou na nossa cama e me torturou em troca de informações. Depois ela me abandonou, me deixando desamparado e desesperado por ela. – Ele brinca com o garfo, e eu murchio sob o seu olhar. Ele respira fundo. – Acabei conseguindo pegar meu celular, que ela deixou quase... ao... meu... alcance. E depois esperei a chegada de uma pessoa da minha equipe para me libertar. Quebrei meu próprio recorde correndo mais de vinte quilômetros para extravasar um pouco das frustrações com as quais ela me presenteou e agora estou olhando para seu lindo rosto e morrendo de vontade de deitá-la sobre esta mesa bem-posta e comê-la até ela gritar.

Fico sem ar diante do que ele diz sem o menor decoro, no meio do Ritz. Meu Deus, o que John deve ter pensado de mim? Espero que tenha rido. Ele parece achar graça no comportamento e nas reações de Jesse no que me diz respeito.

O garçom serve nossos cafés, e nós dois agradecemos com um aceno de cabeça, antes que ele se afaste.

Pego a colher de prata maciça – provavelmente – e mexo meu café com calma.

– Você teve mesmo uma manhã bastante movimentada. – Olho para ele, ansiosa, e o encontro tentando evitar um sorriso. Ele quer rir, mas também quer ficar bravo comigo, e isso me faz sentir muito melhor.

Finalmente, ele suspira.

– Ava, nunca mais faça isso comigo.

– Você ficou louco de raiva. – Solto o ar devagar, aliviada, desintegrando na poltrona.

– Eu estava muito, mas muito além de louco de raiva, Ava. – Ele massageia as têmporas, como se quisesse se livrar das lembranças.

– Por quê?

Ele faz uma pausa.

– Porque não conseguia colocar as mãos em você – ele explica, como se eu tivesse algum problema de compreensão. Deve ter notado minha expressão confusa, porque move os dedos para a testa e apoia os cotovelos na mesa. – O pensamento de não ser capaz de tocar você me deixou em pânico, na verdade.

– Eu estava no mesmo quarto! – falo um pouco alto demais. Dou uma olhada em volta, para ver se não chamei a atenção de algum membro da bem-nascida

clientela.

Ele me olha feio.

– Você não estava no quarto depois que saiu.

Eu me inclino sobre a mesa.

– Fui embora porque você me ameaçou. – Definitivamente não é uma conversa para se ter no Ritz.

– Bem, aquilo foi porque você me deixou louco de raiva. – Ele arregala os olhos para mim. – Quando foi que comprou aquelas algemas? – ele pergunta, em tom de acusação, enquanto suas mãos batem na mesa, o ruído silenciando os demais frequentadores à nossa volta.

Encosto na poltrona e espero que todos retomem sua conversa.

– Quando eu saí do trabalho ontem. Você estragou meu plano com a transa de castigo, merda – eu resmungo, chateada.

– Olha a boca. Estraguei o seu plano? – ele pergunta, incrédulo. – Ava, vou explicar uma coisa, em nenhum lugar do meu plano está escrito que você me prenderia e me deixaria à sua mercê. Então foi *você* quem estragou o *meu* plano.

Ambos paramos de falar em planos, transa de castigo e algemas quando o garçom se aproxima com a nossa comida. Primeiro ele me serve e depois a Jesse, girando os pratos para que a apresentação – que mais parece uma obra de arte – esteja na melhor posição para admirarmos, antes de atacarmos com garfo e faca. Abro um sorriso em agradecimento.

– Mais alguma coisa, senhor? – o garçom pergunta a Jesse.

– Não, obrigado.

O garçom nos deixa a sós para retomarmos a conversa imprópria.

Planto a faca no meu belo prato. Está lindo demais para ser comido.

– Você devia saber que sua sedutorazinha está muito satisfeita consigo mesma – digo, pensativa, antes de encher a boca com a mais deliciosa combinação de pão integral, salmão defumado e molho *hollandaise*.

– Aposto que está. – Ele levanta as sobrancelhas. – Ela sabe o quanto eu sou loucamente apaixonado por ela?

Derreto com um suspiro. Estou no Ritz, desfrutando o mais delicioso dos pratos e, do outro lado da mesa, está o homem mais devastadoramente bonito que já vi – o *meu* homem mais devastadoramente bonito. Todo meu. Estou tomando sol no Sétimo Céu de Jesse.

– Acho que ela sabe.

Ele volta a atenção para o próprio prato.

– É bom que ela não só ache que sabe.

– Ela sabe.

– Que bom.

– Qual é o problema, afinal? – pergunto. – Trinta e sete não é nada.

Os olhos dele se fixam nos meus. Ele parece quase envergonhado.

– Não sei. Você está no meio dos vinte, e eu já estou no final dos trinta.

– E daí? – observo-o com atenção. Ele tem mesmo um complexo com sua

idade. – Incomoda mais a você do que a mim.

– Talvez. – Jesse tenta esconder um sorriso. Balanço a cabeça e volto a comer. Meu playboy arrogante tem uma insegurança, mas eu o amo ainda mais por isso.

Comemos em um silêncio confortável, com o garçom vindo em intervalos regulares para verificar se tudo está a contento. Quando terminamos, ele retira rapidamente nossos pratos, e Jesse pede a conta.

– Então, quando vamos comprar o seu vestido? – ele pergunta, antes de beber um gole de café.

Não consigo evitar o suspiro exasperado que escapa de mim. Eu tinha me esquecido disso e sei que, se quiser contrariá-lo dessa vez, vou ser imediatamente expulsa do Sétimo Céu de Jesse. Dou de ombros.

– Sexta-feira, na hora do almoço?

A ruga de preocupação em sua testa assume seu posto.

– É um pouco em cima da hora, não é?

– Eu vou encontrar algo – termino o café mais gostoso que já tomei.

– Anote na sua agenda sexta-feira à tarde... a tarde toda.

– O quê? – Minhas sobrancelhas parecem ter sido coladas.

Ele retira um bolo de dinheiro do bolso e deixa cinco notas de vinte no envelope de couro que o garçom havia deixado sobre a mesa. Cem libras por um café da manhã? Isso é meu vestido novo!

– Marque uma reunião com o sr. Ward na sexta à tarde. Por volta da uma da tarde. – Seus olhos verdes estão dançando em deleite. – Vamos comprar seu vestido e você não pode ter pressa em se arrumar para a festa.

– Não posso travar minha sexta-feira para uma única reunião apenas – disparo, incrédula. O sr. Irracional está de volta.

– Você pode e vai. Estou pagando seu chefe muito bem. – Ele se levanta e vem para o meu lado da mesa. – Você precisa dizer a Patrick que está morando comigo. Não vou ficar cheio de dedos perto dele por muito tempo.

Eu me levanto, aceito a mão que ele me oferece e o deixo conduzir-me para fora do restaurante. Não, ele não vai ficar cheio de dedos. É capaz de passar por cima do meu chefe.

– Isso só vai nos deixar em situação constrangedora – tento explicar. – Ele não vai ficar nem um pouco impressionado, Jesse. E não quero que ele pense que eu estou vagabundeando em vez de trabalhar, se a ideia é ter reuniões de *trabalho* com você.

– Estou pouco me lixando para o que ele pensa. E, se ele não gostar, você se aposenta – ele diz, andando e me arrastando junto.

Aposentar? Eu amo meu trabalho e amo Patrick também.

– Você vai dar um jeito nele, não vai? – pergunto com cautela. Meu homem parece um rinoceronte.

O manobrista entrega a chave do carro para ele, e Jesse lhe dá cinquenta libras. Cinquenta? Por estacionar e trazer seu carro? Tudo bem, é um belo carro, mas mesmo assim.

Ele se vira para mim, acaricia meu rosto e roça o nariz no meu.

– Amigos? – seu hálito de menta me atinge como um trator.

– Sim – eu me rendo, mas, a julgar pela conversa dos últimos minutos, não vai durar muito. – Obrigada pelo café da manhã.

Ele sorri.

– Quando quiser. Aonde você vai agora?

– Para o hotel Royal Park.

– Perto de Lancaster Gate? Eu levo você. – Ele me beija com vontade e roça o quadril gentilmente em mim.

Fico sem fôlego.

Ele não pode me encostar na frente do Ritz! Ouço a risada de Jesse pelo meu estado de choque antes de me conduzir para o carro. O manobrista abre a porta do carro para mim, e abro um sorriso amável antes de entrar. Jesse senta ao volante, acaricia meu joelho e sai cantando pneus pelo tráfego matinal de Londres, em sua alarmante velocidade habitual.

– O que eu digo a Patrick? – viro para olhar para ele. Ah, como ele é lindo.

– O quê? Sobre nós? – ele me olha rapidamente, a linha de expressão pronunciada.

– Não, sobre nossa reunião durante o café da manhã. O que discutimos?

Ele dá de ombros.

– Diga que fechamos os valores e que quero que você vá ao Solar na sexta para finalizar os desenhos.

– Você faz parecer tão simples – suspiro, encostando no banco e admirando a vista dos parques.

Ele aperta meu joelho de novo.

– Querida, você faz parecer tão complicado.

Jesse freia ruidosamente do lado de fora do Royal Park e dispensa um manobrista com os olhos brilhando de alegria que se aproxima para pegar o carro.

– Vejo você em casa. – Ele me segura pela nuca e me puxa para seu rosto, demorando-se na despedida. Eu deixo, des preocupada com a proximidade do manobrista, que olha com inveja para o DBS.

– Umas seis – confirmo, enquanto ele beija o canto da minha boca.

Ele sorri.

– Umas...

Sei que não é o momento para tocar no assunto, mas isso vai me consumir pelo resto do dia. Ele não pode estar falando sério.

– Não posso me aposentar aos vinte e seis anos.

Ele encosta no banco, e aquelas engrenagens estúpidas em sua mente entram em ação. Fico preocupada na hora. Ele *está* falando sério.

– Eu expliquei, não gosto de dividir você com ninguém.

– Isso é ridículo – digo rápido, o que obviamente foi um erro, a julgar pela

expressão com que ele me olha.

– Não me chame de ridículo, Ava.

– Eu não chamei você de ridículo. Eu chamei a sua intenção de ridícula – argumento em voz baixa. – Nunca vou deixar você. – Estendo a mão e acaricio a sua nuca. Será que ele precisa dessa garantia?

Seu lábio inferior desaparece entre seus dentes, e ele fixa o olhar no volante do DBS.

– Isso não impede outras pessoas de tentarem afastar você de mim. Não posso deixar isso acontecer. – Jesse lança um olhar atormentado, que me atinge como um soco no estômago.

– Que pessoas?

Ele balança a cabeça.

– Ninguém em especial. Eu não mereço você, Ava, mas, por algum milagre, você está comigo. E vou proteger você com unhas e dentes, eliminar qualquer ameaça. – As mãos dele deslizam pelo volante, as articulações brancas com a força que exercem para apertar a direção. – Ok, é melhor pararmos de falar nisso, porque estou me sentindo um pouco violento.

Fico parada olhando para o meu lindo controlador neurótico e penso que gostaria de dar as garantias de que ele precisa. Minhas palavras nunca serão suficientes. Estou começando a me dar conta disso.

Desafivel o meu cinto, rastejo até o banco do motorista e monto no colo dele. Dane-se o manobrista. Seguro o rosto de Jesse entre as mãos e colo meus lábios nos dele. Ele geme e passa as mãos por meu corpo, até apertar minhas nádegas e me puxar contra seu quadril. Quero que ele me leve para o Lusso agora mesmo, mas não posso dispensar Mikael.

Nossas línguas deslizam uma na outra, se enrolam, duelam e mergulham outra vez e várias vezes. Tenho uma necessidade física desse homem – uma dor, uma ânsia constante, e sei que ele sente o mesmo por mim.

Eu me afasto e o vejo de olhos bem fechados. Já vi essa expressão antes e, da última vez, foi porque ele tinha algo a me contar.

– O que foi?

Seus olhos se abrem depressa.

– Não há nada errado. – Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto. – Está tudo certo.

Fico tensa no colo dele. Ele também já me disse isso, e, na verdade, não estava tudo bem.

– Você quer me dizer algo.

– Tem razão, quero mesmo. – Ele baixa a cabeça, e me sinto mal, enjoada, com o estômago virado, mas então seus olhos encontram os meus de novo. – Eu amo você loucamente, Ava.

Eu recuo um pouco.

– Não era isso que você ia me dizer.

Ele me transforma numa poça de prazer no colo dele, ao me dar um sorriso daqueles que reserva apenas para as mulheres.

– Era, sim. E vou continuar dizendo isso até você se cansar de ouvir. Para mim, é novidade. – Ele dá de ombros. – Gosto de dizer isso.

– Eu não vou me cansar de ouvir, e nada de dizer isso para outra pessoa. Não me importa o quanto você goste.

Ele me dá um sorriso de menino atrevido.

– Você ficaria com ciúme?

Eu debocho:

– Sr. Ward, não vamos falar sobre ciúme logo depois de você dizer que eliminaria qualquer ameaça.

– Tudo bem, não vamos falar nisso. – Ele me puxa e roça o quadril, fazendo brotar uma pulsação gostosa no meu sexo. – Vamos para um quarto – ele sussurra, projetando o quadril na minha direção mais uma vez.

Saio rápido do colo dele, ansiosa para me desvencilhar daquele toque devastador, antes que eu rasgue as roupas dele aqui e agora.

– Vou me atrasar para minha reunião. – Pego a bolsa e dou um beijo rápido nele. – Quero que esteja me esperando na cama quando eu chegar em casa.

Ele abre um sorriso satisfeito.

– Está me dando ordens, srta. O’Shea?

– Vai me desafiar, sr. Ward?

– Nunca, mas você lembra quem detém o poder, não lembra? – Ele tenta me segurar, mas dou tapinhas nas mãos dele e desço rápido do carro, antes que ele me engula outra vez.

Coloco a cabeça para dentro do carro.

– Você tem o poder, mas eu preciso de você. Então poderia, por favor, me esperar nu e disposto?

– Você precisa de mim? – ele pergunta, com um ar triunfante no rosto.

– Sempre. Veja você na sua casa. – Fecho a porta, ouvindo-o gritar “*nossa casa*” enquanto me afasto. Sinto aqueles olhos me seguindo e, assim que me viro, vejo o manobrista com um sorriso no rosto. Fico muito ruborizada e subo os degraus que me levam ao hotel.

Sou conduzida ao mesmo local onde Mikael e eu nos encontramos da última vez, e ele já está me esperando. Está analisando as paletas de cores sobre a mesa. Ele está vestido de maneira mais informal hoje, sem paletó, a gravata solta, mas seus cabelos loiros claros estão perfeitamente penteados.

Ele me olha assim que entro.

– Ava, que bom rever você. – Sua voz, com ligeiro sotaque, está mais macia do que nunca.

– Você também, Mikael. Recebeu meus esboços? – Aponto as paletas e coloco a bolsa em um dos grandes sofás de couro verde.

– Sim, mas o problema é que adorei todos. Você é boa demais. – Ele estende a mão, e eu o cumprimento.

– Fico feliz. – Dou um sorriso radiante.

Ele solta a minha mão e volta para as paletas.

– Mas esta é minha preferida. – Ele aponta para a combinação de creme e branco, que também é minha favorita.

– Eu também escolheria essa. Acho que expressa melhor o que você deseja.

– É verdade – ele concorda, sorrindo amigavelmente para mim. – Sente-se, Ava. Gostaria de beber alguma coisa?

Acomodo-me em um sofá.

– Água está ótimo, obrigada.

Ele acena para o garçom, antes de se sentar ao meu lado.

– Peço desculpas por adiar nossa reunião. As coisas em casa não andaram tão depressa quanto eu esperava.

Deve ter a ver com o divórcio. Não consigo imaginar as coisas andando com calma quando se é rico como Mikael. A ex-esposa deve estar brigando por cada centavo. Não digo nada. Suspeito que Ingrid não devia ter me dado tantas informações, mas não quero que ela seja despedida.

– Não tem problema – sorrio e volto os olhos para as paletas. – Estamos mais inclinados a escolher este aqui, então? – Coloco a mão sobre o esquema de creme e branco.

Ele se inclina para a frente.

– Sim. Gosto da simplicidade e do conforto. Você é muito inteligente. Qualquer um poderia pensar que o resultado seria insípido e frio, mas não é, de forma alguma.

– Obrigada. O segredo está nos tecidos e tons.

Ele sorri, os olhos azuis brilhando.

– É, acho que sim.

Passamos algumas horas discutindo horários, cronogramas e orçamento. É muito fácil lidar com ele, o que é um alívio. Depois que recusei seu convite para jantar, fiquei preocupada que as coisas pudessem ficar estranhas entre nós, mas ele aceitou o baque e nunca mais disse nada.

– Só será usado material sustentável, certo? – Ele passa o dedo pelo desenho de uma cama de dossel que fiz.

– Claro. – Indico várias peças da mobília. – Pelo que entendi, a comissão de meio ambiente da Escandinávia é muito séria.

– É mesmo – ele ri. – Todos temos que fazer nossa parte pelo meio ambiente. Não ficamos muito bem-vistos depois do Lusso.

Minha mente é invadida por doze supermotos e um DBS que bebe combustível.

– Fazer nossa parte de fato é importante – concordo.

Depois que conversamos mais um pouco, eu peço licença para usar o banheiro. Estou satisfeita com o progresso da reunião e ansiosa para voltar ao escritório e começar a trabalhar no design definitivo. De frente para o espelho, arrumo os cabelos, belisco as bochechas e saio, passando pelo lobby, e volto para

onde estávamos.

Meu bom humor acaba no momento em que entro na sala e quase engasgo.
Que diabos ele está fazendo aqui?

Capítulo 12



Jesse está ao lado de Mikael, exalando confiança, olhando meus esboços. Oh, ele passou dos limites dessa vez. Vai atrapalhar minha reunião. Meu Deus, ele vai passar seu rolo compressor sobre Mikael sem nem saber que o dinamarquês já me convidou para jantar.

Fico perdida e apenas observo os dois, a postura formal de ambos, enquanto tento decidir como lidar com isso. Como é minha reação normal à teimosia de Jesse, quero gritar com ele, mas isso está fora de questão na presença de Mikael.

Como se sentisse minha presença – como sempre acontece –, Jesse olha para mim. Lanço um olhar que diz “você está abusando da sorte” e me aproximo lentamente dos dois.

– Mikael – digo, me colocando entre os dois. Sinto Jesse ficar tenso da cabeça aos pés ao ouvir a maneira informal como me dirigi ao meu cliente. Ele que pule do penhasco mais próximo! O cara merece todas as tensões por que passa! E quer que eu me mude para a casa dele? Pode esquecer, e não há transa de lembrete que me faça mudar de ideia.

Mikael sorri para mim. A sobancelha levantada de Jesse não me passa despercebida.

– Ava, deixe-me apresentá-la. Este é Jesse Ward. Ele comprou a cobertura do Lusso. Eu estava mostrando a ele seus desenhos. O sr. Ward está tão impressionado quanto eu.

– Que bom – digo sem tomar conhecimento de Jesse, virando as costas para ele e olhando apenas para meu cliente. – Podemos marcar nossa próxima reunião? – Sinto a frieza que emana de Jesse.

– Sim, seria ótimo – responde Mikael. – Sexta-feira à tarde está bom para você? Podemos nos encontrar no Life para ter uma ideia das quantidades. O que acha de almoçarmos juntos? – As sobancelhas dele se elevam sugestivamente, ainda que não devesse encorajar este tipo de comportamento, simplesmente não consigo evitar.

– Sexta-feira está ótimo e vai ser muito bom almoçarmos juntos. – Abro um sorriso, mas logo sinto o hálito mentolado de Jesse na minha nuca. Ele está próximo demais de mim, para quem é supostamente um desconhecido.

– Sinto ter que interromper – Jesse intervém.

Meu Deus, lá vem o rolo compressor.

Ele segura meus ombros e vejo Mikael fechar o rosto, confuso. Jesse me vira aos poucos, até ver meu rosto chocado parar diante do dele.

– Querida, esqueceu que eu vou levar você às compras?

Putá merda!

Ele não tem mesmo nenhuma consideração nem vergonha. Mikael vai reclamar para Patrick, e Patrick vai descobrir tudo sobre Jesse, e vou perder meu emprego! Não tenho forças para olhá-lo com ódio, enquanto encara com os olhos brilhando meu rosto transtornado.

– Eu não sabia que vocês se conheciam – Mikael diz, claramente confuso. Acabamos de ser apresentados, e nenhum dos dois mencionou a Mikael que já nos conhecemos. Somos muito mais que conhecidos.

Jesse nocauteia Mikael com um sorriso matador.

– Eu estava por perto e sabia que o amor da minha vida estava aqui – ele dá de ombros. – Pensei que poderia entrar e matar a saudade. Só vou vê-la daqui quatro horas. – Ele se inclina e roça os lábios na minha orelha. – Eu estava com saudade – sussurra.

Ele me vira de volta para Mikael e me puxa ao encontro de seu peito, passando o braço pelos meus ombros e beijando minha testa. Isso é tão pouco profissional. Quero morrer. Olho para Mikael e o vejo observando com atenção a demarcação de território explícita, que Jesse encena.

– Desculpe, mas quando você disse que estava aqui para encontrar sua namorada, não imaginei que estivesse se referindo a Ava – Mikael diz, com frieza.

– Sim. Ela é não é linda? – Ele beija minha têmpora e cheira meus cabelos. – E toda minha – acrescenta em voz baixa, mas alto o suficiente para Mikael ouvir.

Sinto meu rosto queimar mais a cada segundo, meus olhos vão a qualquer lugar que não na direção de meu cliente. Ele está tentando eliminar Mikael? Ele é um cliente, não uma ameaça. Não que Jesse saiba, de qualquer forma. Deus me ajude se ele souber do convite para jantar.

Meus olhos param brevemente em Mikael. Ele me olha com atenção. Estou tão desconfortável!

– Sr. Ward, se eu tivesse uma Ava, não tenho dúvida de que estaria fazendo o mesmo. – Ele sorri para mim e meu rosto cora ainda mais. – Talvez segunda-feira seja melhor?

Encontro minha voz.

– Claro, segunda-feira está perfeito. – Tento sutilmente me desvencilhar de Jesse, mas seu abraço continua firme, e sei que o exército britânico teria que se esforçar para me livrar dos braços dele nesse momento.

Mikael estende a mão para mim.

– Ligo para marcarmos um horário assim que checar minha agenda.

Aperto a mão dele. Estou terminando uma importante reunião de negócios, com um cliente mais importante ainda, enlaçada por meu controlador possessivo e neurótico. Estou morrendo de vergonha.

– Vou ficar aguardando – respondo, entusiasmada, e recebo um cutucão nas costas. Ele está querendo me provocar?

Mikael deixa o local e percebo que ele nos olha sobre o ombro ao sair. Capto o olhar atento em seu rosto pálido e não consigo afastar o pensamento de que Jesse

acaba de desafiá-lo. Eu poderia morrer de raiva.

– Não acredito que você fez isso – digo baixinho, olhando para o nada. – Você pisoteou meu cliente mais importante.

Ele me vira em seus braços e fica frente a frente comigo, se inclinando para eliminar a diferença de altura entre nós.

– Quem é seu cliente mais importante? – ele pergunta, de sobrancelhas juntas. Eu reviro os olhos.

– Você é meu amante, que também é um cliente.

– Sou mais que seu amante!

Encaro o rosto em pânico diante de mim e amaldiçoo o mundo por querer sair daqui e ir direto para o bar do hotel e virar uma taça de vinho. Não, na verdade, uma garrafa.

Solto um suspiro de completo desespero.

– Preciso voltar ao trabalho. – Eu me afasto dele, mas sua mão agarra meu punho, o calor que o toque dele instiga sempre presente.

Jesse fica de frente para mim, ainda segurando meu punho.

– Você o encorajou de propósito – ele dispara, em tom de acusação.

Sim, eu o encorajei! Do mesmo jeito que ele apareceu no Royal Park de propósito para estragar minha reunião. E para quê? Olho para ele por entre as lágrimas que enchem meus olhos.

– Por quê? – pergunto. É uma pergunta simples.

– Porque eu amo você – responde, em voz baixa.

– Isso não é motivo. – Meu tom de voz sugere total derrota, o que é bom, porque é como eu me sinto.

Ele levanta a cabeça em choque e me imobiliza com seu olhar horrorizado.

– É, sim. E de qualquer forma, ele é sabidamente um cafajeste.

Está bem, agora está apenas inventando desculpas para justificar seu comportamento irracional. Se me ama, devia apoiar o meu trabalho, não tentar sabotá-lo.

– Você não pode atrapalhar todas as reuniões que eu tiver com clientes do sexo masculino – digo, exausta, sem a menor fé na minha tentativa de fazê-lo ver a razão.

– Não vou. É só ele. E qualquer outro homem que possa ser uma ameaça. Tenho vontade de olhar para o céu e gritar para Deus. Jesse vê qualquer homem como uma ameaça.

– Preciso ir. – Tento outra vez mover meu corpo por escolha própria, mas ele se recusa a me soltar.

– Vou levar você – ele me informa, soltando meu punho com relutância. – Pegue suas coisas. Ele vai até a mesa e começa a recolher minhas paletas de cores. – Esses croquis estão muito bons.

Não consigo compartilhar seu entusiasmo. Estou desolada e impotente. Posso ver a carreira dos meus sonhos sendo levada pelo vento diante dos meus olhos e, o pior, tenho um medo constante de que vou empurrá-lo para o álcool se não aceitar suas condições insanas. Como posso ir de exultante para derrotada em tão

pouco tempo?

Jesse me deixa na esquina da Berkeley Square a pedido meu, para não ser vista por Patrick saindo do carro do sr. Ward quase quatro horas depois de ter saído para tomar café da manhã com ele. Preciso pensar em como vou contar isso a Patrick e rezar para tudo o que há de mais sagrado que Mikael não conte antes. Preciso lidar com a situação com muito cuidado.

Dou um beijo inocente no rosto de Jesse e o deixo olhando para mim, com o lábio inferior sendo massacrado entre seus dentes, enquanto saio do carro. Não digo nada, ele também não.

– Você demorou, minha flor – diz Patrick, ao me ver sentar à minha mesa.

– Mikael e eu tínhamos muito a conversar. As coisas vão bem – respondo, como uma explicação.

Parece funcionar. Ele sorri na mesma hora.

– Ele está satisfeito?

– Muito – confirmo, e isso só o faz abrir mais ainda o sorriso.

– Maravilha! – exclama, indo para seu escritório, feliz da vida.

Estou checando minha caixa de e-mails quando ouço a porta do escritório se abrir. Olho para cima e vejo um desconunal buquê de copos-de-leite flutuando em minha direção. Sério? Eu o deixei faz cinco minutos!

Elas pousam na minha mesa e a jovem suspira.

– Não sei por que ele já não compra a loja de uma vez. Assine aqui, por favor.

– Ela coloca a prancheta na minha frente e assino meu nome.

– Obrigada. – Devolvo a prancheta a ela e pego o cartão.

Eu meio que sinto muito.

Um beijo, J.

Eu murcho na cadeira. O que ele quer dizer é... ele pediu desculpas porque sabe que me chateou, mas não está nem um pouco arrependido de ter espezinhado Mikael e estragado meu dia. Talvez eu deva ficar na casa de Kate essa noite. Dar um tempo, beber uma garrafa enorme de vinho, ficar com meus pensamentos sem distrações.

A porta do escritório se abre outra vez, e vejo Ruth Quinn entrar, sorrindo para mim. Por que ela está aqui? Falamos-nos hoje de manhã. Seus cabelos loiros brilham e esvoaçam, e ela vem até a minha mesa, acenando animada.

– Ava! – ela cantarola.

– Ruth. – Olho para ela com uma expressão confusa, mas ela não parece notar.

– Eu estava por aqui e pensei em dar “oi”. – Ela acomoda o corpo magro na cadeira que fica do outro lado da minha mesa.

– Ah? – espero ela continuar.

– Sim – ela sorri, mas não diz mais nada.

Olho para o relógio. Não são nem três horas. Ainda tenho três horas para entregar os desenhos dela por e-mail.

– Tem algo que você queira incluir nas especificações? – pergunto.

– Não. De jeito nenhum. Tenho certeza de que vou adorar os designs.

Não se o que dizer. Ela veio aqui para nada? Sem motivo?

– Está tudo bem, Ava? – Seu sorriso diminui um pouco.

Eu me agito, para melhorar o ânimo.

– Sim, estou bem. – Forço uma expressão alegre. Não estou nada bem, mas quero sofrer em paz, não ficar jogando conversa fora com uma cliente. – Já preparei tudo, Ruth. Vou mandar para você antes do fim do dia. – Sei que já disse isso a ela ao telefone, mas o que mais posso dizer? Posso oferecer um café?

– Ótimo. – Ela mexe nos cabelos e os joga para trás dos ombros. – Vai fazer alguma coisa boa neste fim de semana?

Agora estou mesmo confusa, e isso se traduz no meu rosto. Ela não é uma daquelas pessoas grudentas, é?

– Não sei...

– Podíamos sair para beber!

Dou um gemido por dentro. Ela quer ser minha amiga. Nunca misture negócios com prazer – minha nova regra se aplica a clientes mulheres também. O que devo dizer?

– Claro. – A resposta escapa da minha boca e me surpreende. Eu não quero sair para beber com Ruth.

– Tem certeza de que está bem?

– Sim, estou. – Tento sorrir.

– Problemas com homens? – Suas sobrancelhas perfeitamente desenhadas se levantam.

– Não – balanço a cabeça.

– Ava, conheço uma mulher perturbada quando vejo uma. – Ela ri. – Já estive na mesma situação.

– De verdade, Ruth. Não tem homem nenhum. – Preciso ter essa conversa com Kate, não com uma cliente. Vinho e Kate.

Ela me dá um sorriso compreensivo e se levanta.

– Eles não valem a dor de cabeça.

Retribuo seu sorriso, mas apenas porque fico feliz por ela estar indo embora.

– Já vou mandar seus desenhos, Ruth.

– Mal posso esperar! Mais tarde falamos... sobre sair pra beber. – Ela vai embora, me deixando no turbilhão em que ela sabe que estou mergulhada.

No fim do dia, não vou para a casa de Kate. Saio do escritório e sou atraída para St. Katherine Docks pelo ímã que é o Senhor do Solar do Sexo. Eu disse que não ia abandoná-lo e preciso de respostas para várias perguntas, como em relação à mulher misteriosa.

– Boa noite, Ava.

– Olá, Clive. Posso falar com a equipe de segurança, por favor?

– Estão todos incomunicáveis no momento. – Ele volta sua atenção para o computador, sua maneira de me impedir de aprofundar a conversa, seu jeito de desviar.

– Certo. – Dou um suspiro e vou para o elevador. Quando as portas se abrem para a cobertura, entro com minha chave rosa, vou direto para a cozinha, jogo os sapatos longe e vou à procura de vinho que sei que não vou encontrar, antes de pegar um vaso para pôr as flores. Lembro-me do buquê que deixei sobre a cômoda para planejar a transa da verdade, então subo a escada e vou até a suíte mágica para buscá-las, cansada.

Oh... Deus.

O vibrador cravejado de brilhantes está em um milhão de pedaços, no canto oposto do quarto, e há um buraco na parede oposta à cama. O quarto é grande, então ele deve tê-lo atirado com força. De repente penso que o deixar sozinho antes que conseguisse se libertar foi uma sábia decisão.

Olho para a cama, vejo as algemas ainda presas à cabeceira, e imagens de Jesse tendo um acesso de raiva começam a surgir na minha cabeça nesse instante. Esse homem tem questões mal resolvidas – grandes, irracionais, malditas... com controle... comigo.

Fico de joelhos e recolho todos os pedaços, levando-os para o banheiro e jogando-os no lixo, antes de abrir a torneira da banheira. Pego os copos-de-leite desperdícios por um pouco de água e volto ao andar de baixo.

Chego à metade do caminho, ouço a porta da frente se fechar quase sem ruído e paro no momento em que Jesse entra no meu campo de visão. Ele para no pé da escada e apenas me olha, seu lindo rosto impassível, e seus olhos, normalmente brilhantes, um pouco turvos. Ele tira o paletó e começa a abrir os botões da camisa, enquanto me observa. Joga a camisa no chão, junto com o paletó, e então tira os sapatos, a calça, as meias e a cueca boxer. Meus olhos vão parar direto nas marcas vermelhas em seus punhos quando ele tira o Rolex e joga sobre a pilha de roupas. Nunca mais vou algemá-lo.

– Você não encosta um dedo em mim enquanto não me disser quem era aquela mulher. – Pode ser necessária toda a minha força de vontade desta vez, especialmente se ele começar a fazer contagem regressiva, mas não vou voltar atrás.

– Eu não sei. – Seu rosto permanece vazio.

– Então você não pediu a Clive para me impedir de olhar os registros das câmeras de segurança?

Ele quase sorri.

– Meu amor é implacável.

– Meu deus é evasivo.

– Ava, seu eu não precisasse de você em cima de mim agora mesmo, começaria uma discussão.

– Mas você precisa, então me diga.

– Eu dormi com ela.

Não vou demonstrar surpresa. Essa parte eu já tinha imaginado.

– E por que ela esteve aqui?

– Porque tinha ouvido dizer que eu tinha desaparecido.

– É isso. Ela estava preocupada?

Ele encolhe os ombros.

– Sim, é isso. Agora quero você em cima de mim.

– Por que não me disse antes?

Nova encolhida de ombros.

– Porque não era tão importante até você criar caso.

Ele começa a subir os degraus devagar, totalmente nu e espetacular, e me pega no colo no caminho, me fazendo derrubar as flores e me aninhar nele.

– Você criou caso ao fugir das minhas perguntas.

Ele não responde. Quero arrancar a pele dele por estragar meu dia. Quero bater o pé e gritar de raiva, mas não encontro forças nem disposição. Ele se explicou, e agora só o quero em cima de mim, também. Minha mente está entorpecida, meu corpo está vibrando... por ele.

Ele me coloca de pé e começa a me despir sem pressa, observando as próprias mãos na minhas roupas, enquanto fico em silêncio e o deixo fazer o que tem que fazer. Eu poderia apostar em uma transa de castigo depois de minha performance hoje de manhã, mas, em vez disso, sou presenteada pelo Jesse gentil e carinhoso. Não me importo. Preciso de gentileza e carinho agora.

Assim que ficamos nus, ele me deita no denso carpete cor de creme e me cobre com seu corpo, enterrando o rosto no meu pescoço e inspirando meu cheiro. Eu o imito e também inspiro sua essência deliciosa de menta e água fresca, abraçando-o com força e o puxando para mais perto, eliminando o espaço entre nós.

Ficamos deitados abraçados no meio do chão do quarto por um bom tempo, enquanto olho para o teto e acaricio os cabelos dele, extraindo todo o meu conforto das batidas fortes de seu coração contra o meu peito.

– Senti sua falta – ele murmura no meu pescoço.

Sinto um tremor quando sua língua quente desenha círculos na pele delicada abaixo da minha orelha. Ficamos separados por menos de cinco horas. Eu o chamaria de irracional, mas também senti saudade dele.

– Obrigada pelas flores.

– De nada. – Ele faz um caminho de beijos até a minha boca, afasta uma mecha de cabelo do meu rosto e fixa os olhos em mim.

– Quero levar você para uma ilha deserta e guardar você só para mim para sempre.

Ele beija meus lábios e muda nossa posição, me colocando sentada sobre ele. Sinto a prova do seu desejo fazendo pressão entre nós, e isso incita todos os meus desejos por ele. Meus mamilos endurecem sob seu olhar atento, e seus lábios se abrem para formar o sorriso que é sua marca registrada, aquele devastador, reservado apenas para as mulheres. Quero que ele seja reservado só para mim.

Uma pontada insana de ciúme me assalta.

– Eu amo muito você – ele suspira.

– Eu sei que ama. – Acaricio o peito dele e depois belisco um de seus mamilos. – Eu também amo você.

– Mesmo depois de hoje?

– Você quer dizer “depois de você me perseguir o dia todo”?

Ele faz um bico e apoia a cabeça nos braços. Sou jogada de um lado para o outro quando seus músculos flexionam.

– Eu estava preocupado com você.

Levanto a sobrancelha, com deboche.

– Estava mesmo – ele insiste.

Ele não estava preocupado comigo. Teve um surto de possessividade desnecessário e indesejado.

– Você foi exagerado e muito possessivo. Meu homem complicado precisa relaxar.

Ele desconversa.

– Não sou complicado.

– Você é complicado e se nega a enxergar a realidade.

– Que realidade é essa que não quero ver?

– Que você é complicado e irracional. Seu comportamento hoje passou dos limites. – Preciso ter certeza de que ele não vai aparecer do nada em todas as minhas reuniões com clientes do sexo masculino. Ele disse que seria apenas com Mikael, mas emendou com “e todas as outras ameaças masculinas”. Sua ideia de ameaça está a quilômetros de distância da minha. Ele vai se impor sobre todos os meus clientes homens, eu sei disso. Vou esconder minha agenda profissional a sete chaves e fechar a boca. Não conto mais nada a ele.

Ele me olha feio.

– Mikael ia dar em cima de você, e aí eu teria *mesmo* de esmagá-lo.

Dou risada. Ele não precisa saber que Mikael já me convidou para sair. Essa informação vou guardar para mim.

– Bem, acho que você deixou seu ponto de vista bem claro. Foi constrangedor.

– Foi necessário – ele balbucia, e eu reviro os olhos, fazendo uma demonstração dramática da minha exasperação.

– Você devia correr mais. Oh, o banho! – Eu me levanto num pulo e corro para o banheiro.

– Não, preciso mais de você – ele fala em voz alta, às minhas costas.

– Você não me tem o bastante? – Fecho a torneira, pensando que ele jamais me deixaria um dia todo sem algum tipo de interferência ou intromissão no trabalho. Mas será que quero que pare de interferir? Eu gosto das flores e das mensagens; são as intromissões que me incomodam. Se eu me recusar a falar com ele no horário de trabalho, será que ele vai ficar tentado a beber para suportar o dia? Posso correr esse risco? Meu cérebro relaxado começa a doer... outra vez.

Volto para o quarto e o vejo ainda esparramado no chão. Vou até ele e me sento de novo sobre ele, na altura dos quadris.

– Ter você o bastante? – ele pergunta. – Não, não tenho. Eu preciso de você a cada segundo do dia, assim como você precisa de mim. Contato constante.

Ele levanta o braço e belisca um dos meus mamilos de leve, me fazendo contorcer e roçar meu sexo no dele. Ele me sorri daquele jeito atrevido.

– E se você não pudesse estar comigo o dia todo? – indago. Pode haver algum momento em que tenha uma viagem de negócios real. Ou talvez eu tenha.

Seu sorriso desaparece na hora e é substituído por uma expressão fechada e um olhar direto.

– Você vai tentar me impedir?

– Não, mas pode haver situações em que você não possa ter acesso imediato a mim. Posso estar inalcançável.

Um olhar de pânico passa por seu rosto, e seu lábio inferior some por entre seus dentes.

– Você vai recorrer à vodca? – Pronto. Eu falei.

Ele ri, e fecho o cenho.

– Eu já prometi que nunca mais vou beber. E é sério – ele diz, decidido, antes de se sentar e pousar as mãos no meu quadril. Eu me contorço outra vez, e Jesse sorri. – Já pro banho. Quero a sua pele molhada e escorregadia contra a minha.

– Sua autoconfiança é louvável – murmuro, sarcástica, enquanto me levanto e estendo a mão para ele.

Ele me olha com os olhos estreitos, pega a minha mão, me puxa para a frente e me deita de costas. Depois coloca aquele corpanzil sobre o meu e me beija longa e apaixonadamente.

– Fica tudo mais fácil porque tenho você. Relaxe, Ava.

É fácil para ele dizer. Estou lidando com um neurótico.

– Então amanhã não vou ser perturbada o dia todo?

Ele afasta o rosto para me olhar, mordendo o lábio de novo.

– Almoço?

– Vou almoçar com Kate.

Ele faz bico.

– Não posso ir?

– Não – afirmo, categórica. Preciso de um tempo com a Kate para falar dele e de seu comportamento temperamental.

– Acho que você não está sendo razoável.

Eu jogo a cabeça para trás, rindo, mas logo começo a espernear e me contorcer, quando ele aperta meu quadril, logo acima do osso da bacia.

– Pare! – eu grito.

– Não!

– Por favor! – Lágrimas surgem nos meus olhos, e tento me desvencilhar dele. Não aguento mais.

– Almoço – ele diz, calmo, enquanto continua me fazendo cócegas.

– De jeito nenhum! – Dou outro grito em meio às risadas incontrolláveis. Não é justo. Não vou me render. De jeito nenhum!

– Talvez uma transa de lembrete resolva. – Ele solta meu quadril, e eu relaxo, tentando estabilizar minha respiração errática.

– Jesse, não posso passar cada segundo do dia com você – tento explicar.

– Se você parar de trabalhar, é possível. – Ele está falando muito sério.

Meus olhos se arregalam de desgosto. Nunca! Eu amo meu trabalho.

– E agora quem é que não está sendo razoável... Ohh! – perco minha linha de pensamento quando ele me penetra fundo. Meu Deus, aí vem uma transa de lembrete, mas ao que ele quer que eu me renda? Ao almoço ou à aposentadoria?

Jesse não perde tempo me preparando. Ele me penetra como um louco. Minhas pernas se abrem, e ele prende meus punhos dos lados da cabeça.

– Almoço? – pergunta, enquanto mergulha com tudo.

Meu cérebro virou purê, mas ainda registra que essa é uma transa de lembrete em troca de um almoço. Fico aliviada. É muito mais fácil me render a um almoço, mas, ainda assim, não planejo me entregar de mão beijada. O sr. Desafiador tem, agora, um desafio nas mãos.

– Não! – grito, petulante.

Ele grunhe e se empenha, investindo contra mim com força e rapidez, entrando e saindo como um animal selvagem.

– Você é sempre tão receptiva comigo.

Sou mesmo! Ele encosta um dedo em mim, e eu me derreto.

– Jesse, por favor.

Ele me ataca com seus quadris e se esfrega com força em mim.

– Ava, me deixe almoçar com você.

Balanço a cabeça, prendendo a respiração.

– Está gostoso?

– Sim! – grito, soltando o ar de uma vez. Um orgasmo incrível cresce dentro de mim, e ele me segura pelos punhos com mais força.

– Diga que sim. – Ele insiste duramente, e sei que ele está prestes a explodir também.

O que acontece se eu não disser sim? E se eu negar isso?

– Não! – Não vou entregar os pontos. Ele não vai me convencer com sexo toda vez que eu discordar de algo.

Ele segue me torturando, minhas coxas tensionam, minha mente é um nó.

– Ava, me dê o que eu quero.

– Jesse!

– Você vai gozar.

– Sim! – berro. Todo o estresse acumulado ao longo do dia vai se esvaír a qualquer momento.

– Oh, Ava, você me enlouquece. – Ele me golpeia com o poder de seus quadris.

Minha mente se esvazia, e estou pronta para detonar quando ele para

totalmente, detendo assim meu orgasmo.

– O que está fazendo? – grito, totalmente perplexa. Movo os quadris para tentar conseguir a fricção de que preciso para chegar ao clímax, mas ele afasta o quadril o bastante para ficar apenas com a glândula dentro de mim.

– Seu desgraçado! – cuspo.

– Olhe a boca! Diga sim, Ava – ele ofega, mas suas palavras são controladas. Como ele faz isso? Sei que estava pronto para gozar.

– Não – respondo.

Ele balança a cabeça e fixa os olhos nos meus enquanto me penetra muito devagar, ondulando os quadris.

– Ohhhh! – eu gemo. – Mais rápido.

– Diga a palavra, Ava. – Ele repete o movimento. – Diga, e você vai conseguir o que quer.

– Você joga sujo – reclamo.

– Quer que eu pare?

– Não! – dou grito de frustração. Essa é a pior forma de tortura.

Ele segura meus punhos com mais força.

– Vou perguntar mais uma vez. Almoço? – Ele mexe os quadris enquanto faz a pergunta, e perco a determinação de desafiá-lo.

– Me coma! – Ele me vê gritar, um olhar satisfeito toma conta de seu rosto.

– Olhe a boca! – Ele está sorrindo. – Isso foi um sim?

– Sim! – grito.

– Boa menina – ele me elogia e então vem com tudo, me penetrando e me levando de volta rapidamente ao clímax. Fico tensa da cabeça aos pés, enquanto brasas correm pelas minhas veias, e minha pele arde com a fricção de ser arrastada pelo carpete durante seu momento maniaco.

– Jesse! – Sou invadida por todos os lados por apunhaladas de prazer que percorrem meu sistema nervoso e explodem no meu ventre.

Eu grito.

Seus movimentos se tornam mais urgentes, e sua respiração, mais ruidosa e entrecortada enquanto investe contra o meu corpo com gritos carnavais e jorrando com tudo. Meus músculos internos se contraem ávidos em torno dele, e meu corpo inerte e exausto não oferece resistência aos seus golpes implacáveis.

Ele cai por cima de mim, suando, ainda ondulando os quadris.

– Meu trabalho está feito – ele ofega ao meu ouvido.

Fico deitada sob seu corpo firme e quente, tentando recuperar os sentidos e o fôlego, e me pergunto se vai ser sempre assim. Ele consegue o que quer, então, sim, provavelmente vai ser sempre assim. Preciso aprender a lidar com isso. Preciso praticar como contê-lo. Dou risada ao pensar em um exercício tão inútil. Não quero contê-lo.

Ele se apoia nos braços e nas mãos e é só nesse momento que eu noto:

– Sua mão! – grito.

Ele a levanta, e ainda é possível ver alguns hematomas leves, mas o inchaço

diminuiu consideravelmente.

– Está tudo bem. Sarah me obrigou a deixá-la no gelo a tarde toda.

– Sarah? – eu falo sem pensar no tom que deveria usar. Pareço acusatória.

Ele me olha com o rosto sério, e me odeio por parecer tão alterada.

– Ela estava apenas sendo uma boa amiga – ele diz, frio, mas isso só aumenta minha preocupação. Outra mulher cuidando dele não é uma ideia que eu aceite bem, e o fato de ter sido a “lábios carnudos” faz minha veia ciumenta pulsar em ritmo acelerado.

Fico extremamente desconfortável com meu sentimento de posse. Meu Deus, eu ridicularizo Jesse pelo mesmo motivo. Sou uma hipócrita, e a maneira como ele me olha, como se testasse meu humor, não está ajudando. Ele é um homem muito desejável, que arrebatava as mulheres com aquele sorriso e as transforma em meras poças aos seus pés.

Eu me remexo sob o corpo dele para conseguir me levantar, e ele cede, me deixando sair, ainda com uma expressão séria no rosto. Vou direto para o banheiro e afundo na água quente da banheira. Não estou nada bem com esses sentimentos. Nunca fui ciumenta na vida e agora vou ter que tirar mulheres de cima dele todo dia. É um trabalho em tempo integral. Talvez eu *tenha* mesmo que me aposentar.

– Alguém aqui foi tocada pelo monstro do ciúme?

Ele está de pé, na porta do banheiro, em sua nudez maravilhosa.

– Não – faço um ruído de desprezo. Meu ciúme não poderia estar mais evidente. Ele vem até a banheira e entra atrás de mim, sentando e me colocando entre as pernas. Ele me abraça pelos ombros e me puxa para que eu descanse em seu peito.

– Ava, você é a única mulher para mim – ele diz com carinho no meu ouvido.

– E eu sou todo seu.

Ele pega a esponja natural à beira da banheira, mergulha na banheira para enchê-la de água e começa a esfregar meus seios.

– Você precisa me falar mais de si mesmo.

Sinto seu peito se estufar num suspiro.

– O que você quer saber?

– O Solar é estritamente profissional, ou você já misturou negócios com prazer? – A esponja faz uma pausa entre meus seios por alguns segundos, mas logo volta a massagear meu corpo.

– Você vai direto ao ponto, não vai? – ele diz, seco.

– Responda – pressiono.

Ele dá um suspiro tão profundo que quase me viro para olhar feio para ele, só para mostrar que não gosto de sua reação entediada à minha pergunta.

– Já misturei.

Misturou?

Não sei se gosto do rumo dessa conversa.

– Ainda está misturando?

– Não!

– Quando foi a última vez?

A esponja para outra vez. Por favor, não me diga que ele tem que parar a fim de pensar na resposta.

– Muito antes de conhecer você. – Ele continua a me acariciar com a esponja.

– Quanto tempo antes de me conhecer? – Preciso calar a minha boca. Não quero saber sobre essa parte da vida dele. Mas não consigo impedir que perguntas estúpidas escapem.

– Ava, isso faz diferença?

– Sim – respondo imediatamente. Na verdade não faz, mas a resposta curta e ríspida dele aguçou minha curiosidade.

– Não era uma coisa que acontecia sempre. – Ele está fazendo o máximo para evitar essa conversa.

– Isso não responde a minha pergunta.

– Alguma coisa que eu diga vai mudar o que você sente por mim?

Isso me deixa ainda mais curiosa. O que ele já fez?

– Não – digo, mas agora já não tenho tanta certeza. Ele claramente acha que vai.

– Então podemos mudar de assunto? Isso é passado, assim como uma pilha enorme de outras coisas, e eu gostaria de deixar tudo para trás. – Seu tom é definitivo. Eu me sinto tão pequena. – Só existe você. Fim. – Ele beija a parte de trás da minha cabeça. – Quando vai trazer o restante das suas coisas?

Solto um grunhido por dentro. Ele já me proporcionou uma transa de lembrete por isso também. Percebo que todo esse bom senso só faz sentido na cabeça dele.

– Eu estou aqui – lembro-o. – Preciso pegar minhas coisas com Matt. – Eu disse mesmo isso em voz alta?

– De jeito nenhum! – ele grita no meu ouvido, e eu me encolho diante de sua voz potente. – Vou mandar o John até lá. Eu já disse, você não vai mais vê-lo.

Tudo bem. Não vou chegar a lugar nenhum com essa queda de braço. Não sou idiota. Já agendei a coisa toda, de todo jeito, e Jesse nunca vai saber. Bem, ele até vai, quando eu já estiver com as minhas coisas, mas vai ser tarde demais para me deter.

Penso em outra coisa.

– Me conte onde você esteve quando desapareceu.

Ele fica tenso.

– Não – ele dispara.

Agora eu estou ficando brava. Viro, deito sobre ele e o forço a me encarar.

– Da última vez em que você me negou informações, eu fui embora.

Seus olhos se arregalam um pouco, mas logo se estreitam. Ele sabe que eu o peguei.

– Eu me tranquei no meu escritório.

– Por quatro dias? – pergunto, desconfiada.

– Sim, por quatro dias, Ava. – Ele olha além de mim, recusando-se a me olhar nos olhos.

– Olhe para mim – exijo, ríspida.

Seus olhos se fixam nos meus com o choque da minha ordem.

– Como é que é? – ele quase ri. Está sendo paternalista, e eu não gosto disso.

– O que ficou fazendo no seu escritório?

– Bebendo. Foi só o que fiz. Estava tentando afogar pensamentos com vodca. Eu só pensava em você e só via imagens suas. Está feliz agora? – ele tenta se desvencilhar de mim, mas fico tensa.

Luto com ele, segurando seu corpo escorregadio dentro da banheira. Ele se rende e me deixa vencer. Sei que me dominaria com facilidade se quisesse, então não deve querer mesmo sair. Deslizo meu corpo sobre o dele até meu nariz encontrar o seu.

– Desculpe – ele sussurra. – Desculpe, Ava.

– Por favor, não se desculpe. – Eu me esfrego nele, atacando sua boca, desesperada para que ele saiba que não me importo nem um pouco. Eu me sinto responsável... culpada.

– Quando vi aqueles hematomas nos seus braços, percebi que já tinha perdido o controle, Ava. Totalmente.

– Shhhhh! – faço-o parar de falar, cobrindo seu rosto todo com meus lábios, beijando cada centímetro dele. – Agora está tudo bem.

Ele aperta minhas nádegas e me puxa para cima, enterrando o rosto entre os meus seios.

– Nunca mais vai acontecer. Eu me mato antes de magoar você de novo.

Ele não precisava usar palavras tão duras. Eu entendo. Ele está arrependido. Eu também estou. Não devia ter ido embora. Eu devia ter ficado, devia ter dado um banho frio nele e o ajudado a ficar sóbrio.

– Já disse que está tudo bem agora, Jesse.

– Eu amo você.

– Sei que ama. Eu também peço desculpas.

Ele me solta, e eu deslizo para baixo, até ficarmos frente a frente.

– Você está pedindo desculpas pelo quê?

Dou de ombros.

– Eu não devia ter deixado você.

– Ava, não culpo você por ir embora e me deixar. Eu mereci aquilo e, quando muito, só me deixou mais determinado a nunca mais beber. Saber que eu podia perder você é motivação bastante, acredite.

– Eu nunca mais vou deixar você. Nunca – declaro.

Jesse sorri.

– Espero que não, porque seria o meu fim.

Imito o sorriso e deito no peito dele, deixando que me envolva com seu calor e conforto.

Abro os olhos, e ainda está escuro. Tenho a vaga sensação de que a cama está vibrando e de que estou molhada.

Demoro alguns minutos, mas quando me dou conta, é com violência. Procuro o interruptor e, quando acendo o abajur, a luz me atinge como areia. Fecho um pouco os olhos para ajustar o foco e vejo Jesse sentado à beira da cama, abraçado nos joelhos, embalando-se, para trás e para a frente. Meu Deus, ele está encharcado, e suas pupilas estão do tamanho das íris, como discos pretos. Ele parece petrificado.

– Jesse? – digo baixinho, para não assustá-lo. Ele não responde. Apenas continua a se embalar e logo começa a balbuciar.

– Eu preciso de você – ele diz, num fio de voz.

– Jesse? – Coloco a mão em seu braço e o sacudo com gentileza. Ele parece amedrontado. – Jesse?

– Eu preciso de você, preciso de você, preciso de você – ele repete, como um mantra.

Quero chorar.

– Jesse, por favor – imploro. – Pare. Eu estou aqui. – Não suporto vê-lo assim.

Ele não para de tremer, e o suor escorre pelo seu rosto, sua linha de expressão mais pronunciada do que nunca. Tento ficar no seu campo de visão, mas ele não nota a minha presença. Apenas se balança e murmura, olhando para um ponto além de mim. Está dormindo. Afasto suas pernas do corpo e sento no seu colo, e o enlaço, tocando suas costas úmidas, no abraço mais forte que consigo dar. Não sei se ele está ciente do que faz, mas seus braços me envolvem, e seu rosto se enterra no meu pescoço.

Ficamos ali sentados por um bom tempo, e sussurro ao seu ouvido, desejando que ele me reconheça e saia desse terror noturno.

– Ava? – ele diz, ainda colado ao meu pescoço, depois de muito tempo. Sua voz está rouca e entrecortada.

Ele está acordado.

– Ei, eu estou aqui. – Eu me afasto para olhar para ele e seguro seu rosto. Seus olhos buscam os meus, procurando algo. Não sei dizer o quê.

– Desculpe.

– Por que está pedindo desculpas? – Agora estou ainda mais preocupada.

– Por tudo. – Ele desaba para trás, me levando junto, então agora estou deitada sobre seu peito molhado. Meu corpo está ensopado, mas não me importo.

Com a cabeça em seu peito, ouço quando as batidas de seu coração se acalmam.

– Jesse? – chamo, ansiosa, mas ele não responde. Levanto a cabeça para olhar para ele e o vejo dormindo profundamente, em paz. O que foi tudo isso?

Fico deitada sobre ele por horas, minha cabeça em um turbilhão de razões para ele ter pedido desculpas. Meu Deus, talvez eu *esteja* exagerando. Há muitos motivos para ele estar arrependido. Ter mentido para mim, me enganado, bebido, sua irracionalidade, seu ciúme possessivo, seu comportamento neurótico, ter atrapalhado minha reunião hoje, seu...

Pego no sono pensando em razões pelas quais Jesse pudesse estar arrependido.

Capítulo 13



– Eu amo você.

Sinto lábios carnudos familiares roçarem nos meus assim que acordo, meus olhos se abrem e se deparam com duas piscinas verdes e cintilantes.

– Acorde, minha menina linda.

Levanto os braços acima da cabeça e me espreguiço. Ah, que sensação boa. Pisco várias vezes para enxergá-lo melhor, noto que já está vestido, e meu cérebro sonolento registra rapidamente que, se Jesse já está pronto para sair, não há perigo de eu ser arrastada pelas ruas de Londres em uma de suas corridas torturantes.

– Que horas são? – pergunto, com a voz rouca.

– Está tudo bem, são seis e meia. Tenho uma reunião com fornecedores agora cedo no Solar. Só queria ver você antes de ir. – Ele se inclina e me beija. Sinto o sabor de seu hálito mentolado.

Reunião com fornecedores? Que tipo de suprimentos seriam esses? Coloco uma barreira nesses pensamentos imediatamente. É cedo demais.

– Meus olhos não têm que estar abertos para *você* me ver – reclamo, abraçando-o e o puxando para mim. Seu perfume está delicioso.

– Venha tomar café comigo. – Ele me levanta da cama, e o enlaço com os braços e as pernas, como um chimpanzé. – Você está me amarrotando – ele diz sem a menor preocupação, levando-me do quarto para a cozinha.

– Então me ponha no chão – devolvo, sabendo que ele não vai fazer isso.

– Nunca.

Dou um sorriso convencido e inspiro seu adorável cheiro de água fresca.

– E não preciso ser comida como lembrete. Você ainda pode vir para o almoço.

– Olha a boca – ele ri. – Desculpe. Eu precisava muito ver você antes de sair.

Suas palavras me deixam tensa. Bem, uma palavra em particular: *desculpe*. Merda! Eu estava me esquecendo de seu surto noturno. Jesse me coloca no balcão.

– Você acordou no meio da noite.

– Acordei? – Suas sobrancelhas se unem. Não sei se fico aliviada ou preocupada.

– Você não lembra?

– Não. – Ele encolhe os ombros. – O que quer para o café da manhã? – Ele me deixa no balcão e vai até a geladeira. – Ovos, pão, frutas?

– Você disse que precisava de mim – Deixo as palavras no ar e espero que ele

as capte.

O que não acontece. Elas caem no chão, e Jesse passa por cima.

– E daí? Eu digo isso quando estou acordado. – Ele nem muda sua posição, quase dentro da geladeira.

– Você me pediu desculpas. – Prendo minhas mãos sob as coxas.

Agora ele se vira.

– Já disse isso acordado, também.

E verdade, ele já disse isso tudo acordado também, mas não estava naquele estado!

Jesse sorri.

– Ava, eu provavelmente estava tendo um pesadelo. Não me lembro. – Ele volta para dentro da geladeira.

– Você estava um pouco desorientado, fiquei preocupada – digo, tímida. Não foi normal.

Ele fecha a porta da geladeira com mais força que o necessário, e imediatamente me arrependo de ter trazido o assunto à tona. Não tenho medo dele, mas a maneira como ele se contém está me deixando aflita. Não quero começar o dia brigando. Ele só falou dormindo, afinal.

Jesse vem até mim mordendo o lábio inferior, e eu o observo com atenção. Quando para na minha frente, ele abre minhas pernas, coloca-se entre elas, tira minhas mãos de baixo das coxas e as coloca sobre as minhas pernas, acariciando-as com os polegares.

– Pare de se preocupar com o que falo dormindo. Eu disse que não amava você? – ele pergunta, com carinho.

Sinto minhas sobrancelhas se unirem.

– Não.

Seus olhos brilham, e seus lábios se curvam, num sorriso de um lado só.

– É só isso que importa. – Ele beija minha testa.

Afasto seus lábios. Ele está sendo evasivo de novo.

– Aquilo não foi normal. E estou ficando brava com esse tom – reclamo. – Ou você fala, ou eu vou embora. – Sua boca, que estava aberta, se fecha, mas ele ainda não diz nada. Eu o surpreendi. – O que vai ser? – pressiono.

– Você disse que nunca ia me deixar – ele diz, quase sem voz.

– Está bem. Vou reformular a frase. Eu não vou embora se você começar a responder quando eu perguntar algo. Que tal isso?

Ele está mordendo o lábio e me encarando, mas não desvio o olhar.

– Não é importante.

Dou uma risada incrédula e tento me mover, mas ele chega mais perto, frustrando minhas tentativas de descer do balcão.

– Sonhei que você tinha ido embora – ele diz a frase toda num rompante, quase em pânico.

Paro de lutar para me soltar.

– O quê?

– Eu sonhei que acordava, e você tinha ido embora.
– Ido embora para onde?
– Não sei, merda! – ele me liberta e agarra os próprios cabelos. – Eu não conseguia encontrar você.

– Você sonhou que eu tinha abandonado você?

Sua linha de expressão está mais forte que nunca.

– Eu não sabia aonde você tinha ido. Só que tinha ido embora.

Não sei o que dizer, e ele se recusa a olhar para mim. Jesse ficou naquele estado porque eu o deixei?

– Não foi um sonho bom, só isso. – Ele ainda não olha para mim, e eu me sinto culpada de repente. Isso é um problema grave.

– Não vou abandonar você. – Tento deixá-lo seguro. – Mas precisamos conversar. Eu tenho que tirar informações de você à base de tortura, Jesse. É cansativo.

– Desculpe.

Eu o puxo de volta para o meio das minhas coxas. Esse é um daqueles momentos, aqueles em que sou a mais forte dos dois. Eles estão se tornando mais frequentes à medida que conheço esse homem.

– Você tinha pesadelos antes?

– Não. – Ele aceita meu abraço e me aperta forte.

– Porque você bebia.

– Não, Ava. Eu não sou alcoólatra.

– Não disse que era. – Eu o abraço forte, um tanto triste por ele, mas satisfeita por ele ter se aberto.

– Posso preparar um café da manhã balanceado para você agora? – Ele se liberta do meu abraço, claramente disposto a recuperar o controle.

– Sim, por favor.

– O que você quer?

– Torrada.

– Torrada? Não é exatamente balanceado – ele resmunga, me soltando para colocar pão na torradeira.

Desço do balcão e me sento em um dos bancos da cozinha para admirá-lo enquanto prepara tudo. Ele está lindo como sempre esta manhã. Não se barbeou, e adoro essa barba por fazer nele. Não está de terno, só calça cinza-chumbo e camisa preta. Talvez eu mude de ideia sobre o almoço, só para forçá-lo a me dar uma transa de lembrete.

Vejo-o pegar a manteiga, as facas e os pratos e colocar tudo na minha frente na ilha da cozinha. Depois ele pega um pote de manteiga de amendoim e se senta do meu lado, mergulhando o dedo, chupando e gemendo de prazer.

– O que há na sua agenda hoje?

Engasgo com a torrada, e ele faz uma expressão desconfiada.

– O que há de tão chocante em querer saber o que você vai fazer?

Engulo o pedaço de torrada.

– Ah, nada. – Mastigo um pouco mais. – Se eu achasse que você está genuinamente interessado, e não planejando uma sessão rolo compressor.

– Estou genuinamente interessado. – Ele parece magoado. Não vou cair nessa.

– Vou encontrar você no Baroque à uma. Ainda preciso ligar para Kate para contar que você vai se infiltrar no nosso almoço entre meninas.

– Kate não vai se importar. Ela me ama.

– Porque você comprou Margô Junior para ela.

– Não, é porque ela me disse.

– Quando?

– No Solar.

Meu queixo bate no balcão de mármore. Sei que ambos estiveram no Solar no sábado.

– O que ela estava fazendo no Solar? – tento soar casual, mas falho, a julgar pelo olhar dele.

– Não é da sua conta. – Ele sorri, pula do banco e joga o pote vazio de manteiga de amendoim no lixo. – Tenho que vazar.

– Vazar?

– Cair fora... me mandar... ir embora. – Ele pisca para mim, e eu me derreto. Está de bom humor hoje de manhã, todo malicioso e brincalhão, e eu amo isso. O Jesse simpático está se tornando um visitante mais frequente nos últimos tempos.

– Acho que a ideia do almoço não é muito boa. Não quero que Kate pense que estamos grudados um no outro. – Dou as costas para ele e continuo comendo minha torrada da maneira mais *blasé* que consigo. É difícil quando sei que meu homem está eriçado e rosnando atrás de mim.

Ele me agarra, e dou um gritinho quando ele me gira no ar e me prende na parede com seu corpo delicioso, ainda com a torrada na mão. Seus olhos são incertos, e quase me sinto culpada... quase.

Já sei o que esperar.

Luto para controlar o sorriso que chega à minha boca quando ele se inclina e mexe o quadril para roçar o púbis no meu sexo. Solto um gemido de pura satisfação.

– Você não está falando sério – ele diz, deslizando a mão pelo meu ventre até o centro do meu corpo.

– Estou, sim. – Eu o provoco e me contorço quando seu dedo acaricia minha região sensível. Meu Deus, nunca me canso dele.

– Alguém vai gozar rápido. – Ele pensa alto e continua a me estimular com a mão. Suspiro, adorando o talento que ele tem em me tocar. – Não faça joguinhos comigo, Ava. – Ele tira a mão de mim e se afasta.

O quê?

Tenho vontade de puxá-lo de volta e colocar sua mão no mesmo lugar. Eu o olho com expressão de “como assim?”, e ele me dá um de seus sorrisinhos.

– Já estou atrasado porque queria ter certeza de que você comeu. Se eu soubesse que você ia brincar comigo, teria comido você primeiro e te alimentado

depois. – Ele se aproxima de mim mais uma vez e roça aqueles quadris sensacionais nos meus, gemendo ao meu ouvido. – À uma da tarde – sussurra, antes de morder minha torrada suspensa no ar e ir em direção à porta. – Eu amo você, Ava.

– Ama nada – disparo. – Se me amasse, não me abandonaria na metade do caminho para um orgasmo.

– Ei! – Ele parece furioso. – Nunca questione meu amor por você. Isso me deixa louco de raiva.

Tento fazer um olhar arrependido, mas, nesse estado de frustração, estou me esforçando para convencer meu cérebro a fazer qualquer outra coisa que não seja puxá-lo de volta e obrigá-lo a resolver meu problema. Ele está excitado, posso ver. Como consigo simplesmente ir embora?

– Tenha um bom-dia. – Seus olhos suavizam, ele se inclina e beija minha bochecha. – Vou ficar louco de saudade.

Ah, sei que vai. Mas são apenas seis horas até a hora do almoço. Ele sobrevive até lá.

Assim que me arrumo, desço para o térreo, o salto dos sapatos fazendo barulho no foyer, enquanto procuro meus óculos escuros na bolsa.

– Bom dia, Ava – Clive diz alto.

– Bom dia. – Ponho os óculos e saio para o dia de sol, parando assim que vejo John ao lado da Range Rover.

Sério?

Ele levanta os óculos e dá de ombros.

Vou até ele.

– John, posso ir com meu carro para o trabalho – digo, em tom cansado. Preciso do meu carro para pegar minhas coisas com Matt após o trabalho.

– Acho que não pode, garota – ele diz, com a voz forte.

Do que ele está falando?

– Seu carro está sendo lavado. – Ele encolhe os ombros outra vez e assume seu posto ao volante. Viro e dou de cara com um exército cuidando do meu carro.

Oh, pelo amor de Deus. Pego meu molho de chaves na bolsa e vejo que a do carro não está lá. Mais tarde vou ter que explicar ao sr. Controlador que mexer na bolsa de uma mulher – e no telefone – é falta de educação. Isso é uma péssima notícia. Preciso do carro para buscar minhas coisas na casa de Matt depois do trabalho. Vou pedir a Kate.

Sento ao lado de John, que está usando preto dos pés à cabeça como sempre. Quantos trajes pretos um homem pode ter?

– Você acha que ele é irracional e complicado? – pergunto casualmente, baixando o quebra-luz para aplicar gloss.

– Sim, garota – ele diz. – Mas, como eu disse, é só com você. Ele nunca ligou para nada antes de você.

Encosto no banco e ouço John cantarolar e acompanhar com batidinhas no volante. Jesse não pode *nunca* ter se importado com alguém. Ele tem trinta e sete anos.

– Quantos anos ele tem? – pergunto com um sorriso e recebo outro dele em retribuição.

– Trinta e sete. Mas você já sabe disso, não é, garota?

Quero morrer mil vezes agora mesmo e coró mil tons de vermelho. Eu tinha esquecido que Jesse teve que ser socorrido. Aposto que John viu uma cena de encher os olhos. Começo a rir sozinha ao pensar no que deve ter visto: um quarto com um deus nu, algemado à cama, um vibrador cravejado de brilhantes, minha lingerie de renda preta e o supracitado deus fazendo um buraco na parede com o tal vibrador. Estou mais do que envergonhada, e meu corpo afunda no assento para confirmar.

Fazemos o resto da viagem em silêncio, exceto pela cantoria de John. Ele me deixa na Berkeley Square, e corro em direção ao escritório para fugir do constrangimento, me despedindo por sobre o ombro, enquanto me pergunto como diabos vou olhar para ele outra vez. Vou para minha mesa e vejo Sally ao lado do arquivo. Ela parece suicida. A blusa de poliéster de gola alta está de volta, e o esmalte fogos de artifício desapareceu. É como eu suspeitava, sem dúvida. Os homens são uns vermes. Decido não abrir a boca, ela não vai gostar.

– Bom dia, Sally. – Ela levanta a cabeça com esforço e me oferece um sorriso mínimo, antes de voltar ao trabalho. Eu me sinto mal por ela. – Onde estão todos?

Ela encolhe os ombros. Oh, isso é ruim, então calo a minha boca e começo a trabalhar.

Entro no bar à uma e avisto Kate em nossa mesa habitual. Sento e fico cara a cara com uma imensa taça de vinho.

– Merda! Kate, livre-se disso! – Empurro a taça para o lado dela na mesa.

Ela me apunhala com os olhos.

– Achei que você pudesse precisar.

Sim, preciso, mas Jesse vai chegar logo, e o que pareceria se ele me visse bebendo vinho? Seria cruel e muito indelicado. Faço menção de pegar a taça de Kate, mas ela a defende como à própria vida.

– Kate, ele vai chegar a qualquer momento.

– Ei! Deixe esse vinho aí! – ela ordena, com a voz séria. – Ele não é meu namorado.

Kate se recusa a soltar a taça, e olho feio para ela, que dá um gole generoso, sem tirar os olhos de mim.

– Sua vaca! – eu a xingo, e ela sorri por cima da borda. Pego a minha taça e tomo tudo em um só gole. Kate começa a rir. Meu Deus, que delícia. Faz duas semanas que não bebo nada alcoólico, o que é um recorde para mim. Dou um gemido longo e satisfeito.

– Você estava mesmo precisando – Kate confirma o óbvio.

– Sim. E provavelmente preciso de mais uma – lamento. A culpa me invade por causa da fraqueza, e espio por sobre o ombro, antes de ir ao bar devolver a taça vazia. Pareço uma delinquente juvenil. – Ah, e não diga a Jesse que você o ama. Isso o faz ficar cheio de si – dou um gemido e sento de novo. – Pode me levar até a casa do Matt depois do trabalho para eu pegar minhas coisas?

– Claro, só não me peça para falar com ele – ela dispara. – Pego você no escritório?

– Às seis. Tudo bem para você?

– Claro que sim. Falou com ele?

– Sim. Ele está me esperando, mas Jesse não sabe que vou, e eu gostaria que as coisas continuassem assim – explico, em advertência. Kate levanta uma sobrancelha, mas não diz nada. – Ele vai querer interferir. – Dou de ombros. Acho que aquele vinho subiu direto para a cabeça. Estou meio tonta. – Como está Sam?

– Ele vai chegar logo.

– Vai?

– Sim. – Sua resposta curta e seca não deixa espaço para discussão. – Ele disse que Jesse almoçaria com a gente e eu pensei “Por que não?”. – Eu não tenho o que dizer quanto a isso, então mudo de assunto.

– Ei, sabe o que houve entre Victoria e Drew? – pergunto, curiosa. Kate deve saber de algo.

Ela arregala os olhos.

– Ah, você não vai acreditar!

– O quê? – Sento na ponta da cadeira, tomada pela óbvia sensação de que aí vem fofoca.

– Drew a convidou para ir ao Solar. A patricinha não gostou da ideia! – Kate está encantada, mas eu me pego tendo um pensamento terrível.

Se Victoria sabe da existência do Solar, isso significa que ela sabe quem é o dono do Solar? Drew contou tudo a ela? Oh, meu Deus, rezo para que não. Se chegou a essa conclusão, então não há dúvida de que ela contou tudo para Tom, e a última coisa de que preciso é Tom e Victoria no meu pé, jogando indiretas no escritório.

– O que quer comer? – Kate pergunta, me tirando de meus pensamentos.

– Um BLT no pão integral, por favor.

– E Jesse?

Faço uma careta. Não tenho a menor ideia. Nem sei quais são seus pratos preferidos.

– Pergunte se eles têm manteiga de amendoim.

– Manteiga de amendoim? – ela torce o nariz, com nojo. – Ah, olha ele aí. – Kate aponta a taça na direção da porta, e viro para olhar, dando um suspiro de apreciação. Kate faz o mesmo quando vê Sam entrar logo atrás, seguido por Drew. Jesse me beija inocentemente na bochecha e então puxa uma cadeira de outra mesa para sentar ao meu lado, quase de frente para mim, colocando a mão no meu joelho. O calor de sua mão se espalha pela minha perna e vai parar bem

no meio delas. O jeito como ele me acaricia e depois aperta meu joelho não está me ajudando em nada.

– Você pegou a chave do meu carro. – Aperto os olhos para ele.

– Todos bem? – ele pergunta, me ignorando e fazendo círculos com o polegar na parte de dentro de minha coxa. Viro para ele e o vejo sorrindo, perfeitamente ciente do que está fazendo. Tento afastar a perna, mas ele não deixa.

– Estou bem – Kate cantarola. – Vou pedir. O que vocês vão comer? – ela se levanta.

Todos fazem seus pedidos a ela, que desaparece em direção ao bar, me deixando com os homens.

Jesse se inclina para o meu lado.

– Você bebeu.

Fico tensa.

– Foi um acidente.

– Não me importo que você beba quando estiver comigo, Ava. – Ele desvia a atenção de volta para os rapazes. Ele não se importa?

Apenas observo Jesse ser completamente normal com Drew e Sam, falando de esportes, em especial os radicais e, no geral, se comportando como qualquer outro homem. Esse é o Jesse sossegado. Dá risada com eles, os olhos brilhando, mantendo a mão exatamente no mesmo lugar. Abro um sorriso. É um prazer ver isso e, quando Jesse se vira para mim e dá uma piscada, tenho vontade de sentar no colo dele e comê-lo vivo.

– Então, como vai Victoria? – Kate pergunta para Drew ao sentar, e todos olham para ele. Ela nunca tem medo de lançar merda no ventilador.

– Nem me pergunte. – Ele dá um gole na cerveja. Noto que ninguém parece ter problemas com a presença de álcool. Sou só eu que estou lidando com isso da maneira errada? – Ela é legal, mas, meu Deus, precisa relaxar.

Eu me encolho na cadeira. O comentário de Drew para ela relaxar é um pouco rude, especialmente se a convidou mesmo para ir ao Solar. Ele não pode achar ruim que ela fique com um pé atrás.

– Por que você a convidou para ir? – disparo a pergunta sem pensar. Não é óbvio o porquê do convite? Jesse me olha de lado, e sinto meu rosto queimar.

Drew encolhe os ombros.

– É quem eu sou, é do que eu gosto.

– Amém – Sam diz, levantando a garrafa.

Kate brinda sua taça na garrafa dele, e ele sorri de volta. Eu arregalo os olhos – ela fez alguma coisa no Solar!

Putá merda!

Jesse sabe disso?

– Enfim – Drew prossegue –, quero aproveitar ao máximo. Quando chegar aos trinta e cinco, é ladeira abaixo, bunda caída e peitos que parecem de mulher. Vou querer uma mulher que me ame por quem eu sou e não por causa do meu corpo.

Sinto Jesse ficar tenso ao meu lado. Ele tem trinta e sete, mas não tem bunda

nem peitos caídos. Cruzo as pernas, o que o faz apertar mais minha coxa. Com minha visão periférica, vejo seus lábios formando uma linha fina.

– Bem, só tenho nove anos até lá, então é melhor aproveitar. – Kate diz, sarcástica.

Estou com os olhos arregalados e a boca aberta. Estou em um bar comum, na Londres normal, com pessoas normais, e eles estão falando sobre o Solar como se fosse algo corriqueiro. Não, não são pessoas normais. Como podem ser? Esses três homens têm experiência nisso, e agora Kate foi arrastada para o lado negro da força, também. Preciso de mais vinho.

– A coisa é muito pior para nós, mulheres, do que para vocês – Kate continua, apontando a taça de vinho para os homens. Vejo Sam piscando para ela. Não sei se é bom, por mais que Kate insista que é apenas diversão.

– Foi isso que aconteceu com você, Jesse? – pergunto, me fazendo de ingênua, bebendo um gole de água. A mão dele sobe na minha coxa, e aperto mais as pernas uma contra a outra.

– Não – ele se vira para mim. – Acha que eu fico devendo no quesito físico? – ele levanta uma sobrancelha para mim, em expectativa.

É a pergunta mais imbecil que já ouvi na vida.

– Você sabe que não.

Ele sorri.

– Então ainda sou seu deus?

Fico vermelha e faço uma careta para ele ao mesmo tempo.

– Você é um deus arrogante – murmuro.

Ele me segura pela nuca, me arrasta em sua direção e me beija de um jeito muito exagerado. Apesar do ambiente em que estamos, eu o deixo se aproveitar de mim. Como sempre, minha mente se esvazia, e nada mais existe a não ser Jesse e seu poder sobre mim. Tomada, arrebatada, possuída...

Quando ele finalmente me solta, eu olho para os outros, de súbito, envergonhada com uma demonstração tão gritante de carinho. Há um coro de sons apaixonados e uma imitação de vômito. Jesse me abraça.

– Sério, vocês dois – Kate reclama. – A comida chegou, então podem parar com isso.

Sam dá um beijo no rosto dela.

– Está se sentindo deixada de lado?

Ela o afasta com a mão, enquanto o garçom serve nosso almoço.

Todos atacam a comida, inclusive Jesse, conversando e rindo. Não me escapa a troca de olhares entre Drew e Sam, em sinal de aprovação sobre mim e Jesse.

– Preciso voltar ao trabalho – digo, com pesar. – Foi uma delícia ser relativamente normal durante o almoço – o mais normal que pode ser dividir a mesa com o dono de um refúgio sexual de luxo e dois de seus membros.

– Vou com você. – Jesse deixa metade do sanduíche no prato e se levanta.

– É uma caminhada de dois minutos até a esquina – digo, farta, mas evito quaisquer outros comentários quando vejo que ele me olha feio. Então decido me despedir de todos à mesa, oferecendo dinheiro a Kate pela minha parte da conta

e a de Jesse.

Ela me devolve as notas.

– Jesse já pagou a conta.

Pagou? Olho para Jesse, mas está ocupado demais se despedindo dos amigos para perceber. Ele segura a minha mão e me conduz para fora do bar.

– Ei! – Kate grita às minhas costas. – Sábado à noite? Drinques só para meninas?

Paro e viro para olhar para ela, com uma expressão de “*o que você acha que está fazendo?*”. Kate não parece notar minha reação. Não, está ocupada demais esperando a reação de Jesse ao convite. Vejo Sam e Drew prestando atenção à cena também, aguardando a resposta de Jesse. Posso senti-lo tenso ao meu lado.

– Talvez na semana que vem – respondo, com toda a confiança que consigo reunir.

– Pode ir – Jesse diz em voz baixa.

Eu posso ir? O que isso significa, eu *posso* ir?

– Não, nós temos o aniversário do Solar amanhã. Vou estar exausta – explico. Eu quero ir, mas sei que ele vai me proibir de beber, o controlador. Não fico bêbada com frequência e, da última vez que fiquei, foi por culpa dele. Tenho tanta coisa para contar a Kate. Ambas temos, pelo jeito. Esse almoço só serviu para aparar as arestas.

– Ei, ele disse que tudo bem – Kate reclama.

– Ligo mais tarde – disfarço, evasiva, esperando que ela entenda a indireta e feche a matraca.

– Ah, claro – ela pisca. – Mais tarde.

Tenho vontade de jogar minha bolsa nela, mas sinto Jesse me puxando de leve, me impedindo de levar minha ideia a cabo, então a fuzilo com o olhar mais uma vez, antes de sair e deixar Jesse me levar para fora do bar.

Saímos para a multidão da hora do almoço na Piccadilly, e posso sentir uma ligeira tensão entre nós. Ele solta a minha mão e passa um braço pelos meus ombros, me puxando para mais perto.

Quando viramos a esquina e entramos na Berkeley Street, paro e olho para ele.

– Se eu sair, não vou poder beber, não é?

– Não – ele diz, categórico. Reviro os olhos e continuo andando. – Você pode beber na festa. – Ele me alcança e recoloca o braço nos meus ombros.

Sim, posso beber na festa porque ele vai estar lá para me controlar. O problema é que não fico confortável bebendo na frente dele.

– Vai pedir para os seguranças me espionarem também? – resmungo.

– Não peço para espionarem você, Ava. Peço para tomarem conta de você.

– E ligar para você se eu não seguir as regras? – eu o provoco, ganhando um apertão no quadril.

– Não, só para me ligar se você estiver rolando no chão – ele diz, seco. – Com seu vestidinho inexistente enrolado na cintura.

Olho para cima e encontro olhos acusadores. Tudo bem, eu estava no chão do

bar, mas não estava rolando e não estava tão bêbada assim. Não daquela vez, pelo menos. Kate estava, e cai no chão com ela. E quanto à roupa? Bem, isso é uma questão resolvida, agora que o vestido está em mil pedaços, depois que o neurótico aqui o picotou. Eu poderia sair, beber umas taças de vinho, vestir algo aceitável e não rolar no chão. Daí o segurança não daria nenhum alerta vermelho. Talvez eu passe a noite na casa de Kate, então não vou forçar a barra. Dou risada com a ideia ambiciosa. Ele nunca vai me deixar ficar na casa de Kate.

Eu o deixo manter o braço em mim até a porta do meu escritório.

– Você precisa me soltar agora – digo quando nos aproximamos. Patrick pode estar lá e eu não mencionei nenhum almoço de *negócios* com o sr. Ward. Isso é dolorosamente difícil.

– Não – ele resmunga.

– O que você vai fazer pelo resto do dia? – isso sim, eu quero saber. Por favor, diga que ele tem uma pilha de coisas para fazer e ocupar a cabeça, para que eu possa ir à casa de Matt pegar minhas coisas sem me preocupar em despistá-lo. Omitir informações não é o mesmo que mentir.

Ele faz um bico.

– Pensar em você.

Isso não me faz sentir melhor.

– Vou para a sua casa assim que sair do trabalho – digo, percebendo logo em seguida que menti. Uso todas as minhas forças para não puxar meu próprio cabelo.

– Nossa casa! – ele corrige. – Que horas?

– Umas seis. – “Com uma margem de erro de uma hora, mais ou a menos”, acrescento para mim mesma.

– Você não gosta de horários exatos, não é? “Umas...” – ele estreita os olhos para mim, e me sinto escrutinada.

– Umas seis... – eu brinco, me inclinando para ganhar um beijo.

Ele me abraça e me inclina em seus braços, como numa cena de cinema, antes de me beijar com todo o carinho no meio da Berkeley Square. As pessoas precisam desviar de nós e fazem ruídos de aprovação ou desgosto ao passar, mas não me importo.

– Meu Deus, eu amo você, amo, amo, muito mesmo.

Dou um sorriso.

– Eu sei que ama.

Ele me põe em posição vertical, enterra o rosto no meu pescoço e morde minha orelha.

– Não me canso de você. Me deixe levar você para casa.

Fico tentada a deixar o trabalho para trás e ir com ele, mas meu telefone começa a tocar, afastando meus pensamentos rebeldes. Procuro o celular na bolsa, ainda com Jesse colado em mim. Quando consigo pegá-lo, preciso me desviar da cabeça de Jesse para ver quem está ligando. Dou um gemido. Mikael tinha que me ligar logo agora?

Ele se afasta e me olha com curiosidade.

– Quem é?

– Só um cliente. – Enfio o telefone na bolsa. Ligo de volta mais tarde. – Vejo você na sua casa. – Retomo o passo, mas ele segura meu punho.

– Nossa casa, Ava! Que droga! Quem era? – A mudança brusca de humor me pega desprevenida.

– É Mikael – respondo. – Apenas um cliente. – Arranco meu punho com força e ando mais depressa a curta distância até meu trabalho.

Meu telefone volta a tocar, e eu atendo ao entrar no escritório.

– Mikael! – cumprimento.

– Ava, estou ligando para confirmar nossa reunião na segunda-feira. – Sua voz suave invade meus ouvidos. É uma voz sexy. – Ao meio-dia está bom para você?

Eu sento e giro a cadeira para ficar de frente para a minha mesa, automaticamente espantada ao ver Jesse de pé, quase em cima de mim, rondando como uma fera furiosa, o peito estufado. Tom e Victoria estão sentados, observando atentamente, sem fazer o menor esforço para esconder o interesse. Olho sobre o ombro e vejo Patrick em seu escritório, graças a Deus distraído, parecendo concentrado em algo na tela do computador.

– Ava?

– Desculpe, Mikael. – Olho intrigada para Jesse, mas ele me ignora, dando continuidade à sua performance ameaçadora, sem a menor consideração com o ambiente ou os espectadores. – Sim, está ótimo. – Tento soar profissional e assertiva, mas fracasso terrivelmente.

– Ava, você está bem?

– Sim, estou. Obrigada.

– Que bom. Então, você quebrou sua própria regra?

Meu coração para por alguns instantes.

– Como? – A palavra sai estrangulada pela minha respiração nervosa.

– Jesse Ward. Ele é um cliente, não é?

Não sei o que dizer. Não, ele não era um cliente, não quando eu trabalhava no Lusso, mas não sou estúpida a ponto de mencionar isso. Mikael deve saber que eu devo estar trabalhando para Jesse. *Devo*. Ainda não voltei ao Solar, mas Jesse não insistiu.

– Quanto tempo faz que você está saindo com ele?

Meu sangue gela nas veias, e procuro no meu cérebro a coisa certa a dizer.

– Ahnn... Mais ou menos um mês? – gaguejo ao telefone. Por que ele está perguntando?

– Hummm... Muito interessante. – Meu sangue esfria mais ainda. Por que isso é interessante? Meu olhar ainda se fixa nos olhos verdes do homem por quem eu morreria, mas há outro homem do outro lado da linha soando como se tivesse algo a me dizer, algo que vai me fazer cair pegando fogo do Sétimo Céu de Jesse, não que eu esteja lá nesse momento específico.

– Por que seria? – pergunto. Sei que pareço incrivelmente nervosa, o que é bom, porque estou mesmo. O que ele sabe?

– Vamos conversar sobre isso quando nos encontrarmos.

– Está bem. – Desligo. Fui extremamente rude, mas não sei o que dizer ou fazer. Jesse está quase em cima da minha mesa, pronto para arrancar minha cabeça, mas por quê? Meu Deus, em menos de cinco minutos passamos de quase transar na calçada a essa competição de quem pisca primeiro.

Nossos olhares queimam um no outro, mas me rendo e desvio para Tom e Victoria, que estão assistindo ao show de camarote. Então volto a encarar Jesse, mas relutante a dar o primeiro passo por medo de tudo explodir e atrair a atenção de Patrick. Não posso ficar aqui olhando para ele o dia todo.

– Estou trabalhando – digo em voz baixa e tensa, sem a menor fé na minha impenetrabilidade fingida. Ele está prestes a explodir de raiva.

– Você não vai mais vê-lo – ele pronuncia as palavras devagar, com firmeza.

– Por quê? – Não me dou ao trabalho de lembrá-lo de que Mikael é um cliente. Ele sabe disso e, a julgar pela expressão em seu rosto, não se importa.

– Você não vai mais vê-lo e pronto. Não é um pedido, Ava. Você não vai me desafiar dessa vez. – Jesse começa a morder o lábio inferior, ainda pensativo, ainda tremendo de raiva.

Eu não posso fazer isso aqui, não no meio do meu local de trabalho. Também não posso me retirar do contrato no Life.

– Vejo você no Lusso – digo, com um fio de voz.

– Sim, nos vemos lá. – Ele dá meia-volta e vai embora.

Eu me recosto na cadeira e solto a respiração que não sabia estar prendendo.

– Meu Deus, esse cara sabe ser sexy – Tom festeja. – Tem ido ao Solar ultimamente, querida?

Victoria começa a rir como uma adolescente, e é a primeira vez em dois dias que a vejo assim. Eis a confirmação de que ela descobriu tudo.

Estou a ponto de estourar de frustração e estresse, mas, para a sorte de Tom e Victoria, Patrick salva a pele dos dois, antes que eu os trucidasse.

– Minha flor – ele senta na borda da minha mesa. Ouço o costureiro rangido. – Mikael Van Der Haus entrou em contato comigo e insiste em uma viagem para a Suécia, para fazer pesquisa de campo.

Droga.

Depois de pegarmos o contrato do Lusso, o sócio de Mikael exigiu que todo o material fosse italiano, então fui enviada à Itália em uma pesquisa de campo. Mikael já deixou claro seu desejo por material sustentável no Life, mas por essa eu não esperava. Uma viagem em nome do projeto de Mikael vai matar Jesse do coração.

– Isso é mesmo necessário? – pergunto. *Por favor, diga que não, por favor, diga que não.*

– Absolutamente. Mikael insistiu. Vou procurar voos. – Ele se levanta de minha mesa e volta para seu escritório.

Estou numa encrência. Não há a menor chance de eu ir à Suécia sem que Jesse passe por cima de alguém. E aí, o que vai acontecer comigo? Vou ficar desempregada, é o que vai acontecer. Começo a suar.

– Café, Ava? – Sally surge do almoxarifado, parecendo tão triste quanto antes. Preciso desesperadamente de vinho.

– Não, obrigada, Sally.

Olho em volta e vejo Tom e Victoria de cabeça baixa. Que bom. Assim posso passar o resto da tarde me preocupando com o meu drama sossegada. Penso que eu não gostaria de ter que buscar minhas coisas após o trabalho. Ver Matt é a última coisa que eu quero fazer.

Capítulo 14



As seis da tarde se aproximam, e começo a arrumar minha mesa. Todos já foram embora, então cabe a mim verificar se está tudo em ordem e trancar o escritório. Kate estaciona Margô Junior e eu pulo para dentro.

– O que está rolando entre você e Sam? – disparo, ao mesmo tempo que afivelo o cinto de segurança. Mesmo nesse estado irascível, não consigo deixar de me deliciar com o conforto da nova van de Kate, ainda que a contragosto.

– Que bom ver você também. – Ela mergulha no tráfego.

– Vamos lá. Desembuche. O que está acontecendo entre você e Sam?

Ela encolhe os ombros.

– Nada.

Reviro os olhos e dou um suspiro dramático.

– Nada. Claro.

– O que você vai usar na festa? – ela pergunta, obviamente querendo fugir do interrogatório.

Solto um grunhido por dentro. Eu ainda vou?

– Não sei. Jesse vai me levar às compras.

– Ah, vai, é? – ela divaga. – Tire vantagem do sr. Sacos de Dinheiro.

– Não estou nem um pouco animada. Não vou lá desde o domingo passado, e aquela vagabunda bicuda estará lá – resmungo. Afundo no assento e penso em todas as coisas que preferiria estar fazendo amanhã à noite e, agora que Jesse está claramente com raiva de mim, meu entusiasmo não aumentou. Sou eu quem devia estar morrendo de raiva. Ele tem explicações a dar à luz das indiretas de Mikael. – Pelo menos agora sei quantos anos ele tem.

Ela sorri e olha de relance para mim.

– Quantos anos ele tem e como você descobriu?

– Trinta e sete. Eu o algemei à cama e o torturei até que falasse.

Kate cai na gargalhada, e eu faço o mesmo. Acho que a coisa toda é mesmo muito engraçada.

Paramos na porta do meu antigo apartamento, e vejo a BMW branca de Matt. Meu coração afunda no peito, mas eu sabia que ele teria que estar aqui para me deixar entrar.

– Quer que eu entre? – Kate pergunta.

Penso na pergunta por alguns instantes, mas decido que é melhor ela esperar na Margô Junior. Kate é cabeça quente quando quer, e tudo o que eu tenho a

fazer é entrar, ser educada e sair.

– Não. Vou trazer as coisas para fora. – Abro a porta da van e saio, me sentindo pior a cada passo.

Subo os degraus e aperto o botão do interfone para o nosso apartamento, olhando para cima e sentindo uma tristeza inesperada por não morar mais aqui.

– Oi. – A voz de Matt surge pelo interfone.

– Oi – cumprimento seca. Não quero bater papo com ele. Ainda estou furiosa por ter tido a petulância de ligar para os meus pais.

– Vou abrir o portão.

Ouç o mecanismo eletrônico destravar a porta, e olho para Kate, fazendo-lhe um sinal de que estou subindo. Ela faz um sinal de positivo com o polegar levantado e me acena com o celular. Aceno para indicar que entendi e adentro o corredor do hall de entrada do térreo.

Subindo a escada, respiro fundo enquanto crio coragem. Não vou mencionar a ligação para os meus pais e não vou conversar demais.

Quando chego ao topo, vejo a porta se abrir um pouco, então agito o corpo e entro, convicta. Não fecho a porta; não pretendo ficar aqui por muito tempo. Procuro Matt na cozinha e na sala, mas não o encontro, então vou até o quarto, onde encontro minhas coisas empilhadas em malas e caixas. Como não encontro Matt, começo a pegar algumas das malas, mas, assim que me viro, dou de cara com ele parado na porta, com uma taça de vinho tinto na mão. Está usando seu terno bege. Sempre detestei esse terno, embora nunca tenha dito isso. Seus cabelos escuros estão, como sempre, repartidos de lado e perfeitamente penteados.

– Oi – ele diz, com um sorriso exagerado.

– Oi, eu estava procurando você – explico, levantando as malas. – Kate está me esperando na van. Vou levar essas aqui para ela, lá embaixo. – Não há como negar a hostilidade à menção do nome de Kate, mas eu o ignoro e caminho direto para a porta, parando quando ele não faz o menor movimento para me deixar passar.

– Com licença – Minha educação está me matando.

Ele sorri para mim e bebe um bom gole do vinho antes de se afastar o mínimo, apenas o suficiente para eu me espremer até a porta, antes de descer até Kate. Quando ela me vê saindo, pula da van para abrir o porta-malas.

– Que rápido! – ela diz, pegando as malas para me ajudar.

– Ele já tinha feito minhas malas – respondo, apontando para a bagagem com a sobrançelha levantada.

Ela dá de ombros.

– Que civilizado da parte dele.

Eu volto ao apartamento e pego mais algumas, pensando em como tudo isso seria mais rápido se eu pudesse contar com a ajuda de Kate aqui, mas incluí-la nessa receita significaria transformar essa situação em caos. E sem nenhuma oferta de ajuda da parte de Matt, fico indo e voltando, carregando todos os meus pertences sozinha.

– Quantas faltam? – Kate pergunta enquanto enfia minhas malas de números nove e dez dentro da van.

– Só uma caixa – digo, dando meia-volta. É bom que ele tenha empacotado tudo, porque não quero ter que voltar.

Volto para cima e pego a última caixa. Pretendo sair sem me despedir, mas encontro Matt bloqueando minha passagem outra vez.

– Ava, podemos conversar? – ele pede, esperançoso.

Eu me encolho.

– Conversar sobre o quê?

– Nós. – Ele agita a mão entre nós dois.

– Matt, não vou mudar de ideia – digo com toda a certeza, mas antes que eu me dê conta, ele está me agarrando e tentando enfiar a língua na minha boca. Solto a caixa e o empurro com toda a força que possuo. – O que você está fazendo? – grito.

Ele arfa e depois me dirige um olhar duro.

– Tentando lembrar você por que somos bons juntos.

Dou risada. Uma gargalhada que vem da barriga. Ele está me lembrando? De quê? Do quanto é um canalha? Por favor! Isso está longe de ser um lembrete ao estilo de Jesse.

– Ainda está saindo com alguém? – ele pergunta.

– Não é da sua conta.

– Não, mas seus pais ficaram bem interessados.

Respiro fundo para evitar que minha mão voe e dê um soco nele. Não vou me dar ao trabalho de responder.

– Saia da minha frente, Matt. – Fico imensamente orgulhosa de mim mesma por manter a voz calma.

– Sua vaca estúpida.

Arregalo os olhos. Estou chocada. Eu sabia que ele podia ser um verme, mas isso é mesmo necessário? Eu não me seguro desta vez.

– Sim, eu estou saindo com alguém. E, quer saber, Matt? Ele é o melhor homem que já conheci.

Ele dá uma risada astuta, que mereceria um tapa.

– Ele é um alcoólatra desvairado, Ava. Sabia disso? Provavelmente está bêbado como um gambá toda vez que come você.

Eu hesito, e o sorriso dele aumenta. Ele acha que estou chocada por ele ter jogado a bomba da notícia do alcoolismo sobre mim. Não é isso. Estou chocada por ele saber algo sobre a pessoa com quem estou saindo. Como?

Sinto vontade de arrancar esse sorrisinho do rosto dele com um tapa bem dado.

– Bem, mesmo bêbado, ele é melhor de cama do que você.

– Você é patética – ele rosna.

– Não, Matt. Estou compensando os quatro anos de sexo ruim que tive com você.

Seu rosto mostra que ele sentiu o baque. Ele não sabe o que dizer. Eu me abaixo para pegar a caixa no chão e levanto a cabeça rapidamente quando ouço passadas pesadas escada acima.

Ai, meu Deus.

– Ava! – ele ruge.

Qualquer esperança que eu tinha de deixar Matt com essa expressão perplexa sem uma comoção foi completamente destruída. Como ele sabe que estou aqui? Vou matar Kate se ela tiver me dedurado.

Ele entra derrubando a porta, e a ilusão que eu tinha de já tê-lo visto em sua fúria máxima acaba de ser superada. Ele parece possuído, e eu estou com medo. Não por mim, mas por Matt. Jesse parece capaz matar.

Ele me encara, e eu murcho sob seu olhar.

– Mas que *merda* você está fazendo aqui?

Começo a tremer visivelmente, me perguntando como ele sabe que estou aqui. Não ousou perguntar, então continuo com a boca bem fechada.

– Responda! – ele vocifera.

Eu me encolho. É óbvio o que eu estou fazendo aqui, ele não precisa de confirmação e já deve ter visto as malas no porta-malas da van de Kate.

Matt sabiamente recua e fica calado. Ele já esteve do lado oposto de um dos ataques de fúria de Jesse.

– Eu avisei! Não ligue para ele, não vá até ele. Eu disse que John poderia fazê-lo! – Ele mexe os braços como um louco. – Desça e espere no carro.

Ouçoo um riso de deboche escapar dos lábios de Matt e viro para olhar para ele. Ele me olha, e vejo uma ponta de satisfação em seus olhos. Estou no meu limite. Não vou ficar ouvindo gritos, especialmente diante do verme do meu ex-namorado. Pego minha caixa e saio correndo do apartamento, agradecendo a tudo o que há de mais sagrado que Jesse não tenha chegado alguns segundos antes.

– Nós nos beijamos. – Ouço a voz convencida de Matt e então o som inconfundível do punho de Jesse no rosto dele.

Eu poderia chorar agora. Matt não sabe mesmo quando ficar de boca fechada? Os passos de Jesse me seguem quando saio para a rua e vejo Kate. Sam está aqui – e John também.

John está inclinado sobre a Range Rover – de óculos e tudo – parecendo ameaçador como sempre, mas com a expressão impassível. Kate anda de um lado para outro perto da van, e Sam parece um tanto preocupado. É mesmo necessário que todo mundo esteja aqui? Olho para Kate como quem diz “não fale comigo” quando passo por ela.

Ela tira a caixa das minhas mãos.

– Puta merda, Ava! – ela sussurra, jogando a caixa para dentro da van.

– Você contou a Sam que eu estaria aqui? – pergunto, direta.

– Não! – ela grita.

Acredito nela. Kate não faria isso comigo.

– John! – Jesse grita, saindo do edifício. – Coloque as coisas dela na Range

Rover. – Ele balança a mão machucada, e fico preocupada imediatamente. Que idiota. Por que não usou a mão esquerda? E então registro a maneira como ele se dirigiu a mim.

As coisas dela?

– Deixe-as, John! – berro, fazendo John parar. – Eu não vou com ele. Vamos, Kate. – Vou na direção da porta do passageiro e, quando olho para o outro lado, vejo Sam com a mão no braço de Kate. Ela olha para ele, que balança a cabeça de leve. Ela então olha para mim. Posso ver que está dividida.

– Pegue as malas, John! – ele esbraveja descendo os degraus.

– Deixe! – eu grito.

Vejo John soltar um suspiro exasperado e olhar para Jesse em busca de orientações, mas ele deve ter decidido que a minha ira é o menor dos males, pois começa a transferir minhas coisas para a Range Rover. Ele pode levar minhas coisas. Não significa que eu vá com elas. Entro na van de Kate e me jogo no assento, fora de mim.

A porta se abre dois segundos depois.

– Saia! – A voz dele treme de raiva. Pouco me importa.

Pego a maçaneta para fechá-la outra vez, mas ele é mais rápido e bloqueia minha ação.

– Jesse, vá à merda!

– Olha a boca!

– Vá. À. Merda! – grito. Minha garganta está doendo, minhas cordas vocais implorando por calma. Nunca gritei tanto. Estou tremendo de fúria. Como ele ousa? Como ele ousa se comportar assim depois de tudo o que já passei com ele?

– Olha a boca, porra! – ele se inclina e me agarra.

Luto com ele, mas, comparada à de Jesse, minha força é patética. Ele me tira à força de Margô Junior, com o peito colado às minhas costas, enquanto tento me livrar dele o tempo todo. Passando um braço pela minha cintura, ele me levanta do chão e me carrega para o carro dele, esperneando como uma criança de três anos.

– Me deixa em paz!

– Feche essa boca, Ava – ele me repreende, o que só me estimula a lutar mais. Estou morrendo de vergonha por ser carregada por ele no meio de Notting Hill, sob o olhar chocado da minha melhor amiga, do namorado dela e de John. Tenho vontade de gritar para os céus. Luto mais um pouco, tentando me desvencilhar.

– Deixe de fazer cena, Ava.

Levanto o rosto e vejo várias pessoas interrompendo suas atividades para acompanhar os acontecimentos dramáticos que se desenrolam diante delas. Paro de me debater, mas é principalmente devido à minha total exaustão. Deixo Jesse me colocar no carro, debatendo-me para afastar os braços dele, que tentam afivelar meu cinto de segurança.

Ele segura meu queixo e vira meu rosto para ele.

– É melhor você ficar bem quieta aí! – Seus olhos verdes queimam de fúria, e

lanço um olhar desafiador, antes de virar o rosto. Fico sentada no assento de couro preto macio e morno tentando recuperar o fôlego e observando Jesse ir até John, Kate e Sam. Eles conversam, mas eu não tenho ideia do assunto. A cabeça de Jesse pende para a frente, e vejo Kate colocar a mão em seu braço. Traidora de merda! Por que ele recebe apoio e compreensão quando eu fui abduzida por um maníaco?

John balança a cabeça e dá um soquinho de brincadeira no rosto de Jesse, mas ele desvia do gesto. Consigo ler “acalme-se” nos lábios de John e vejo Jesse se afastar deles, jogar os braços para o alto e puxar os próprios cabelos em sinal de frustração. John balança a cabeça mais uma vez, e entendo que ele diz *filho da puta*.

Que bom! Isso significa que John concorda comigo. *Traços difíceis*, acho que foi o que John disse. Não dá para ser mais difícil que isso. O sujeito perdeu a cabeça.

Estou olhando pela janela do passageiro quando ele entra no carro, dá a partida e sai à toda pela rua, me colando ao assento. Seu jeito de dirigir já é assustador normalmente. Essa viagem para casa não vai ser fácil.

– Como você sabia que eu estava aqui? – Mantenho os olhos na paisagem que passa pela janela.

Ouçoo-o fazer um ruído de dor quando vira o volante, em uma curva. Pela minha visão periférica, vejo-o sacudir a mão machucada.

– Não importa.

– Importa sim. – Eu me viro e encaro seu perfil enfurecido. Ainda assim, ele é lindo. – Eu estava bem até você aparecer.

Ele se vira para olhar para mim. Devolvo o mesmo olhar firme que recebo.

– Eu estou realmente furioso com você. Você o beijou?

– Não! – berro. – Ele tentou, e eu bati nele. Eu já estava indo embora. – Os músculos de minha testa doem de tanto franzir o cenho.

Dou um pulo quando ele bate no volante.

– Nunca mais diga que eu sou possessivo e exagerado, entendeu?

– Você é estupidamente possessivo!

– Ava, em dois dias eu peguei dois homens tentando seduzir você. Só Deus sabe o que aconteceu quando eu não estava lá.

– Não seja idiota – brigo. – Você está imaginando coisas. – Eu sei que ele não está. – Como você conhece Mikael?

– O quê? – ele dispara.

– Você me ouviu. – Posso dizer, pela maneira como seu lábio inferior desaparece sob os dentes, que ele está pensando na resposta.

– Eu comprei a cobertura, Ava. Como você acha que eu o conheço?

– Ele achou muito interessante quando eu disse que estamos juntos há mais ou menos um mês. Por que ele acharia isso?

Ele vira a cabeça de novo.

– Por que diabos você conversa com ele sobre nós?

– Não converso! Ele perguntou, e eu respondi! Por que ele acharia isso

interessante, Jesse? – Estou perdendo o controle. Desvio os olhos dele, tentando acalmar a respiração.

– Aquele cara quer você, pode acreditar.

– Por quê? – grito, olhando para ele, que se recusa a retribuir meu olhar.

Ele bate no volante de novo.

– Ele quer tirar você de mim!

– Mas por quê?

– Ele quer, só isso.

Eu me arrumo no banco, chocada e insatisfeita com a resposta vaga e furiosa. Essa conversa não está nos levando a nada. Ele precisa se acalmar, e eu também. Vou fazer minhas perguntas quando ele não parecer capaz de destruir a janela com um soco.

Ele para o carro no Lusso, e eu saio antes que o motor pare. Vejo John parar no estacionamento enquanto entro no foyer e ignoro Clive totalmente quando ele sai de trás de seu balcão. Vou direto para o elevador.

Fico esperando Jesse interromper o fechamento das portas para entrar, mas ele não o faz. Deve ter concluído que nós dois precisamos de um tempo.

Saio do elevador e pego a chave no bolso lateral de minha bolsa, entro, bato a porta com força e jogo a bolsa no chão, transtornada.

– Filho da puta! – xingo.

– Olá – uma voz delicada cumprimenta.

Olho na direção da voz e dou de cara com uma mulher de meia-idade e cabelos grisalhos. Imagino que eu devesse estar preocupada em ver uma estranha na casa de Jesse, mas estou brava demais.

– Quem diabos é você? – cuspo, rude. A mulher se encolhe, e é quando eu me dou conta da embalagem de lustra-móveis e do espanador nas mãos dela.

– Cathy – ela diz. – Eu trabalho para Jesse.

– O quê? – pergunto, impaciente, mas logo a raiva abre espaço para essa informação ser processada.

Ai, merda!

A porta se abre atrás de mim, e viro para ver Jesse entrar. Ele olha para mim e depois para a mulher diante de nós dois.

– Cathy, é melhor você ir embora agora. Falo com você amanhã – ele diz com calma, mas eu posso detectar a raiva em sua voz.

– Claro. – Ela deixa o material na mesa e tira o avental, num movimento rápido, mas organizado. – Deixei o jantar no forno. Tirem em trinta minutos. – Ela pega uma bolsa de tapeçaria do chão e coloca o avental sobre ela. Coitada, ela ainda sorri para mim antes de sair. É muito mais do que eu mereço.

Jesse dá um beijo no rosto de Cathy e um afago no ombro no caminho para a saída. Assistio enquanto ela sai pelo hall de entrada, ao mesmo tempo que John e Clive trazem minhas coisas do elevador. O que é um desperdício, já que não vou ficar aqui. Caminho batendo os pés até a cozinha e abro a geladeira com força, desejando que uma garrafa de vinho tenha magicamente aparecido. Fico muito decepcionada.

Fecho a porta com mais força ainda, saio da cozinha e subo a escada. Não consigo olhar para ele nesse momento. Quando entro no quarto e bato mais uma porta, começo a pensar... e agora? Eu devia ir embora – dar tempo e espaço para nós dois nos acalmarmos. Isso está intenso demais, rápido demais. É tóxico, limitante.

Eu dou um suspiro cansado e seguro a cabeça entre as mãos, desolada, sentindo as lágrimas surgindo e um nó se formando na garganta. Estou perdidamente apaixonada por um homem que tem o temperamento mais terrível e o comportamento mais irascível. Do outro lado do espectro, ele é o homem mais carinhoso, sensível e protetor do universo. Se John estiver certo, e ele só for assim comigo, será que devemos ficar juntos? Ele vai morrer de infarto aos quarenta, e a culpa vai ser minha. Com Jesse, quando os momentos são bons, eles são incríveis, mas quando são ruins, são insuportáveis.

Achei que estava começando a descobrir tudo o que precisava saber, mas, com o passar do tempo, fica mais do que óbvio que não estou. E não parece que vou descobrir tudo em pouco tempo – a não ser que eu pergunte a Mikael...

A porta se abre, e Jesse irrompe por ela, parecendo ter sido eletrocutado. Ele está tremendo visivelmente, e a artéria em seu pescoço está inchada. Ele tem algo nas mãos.

– Que *merda* é essa? – ele parece prestes a entrar em combustão espontânea. Faço uma careta, mas logo vejo que está segurando uma folha com detalhes de voos. Patrick deve tê-la colocado na minha bolsa.

Oh, meu Deus, o que vai ser de mim agora.

Espere aí.

– Você mexeu na minha bolsa! – estou perplexa. Não sei por que, afinal, ele invade minha privacidade o tempo todo. Jesse não parece envergonhado nem arrependido. Ele só agita o papel diante do meu rosto, enquanto estufa o peito, com a respiração errática.

Passo por ele e desço correndo até a minha bolsa, ouvindo-o me seguir, a respiração mais audível que seus passos. Pego minha bolsa do chão e a levo para a cozinha.

– Que diabos está fazendo? – ele grita. – Não está aí, está aqui! – ele põe o papel no meu nariz; coloco a bolsa na ilha e começo a remexer nela.

Não tenho ideia do que estou procurando.

– Você não vai para a Suécia, Dinamarca nem lugar nenhum! – A voz dele flutua em algum lugar entre a raiva e o medo.

Eu olho para ele. Sim, há definitivamente medo ali.

– Não mexa na minha bolsa – eu digo as palavras devagar e por entre os dentes, sentindo uma frustração profunda, e o acuso com os olhos.

Ele recua um pouco e joga o papel no balcão, mantendo o olhar colérico.

– Por quê? O que mais você está escondendo de mim?

– Nada!

– Vou dizer uma coisa, Ava. – Ele se aproxima, o rosto muito perto do meu. – Eu prefiro morrer a deixar você sair do país com aquele cafajeste imundo. –

Uma onda de puro ódio passa pelo seu rosto.

– Ele não vai! – eu berro, soltando a bolsa com violência, apenas para causar efeito. Não tenho certeza e, na verdade, suspeito que ele deva ir. Ele tem um plano e um motivo.

– Ele vai, sim. Ele vai seguir você até lá, acredite. Ele não se cansa quando o assunto é perseguir uma mulher.

Dou risada.

– Assim como você?

– Aquilo foi diferente! – ele vocifera. Em seguida fecha os olhos e massageia as têmporas com a ponta dos dedos para aliviar a tensão.

– Você é impossível – dispero.

– E por que você está tomando vitaminas? – Ele me olha transtornado. – Você está grávida, não está?

Pego os frascos de vitaminas da bolsa e jogo na cabeça dele. Ele arregala os olhos e desvia com facilidade das embalagens, que batem na parede e caem no chão da cozinha. Preciso recuperar o controle. Estou perdendo a cabeça de vez.

– Comprei as vitaminas para você! – digo a plenos pulmões, e ele me olha como se eu fosse maluca. Estou perto, mesmo.

– Por quê? – ele olha para um dos frascos no chão.

– Você destruiu seu corpo. Esqueceu?

Ele ri.

– Não preciso de pílulas, Ava. Já falei. – Ele se aproxima e segura meus braços, me puxando para mais perto. – Não sou alcoólatra. Se eu beber, vai ser porque *you* me deixa louco de raiva! – Ele grita a última frase no meu rosto.

– Você me culpa por tudo isso – declaro. Não estou perguntando, porque ele acabou de gritar na minha cara.

Ele me solta e se afasta.

– Não, eu não culpo você. – Ele puxa os próprios cabelos, frustrado. – O que mais você está escondendo de mim? Viagens de negócios com holandeses ricos. – Ele me olha fixo. – Visitinhas íntimas ao ex-namorado?

– Íntima? – vomito a palavra. Ele acha que ver Matt foi prazeroso? – Você é um imbecil de merda!

– Olha a boca!

– Vá para o inferno! – berro. Ele está completamente louco! Se me conhece como diz me conhecer, não ficaria fazendo esse tipo de insinuação leviana.

– Não posso ficar perto de você nesse momento – ele diz. Ele range os dentes, e vejo os músculos de sua mandíbula se apertando. – Eu amo você demais, Ava. Muito mesmo, mas não posso olhar para você agora. Isso está errado! – E sai da cozinha.

Ouçõ a porta bater e, segundos depois, um estrondo colossal. Corro para o hall de entrada da cobertura e não encontro Jesse, mas a porta espelhada do elevador está estilhaçada em um milhão de pedaços. Mesmo perturbada, penso na mesma hora nos danos que ele pode ter causado à sua mão, já bastante ferida. E então começo a chorar. Um choro alto e desesperado, como um uivo para a Lua. Eu

me sinto impotente e descontrolada. Sinto que estou sendo testada, como se Jesse estivesse tentando descobrir se tenho forças para tirá-lo desse desastre, e eu, ainda por cima, estivesse me debatendo com o pensamento incessante de que sou eu quem o deixa assim. Não é saudável.

Volto para a sala e vejo minhas malas em uma fila organizada ao lado da escada. O que faço com elas? Eu vou ficar?

Eu as deixo ali e, sem saber o que mais fazer, vou ao deck, sento numa das espreguiçadeiras e choro – alto, balançando os ombros e as lágrimas escorrendo sem parar, enquanto tento encontrar algum tipo de orientação. Olho para o nada e me sinto abandonada. Sentimentos familiares, que eu nunca mais queria sentir, me invadem mais uma vez – sensações de vazio, de perda, de solidão e as emoções deprimentes que me levam ao poço mais fundo do inferno, onde eu estava quando Jesse não estava na minha vida. Como cheguei ao ponto de precisar tanto dele? Como isso aconteceu comigo? Ele foi embora e agora tenho uma boa ideia do que ele sentiu quando eu fiz o mesmo. Sinto como se faltasse uma parte de mim.

E falta mesmo.

Subo as escadas, tomo um banho demorado, ensaboando meu corpo sem prestar atenção. Aonde quer que eu olhe, vejo nós dois – Jesse e eu no balcão da pia, contra a parede, no chuveiro. Estamos em tudo. Saio às pressas, subitamente desesperada para escapar das lembranças da nossa intimidade, e seco meus cabelos antes de me jogar na cama. Não sei quanto tempo fico ali sentada, olhando para o teto. Minutos. Horas. As lágrimas secas que repuxam minha pele deviam ser uma pista. Tento não pensar, mas me lembro do tempo em que passamos separados, quando Jesse bebeu. Ele vai beber agora? O pensamento faz meu coração doer e saltar no peito, vindo parar na boca. Pensar em Jesse com o álcool é o bastante para me fazer voar para a cozinha em busca do meu celular.

Quando entro, sou recebida pelo perfume de algo delicioso. Oh! Corro para desligar o forno, pego o telefone e ligo para John.

Sua voz grave atende o telefone depois do primeiro toque.

– Ele está aqui, Ava.

– No Solar? – Fico aliviada, mas, ao mesmo tempo, me pergunto por que está lá.

– Sim. – John parece arrependido. Isso me deixa tensa.

– Acha que devo ir até aí? – Não sei por que pergunto, já que estou a caminho do quarto para trocar de roupa.

Ele pensa por um momento.

– Provavelmente, garota. Ele foi direto para o escritório.

Desligo, visto a primeira roupa que encontro e corro para a porta. A chave do meu carro. Jesse não me devolveu. Mergulho em minhas caixas, rezando para encontrar a chave reserva e acabo encontrando.

Estou no foyer do Lusso em pouquíssimo tempo, correndo, o salto dos meus sapatos tilintando no assoalho. Noto Clive ajoelhado atrás do balcão, mas passo por ele sem parar. Não tenho tempo hoje. O pobre homem vai ficar intrigado

com o que pode ter feito para me chatear.

– Ava! – ouço. Eu não pretendia parar, mas parecia que algo sério estava acontecendo. Talvez a mulher misteriosa tivesse voltado.

– O que houve, Clive?

Ele corre na minha direção, em pânico.

– Você não pode sair!

Do que ele está falando?

– O sr. Ward – ele arfa. – Ele disse que você não pode sair do Lusso. Foi taxativo.

– Clive, não tenho tempo para isso. – Retomo meu caminho, mas ele segura meu braço.

– Por favor, Ava. Vou ter que ligar para ele.

Não acredito. Ele pediu para o concierge bancar o carcereiro agora?

– Clive, isso não faz parte do seu trabalho – eu saliento. – Por favor, solte meu braço.

– Bem, eu disse isso a ele, mas o sr. Ward sabe ser bastante insistente.

– Quanto, Clive?

– Não sei do que você está falando – ele diz depressa, ajeitando o chapéu com a mão livre. Não poderia parecer mais culpado.

Arranco meu braço da mão de Clive e vou até o seu balcão.

– Onde você guarda os contatos do sr. Ward? – pergunto, olhando para a parafernália tecnológica à minha frente. Vejo o celular de Clive sobre a mesa também.

Clive vem atrás de mim com uma expressão aflita.

– Está tudo ligado ao telefone pelo sistema. Por quê?

– Você tem o número do sr. Ward no seu celular? – pergunto.

– Não, Ava, está tudo programado no sistema. Confidencialidade dos moradores e toda aquela história.

– Que bom. – Puxo todos os fios que ligam o sistema de telefonia ao computador e os solto, formando um emaranhado no chão, onde está o queixo de Clive.

Ouçó o pobre homem balbuciando palavras chocadas com a minha saída e sinto uma ponta de culpa. Mais uma conta de reparos que vai para o capacho da cobertura. Entro no meu carro e vejo uma caixinha preta no painel. Sabendo para que serve, aperto o botão e os portões do Lusso começam a se abrir.

Durante todo o trajeto até o Solar, rezo sem parar a fim de não encontrar Jesse com um copo de bebida alcoólica na mão. Será a minha primeira visita àquele lugar desde que descobri suas atividades, mas minha necessidade de ver Jesse supera todo o nervosismo e a relutância que tenho.

Capítulo 15



John abre a porta do Solar antes que eu chegue e me oferece um sorriso encorajador.

– Ele está mais calmo? – pergunto enquanto passamos pelo bar e chegamos à sala de verão. Há pessoas espalhadas pelos ambientes, bebendo e conversando, talvez discutindo o que a noite reserva, e sou vítima de uma dúzia de olhares inquisitivos. Fico tensa na hora.

– Caramba, garota, o efeito que você tem sobre aquele filho da mãe. – John ri, revelando um lampejo do dente de ouro.

Solto uma lufada de ar, concordando com ele.

– Meu homem é complicado.

John olha para mim e sorri.

– Complicado? É uma boa palavra. Eu o chamo de um pé no saco. Tenho que admirar a determinação dele, no entanto.

– Determinação? – Junto as sobrancelhas.

– Determinação em ser complicado?

John para à porta do escritório de Jesse.

– Nunca o vi tão determinado a viver.

– O que você quer dizer com isso? – Não consigo esconder a confusão no meu tom. Não vejo nenhuma determinação para viver. Tudo o que vejo é a determinação de se matar de estresse. Ele é completamente autodestrutivo.

Fico sem ar.

Autodestrutivo. Jesse já disse isso antes, quando me levou na garupa da moto.

– Confie em mim, isso é bom. – John me olha com carinho. – Pegue leve com ele.

– Há quanto tempo você o conhece, John?

– Tempo suficiente, garota. Vou deixá-los a sós. – Ele afasta seu corpo gigantesco pelo corredor.

– Obrigada, John – digo, para as costas dele.

– Tudo bem, garota. Tudo bem.

Fico parada do lado de fora do escritório de Jesse, com a mão na maçaneta. A informação inesperada de John, embora vaga, aguçou mais minha curiosidade. Minha cabeça gira com pensamentos sobre álcool, farras, couro e cicatrizes. Giro a maçaneta e entro, com cautela.

E não gosto do que vejo.

Jesse está em sua cadeira olhando para Sarah, que está sentada na borda da

mesa. O sentimento de posse me esbofeteia, mas é a garrafa de vodca sobre a mesa de Jesse que me deixa mais inquieta. Consigo lidar com a atenção indesejada de outras mulheres, contanto que seja indesejada. A vodca é outro problema, totalmente diferente.

Eles olham para mim ao mesmo tempo, e ela me dá um sorriso falso. Então noto que há uma bolsa de gelo sobre a mão de Jesse. Eu tinha razão em ser tomada pelo monstro do ciúme. Eles parecem, nas palavras de Jesse, bem íntimos. Agora não há dúvida para mim que esses dois tiveram um relacionamento sexual. Está escrito no rosto dela. Eu me sinto mal, enciumada e perigosamente possessiva.

Olho para Jesse, que retribui o olhar. Ele ainda está com a calça cinza-chumbo, mas as mangas da camisa preta estão dobradas. Seus cabelos loiros-acinzentados formam uma linda bagunça naquela cabeça deslumbrante, mas, apesar de toda a sua beleza, ele parece assustado e desconfortável. Eu não o culpo. Eu o peguei em atitude íntima com uma mulher e com uma garrafa do líquido do mal. São meus piores pesadelos reunidos em um.

Ele move a cadeira com os pés, desviando de Sarah e virando para mim.

– Você bebeu? – Minha voz é calma e forte. Mas me sinto tudo, menos calma e forte.

Ele balança a cabeça.

– Não.

Não posso dizer se a voz fraca é por causa da mulher ou da vodca. Ele baixa um pouco a cabeça, e o silêncio entre nós é constrangedor, mas então Sarah põe a mão no braço dele, e tenho vontade de voar sobre a mesa e arrancar os cabelos dela. Jesse se encolhe e olha para mim.

Quem raios ela pensa que é? Não sou ingênua a ponto de achar que ela está apenas sendo uma boa amiga. De repente fico furiosa comigo mesma por permitir que outra mulher tenha a oportunidade de confortá-lo, especialmente essa mulher. Esse é o meu trabalho.

– Você se importa? – olho direto para ela, para que não haja engano sobre com quem estou falando.

Ela olha para mim, mas não tira a mão do braço de Jesse.

– Como é?

– Você me ouviu. – Lanço um olhar de “não brinque comigo”, e ela dá um sorriso quase imperceptível.

Jesse afasta o braço, e a mão dela cai sobre a mesa. Depois olha nervosamente de uma para a outra. Pelo menos ele mantém a boca bem fechada, mas então a vagabunda se inclina e o beija no rosto, deixando os lábios colados nele por muito mais tempo do que seria de fato necessário.

– Se precisar de mim, querido, é só me chamar – ela diz com a voz sedutora mais ridícula que já ouvi na vida.

Jesse se retesa dos pés à cabeça e olha para mim, de olhos arregalados e alarmados. Ele tem razão de estar, especialmente depois do monte de merda que despejou em mim por causa de um cliente e um ex-namorado. Matt e Mikael

seriam uma pilha de corpos se fosse com ele.

Eu escancaro a porta e fixo o olhar na vagabunda loira, toda cheia de si.

– Adeus, Sarah – digo, em tom de encerramento.

Ela me dirige um olhar convencido e desce da beirada da mesa de Jesse, atravessando o escritório em passos calmos, sem tirar os olhos de mim. Eu a encaro com a minha expressão mais implacável, até que ela chegue à porta que mantenho aberta. Assim que seus saltos plataforma altíssimos passam pelo batente, fecho a porta com força, torcendo para que tenha batido em seu traseiro tonificado.

Agora, vamos lidar com meu homem difícil. Vê-lo aqui com Sarah deixou algo muito claro para mim.

Ele é meu... e ponto-final.

Viro para encará-lo. Ele não se levantou da cadeira, a garrafa de vodca continua no meio da mesa, e agora está mordendo o lábio inferior, as engrenagens de sua cabeça girando.

Eu aponto para a garrafa.

– Por que isso está aí?

– Não sei. – Seu rosto está torturado e me mata ter que ficar do outro lado do mesmo recinto que ele.

– Você quer beber?

– Não agora que você está aqui. – Em voz baixa, suas palavras são claras e audíveis.

– Você me abandonou – eu o lembro.

– Eu sei.

– E se eu não tivesse vindo? – Essa é a pergunta mais importante. Fico revisitando a mesma coisa várias vezes na minha cabeça. Ele se comporta como se não fosse nada, mas depois eu o encontro na companhia de outra mulher e com uma garrafa porque tivemos uma discussão. Não posso me preocupar com isso toda vez que brigarmos.

– Eu não teria bebido. – Ele empurra a garrafa para longe.

– Então por que ela está aí?

Ele dá de ombros, casualmente. Isso me deixa louca. Meu medo tem fundamento, e Jesse espera que eu aceite suas respostas vagas e encolhidas de ombros?

– Eu não ia beber, Ava. – Sua voz está ligeiramente irritada.

– Você beberia se eu fosse embora?

Seus olhos encontram os meus, e o pânico invade seu lindo rosto.

– Você vai me deixar?

– Você precisa me dar algumas respostas. – Eu o ameaço, mas sinto que é minha única opção. Há coisas que ele precisa me dizer. – Por que Mikael está tão interessado no nosso relacionamento?

– A mulher dele o deixou – ele responde rápido.

– Porque você dormiu com ela.

– Sim.

– Quando?

– Meses atrás, Ava. – Ele me olha com sinceridade. – Ela é a mulher que apareceu no Lusso. Vou contar tudo antes que você ameace me abandonar outra vez. – Ele tem um toque de sarcasmo na voz, que decido ignorar.

– Ela não estava preocupada com você, estava?

– Sim, provavelmente estava, mas ela também me quer.

– Quem não quer? – Estou muito calma.

Ele acena com a cabeça.

– Eu deixei claro, Ava. Fizemos sexo meses atrás, e então ela foi embora para a Dinamarca. Não sei por que decidiu me perseguir agora.

Eu acredito nele e, de qualquer forma, Mikael vem cuidando do divórcio, e esse processo leva tempo. Deve fazer meses mesmo.

– Então ele quer me roubar de você, assim como você roubou a mulher dele.

Ele segura a cabeça com as mãos.

– Eu não a roubei dele, Ava. Ela o deixou porque quis, mas, sim, ele quer roubar você de mim.

– Mas vocês pareciam amigáveis, você comprou a cobertura do Lusso. – Minha cabeça dói.

– É só uma fachada, Ava... por parte dele. Ele não tinha nada contra mim, nada que pudesse usar para me atingir, porque eu não me importava com nada. Mas agora tenho você. – Jesse olha para mim. – Agora, ele sabe onde enfiar a faca.

Meus olhos começam a se encher de lágrimas, e vejo seu rosto entristecer, seus olhos também marejados. Não consigo mais ficar longe dele. Vou até a cadeira, e ele abre os braços para mim. Ignoro a mão inchada e me sento no colo dele, deixando que me tome nos braços e invada todos os meus sentidos. Seu toque e seu perfume me acalmam imediatamente, e o inevitável acontece quando nos unimos assim – todos os problemas que nos causam tensão parecem irrelevantes e sem importância. Somos apenas nós dois, em nossa bolha de segurança, confortando um ao outro, acalmando um ao outro.

– Vou morrer amando você. Não posso deixar que você vá para a Suécia.

Eu suspiro.

– Eu sei.

– E você devia ter me deixado ir buscar as suas coisas. Eu não queria que você o visse – acrescenta.

Sei que estou me rendendo a ele, mas não importa.

– Eu sei. Ele sabe de você.

Sinto-o ficar tenso.

– Sabe de mim?

– Ele me disse que você é um alcoólatra desvairado.

Ele relaxa e ri.

– Eu sou um alcoólatra desvairado?

Meus olhos se fixam nos dele, e fico chocada com a reação blasé a algo tão ofensivo.

– Não tem graça. Como ele sabe?

– Ava, eu honestamente não faço ideia. – Ele dá um suspiro. – De qualquer forma, ele está mal informado, porque eu não sou alcoólatra.

– Sim, eu sei. – Deixo estar, mas tenho certeza de que o problema de Jesse com o álcool poderia se encaixar em algum lugar na escala do alcoolismo. – Jesse, o que posso fazer? Mikael é um cliente importante. – De repente me ocorre um pensamento horrível. – Ele só me contratou para o Life Building por causa de você?

Ele sorri.

– Não, Ava. Ele nem sabia de nós até ontem. Ele a contratou porque você é uma designer talentosa. O fato de que você também é incrivelmente bonita foi só um bônus. E o fato de que me apaixonei por você é um ainda maior para ele.

– Você se expôs – digo, em voz baixa. – Se não tivesse atrapalhado minha reunião, talvez ele nunca fizesse a conexão.

– Eu agi por impulso quando vi sua agenda. – Ele encolhe os ombros. – De todo jeito, ele teria tentado alguma coisa com você ainda que não soubesse que é minha. Como eu disse, ele é implacável.

Eu me lembro de seus olhos arregalados e da mandíbula tensa quando ele viu minha agenda. Não foi porque eu a substituí. Foi porque viu o nome de Mikael escrito por todos os lados.

– Como você sabe? Ele é casado. Bem, *era* casado.

– Isso nunca o impediu antes, Ava.

Eu tenho um surto mental. Não posso trabalhar com Mikael agora – não depois de descobrir isso. Não quero ficar perto dele. Meu Deus, tenho uma reunião com ele na segunda. Isso vai ser um problema. Tenho vontade de esbravejar com Jesse por não saber ser discreto. Eu me lembro da criatura que John expulsou do Solar no dia que descobri o que acontecia lá dentro. Ele berrava sobre maridos e o fato de que Jesse não deixa sua consciência atrapalhar seus casos. Quantos casamentos Jesse destruiu? Quantos maridos estão por aí em busca de vingança?

Sou arrancada dos meus pensamentos indesejados quando Jesse segura meu rosto.

– Como você chegou aqui?

Eu dou um sorriso.

– Eu distraí seu capanga.

Seus olhos brilham, seus lábios se curvam.

– Talvez eu tenha que o mandar embora. Como você conseguiu sair?

Meu sorriso desaparece quando penso na conta que Jesse vai receber pelo conserto do sistema.

– Jesse, ele tem uns sessenta anos. Eu desconectei o sistema de telefonia para ele não conseguir avisar você que escapei de sua torre.

– Nossa torre. Desconectou? – A linha de expressão aparece.

Enterro o rosto em seu peito outra vez.

– Eu puxei os fios.

– Oh – ele exclama, impassível, mas sei que ele está tentando conter uma risada.

– Que história foi aquela de fazer um funcionário tentar me manter em casa? – pergunto, acusando-o. Eu poderia ter corrido de Clive, mesmo de salto.

Ele acaricia meus cabelos.

– Eu não queria que você sáisse.

– Bem, então você devia ter ficado. – Tiro a camisa dele de dentro da calça e deslizo as mãos por dentro dela, para satisfazer meu vício naquele peito quente. Ele me abraça mais forte, e sinto seu coração bater sob a palma de minhas mãos. É tão reconfortante.

– Eu estava louco de raiva – ele suspira. – Você me deixa louco de raiva. – Jesse beija minha têmpora e enterra o rosto nos meus cabelos.

– Como está sua mão?

– Estaria bem se eu não batesse em tudo – ele responde, seco.

Eu me desvencilho do seu abraço.

– Me deixe ver. – Sento mais ereta no colo dele, e Jesse me dá a mão. Eu a seguro com cuidado. Ele não geme, mas olho para ele a fim de buscar sinais de que está sentindo dor. A porta de vidro do elevador estava em milhões de pedaços, e eu esperava que a mão dele estivesse no mesmo estado.

– Eu estou bem.

– Você destruiu a porta do elevador – digo, acariciando o punho machucado.

– Eu estava enlouquecido.

– Você já me disse isso. E a invasão ao meu escritório hoje à tarde? Você também estava enlouquecido naquela hora?

– Sim, estava. – Ele estreita os olhos para mim, mas depois sorri. – Mais ou menos como você estava agora há pouco.

– Eu não estava com raiva, Jesse. – Olho para a mão dele com a mesma pena que sinto pela mulher patética que acabei de expulsar de seu escritório. – Eu estava marcando o que é meu. Ela quer você. Só falta sentar no seu colo e esfregar aqueles peitos na sua cara para deixar isso mais claro. – Faço uma careta de nojo ao pensar no desespero dela. Olho para Jesse e percebo que aquele sorriso sutil se tornou largo, digno de Hollywood. Esse sorriso está um passo além daquele reservado apenas para mulheres. Esse sorriso é reservado só para mim. Não consigo evitar o movimento que se forma nos cantos da minha boca.

– Você parece satisfeito consigo mesmo.

Ele solta a mão dos meus cuidados.

– Ah, estou mesmo. Gosto quando você fica possessiva e protetora. Isso me prova o quanto você é apaixonada por mim.

– Sou, sim, embora você seja estupidamente temperamental. E nada de chamar Sarah de querida – imito.

Ele acaricia meu nariz com o dele e me beija.

– Não vou.

– Você já dormiu com ela. – É uma afirmação, não uma pergunta. Ele recua, seus olhos verdes imensos e circunspectos. Reviro os olhos. – Misturou negócios com prazer? – pergunto.

Jesse olha para baixo.

– Sim. – Sua expressão e sua linguagem corporal gritam que está incomodado. Ele não está feliz com o rumo da conversa.

Eu sabia. Certo, tudo bem. Posso superar isso contanto que ele mantenha a vagabunda à distância de um braço esticado – ou mais. O que pode ser difícil considerando que ela trabalha para ele e o segue como um cachorrinho perdido.

– Só quero dizer uma coisa – pressiono. Preciso deixar isso claro, se quiser estar na companhia de homens no futuro, social ou profissionalmente, embora eu saiba que a veia possessiva de Jesse jamais vá desaparecer totalmente. – É só você. – Eu o beijo nos lábios para reforçar minha declaração.

– Sou só eu – ele murmura bem próximo a mim.

Eu dou um sorriso.

– Bom menino.

Ele se afasta e corre os dedos pelo meu pescoço, os olhos repletos de satisfação.

– Eu amo você, Ava.

Encosto o rosto no ombro dele.

– Eu sei.

– Tire o dia de folga no trabalho amanhã.

Nem avisei Patrick sobre minha reunião desta tarde com o sr. Ward, mas preciso de uma folga, e um fim de semana prolongado com Jesse é algo difícil de recusar. Não tenho nada marcado para amanhã, e todo o meu trabalho está ridiculamente em dia. Patrick me deve alguns dias. Não vai se importar.

Eu me afasto para poder olhar para ele.

– Tudo bem.

Ele faz uma careta desconfiada, como se estivesse me esperando mudar de ideia ou acrescentar um “mas” a ela.

– Sério? – Seus olhos cintilam, e seus lábios se curvam para cima. – Você está sendo muito razoável. Isso não é normal.

Meus olhos saltam ao ouvir seu comentário. Eu sei que ele sabe *quemé* o irracional. Está me provocando. Não vou cair nessa.

– Vou ignorar você – resmungo.

– Não por muito tempo. Vou levar você para casa, para a *nossa* torre. Faz tempo demais que não entro em você. – Ele se levanta e me põe de pé. – Vamos? – Jesse oferece o braço, e eu o aceito, meu estômago borbulhando de expectativa sobre o que me aguarda quando chegarmos em casa.

– Eu gostaria de remar um pouco – digo, em tom casual.

Ele levanta uma sobranceira sarcástica para mim.

– Podemos remar outro dia, Ava. Eu quero fazer amor – ele diz com carinho, olhando para mim.

Sorriso.

Ele me leva pela sala de verão, até o hall de entrada, e ignoro os olhares desapontados das mulheres que nos observam, já que todas obviamente desejavam que saíssemos separados. John nos encontra na porta e me dá seu sorriso peculiar.

– Vejo você amanhã. – Jesse se despede enquanto abre a porta para mim.

– Tudo bem. – John dá um tapinha no ombro de Jesse e vai em direção ao bar.

Jesse põe a mão na base da minha coluna e me conduz para fora. Assim que viro, percebo Sarah na entrada do bar. Ela cumprimenta John, mas seus olhos estão fixos em mim e Jesse saindo do Solar. Não há como não reconhecer o olhar amargo em seu rosto tenso. Prevejo uma sessão de compras amanhã de manhã para aliviar a frustração.

– Deixe seu carro aqui. Podemos pegá-lo amanhã – ele diz enquanto abre a porta do passageiro do Aston Martin.

Não discuto.

No longo caminho até os portões, passamos pelo Porsche de Sam chegando ao Solar. Levanto um pouco no banco do carro.

– Olhe! É Kate! – digo. Sam buzina e faz um sinal de positivo para Jesse, ao mesmo tempo que viro o pescoço para vê-los enquanto passamos. Kate acena para mim, com relutância. – O que ela está fazendo aqui? – Olho para Jesse, que mantém os olhos no caminho. – Oh, meu Deus! Ela se tornou membro, não foi? – pergunto, quase como uma acusação.

– Não falo sobre membros. Confidencialidade – ele diz, em tom definitivo.

– Então ela é um membro!

Ele dá de ombros e aperta o botão que abre os portões. Que safada! Por que ela não me contou? Será que ela está aqui disposta a tudo, ou é só por causa de Sam? Meu Deus, quando penso que minha amiga espreitada não consegue mais me surpreender.

Jesse dispara pela estrada e aperta alguns botões ao lado do volante, o que liga o sistema de áudio e faz uma inconfundível voz masculina nos envolver.

– Quem é?

Ele batuca no volante.

– John Legend. Gosta?

Ah, gosto. Coloco a mão no volante e Jesse abaixa as dele para me dar acesso aos controles. Encontro o botão e aumento o volume.

– Vou entender isso como um “sim”. – Ele dá aquele sorriso atrevido e põe a mão no meu joelho. Eu a cubro com a minha.

– Sua mão está bem?

– Sim. Relaxe, Ava.

– Preciso mandar uma mensagem de texto para Patrick.

– Faça isso. Não vejo a hora de ter você toda para mim amanhã e durante todo o fim de semana. – Ele tira a mão da minha perna e volta ao volante.

Mando uma mensagem rápida para Patrick e, como era de se esperar, ele responde logo, me desejando uma folga merecida.

Perfeito. Três dias sem perturbações no Sétimo Céu de Jesse.



Entramos no Lusso de mãos dadas e Clive lança um olhar de desaprovação. Meu olhar arrependido não parece dar resultado.

– Sr. Ward – ele o cumprimenta com cautela, os olhos ainda em mim.

– Clive. – Jesse acena com a cabeça e me conduz ao elevador sem mais palavras.

Assim que as portas se fecham, não fico surpresa ao ser jogada contra a parede e o corpo dele cobre o meu. A pulsação que já é tão familiar ataca meu âmago e aquece minhas veias imediatamente. Ele esfrega a coxa entre minhas pernas, roçando meu sexo, é só o que basta para me deixar ofegante.

– Você chateou o concierge – ele murmura ofegante, os lábios próximos aos meus.

– Que pena. – Forço a resposta por entre a respiração entrecortada, e Jesse cola os lábios nos meus, me beijando com convicção e vontade, enquanto insinua sua ereção em mim. Meu Deus do Céu, quero arrancar as roupas dele, mas isso não é fazer amor, não que fosse reclamar.

– Por que não está usando um vestido? – ele pergunta, irritado, enquanto sua língua entra e sai da minha boca.

Também me faço a mesma pergunta. Um vestido estaria enrolado na minha cintura nesse exato momento.

– Estou ficando sem vestidos.

Ele geme na minha boca.

– Amanhã, só vamos comprar vestidos. – Ele projeta o quadril para a frente e para cima, colidindo e se esfregando contra o meu sexo.

Eu suspiro de prazer puro e desinibido.

– Amanhã vamos comprar um vestido. – Abro o cinto dele enquanto Jesse deixa meus lábios e encosta a testa úmida na minha, seus olhos brilhando de aprovação, os lábios entreabertos. Passo a mão sobre o zíper da calça e sinto-o se contorcer sob meu toque, ao mesmo tempo que minha língua desenha uma linha em seu lábio inferior. Então abro o zíper e enfio a mão na calça para pegar seu membro, segurando-o pela base e apertando de leve.

Ele fecha bem os olhos.

– Boca – ele pede, com gentileza.

As portas do elevador se abrem para o hall de entrada da cobertura, e nunca agradeci tanto por esse ser o único elevador que chega ao último andar. Deslizo as costas pela parede até ficar agachada diante dele, mas seu pau quente e pulsante não é a única coisa que chama a minha atenção. A cicatriz desperta meu

interesse. Fiz um pacto comigo mesma de não perguntar mais, mas não consigo afastar minha curiosidade, especialmente depois do que John disse sobre Jesse ser autodestrutivo. Olho para cima e o vejo com os braços tensos apoiados na parede acima de mim, os olhos me observando atentamente.

– O que está esperando? – ele pergunta, colocando os quadris para a frente, impaciente. Qualquer pensamento que eu tivesse sobre cicatrizes misteriosas desaparecem assim que me lembro da última vez em que eu o tive assim – como foi selvagem. Será que hoje será assim de novo?

Tiro os olhos de seu olhar carnal, passo a mão sobre seu mastro e, então, me aproximando, lambo a gota que escapa da glândula inchada, estimulando-o devagar e ouvindo-o gemer baixinho, com o quadril tremendo. A sua respiração fica mais ofegante a cada ida e vinda, a barriga subindo e descendo diante dos meus olhos. Quando o ouço dizer um palavrão, maldosamente dou uma lambida em suas bolas, antes de, lentamente, passar a língua com firmeza pela parte de baixo do pênis, levantando de leve para alcançar a ponta da glândula.

– Até o fim, Ava – ele arfa.

Percebo que a porta do elevador começa a se fechar, e Jesse estende a mão e soca o botão, antes de trazer o braço de volta para a parede acima de mim.

Recebo a cabeça entre lábios e circulo a glândula com a língua, com delicadeza. Jesse treme com força. Adoro fazer isso com ele. Amo instigar esses sons na sua boca e essas reações no seu corpo.

Espero que ele projete o quadril para a frente, mas ele não o faz. Está se esforçando. Posso sentir a tensão passando dele para mim através do nosso contato. Posso sentir seu quadril tremer de leve diante de mim. Acabo a tortura e o coloco inteiro na boca, até senti-lo no fundo da garganta. Parece veludo na minha língua. Perfeito. Certo. O ruído que ele deixa escapar quando me afasto, dou mais uma lambida e o chupo outra vez me enche de satisfação e confiança. Dessa vez seu corpo vem até mim, e não tenho escapatória, com a cabeça encostada na parede. Ele segura minha nuca para me apoiar e me penetra com um grito, deixando a cabeça pender para trás e atacando minha boca com vontade.

Lembro-me de relaxar, controlar a garganta, e deixo minhas mãos explorarem seu quadril, até chegarem ao seu traseiro firme. E então enterro as unhas na carne.

– Mais forte! – sua voz é severa e animal. Eu o aperto com mais força. – Porra! – Ele continua as investidas, e eu sei que está perto. Tiro uma das mãos de suas nádegas e me embrenho entre suas coxas, alcançando e acariciando seu saco. É o que basta.

– Puta merda! – ele grita, tirando o pênis da minha boca e apertando a base. – Deixe a mão e abra a boca. – Seus olhos me perfuram.

Obedeço, mantendo a mão firme em suas bolas e abrindo a boca, sem perder nosso contato visual. Ele se estimula, os músculos do pescoço pronunciados e, com um grito contido, encosta sua glândula larga no meu lábio inferior e jorra seu sêmen quente e cremoso, que bate no fundo de minha boca e cobre minha língua. Engulo tudo sem pensar.

Seus movimentos desaceleram, diminuo a força em seu saco e acaricio sua coxa até encontrar a mão dele. Cubro seu punho com a mão e o estimulamos juntos, enquanto limpo da língua cada gota de seu líquido salgado que ainda cai na minha boca.

– Quero um desses todo dia, até o fim da vida. – Seu rosto está sério, e sua voz não deixa dúvida. Espero que esteja falando de mim. – De você – acrescenta, como se lesse meus pensamentos.

Abro um sorriso e volto minha atenção para seu membro duro como aço, ainda se contraindo nas nossas mãos. Dou mais uma lambida, para sorver até a última gota, e depois dou um beijo carinhoso na ponta.

Ele flexiona os dedos, e eu o solto.

– Venha aqui. – Ele me ajuda a levantar e me aperta contra o peito. – Eu amo você e a sua boca safada – diz baixinho, enquanto roça o nariz no meu.

– Eu sei que ama. – Começo a ajudá-lo a colocar a calça.

Ele me deixa terminar e depois pega minha mão, me levando do elevador em direção à porta da cobertura.

– Foi uma completa perda de tempo. Vou tirar a calça assim que colocar você dentro de casa.

Ele abre a porta, e o aroma de algo delicioso invade minhas narinas.

– Oh, o jantar! – Eu tinha esquecido completamente. Graças a Deus desliguei o forno, ou voltaríamos para ver caminhões dos bombeiros e ainda mais prejuízo.

Ele me leva à cozinha e solta minha mão para pegar uma luva de cozinha, vestindo-a e retirando a lasanha que passou do ponto. De lado, ele balança a cabeça.

– Tenho uma arrumadeira e cozinheira e, ainda assim, você queima o jantar.

Com nossa briga aos gritos e a subsequente reconciliação, esqueci totalmente da pobre mulher, com quem eu fui muito rude. Vou ter que me redimir com ela. A coitada deve pensar que sou uma megera.

– Será que ela volta?

Ele ri.

– Espero que sim. – Ele cutuca a cobertura rígida da lasanha. – A lasanha de Cathy é deliciosa. – E volta os olhos para mim. – Acho que vou ter que procurar outra coisa para comer.

Vindo devagar até mim, os olhos cheios de promessas e prazer, ele me abraça pelo meio das costas e me pega no colo. Enterro os dedos em seus cabelos macios e olho desconfiada quando passamos pela escada, em direção ao terraço.

– Aonde estamos indo? – pergunto, vendo os degraus ficando para trás.

– Uma transa ao ar livre. – Ele me beija. – Está uma noite gostosa. Não vamos desperdiçá-la.

Ele me leva para o terraço, os barulhos da noite de Londres claros no ar fresco. Ele me põe no chão e começa a desabotoar minha blusa, seus dedos grandes abrindo os mínimos botões dourados, a linha de expressão marcando a testa. Tiro seu cinto e abro seu zíper. Em seguida, começando pelo último, vou abrindo cada um dos botões da camisa, sem pressa, até seu peito delicioso surgir

quente e firme sob as minhas mãos. Meus polegares acariciam seus mamilos ao mesmo tempo que ele finalmente abre o último botão da minha camisa e parte para a calça.

– Exibida – ele murmura, levando os lábios aos meus, quando começa a tatear a calça em busca do zíper. Sei que é cruel, mas eu o deixo procurar. Ele passa uma mão pela frente da calça e depois coloca as duas na parte de trás. Sem sorte ali também, ele geme, com a boca colada à minha.

– Onde é o zíper?

Tiro as mãos dele das minhas costas e as conduzo até o zíper na lateral. Ele trabalha rápido para abri-la e me levanta do chão para eu chutar os sapatos. Em seguida, tira a minha calça.

– Mais uma razão para só comprar vestidos – ele reclama, enquanto tira a camisa pelos meus ombros. – Tudo o que me impeça de chegar rápido a você tem que sumir.

Eu sorrio. Agora ele está tomando conta do meu guarda-roupa?

O ar frio ataca minha pele, eriçando ainda mais meus mamilos já duros. Ele se afasta, tira os sapatos, as meias, a calça e termina de tirar a camisa enquanto me olha de cima a baixo com o olhar em chamas.

– Renda – ele diz, em sinal de aprovação, antes de tirar a cueca boxer, seu sexo surgindo livre e pronto. Penso em me ajoelhar e tomar essa delícia na boca de novo, mas o latejar do meu próprio sexo pede atenção. Levo as mãos às costas e abro o sutiã, deixando-o cair no chão de madeira. Em um segundo, o corpo dele se molda ao meu, e seu hálito acaricia meu rosto.

Sinto-o introduzir um dedo pela borda da calcinha e roçar meu clitóris, o que faz minha cabeça pender para a frente, no peito dele, e minhas mãos se agarrarem aos seus braços, buscando apoio para me manter de pé, enquanto seu toque manda choques elétricos para cada terminação nervosa em mim.

– Molhada – ele diz, grave e rouco, alongando a palavra enquanto gira a ponta do dedo no meu sexo, fazendo uma leve pressão quando atinge o topo. – Só para mim?

– Só para você. – Já estou ofegante.

O gemido de satisfação que escapa de seus lábios vibra no ar noturno. Vou pertencer a ele para sempre.

Levanto a cabeça, e seus lábios roçam nos meus, me convidando a abrir a boca, ao mesmo tempo que ele baixa minha calcinha e a língua desliza para dentro, com um gemido. O sabor dele é viciante, e retribuo cada movimento, cada carícia da língua dele com a minha, até ele se afastar e se ajoelhar diante de mim, passando a calcinha pelas minhas pernas. Jesse não perde tempo e enterra o nariz nos meus pelos pubianos e logo sua língua quente percorre meu sexo de baixo para cima.

Solto um gemido alto, e meus joelhos falham. Uma vibração quase dolorosa começa no meu clitóris.

Jesse segura meus quadris com firmeza e acompanha a trilha úmida pelo meio do meu corpo, até chegar ao meu pescoço, depois à minha boca, e me

devora com reverência e paixão, gemendo em mim.

Deixando meus lábios, ele fixa os olhos nos meus, e aquelas chamas verdes me incendeiam.

– Você é a minha vida. – Suas palavras claras invadem meu coração. Ele volta a idolatrar minha boca com delicadeza, enquanto sua mão acaricia meu traseiro e desce para a parte de trás da minha coxa. Com um leve puxão para me levantar, ergo a perna e a apoio em seu quadril. E então seus olhos buscam os meus.

– Você me ama?

– Você sabe que amo – sussurro.

– Diga. Eu preciso ouvir. – Sua voz está cheia de desespero.

Não hesito.

– Eu amo você. – Beijo seus lábios úmidos e carnudos e o enlaço pelo pescoço. Em seguida levanto a outra perna graciosamente e o enlaço pela cintura. – Vou amar você para sempre. – Encaro seus olhos verdes lindos e nebulosos, e ele se aproxima da minha entrada. Fica ali parado, e resisto à tentação de baixar os quadris e fazê-lo entrar em mim.

– Você precisa de mim? – ele pergunta.

– Eu preciso de você. – Sei que isso o satisfaz tanto quanto ouvir “eu amo você”, se não mais.

– Para sempre – ele confirma e então me penetra devagar, com um movimento controlado e paciente, ambos respirando fundo enquanto nos unimos.

Ele me segura até estabilizarmos a respiração e depois nos leva para uma das espreguiçadeiras, me deitando e trazendo seu corpo junto, sobre o meu, para não romper a conexão. Ele me olha com uma sinceridade incrível derramando de seus olhos.

– Você sente como somos perfeitos juntos? – Ele se afasta e me penetra de novo, estabelecendo um ritmo estável, um anúncio do que está por vir. Ele realmente quer fazer amor. – Sente? – ele pergunta com carinho, repetindo os movimentos torturantes, acelerando minha necessidade por ele.

– Sinto – confirmo baixinho. Desde a primeira vez que estivemos juntos, eu senti, talvez desde a primeira vez em que nossos olhos se cruzaram.

Ele continua as investidas lentas e contidas, e eu coloco as mãos nas costas dele, acariciando sua pele firme.

– Eu também – ele sussurra. – Vamos fazer amor.

Eu me concentro em absorver as sensações do vaivém, ondulando os quadris e me levando cada vez mais perto do clímax. Ele me olha com adoração e devoção, nosso olhar se perdendo um no outro, sua paciência e força de vontade em manter o ritmo delicioso me fazendo amá-lo ainda mais. Ele sabe mesmo fazer amor.

A linha de expressão está encharcada de suor, que escorre sobre sua sobranalha, mesmo com o ar fresco que nos cerca. Incapaz de resistir, toco seu rosto, desesperada para senti-lo, e ele me olha, seu corpo vibrando sobre mim. Ele também pulsa dentro de mim e eu me contraio instintivamente, o que o faz

suspirar alto.

– Meu Deus, Ava – ele solta a respiração pesada, mergulhando em mim e se roçando com força. A fricção contra minhas paredes internas geram uma necessidade absurda de levantar os quadris e capturar o orgasmo que se aproxima.

– Não consigo mais segurar – ofego.

– Juntos – ele geme, e eu contraio as coxas quando ele me penetra outra vez, agora com menos controle. Com a respiração descompassada, Jesse descansa a testa na minha, recuperando o ritmo em mais uma deliciosa estocada.

– Estou quase lá, Jesse – choramingo, sentindo meu autocontrole se dissipar.

Eu me desfajo debaixo dele com um grito agudo.

Ele acelera os movimentos e me encontra no pico do prazer.

– Meu Deus! – ele grita, me penetrando uma última vez e se demorando bem fundo dentro de mim, antes de desabar sobre o meu corpo e me acompanhar no pós-orgasmo. Seu membro incha e pulsa dentro de mim quando ele goza, me preenchendo, me aquecendo e me completando.

– Puta meeeeeerda! – murmuro, e meus olhos se fecham de pura satisfação e relaxamento. Esse homem tem uma ligação direta com o botão que estimula meu prazer.

– Olha a boca... – ele murmura no meu pescoço, entre respirações que mostram o quanto está exausto. – Você acha que um dia vai parar de falar palavras?

– Só falo palavras quando você me desafia ou me dá prazer – eu me defendo e escrevo a palavra *merda* nas costas dele com a ponta do dedo. Ele se apoia no cotovelo, saindo de dentro de mim, para me olhar nos olhos. Então escreve a frase *olha a boca* nos meus seios, antes de beijar meus mamilos. Abro um sorriso quando ele volta a olhar nos meus olhos. Seus mares verdes dançam, atrevidos, e ele morde um de meus bicos.

– Ai! – dou risada.

Ele abre a boca e lambe meu seio, antes de agarrar meu quadril. Tenho um sobressalto embaixo de Jesse, que morde meu mamilo outra vez. Paro imediatamente assim que descubro qual é o jogo.

– Não faça isso! – grito, e ele começa a massagear meu quadril com a ponta dos dedos ao mesmo tempo que mantém os dentes presos ao meu mamilo. Fecho os olhos e esperneio para tentar impedir que meus reflexos o tirem de mim. – Jesse, por favor, pare! – Ouço sua risada, enquanto aplica mais pressão na mão que aperta meu quadril e nos dentes que seguram meu mamilo. – Por favor! – choramingo, rindo. Acho que sentiria dor no mamilo se não estivesse sendo torturada com as cócegas. Ele está me deixando louca!

Meus pulmões agradecem quando respiro fundo para reunir forças e abstrair a tortura a que ele me submete. Congelo embaixo dele e, depois do que parece uma eternidade, ele solta meu quadril e começa a brincar com meus seios.

Eu dou um suspiro.

– Você é quem merece uma transa de castigo.

Ele aperta meu quadril de novo.

– Ava! – ele me adverte, cansado, antes de voltar sua atenção para os meus seios. Solto o ar, extasiada, e fecho os olhos, enquanto Jesse me deleita com sua língua.

– Você está tremendo – ele diz, com a boca na minha pele. – Vou levar você para dentro. – Ele se levanta, e resmungo uma queixa, puxando-o de volta para mim, o que o faz rir. – Está confortável?

– Hummm – Não consigo falar.

– Já pra cama. – Ele me pega no colo para que eu me enrosque nele, o que faço sem pensar duas vezes, mergulhando o nariz no conforto de seu pescoço.

Quando chegamos à suíte máster, sou colocada na cama, e, assim que ele se deita ao meu lado, me acomodo em seu peito. Ele beija meus cabelos antes de alisar minhas costas, de cima a baixo. Chego mais perto dele, não me sinto próxima o bastante. Como sempre, nenhum espaço é bem-vindo entre nós.



Acordo com Jesse bem dentro de mim, seu peito contra minhas costas, enquanto segura minha cintura e me invade cheio de propósito. Meu cérebro não é a única parte de mim que despertou. Meu corpo já está atento, e coloco o braço para trás e meus dedos agarram seus cabelos, arqueando as costas e virando a cabeça ao máximo para beijá-lo.

Deixo-o se apossar da minha boca, nossas línguas dançando de maneira selvagem, enquanto ele me penetra. Vou ao encontro dele a cada investida, e ele me excita cada vez mais.

– Ava, nunca vou cansar de você – ele arfa na minha boca. – Prometa que nunca vai me deixar?

– Nunca vou deixar você. – Encho as mãos com seus cabelos e o puxo para mim, para beijá-lo de novo. Amo a boca dele, mesmo quando está sendo temperamental, e eu gostaria de costurá-la. Será que ele sempre vai me fazer jurar que vou ficar? Vou confirmar sempre, sem sombra de dúvida, mas o que eu quero mesmo é que ele saiba disso sem ter que me pedir para prometer toda vez.

Eu me afasto para olhar meu homem inseguro. Ele demonstra tanta confiança em tudo, menos nisso.

– Por favor, acredite em mim. – Ele mantém as investidas firmes e me olha, me oferecendo um sorriso curto, e então faz nossas bocas se chocarem, aumentando o ritmo das estocadas.

Eu tento, mas não consigo beijá-lo enquanto ele me penetra com tanta intensidade. Então me desvencilho dele e viro para a frente, agarrando a borda do colchão para tentar me segurar na posição, mesmo sendo puxada para ele sem parar.

Chego ao clima, e nós dois gritamos ao mesmo tempo, enquanto ele me penetra como um maniaco, me atirando em um abismo sem fim de total prazer. Tento recuperar o fôlego, meu coração luta para recobrar o controle, e meu corpo convulsiona involuntariamente. Jesse diz palavras sem sentido e me penetra uma última vez; logo em seguida o calor de seu prazer me inunda.

– Meu Deus do céu! – ele arfa, saindo de mim e deitando de costas.

Eu me viro e monto no quadril dele, antes de deitar em seu peito, acariciando seu pescoço com o rosto.

– Isso não foi sexo preguiçoso.

– Não? – ele está ofegante.

– Não. Foi uma foda sonolenta. – Eu me encolho assim que percebo que disse

um palavrão, quando nem saímos da cama ainda.

– Pelo amor de Deus, Ava! Pare de falar palavrões!

– Desculpe – respondo, mordendo e chupando o pescoço dele.

– Está tentando me marcar? – ele pergunta, mas não me contém.

– Não, estou só saboreando você. – Ele me deixa fazer o que quiser, e eu passo um bom tempo roçando os lábios em todo o seu rosto, seu pescoço, seu peito. E então ele suspira profundamente.

– Ava?

– Hummm?

– Eu sabia que você era a mulher certa para mim no momento em que pus os olhos em você.

– A mulher certa? – Tento me levantar, mas ele me puxa de volta para o seu pescoço. Depois vira o rosto e acaricia minha orelha.

– A mulher que ia me trazer de volta à vida – ele diz naquele tom convicto, que basicamente significa que está dizendo algo que só Jesse compreende.

Consigo me afastar dessa vez, e meus olhos encontram os dele.

– Como você soube?

Ele vira meu corpo na cama e me cobre completamente, para depois me encostar. Seus olhos verdes guardam tantos significados.

– Porque meu coração voltou a bater.

Um nó se forma na minha garganta. Isso é realmente profundo, e estou encantada com essas palavras. Não sei o que dizer. Ele me olha de cima, esse homem devastador, como se eu fosse a única coisa que existe.

Tento tirar meu punho de suas mãos e, quando ele me solta, eu o abraço com o corpo todo, as pernas em torno de sua cintura, me agarrando a Jesse como se *ele* fosse a única coisa que existe.

Para mim, ele é.

Não conheço as razões e os motivos dessa afirmação, mas a força das palavras diz tudo. Ele não pode viver sem mim. Bom, eu também não poderia viver sem ele. Esse homem é meu mundo.

Ele fica deitado e imóvel sobre mim e me deixa apertá-lo até meus músculos doerem.

– Posso preparar algo para você comer? – pergunto, quando os músculos das minhas coxas começam a protestar. Ele levanta da cama comigo ainda aninhada em seus braços e me leva para o andar de baixo. – Vou esquecer como usar as pernas – comento quando ele chega ao pé da escada e vai para a cozinha.

– Então vou ter que carregar você para todo lado.

– Você ia gostar disso, não ia? – Seria a desculpa perfeita para me manter grudada nele.

– Eu ia adorar. – Ele abre aquele sorriso e me senta sobre o balcão de mármore. O frio se espalha pelo meu traseiro, me fazendo lembrar que estamos ambos total e completamente nus. Admiro seu traseiro perfeito quando ele vai até a geladeira e pega vários itens para o café da manhã, além de um pote de manteiga de amendoim.

Desço da ilha.

– Eu é que devia estar preparando o café da manhã para *você*. – Eu o tiro do caminho. – Sente – ordeno, com meu tom mais exigente. Ele sorri, pega o pote de manteiga de amendoim, aperta meu mamilo e corre para um dos bancos da cozinha. – O que você quer? – pergunto enquanto coloco pão na torradeira. Viro a tempo de vê-lo enfiar a mão no novo pote.

– Ovos fritos – ele responde com o dedo na boca, fazendo um esforço para conter um sorriso.

Olho para meu corpo nu. Vou precisar vestir algo se quiser preparar uma fritura. Viro para Jesse, vejo que ele perdeu a batalha e está sorrindo, o rosto tomado de satisfação.

– Eu cozinho o seu se você cozinhar a minha. – Passo os olhos pelo peito nu de Jesse e levanto as sobrancelhas.

– Selvagem – ele diz, tirando o dedo da boca.

Nós dois viramos a cabeça para a entrada da cozinha quando ouvimos a porta do apartamento se abrir. Meus olhos arregalados viram para Jesse, que está com o dedo suspenso no ar, a caminho da boca. Ele também tem um olhar de “como assim?” no rosto.

Ele se levanta de um salto e derruba o pote de manteiga de amendoim do balcão, que se espatifa no chão, mandando estilhaços para todos os lados. Estou em pânico.

– Merda! – ele olha para mim, de olhos arregalados. – É a Cathy!

Ai, meu Deus, me ajude!

Fui totalmente grosseira com ela ontem e agora vou aparecer nua! E, para completar, a lasanha que ela preparou continua largada em um canto, para quem quiser ver. Ela vai me odiar. Não há como sair da cozinha sem passar pelo motivo de nosso desespero. Olho para Jesse. Ele está imóvel, tão transtornado quanto eu. Cathy talvez não se incomode de dar uma bela olhada nele. Dou risada, mas logo volto à realidade. Paro de olhar meu belo homem com desejo e dou passos curtos pela cozinha.

– Merda! – Uma pontada de dor sobe pelo meu pé. – Ai, ai, ai! – continuo andando, tentando ignorar a dor.

Jesse está logo atrás de mim, rindo sem parar enquanto corremos escada acima.

– Olha a boca! – ele me adverte e me dá um tapa na bunda.

– Minha Nossa Senhora!

Ouçõ a voz assustada assim que chegamos ao andar de cima. O que ela vai pensar de nós? Vou correndo até o quarto e me enfio sob as cobertas. Sinto Jesse na cama.

– Onde você está? – ele me procura entre as cobertas e me encontra com o rosto enterrado em um travesseiro. – Ai está você. – Ele me vira e descansa a cabeça entre os meus seios. – Você chateou o concierge e agora *realmente* chateou minha empregada.

– Não! – cubro o rosto com os braços, em total desespero.

Ele ri.

– Me deixe ver o seu pé. – Ele se senta de joelhos e segura meu pé.

– Está doendo – reclamo enquanto ele passa a ponta do dedo pelo meu tornozelo.

– Ava, tem um pedaço de vidro aqui. – Ele beija meu pé e pula da cama. – Pinça?

Tiro um dos braços de cima do rosto e aponto para o banheiro.

– Estou de maquiagem – resmungo. Não acredito que a empregada de Jesse me viu nua. Isso é terrível; uma vergonha. Preciso de um robe.

Sinto o colchão afundar sob o peso de Jesse, que segura meu pé.

– Fique quieta.

Prendo a respiração e mudo a posição dos braços para cobrir meu rosto vermelho com as mãos, mas todo o constrangimento é momentaneamente esquecido quando sinto o calor úmido da língua dele no arco do meu pé, sorvendo o sangue. Sinto um tremor sob sua língua e tiro as mãos do rosto para olhar para ele, me contorcendo, apertando as coxas uma contra a outra. Ele abre um sorriso de quem entendeu o que está acontecendo, os olhos brilhando, antes de fechar os lábios sobre o corte.

– O que você está fazendo?

– Estou tirando o caco – ele responde, com a boca no meu calcanhar. Ele chupa a área machucada e se afasta, antes de pegar a pinça e começar o trabalho.

Eu sorrio e observo sua concentração, a linha de expressão aparecendo em sua testa.

– Pronto. – Ele beija meu pé e o solta. Nem doeu, na verdade. – Está rindo do quê? – Ele me olha, interessado.

– De sua linha de expressão.

– Eu não tenho uma linha de expressão. – Ele ficou ofendido.

– Tem, sim.

Ele rasteja pela cama e se deita em cima de mim.

– Srta. O'Shea, está dizendo que tenho rugas?

Eu sorrio ainda mais.

– Não. Ela só aparece quando você está concentrado ou preocupado.

– Sério?

– Sério.

– Oh. – Ele faz uma careta. – Apareceu agora?

Dou risada, e ele morde meu seio, fazendo meu corpo se contorcer embaixo.

– Se arrume. – Ele me beija com força. – Vou ver se Cathy saiu correndo e gritando.

Paro de rir assim que me lembro da pobre empregada de Jesse, que acaba de ver meu traseiro nu.

– Está bem.

– Veja você lá embaixo. – Ele se inclina de novo e me dá um beijo longo e

quente. – Não demore.

Ele se levanta, veste calça de moletom xadrez e me deixa para ir acalmar a empregada.

Tento esquecer meu constrangimento tomando um banho e me arrumando, escolho um vestido floral – provavelmente curto demais – e sandálias sem salto. Prendo os cabelos num rabo de cavalo. Acho que estou bem.

Assim que entro na cozinha como uma menina tímida, toda nervosa e envergonhada, Jesse tira os olhos de seu bagel com salmão e dos ovos mexidos e abre um dos sorrisos reservados para mim. Seu peito nu me distrai do meu constrangimento, e não deixo de notar seu olhar de desaprovação quando registra o comprimento do meu vestido. Eu o ignoro.

– Ai está ela. – Ele aponta o banco ao lado do seu, e Cathy, que está com a porta da geladeira aberta, vira para me olhar. – Cathy, esta é Ava, o amor da minha vida. – Meu rosto queima, e ofereço um sorriso tímido e arrependido. Fico bem melhor quando vejo as bochechas dela corando também. Estive tão preocupada com minha própria vergonha que não levei em conta o quanto ela deve ter ficado sem graça. Sento ao lado de Jesse, que me serve suco de laranja.

– Gostei do vestido. – Ele dá um sorrisinho atrevido. – Curto demais, mas com ótimo acesso. Pode ficar com ele.

Olho para ele horrorizada e o chuto por baixo do balcão. Ele ri e morde o bagel. Estou chocada com seu comportamento, mas surpresa por ele não me fazer ir até o quarto trocar de roupa.

– Ava, prazer em conhecê-la. Quer tomar seu café da manhã? – A voz de Cathy é amigável e calorosa. Não mereço nada disso.

– Igualmente, Cathy. Eu adoraria, obrigada.

– E o que vai querer? – ela sorri para mim. Tem um rosto muito doce.

– O mesmo que Jesse, por favor. – Não me surpreenderia se me mandasse para aquele lugar, mas ela não o faz. Apenas assente e retoma seus afazeres.

Pego meu copo de suco e olho para Jesse, notando que tem um sorriso assumidamente presunçoso nos lábios. Fico feliz por ele achar graça no meu desconforto, mas não consigo imaginá-lo tão relaxado se Cathy fosse homem. Enfio a mão dentro da calça dele, tocando seu pênis. Ele pula na cadeira, bate o joelho no mármore e engasga com a comida. Cathy vira, alarmada com a situação de Jesse e oferece um copo d'água do outro lado do balcão. Ele levanta a mão com um gesto de agradecimento.

– Você está bem? – pergunto, preocupada, enquanto começo a estimular sua ereção devagar.

– Bem. – A voz dele soa aguda e anormal.

Cathy volta a preparar meu café da manhã, e continuo minha brincadeira maldosa com a sanidade de Jesse. Ele solta o bagel e inspira em silêncio, retomando o controle e olhando para mim com os olhos arregalados.

Ignorando seu choque, passo o polegar pela glândula úmida e deslizo a mão até a base. Sinto o latejar incessante, e uma gota de gozo escapa. Eu uso a

lubrificação e deslizo mais algumas vezes a mão pela ereção rija como aço, para a frente e para trás.

Olho para ele.

– Está gostoso? – digo, sem voz, e ele balança a cabeça, desesperado.

Estou no meu elemento. Isso nunca aconteceu. Ele deve ter muito respeito por Cathy, porque tenho certeza de que, se fosse qualquer outra pessoa, já teria me levado dessa cozinha.

– Aqui está, Ava. – Cathy me passa o prato por cima da ilha.

Solto a ereção de Jesse como uma batata quente e chupo o polegar antes de puxar meu prato, ouvindo uma respiração profunda e sentindo-o me fuzilar com os olhos.

– Obrigada, Cathy – digo, alegre. Dou uma bela mordida no bagel. – Cathy, isso está delicioso – eu a elogio, enquanto ela começa a encher a máquina de lavar louças. Cathy olha para mim e sorri.

Estou ciente dos olhos que me fuzilam enquanto aprecio meu bagel, então viro devagar para ele e encontro uma expressão de choque e horror.

Ele levanta as sobrancelhas e faz um sinal com a cabeça para sairmos da cozinha.

– Lá em cima, agora – ele diz quase sem voz, enquanto se levanta. – Obrigado pelo café, Cathy. Vou tomar banho. – Ele me olha. Faço um meneio com a cabeça.

– Não há de que, rapaz. Podemos conversar sobre o que quer que eu faça hoje? Estou perdida e posso ver que você não fez absolutamente nada a não ser quebrar portas e fazer buracos na parede. – Ela enxuga as mãos em um pano de prato e olha com desaprovação para as costas de Jesse.

Ele não se vira para olhar para ela, porque está tentando esconder a tenda armada na parte da frente de sua calça. Abro um sorriso, marcando mais um ponto mentalmente.

– Ava pode discutir isso com você assim que me ajudar com uma coisa lá em cima – ele grita por sobre o ombro enquanto desaparece escada acima.

Posso, é? Não sei o que Cathy faz ou o que Jesse quer que ela faça hoje, e não tenho a menor intenção de segui-lo para terminar o que comecei.

Fico exatamente onde estava, soltando um suspiro confiante.

– Cathy, eu gostaria de me desculpar por ontem e hoje.

Ela revira os olhos.

– Não se preocupe, querida, de verdade.

– Fui tão rude com você, e aí agora há pouco... Bem, digamos que eu não estava esperando ninguém. – Sinto meu rosto corar outra vez, enquanto como os últimos pedaços do meu bagel.

– Ava, está tudo bem. Jesse me contou que você teve um dia ruim e que ele se esqueceu de avisar que eu viria. Eu entendo. – Ela sorri para mim e alisa o avental. É um sorriso sincero. Gosto de Cathy. Com seu coque grisalho, rosto gentil e saias florais, ela me parece uma pessoa boa.

– Não vai acontecer de novo. – Pego meu prato e faço menção de colocá-lo

na lava-louças, mas ele é retirado da minha mão antes que eu termine a tarefa.

– Eu cuido disso. É melhor você ir até lá e ajudar o meu rapaz com o que quer que ele precise de ajuda.

Eu sei exatamente para que Jesse precisa de mim, mas não vou a lugar nenhum. Negar isso a ele está me matando, mas a expressão no seu rosto foi sensacional.

– Oh, ele se vira.

– Tudo bem. Vamos tratar do que devo fazer? Tenho uma escala de serviço, mas fiquei tanto tempo fora que acho melhor começar do zero. – Ela pega caneta e papel no bolso do avental e se prepara para tomar notas. – Acho que é bom começar lavando e passando as roupas.

– Ahn... não sei. – Dou de ombros. – Eu não moro aqui – falo baixo, e gostaria de acrescentar que me mudei para cá contra a minha vontade.

– Não mora? – Seu rosto está intrigado. – Meu menino disse que morava.

– Bem, é uma conversa que ainda não tivemos – explico. – Ele não gosta da palavra *não*. Pelo menos vinda de mim.

Ela franze a testa brilhante.

– O quê? Meu menino tranquilo?

Abro um riso incrédulo.

– É, foi o que me disseram. – Se mais alguém disser que ele é tranquilo, atropelo a pessoa.

– Bem, é bom ter uma mulher na casa – ela comenta, pegando material de limpeza de baixo da pia. – Meu menino precisa de uma menina.

Sorriso diante da maneira carinhosa como Cathy se refere a Jesse e me pergunto há quanto tempo ela trabalha para ele. Jesse disse que é a única mulher sem a qual não consegue viver, embora eu suspeite que isso já mudou de lá para cá.

Ela borrifia o desinfetante no balcão e começa a limpá-lo.

– Vou esperar Jesse então, se você prefere.

– Sim, obrigada. Vou fazer algumas ligações. – Noto que meu celular está carregando, mas minha bolsa não está lá. – Viu minha bolsa?

– Eu a guardei no armário de casacos, querida. Ah, e pedi para Clive mandar consertar a porta do elevador.

Eu me encolho.

– Oh, obrigada. – Pego meu telefone e saio da cozinha para ir pegar minha bolsa. Ela deve achar que sou uma bagunceira, além de mal-educada, arruaceira e pervertida. Olho para o meu celular e vejo duas chamadas não atendidas da minha mãe e uma mensagem de texto de Matt. Meus ombros desabam. Eu devia simplesmente apagá-la, mas a curiosidade fala mais alto.

Não sei o que me deu. Desculpe. Bjs

Sinto um arrepio da cabeça aos pés e apago a mensagem. A última coisa de

que preciso é que Jesse veja isso. Matt já se arrependeu antes e ainda me incomoda o fato de ele saber sobre Jesse. Eu devia ligar para minha mãe primeiro, mas tenho uma amiga que me deve explicações. Demora um pouco, mas ela acaba atendendo. Sei que ela deve estar olhando para a tela, sem saber o que dizer.

– Você virou membro! – disparo, acusando-a, assim que Kate atende.

– E daí? – ela tenta agir com indiferença, mas detecto uma certa irritação.

– Por que não me contou?

– Não é da sua conta.

– Obrigada! – Fico totalmente ofendida. Contamos tudo uma para a outra.

– É só um pouco de diversão, Ava – ela bufa, impaciente.

– Você sempre diz isso – esbravejo ao telefone. – Por que não admite que é mais do que isso?

– Como assim? – Seu tom indica surpresa, surpresa com o fato de que fiz a pergunta de um milhão de dólares.

– Que você gosta dele.

Ela debocha.

– Gosto nada!

– Ah, você não tem jeito! – esbravejo. Por que ela não engole o orgulho e admite? Que mal faria, especialmente para mim?

– Falando em “sem jeito”, como vai Jesse? Caramba, Ava, o cara sabe perder as estribeiras!

Eu dou risada.

– Sabe mesmo. Matt tentou me agarrar logo antes de Jesse invadir o apartamento. E falou para Jesse que nós tínhamos nos beijado. Acho que Matt está com o olho roxo hoje.

– Ha! Que bom! – ela ri, e eu não consigo conter o sorriso de satisfação que surge em meus lábios. Ele mereceu.

– Ele sabe do problema de Jesse com a bebida – acrescento. Não estou mais rindo.

– Como? – O choque dela combina com o meu.

– Não faço ideia. Bem, tenho que ligar para a minha mãe. Acho que vejo você mais tarde.

– Ah, sim! – ela diz, empolgada. Não consigo ficar tão animada quanto ela com o jantar de aniversário hoje à noite. – Veja você lá!

– Tchau. – Desligo e telefono para minha mãe em seguida, antes que ela chame a polícia.

– Ava? – A voz aguda invade meus tímpanos.

– Mãe, não precisa gritar!

– Desculpe. Matt ligou outra vez.

Atravesso a sala e me sento. A esperança que eu tinha de que minha mãe me animasse acaba de ser destruída com uma frase.

– Ava, ele disse que você está morando com um alcoólatra desvairado, que

tem um temperamento terrível. Ele bateu no Matt!

Desabo em uma poltrona e olho para o teto, exasperada. Por que o verme não volta para o buraco de onde saiu e morre?

– Mãe, por favor, não fale mais com ele – imploro. Que imbecil, jogando esse monte de merda nos meus pais. Só reforça minhas impressões sobre aquela cobra traiçoeira.

– É verdade? – ela pergunta, desconfiada. Posso imaginá-la olhando para o meu pai com preocupação.

– Não exatamente. – Não posso mentir para ela. Uma hora ele vai ter que saber onde estou morando. – Não é o que Matt diz, mãe.

– O que é, então?

Não posso fazer isso por telefone. Há muito o que explicar, e não quero que ela julgue Jesse sem conhecê-lo. Eu quero acabar com o Matt.

– Ouça, mamãe. Preciso ir trabalhar. – Uma mentirinha não faz mal.

– Ava, estou tão preocupada com você.

Posso sentir sua angústia. Odeio Matt por isso. Ele pediu desculpas. Foi antes ou depois de ligar para os meus pais e fazer um relato da minha vida amorosa? Eu deveria mandar Jesse dar conta dele.

– Por favor, não fique. Matt me quer de volta. Ele me agarrou quando fui ontem pegar o restante das minhas coisas e ficou violento quando eu o rejeitei. Jesse só estava me protegendo. – Tento encurtar uma conversa longa e deixo de fora partes que poderiam manchar a imagem de Jesse. E não são poucas.

– Jesse? É o homem com quem você estava quando liguei no fim de semana passado?

– Sim.

– Então, ele não é só um amigo? – Seu tom é de desdém. Ela me pegou na mentira e não vai ficar nada feliz com isso.

– Só estou saindo com ele. Não é nada sério. – Tento atenuar a situação e mentalmente caio na risada. Não acredito que disse isso.

– E ele é alcoólatra?

Dou um suspiro profundo que sei que ela não vai apreciar.

– Ele não é um alcoólatra, mamãe. Matt está ofendido, ignore-o. E não atenda mais as ligações dele.

– Não estou gostando disso. Onde há fumaça, há fogo, Ava. – Ela não parece nada feliz e eu não posso culpá-la. Nunca fiquei tão feliz por eles morarem longe. Acho que não conseguiria encará-la. – Seu irmão vai voltar logo para Londres – ela diz, ameaçadora. Tenho certeza de que vai desligar o telefone e ligar para Dan para contar as novidades.

– Eu sei. Tenho que ir.

– Ótimo, falo com você no fim de semana – minha mãe diz, bufando. – Cuide-se – ela acrescenta a última parte com um pouco mais de carinho. Nunca termina uma conversa para baixo.

– Pode deixar. Eu amo você.

– Eu também, Ava.

Fecho os olhos e tento abstrair todos os pensamentos sobre ex-namorados malditos e pais preocupados. Não dá certo e, quando os abro, o rosto de Jesse está pairando sobre o meu, as mãos apoiadas nos braços da poltrona. Ele se inclina sobre mim.

Seu sorriso desaparece quando ele se dá conta da minha expressão.

– O que houve? – ele pergunta, preocupado. Não quero contar para ele. A última coisa que preciso é ver Jesse alterado por causa dos eventos de ontem. – Ei, me conte.

Ele pega as minhas mãos.

– Vamos – ele me incentiva, vendo que não começo a falar. Não quero começar o dia vendo Jesse com raiva.

– Matt ligou para os meus pais e contou a eles que estou morando com um alcoólatra desvairado, que o espancou – digo depressa e me preparo para a tempestade. Posso ver o sangue subindo para o meu rosto. Ele morde o lábio. Mudo de ideia; não quero mandar Jesse acertar as contas com Matt. Pela sua expressão, ele poderia matá-lo. Fico sentada esperando ele pensar no que quer que esteja pensando.

– Não sou alcoólatra – ele finalmente esbraveja.

– Eu sei – digo com minha voz mais reconfortante, mas temo ter soado condescendente. Ele não gosta de ser chamado de alcoólatra, e agora estou pensando se está certo ou se está se enganando. Ele parece tão furioso. Eu devia ter ficado de boca fechada.

– Jesse, como ele sabe?

Ele se levanta.

– Não sei, Ava. Precisamos conversar com Cathy.

É isso? Ele não vai tentar descobrir?

– Por que precisamos conversar com Cathy? – pergunto, dura.

– Ela ficou fora muito tempo. Há coisas que precisa saber. – Ele me estende a mão e eu o deixo me ajudar a levantar.

– Como o quê?

– Não sei – ele responde. – É por isso que precisamos conversar com ela. – Ele tenta me puxar para a cozinha, mas eu solto minha mão.

– Não, *você* vai Jesse. Esta casa é *sua* , ela é *sua* funcionária. – Balanço a cabeça. Meu comentário resulta num rosnado e num olhar de desaprovação.

– Nossa! – Ele me agarra pelo traseiro e me puxa. – Você sabe me provocar. O que me faz lembrar... – Ele roça a pélvis em mim. – Aquilo foi cruel e irracional. – Ele arqueia a sobancelha. – Fiquei esperando você lá em cima, e você não apareceu.

Eu dou uma risadinha.

– O que você fez?

– O que acha que eu fiz?

Caio na gargalhada ao pensar no meu pobre homem tendo que se masturbar porque o provoqueei. Paro de rir logo, quando sinto seu sexo se esfregar no meu de novo. Olho nos olhos dele. Estão dançando de euforia. Conheço o jogo dele, e,

com Cathy na cozinha, sei que ele não tem intenção de ir até o fim. Saio de seu abraço e me recomponho.

– Sinto muito – digo, sorrindo. Não me arrependo nem um pouco.

Jesse estreita seus estupendos olhos verdes para mim. Toda a raiva passou, graças a Deus.

– Você vai sentir, mesmo. – Ele me agarra e me aperta contra ele outra vez. – Não faça mais isso. – Ele me beija com força, se esfrega em mim e depois se afasta, me deixando zozona e desorientada. Desgraçado.

Jesse conversa com Cathy enquanto faço as pazes com Clive, pego a correspondência e enfio na bolsa. Então nós dois saímos rumo ao centro, o tráfego da manhã não incomoda Jesse nem um pouco. Oasis toca “Morning Glory”, e Jesse canta junto. Ele está relaxado e de bem consigo mesmo. Esse é o Jesse sossegado de quem todo mundo fala. Sei que ele tem um passado, bem sórdido por sinal, mas é só isso: um passado. Ele me ama. Não duvido disso nem por um segundo.

– O que foi? – Ele olha para mim e me pega estudando-o.

– Estou só pensando no quanto amo você.

– Eu sei que ama. – Ele põe a mão no meu joelho. – Aonde vamos?

– Para a Oxford Street. Todas as lojas de que gosto estão na Oxford Street.

Seu rosto se contorce, contrariado.

– Todas as lojas?

– Sim.

– Não tem uma loja só que você frequente?

– Quero sapatos novos também. E talvez uma bolsa. Não vou encontrar tudo em uma única loja.

– Eu vou!

Não consigo imaginar Jesse comprando roupas. Homens fazem compras de um jeito tão mais simples que mulheres. Se ele está esperando algo assim, vai se surpreender.

– Aonde *você* vai? – pergunto.

– Na Harrods. A Zoe cuida de mim toda vez. É rápido e indolor.

– Sim, isso é porque você paga pelo serviço que recebe.

– O serviço é quase nada e vale cada centavo. Eles são os melhores no que fazem – ele diz, firme. – De todo jeito, não é você quem vai comprar os vestidos, então eu decido o estilo da compra.

Eu levanto a cabeça.

– Um vestido, Jesse. Você me deve um vestido – eu o lembro. Ele encolhe os ombros, me ignorando completamente. – Um vestido.

– Muitos vestidos – ele rebate baixinho.

– Você não vai comprar as minhas roupas!

Ele me olha como se eu tivesse duas cabeças.

– Vou sim, merda!

– Não vai, não.

– Ava, não está aberto a discussão. Ponto-final. – Ele tira a mão do meu joelho para trocar a marcha.

– Não está mesmo, você tem razão. Eu compro minhas próprias roupas. Aumento o volume do Oasis para impedir qualquer contra-ataque. Não vou ceder. Eu compro minhas roupas. Ponto-final!

Fazemos o resto da viagem com Oasis preenchendo o silêncio. Pego-o mordendo o lábio inferior, e as engrenagens na sua cabeça giram tão depressa que quase posso ouvi-las. Abro um sorriso ciente de que, se não estivéssemos em público, eu estaria ganhando uma transa de lembrete nesse exato momento. Em vez disso, ele está pensando de que outra forma vai conseguir que as coisas saiam do seu jeito.

Ele estaciona e vira para mim.

– Tenho uma proposta para você.

Ah, as engrenagens em funcionamento. Não tenho dúvida de que o final dessa proposta vai ser Jesse conseguindo o que quer.

– Não importa o que você vai propor. Você não vai comprar roupas para mim – eu digo, soberba, saindo do carro. – E não há lugar para uma foda de lembrete aqui, há?

– Olha a boca! Você nem me ouviu – ele reclama, saindo para ir me encontrar na calçada. – Você já me deve uma transa de castigo.

– Devo, é?

– Sim, e outra pela performance do café da manhã. – Ele levanta a sobrançelha, convencido. – Você vai gostar da minha proposta – sorri.

Sua faceta autoconfiante está de volta, e estou intrigada. Eu o estudo por um momento, e seu sorriso se amplia. Ele sabe que conseguiu atrair minha atenção.

– O que é?

Seus olhos cintilam de satisfação.

– Você se deixa mimar por mim... – Ele segura meu queixo para fechar minha boca quando ameaço protestar. – E conto quantos anos tenho. – Ele se inclina e sela o pacto com um beijo ardente.

O quê?

Eu permito que ele me beije até que não sobre mais obstinação em mim, ali, na movimentada calçada de Londres, gemendo para mim e inclinado meu corpo, em uma pose digna de cinema.

– Eu sei quantos anos você tem – digo, com os lábios nos dele.

Ele se afasta e me olha de cima.

– Sabe mesmo?

Meu queixo cai.

– Você mentiu? – Ele não tem trinta e sete anos? Quantos anos tem, então? Puta merda, será que é mais velho que isso? – Fale – eu exijo, de expressão fechada.

– Ah, não. Mimo primeiro, confissão depois. Você pode me enganar. Sei que minha moça linda sabe jogar sujo. – Ele sorri e me levanta.

– Não vou jogar sujo! – debocho. Claro que vou! – Não acredito que você

mentiu para mim.

Ele lança um olhar inquiridor.

– Não acredito que você me algemou na cama.

Não, eu também não acredito que fiz isso, mas parece que o episódio todo foi inútil no final das contas.

Ele pega a minha mão, juntos atravessamos a rua e entramos na loja.



Meus olhos são imediatamente abençoados por montes de bolsas de babar, mas Jesse não me dá chance de olhar. Ele caminha cheio de propósito, me arrastando, e, quando chegamos ao elevador, aperta o botão para o primeiro andar. Olho o guia da loja.

– Ei, quero ir para o quarto andar. – Prefiro evitar as coleções internacionais do primeiro andar. São absurdas de tão caras, mas ele me ignora. – Jesse? – Olho para ele e vejo seu rosto completamente impassível enquanto segura a minha mão. A porta do elevador se abre, e ele me puxa para fora.

– Por aqui – ele diz, me conduzindo por entre manequins de roupas de designers famosos e vestidos de alta-costura. Fico feliz que estejamos passando reto por eles.

Mas meu coração vai parar no chão quando vejo a placa de *personal shopping*.

– Não, Jesse. Não, não, não. – Tento detê-lo, mas ele segue em frente, me puxando para a entrada do departamento. – Jesse, por favor – imploro, mas ele me ignora de novo.

Quero dar um chute nele. Detesto receber atenção demais em lojas. Eles puxam o seu saco e dizem que tudo ficou incrível em você, e você acaba pensando que *precisa* comprar alguma coisa. A pressão é imensa, e nem quero imaginar o preço.

– Tenho hora marcada com a Zoe – ele informa ao rapaz bem-vestido que nos cumprimenta. Por que me perguntou aonde íamos se já sabia? Tenho vontade de torcer o seu pescoço.

– Sr. Ward? – o assistente pergunta.

– Sim – Jesse responde, ainda se recusando a virar para mim, mesmo sabendo que o estou fuzilando com os olhos e que estou muito desconfortável com isso tudo.

– Por aqui, por favor. Posso oferecer algo para beber? Champanhe, talvez? – ele sugere, polido.

Jesse olha para mim, e balanço a cabeça. Quero sair daqui direto para a House of Fraser, onde posso fazer minhas compras com uma lata de coca-cola na mão e nenhuma frescura.

– Não, obrigado – Jesse responde. O rapaz nos leva para uma luxuosa área privada, e Jesse me indica um enorme sofá de couro. Sento ao lado dele e solto a mão. Esse é, provavelmente, meu pior pesadelo.

– O que foi? – ele pergunta e pega minha mão outra vez.

Eu o acuso com os olhos.

– Por que me perguntou aonde nós íamos se você já tinha até marcado um horário?

Ele encolhe os ombros.

– Não sei por que você iria querer peregrinar por uma dúzia de lojas se podem trazer tudo aqui.

Antes que eu tenha chance de responder, uma moça loira surge e sorri para Jesse. Ela é bonita e veste um terno da Ralph Lauren creme.

– Jesse! – ela cantarola o nome dele. – Como vai?

Ela se levanta e beija a mão dela.

– Zoe, estou bem. E você? – Jesse sorri para ela. É um daqueles sorrisos arrebatadores, do tipo que reduz as mulheres a uma pilha de hormônios aos pés dele.

– Ótimo. Esta deve ser Ava. É um prazer conhecê-la. – Ela estende a mão, e eu me levanto e a cumprimento, com um sorriso discreto. Ela é simpática, mas ainda não me sinto confortável aqui. Ela senta numa cadeira de frente para o sofá. – Então, Ava, Jesse me disse que estamos procurando algo especial para uma festa importante – ela diz, animada. Algo especial soa como algo que também tem uma etiqueta especial.

– Algo *muito* especial – Jesse reforça e me puxa de volta para o sofá. De repente, estou me sentindo febril, além de claustrofóbica nessa sala imensa.

– Pois bem. Qual é o seu estilo, Ava? Me dê uma ideia do que você gosta. – Ela pousa as mãos no colo e me olha com expectativa.

Não sei qual é o meu estilo. Se eu gosto de uma peça e me sinto bem com ela, eu compro.

– Não tenho um estilo, para ser sincera. – Dou de ombros, e os olhos dela se acendem. Deve ter uma boa resposta.

– Muitos vestidos – Jesse interrompe. – Ela gosta de vestidos.

– *Você* gosta de vestidos – eu resmungo e ganho um cutucão no joelho.

Ela sorri, revelando dentes perfeitos e brancos demais, estilo Hollywood.

– Você usa tamanho 38, certo?

– Sim – confirmo.

– Nada muito curto – Jesse se apressa em dizer.

Olho para ele de boca aberta. Eu sabia que isso ia acontecer. Não gosto de vestidos curtos em especial, mas ele está me transformando em alguém que gosta de sua atitude de homem das cavernas.

Zoe ri.

– Jesse, ela tem pernas fantásticas. Seria uma pena escondê-las. Que número você calça, Ava?

Eu gosto dela.

– Uso 36.

– Ótimo, vamos lá. – Ela se levanta, e eu a sigo. Jesse também se levanta.

– Não acredito que você fez isso comigo – choramingo e ele se inclina e me

dá um beijo no rosto. Gosto de Zoe, mas preferia ser deixada em paz.

Ele suspira.

– Ava, deixe eu me divertir. – Ele me abraça. – Assim eu ganho um desfile de moda com a minha modelo favorita. – Ele faz bico.

– Quem vai escolher o vestido, Jesse?

Ele me acaricia o nariz.

– Você. Vou só observar. Prometo. Vá, divirta-se. – Ele senta no sofá, pega o celular e faz uma ligação. Fico aliviada. Acho que não conseguiria suportar se ele ficasse nos seguindo pela loja, dando palpites sobre cada coisa que eu olhasse mais de uma vez.

Zoe me acompanha pelo departamento.

– Então você está sendo mimada hoje? – ela pergunta, com um sorriso amistoso. Ela é um doce.

– Sim, sob coação. – Retribuo o sorriso.

– Você não gosta de ser mimada? – ela ri, separando um vestido verde longo para me mostrar. É lindo, mas está mais para Kate do que para mim. Balanço a cabeça em negativa para ela, como quem pede desculpas. Ela concorda. – Não mesmo. Concorde. Que tal esse? – Ela toca um vestido de deusa grega.

– Esse é lindo – admito, mas também parece muito caro.

– É. Vamos prová-lo. Que tal esse?

– Uau! – Fico encantada com um vestido justo creme, com uma fenda que vai até a coxa. – Jesse é um pouco conservador no tocante à superexposição. – Dou risada e abro a fenda. Eu teria que depilar tudo!

– Ele é? – Ela me olha com curiosidade. Se ela disser... – Ele é tão sossegado – ela acrescenta.

Solto o vestido e vejo um vermelho, de cetim.

– Não consigo – resmungo. – Gostei desse.

Zoe substitui seu olhar curioso por um sorriso.

– Ótima escolha. E esse? – Ela vai até o outro lado e passa a mão por um lindo vestido tomara que caia creme. Tomara que caia é permitido?

– É adorável – concordo. Posso prová-lo. Sei que ele vai se manifestar se achar que não posso usá-lo.

Olho o departamento como um todo e dou uma volta pelo local antes de perceber que minhas pernas estão se mexendo.

Corro os dedos por um modelo de renda preta muito delicada. É maravilhoso.

– Você precisa provar esse – Zoe diz, juntando-se a mim diante do vestido. Ela o segura com cuidado. Está preso por um fio de segurança, o que só pode significar uma coisa. – Não é perfeito? – ela pergunta, animada.

Ah, é. Também entra no escopo dos vestidos ridiculamente caros, se a loja tem a necessidade de pendurá-lo em um local com segurança especial. Além disso, não tem preço – outro sinal de que vou desmaiar quando descobrir quanto custa. Olho para as costas do vestido justo, que se abre no meio das coxas e vai até o chão. O design é simples, com as costas em V, mangas japonesas delicadas, que começam logo abaixo do ombro e um decote generoso. Alta-costura.

– Jesse adora quando uso renda – pondero comigo mesma. Ele também ama quando uso preto.

– Então você precisa mesmo experimentar. – Zoe o pendura de volta. – Há quanto tempo está saindo com Jesse?

A pergunta me deixa instantaneamente na defensiva. O que dizer? A verdade é que o conheço há mais ou menos um mês, e uma semana desse período foi passada com Jesse bêbado, e eu cuidando do meu coração partido. Um pensamento terrível invade meu cérebro.

– Não muito tempo. – Tento soar tão casual quanto Zoe quando falo. – Ele traz todas as mulheres com quem sai aqui?

Ela começa a rir. Não sei se isso é bom ou ruim.

– Meu Deus, não! Ele iria à falência!

É definitivamente ruim.

Zoe deve ter visto minha expressão, porque empalidece na hora.

– Ava, desculpe. Isso soou péssimo – ela fica constrangida. – O que quis dizer é que, se ele trouxe aqui todas as mulheres com quem já dormiu... – ela para e fica mais pálida ainda. Eu estou passando mal. – Merda! – ela exclama.

– Zoe, não se preocupe com isso. – Desvio minha atenção para outro vestido. A quem quero enganar? Eu sei que ele já andou por aí.

– Ava, ele nunca namorou alguém. Até onde eu sei, pelo menos. É um partidão. Você vai precisar lutar contra algumas mulheres do Solar, pode ter certeza.

– Sim. – Dou uma risada leve. Preciso mudar de assunto. Esse pensamento, Jesse com outra mulher, surge na minha cabeça outra vez. Zoe claramente conhece o trabalho dele. – Aonde vamos agora? – Estampo uma expressão sem ciúme nem afetação no rosto, se é que isso existe. Estou borbulhando por dentro e arrepiada por fora. Por que ele tinha que ser tão volúvel?

– Sapatos! – Zoe cantarola, me levando para a escada rolante.

Uma hora depois, retornamos à luxuosa área privada de *personal shopping*, acompanhadas por um rapaz que empurra uma arara com vestidos e sapatos. Jesse ainda está sentado no sofá com o celular ao ouvido.

Ele abre um sorriso lindo e desliga o telefone.

– Está se divertindo? – ele pergunta, enquanto se levanta, e antes de cobrir meu rosto de beijos. – Senti sua falta.

– Fiquei fora por uma hora. – Dou risada e seguro os ombros dele. Ele está me inclinando ao estilo Hollywood outra vez.

– Tempo demais – ele murmura. – O que temos aqui? – ele me devolve à posição vertical.

– Coisas demais para eu escolher uma só – respondo. Consegui convencer Zoe a deixar o vestido de renda para trás. Na verdade, evitei tudo o que pudesse estar preso por um dispositivo de segurança.

– Vá experimentar. – Ele me dá um tapinha no traseiro, e sigo Zoe e a arara

até um grande provador. O olhar de admiração de Zoe não me escapa.

Pelas horas seguintes, provo uma peça atrás da outra. Conto vinte vestidos, todos deslumbrantes e todos aprovados por Jesse.

Zoe desaparece por um tempo, me deixando com a tarefa de escolher um. São todos lindos. Levanto a cabeça intrigada quando ela aparece com mais uma arara cheia, agora com vestidos para o dia ou para noites mais informais, não tão chiques. Olho completamente confusa para Zoe.

Ela encolhe os ombros.

– Tenho ordens estritas para fazer você provar muitos vestidos, então trouxe esses – ela explica, colocando-se atrás da arara. Quando retorna, está segurando o vestido de renda. – Esse também.

– O quê? – disparo, levantando do sofá. Estou apenas de lingerie e com a boca aberta como um peixe dourado.

– Bom – ela se aproxima de mim –, ele não apontou esse vestido em particular, mas disse que você devia ter tudo o que quisesse. – Zoe dá um sorriso. – E sei que você quer esse vestido.

– Zoe, eu não posso – gaguejo, tentando convencer meu cérebro de que o vestido é medonho, horrível. Absolutamente horrendo. Não está funcionando.

– Se é o preço que está incomodando, não se preocupe. Ele está dentro do orçamento. – Ela pendura o vestido em um gancho na parede.

– Existe um orçamento? Qual é o valor? – pergunto, hesitante.

Ela se vira e sorri.

– A ordem foi: Não há limite.

Solto um gemido e desabo na poltrona.

– Posso perguntar quanto custa?

– Não – ela responde, felicíssima. – Experimente. – Ela me passa um corpete preto de renda. Começo a vesti-lo e Zoe me vira e fecha os ganchos das costas. Minha hesitação é distraída pelo pensamento da cara de Jesse quando me vir com toda essa renda. Eu sorrio. Ele vai ter um orgasmo na hora.

Zoe me ajuda a entrar no vestido e depois me leva ao espelho de corpo inteiro.

– Puta merda! – ela exclama e dá um tapa na boca. – Desculpe. Foi muito antiprofissional da minha parte.

Put a merda mesmo. Viro para ver a parte de trás e perco o fôlego. Ele se molda a cada curva minha de maneira perfeita e fica rente ao chão quando me ponho na ponta dos pés. O forro sob a renda é *matte*, dando ao padrão delicado e intrincado um efeito levemente perolado. O decote é perfeito, as mangas japonesas logo caem abaixo do ombro, revelando minhas clavículas. Ouço Zoe sair e voltar.

Ela se ajoelha à minha frente.

– Calce esses aqui – ela me instrui. Tiro os olhos do espelho, olho para baixo e vejo um par de sapatos pretos de salto estilo chanel da Dior aos meus pés. Sinto que vou desmaiar. Eu os calço, e Zoe recua para olhar. – Ava, você precisa levar esse vestido – ela diz, séria. – Vá mostrar ao Jesse.

– Não! – disparo, de maneira grosseira. – Desculpe, sei que ele vai amar. – É de renda e é preto. Ele vai derreter aos meus pés, sei que vai, mas e quanto à exposição do corpo? Isso não vai fazer meu controlador neurótico me jogar no chão e me cobrir com o próprio corpo para evitar que qualquer um veja minha pele? E, finalmente, quanto custa?

Estou em guerra com a minha consciência sobre ficar ou não com o maldito vestido quando Zoe me entrega uma carteira que combina com os sapatos. Tenho vontade de chorar. Eu sabia que não devia ter experimentado.

– Ele viu? – pergunto a Zoe. Ela lança um olhar confuso. – Este vestido. Ele o viu na arara quando você voltou? – pergunto.

– Não, eu acho que estava no banheiro.

Tamborilo a unha no dente, pensativa.

– Tudo bem, vou levar o vestido, mas não quero que Jesse saiba. – Vou correr o risco. Zoe bate palmas, e abro um sorriso ao vê-la tão animada. – O que é tudo isso? – aponto para a arara extra que ela trouxe.

– Ele quer que você compre vários vestidos. – Ela encolhe os ombros.

Dou risada. Jesse está levando essa história de acesso rápido longe demais. Tiro o vestido e sinto outra pontada de incerteza quando Zoe o segura e dá instruções exatas a uma garota para que Jesse não o veja. Começo a provar os outros. Vou levar três no máximo, e é bom ele não discutir comigo.

Queimo um milhão de calorias pondo e tirando dúzias de vestidos. Estamos dividindo as peças em pilhas de “sim”, “talvez” e “não”, e me surpreendo ao ver que estou me divertindo. Jesse volta para o sofá e me assiste aparecer e desaparecer, usando um vestido diferente a cada retorno.

– Ela é como um cabide, não é? – Zoe diz a Jesse quando apareço com um Chloé cinza curtíssimo. Amei, mas, como todos os outros vestidos que custam mais de trezentas libras, ele vai para a pilha do “não”.

Observo seu rosto quando ele olha minhas pernas e registra o comprimento.

– Tire! – ele dispara, e volto para o provador rindo. Ele está certo, eu adorei o vestido, mas é curto demais. É quase um corpete.

Estou exausta quando termino de provar tudo. Troquei de roupa mais vezes em algumas horas do que no último mês. Dou mais uma olhada para a pilha do “sim” com Zoe e fico preocupada quando percebo quantos “sim” ficaram. Mexo na arara e tento reduzir o número.

– O que temos? – ouço-o se aproximar e me encolho.

– Ah, Ava escolheu algumas peças fabulosas. Estou morrendo de inveja – diz Zoe. – Vou mandar embrulhá-las para você.

Socorro!

Fico ainda mais envergonhada quando Jesse entrega um cartão de crédito para Zoe. Ela o pega e nos deixa a sós.

– Jesse, isso está me incomodando. – Seguro suas mãos e viro para ele, para ter toda a sua atenção.

Os ombros de Jesse desabam de decepção.

– Por quê? – Sua voz está genuinamente magoada.

Vejo Zoe sumir com todos os “sim”.

– Por favor. Não quero que você gaste todo esse dinheiro comigo.

– Nem foi tanto assim – ele tenta argumentar, mas eu vi as etiquetas. É tudo caro demais, e nem sei quanto custa o vestido de renda preta.

Olho para o chão. Não quero começar uma discussão na Harrods por causa disso.

– Compre só o vestido para hoje à noite. Isso eu aceito.

– Só um vestido? – ele pergunta, infeliz – Mais cinco vestidos e negócio fechado.

Isso me surpreende.

– Dois – tento negociar, de qualquer forma, olhando para ele.

– Cinco – ele devolve. – Isso não fazia parte do acordo.

Não mesmo, mas não me importo mais em saber quantos anos ele tem, e já vi essa cena “bom para ambas as partes” antes. Já aprendi que, enquanto eu cedo, Jesse fica exatamente onde começou.

Estreito os olhos para ele.

– Não me importa quantos anos você tem. Pode manter sua idade em segredo.

– Tudo bem, mas ainda vão ser cinco vestidos – ele diz, aceitando o acordo. Desconfio que não fosse cumprir a parte dele, de todo jeito. – Tenho que fazer uma ligação. – Ele me beija. – Vá lá e escolha cinco vestidos. Zoe está com meu cartão. Minha senha é um, nove, sete, quatro.

Eu recuo.

– Não acredito que você me deu a senha do seu cartão de crédito.

– Nada de segredos.

Nada de segredos? Ele está brincando comigo? Jesse se afasta, e tenho um momento encantado de compreensão. Faço um cálculo mental rápido.

– Você tem trinta e sete anos! – grito para as costas dele.

Ele para.

– Sua senha. Você nasceu em 1974. – Não escondo o triunfo na voz. Eu venci. Homens são tão previsíveis. – Você não mentiu afinal, não é?

Ele se vira devagar e me brinda com aquele sorriso que é sua marca registrada, reservado só para mim, antes de me mandar um beijo e me deixar sozinha para escolher meus cinco vestidos.

Saio da área de *personal shopping* e encontro Jesse me esperando. Devolvo o cartão e dou um beijo no rosto dele.

– Obrigada. – Não sei se estou mais grata pelos vestidos ou pelo lapso de revelar que tem mesmo trinta e sete anos. De qualquer forma, estou muito feliz.

– Não há de quê. Mesmo. – Ele tira minhas sacolas de mim. – Vai fazer outro show? – Jesse levanta as sobrancelhas.

– Claro. – Não posso negar isso depois que ele foi tão razoável. – Mas você não vai ver o vestido de hoje à noite.

– Qual você escolheu? – ele pergunta, curioso. Jesse gostou de todos, mas não

viu o vestido, que está escondido e a salvo, muito bem-embalado.

– Você vai descobrir mais tarde. – Sinto seu perfume quando ele enterra o rosto no meu pescoço. – Então, meu homem está mesmo batendo na porta dos quarenta. – Eu o cutuco.

Ele se afasta e revira os olhos, antes de pegar minha mão e me levar para fora da loja.

– Isso incomoda você? – ele pergunta casualmente, mas sei que a resposta o preocupa.

– De jeito nenhum. Mas por que incomoda você?

– Ava, você lembra uma das primeiras coisas que disse para mim? – Ele me olha.

Como eu poderia esquecer? E ainda não sei como surgiu a pergunta sobre a idade dele.

– Por que mentiu?

Ele dá de ombros.

– Porque você não teria perguntado se não fosse um problema.

Dou um sorriso.

– A sua idade não me importa nem um pouco. Isso é um cabelo branco? – pergunto, taxativa, assim que pegamos a escada rolante.

Ele fica um degrau abaixo de mim e vira para o meu lado. Estamos quase do mesmo tamanho.

– Acha isso engraçado?

Mantenho a expressão séria, mas, quando ele abaixa e me joga sobre o ombro, não consigo evitar um gritinho. Ele não pode se comportar assim na Harrods! Eu me corrijo. Jesse não tem consideração pela opinião alheia. Ele me pega no colo, me devora ou fica enlouquecido de raiva onde bem entender. Não está nem aí e, sinceramente, nem eu.

Ele me carrega para a Knightsbridge e me coloca de pé do lado de fora, onde ajeito meu vestido, pego a mão estendida dele, e caminhamos para o carro. Não quero nem discutir. Fazer o que quiser comigo está se tornando um evento cotidiano para ele, seja entre quatro paredes ou em público.

– Podemos almoçar no Solar – ele sugere, enquanto guarda minhas sacolas no porta-malas e abre a porta para mim. Ele entra no carro e sorri, antes de colocar os óculos escuros. – Está gostando do seu dia até agora?

Eu estava, até ele lembrar que precisamos ir ao Solar. E que vou ter que enfrentar uma noite toda lá.

– Claro. – Não posso reclamar, afinal estou com ele.

– Eu também. Coloque o cinto. – Ele dá a partida no carro, e o motor ronca no tráfego da hora do almoço. Depois liga o som e abre a janela, para que a Knightsbridge toda ouça “Dakota”, dos Stereophonics.

Capítulo 19



Jesse estaciona cantando pneu no Solar, onde John nos espera nos degraus da entrada. Há poucos carros ali, o meu entre eles. Eu tinha esquecido que estava aqui.

– Vamos. Quero terminar tudo e ir para casa para ter você só para mim por algumas horas. – Ele segura a minha mão e me leva para dentro.

– Me leve para casa agora, então – resmungo e ganho uma careta.

– Vou ignorar você – ele murmura.

– Ava – John me cumprimenta quando passamos por ele e depois nos acompanha.

– Está tudo bem? – Jesse pergunta, me levando direto para o bar. Está vazio, exceto pelos envolvidos na produção, que caminham a passos rápidos. Ele indica um banco do bar e senta de frente para mim, pousando minha mão na sua coxa. Vejo Mario limpando o bar.

– Tudo certo – diz John. – Os fornecedores estão na cozinha, e a banda chega às cinco para trazer o equipamento e testar o som. Sarah tem tudo sob controle. – Ele chama Mario, e sinto um arrepio à menção do nome *dela*.

– Ótimo. Onde ela está? – Jesse pergunta.

– No seu escritório arrumando as sacolas de brindes.

Sacolas de brindes? O que se coloca numa sacola com presentes para uma festa de aniversário de um clube de sexo? Meu Deus, não quero nem saber.

Mario se aproxima e coloca o pano de limpeza sobre o ombro. Seu sorriso caloroso me faz retribuir automaticamente. Ele é tão gentil.

– Quer beber alguma coisa? – Jesse aperta a minha mão.

– Só água, por favor.

– Duas, Mario. – Ele vira para mim. – O que quer comer?

Essa é fácil.

– Filé – respondo, de olhos arregalados e entusiasmada. Aquele foi o melhor filé que já comi.

Ele sorri.

– Mario, diga a Pete que queremos dois filés com batatinhas e salada, ambos ao ponto. Vamos comer no bar.

– Claro, sr. Ward – Mario responde, feliz, colocando duas garrafas de água e um copo no balcão.

– Você ficará bem aqui enquanto eu verifico umas coisas? – Jesse pergunta, soltando minha mão no colo dele enquanto pega uma das garrafas e serve água no meu copo.

Levanto uma sobrancelha.

– Vai querer que Mario me vigie?

– Não – ele diz, sem pressa. – Não é mais necessário, certo?

– Acho que não. – Encolho os ombros e olho em volta. – Onde está todo mundo?

Ele se levanta e põe minha mão no meu colo.

– Estamos fechados durante o dia no nosso aniversário. Há muita coisa para fazer. – Ele beija minha testa e pega sua água. – John?

– Estou pronto quando você estiver – vem a resposta de John.

Jesse afasta uma mecha de cabelo do meu rosto.

– Volto o mais rápido possível. Tem certeza de que vai ficar bem, aqui?

– Estou bem. – Eu o mando embora.

Eles me deixam no bar em meio ao caos de funcionários lustrando copos e taças e repondo bebidas nas geladeiras. Sinto que deveria ajudar, mas logo ouço meu celular tocar na bolsa e o tiro de lá, lendo o nome de Ruth Quinn na tela. Eu devia deixar cair na caixa postal, estou no meu dia de folga, mas pode ser uma oportunidade de me livrar de sair para beber com ela.

– Oi, Ruth.

– Ava, como vai?

Ela é tão simpática. Simpática demais.

– Estou bem, e você?

– Ótima. Recebi seus valores e designs. São maravilhosos!

– Fico feliz que tenha gostado, Ruth. – Seu entusiasmo vai tornar o projeto um prazer, penso eu.

– Então, agora que você me mostrou como meu andar de baixo pode ficar maravilhoso, estou louca para começar.

– Está bem. Assim que você fizer o pagamento da taxa de visita, presumindo que tenha recebido a fatura, mãos à obra.

– Sim, recebi. Vou fazer uma transferência. Você tem os dados da conta da empresa?

– Não, Ruth, não tenho. Posso pedir para você ligar para o escritório? Hoje é meu dia de folga, então não tenho como pegar os dados no momento.

– Ah! Desculpe. Eu não sabia.

– Foi coisa de última hora. Não tem nenhum problema.

– Está fazendo alguma coisa boa?

Abro um sorriso.

– Na verdade, estou sim. Passando um tempo com meu namorado. – Soou estranho.

– Oh.

Então o telefone fica em silêncio.

– Ruth? Está aí? – Olho para a tela a fim de ver se a linha caiu. Mas não. – Alô?

– Sim, desculpe. É que você disse que não havia nenhum homem – ela ri.

– Não havia nenhum problema com homens. Eu quis dizer que não havia problemas com homens.

– Entendi. Bem, vou deixar você aproveitar seu tempo com ele.

– Obrigada. Ligo na semana que vem para darmos continuidade.

– Ótimo. Tchau, Ava. – Ela desliga, e me dou conta na hora de que não me livre de sair com ela. Ela também não confirmou nada.

Coloco o celular de volta na bolsa e vejo Mario vindo para o bar com uma caixa cheia de ingredientes para coquetéis e frutas frescas.

– Ava, você está bem?

– Estou muito bem, Mario. E você?

Ele coloca a grande caixa sobre o balcão, e eu o ajudo a puxá-la para mais perto de mim.

– Muito bem, também. Você seria... – Ele franze o rosto. – Como se diz... minha cobaia?

– Oh, sim! – Sei que estou paracendo um pouco ávida demais. Adoro essa coisa de misturar, bater, provar.

Ele ri e me passa uma tábua de corte e uma faca.

– Você corta – ele instrui, me entregando uma cesta com várias frutas da caixa. Pego um morango, tiro o cabo e as folhas e o corto ao meio. – Sim, está bom. – Mario aprova e começa a colocar vários líquidos em uma coqueteleira grande.

Corto uma porção de morangos e depois passo para os limões. Mario canta músicas italianas em tom de ópera enquanto trabalhamos no bar, eu cortando e assistindo com interesse enquanto ele mede, serve e lida com equipamento específico para o preparo de coquetéis.

– Agora fazemos a melhor parte. – Ele sorri, fechando a coqueteleira e agitando. Ele a gira no ar, joga-a por cima da cabeça e dá um giro de 360 graus, antes de pegá-la de novo. Fico impressionada, e ele bate a coqueteleira de leve no balcão, tira a tampa e serve o líquido cor-de-rosa em uma taça longa, com hortelã e um morango. – *Voilà!* – Mario canta, me empurrando o copo.

– Uau! – Olho embevecida para a taça com a borda coberta de açúcar. – Como se chama?

– Este é o coquetel “Mais Maravilhoso do Mario”! – Sua voz fica mais aguda ao final do nome. Ele está orgulhoso de sua obra. – Experimente. – Mario aproxima mais o copo de mim, e me inclino para sentir o aroma.

O coquetel tem um cheiro delicioso, mas lembro a última vez que Mario insistiu para eu experimentar um de seus drinques: queimou minha garganta. Pego a taça com cautela, enquanto Mario me incentiva, ansioso. Dou de ombros e bebo um gole.

– É bom, não? – Fico encantada com a alegria no rosto dele, que começa a tampar todos os potes de frutas.

– Sim! – Bebo um gole mais generoso. Está delicioso. – O que tem aqui?

Ele começa a rir e balança a cabeça.

– Ah, não, não. Isso eu não conto para ninguém.

– O que tem aí? – A voz rouca de Jesse invade meus ouvidos por trás, e giro o banco para ficar de frente para ele, que está com a linha de expressão a postos.

Ofereço o copo com um sorriso.

– Você devia experimentar. Oh, meu Deus!

Ele recua um pouco, e seu rosto se fecha mais ainda.

– Não obrigado. Acredito em você. – Jesse se senta ao meu lado. – Não beba demais. – Ele lança um olhar de reprovação para o copo, e meu cérebro começa a funcionar.

– Desculpe! – digo, depressa. – Eu não tinha me dado conta. – Começo a me imaginar pulando para dentro do bar, direto no triturador de lixo.

Mario deve ter percebido a tensão porque logo desaparece, nos deixando a sós. Deixo o coquetel no balcão e me viro para o bar. O delicioso coquetel não parece mais tão gostoso.

– Ei! – Ele me coloca no colo, me tirando do banco, e me encaixo embaixo do queixo dele. Não consigo olhar para Jesse. Estou me sentindo idiota. – Está tudo bem. Relaxe, meu amor – ele ri. Sua expressão não demonstrava que estava tudo bem. Ou será que era porque *eu* estava bebendo? Ele se afasta para olhar para mim e levanta meu rosto colocando um dedo embaixo do meu queixo. Seus olhos estão mais suaves. – Pare e me beije.

Obedeço imediatamente, segurando-o pela nuca para trazê-lo até mim. Relaxo em seus braços e absorvo seus carinhos, gemendo na boca dele. Sinto-o sorrir enquanto me beija.

– Desculpe – repito. Estou me sentindo uma idiota.

– Já falei para parar – ele avisa. – Não sei qual é a sua preocupação.

Minha preocupação? Minha preocupação é o seu olhar de reprovação para a bebida alcoólica.

– Já organizou tudo? – pergunto.

– Sim. Agora nós vamos comer e depois vamos para casa tomar banho e namorar um pouquinho. Combinado?

– Combinado.

– Boa menina. – Jesse me dá um beijo inocente e me devolve ao meu banco. – Nosso almoço chegou. – Ele aponta para o outro lado do bar, e vejo Pete trazendo uma bandeja para nós. Ele nos serve.

– Obrigado, Pete – Jesse diz.

– O prazer é meu, como sempre. Bom apetite. – Ele me dá um sorriso agradável. É muito gentil. Na verdade, todos os funcionários de Jesse são muito amáveis, com exceção de uma pessoa, mas não vou deixar que ela estrague meu dia no Sétimo Céu de Jesse.

Com garfo e faca em punho, mergulho na colorida salada temperada com aquele molho maravilhoso. Preciso descobrir do que é feito.

– Bom?

Viro para Jesse com o garfo cheio de salada e o vejo também colocando o garfo na boca. Solto um gemido de prazer. Eu poderia comer isso todo dia pelo resto da vida. Ele sorri para mim.

– Jesse, o que acha de a banda ficar no canto mais distante da sala de verão?

Meus ombros ficam tensos quando ouço a voz estridente de Sarah.

– Acho bom. Achei que já tivéssemos estabelecido isso. – Jesse gira de leve no banco a fim de olhar para ela. Eu não. Continuo virada para o bar mexendo na minha salada com o garfo.

– Sim, mas só queria confirmar. Como vai, Ava? – ela pergunta.

Olho feio para o meu prato. Se ela quiser saber mesmo, vou responder com alegria. Sinto os olhos de Jesse em mim, esperando que eu seja educada e responda. Giro no banco e estampo um enorme sorriso falso no rosto.

– Estou bem, Sarah, e você?

Seu sorriso é tão fingido quanto o meu. Imagino se Jesse consegue captar a animosidade evidente.

– Também. Está ansiosa por hoje à noite?

– Sim, estou – minto. Talvez eu ficasse mais animada se ela não estivesse aqui. Jesse intervém, me liberando da cordialidade forçada.

– Vou embora. Volto em torno das seis. Certifique-se de que tudo está em ordem lá em cima. As suítes e o salão aberto ficam trancados até as dez e meia. – Jesse aponta com o garfo para a entrada do bar. – Sem exceção – ele acrescenta, rigoroso.

A esperança que eu tinha de terminar meu almoço se desfaz diante da simples menção ao salão aberto. Vou ter que ver gente subir para lá a noite toda.

– Claro – Sarah concorda. – Vou deixá-los a sós. Nos vemos mais tarde, Ava?

– Tchau. – Sorrio, e ela retribui, mas, depois da noite passada, não há como ignorar o fato de que não nos suportamos, portanto todo esse teatro não faz sentido. Viro para o bar assim que posso e volto para minha salada. Não tenho dúvida de que ela está sendo simpática porque estamos na presença de Jesse. Ele deve saber como Sarah é de verdade.

– Por que não está animada para essa noite? – Jesse pergunta baixinho, enquanto continua comendo.

– Estou, sim – digo, sem olhar para ele.

Ouçoo um suspiro pesado vir dele.

– Ava, pare de mexer nos cabelos. Você fez isso quando Sarah perguntou e está fazendo de novo agora. – Ele bate o joelho no meu, e eu solto a mecha de cabelo.

Solto meu garfo também.

– Sinto muito se não consigo ficar animada com uma festa em que, sempre que alguém olhar para mim ou falar comigo, vou ficar pensando que quer me levar lá para cima e me comer.

Dou um pulo quando Jesse solta os talheres, que batem no prato dele, fazendo um ruído agudo.

– Ava, pelo amor de Deus! – Ele empurra o prato para longe com violência e, vejo de canto de olho, começa a massagear as têmporas. – Olha a boca! – Ele segura meu queixo e me vira para si. Seus olhos verdes estão inundados de raiva. – Ninguém vai querer fazer isso, porque todos sabem que você é minha. Não

diga coisas que me deixam louco de raiva.

Eu me encolho com seu tom áspero.

– Desculpe. – Minha voz sai rabugenta, mas é a verdade. Eles podem pensar qualquer coisa. Como ele vai saber?

– Por favor, tente mostrar um pouco mais de animação. – Jesse solta minha mandíbula e toca meu rosto. – Quero que você se divirta.

Sua expressão de súplica me faz querer dar uma surra em mim mesma. Jesse gastou só Deus sabe quanto dinheiro em um vestido para mim, além de todos os outros, e esta é uma noite especial para ele. Sou uma ingrata. Sento no colo dele, e Jesse, claro, não dá a mínima para o fato de que o enlaço pela cintura com as pernas ali, no meio do bar.

– Você me perdoa? – Dou uma mordidinha no lábio inferior e acaricio o nariz dele com o meu.

– Você é adorável quando faz bico – ele suspira.

– Você é adorável o tempo todo – devolvo e junto nossos lábios. – Me leve para casa – digo, com a boca na dele.

Ele geme.

– Feito. Vamos – Ele levanta comigo ainda no colo e só então solto as coxas de seus quadris.

– E quanto ao meu carro?

– Peço a algum dos funcionários para levar. – Ele elimina minha preocupação e me leva para o carro dele. Não vejo a hora de passar um bom tempo na banheira.

Fico aliviada quando finalmente chegamos ao Lusso.

– Será que Cathy ainda está aqui? – pergunto. Espero que não. Quero rastejar sobre Jesse e ficar lá até me cansar.

– Não. Eu disse que ela podia ir embora assim que terminasse o serviço. – Saímos do elevador, e Jesse equilibra minhas sacolas enquanto pega a chave para colocar na fechadura. Ele abre a porta, entro atrás dele e pego as sacolas.

– O que está fazendo? – Ele franze o rosto.

– Estou levando isso para o quarto de hóspedes. Você não pode ver meu vestido. – Viro-me para subir os degraus.

– Coloque tudo no nosso quarto – ele diz, em voz alta.

– Não – respondo, indo direto para o meu quarto de hóspedes favorito.

Desembrulho o vestido imediatamente e o penduro atrás da porta, suspirando ao dar alguns passos para trás a fim de vê-lo melhor. Jesse vai ter um orgasmo quando o vir ou desintegrar na hora.

Desembrulho o corset, os sapatos e as bolsa e deixo o restante para mais tarde. Não demora muito, ouço uma batida na porta.

– Não entre! – grito e corro para a porta, abrindo apenas uma fresta. Dou de cara com o sorriso atrevido de Jesse, que está com as mãos nos bolsos da calça.

– Nós vamos nos casar? – ele pergunta.

– Quero que seja surpresa. – Eu faço um gesto para mandá-lo embora. – Preciso fazer as unhas. Vá embora. – Ele queria que me animasse, então não

pode reclamar.

Ele levanta as mãos, na defensiva.

– Tudo bem. Vou esperar você na banheira. Não demore – ele resmunga, se afastando pelo corredor.

Fecho a porta, pego meu estojo de maquiagem na bolsa e encontro a correspondência que peguei com Clive hoje de manhã. Deixo as cartas sobre a cômoda perto da porta antes de me ajeitar na cama para fazer as unhas.

Vou para o banheiro e encontro Jesse submerso em um banho de espuma, com a expressão contrariada. Tiro o vestido, o sutiã e a calcinha, e a expressão dele muda de contrariada para feliz assim que entro na banheira.

– Onde você estava?

– Esperando minhas unhas secarem. – Eu me acomodo entre suas pernas e deito em seu peito sólido.

Ele geme de alegria, enrola as pernas nas minhas e me abraça, enfiando o nariz nos meus cabelos.

– Ah, esqueci. Clive me entregou algumas cartas para você esta manhã. Guardei na bolsa e esqueci completamente. Desculpe.

– Sem problemas – ele me tranquiliza. – Eu amo, amo, amo você assim, molhada e deslizando sobre mim. – Ele cobre meus seios com as mãos e morde meu pescoço. – Amanhã, vamos ficar na cama o dia todo.

Abro um sorriso, desejando em silêncio que pudéssemos fazer isso agora mesmo, mas então sinto seu coração batendo nas minhas costas e me lembro do comentário que Jesse fez sobre isso.

– Qual foi a primeira coisa que você pensou quando me viu?

Ele pensa em silêncio por alguns minutos e depois rosna:

– Minha! – E morde minha orelha.

Eu me contorço em cima dele, rindo.

– Mentira!

– Pensei sim. E agora você é minha. – Ele vira meu rosto para ele e me beija com carinho. – Eu amo você.

– Sei que ama. Você não cogitou me convidar para jantar em vez de me perseguir, fazer perguntas impróprias e me encurralar em uma das suas câmaras de tortura?

Ele olha para o lado, pensativo.

– Não, não cogitei. Eu não conseguia pensar direito. Você me deixou tão confuso!

– Confuso com o quê?

– Não sei. Você instigou algo em mim. Foi perturbador. – Ele recosta e apoia minha cabeça.

Instiguei o quê? Sua palpação? Eu poderia considerar esse um pensamento estranho, mas ele também instigou algo em mim, que também foi muito perturbador.

– Você me deu uma flor – digo em voz baixa.

– Sim. Eu estava tentando ser um cavalheiro.

Isso me faz sorrir.

– Então, na outra vez que me viu, você perguntou o quanto eu ia gritar quando você me comesse.

– Olha a boca, Ava – ele ri. – Eu não sabia o que fazer. Normalmente basta eu sorrir para conseguir o que quero.

– Você poderia ter tentado ser menos arrogante. – Não gosto da ideia de Jesse conseguir o que quer apenas sorrindo. Para quantas mulheres ele já *sorriu*?

– Talvez. Me diga o que você pensou. – Ele me cutuca, e eu sorrio. Vamos ficar nessa por um bom tempo. – Diga – ele pressiona, impaciente.

– Por quê? Para você ficar ainda mais cheio de si? – debocho e ganho um apertão no quadril. Eu me contorço, o que faz derramar água pela borda da banheira. – Pare!

– Diga, eu quero saber.

Respiro fundo.

– Eu quase desmaiei – admito. – E então você me beijou. Por que você me beijou? – pergunto, incrédula, com um leve arrepio.

– Não sei. Só aconteceu. Você quase desmaiou? – ele pergunta. Não consigo ver o rosto, mas apostaria minha vida que aquele sorriso safado está estampado naquela face deslumbrante.

Viro a cabeça para trás. Sim, eu sabia. Reviro os olhos.

– Achei você um babaca arrogante, com seus toques, comentários impróprios e comportamento inadequado. Mas o efeito que você teve em mim... – Ainda não acredito como fui cega com relação ao Solar. Eu estava mais preocupada em lutar contra as reações que ele despertava em mim. E depois me rendendo. E depois lutando de novo.

Ele começa a acariciar meus mamilos com a ponta dos dedos.

– Eu precisava tocar você para ter certeza de que não estava imaginando coisas.

– Que coisas?

– Meu corpo todo vibrava toda vez que colocava um dedo em você. Ainda vibra.

– O meu também – concordo, em um fio de voz. É a sensação mais incrível. – Você tem consciência do efeito que tem nas mulheres? – Toco suas coxas com a palma das mãos.

– É o mesmo que você tem sobre mim? – Ele entrelaça os dedos nos meus. – Elas param de respirar por alguns segundos toda vez que me veem? – Ele pressiona os lábios na minha têmpora e inspira meu perfume. – Elas querem me manter numa redoma de vidro para nada nem ninguém me machucar?

Quase paro de respirar.

Ele solta um longo suspiro, e eu me esfrego no peito dele, para cima e para baixo.

– Elas acham que a vida estaria acabada se eu não estivesse mais aqui? – ele

conclui, suave.

Lágrimas surgem nos meus olhos, e me esforço para manter o fôlego. Ok, a primeira sem dúvida, mas as outras duas eu acredito que estão reservadas apenas para mim. São palavras muito fortes, considerando que nos conhecemos há apenas um mês. Esse homem foi implacável, e hoje agradeço que tenha sido assim. Seu trabalho e seu problema com o álcool são irrelevantes no momento. Ele ainda é Jesse e ainda é meu.

Fico de frente para ele e deslizo sobre seu peito. Seus olhos acompanham os meus até ficarmos frente a frente.

– Você roubou minhas falas – digo com carinho. Preciso que ele saiba que não é o único nesse relacionamento que se sente incredivelmente possessivo e protetor. É uma loucura, esse homem grande e dominador, que me arrebatou por completo, que fez eu me render a ele sem questionar e sem muitas dúvidas. Dei a ele o poder de me destruir. Ele é tão importante para mim quanto sei que sou para ele. É simples assim. – Eu amo muito você. – digo, decidida. – *Você* precisa me prometer que nunca vai *me* deixar.

Ele ri.

– Ava, você vai ter que me aguentar para sempre.

– Que bom. Me beije.

– Está me dando ordens? – Ele sorri de leve e seus olhos brilham ainda mais.

– Sim. Me beije.

Ele entreabre os lábios de maneira convidativa e fecha o espaço que existe entre nós. Logo estou saboreando o calor de seu hálito mentolado e retribuindo com a mesma vontade sua língua exploradora, enquanto ele desliza as mãos pelas minhas costas úmidas.

– Sei que ficar aqui faria você muito feliz, mas precisamos nos apressar. – Ele segura meu traseiro e me empurra para cima, a fim de que eu fique mais alta, até ter melhor acesso ao meu pescoço.

– Vamos ficar – eu peço, sem pensar. Deslizo para baixo e o sinto roçar perfeitamente contra minha entrada. Ele parece perder o fôlego.

– Você precisa me deixar sair, porque, se eu ficar aqui dentro, não vamos a lugar nenhum. – Jesse me beija com urgência e me levanta, colocando-me de joelhos de frente para ele.

– Então fique. – Faço um bico, me esfrego nele, abraçando-o pelo pescoço, e volto ao seu colo. Ele não faz o menor esforço para me impedir. – Quero marcar você. – Abro um sorriso e ataco seu peito com meus lábios.

Ele geme e se recosta na borda da banheira.

– Ava, vamos nos atrasar – ele diz, sem muita preocupação. Eu o mordo e começo a chupá-lo. – Merda, não sei dizer não para você. – Ele geme mais uma vez e me levanta para se posicionar sob o meu corpo.

Ele me deixa afundar com um suspiro duplo, e eu o mordo com mais força, estabelecendo um ritmo controlado, para cima e para baixo. Ele segura a minha cintura e me ajuda a subir e descer sobre ele, no mesmo ritmo estabelecido por mim.

– Me deixe ver seu rosto – ele ordena. Paro de mordê-lo e beijo a marca que se forma, antes de levantar o rosto para ele. – Assim está melhor – ele diz, sorrindo.

Afasto o cabelo molhado da testa de Jesse e entrelaço os dedos na sua nuca. Nossos movimentos continuam sincronizados, e a água faz ondas à nossa volta. Um observa o outro com atenção, a pressão no meu ventre aumenta deliciosamente, até que ele joga o quadril para cima de repente, e minhas mãos seguram as bordas da banheira. Perco o ar, e ele dá um sorriso safado antes de repetir o movimento.

– Outra vez! – Dou a ordem impulsiva quando o orgasmo iminente me toma de assalto. Grito e deixo a cabeça pender para trás quando ele me obedece. Uma das mãos dele sai da minha cintura e pousa no meu pescoço.

– Mais? – ele pergunta, com a voz grave.

Minha cabeça volta à posição original.

– Mais – consigo dizer antes de ele empurrar o quadril para cima de novo. Fecho os olhos.

– Olhe para mim, Ava – ele pede, deslizando a mão para o meu ventre.

Abro os olhos e vejo Jesse com o rosto tenso, as veias do pescoço pronunciadas. Ele me levanta e me traz de volta num movimento rápido, de encontro ao quadril, que se eleva. Continuo gritando, tentando ignorar o impulso de fechar os olhos.

– Está gostoso? – ele pergunta, me recompensando com mais um movimento pélvico.

– Sim! – Minhas articulações estão pálidas com a força que faço para segurar a borda da banheira.

– Não goze ainda, Ava. Não estou pronto.

Eu me concentro em controlar o clímax que se aproxima, mas os movimentos de Jesse não me ajudam. Ele deixa a cabeça pender, mas seus olhos não deixam os meus, me levantando e puxando de volta, além de ondular o quadril sem parar. Estamos gemendo juntos, e minha cabeça parece pesada com o esforço de manter o contato visual. Só quero soltar minha cabeça e me deixar levar, mas tenho que esperar a autorização. Não sei por quanto tempo vou aguentar.

– Boa menina – ele me elogia, segurando com mais força na minha cintura e se esfregando em mim. – Conseguir sentir, Ava?

– Você vai gozar. – Estou sem fôlego e sinto seu membro inchar dentro de mim.

Ele sorri.

– Brinque com seus mamilos.

Eu solto a borda da banheira e acaricio meus bicos até endurecerem, torcendo-os com os dedos, sob seu olhar atento.

– Mais forte, Ava – ele ordena, me penetrando com mais força. Mais um grito escapa dos meus lábios, e belisco meus mamilos, as ondas de prazer indo direto para o meu sexo. – Mais forte! – ele grita, apertando minha cintura com os polegares.

– Jesse!

– Ainda não, Ava. Ainda não. Controle-se.

Engulo em seco, tensa, todos os meus músculos se contraindo sobre ele. Não sei como Jesse faz isso. Posso ver seu rosto tenso e sentir seu membro pulsando. O autocontrole que ele tem é incrível. Estou a caminho de um orgasmo furioso, a pressão nos meus mamilos fica mais forte quanto mais me aproximo dele. E então sua mão desce para o meio de minhas pernas e me acaricia suavemente, o vaivém do quadril, sincronizando a fricção dos dedos com a penetração.

Começo a balançar a cabeça, desesperada.

– Jesse, por favor!

– Você quer gozar?

– Sim!

Ele toca meu clitóris com o polegar.

– Goze – ele ordena, com mais um golpe, me deixando em delírio quando meu corpo explode, e solto um grito que ecoa pelo banheiro.

Gritando um palavrão, ele me faz subir e descer em seu sexo, várias vezes seguidas. Continuo gritando com a força dos movimentos e caio para a frente, deitando sobre seu peito, tremendo incontrolavelmente. Sinto-o movendo meu peso morto para cima e para baixo mais uma vez, mergulhando fundo em mim e se demorando lá dentro, suas coxas sólidas embaixo de mim parecendo mais rígidas contra meu corpo imóvel.

– Oh, meu Deus! – ele respira pesadamente, e a água respinga à nossa volta. – Ava, amanhã vou alugar você na cama – ele ofega. – Me beije agora.

Levanto a cabeça com dificuldade e encontro seus lábios. Ele ainda ondula o quadril, tirando até a última gota de prazer de nós. Eu poderia dormir aqui e agora, nesse peito molhado.

– Me leve para a cama – murmuro em sua boca.

– Vou ignorar você – ele responde, severo.

Seguro o rosto dele com as mãos e o cubro de beijos, em uma tentativa desesperada de convencê-lo a ficar.

– Me deixe amar você – sussurro, acariciando a cabeça dele e agarrando seus cabelos. Eu queria ficar, mas sei que não há esperança de conseguir que as coisas saiam do meu jeito.

– Não, meu amor. Detesto dizer não para você. Saia. – Ele me afasta e sai de dentro de mim. Eu resmungo, de mau humor, enquanto ele sai da banheira.

Ele detesta dizer não para mim? Sim, apenas quando ofereço meu corpo para ele.

– Deixe os cabelos soltos hoje à noite – ele diz, pegando uma toalha.

Eu saio da banheira e abro o chuveiro.

– Preferia prendê-lo – provoco, entrando no jato para lavar a cabeça. Na verdade, eu ia deixar o cabelo solto, mas estou sendo insolente porque quero.

Dou um gritinho quando a mão dele colide com o meu traseiro, num tapa ardido, e rapidamente enxágua meus cabelos e abro meus olhos, para ser confrontada com um homem contrariado, praticamente em cima de mim.

– Cale a boca – É aquele tom que me desafia a protestar. – Você vai deixar o cabelo solto. – Ele roça os lábios nos meus. – Não vai?

– Vou.

– Eu sei que vai. – Jesse sai do chuveiro. – Você pode se arrumar aqui. Vou para outro quarto.

– Não o quarto creme! – grito, em pânico. – Não entre no quarto creme!

– Relaxe.

Observo seu corpo coberto de gotículas se afastar do banheiro e de mim.



Estou diante do espelho, olhando meu reflexo com o estômago embrulhado. Sequei o cabelo para formar ondas brilhantes, minha maquiagem está suave e natural, e estou usando o vestido. A sensação é incrível, mas estou nervosa demais. Não sei se é pelo local aonde vou ou se é com a reação de Jesse ao me ver com o vestido.

Viro diante do espelho para ver o decote em V nas costas, que parece agora muito mais revelador do que na loja. Será que ele vai ficar bravo? Quase teve um infarto por conta de um recorte em um vestidinho de verão.

Afastando os cabelos do rosto, coloco brincos simples, sem pingente, de ouro branco – a renda não permite muito mais que isso – e guardo o gloss e o pó na carteira, junto com meu celular. Ele bate à porta, e meu coração fica tão apertado quanto o estômago.

– Ava? Querida, precisamos ir – ele diz, calmo, do lado de fora. Não faz menção de entrar, e esse mínimo gesto, aliado à voz suave e insegura, revelam que ele também deve estar nervoso. Por quê? Normalmente Jesse simplesmente entraria aqui, sem bater na porta nem usar palavras doces.

– Dois minutos – digo em voz alta. Minha voz soa aguda e trêmula, enquanto aplico meu perfume favorito da Calvin Klein. Não há rosnado nem voz impaciente exigindo que eu ande logo.

Respiro fundo algumas vezes para recuperar a calma, pego minha bolsa e giro os ombros. Não adianta nada. Estou muito nervosa. Tenho que encarar todos os membros do Solar. Aquelas mulheres já deixaram claro que sou uma invasora, e não acho que vão mudar de opinião só porque estou usando um vestido de alta-costura ou porque sou oficialmente a namorada de Jesse.

Respirando fundo uma última vez, levanto a barra do vestido para admirar meus sapatos, saio do quarto e vou para o topo da escada.

O andar inferior surge diante de mim. Ouço as notas impressionantes de “Nights in White Satin”, do Moody Blues, vindo do sistema de som integrado. Dou um sorriso. E então eu o vejo.

Con gelo no primeiro degrau e tento não perder o fôlego. É como se eu o estivesse vendo pela primeira vez de novo. Ele está devastador de terno preto, camisa branquíssima e gravata preta. Acabou de se barbear, o que me possibilita ver toda a sua beleza, e seus cabelos estão penteados para o lado com pomada. Meu Deus, vou ter que tirar as mulheres do pescoço dele à força esta noite.

Jesse ainda não me viu. Está andando de um lado para o outro, com as mãos nos bolsos da calça, olhando para o chão. Está nervoso. Meu ex-playboy

dominador e tão seguro de si está nervoso. Fico vendo-o sentar, apertar as mãos, brincar com os polegares, antes de se levantar e caminhar de um lado para o outro de novo. Sorrio e, como se sentisse minha presença, ele levanta a cabeça, e recebo o impacto da visão frontal do meu homem deslumbrante em toda a sua glória. Perco a respiração e me seguro ao corrimão para me equilibrar.

Ele arregala os olhos.

– Meu Deus! – ele exclama, sem voz, e não sei o que fazer sob seu olhar. Nossos olhos se encontram, e continuo descendo os degraus. Eu poderia descer até ele, mas minhas pernas idiotas congelaram no lugar, e não há incentivo mental que as convença a se mover. Talvez ele tenha que me carregar escada abaixo.

Jesse sobe os degraus que faltam sem tirar os olhos dos meus e, quando me alcança, ele estende a mão e sorri. Respiro fundo, seguro a barra do vestido e tomo a mão dele, deixando que me conduza até o pé da escada, as pernas mais firmes agora que tenho o seu apoio.

Quando chegamos ao andar de baixo, ele para e vira para mim, correndo os olhos pelo meu corpo envolto em renda. Anda ao meu redor e para às minhas costas. Fecho os olhos e rezo para não ter cometido um erro colossal com a escolha ousada de um decote profundo. Ouço um sobressalto e logo em seguida seus dedos tocam minha nuca. Ele desenha uma linha reta pela minha coluna, fazendo minha pele nua se arrepiar, e para na base da espinha. Depois sinto o inegável calor de sua boca, com um beijo no meio das costas. Relaxo fisicamente sob a maciez de seus lábios.

Ele fica de frente para mim, e nossos olhos se encontram.

– Eu não consigo respirar – ele murmura, me envolvendo pela cintura e me puxando para si. Jesse me beija com doçura, como seu eu tivesse me tornado a renda delicada que me veste.

O incômodo e o nervosismo desapareceram. Agora só tenho que me preocupar com a fila interminável de mulheres que vão se jogar aos pés dele. Ele insinua o quadril no meu ventre, evidenciando a ereção clara e presente. Ele não me faria tirar a roupa – não agora, faria?

– Gostei *muito* do seu vestido – ele diz, com um sorriso. – Você não experimentou esse. Eu teria me lembrando desse vestido. – Ele olha para a peça, embevecido.

– Sempre de renda – repito as palavras dele, e seus olhos voltam para os meus.

– Você escolheu esse vestido para mim?

Faço que sim com a cabeça, e ele se afasta um pouco e põe a mão no bolso da calça. Jesse morde o lábio inferior, e as engrenagens aceleram, enquanto também assente, como quem acaba de desvendar um segredo... com aprovação.

Seus olhos vão dos meus pés aos meus olhos.

– Como eu escolhi isto para você? – ele tira a mão do bolso e vejo uma delicada corrente de platina em seu dedo.

Quase engasgo com minha própria língua quando meus olhos examinam a joia. Eu a vi em um gabinete de vidro, ao passar no departamento de joias com Zoe hoje de manhã. Ela me mostrou o colar, e fiquei enfeitiçada na hora. Exposta sozinha, com suas camadas de platina interligadas que terminam em um pingente de diamante enorme de corte quadrado. Quase tive uma parada cardíaca quando vi a placa que anunciava o preço.

Meus olhos pulam para os dele.

– Jesse, esse colar custa sessenta mil libras! – disparo. Nunca vou esquecer. Contei os zeros várias vezes.

De repente começo a me sentir febril, e meu olhar se alterna entre Jesse e o diamante que balança, pendurado em seu dedo. Ele sorri, se aproxima atrás de mim, e afasta meu cabelo, desnudando minha nuca. Meu coração bate loucamente quando Jesse coloca o colar diante de mim e o posiciona no meu peito. Sinto-o como um fardo pesado. Começo a tremer.

Suas mãos tocam minhas costas, e ele prende o fecho. Depois segura meus ombros e beija minha nuca.

– Gosta? – ele sussurra ao meu ouvido.

– Você sabe que sim, mas... – Toco o diamante e imediatamente tenho vontade de correr e pegar uma flanela e tirar minha impressão digital dele. – Foi a Zoe que contou? – Estou passando mal. Sei que ela trabalha com vendas, mas dizer a Jesse que fiquei encantada com um colar de diamante obscenamente caro foi querer tirar vantagem. Sessenta mil? Socorro!

– Não, fui eu que pedi a Zoe para mostrar para *você*. – Ele me gira nos braços e passa os dedos pelo colar e até o centro do meu peito. – Sua beleza é impressionante. – Ele me beija suavemente nos lábios.

Ele pediu a ela? Dou uma risada nervosa.

– Está falando comigo ou com o diamante?

– Tudo se resume a você – ele diz, com a sobrancelha levantada. – E vai ser sempre assim.

Paro de rir no mesmo momento.

– Jesse, e se eu perder, e se... – Seus lábios me silenciam.

– Ava, fique quieta. – Ele recoloca meus cabelos para trás dos ombros. – Está no seguro e é um presente meu. Se você não o usar, vou ficar louco de raiva. Entendeu?

Seu tom sugere que eu não discuta sobre isso, mas estou embasbacada e muito mais nervosa que antes.

Respiro fundo e toco o peito dele com as duas mãos.

– Não sei o que dizer. – Minha voz sai trêmula, o que combina com o estado do meu corpo.

– Você pode dizer que adorou. – Ele sorri de leve. – Você pode dizer “obrigado”.

– Eu amei. Obrigada. – Fico na ponta dos pés e o beijo.

– Não há de quê, querida. Mesmo. Mas ele não é tão bonito quanto você. Nada é. – Ele tira as minhas mãos do peito. – Meu trabalho aqui está feito. Vamos, você

fez seu deus se atrasar. – Ele me leva até a porta da frente e desliga o som, antes de pegar as chaves e nos conduzir ao elevador. Percebo que o espelho foi substituído.

As portas se abrem, entramos, e eu o observo digitar o código e depois se afastar. Ele me olha e dá uma piscadela.

– A sua beleza é impressionante – repito pensativa, passando o polegar nos lábios dele, para tirar os resíduos do meu batom. – E você é todo meu.

Ele pega a minha mão e beija a ponta do meu dedo.

– Só seu, Ava.

Ao passarmos pelo foyer do Lusso, Clive nos olha e fica de boca aberta. Jesse me abraça com força, e sei que é um sinal de como vai ser a festa, o que é ótimo, porque não planejo sair do lado dele a noite toda.

Ele me ajuda a entrar no DBS, e vamos para o Solar à toda velocidade. Eu o fiz se atrasar para a sua própria festa de aniversário, mas não parece ser um incômodo. Ele me olha de vez em quando e sorri quando nossos olhares se encontram.

Descanso a mão em sua coxa firme e relaxo totalmente quando ele coloca a mão por cima da minha, me fazendo uma carícia reconfortante. Eu o amo tanto nesse momento e, de repente, estou animada para essa noite pela primeira vez. O Jesse divertido vai sair para brincar hoje, e é nesses lampejos que consigo ver a personalidade calma de que todos me falam, mas é óbvio que só é assim quando as coisas saem do jeito dele, quando faço o que ele pede, e ele consegue o que quer. Mas, se ele está assim, eu sou mais feliz e contente. Estou no meu elemento, no Sétimo Céu de Jesse.

Não me surpreendo ao ver John nos degraus de entrada do Solar assim que paramos o carro. Jesse abre a porta para mim, e vamos juntos para a entrada, onde John dá instruções para uns doze homens com uniforme de manobrista. Jesse joga a chave do carro para John, que as passa para um dos rapazes, com ordens expressas de só mover o Aston Martin se absolutamente necessário.

Aceno para John, e ele abre um sorriso largo ao passarmos, mostrando o dente de ouro. Está vestindo seu terno preto habitual, exceto por uma camisa branca e gravata-borboleta no lugar da camisa preta. Os óculos estão a postos, e ele exala estilo.

– Ai está você! – A voz de Sarah, em pânico, é a primeira coisa que ataca meus ouvidos ao entrarmos no Solar. Ela vem correndo até nós, com um vestido de cetim vermelho tão justo que pode ser considerado uma segunda pele e a faz caminhar com passadas curtas. Não deve ter sido fácil entrar nele. Se havia alguma dúvida quanto ao status de seus seios, foi totalmente erradicada. Estão sustentados e tão projetados para cima em um decote tomara que caia que, se Sarah abaixar a cabeça, com certeza consegue beijá-los.

Ela para de repente e me olha com interesse, seus olhos subindo e parando no meu pescoço, o que não é surpresa, já que é impossível ignorá-lo, mas não se encanta com a beleza. Está pensando em quem pode ter me dado a joia e, a

julgar pela careta em seu rosto cheio de Botox, acertou na mosca. Cubro o diamante instintivamente com a mão, quase como se o estivesse protegendo daqueles olhos. Sarah me encara com rancor e passeia os olhos pelo meu corpo coberto em renda. Endireito os ombros e abro um sorriso doce.

– Eu estou aqui – Jesse resmunga e me leva para dentro. Entramos no bar e vemos Mario também dando orientações para a equipe do bar. O espaço triplicou de tamanho, e percebo que as portas que separam o bar e o restaurante foram abertas, e mesas de bar e bancos altos foram espalhados pelo ambiente.

– Aqui. Sente-se. – Ele me levanta e me senta em um dos bancos ao lado do bar e chama Mario antes de sentar de frente para mim.

Sarah aponta para uma folha de papel que tem na mão.

– Podemos falar sobre...

– Sarah, me dê um minuto – Jesse a interrompe, sem tirar os olhos de mim. Eu poderia beijá-lo por isso. – O que quer beber?

Posso sentir o gelo emanando de Sarah enquanto fica plantada esperando Jesse cuidar de mim, antes de dar a atenção que ela quer. Talvez eu demore um pouco para decidir. Posso beber álcool? Jesse disse que posso beber se estiver por perto.

Mario aparece, muito elegante de fraque branco e gravata-borboleta, os cabelos penteados precisamente para o lado e o bigode aparado. Ele sorri, e me lembro do coquetel estupendo que preparou para mim mais cedo.

– Quero o “Mais Maravilhoso do Mario”, por favor. – Sorrio para ele.

Mario ri alto.

– Sim! – E começa a mexer no bar. – Sr. Ward?

– Apenas água, por favor, Mario – Jesse responde, inclinando-se para me beijar. Sinto os olhos de Sarah me perfurando, então, claro, deixo Jesse fazer o que quiser. Não que eu precise da presença de Sarah para isso. Ele faz o que quer comigo quando quer e onde quer.

– Sloe gin, Mario – ela pede, petulante, e começa a bufar enquanto Jesse me beija. Ele não tem mesmo a menor consideração por essa mulher, e me sinto ainda mais confortável com isso. Ela não é uma ameaça, de jeito nenhum.

– Jesse, eu realmente preciso de você no escritório – ela pressiona.

Ele rosna, e me sinto muito inclinada a colocá-la em seu devido lugar.

– Sarah, por favor! – ele esbraveja, levantando diante de mim. – Ava, quer ficar aqui ou gostaria de vir comigo?

Não estou olhando para ela, mas sei que está revirando os olhos. Mesmo que eu adore a ideia de atormentá-la um pouco mais, posso me contentar em ficar aqui com Mario e beber o “Mais Maravilhoso”.

– Estou bem aqui. Pode ir.

Ele pega a água e me dá um beijo na testa.

– Volto já. – Jesse se afasta, obrigando Sarah a quase correr com seus saltos altíssimos para acompanhá-lo, mas não antes de se debruçar sobre mim para alcançar seu drinque no bar, com um rosnado. Eu a ignoro e pego meu coquetel, que Mario serve, sorridente.

– Obrigada, Mario. – Retribuo o sorriso e bebo um gole, suspirando de gratidão.

– Srta. Ava, posso dizer o quanto está magnífica esta noite? – Ele sorri com afeto e eu ruborizo de leve.

– Mario, posso dizer quão diabolicamente charmoso você está hoje à noite? – Ofereço um brinde ao italiano, por quem já me afeiçoei.

Ele bate no balcão, dando uma gargalhada, e então seus olhos recaem sobre o diamante pendurado no meu pescoço, antes de voltar os olhos para o meu rosto e erguer a sobrancelha.

– Ele ama muito a senhorita, não ama?

Dou de ombros, tímida, desconfortável com o meu amigo italiano. Não quero que todos pensem o inevitável, como Sarah.

– É só um colar, Mario. – Um colar de sessenta mil libras, sim, mas ninguém precisa saber disso. Eu o toco mais uma vez. Preciso ficar conferindo se está lá, embora consiga sentir o peso perfeitamente.

– Vejo que a senhorita também ama muito o sr. Ward. – Ele sorri e enche meu copo. – Isso me deixa feliz.

Ele se distrai com o barulho de um copo se quebrando e vai ver o que aconteceu, agitando os braços e xingando em italiano.

Eu observo, contente, os funcionários que preparam o local para a noite. Champanhe é servida em taças, o bar é lustrado sem parar, e Mario grita instruções, apontando para todos os lados para orientar a equipe. O italianinho é um perfeccionista e quer tudo a seu gosto. A sala enorme está arrumada de maneira suntuosa, tudo organizado precisamente e com a maior atenção aos detalhes. Os lustres baixos iluminam de maneira difusa, emanando uma luz amarelo-rosada – e as palavras *sensual* e *revigorante* me vêm à mente no mesmo instante, palavras que já ouvi antes.

Pete surge com uma bandeja de canapés.

– Ava, você está fantástica. – Ele me oferece a bandeja. – Aceita um?

Sinto o delicioso aroma de salmão defumado e olho para os pãezinhos enfeitados com toques de cream cheese.

– Ah, Pete. – Levo a mão ao estômago. – Ainda estou satisfeita do almoço. – Não faço ideia de como vou dar conta de um jantar de três pratos. Vou explodir nesse vestido.

– Ava, você mal tocou no seu almoço. – Ele me olha com desaprovação e se afasta. – Divirta-se.

– Você também – respondo e me sinto uma boba por dizer a um membro da equipe de Jesse para se divertir em uma noite de trabalho árduo. Mas ele tem razão. Mal toquei no meu almoço porque perdi o apetite quando Sarah apareceu, e deve ser por isso que estou sem fome agora.

Viro para o balcão e vejo que meu copo foi preenchido novamente. Procuro Mario com os olhos e o vejo do outro lado reposicionando bancos. Ele nota que estou olhando para ele e abre um sorriso malicioso, e eu aponto o copo para ele e faço uma expressão séria. Ele me ignora e continua arrumando bancos. Tenho

que tomar cuidado. Já bebi dois copos do “Mais Maravilhoso” e nem tenho ideia do que vai nele. Não posso estar cambaleando por aí quando as pessoas comecem a chegar.

– Ava!

Dou um pulo ao ouvir o grito empolgado de Kate surgindo do meu lado.

– Nossa! – Ela para na minha frente, os olhos saltando da cabeça. – Puta merda!

– Eu sei – resmungo. – Também estou petrificada com essa coisa. Devia estar em um cofre. – Começo a mexer nele outra vez. Kate bate na minha mão para poder tocar o diamante.

– Uau! Ele é muito especial. – Ela solta o diamante e se afasta para olhar para mim. – Olhe só para você! Alguém foi mesmo mimada hoje.

Dou risada. Acho que hoje fui mais do que mimada.

– E quanto a você? – Seguro as mãos dela e abro seus braços. – Adorei o vestido. – Eu a faço girar. Kate está fabulosa como sempre, em um vestido verde longo, os cachos ruivos vibrantes presos no alto da cabeça. – Quer uma bebida? Você precisa provar isto aqui. – Pego meu copo do balcão e mostro a ela. – Sente aqui. Onde está Sam?

Ela se senta e revira os olhos.

– Ele não deixou nenhum dos manobristas estacionar seu carro. Acha que são todos imbecis que não sabem lidar com a força de um Carrera – ela ri. – E onde está Jesse?

Meu sorriso desaparece.

– Sarah o levou para algum lugar. – Olho para o relógio e vejo que já faz uma hora. – Mas, mudando de assunto, não pude deixar de notar um certo Carrera, com uma certa ruiva dentro, estacionando no Solar ontem à noite – solto casualmente enquanto bebo um gole, olhando em sua direção por cima da borda do copo.

Minha esprevidada amiga ruiva me olha feio.

– Sim, Ava. Você já me falou isso – ela diz, rude. – Peça um drinque para mim.

Eu balanço a cabeça, mas não insisto.

– Mario? – eu o chamo, e ele acena, vindo até nós. – Esta é minha amiga Kate. Kate, este é o Mario.

– Sim, já nos conhecemos. – Kate sorri para Mario.

– Como vai você esta noite, Kate? – Mario oferece mais um de seus sorrisos amáveis e calorosos.

– Vou ficar melhor quando você me der um desses aqui. – Ela aponta para minha bebida, e Mario ri antes de ir pegar um copo e a jarra do “Mais Maravilhoso”.

É claro que já se conheceram. Mas quantas vezes já se viram? Ele volta com a jarra, e cubro meu copo com a mão quando ele tenta enchê-lo outra vez, lançando um olhar brincalhão de advertência. Ele dá de ombros, murmurando algo em italiano e tentando esconder um sorriso, claramente procurando parecer

ofendido.

– Cadê o amor?

Ambas nos viramos e vemos Sam de pé, com as pernas abertas e os braços estendidos, na entrada do bar. Está muito bem-vestido, em comparação com o jeans e camiseta de sempre. Ele ajeita o paletó e vem valsando até o bar, confiante, pedindo uma cerveja com um grito enquanto se aproxima. Ele pode estar bem-vestido, mas seus cabelos continuam uma massa castanha ondulada, seu sorriso atrevido e a covinha sempre presentes.

– Senhoritas! Posso dizer o quanto as duas estão sensacionais nesta noite agradável? – Ele beija a minha bochecha e reserva para Kate um beijo dramático e estabanado. Ela a afasta, rindo. – Onde está o meu homem?

Tenho vontade de corrigi-lo e dizer que Jesse é, na verdade, o meu homem, mas não quero soar mal-educada.

– Está no escritório – respondo, bebendo mais um gole do meu coquetel. Estou indo devagar, mas essa coisa é deliciosa e desce muito bem.

Uma hora mais tarde, o bar está lotado, e Jesse ainda não voltou. A banda toca um jazz delicado ao fundo, e o barulho das conversas enche o ar. Os homens estão muito bem-vestidos em smokings e ternos, e as mulheres estão incríveis, com vestidos curtos e longos. Não sou ignorante a ponto de não saber que sou o tema da conversa de alguns grupos, especialmente de mulheres, que não conseguem esconder o interesse. O mais incômodo, no entanto, é o fato de minha mente curiosa e irracional querer saber com quais delas Jesse já dormiu. É um pensamento deprimente, mas do qual talvez nunca consiga me livrar.

Bebo com cautela meu terceiro copo de “Mais Maravilhoso”. Drew também já chegou e não está diferente do normal, alinhado e meticuloso. Solto a respiração e relaxo quando sinto duas mãos grandes pousando nos meus quadris e a essência inebriante de água fresca e menta invadindo meu nariz.

Ele encosta o queixo no meu ombro.

– Eu negligencieei você.

Viro a cabeça para olhar para ele.

– Sim. Onde esteve?

– Não consegui dar dois passos sem alguém me parar para falar comigo. Agora sou todo seu. Prometo. – Ele pressiona o peito contra minhas costas para cumprimentar os rapazes e se inclina a fim de beijar o rosto de Kate. Posso garantir que todos os *alguéns* que não o deixaram voltar eram mulheres. – Estão todos bem? – ele pergunta e acena para Mario trazer água.

– Vamos ficar depois que tirarmos o jantar do caminho – Sam ri e bate a garrafa na de Drew, brindando.

– Às dez e meia – Jesse devolve, tenso. Ele me tira do banco, senta e me coloca no colo, para depois enterrar o rosto no meu pescoço. Sam e Drew trocam olhares contrariados, e Kate se recusa a olhar para mim, aumentando minhas suspeitas e minha preocupação.

– Estou com vontade de deitar você naquele balcão e tirar toda essa renda

bem devagar – ele sussurra ao meu ouvido, roçando a pélvis no meu traseiro. Fico tensa, implorando em silêncio que ele cale a boca antes que eu o obedeça e suba no balcão para ele. – O que há embaixo desse vestido?

– Mais renda – respondo baixo, sorrindo, e ele grunhe no meu ouvido.

– Você está me matando. – Jesse morde minha orelha, fazendo meu corpo todo tremer.

– Você precisa parar – eu o advirto, sem a menor convicção. Levaria uma semana para ele me tirar de dentro desse vestido e depois me colocar de volta nele. Na verdade, provavelmente não levaria tempo nenhum. Ele perderia a paciência e o rasgaria. Nesse caso, eu não o poria de volta.

– Nunca. – A língua dele invade minha orelha, e fecho os olhos, suspirando.

– Ei, vocês dois! – Kate bate no ombro de Jesse, brincando. – Solte-a!

– É, você reprime nossas necessidades sexuais, mas fica aí bolinando a sua garota – Sam reclama.

Jesse lança um olhar de reprovação a Sam.

– Tente me deter. Fecho isso tudo aqui e a levo para casa.

– Você já está passando por cima dos seus amigos, agora. – Dou risada, e todos riem comigo. Sinto Jesse voltar a morder minha nuca, mas o que chama a minha atenção é a presença de uma mulher na entrada do bar, usando um vestido cor de creme. – Quem é aquela? – pergunto.

– Quem é quem? – Ele afasta a cabeça do meu pescoço, e aponto para a mulher. Deve ter uns trinta e poucos, cabelo preto chanel e feições bonitas. Eu não teria prestado atenção se ela não estivesse olhando para nós e não estivesse sozinha.

Ela vem na nossa direção, e sinto Jesse ficar tenso. Sam e Drew ficam em silêncio imediatamente, o que só me deixa mais intrigada. Quem diabos é ela?

Quando chega ao nosso grupo, ela para e mantém os olhos fixos em Jesse. A tensão é palpável, e olho para Kate e a encontro com o cenho franzido. De repente, estou de pé e então sou colocada no banco outra vez, mas sem o colo de Jesse.

– Coral, quer vir ao meu escritório? – Jesse pergunta, suave e gentil demais para o meu gosto. Ela concorda, e vejo seus olhos marejados. – Venha. – Ele se vira para mim com um sorriso constrangido, antes de sair, com a mão na lombar dela, me deixando sem saber que diabos está acontecendo e mentalmente exigindo que ele tire a mão dela.

John faz um meneio de cabeça quando eles passam na entrada do bar e então começa a avisar a todos que o jantar vai ser servido. Um grupo grande começa a caminhar em direção à sala de verão, as mulheres olham curiosas para mim quando passam. Eu as ignoro, estou ocupada demais me perguntando o que Jesse está fazendo com aquela mulher misteriosa.

O silêncio que recaiu sobre o grupo é quebrado por Kate.

– Quem era ela? – Ela me ajuda a descer do meu banco.

Eu olho para Drew e Sam, que negam qualquer conhecimento, mas posso notar, pelo desconforto repentino, que sabem exatamente quem é Coral.

– Não sei. Nunca a vi antes – digo, com o rosto franzido, seguindo a massa de gente que vai para a sala de verão. – Mas Jesse parece conhecê-la – acrescento, seca.

Encontramos nossa mesa, e fico muito aliviada ao ver que vou sentar com Kate, Sam, Drew e John. Fico menos feliz ao notar Sarah se juntando a nós. Outro homem, que ainda não conheço, se une a nós. Ele se apresenta como Niles – um rapaz bonito, com cara de adolescente e cabelos cheios, um tipo que eu não esperaria encontrar no Solar de jeito nenhum. Mas qual é o tipo do Solar?

A sala de verão foi esvaziada dos sofás e das mesas para dar lugar a diversas mesas redondas, para oito a dez pessoas. Tento contá-las, mas me perco na trigésima. O esquema de cores de decoração é preto e dourado. Eu me pergunto se foi acidental.

Velas estão acesas por todos os lados, enfatizando o ingrediente-chave: a sensualidade. A palavra fazia parte das especificações de Jesse para a extensão e, na época, quando eu não tinha ideia das atividades do Solar, foi um pedido estranho. Agora faz todo sentido.

Há uma banda em um dos cantos, mas são quatro homens com saxofones que fazem a trilha sonora do jantar. A cadeira ao meu lado está vazia, e Sarah está empertigada na seguinte. Suponho que tenha organizado os assentos e ficado furiosa quando não teve escolha senão sentar do outro lado de Jesse.

Onde ele está?

Kate pega um sacola estruturada de cetim dourado e a agita no ar para mim. Deve ser uma das sacolas de brindes, e decido nem olhar o conteúdo, decisão que se prova sábia quando Kate enfia o nariz lá dentro e depois fecha a sacola com os olhos azuis arregalados. Sam tenta pegar a sacola dela, mas Kate o afasta mexendo as mãos, e ele resmunga, pegando o equivalente masculino em preto, que está diante do prato. Ele faz a mesma cena que Kate, mas, em vez dos olhos arregalados e da expressão chocada, ele olha para Kate e sorri de orelha a orelha, o que a faz tentar pegar a sacola da mão dele. Sam a empurra de leve.

Vieiras são servidas como entrada, e me distraio das minhas indagações com o prato divino. No Solar se come realmente muito bem.

– Ava, me disseram que você trabalhou no Lusso. – Niles diz, do outro lado da mesa. – Um feito. – Ele sorri, levantando um brinde a mim.

– Foi bom para o meu portfólio – respondo, casualmente.

– Você é modesta – ele ri.

– Ela é boa – Kate intervém. – E está trabalhando a extensão de cima. – Kate aponta o garfo para o teto da sala de verão da maneira menos feminina possível.

– Entendi. Foi assim que conheceu Jesse? – Niles pergunta, um tanto surpreso.

– Foi – confirmo com educação, mas não explico mais nada. Não me sinto confortável falando sobre mim e Jesse, especialmente com Sarah e seu rosto de pedra tão próximos. E a pergunta de Niles me lembra de que Jesse não está aqui. – O que você faz? – pergunto, para tirar Jesse do assunto e em nome de minha mente curiosa.

Ele pousa o garfo e limpa a boca no guardanapo.

– Forneço os suprimentos a Jesse – ele responde, com um sorriso.

Paro antes de fazer a pergunta mais estúpida do mundo. Ele não fornece bebidas nem comida para o Solar. Não, Niles fornece outros itens essenciais – essenciais para os andares superiores da casa. Demonstro minha compreensão com um meneio de cabeça, sem querer me aprofundar na conversa.

Sarah aproveita a pausa e pergunta a Niles como foi a viagem recente a Amsterdã. Fico grata, ainda que também prefira desviar a atenção do rumo que *essa* conversa deve tomar.

Olho para Kate, que primeiro me encara com uma careta e depois aponta para Sarah com um gesto que imita os seios grandes e rindo. Tento não rir, mas não consigo evitar que os cantos de minha boca se curvem diante da grosseria da minha amiga. Ela não se deixa afetar por nada. Eu a amo.

Termino meu “Mais Maravilhoso” e aceito a taça de vinho branco que o garçom me oferece, bebendo um gole imediatamente e rindo quando Drew tenta enfiar o garfo em sua última vieira, e ela voa para o meio da mesa. Ele fica nervoso com a comida escorregadia e tenta pegá-la de volta com o garfo, praguejando, mau-humorado, até finalmente desistir e pegá-la com a mão. Ele a joga no prato, contrariado. Depois olha ao redor da mesa e percebe que, à exceção de Sarah, todos estão se divertindo com a performance. Ele se rende, fica de pé e agradece com uma reverência, como um ator, recuperando seus modos refinados. Sua atitude divertida e leve está muito distante do Drew reservado que conheço.

As entradas logo são retiradas da mesa e substituídas por salmão e uma variedade de vegetais coloridos. Fico agradecida pelo jantar ser relativamente leve. Eu não conseguiria digerir muita coisa com Sarah sentada ao meu lado. Ela não me dirigiu a palavra durante o jantar e não perguntou onde está Jesse, então deduzo que ela saiba. Ela pede ao garçom para retirar a entrada intocada dele e o instrui para não trazer o prato principal por ora. Se Kate não estivesse aqui, eu estaria de péssimo humor nesse momento.

– Você não trouxe a Victoria? – Kate lança a pergunta para Drew, que rebate sem o menor choque ou surpresa.

– Ela é legal, mas dá muito trabalho. – Ele bebe um gole de vinho e reclina na cadeira. – Eu estou feliz com a minha situação no momento. – Drew levanta a taça, e todos se unem a ele, incluindo eu, embora não esteja feliz com a situação nesse exato momento. – Fora que ela não me deixava encostar nele com as luzes acesas.

Quase cuspo meu vinho na mesa e então começo a rir – muito.

Kate joga um guardanapo para mim, e eu o pego, enxugando o vinho que quase escorre pelo meu queixo, ainda rindo.

Drew olha para mim e depois para Kate, com um sorriso ameaçando surgir nos cantos da boca.

– Para o que eu tinha em mente, você precisa ver o que está fazendo.

– Pare! – grito, tentando desesperadamente controlar as gargalhadas. Viro para Sarah e sou recebida com um olhar enojado. Resisto à tentação de enfiar a cara dela no salmão.

Endireito as costas – assim como Sarah – quando vejo Jesse e a mulher misteriosa surgindo no corredor do escritório dele. John deve ter notado a reação repentina, porque se levanta da mesa e vai até lá. Eles trocam algumas palavras em voz baixa, e John assume a tarefa de conduzir a mulher para fora da sala de verão.

Jesse olha em volta no salão até encontrar meus olhos e então vem a mim. Ele é parado várias vezes por homens e mulheres quando passa pelas mesas, mas não se detém em longas conversas. Ele aperta a mão dos homens e se inclina para beijar as mulheres, sorrindo com educação, antes de olhar para mim outra vez. Finalmente, ele chega à mesa e se senta, tocando meu joelho sob a mesa. Sam o cumprimenta e serve água na taça de vinho de Jesse. Kate me olha com o cenho franzido, e Sarah para de conversar com Niles imediatamente por causa de Jesse.

Ele vira para mim com um olhar muito arrependido.

– Você me perdoa?

– Quem era ela? – pergunto, em voz baixa.

– Ninguém com quem você precise se preocupar. – Ele olha para meu prato quase vazio. – Como está a comida?

Ninguém com quem eu precise me preocupar? Bem, isso só me deixa mais preocupada.

– Está boa. Você devia comer – respondo, seca, procurando um garçom, mas parece que eu não fui rápida o bastante. Sarah já cuidou disso. Um prato de salmão aterrissa diante de Jesse, que começa a comer na hora, mantendo uma mão firme em meu joelho, cortando a comida e comendo com a outra. Quando John volta e dá seu conhecido meneio de cabeça para Jesse, olho para ele com curiosidade, um gesto que Jesse nota e interrompe se inclinando para me dar um beijo apaixonado. Retribuo só até certo ponto, totalmente consciente de que ele está apenas tentando me distrair outra vez.

Ele se afasta, me olhando desconfiado.

– Está escondendo o jogo?

– Você está? – devolvo.

– Ei! – ele vocifera, em voz alta demais, considerando a proximidade de nossos acompanhantes. – Com quem acha que está falando? – ele pergunta, com um olhar de reprovação, apertando meu joelho um pouco mais forte.

Balanço a cabeça.

– Vamos ver qual seria a sua reação se um homem misterioso me tirasse de você por mais de uma hora. – Olho nos olhos dele, mas vejo o sorriso malicioso de Sarah por trás de Jesse. Ela que se dane. Não estou com a menor paciência para ela.

O olhar de Jesse se suaviza, sua mandíbula tensa se acalma um pouco, e ele diminui a pressão no meu joelho e sobe a mão pela minha coxa. Fico tensa. Ele sabe o que está fazendo.

– Ava, por favor, não diga coisas que vão me deixar louco de raiva. – Sua voz está mais suave, mas ainda detecto um pouco de fúria em seu tom. – Eu disse

para não se preocupar, então não precisa se preocupar. Ponto-final.

Viro para a mesa, ignorando seu toque através do vestido. O sentimento de posse me queima por dentro. Estou ficando tão ciumenta quanto ele, e essa conversa não vai nos levar a lugar algum – não aqui e agora, de todo jeito.



Depois que a sobremesa e o café são servidos, e minhas bochechas doem de tanto rir com as brincadeiras de Sam e Kate à mesa, John se levanta e anuncia, com a voz retumbante de sempre, que todos deixem o salão, que vai ser preparado para o resto da noite.

Jesse se levanta e puxa minha cadeira, fazendo questão de me cobrir de atenção, que dispenso, petulante. Ele me impede de me afastar da mesa ao segurar meu cotovelo e me girar, colocando-nos frente a frente.

Ele me perfura com seus olhos verdes cheios de desgosto.

– Você vai continuar a se comportar como uma menina mimada pelo resto da noite ou vou ter que levar você lá para cima e colocar com sexo um pouco de bom senso nessa sua cabeça?

Eu me encolho diante da animosidade, e ele olha para alguém atrás de mim e sorri. Logo em seguida, volta os olhos para os meus, e o sorriso desaparece instantaneamente. Jesse então segura meu traseiro com firmeza e me puxa de encontro ao seu sexo, roçando o quadril em movimentos circulares em mim, lento e decidido. Amaldiçoou meu corpo traidor por reagir ao estímulo, e minhas mãos por irem direto aos seus ombros.

Ele se inclina e diz ao meu ouvido.

– Está sentindo isso? – Ele roça em mim com vontade, outra vez.

Perco a batalha de suprimir um gemido de prazer. Não quero ficar excitada aqui, porque não vou deixar, de jeito nenhum, ele fazer sexo comigo nesse lugar. Nunca.

– Responda, Ava. – Ele morde o lóbulo da minha orelha e raspa os dentes por ela. Minhas mãos apertam seus ombros.

– Estou sentindo. – Minha voz é baixa e entrecortada.

– Que bom. É seu. Todo seu. – Ele empurra a pélvis com mais força contra mim. – Então pare com o mau humor. Entendeu?

– Sim. – Solto a respiração no ombro dele.

Ele me solta e se afasta, levantando as sobrancelhas para mim, cheio de expectativa, e faço que sim com a cabeça, tentando me recompor. Será que ele sempre vai ter essa influência sobre mim? Estou tremendo e pensando seriamente em rever meu juramento de nunca fazer sexo no Solar. Eu poderia arrastá-lo com tranquilidade para uma das suítes privadas do andar de cima e deixar que ele me coma inteira.

Olho para além dele e me deparo com o olhar de víbora de Sarah. Em uma patética demonstração de propriedade, encosto no peito de Jesse e lanço um

olhar arrependido.

Ele balança a cabeça, satisfeito, e se inclina para me beijar.

– Assim é melhor – ele diz, com a boca na minha. Ele vira e me leva para fora da sala de verão. – Estou tendo dificuldade de lidar com todos os olhares admirados que você está atraindo – ele diz, pousando a mão com firmeza na minha lombar.

Solto um riso de deboche.

– Você está atraindo atenção suficiente sozinho – comento, ao mesmo tempo que passamos por uma morena bastante atraente.

Ela sorri abertamente para Jesse e acaricia o braço dele.

– Jesse, você está delicioso como sempre.

Não consigo evitar um ataque de riso. Além da ousadia, fico muito ofendida por ela achar que vou vê-la flertando descaradamente com ele, sem dizer uma palavra. Estou prestes a parar e colocá-la em seu devido lugar, mas Jesse me puxa, impedindo-me de levar a cabo meu desejo de confrontar a vagabunda.

– Natasha, você continua a mesma sedutora de sempre – Jesse responde com ironia, passando o braço pelos meus ombros e me dando um beijo casto, obviamente percebendo minha irritação. Ela dá um sorriso maldoso e estreita os olhos para mim.

Ele fez sexo com ela também? Meu sentimento de posse recém-descoberto queima como uma brasa eterna dentro de mim. Não acho que eu vá passar muito tempo aqui, se essa é a resposta que vou receber sempre que vier. Não que eu queira estar aqui em especial, mas, sendo o local de trabalho de Jesse, seria útil se eu conseguisse me sentir em casa no Solar, em vez de achar que estou pisando no pé de um milhão de mulheres bonitas. E esse é outro ponto a ser considerado. Jesse só permite que mulheres nota oito ou acima na escala de beleza se tornem membros? A aposentadoria parece cada dia mais plausível. Quero grudar em Jesse para poder arrancar essas mulheres de cima dele.

Quando entramos no bar, vemos que o banco em que sempre me sento está ocupado por um homem. Ele levanta rapidamente quando nos vê chegar, erguendo o copo como cumprimento. Jesse me pega no colo, me senta, e Mario aparece sem demora, deixando que o resto da equipe sirva os demais membros do Solar.

– O que quer beber? – Jesse senta em um banco em frente ao meu e entrelaça a mão na minha. – “Mais Maravilhoso”? – Ele levanta as sobrancelhas.

Eu me dirijo a Mario, que aguarda minha resposta.

– Por favor, Mario – digo, e ele me oferece um de seus sorrisos ternos, mas parece mais atarantado do que antes. Não me surpreende; ele passou a noite toda correndo.

– Quero um desses. – Kate se aproxima de nós e se apoia nos ombros de Jesse, buscando alívio. – Esses sapatos estão me matando! – ela exclama, com uma expressão de dor no rosto pálido. – É sério. Um homem inventou os saltos altos com a intenção de nos derrubar no chão e nos carregar para a cama com mais facilidade.

Jesse joga a cabeça para trás e gargalha com vontade. Sam e Drew se juntam a nós.

– O que foi? – Sam pergunta quando vê Jesse rindo alto. Ele olha para mim e Kate, e trocamos uma risada. Kate dá um tapinha afetuoso no ombro de Jesse. Eu também me divirto, assim como Jesse, com o comentário sarcástico. Quando ele ri assim, linhas finas aparecem ao redor de seus olhos, em direção às suas têmporas. Ele fica tão lindo.

– Desculpem. Bebidas? – ele pergunta, controlando o riso e piscando para mim.

Eu praticamente molho o assento, mandando uma mensagem telepática para que ele me leve para casa agora mesmo. Volto a tomar sol no Sétimo Céu de Jesse.

Drew e Sam gritam seus pedidos para Mario, mas ele já está a caminho da geladeira para pegar as cervejas. Pego nossos coquetéis e passo um deles para Kate, que faz um sinal com a cabeça para além do meu ombro. Olho confusa, e ela repete o gesto. Dessa vez entendo o que quer. Eu me inclino sobre Jesse, que interrompe a conversa com os amigos e vira para mim na mesma hora.

– O que foi, Ava? – Ele parece preocupado.

– Nada, só vou ao banheiro. – Desço do banco e pego minha bolsa no balcão. – Não demoro.

– Está bem. – Ele beija minha mão.

Eu me afasto deles e me junto a Kate.

– Preciso de um cigarro – ela diz, com urgência.

– Verdade? Achei que você quisesse me levar lá para cima – brinco enquanto saímos. – Vou ao banheiro rápido e encontro você lá fora.

– Na entrada – ela diz, em voz alta, seguindo para o hall de entrada, enquanto vou para o lado oposto, rumo ao banheiro feminino.

Encontro o local vazio e entro em um dos cubículos, antes de levantar meu vestido até a cintura. Não fico sozinha por muito tempo. Ouço a porta se abrir e vozes conversando animadamente.

– Vocês viram? Ela é jovem demais para o nosso Jesse.

Eu paro no meio do xixi e prendo a respiração. Nosso Jesse? O quê? Elas o dividiam? Solto o corpo sobre o vaso e dou vazão à bexiga. Agora que comecei, não consigo parar.

– Ele fica em cima dela. Que merda, vocês viram o diamante no pescoço dela? – fofoca a voz número dois.

– Não dá para não ver. É óbvio o que ela quer com ele – a voz número três acrescenta.

Quantas mulheres estão aí fora? Termino e começo a abaixar meu vestido, enquanto considero o que fazer. O que tenho vontade de fazer é sair e colocar a situação do dinheiro em pratos limpos.

– Ah, qual é, Natasha, Jesse é mais do que um deus. O dinheiro é só um bônus – diz a voz número dois, e agora eu sei que a voz número três é de Natasha, a sedutora incorrigível. E ele é o *meu* deus!

– Bem, parece que fizemos todo esse esforço por nada. Eu já tinha ouvido comentários, mas não acreditei até que vi com meus próprios olhos. Parece que nosso Jesse foi tirado de nós – ri a voz número um.

Eu fico ali no cubículo desejando que as três vão embora para eu poder escapar, mas posso ouvi-las juntando os lábios depois de passar batom e o barulho do spray de perfume.

– É uma pena. Ele é o melhor homem que já tive, e agora eu nunca mais vou tê-lo de novo – a voz número três, também conhecida como Natasha, lamenta.

O sangue sobe à minha cabeça. Jesse fez sexo com ela. Olho para o teto, tentando pensar em algo para me acalmar, mas é impossível, especialmente tendo três vagabundas aí fora se divertindo com fofocas sobre as habilidades sexuais do meu deus.

– Ah, eu também – a voz número um diz, e meu queixo cai no chão, esperando que a voz número três diga algo que deixe claro que ele já rodou a banca.

– Bem, não sei quanto a vocês, mas ele é bom demais para eu deixar de tentar – a voz número dois dá a apunhalada final.

Não aguento mais ouvir isso. Dou a descarga, silenciando as três e me certifico de que meu vestido não está preso no corpete antes de abrir a porta e sair despreocupadamente do cubículo. Dou um sorriso educado para as três, todas com algum tipo de maquiagem nas mãos, em frente ao rosto. Elas observam desconcertadas meu trajeto até o espelho do outro lado do banheiro. Lavo e enxugo minhas mãos com calma, depois reaplico meu gloss, tudo em completo silêncio e sob o olhar atento das três abusadas. Passo por elas com elegância e saio do banheiro sem abrir a boca, com a dignidade intacta.

Meu coração dá saltos, e minhas pernas tremem, mas chego ao hall de entrada ainda de pé. Aquilo foi horrível. Ouvir aquelas três falando sobre Jesse daquele modo me deixou mais triste do que zangada. Ele realmente já andou por aí... por todos os lados... com muitas mulheres. Acho que também preciso de um cigarro.

Percebo que solto um gemido alto quando Sarah aparece na porta de entrada do restaurante. Ela esperou por esse momento a noite toda e, depois do que acabei de presenciar, estou ainda menos tolerante com ela que o normal. Estou frente a frente com a quarta mulher, em questão de minutos – não, provavelmente segundos –, com quem Jesse transou. Estou com o estômago embrulhado, passando mal e sem a menor paciência para Sarah e seu veneno.

– Sarah, você fez um excelente trabalho esta noite – digo, cortês. Opto por ser a primeira a dirigir amabilidades, para não haver engano sobre minha tentativa de manter as coisas em nível civilizado, ainda que isso exija cada miligrama de força que possuo.

Ela passa um dos braços por baixo do peito, empinando os seios ainda mais, ao mesmo tempo que equilibra seu Sloe gin diante da boca. Sua linguagem corporal exala superioridade.

– Pegou sua sacola de brindes na mesa? – ela pergunta, sorrindo.

Isso me pega de surpresa. Pensei que já tínhamos ultrapassado a fase da

cordialidade quando Jesse não está presente.

– Não, não peguei – respondo, cautelosa. Depois de ver o rosto de Kate ao abrir a sacola, eu não quis.

O sorriso dela se abre mais.

– Oh, que pena. Tinha algo lá dentro que talvez você achasse útil.

– Como o quê? – não escondo a curiosidade na voz. Qual é o jogo dela?

– O vibrador. Notei que o seu ficou em pedacinhos no chão do quarto de Jesse.

– Perdão? – disparo, rindo.

Ela sorri com escárnio, e tenho medo das palavras que sei que ela vai dizer.

– Sim, eu o salvei na quarta-feira pela manhã, quando você o deixou algemado na cama. – Ela balança a cabeça. – Foi uma manobra bem idiota.

Meu estômago vai parar no pé, enquanto vejo Sarah observar a minha reação ao que acaba de me informar. Jesse ligou para Sarah? Quando estava completamente nu, algemado à cabeceira da cama e com um vibrador, Jesse escolheu Sarah para ir libertá-lo?

Imaginei que John o tivesse libertado. Por que pensei isso? Não consigo nem me lembrar direito daquele dia. No momento, estou com os olhos nessa criatura desprezível à minha frente, que se delicia com a minha desgraça. Eu vou matar Jesse, mas, antes, vou arrancar o sorriso peçonhento do rosto coberto de Botox dessa mulher.

– Já ouviu falar em fita dupla face para os seios, Sarah? – pergunto, com frieza. Seu queixo cai, e seus olhos baixam para o próprio busto. Caminho até ela. Ah, agora ela vai ouvir!

– Como é? – ela ri.

– Fita adesiva. É bastante conhecida para manter os seios no lugar dentro do vestido, ou... – eu balanço a cabeça. – Claro, você assalta os olhos das pessoas com seus seios hiperinflados de propósito. – Paro na frente dela. – Menos é mais, Sarah. Já ouviu essa frase? Seria bom se lembrar dela, especialmente na sua idade.

– Ava?

Não!

Eu me viro e encontro Jesse ali parado, com a ruga de expressão a postos. É bom mesmo que ele esteja apreensivo. Em seguida ouço os saltos de Sarah se retirando, ruidosos, em direção ao restaurante. Sim, ela jogou a bomba e se mandou para evitar ser pega pelo turbilhão.

– O que está acontecendo? – ele pergunta, seu rosto perfeito cheio de confusão e preocupação.

Nem sei o que dizer. Olho em volta do hall de entrada do Solar e vejo muitos membros subindo para o andar de cima. Já deve ter passado das dez e meia.

– Ava?

Encaro Jesse, que caminha na minha direção, mas recua, e ele para.

– Estou indo embora. – Meu tom é decidido. Não posso ficar aqui ouvindo mulheres fofocando sobre seus encontros sexuais com Jesse e julgando o motivo por que estou com ele. Também não vou assistir a ele sair de perto de mim com

outra mulher sem a menor explicação. E com certeza não vou aceitar ser humilhada por Sarah. Dou meia-volta e sigo rápido para as grandes portas que vão me tirar desse inferno, com o coração aos pulos e os olhos cheios de lágrimas de frustração.

– Ava! – ouço-o gritar, logo antes do barulho claro de suas pegadas no chão, vindo atrás de mim.

Não tenho a menor ideia do que fazer quando chegar lá fora. Sei que ele vai me alcançar e não me deixar ir embora. Vou roubar um carro. Não me importa estar muito além do limite permitido de álcool no sangue. Não posso mais me sujeitar a essa tortura. Isso tudo está acabando com a minha razão, me tornando um monstro, ciumento e ressentido. Eu não devia ter vindo.

– Ava, volte aqui!

Chego aos degraus e trombo com Kate.

– Onde é que você esteve? – ela pergunta, os olhos saltando quando vê Jesse me seguir.

– Vou embora – respondo rápido, levantando o vestido, pronta para descer os degraus. Ela apenas me observa passar com estranhamento estampado naquele rosto claro. Desço a escada muito rápido e dou de cara com o peito sólido dele, coberto pelo traje formal. Aquele peito! Ele me levanta nos braços e me joga no ombro, sem o menor esforço.

– Você não vai a porra de lugar nenhum, Ava! – ele rosna e sobe os degraus que levam de volta ao Solar.

Eu afasto os cabelos do rosto e me apoio na sua lombar para tentar me livrar dele.

– Me solte! – grito histericamente e esperneio, mas ele me segura com força, e eu sei que prefere morrer a me soltar. – Jesse!

Kate nos vê passar por ela, boquiaberta, antes de jogar a bituca do cigarro no chão e nos seguir.

– O que está acontecendo?

– Ele é um idiota, é isso que está acontecendo! – berro, atraindo a atenção dos manobristas, que interrompem suas atividades e me observam em silêncio ser carregada para dentro do Solar. – Jesse, me ponha no chão!

– Não! – Ele segue em frente, passando pelo hall de entrada e pela sala de verão. – Está tudo bem, Kate. Só preciso ter uma palavrinha com Ava – ele diz, calmo, segurando-me com mais força, enquanto tento me livrar dele com mais afinco.

Olho para cima e vejo Kate encolher os ombros para mim, na entrada do bar. Quero gritar com ela, mas sei que seria inútil para tentar me tirar dos braços de Jesse. Todas as mesas foram retiradas da sala de verão, e uma pista de dança foi armada. A banda interrompe a passagem de som para me ver passar sobre o ombro de Jesse. Viro o rosto de lado e vejo John vindo do escritório de Jesse, rindo e balançando a cabeça. Não tem graça. Passamos por ele no corredor, mas ele não diz nada. Apenas abre caminho antes de seguir com seus afazeres, como se isso fosse um evento cotidiano. Acho que é, mesmo.

Jesse fecha a porta do escritório com um chute e me põe de pé, o rosto contorcido de raiva, o que só reforça a minha fúria. Ele aponta um dedo para o meu rosto.

– Jamais fuja de mim! – ele ruge.

Eu me encolho.

Ele joga os braços para cima, frustrado, e vai para o gabinete de bebidas quando corro para a porta. Ele vai beber se eu sair daqui? No momento, estou enfurecida demais para me importar. Chego a tocar na maçaneta, mas não passo disso. Ele me agarra e me traz de volta. Depois me põe de pé e então quase chuta um móvel até que bloqueie a saída.

– Que brincadeira é essa? – Ele aperta meus ombros e me sacode de leve. – O que está acontecendo?

Recupero o controle do meu corpo e saio de perto dele. Ele resmunga, mas não tem reação. Não posso mesmo ir a lugar nenhum agora.

Eu viro e lanço o olhar mais terrível que consigo expressar.

– Não acredito que você pisoteia qualquer homem que olha para mim, mas acha que é perfeitamente normal ter outra mulher no seu quarto, enquanto você está nu na cama. – Minha voz fica cada vez mais aguda. Estou furiosa! – Eu achei que John tivesse soltado você!

O rosto dele fica inexpressivo até compreender o significado dos meus gritos.

– Pois é, não foi ele! – Jesse berra. – Ele estava aqui, Sam estava indisponível, e Sarah estava por perto. O que você queria que eu fizesse?

Fico de boca aberta. Como ele pode estar bravo comigo?

– Bom, eu não queria que você ligasse para outra mulher!

– Bom, então você não deveria ter me deixado algemado à cabeceira da nossa cama!

– É a *sua* cama! – provoco.

Ele arregala os olhos.

– *Nossa!*

– Sua!

Ele joga a cabeça para trás e solta um xingamento para o teto. Não me importo. Ele não vai pôr a culpa disso tudo em mim.

– Ah, e já que estamos no assunto, acabei de ter o prazer de ouvir três mulheres elocubrando sobre suas habilidades sexuais. Essa parte eu adorei. E quem diabos eram aquelas mulheres? – Tento recuperar um mínimo de compostura. É um esforço descomunal. Os pensamentos constantes e as imagens mentais de Jesse entretendo outras mulheres envenenam meu cérebro. Isso é ridículo. Ele tem trinta e sete anos.

Ele caminha na minha direção.

– Você sabe que tenho um passado, Ava – ele diz, impaciente.

– Sim, mas você comeu todas as mulheres do Solar?

– Olha a boca, porra!

– *Não!* – Vou ao gabinete de bebidas e pego a primeira garrafa de álcool que vejo, por acaso é vodka, e sirvo uma dose em um copo. Minhas mãos tremem

quando levo o copo à boca e sorvo o líquido, que queima minha garganta. Só agora me ocorre perguntar a mim mesma por que ele mantém álcool no escritório, se pretende não beber. Bato o copo no balcão de madeira polida. Não cometo o erro de servir outra dose. Fico com as mãos apoiadas no gabinete, olhando para a parede.

Ele está em silêncio.

Minha garganta está raspando como uma lixa, e estou totalmente fora de controle, consumida de ódio e ciúme.

– O que você sentiria se outro homem me visse nua, enquanto eu estivesse algemada a uma cama?

A respiração pesada que atravessa a curta distância entre nós e aquece minhas costas é minha resposta.

– Homicida – ele rosna.

– Como você se sentiria se alguém verbalizasse sua opinião sobre meu comportamento no sexo? Se ele dissesse que não vai parar de tentar me levar para a cama.

– Não faça isso!

Viro o rosto para ele, que me observa com atenção, a mandíbula tensa.

– Meu trabalho aqui acabou – eu o parafraseio e caminho para a porta. O móvel parece pesado, mas não tenho a oportunidade de tentar movê-lo. Jesse entra na minha frente, bloqueando a passagem. Respiro fundo para me acalmar e olho para ele.

– É bom você saber que não vou embora apenas porque não posso. Vou voltar lá para fora, vou beber e amanhã à noite vou sair com Kate. E você não vai me impedir.

– Vamos ver – ele dispara, confiante.

– Sim, vamos ver.

Ele começa a morder o lábio inferior, seus olhos queimando os meus.

– Não posso mudar meu passado, Ava.

– Eu sei. Mas também não parece que vou conseguir me esquecer dele. Pode retirar o móvel, por favor?

– Eu amo você.

– Retire o móvel, por favor.

– Precisamos fazer as pazes. – Sua expressão é taxativa, enquanto arregalo os olhos.

– Não!

Ele dá um passo à frente, e eu, um passo para trás.

– Vou fazer qualquer coisa, Ava – ele me adverte, calmo. Dou outro passo para trás, vendo que ele me olha com cuidado. – Você vai me rejeitar? – Ele levanta a sobrancelha, e continuo andando de costas até ser contida pelo gabinete de bebidas. Se ele colocar as mãos em mim, sei que vou me render, e quero continuar brava. Preciso continuar brava! Ele me alcança e pega as minhas mãos. Meu rosto está no nível de seu pescoço, e tento bloquear meu olfato. Fracasso terrivelmente.

– Amanhã mesmo vou voltar para a casa de Kate – digo, com bravura. Preciso de tempo para acalmar minha mente irracional e ciumenta. Dá para ver que Jesse também fez aflorar em mim alguns traços desprezíveis.

– Isso nunca vai acontecer, Ava. Mas só de ouvir você dizer, já fico enlouquecido de raiva.

– Vou sim – devolvo. Estou sendo absurdamente ousada, mas preciso que ele saiba o quanto isso está me incomodando.

Ele se abaixa um pouco e fica face a face comigo.

– Louco de raiva, Ava – ele me adverte de novo, com calma. – Olhe para mim. – Ele respira no meu rosto.

Solto um gemido baixinho.

– Não.

– Eu mandei olhar para mim.

Balanço a cabeça e ele dá um suspiro pesado.

– Três... – Meus olhos se fixam nos dele, mas não porque tenha iniciado uma contagem regressiva e eu não queira que ele chegue ao zero. É porque estou chocada. Sem querer obedeci ao seu comando, e agora encaro dois mares de desejo.

– Me beije – ele ordena.

Aperto os lábios e balanço a cabeça, tentando soltar meus braços.

– Três... – ele retoma a contagem, e fico estática, boquiaberta e chocada. Ele roça os lábios gentilmente nos meus. – Dois...

Isso não é justo. Ele poderia me beijar se quisesse, mas sei que não vai. Ele quer que eu me renda, e estou tentando desesperadamente resistir, ainda que meu corpo traíçoeiro esteja gritando por ele.

– Um. – Ele toca os lábios nos meus outra vez.

Viro o rosto e me contorço em seus braços, lutando como louca.

– Não, você não vai me distrair, Jesse.

Ele dá um grito de frustração, abre os braços e minhas mãos o empurram na altura do peito. Nós lutamos, fico mexendo as mãos para afastá-lo de mim, e ele tentando segurar meus punhos.

– Ava! – ele berra, me agarrando e me virando, Não sei por que estou fazendo isso. Sei que jamais venceria, mesmo notando o cuidado que ele está tendo comigo – Pare com isso, sua louca!

Eu o ignoro, raiva e adrenalina alimentando minha vontade de continuar lutando.

– Pelo amor de Deus! – ele grita, me derrubando no chão e se deitando sobre mim. – Controle-se!

Estou arfando embaixo dele, todos os meus músculos doem, meu coração quase pulando para fora do peito. Abro os olhos e o vejo com uma expressão perplexa. Ele não sabe o que fazer comigo. Estou perdendo o controle.

Nós nos olhamos por um tempo, ambos ofegantes com o esforço da batalha. E então ambos se atiram na direção do outro com avidez, nossas bocas indo ao encontro uma da outra, as línguas duelando com urgência.

É o que basta para Jesse, que geme, soltar meus punhos e agarrar meus cabelos. Ele ataca minha boca com a mesma força que ataco a dele. É um beijo possessivo. Estou clamando o que é meu, tentando fazê-lo perceber a força do que sinto por ele, como o pensamento de outra mulher com Jesse me deixa tão louca de raiva quanto ele. A mão dele encontra o meu seio e o aperta através do vestido, me apalpando enquanto rosna.

Minha língua dói, e meus lábios estão ficando esfolados, mas nenhum dos dois desiste. Estamos tentando provar algo. Minhas mãos passam dos bíceps para os cabelos dele, que puxo antes de fazer pressão, trazendo a cabeça dele para mim. Meu corpo inteiro vibra, arde, e me contorço no chão sob ele, marcando-o como minha propriedade. Então ele nos faz girar, e meus lábios deixam os dele, baixando para seu peito coberto pela camisa, até chegar ao zíper da calça. Eu a puxo para baixo e trabalho rápido para expor seu pênis, que surge duro, e minha mão se fecha em torno dele sem demora.

Em um momento de frenesi, minha boca o cobre, e eu o ataco, sem lambidas nem carícias doces e provocantes. Frenética e desesperada.

– Porra! – ele grita, assim que o sinto chegar ao fundo da minha garganta. – Porra! Porra! Porra!

Nem chego a sentir ânsia. Eu o engulo sem parar, sem descanso, apertando a base com uma mão e o saco com a outra. Com força.

– *Meu Deus!* – Seus quadris se projetam para cima. – Ava! – Ele puxa meus cabelos. Não sei se está implorando para eu parar ou continuar.

Eu me concentro em reforçar a necessidade que tenho dele, estimulando-o com pressa e força, a sensação sedosa nas paredes de minha boca, a fricção da velocidade das minhas carícias aquecendo os dois.

– Não me tire da boca, Ava – ele ordena, o quadril se levantando cada vez que minha boca desce. Minhas bochechas doem, mas sigo em frente.

Logo sinto o sinal de que ele está expandindo em minha boca, sua respiração se tornando errática, e seus punhos puxando mais ainda meus cabelos. Solto um gemido alto, aumentando a pressão nos testículos e estendo a mão por baixo da camisa dele para apertar um mamilo.

Ele solta um grito gutural, seu quadril se eleva, e ele puxa minha cabeça, a glândula batendo no fundo da minha garganta.

Ele goza.

Eu engulo.

Nós dois gememos.

– Puta que pariu, Ava! – ele ofega, afastando meu rosto e me puxando sobre o corpo. – Porra, puta merda! – Ele me beija outra vez, varrendo minha boca com a língua, compartilhando sua essência salgada. – Vou entender isso como um pedido de desculpas – ele bufa, entre lambidas decididas.

Acabei de dar, sem querer, uma transa de desculpas. Estou arrependida? Por ser uma completa tola, irracional e possessiva... como ele?

– Pois não foi – afirmo. Não tenho pelo que pedir desculpas. Ainda trocamos carícias com as línguas, gememos e corremos as mãos pelo corpo um do outro.

Seguro outra vez seu membro semiereto, estimulando-o enquanto continuamos em uma batalha de bocas... agressivamente. Não estou preparada para terminar. Ele se afasta, resfolegando, o peito subindo e descendo, mas não desisto. Meus lábios esfolados buscam os dele outra vez, e mergulho a língua em sua boca, continuando a manipulação frenética de seu pau.

– Ava, pare. – Ele tira minha mão e vira o rosto para interromper o contato das bocas.

Não me entrego, nem assim. Eu o desafio, empurrando a boca contra ele. Ele nunca me rejeitou antes.

– Ava! Por favor! – Ele perde a paciência e me deita no chão, me prendendo sob o próprio corpo.

Sinto as lágrimas brotando nos olhos. Estou mais desesperada que qualquer uma daquelas mulheres. Não estou sabendo lidar com isso, de jeito nenhum. Um soluço escapa dos meus lábios, e viro o rosto para o lado, envergonhada.

– Meu amor, não chore – ele pede, gentil, virando meu rosto e afastando meus cabelos. Ele me olha quase com compaixão. – Eu entendo – ele sussurra, passando o polegar pelos meu rosto. – Não chore. – Ele roça os lábios nos meus. – É só você. Sempre.

Pisco para afastar as lágrimas.

– Eu não sei lidar com isso. – Toco o rosto dele. – Eu me sinto violenta – admito. Não acredito que entreguei essa informação assim, e me impressiona que esse seja de fato meu estado. – Meu – digo, quase sem voz.

Ele concorda. Ele me entende.

– Sempre só seu. – Ele pega a minha mão e beija a palma, com cuidado. – Por favor, ignore-as. Elas estão ressentidas, é só isso. Foram passadas para trás por uma mulher linda, jovem, de cabelos escuros e de tirar o fôlego. Minha mulher linda.

– Você é meu homem lindo – eu declaro, duramente.

– Tudo o que eu sou, Ava. Cada pedacinho. – Ele se acomoda e deita sobre mim, me cobrindo completamente. E segura meu rosto com as duas mãos, os olhos verdes me encarando de cima. – Ava, você me tem. – Jesse poussa os lábios nos meus. – Você entende?

Eu assinto com a cabeça, concordando, me sentindo fraca e carente.

– Boa menina – ele sussurra. – Você é minha, e eu sou seu.

Faço mais um gesto de cabeça, com medo de chorar se abrir a boca. Acho que nunca o amei tanto.

Ele acaricia meu rosto, e seus olhos estudam cada centímetro.

– Sei que é difícil para você, mas acredite em mim, eu não enxergo ninguém. Só você.

– Eu amo você. – É só o que consigo dizer.

– Sei que ama. E eu amo você. – Ele se levanta e estabiliza o corpo antes de me ajudar a levantar. – Vamos fazer as pazes direito mais tarde. Não quero estragar o seu vestido. – Ele sorri e me rodopia. – Ele parece precisar de um pouco de paciência, e nós dois sabemos que a minha é curta quando se trata de

você. – Ele me gira de volta e roça o nariz no meu. – Está melhor?

– Estou.

– Que bom. Vamos. – Ele pega a minha mão e me leva até a porta, soltando só para tirar o móvel do caminho, mas logo em seguida a segura para me conduzir de volta à festa. Ele entende.



A banda começou a tocar, e as pessoas voltaram para a sala de verão.

– Motown? – pergunto, um tanto surpresa, enquanto Jesse me leva por entre as mesas remanescentes.

– Essa banda é excelente. Quer dançar? – Ele me olha com um meio sorriso, e lembro que meu homem sabe dançar muito bem.

– Mais tarde. – Sei que Kate provavelmente está se perguntando o que aconteceu e onde eu estou. Ele concorda e me leva até o bar.

Meu banco está livre, e sou içada para ele. Kate, Drew e Sam estão no mesmo lugar no bar e parecem estar alegres. O álcool corre solto.

– Onde esteve? – Kate pergunta, olhando curiosa para Jesse.

– No escritório de Jesse, discutindo sobre uma certa mulher para quem ele telefonou para libertá-lo quando o deixei algemado à cama. – Conto tudo em voz baixa, mantendo os olhos em Jesse para me certificar de que ele não está ouvindo. Está ocupado demais pedindo bebidas a Mario.

– Você o deixou lá? – Ela está tentando não rir. Eu não havia mencionado isso antes.

– Ele estava louco.

Kate aperta os lábios.

– E ele ligou para Sarah ir soltá-lo?

– Sim – esbravejo. – E já transou com ela.

– Oh! – Kate arregala os olhos. – Por que ele ligaria para ela? – Ela chega mais perto, se enfiando entre o meu corpo e o de Jesse para ficar de frente para mim.

– Ele não conseguiu encontrar mais ninguém. John estava aqui, e Sam estava ocupado.

– Que dia foi isso, mesmo?

– Na quarta. – Levanto as sobrancelhas e a observo se lembrar da manhã de quarta. Vejo quando a ficha cai, e ela faz uma expressão culpada. Nem quero saber por que Sam não conseguiu ajudar Jesse. – Sarah teve o maior prazer em me contar. Isso e a adorável experiência de ver três mulheres comparando impressões sobre as habilidades sexuais de Jesse foram a última gota – resmungo.

– Meu Deus! – Kate me olha com compaixão. – Passado, Ava.

– Eu sei. – Balanço a cabeça, com desgosto. – Kate, tenho tanta coisa para contar. Podemos sair amanhã à noite? Preciso desabafar.

Ela concorda e dá um gritinho quando é levantada e colocada ao lado de

Jesse, que quer acesso a mim. Ela dá um tapa de brincadeira no ombro e ri.

– Beba isso. – Ele põe um copo d’água embaixo do meu nariz, e eu aceito sem reclamar, vendo-o sorrir quando bebo tudo e o entrego vazio para ele. Jesse faz uma expressão de aprovação e surpresa e depois substitui a água por uma dose do “Mais Maravilhoso” do Mario. – Vê como as coisas são mais fáceis quando você faz o que eu digo?

Estreito os olhos para ele e balanço a cabeça com a sua impertinência, rindo. Sim, são, mas suas exigências nem sempre são tão simples quanto beber um copo d’água. Ele vira para conversar com Drew e Sam, mas mantém uma mão firme no meu joelho.

– Olhe ali – Kate sussurra.

Sigo os olhos dela e vejo Sarah com um grupo de homens, rindo, acariciando, tocando e apalpando cada um deles sempre que tem oportunidade. Seus olhos encontram os meus, e ela me encara com uma expressão convencida e satisfeita – até que sinto os lábios de Jesse no meu rosto. Eu a deixo furiosa quando descobre que seu plano não funcionou e volto minha atenção para Jesse. Ele pisca para mim e me faz levantar do banco, pega meus braços, joga sobre os ombros e me puxa para perto, encostando a testa na minha. É um gesto de segurança. Fico agradecida.

– Está tudo bem?

Abro um sorriso e me afasto para encher meus olhos com sua beleza.

– Perfeito.

– Que bom.

Ambos damos um pulo de susto quando um flash nos ilumina. Viramos para encontrar Kate com uma câmera na mão, apontando para nós. Jesse me levanta em seus braços, e minha cabeça pende para trás. Dou risada ao ver os flashes contínuos e ouvir os cliques da câmera.

A boca dele toca o meu pescoço.

– Sorria para mim, Ava.

Abaixo a cabeça e vejo seus olhos dançando de alegria... de felicidade. Eu o faço feliz e o deixo determinado a viver. Eu o faço querer deixar o seu antigo estilo de vida para trás. Dou um sorriso, entrelaço meus dedos nos cabelos dele e o faço trazer os lábios até os meus.

– Tudo bem – Kate grita. – Chega!

Jesse se apodera de mim, toma o que quer, sem a menor consideração ou preocupação sobre onde estamos, antes que eu seja colocada de pé e depois de novo no banco. Meu coquetel chega à minha mão, e ele retoma a conversa com os amigos, como se não tivesse acabado de silenciar a sala toda com sua demonstração de carinho pouco habitual. Olho para o outro lado do bar e vejo Sarah cuspiendo fogo.

– Ela realmente não gosta de mim, Kate.

– Oh, ela que se dane! – Kate cospe, grosseira. – Você se importa?

– Não, nem um pouco. Mas me enfurece não ter escolha senão engolir o fato de que Jesse vem para cá todo dia, e ela vai estar aqui. – Ele a mandaria embora

se eu pedisse?

Kate desaparece da minha frente quando Sam a agarra e a leva do bar.

– Ava, vamos dançar! – ela grita e some de vista.

Eu me distraio quando um homem se aproxima de Jesse com a mão estendida. Eu o reconheço. Jesse aperta a mão dele, enquanto passa os olhos por mim. Eles têm uma conversa rápida, e o homem levanta o copo na minha direção, fazendo o olhar de Jesse voltar para mim e dar um passo para a frente. Ele tem cerca de quarenta anos e parece meio bêbado.

– Ava, este é Chris. – O tom de Jesse sugere que ele preferiria não me apresentar. – Ele foi o corretor imobiliário do Lusso.

Claro! Eu sabia que o conhecia. Ele abre um sorriso nojento, e não gosto dele de cara.

– Olá. – Estendo a mão, relutante, e ele a segura. A palma da mão dele está suando. – Prazer em conhecê-lo. – Finjo um sorriso sincero e noto Jesse observar, com um sorriso carinhoso, minha mão enrolar uma mecha de cabelo.

– É um prazer imenso – ele fala, com a voz mole. Olho nervosa para Jesse quando Chris se aproxima, mantendo a mão firme na minha. – Adorei o seu vestido. – Ele me olha de cima a baixo, me fazendo recuar um pouco.

Que homem corajoso, ou muito burro. Jesse está do lado dele em um nanossegundo, os músculos do rosto tensos. Ele está soltando faíscas, e Chris é logo retirado da minha frente com um empurrão curto e preciso de ombro. Ele fica para trás, onde Jesse o colocou, e apenas assiste a Jesse me tirar do banco, sentar e me pôr no colo.

– Chris, é melhor você manter seus olhos e suas mãos em lugar seguro. Faça isso, e talvez eu não quebre suas pernas, entendeu? – Jesse diz com calma, mas não há como negar o tom definitivo.

Chris se afasta com um olhar de preocupação justificada.

– Peço desculpas, Jesse. Achei que ela estivesse no jogo.

– Como é? – eu me espanto.

Sinto Jesse ficar tenso e, em pânico, coloco a mão na sua perna e aperto de leve. Ele emana calor, e seu coração bate forte nas minhas costas. Eu adoraria que ele fosse para cima desse porco abusado, mas também quero terminar a noite sem uma bolsa de gelo no punho dele. Chris vai ser trucidado se eu não segurar meu homem.

Ele se endireita no banco e me puxa contra o peito.

– Sugiro que você suma agora – ele rosna, com raiva.

Toco o peito dele e olho para Chris como quem diz “desapareça se sabe o que é melhor para você”. Ele se afasta, na defensiva, e duvido que volte tão cedo.

Viro a cabeça e olho para Jesse com curiosidade.

– Homicida?

Primeiro ele me olha feio e depois cobre meu rosto de beijos.

– Fatal.

– Todas as mulheres “estão no jogo”? – Isso é novidade.

Ele dá de ombros.

– Ninguém se torna membro do Solar se não for sexualmente aventureiro.

Ah, que ótimo. Olho em volta para as pessoas no bar, que diminuíram desde que a banda começou a tocar e o andar de cima foi aberto. As pessoas que me fazem companhia se parecem com quaisquer outras, mas todas estão aqui por uma razão além das luxuosas quadras de esporte que o Solar possui. Uma coisa é certa, a julgar por todos os carros caros que sempre estão estacionados na porta: todos aqui são muito ricos.

– Quanto custa para ser membro? – Minha curiosidade está aguçada.

Ele enfia o rosto no meu pescoço.

– Por quê? Quer se afiliar?

– Talvez.

Ele morde meu pescoço.

– Sarcasmo não combina com você, Ava. – Ele me ajeita no colo. – Quarenta e cinco.

– Por mês? – Nada mau.

Ele ri.

– Não. Quarenta e cinco mil por ano.

– Caralho!

Ele morde minha orelha e roça o quadril no meu traseiro.

– Olha a boca.

Solto um gemido ao sentir sua ereção evidente. Quarenta e cinco mil por ano é um valor absurdo. Essas pessoas devem ser idiotas ou estar desesperadas, mas, quando olho em volta, não vejo ninguém especialmente feio aqui. Todos conseguiriam fazer sexo se quisessem.

– Ei, Kate paga isso? – Sei que ela não está em má situação, mas é pão-dura.

– O que você acha? – ele pergunta, rindo.

Não sei! Jesse a liberou da taxa de afiliação por ser minha amiga? Ele faria isso?

– Sam! – eu digo, quando me dou conta. – Sam pagou.

– Com desconto para amigos, claro.

Ele dá desconto aos amigos para o seu refúgio do sexo? Estou em outro planeta nesse momento. Esse tipo de coisa está além da minha compreensão, e aqui estou, comendo e bebendo com essas pessoas e namorando o proprietário.

– Eu gostaria que você tivesse recusado – resmungo. Kate pode ser sossegada, mas não consigo deixar de pensar que está caminhando para o desastre.

– Ava, o que Sam e Kate fazem é da conta deles.

Solto um ruído de desprezo.

– Quantos membros existem?

Ele encosta a mão na minha testa e faz uma ligeira pressão, para que eu encoste a cabeça em seu ombro.

– Alguém aqui está bisbilhoteira demais, para quem não gosta do lugar. – Ele beija meu rosto.

– Não sou bisbilhoteira – desconverso, mas estou interessada. Esse lugar fez

dele um homem muito rico, ainda que tenha sido ideia do tio Carmichael.

Ele ri.

– Na última contagem, acho que Sarah disse que são mais ou menos mil e quinhentos, mas nem todos estão ativos no momento. Alguns só vêm uma vez por mês, outros conhecem alguém e começam um relacionamento, e outros fazem uma pausa.

Faço um cálculo mental rápido e chego a muitos milhões.

– O restaurante e o bar estão inclusos?

– Não! – ele diz, veemente. Não sei por quê. Quarenta e cinco mil por ano, e eu ia querer mais do que um convite aberto para fazer sexo com todos e qualquer um.

– O bar e o restaurante são uma entidade separada. Alguns membros tomam café da manhã, almoçam e jantam aqui quatro ou cinco vezes por semana. Eu não teria muito lucro se incluísse refeições e bebidas para os membros. Eles têm contas, que pagam mensalmente. Vire. Preciso ver você. – Ele me cutuca para me fazer levantar e depois me coloca entre as coxas. Ele tira meus cabelos dos ombros e ajeita meu diamante, antes de segurar minhas mãos. – Você gostaria de ver lá em cima? – pergunta e logo começa a morder o lábio.

Eu recuo um pouco. Sei que ele não está falando das suítes, que já vi, ou vi uma delas. Está falando do salão aberto. Eu quero vê-lo?

Putá merda!

Quero, sim. Não sei se é o “Mais Maravilhoso” do Mario me dando coragem ou simples curiosidade, mas quero muito ver o local.

– Tudo bem – respondo em voz baixa, antes de desistir, e ele assente de leve com a cabeça, pensativo.

Ele levanta, e eu o deixo me levar pelo hall de entrada até o pé da escada. Olho para a escadaria imensa, ouvindo o ir e vir de pessoas nos quartos. Depois Jesse me conduz devagar pelos degraus. Sei que ele está indo devagar para me dar tempo de mudar de ideia, mas quero pedir que se apresse antes que eu me arrependa. Chegamos ao topo e circulamos pelo andar de cima até chegarmos à janela de vidro jateado. Há pessoas por todos os lados, vestidas, algumas do lado de fora dos quartos, apenas conversando. É bizarro.

– Precisamos começar o trabalho semana que vem – Jesse comenta, apontando a passagem para a extensão. Posso ver por que a reforma é necessária. – Pronta?

Sei que ele me olha enquanto encaro a porta dupla que leva ao salão aberto, e meus olhos são atraídos para os dele, como os ímãs que são. Seus olhos verdes me perfuram. Ele sabe que tudo nesse lugar me deixa absolutamente desconfortável, mas não parece ofendido. É quase como se aprovasse minha reação e aversão.

Jesse se aproxima de mim, mantendo o contato visual, até nos tocarmos.

– Você está curiosa.

– Sim – confesso.

– Não tem por que ficar tão apreensiva. Vou estar com você, vou guiar você.

Se quiser sair, basta dizer, e vamos embora. – Sua intenção de me confortar está funcionando, estranhamente. Jesse aperta a minha mão, e fico mais calma, confortável e relaxada quando ele me conduz para a segunda escada. Começo a andar e o deixo me levar para cima, meu coração saltando mais a cada degrau.

– Vamos ver várias situações acontecendo. Algumas podem ser leves, algumas não. É importante que você lembre que tudo o que acontece é porque todas as partes estão de acordo. Estar nessa sala não revela necessariamente o seu desejo de participar de qualquer coisa. – Ele olha para mim e sorri. – Não que você jamais vá fazer isso. Vou fazer disso a minha missão, garantir que todos os homens aqui saibam quais são as consequências se chegarem perto de você. – Ele olha para a frente outra vez. – Acho que vou mandar um memorando.

Dou uma risada involuntária. Provavelmente vai mesmo. Ele me lança um olhar travesso e um sorriso doce, e eu o amo mais ainda.

Deixo que ele me conduza pelas portas de madeira escura até o salão aberto.



Quando o salão todo entra no meu campo de visão, eu me concentro em manter a respiração calma. É difícil. A música de fundo, inebriante, é a absoluta essência do sexo e só faz aumentar meu ritmo cardíaco.

A sala ampla é tão linda quanto eu me lembrava, com suas vigas aparentes e os candelabros dourados à meia-luz. As persianas austríacas estão fechadas sobre os caixilhos das janelas inglesas, e isso, misturado à luz difusa, cria um clima sensual e erótico, mas não vulgar. Não consigo dizer exatamente o que é. Que ironia, eu estar cercada de gente nua e estar admirando a decoração e a atmosfera. Jesse reconhece várias dessas pessoas *nuas* enquanto passamos pela sala, as mulheres suspirando e se empertigando quando notam sua presença, embora ele segure firme a minha mão o tempo todo. Estou tão deslocada, principalmente por estar vestida. Olho para ele e me dou conta de como está sereno, de que esse lugar lhe é imperturbável. E por que estaria perturbado? Isso é normal para ele. Várias cenas se desdobram diante dos meus olhos, todas confundem minha mente, mas, ao mesmo tempo, me fascinam. É difícil não olhar.

Ele olha para mim e sorri, apertando minha mão.

– Tudo bem? – pergunta, para e me encara.

Balanço a cabeça, em sinal positivo, abro um sorriso e olho para nossas mãos dadas quando o sinto acariciar a minha com o polegar. Ele basicamente drenou de mim toda a ansiedade com seu toque e, quando olho nos olhos dele outra vez, vejo que também está fixo nas nossas mãos. A carícia de seu dedo prossegue, mas ele se vira para olhar uma moça de uns vinte e poucos anos amarrada a uma armação suspensa, igual à que vi na extensão. Ela tem os olhos vendados com cetim preto e está com a boca ligeiramente aberta.

Um homem, nu da cintura para cima e com as pernas um pouco afastadas, está diante dela, segurando um chicote de hipismo. A expressão em seu rosto é de puro desejo e adoração enquanto passa a ponta do objeto lentamente em seus seios. Ela se contorce sob o toque dele.

A mão de Jesse se move de leve na minha, e volto os olhos para ele, mas sua atenção está totalmente direcionada para a cena que se desenrola diante de nós. Eu sigo os olhos para a mulher amarrada, enquanto o homem usa o chicote no corpo dela, em direção ao ventre, fazendo a ponta circular por seu umbigo em movimentos calculados e meticulosos. Ela choraminga.

Mudo de posição, e Jesse me olha com curiosidade, mas eu o ignoro enquanto observo o homem continuar sua descida até o chicote atingir o sexo dela. A mulher geme alto, e ele cola a boca na dela para absorver os sons. Ele descarta o

chicote e o substitui pelos próprios dedos, abrindo-a e iniciando uma lenta fricção, para cima e para baixo, elevando seu prazer e seus gemidos. O corpo dela arqueia, debatendo-se contra as amarras que prendem suas mãos à armação, em um sinal de que está próxima do orgasmo.

Estou suando, um tanto claustrofóbica, e as batidas de meu coração estão aceleradas. O parceiro da moça responde aos seus sons aumentando a velocidade das carícias e a intensidade do beijo, o som de línguas dançando se tornando desesperado e, com um grito contido, ela chega ao clímax e segura as cordas, enquanto ele diminui a velocidade dos dedos e a faz voltar para a terra ao extrair cada gota de prazer dela. Ela relaxa, encostando o queixo no peito. Perco o ar sem querer e sinto a mão de Jesse apertar a minha, em um gesto cúmplice. É intenso, e estou surpresa com tudo isso. Nós não somos os únicos a assistir à cena erótica à nossa frente. A cena chamou a atenção de várias pessoas, que se reúnem para olhar o casal. Eu olho em volta e reconheço muitas do bar e do jantar, agora nuas ou seminuas. Frequentar o salão aberto exige uma boa dose de autoconfiança.

Jesse puxa minha mão de leve para atrair minha atenção. Viro, mas ele apenas aponta para a cena com a cabeça e me viro para ver o homem beijando a mulher, agradecido. Ele pega o chicote do chão e caminha até as costas dela, arrastando-o. Ela desconhece seus movimentos, mas subitamente sua consciência desperta, quando ela contrai o corpo e levanta a cabeça, ofegante. O homem começa a acariciar as costas dela, passando a ponta dos dedos para cima e para baixo pela coluna e depois pelo traseiro. Ela geme de satisfação, e acho que faço o mesmo. Sinto os olhos de Jesse em mim, que me ouve também.

Ele acaricia as nádegas firmes dela, massageando-as e apertando, e geme quando a mulher arqueia as costas, antes de relaxar de novo. Depois de alguns minutos de carícias e dos movimentos do traseiro empinado, ele retira a mão, e é possível ver que ela fica tensa.

Ela sabe o que vai acontecer. Eu sei o que vai acontecer. O aumento da pressão que Jesse exerce na minha mão confirma que sabe também, mas não consigo desviar os olhos. Ele levanta o chicote e, com um golpe rápido, leva-o até uma das nádegas. Ela grita, e eu me encolho diante do som ardido, virando o rosto para a imensidão sólida do peito de Jesse. Antes que eu me dê conta, sua mão livre embala minha cabeça, levando meu rosto para o ombro. A pressão na minha mão aumenta quando ouvimos outro golpe do chicote. Jesse solta a minha mão e me abraça, meus braços ficam dobrados junto ao corpo, entre nós dois. Estou protegida pelo corpo dele e, apesar de estarmos onde estamos e dos eventos à nossa volta, é o lugar mais confortável onde já estive.

– Isso não faz seu estilo, vamos continuar o passeio – ele sussurra ao meu ouvido.

Continuar o passeio para onde? O que vai fazer meu estilo? Eu me sinto exposta quando ele abre os braços e me afasta de seu corpo, ouvindo o golpe do chicote repetidas vezes. Deixo que pegue minha mão e me leve daqui. Fecho os olhos a cada golpe, prendendo a respiração. Não compreendo a dimensão do que acabo de testemunhar. Mas logo me lembro de estar algemada e de Jesse

batendo com força no meu traseiro, enquanto me penetrava com força. Nem vou tentar fingir que não gostei da transa de castigo.

– Que música é essa? – pergunto quando chegamos a um dos cantos e nos aproximamos de um grupo de pessoas.

Ele me olha, sorrindo.

– Enigma. Está deixando você com tesão?

– Não! – minto. Está, sim! Tudo aqui está, mas não vou admitir, embora meus dedos girando meus cabelos de maneira selvagem estejam me entregando. Ele ri e bate de leve na minha mão, ao mesmo tempo que paramos diante de uma mulher e três homens.

Jesse inclina o corpo para ficar com o rosto no mesmo nível do meu.

– Que fique registrado que nada disso vai acontecer conosco.

Olho para ele, que me dá uma piscadela. É enternecedor, e agradeço que tenha deixado isso claro, porque eu também não o dividiria com ninguém.

– E quanto às outras coisas? – Tento soar casual e não esperançosa. Acho que consigo.

Seus olhos correm para os meus.

– Não vou dividir você com ninguém, Ava. Nem mesmo a sua imagem. – Ele parece indignado, e dou um sorriso, mas não quis dizer aqui, especificamente. Há suítes privadas. Puta merda, o que aconteceu comigo? Volto a atenção para a cena à nossa frente.

Uma mulher está deitada em uma colcha de pele, as mãos amarradas com uma tira de couro macio. Seus olhos se fixam em Jesse, e ela lambe os lábios. Acabo dando risada com a ousadia dela. Mais uma? Ela está totalmente nua e seus olhos cheios de desejo saem de Jesse para se perder nos três homens, também nus, que a cercam. Ela quer Jesse também, e tenho certeza de que o que estou prestes a ver é um show para ele.

Os três homens assumem a posição, ajoelhando-se ao lado do corpo dela, e a tocam em diferentes partes. Nenhum vai para a mesma área; todos conhecem a própria função. Um abaixa a cabeça devagar a um dos seios e começa a girar a língua em torno do mamilo, estimulando até deixá-lo duro, antes de tomá-lo nos lábios e sugar, massageando-o dentro da boca.

Outro homem faz o mesmo gesto sensual no outro seio, trabalhando em sincronia com seu parceiro, ambos cientes de como proporcionar mais prazer a ela. Os suspiros e gemidos dela sugerem que os esforços estão sendo bem-sucedidos. Não consigo evitar que meus mamilos também endureçam e latejem enquanto tento me manter em pé, sentindo o olhar de Jesse em mim. Olho para ele, que logo desvia os olhos, mas está com aquele sorriso atrevido nos cantos da boca. Ele sabe que aquilo me afetou. Eu me encolho e volto para a cena, tentando fazer meu corpo se comportar. Agora o terceiro homem entra em ação e acaricia suas coxas.

A umidade do sexo da mulher faz com que os dedos do terceiro homem deslizem com facilidade entre os lábios vaginais dela. Ele estende o braço e leva os dedos úmidos até a boca dela, passando-os pelo lábio inferior. A língua dela se

adianta para sorver a umidade. Os dedos do homem então descem para o queixo dela e depois começam uma trilha pelo meio do corpo, antes de voltar ao local de início. A mulher arqueia o corpo em resposta ao toque dele, deixando escapar um grito de frustração quando ele afasta a mão e coloca o braço livre sobre a barriga dela para impedi-la de se mover. E então ele mergulha dois dedos nela, sorrindo quando ela tenta se libertar.

Observo, completamente arrebatada, a mulher reagir à atenção com gemidos intermitentes, deixando claro que os três a estão fazendo completamente feliz. Fico chocada ao descobrir que estou extremamente excitada. Ela está sendo coberta de atenção por esses três homens, e o único prazer deles é o prazer dela.

Sei que o olhar de Jesse está em mim de novo, mas não consigo encará-lo.

Nesse momento, o homem próximo ao sexo dela faz um aceno para os demais, que estão próximos aos seios – um sinal mudo – e todos param o que estão fazendo. Ela dá um grito, sentindo a falta do contato, mas então grita com mais força quando suas pernas são puxadas para cima, abertas e uma boca recobre sua vagina. Cruzo minhas pernas, de pé, e sinto a mão de Jesse relaxar antes de apertar a minha com mais força.

Outro homem a toma pela boca, em um gesto ávido enquanto o último retorna aos seios. As mãos apalparam os dois, estimulando e acariciando, enquanto a língua desenha uma linha entre eles, para logo depois finalmente dividir a atenção entre cada mamilo em intervalos regulares. Um por vez, os três olham para o rosto dela e recebem como resposta uma expressão de pura satisfação, o que os incentiva. Ela está sendo adorada por três machos magníficos, e eu teria que ser uma freira para não me excitar.

Rapidamente, o corpo dela se contrai – uma evidência de que está próxima do orgasmo. Também fico tensa. A atenção aumenta quando eles captam esse sinal, e de repente tudo se torna mais urgente. O homem que se ocupa da boca captura os gemidos com um beijo quente, e as pernas dela se abrem mais a fim de dar ao homem melhor acesso. Eles trabalham em equipe, preparando-a para uma explosão.

E então ela chega ao clímax com um grito, que é apenas parcialmente abafado pela boca do homem. Eles a trazem de volta do êxtase, diminuindo a fricção e velocidade das carícias e lambidas. A mulher relaxa e fica quieta enquanto eles voltam a acariciar seu corpo com a boca e as mãos. O homem que a beija estica os braços e a liberta das amarras de couro, e sorri enquanto ela esfrega os punhos suavemente. Depois de alguns minutos, a mulher se espreguiça sobre a colcha de pele, seu comportamento é a satisfação personificada. Os olhos dela encontram Jesse outra vez.

Balanço a cabeça, incrédula. Ela quer levantar e fazer uma reverência para a plateia? Apesar da ousadia, a cena foi incrível, e fiquei fascinada, mas agora sinto uma nova pontada da sensação de estar deslocada. Jesse já esteve aqui, já fez essas coisas com várias mulheres, algumas inclusive com as que estão no recinto. Quantas e até que ponto? De repente sinto a mão dele se mexer na minha e descubro que o estou apertando como um torno. Olho para ele e suavizo o toque.

Ele me estuda com atenção, tentando ler meus pensamentos, e então vira o corpo para mim e pega a minha outra mão.

– Você não é uma exibicionista, Ava, e eu amo você ainda mais por isso. Você é minha e só minha, e eu sou só seu. Você me entende? – A voz dele está repleta de preocupação. Ele sabe no que eu estava pensando.

Meus ossos se transformam em purê, meu coração para por um momento, e cambaleio para a frente. Ele me puxa, levando minha testa ao ombro. Ele é sólido e quente e todo meu.

– Puta merda! – ele sussurra e respira fundo. – Não tenho palavras para dizer o quanto eu amo você. – Ele beija o topo da minha cabeça. – Venha, quero dançar com você. – Ele me solta e passa o braço em mim para me levar até a porta. Depois de ver tudo isso, ele quer dançar comigo? Jesse se inclina para mim.

– Aposto que, se eu checar, você vai estar molhada.

Fico sem fôlego e o ouço rir baixinho.

– Só para mim – ele me lembra. Como se eu precisasse de um lembrete.

Olho por sobre o ombro e paro na hora, pasma, vendo que a mulher é posta de quatro e um dos homens a penetra por trás enquanto outro se ajoelha próximo ao seu rosto e a penetra pela boca, silenciando seus gritinhos. Meus olhos saltam diante da diferença na abordagem. Ambos a atacam com vontade, cada um de um lado do corpo, enquanto o terceiro homem circula pela massa de corpos. Que diabos ele vai fazer?

Vejo o terceiro homem pegar algo em um armário próximo e se ajoelhar perto do traseiro dela. O primeiro se afasta e abre as nádegas dela, dando acesso ao ânus da mulher. Preciso ir embora. Preciso ir agora, mas estou paralisada vendo-o introduzir algo nela. Não tenho ideia do que seja, mas é grande e, quando termina, só chegou até a metade. Não consigo desviar os olhos. Ele sai para permitir que o primeiro homem volte a penetrá-la, o que acontece com um grito, antes de ir se posicionar embaixo dela, deitado de costas. Ele pega um dos seios com a mão e levanta a cabeça para acariciar o outro com a boca, enquanto se masturba com a mão livre.

Oh, meu bom Deus. Sinto Jesse puxando a minha mão e olho para ele, encontrando um rosto cauteloso. Não há como negar minha expressão. Por favor, não me diga que ele fez esse tipo de coisa.

– Venha, você já viu o bastante. – Ele me puxa para as portas, que vão me afastar de tudo isso. Céus, a realidade desse lugar acaba de se embrenhar no meu cérebro pobre e inocente.

– Jesse?

– Ava, não faça isso. – Ele balança a cabeça, sem olhar para mim. Jesse sabe o que estou pensando. A sensação de inadequação voltou, mais forte, com muito mais poder que antes. – Eu só preciso de você.

– Você já...

– Eu disse “não faça isso”! – ele repete, ainda se recusando a olhar para mim. Decido não insistir. Não consigo pensar em Jesse daquele jeito.

Ao chegarmos à porta, Natasha intercepta nossa saída. Ela está nua, exceto por uma calcinha mínima de cetim, os seios balançando quando para diante de nós. Não sei para onde olhar.

– Você está vestido demais, Jesse – ela ronrona.

Depois do que já tive que suportar, é a maneira perfeita de me fazer chegar ao limite. Eu poderia bater nela. Fecho os punhos, e minha mandíbula fica tensa, mas Jesse muda de direção e nos leva para a saída lateral.

– Se dê ao respeito, Natasha – ele vocifera.

Minha raiva transbordante se transforma em presunção depois da resposta grosseira de Jesse antes de deixarmos o salão aberto e Natasha, certamente com uma expressão azeda, para trás.

– Quero mandar um memorando, também – aviso, irônica, enquanto ele me guia pelos degraus.

– O que quiser fazer, Ava – ele ri, enquanto chegamos ao bar.

– Quer beber alguma coisa?

– Por favor. – Tento não soar magoada, mas sei que não estou conseguindo. Eu jamais vou conseguir apagar aquelas imagens da minha mente, mas não são estranhos que vejo ajoelhados dando prazer àquelas mulheres. Tudo o que vejo é Jesse. Estou me sentindo mal, mas fui eu que pedi. Ele me olha apreensivo, e tenho certeza de que também está arrependido de ter me levado para cima.

– Você quer que eu seja mais aberto – ele diz, em voz baixa.

Ele tem razão e eu me arrependo disso.

– Nunca mais quero subir lá.

– Então não vai mais subir – ele responde imediatamente.

– E também não quero que você suba lá nunca mais. – Não estou sendo razoável em pedir que ele evite o epicentro de seu patrimônio.

Ele me estuda com atenção.

– Não tenho a menor necessidade de subir lá. Tudo de que eu preciso está aqui, onde posso tocar, e pretendo continuar tocando.

Faço um sinal afirmativo com a cabeça, os olhos correndo por seu corpo.

– Obrigada – digo bem baixinho, culpada por fazer essa exigência e muito mais culpada por vê-lo acatá-la sem questionar, argumentar ou me desafiar.

Ele afasta meus cabelos do rosto com carinho.

– Vá encontrar Kate, e eu levo as bebidas.

– Está bem.

– Vá. – Ele me faz dar meia-volta e me deixa ir.

Atravesso a sala de verão, encontrando a pista lotada, mas vejo Kate imediatamente, seus cabelos ruivos como um farol no meio da multidão. “Love Man”, de Otis Redding, começa a tocar assim que piso na pista, e Kate vibra, feliz com a música e com a minha chegada.

– Onde esteve? – ela grita acima da música.

– Fiz um tour pelo salão aberto. – Dou de ombros, mas logo o pensamento horrendo de Kate lá em cima invade a minha mente. Oh, meu Deus, não!

Seus grandes olhos azuis saltam de espanto, mas então seu rosto claro se abre em um sorriso largo. Isso não ajuda em nada a livrar meus pensamentos de imagens tão insuportavelmente terríveis. Ela pega a minha mão, e levanto a barra do vestido para poder acompanhá-la. Sam e Drew já estão no embalo, dançando com movimentos sensuais, que atraem a atenção de muitas mulheres na pista de dança, mas Kate não parece se importar. Ela continua de mãos dadas comigo e revira os olhos para seu parceiro rebelde com seu sorriso atrevido. Ela está tranquila e imperturbável como sempre, mas Sam, ao que parece, nem tanto. Ele a afasta de um homem que está dançando perto demais.

Dou um salto e tenho um ligeiro ataque de pânico ao sentir as costas de alguém contra as minhas, mas o cheiro dele logo me invade, viro o rosto na direção do queixo que pousa no meu ombro.

– Olá, minha menina linda.

– Você me assustou.

Ele sorri.

– Vim perverter você.

Veio, é? Jesse se abaixa um pouco e levanta meu vestido de leve, e então se molda atrás de mim, me levando junto. Ele começa a fazer círculos com o quadril, espalhando a mão na minha barriga e me fazendo girar. Meus quadris se ajustam ao ritmo, e nós entramos em sincronia com a banda, que faz uma versão incrível da famosa canção. Jogo a cabeça para trás e dou risada quando o braço dele surge, suspenso para o lado, subindo e descendo no compasso do quadril, que se esfrega em mim, nossos movimentos aumentando e diminuindo de velocidade no tempo das batidas, enquanto sou embalada para os lados, para a frente e para trás. Kate e Sam estão num abraço apertado, e Drew agarra uma mulher que estava quase pedindo descaradamente.

Coloco a mão sobre a de Jesse na minha barriga e o deixo me enlevar, sem a menor reserva ou preocupação com as dúzias de mulheres à nossa volta, que de repente notam a presença dele na pista a passam a dançar com mais sensualidade. As tentativas de atrair o olhar dele são inúteis. Tudo se resume a mim.

– Meu Deus, eu amo você – ele diz no meu ouvido, beijando minha têmpora. Depois pega a minha mão e me faz girar, antes de me trazer de volta para seu peito. Os demais dançarinos aplaudem, e a banda começa “Superstition”, de Stevie Wonder. Ouço Kate dar outro gritinho atrás de mim. – Que dançar mais? – ele levanta a sobancelha, com um sorriso confiante, enquanto me balança de um lado para o outro.

– Preciso beber alguma coisa – peço.

– Você não consegue acompanhar seu deus, doce sedutora. – A voz dele é rouca.

Somos os únicos abraçados, enquanto todos os outros dançam soltos ao som da banda. Jesse tem razão, são mesmo muito bons.

Ele passa o nariz pela lateral do meu rosto e me acaricia.

– Está feliz?

– Muito – eu não hesito. É a pergunta mais fácil que já tive que responder. Eu o puxo para mais perto. Há espaço demais entre nós.

– Então meu trabalho aqui está feito. – Jesse enterra o rosto no meu pescoço e respira fundo, e eu sorrio em felicidade plena, enquanto ele me abraça forte, me envolvendo na proteção de seus braços. Nunca estive tão feliz e sei que nunca vou estar. Posso lidar com o passado dele.

– Sua sedutora está morrendo de sede – digo, baixinho.

Sinto-o sorrir com a boca encostada no meu pescoço.

– Não podemos deixar isso acontecer – ele diz, se soltando de mim com esforço. – Venha, não quero ser acusado de negligenciar você. – Ele me vira nos braços e me leva da pista de dança para o bar.

– Pronto. – Estou sentada em meu lugar habitual, e ele acena para Mario, que surge com meu drinque imediatamente de trás do bar, junto com duas garrafas de água.

Pego uma das garrafas e começo a beber com prazer, antes que Jesse tenha a oportunidade de me mandar fazê-lo. Ele se senta à minha frente e estica o braço para ajeitar o meu diamante.

– Você está bem?

Tento esconder um bocejo enquanto faço um aceno com a cabeça.

– Ótima.

Ele sorri.

– Vou levar você para casa. Foi um dia longo.

John entra no bar, aperta o ombro de Jesse e acena para mim.

– Tudo bem, garota? – ele ruge, e aceno para ele de volta. De repente, parece que perdi a capacidade de falar. Estou totalmente exausta.

– Vou levá-la para casa. Tudo bem lá em cima?

– Tudo bem – John confirma. Ele se despede com o mesmo aceno, e bocejo outra vez. – Vou pedir o seu carro. Leve Ava para casa. – Ele pega o telefone e dá algumas instruções curtas e precisas antes de dar um OK a Jesse.

– Preciso encontrar Kate – consigo murmurar, no meu estado letárgico.

John dá uma de suas risadas de barítono, que reverbera em todo o meu corpo.

– Acho que acabei de vê-la desaparecer lá em cima com Sam.

Jesse se une a John na piada.

– Quer subir para se despedir dela?

– Não! – Sei que meu rosto está retorcido de desgosto, e os dois riem mais ainda. Meu Deus, será que mais alguém vai se juntar a eles? Onde está Drew? Balanço a cabeça para afastar os pensamentos indesejados. – Me leve para casa. – Eu estremeço e me levanto sobre meus pés cansados.

Jesse e John trocam algumas palavras, mas meu cérebro não permite que meus ouvidos escutem. No entanto, posso ouvir quando Jesse diz a ele para não esperá-lo amanhã, o que significa que vou mesmo passar o dia todo na cama com meu homem e que vou fazer um escândalo digno de um Oscar se ele me acordar com o raiar do dia e me apresentar minha roupa de corrida.

Eu me despeço de Mario e de John e deixo a cabeça cair sobre o ombro de

Jesse, que me leva para fora do Solar e me coloca no carro antes de ocupar o banco do motorista.

– Meu dia foi incrível – murmuro, sonolenta, enquanto meu corpo se molda ao couro frio e macio. E foi mesmo, fora as vagabundas.

Sinto a palma da mão dele pousar na minha coxa e desenhar círculos, sem pressa.

– *Baby*, o meu dia foi incrível. Obrigado.

– Por que está me agradecendo? – bocejo outra vez, meus olhos ficando pesados. Eu que fui mimada e coberta de atenção.

– Por me deixar lembrar você – ele diz, calmo.

Eu o olho sonolenta e dou um sorriso, vendo-o dar a partida no carro e acelerar sem dó. Fecho os olhos e me rendo à exaustão. Ele me lembrou mesmo, e estou grata por isso.

– Amanhã vamos pegar todas as suas coisas na casa de Kate – ele diz enquanto nos afastamos do Solar. – Na segunda-feira, vamos contar para Patrick. E acho que você devia contar aos seus pais que sou mais que um amigo.

Balucio uma resposta inaudível às suas palavras. Morar com ele oficialmente não me parece motivo para preocupação agora, mas sei que Patrick e meus pais são um cenário totalmente diferente. Para o mundo, Jesse pode parecer um tirano controlador, e ele é, de certa forma, mas também é um monte de outras coisas. E não sei se minha mãe e meu pai vão deixar passar a óbvia necessidade que ele tem de me sufocar e me controlar. Vão ver isso como algo nocivo, mas é algo nocivo quando você aceita? Não porque tenha medo ou esteja vulnerável, mas porque o ame de modo desmedido e os momentos em que você quer gritar de frustração, e talvez estrangulá-lo, não sejam nada perto de situações como aqui e agora. Ele tem um comportamento complicado mesmo, e eu luto contra isso até certa medida, mas não me iludo a ponto de pensar que sou eu quem manda nessa relação. Sei exatamente por que Jesse age assim comigo. Sei que ele vive com medo de que eu seja tirada dele, mas eu vivo com o mesmo medo. E não tenho certeza de que o medo de Jesse seja mesmo irracional – não à medida que descubro mais sobre a sua história.

Capítulo 24



– Bom dia.

Abro os olhos para uma invasão de luz natural, a música erótica do salão aberto tocando ao fundo. O rosto bonito de Jesse paira sobre o meu, com a barba por fazer. Ele está delicioso.

Mexo os braços para tentar abraçá-lo, mas eles não vão a lugar algum.

Como assim?

Seu rosto se abre naquele sorriso atrevido, e eu sei imediatamente o que ele fez. Levanto os olhos e descubro que minhas mãos estão algemadas à cabeceira da cama.

– Você planejava ir a algum lugar? – ele pergunta.

Volto os olhos para os dele e os encontro semicerrados, os longos cílios pronunciados. Eu deveria ter previsto isso.

– O que você vai fazer? – Minha voz matinal está mais rouca, por mais de uma razão.

– Vamos fazer as pazes – ele diz, com um meio sorriso. – Você quer fazer as pazes, não quer? – As sobrancelhas dele se levantam com a expectativa.

– Sexo preguiçoso? – dou um palpite.

– Não, nada de sexo preguiçoso. Ainda não pensei em um nome para esse – ele diz, pegando a minha sacola de brindes dourada da festa na mesa de cabeceira.

Não me lembro de ter trazido isso para casa, mas, até aí, não me lembro de trazer a mim mesma para casa.

Ele acomoda o corpo nu nos meus quadris como uma sela e coloca a sacola sobre minha barriga.

– Então, o que temos aqui?

Jesse tira um vibrador dourado.

– Não precisamos disso. – Ele olha para o objeto com nojo e o joga por cima do ombro. O vibrador cai com um ruído no chão do quarto. – O que mais? – Jesse pega uma caixinha e também atira para trás, com um olhar ainda mais enojado. – Também não precisamos disso.

– O quê? – pergunto, mas ele me ignora completamente e continua revirando a sacola.

Então pega uma calcinha fio-dental de cetim prata e a inspeciona por todos os ângulos, antes de jogá-la longe, também.

– Não é de renda – murmura, voltando à sacola.

Olho para ele ali sentado sobre mim, com um olhar concentrado, e me divirto.

Não está nem um pouco impressionado. Então surge um cartão, que ele lê com um ruído de desprezo, antes de rasgá-lo e jogar os pedaços para todos os lados. Eles se juntam aos demais objetos descartados no chão.

– O que era aquilo? – pergunto, muito intrigada.

Ele me olha rápido.

– Nada de que você vá precisar algum dia.

– O que é?

– Um *voucher* para aplicação de Botox – ele resmunga.

Dou risada e ele me olha com uma expressão maliciosa. Com certeza foi Sarah quem organizou as sacolas de brindes. Queria que ele não tivesse rasgado o cartão, eu o teria doado a ela.

– Essas sacolas são um lixo – ele dispara, antes de tirar um último item de lá e jogar a sacola no chão com todo o conteúdo criminoso. – Embora isso seja interessante. – Ele me mostra um anel de borracha preto com uma engenhoca pequena, de metal, em forma de bala.

– Que diabos é isso? – pergunto.

Ele segura o objeto diante dos olhos e o observa, antes de olhar para mim. Jesse sorri, compreendendo tudo, e se inclina para a frente, colocando um travesseiro sob a minha cabeça e me dando um beijo inocente nos lábios.

– Quero que você tenha uma visão privilegiada – ele sussurra, antes de assumir a antiga posição, sobre os meus quadris, mas de joelhos.

Ele pega o anel e começa a deslizar sobre sua ereção, e logo tudo fica extremamente claro.

– Ah, não! Se não posso usar equipamentos que funcionam à pilha, você também não pode! – grito, mas ele me ignora. Jesse mantém os olhos nas mãos e leva o aparelho até a base de pênis, posicionando o *bullet* no lugar certo. Eu bufo e jogo a cabeça para trás, olhando para cima.

– Olhe para mim – ele ordena, mas fixo meu olhar no teto. Sinto o colchão afundar ao lado da minha cabeça quando Jesse apoia o punho ali, enquanto a outra mão segura minha mandíbula. – Olhe.

Seu tom me desafia a desobedecê-lo.

Ele move meu queixo de leve, e baixo os olhos para os deles, que são mares verdes de desejo. Os lábios de Jesse estão entreabertos.

– Me beije agora, Ava. – Ele se inclina e levanta o meu rosto para encontrá-lo.

Minha boca é atacada com urgência, invadida pela língua dele, e geme de satisfação. Sei que vou ser abandonada ofegando e me contorcendo, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Seu beijo selvagem domina meus sentidos com a necessidade de mais e, nessa hora, ele se afasta. Eu choramingo.

– Você vai olhar – ele diz, mordendo meu lábio.

– Desligue essa música! – eu me arqueio, provocando-o.

Ele aperta meu osso da bacia, me advertindo com o olhar.

– Por quê? Está com tesão?

Oh, isso vai ser um inferno. Ele se afasta do meu rosto e ataca meu mamilo, sugando-o com força. Meu corpo se eleva, solto um gemido, fecho os olhos e

procuro um lugar para enterrar o rosto. Não encontro nenhum.

– Abra! – ele ordena e aperta meu quadril outra vez. Minhas pálpebras se abrem, e ele vai para o outro seio, que é sugado da mesma forma, lambendo, mordendo, puxando meus mamilos ao máximo. Luto para manter os olhos abertos e não contrair as pernas. Quero dobrá-las, mas as dele estão prendendo minhas coxas por fora, impedindo meus movimentos.

– Você é cruel – reclamo e olho para uma expressão de total satisfação. Ele está mesmo se vingando.

Jesse se ajoelha e segura seu membro com uma das mãos, enquanto a outra liga o botão da engenhoca. Ouço o pulsar regular da vibração, e ele entreabre os lábios.

– Uau! – ele diz, sem som.

Fecho os olhos por um segundo antes de ser segurada pelo quadril sensível e ter de abri-los de novo. Respiro fundo e tiro os olhos dos dele, baixando-os para o meu peito, passando pela cicatriz e indo para a massa de pelos pubianos. Vejo-o se masturbar devagar, os músculos da coxa tensos e saltados. Grito de desespero para tocá-lo. Agora sei como ele se sentiu, e não é nada bom. Quero tocá-lo, senti-lo, e não posso. Estou impotente.

Ele flexiona o punho e recua, a glândula úmida brilhando.

– Que gostoso, *baby* – ele diz com a voz rouca, que atinge meu sexo em cheio. – Quer me ajudar?

Meus olhos fazem o trajeto de volta até os dele.

– Vá se foder – digo quase sem som e completamente sem pressa. Não ligo para a minha linguagem chula. Ele não pode me punir mais do que isso.

– Olha a boca. – Ele força a frase no meio de um gemido, e eu me debato contra as algemas.

– Você vai se machucar, Ava. Pare de lutar – ele alerta, com a voz entrecortada, o punho ainda percorrendo sua própria ereção.

Esperneio um pouco mais.

– Pare! – ele vocifera, e, de repente, a masturbação fica mais intensa. Isso está me matando, mas, pelo amor de Deus, como ele está fantástico ajoelhado em cima de mim, dando prazer a si mesmo. Assisto a cada músculo de seu peito, de seus braços e suas coxas ficar mais tenso, e a veia em seu pescoço saltar.

– Por favor – eu imploro. Preciso tocá-lo.

– Não é bom, é? – ele pergunta. – Pense nisso na próxima vez que me privar de tocar você.

– Vou pensar! Por favor, Jesse, me solte! – Fecho os olhos, berrando em minha mente para tentar bloquear a música alta no quarto.

– Abra os olhos, Ava!

– Não! – Minha cabeça se debate de um lado para o outro. É a pior forma de tortura. Nunca mais vou impedi-lo de me tocar. Nunca mais. Sinto seus dedos deslizarem para o meu sexo, colherem um pouco da umidade e espalharem-na, antes de um deles me penetrar com força. Meus olhos se abrem na hora. – Por favor!

Seu rosto se contorce, e ele continua a se masturbar.

– Você vai olhar! – ele afirma, seu punho ganhando velocidade, mais urgente.
– Porra!

De repente ele começa a se mover, e seus joelhos vêm parar dos lados da minha cabeça, o púbis no meu rosto.

– Abra a boca – ele ruge, e eu obedeço sem pensar duas vezes. Jesse apoia a mão livre na cabeça e chega ao clímax. – Oh, Deus! – sua cabeça pende para a frente, e ele dirige o jato para a minha boca aberta e jorra na minha língua, seu sabor salgado escorrendo para a minha garganta. Aproveito a oportunidade para fechar os lábios em torno dele e conseguir alguma forma de contato.

O peito de Jesse sobe e desce, enquanto ele termina seu momento de êxtase, a pulsação do vibrador correndo por sua extensão e fazendo meus lábios formigar, enquanto eu o lambo. Seu pau ainda pulsa na minha língua, que eu deslizo pela glândula, lambendo e chupando em delírio, enquanto ele treme sobre mim, tentando estabilizar a respiração. Jesse abre os olhos e me encara, antes de se mover e interromper a vibração. Ouço o esticar do elástico, e um som surdo me avisa que o aparelho foi parar no chão.

Ele se encaixa entre as minhas coxas e olha para mim de cima, o rosto pensativo enquanto acaricia a parte de baixo dos meus braços. Não vai me soltar? Os tons eróticos do Enigma ainda inundam meus ouvidos e não contribuem em nada para o meu estado pré-explosivo.

– Eu posso deixar você assim para sempre. – Jesse traz seus lábios até os meus e lambe minha boca. – Assim, vou saber onde você está o tempo todo.

– Acho que isso poderia ser perigosamente categorizado como escravidão sexual – murmuro na boca dele.

– E isso é um problema por quê...?

– Porque eu gostaria de pensar que você quer mais do que apenas meu corpo.

– Oh, eu quero muito mais que isso. – Ele beija meu rosto todo e termina de volta à minha boca. – Quero você como minha esposa.

O quê?

Quase mordo a língua dele com o choque enquanto sua boca continua a se apoderar da minha, como se não tivesse dito isso logo depois de ejacular nela, depois de me manter algemada.

Ele finalmente se afasta e olha para o meu rosto pasmo.

– Case comigo – ele ordena, suavemente.

– Você não pode me pedir isso enquanto estou algemada na cama!

– Alguém está precisando de uma transa de lembrete? – ele pergunta em voz baixa, antes de me beijar de novo.

Estou perplexa. Ele não pode arrancar essa resposta de mim com sexo! Dou risada internamente porque, sim, Jesse poderia e provavelmente o faria.

Ele se afasta, baixa os olhos e suspira.

– Foi uma piada, uma péssima piada. – Começa a morder o lábio, e as engrenagens entram em ação naquela linda cabeça. – Você me consome, Ava. Não vivo sem você. Estou totalmente viciado em você, meu amor. – Sua voz é

suave e insegura. Meu ex-playboy, confiante e dominador, está nervoso. – Eu sou seu. Case comigo.

Encaro seu rosto absurdamente bonito, ainda em completo choque. Por essa eu não esperava, nem em um milhão de anos. Só decidi de verdade ontem à noite me mudar para cá, embora Jesse, nessa cabeça louca, já tenha me mudado uma semana atrás. Ele morde o lábio ansiosamente enquanto me observa na tentativa de decifrar o que está acontecendo. Tenho vinte e seis anos e ele tem trinta e sete. Por que estou pensando na diferença de idade agora? Isso nunca importou antes. O que realmente deveria me incomodar é o seu temperamento. Nem vou considerar que ele vai mudar se eu aceitar o pedido e me casar com ele. Ele nunca vai mudar, mas é assim; isso é parte do homem que eu amo.

– Sim. – As palavras sussurradas escapam da minha boca sem muito o que pensar. Essa é a progressão natural para nós. Peça ele hoje ou daqui um ano, a resposta vai ser sempre a mesma. Quero estar ligada a ele para sempre, mesmo com o temperamento difícil. Eu amo Jesse. Preciso dele.

A expressão de surpresa que crivava meu rosto agora passou para o dele, as engrenagens girando tão rápido que estou começando a ver a fumaça.

– Sim? – ele pergunta, em voz baixa.

– É instintivo. – Dou de ombros e percebo que ainda estou algemada à cama. – Uma transa de lembrete não é necessária. Pode me soltar agora?

Ele entra em pânico e pula para pegar a chave na mesa de cabeceira, trabalhando rápido para abrir as algemas. Massagem os punhos para fazer o sangue fluir e trazer minhas mãos de volta à vida, mas logo sou perturbada por um homem que me tira de baixo dele, me aninha em seu corpo e me aperta em seu abraço.

Meu Deus! Acabo de aceitar me casar com esse ex-playboy neurótico e controlador, que conheço há questão de semanas. Meu Deus, meus pais vão ter um ataque.

Jesse cai sobre a cama, me levando junto, e enterra o rosto no meu pescoço. Ele me abraça com força, e não tenho coragem *nem* vontade de pedir para ele ir mais devagar. Não vou a lugar nenhum – nunca mais.

– Vou fazer você tão feliz. – Sua voz sai entrecortada.

Eu me contorço um pouco para me soltar, mas ele mantém o rosto exatamente onde está. Então me movo com mais intensidade, tentando me soltar do abraço até encontrar seus olhos. Eles estão marejados.

– Você já me faz feliz. – Acaricio o rosto dele e enxugo uma lágrima com o polegar. – Por que você está chorando? – Tento não demonstrar o tremor em minha voz.

Ele balança a cabeça e esfrega as mãos no rosto todo.

– Viu o que você faz comigo? – Ele segura o meu rosto com as duas mãos e me puxa, encostando a testa na minha. – Não acredito que você está na minha vida, não acredito que você é minha. Você é tão, mas tão preciosa para mim, Ava. – Os olhos dele percorrem o meu rosto, e suas mãos me acariciam, como se quisessem se certificar de que sou real.

– Você é precioso para mim também – digo baixinho. Espero que ele compreenda o quanto. Ele é tudo... meu mundo.

Jesse dá um sorriso leve.

– Fizemos as pazes?

– Para sempre. – Sorrio de volta.

– Que bom. Meu trabalho aqui está feito. – Ele nos gira na cama, para se encaixar entre as minhas coxas e então me penetra devagar. – Agora, fazemos sexo preguiçoso de comemoração. – Ele pega o controle remoto e desliga o aparelho de som. – Só quero ouvir você gozar. – Ele cola a boca na minha, geme, e eu aceito seus lábios, ao mesmo tempo que ele segura as minhas mãos acima da cabeça. Ele recua e me ataca com tudo.

– Aquilo foi uma foda de pedido de casamento – digo com a boca dele próxima à minha, sentindo-o sorrir nos meus lábios, mas Jesse não diz nada, nem mesmo me repreende pela linguagem. Ele só vai e vem em um ritmo onírico, mergulhando fundo, ondulando o quadril gentilmente e recuando outra vez.

Meu estado de êxtase anterior retorna, e estou pronta para detonar, o ritmo lento que ele imprime no quadril fazendo sua habitual mágica no meu corpo.

Ele afasta a boca, mantendo os movimentos deliciosos.

– Você vai ser a sra. Ward. – Seu hálito mentolado atinge meu rosto, e ele me olha de cima.

– Vou. – Vai ser estranho.

– Você vai ser minha para sempre.

– Eu já sou. – Já faz tempo.

Ele fecha bem os olhos, e sinto os indícios de seu orgasmo iminente pulsando dentro de mim, me levando em direção ao meu próprio clímax.

– Vou idolatrar você todos os dias pelo resto da vida. – Ele dá uma última estocada. – Meu Deus!

– Oh, Deus! – respiro fundo, meu corpo se contraindo sob o dele, a pulsação em meu sexo acelerando rápida e continuamente.

Jesse me penetra sem parar, me beijando com desespero e rosnando a cada golpe, mantendo minhas mãos presas acima da cabeça e mergulhando sem parar em mim. Ele goza com um grito, e enlaço as pernas em torno do seu quadril, puxando-o mais para perto, o que me lança em um abismo em queda livre, como um raio atingindo meu corpo todo, me deixando arfando e suando embaixo dele. Sua cabeça cai sobre mim, a respiração é curta e errática.

– Mal consigo respirar – ele diz, soltando as minhas mãos. Elas imediatamente tocam suas costas quentes e sólidas em um abraço, e eu me liquefaço sob seu peso. Sinto-o levantar a cabeça e deslizar o rosto no meu até que nossos lábios se encontram. – Eu amo você loucamente, Ava. Fico feliz por fazermos as pazes.

Dou um sorriso, e ele nos rola na cama. Estou sentada sobre ele. Levo as mãos ao peito de Jesse, que as cobre com as suas, enquanto me insinuo com os quadris nos dele.

– Eu sei que ama. E, se vamos nos casar, tem algumas perguntas às quais você precisa responder. – Uso uma voz assertiva, equivalente ao tom “ouse me

desafiar” dele. Não sei se vai funcionar, mas vale a tentativa.

Ele levanta as sobrancelhas.

– Preciso, é?

– Sim, precisa – respondo cheia de empáfia.

– Vamos lá, então. Diga. O que quer saber? – ele dá um suspiro profundo, e olho feio para ele. – Desculpe. – Pelo menos tem a decência de parecer arrependido. Minhas mãos ainda estão sob as dele, sobre o peito.

– Quem era aquela mulher ontem à noite?

– Coral – ele diz, inexpressivo, com certeza já esperando que a pergunta fosse essa.

Eu reviro os olhos.

– Eu sei que o nome dela é Coral. Quem é ela?

– Ela é a esposa daquele idiota que foi expulso do Solar no dia em que você descobriu o salão aberto.

Ah? Minha mente volta para aquele dia desastroso, e me lembro da criatura desprezível que xingava Jesse.

– Você teve um caso com ela?

– Não. – Jesse balança a cabeça, com um ar triste. – Eles me procuraram para arrumar alguém para participar de um *ménage à trois*.

Recuo um pouco, involuntariamente. Ele não precisa me contar mais nada.

– Você? – sussurro. Ele faz que sim, quase envergonhado. – Por que fez isso?

– Ela me pediu.

– Ela se apaixonou por você.

Ele arregala os olhos diante da conclusão. É óbvio. E tenta se mover embaixo de mim, desconfortável.

– Acho que sim.

Isso abre todo um leque de mais perguntas. Não me surpreende que ela tenha se apaixonado por Jesse. É sobre a visita-surpresa ontem à noite ao Solar e o tempo que os dois ficaram no escritório que quero saber.

– O que ela queria ontem? Vocês ficaram lá dentro um bom tempo.

Ele respira fundo e fixa seu olhar determinado em mim.

– Ela deixou Mike... por mim. Não sei por quê. Nunca dei motivos a ela para acreditar que eu a queria dessa forma. – Ele faz uma pausa momentânea para ver a minha reação. Não sei como me sinto. Ele suspira. – Ele a expulsou de casa, tomou seu carro e cancelou os cartões de crédito. Ela não tem nada.

– Ela procurou você para pedir ajuda?

– Sim.

– E o que você disse? – Acho que não vou gostar da resposta.

– Disse que faria o que pudesse. – Ele começa a morder aquele maldito lábio.

Eu estava certa. Não gostei da resposta. O que ele pode fazer? Ajudar só vai encorajá-la e enchê-la de esperança de que as coisas possam progredir. Viro a cabeça um pouco de lado.

– Isso tem alguma coisa a ver com a polícia?

Ele ri. Eu não sei por quê, já que não é engraçado.

– Mike está fazendo joguinhos. Ele ligou para ao Departamento de Imigração dizendo que metade da minha equipe era de imigrantes ilegais. Tudo se resolveu rápido, sem problemas. Foi apenas um inconveniente.

– Por que não me disse isso, em vez de deixar minha mente viajar?

Ele fecha o rosto.

– Por que eu iria preocupar você com uma bobagem dessas?

Entendo o que ele quer dizer, mas mesmo assim eu deveria saber, especialmente se envolve uma mulher interessada no meu homem temperamental. Mantenho os olhos fixos nos dele, que continua me acariciando com os polegares.

– Então, você participou do sexo a três e foi só isso?

– Sim. – Ele vira a cabeça, evitando meu olhar.

– Você está mentindo para mim – eu ranjo os dentes. – Não foi só isso, não é?

– Não. Na verdade, não. – Jesse vira os olhos de novo, ainda fugindo dos meus. – Precisamos mesmo falar disso? – ele pergunta, irritado. – Ela teve a impressão errada de que eu queria mais que isso, mas eu não queria. Ponto-final.

– Então você teve um caso com ela?

– Sim! Está bem? Sim, tive, mas era só sexo, nada mais. – Seus olhos verdes estão cheios de raiva. – Assunto encerrado.

– Você me disse uma vez que nunca quis comer uma mulher mais de uma vez, só a mim. – Nunca vou esquecer esse comentário e, ainda que soe improvável e idiota, dada a quantidade de mulheres que ele já teve por causa disso, gosto de pensar que só eu estive com ele mais de uma vez.

– Eu nunca disse que não transei com uma mulher mais de uma vez. Disse que nunca *quis* uma mulher mais de uma vez. Os fins justificavam os meios, só isso. Ela se ofereceu para mim.

– Então, não sou a única que você comeu mais de uma vez? – Estou magoada. Que ridículo. Ele era um playboy em busca do prazer antes de me conhecer. E agora estou entrando em um território que, sem dúvida, vai me deixar morta de ciúme.

– Ava, olhe a boca!

– Não! Não quando estamos falando de você transando com outras mulheres! Não fui só eu que você comeu mais de uma vez, certo?

Ele rosna para mim, e lanço um olhar mortal.

– Não, não foi – ele admite, os polegares frenéticos acariciando minhas mãos. – Mas você tem que entender que elas não significaram nada para mim. Eu as usei, as tratei como objetos. Não tenho o menor orgulho disso, mas é o que acontecia. Elas me aceitavam de qualquer jeito, Ava. Todas queriam mais, mas com certeza nunca criaram expectativas. Agora, no entanto, viram que posso ser de uma mulher só.

Estou enjoada. Essa conversa foi mesmo de embrulhar o estômago. Quantas delas devo esperar que venham atrás do meu controlador neurótico? A esposa de Mikael já o procurou, e agora Coral.

– Ela ainda ama você – digo, em um fio de voz. É outra razão para ela ter estado no Solar ontem à noite. – Ela não pode ter você – digo. – Nenhuma delas pode – acrescento, só para que ele sabia que estou ciente de que vão surgir mais. Sinto como se tivesse que me preparar para a guerra.

Seu olhar suaviza, e ele dá um meio sorriso.

– Ela não pode. Eu já disse isso a ela. Nenhuma delas pode. Tudo se resume a você.

– Eu também não quero que você ajude Coral. É injusto você esperar que eu fique bem com isso.

– Ava, não posso virar as costas para ela. – Ele parece chocado com a exigência.

– Tudo bem. Então vou continuar trabalhando para Mikael. – Não sei por que disse isso. Como sou idiota. O olhar dele foi de suave e reconfortante para duro e frio. Quando é que vou aprender?

– É melhor você retirar o que disse. – Ele arfa sob mim, e sua mandíbula está tensa. É exatamente como me sinto sobre ele ajudar Coral.

– Não – disparo, certa de que estou abusando da sorte.

– Três... – ele começa.

– Oh, não! Nada disso! – Faço menção de sair de cima dele, mas Jesse segura minhas mãos com firmeza, puxando-as para ele.

– Dois...

– Não! Você não vai fazer uma contagem regressiva por causa disso! De jeito nenhum, Ward. Pode pegar seu zero e enfiar onde quiser! – Luto com as mãos dele em mim, aumentando minha fúria na medida da força com que ele me aperta.

– Olhe a boca! – Ele me vira de bruços na cama e me cobre como um cobertor. – Um.

– Saia daqui! – Não vou dar o braço a torcer.

– Zero, Ava. – Seus dedos vão direto para o meu quadril e se embrenham na depressão logo acima da bacia... com força.

Grito, sentindo um inferno de cócegas implacáveis. Ele está mesmo determinado, e minha bexiga de repente parece um saco de pancadas.

– OK! Tudo bem, tudo bem. Desculpe! Desculpe! – eu não aguento.

Ele para na hora e me gira, mas ainda me prende na cama com o próprio corpo.

– Me beije – ele ordena, aproximando a boca da minha.

– Não vou fazer nada até você admitir que está sendo injusto. – Posso vê-lo caindo em si com as minhas palavras, as engrenagens girando enquanto considera o que eu disse. Então continuo, antes que ele consiga se manifestar. – Ela quer me afastar de você, e eu jamais vou deixar isso acontecer. Se vou me casar com você, então você precisa aprender a compreender e respeitar os meus sentimentos. Não quero que você a veja ou fale com ela. Sinto pena dela, mas não a ponto de deixar que isso nos afete, e espero que você sinta o mesmo.

– É claro que eu sinto o mesmo – ele suspira.

– Então não deve ser difícil acatar meu pedido.

– Não, não é. Desculpe. – Ele roça o nariz no meu. – Não pensei direito. Não vou mais vê-la. Me perdoe.

– Perdoado. Agora me beije.

Ele não perde tempo e une nossas bocas, me beijando como se sua vida dependesse disso, gemendo em minha boca, um som gutural de pura satisfação.

– Diga que me ama. – Ele dá uma ordem.

– Eu amo você.

Seus olhos verdes brilham, e seus lábios se curvam.

– Diga que vai se casar comigo.

– Eu vou me casar com você.

– E mal posso esperar. Agora me beije *você*. – Sua voz rouca faz minha cabeça girar. Eu o enlaço pelo pescoço e o beijo com adoração, sentindo-o sorrir contra os meus lábios e se levantar da cama com meus braços ainda em torno dele, minhas coxas em volta dos seus quadris. Continuo beijando-o enquanto ele nos leva para o banheiro e usa a mão livre para tirar minhas pernas dele. Eu resmungo, contrariada e ele ri. – Você escova os dentes. Vou começar a fazer o café da manhã. – Ele tira meus braços do pescoço, me coloca diante do espelho, me dá um beijo no ombro e um tapinha no traseiro e sai do banheiro.

Então eu vou me casar? Encaro meu reflexo no espelho e vejo meus cabelos despenteados, em uma massa de ondas revoltas, olhos brilhantes, lábios vermelhos e bochechas coradas. Estou bem.

Pego minha escova de dentes e passo o creme dental nas cerdas sem pensar, mas considerando como eu me sinto, também. Nunca me senti tão renovada e viva, e só há uma razão para isso, que é o sr. Temperamental. Meu Deus, Kate vai parir gatinhos, e não consigo nem começar a pensar no que meus pais vão achar disso tudo.

Levo a escova à boca e começo a escovar as dentes alegremente, afastando uma mecha rebelde de cabelos do rosto com a mão livre. Mas algo atrai minha atenção imediatamente.

Que merda é essa?



Cuspo pasta de dentes no espelho, em choque, e a escova cai na pia. Olho para minha mão, que de repente parece feita de chumbo, e me agarro ao gabinete para me manter em pé. Pisco algumas vezes e balanço a cabeça, como se isso fosse fazê-lo desaparecer, como se fosse uma alucinação ou algo assim. Mas não, estou diante e sendo cegada por um diamante colossal que adorna, feliz e contente, meu dedo anelar esquerdo.

– Jesse! – dou um berro e começo a me apoiar no gabinete até estar perto o bastante da *chaise longue* para cambalear até lá e sentar sem cair. Coloco a cabeça entre as pernas e tento controlar a respiração e o coração acelerado. Acho que vou desmaiar.

Ouçoo entrar voando no banheiro, mas não consigo convencer minha cabeça pesada a levantar.

– Ava, querida, o que houve? – Sua voz está histérica, e ele se ajoelha diante de mim, com as mãos nas minhas coxas.

Não consigo falar. Estou com um nó na garganta, do tamanho do diamante que pesa em minha mão esquerda.

– Ava, pelo amor de Deus! O que aconteceu? – Ele levanta minha cabeça com cuidado e procura meus olhos, cheios de lágrimas, com os seus, que estão cheios de desespero. – Por favor! Me diga.

Engulo em seco para tentar formar alguma palavra, mas como isso não funciona, levanto a mão. Meu Deus, como pesa.

Vejo através das lágrimas a ruga de expressão aparecer, e ele fica olhando dos meus olhos para a minha mão.

– Então você o encontrou? – ele diz, seco. – Demorou, hein? Meu Deus, Ava, tive mil infartos. – Ele beija a minha mão, ao lado do meu novo amigo. – Gostou?

– Meu Deus! – exclamo, incrédula. Nem vou perguntar quanto custou. É responsabilidade demais. Uma lufada de ar escapa dos meus lábios, e coloco a mão no peito em busca do meu outro amigo.

– Está no cofre. – Ele segura a minha mão e junta as duas no meu colo nu. Relaxo de alívio, e ele acaricia minhas mãos e sorri.

– Me diga. Gostou?

– Você sabe que sim. – Olho para o anel. É uma banda de platina, reta e simples, com um diamante deslumbrante de corte quadrado. Olho para Jesse. Sei que meu cenho está franzido, um sinal da minha confusão. Talvez eu precise daquele *voucher* para aplicação de Botox, afinal. – Quando foi que você colocou isso no meu dedo?

Seus lábios formam uma linha fina.

– Logo depois de algemar você.

Meus olhos saltam.

– Quanta autoconfiança.

Ele encolhe os ombros.

– Um homem pode ser otimista.

– Você chama de otimismo. Eu chamo de teimosia.

Ele sorri.

– Chame do que você quiser. Ela disse “sim”.

Ele me agarra e cai comigo no chão do banheiro, deitando minhas costas nuas nos ladrilhos frios e duros e enfiando o rosto entre os meus seios. Dou risada enquanto ele me devora.

– Pare!

– Não! – ele morde meu seio e chupa uma pequena parte. – Vou marcar você.

Ainda que pudesse impedi-lo, não vou. Ele é o único que vai ver. Deixo-o fazer o que quer e entrelaço os dedos nos cabelos dele, ficando mais uma vez boquiaberta quando vejo o anel. Não acredito que ele o colocou no meu dedo antes de fazer o pedido, babaca arrogante. Como foi que não percebi?

Distraída... desafiada.

– Pronto. – Ele dá um beijo delicado na marca. – Agora estamos combinando.

Olho para o círculo perfeito que ele fez no meu seio e depois para Jesse, que admira seu feito com satisfação.

– Está feliz? – pergunto.

– Estou. E você?

– Encantada.

– Que bom. Meu trabalho aqui está feito. Próxima tarefa: alimentar minha sedutora. Levante. – Ele me põe de pé. – Você vai demorar para descer?

– Uns cinco minutos.

– Uns... – ele se inclina e morde minha orelha. – Ande logo. – Mais um tapa no traseiro, e ele vai embora.

Um sorriso enorme brota no meu rosto corado. Eu disse sim. Não tenho dúvidas, nenhuma mesmo. Eu pertencço a Jesse.

Tomo um banho rápido e visto a camisa dele, que estava jogada no chão, e um short leve. Chego à escada e me lembro das cartas que não entreguei para Jesse, então paro no quarto creme, pego a correspondência na cômoda e desço, ignorando o fato de que já estou há uns vinte minutos longe dele e que estou com saude.

Eu o encontro na cozinha com o dedo enfiado em um pote de manteiga de amendoim olhando com atenção para a tela do computador. Dou um suspiro ao ver seu rosto perfeito tão concentrado, para logo torcer o nariz quando ele enfia o dedo cheio de manteiga de amendoim na boca.

– Olhe, esqueci de entregar isso. – Passo as cartas para ele e me sirvo de suco

de laranja.

– Pode abri-las.

Vejo minha chave do carro sobre o balcão.

– Meu carro voltou?

– John o trouxe – ele diz, ainda estudando o que quer que seja na tela do computador. Penso no enorme John dirigindo o meu Mini.

– Você é religiosa? – ele pergunta, como quem não quer nada.

Olho feio para o meu suco.

– Não...

– Nem eu. Tem alguma preferência com relação à data?

– Para quê? – pergunto confusa, o que é bom, porque é exatamente como me sinto.

Ele olha para mim zangado.

– Há alguma data em particular em que você gostaria de se tornar a sra. Ava Ward?

– Não sei – dou de ombros. – No ano que vem, no próximo... – Pego uma torrada e começo a passar manteiga. Ele me pediu em casamento há meia hora. Primeiro preciso acordar direito. Temos muito tempo para isso, e preciso falar com os meus pais, para começar.

Ele derruba o pote de manteiga de amendoim na ilha de mármore, me fazendo pular de susto.

– No ano que vem? – ele pergunta, com uma expressão de puro desgosto.

– Tudo bem, no próximo. – Ano que vem é meio cedo, creio eu. Corto minha torrada ao meio e cravo os dentes em uma das pontas.

– No próximo ano?

Olho para ele e me deparo com seu lindo rosto contorcido de incredulidade. Realmente não me importo. Pode ser no outro ano ainda, tudo bem. Encolho os ombros e continuo comendo minha torrada.

Sua expressão se transforma em um olhar de reprovação.

– Nós vamos nos casar no mês que vem. – Ele pega o pote e mete o dedo na manteiga de amendoim de maneira agressiva.

Quase engasgo com a torrada e então começo a mastigar rápido para me livrar logo dela. Mês que vem? Ele está louco?

– Jesse, não posso me casar com você no mês que vem!

– Sim, pode e vai. – Ele esbraveja sem olhar para mim.

Dou um passo para trás. Ainda nem contei para os meus pais que estou morando com ele, que dirá me casar. Preciso de tempo.

– Não posso! – Estou quase rindo.

Seus olhos duros encaram os meus, e ele bate o pote na mesa. Dou mais um pulo de susto.

– Como é que é? – ele diz, a voz genuinamente alarmada.

– Jesse, meus pais mal sabem da sua existência. Você não pode esperar que eu ligue para eles e dê esse tipo de notícia por telefone. – Imploro em silêncio

que ele seja razoável. Já vi aquela expressão muitas vezes, e sempre sugere que ele não vai dar o braço a torcer.

– Nós vamos vê-los. Eu não vou enrolar, Ava.

Dou um gole nervoso do meu suco de laranja enquanto ele me perfura com os olhos, irritado. A ideia de apresentar Jesse aos meus pais me enche de angústia.

Murcho sob seu olhar zangado, mas tenho que bater o pé.

– Você está sendo radical. Nós não podemos organizar uma cerimônia de casamento em um mês, de qualquer maneira. – Dou mais uma mordida na torrada e sou forçada a absorver o ressentimento que emana de cada poro do meu homem complicado.

– Você me ama? – ele pergunta, curto.

Eu estreito os olhos para ele.

– Não faça perguntas idiotas.

– Que bom. – Ele faz um ruído que sugere que o assunto acabou e volta a atenção para o laptop. – Eu também amo você. Vamos nos casar no mês que vem.

Solto a torrada, frustrada.

– Jesse, eu não vou me casar com você no mês que vem. – Levanto do banco e levo meu prato para a lixeira, para jogar fora o que resta do café da manhã. Perdi completamente o apetite.

– Venha aqui – ele rosna às minhas costas.

Viro para olhar para ele e noto que a ferocidade está de volta.

– Não! – disparo. Ele arregala os olhos. – E você não vai me comer para me fazer concordar. Esqueça.

– Olha a boca, Ava, porra! – Seu rosto se retorce, e seus lábios se tornam uma linha fina. Ele me prende no lugar com seu olhar. – Três.

– Ah, não! – Dou risada. – Nem pense nisso!

– Dois.

– Não!

– Um.

– Jesse, vá se foder! – Até eu desaprovo minha linguagem, o que provavelmente só aumenta sua irritação.

– Olha a boca! – ele vocifera. – Zero. – Ele começa a dar a volta na ilha, vindo para o meu lado, e eu, instintivamente, vou para o lado oposto.

– Venha aqui – ele diz as palavras devagar.

Tomo o cuidado de permanecer do lado oposto da ilha.

– Não. Por que a pressa? Eu não vou a lugar nenhum.

– Não vai mesmo. Por que está protelando? – Ele continua vindo até mim com calma.

– Não estou protelando. Leva pelo menos um ano para planejar uma cerimônia de casamento.

– Não o nosso casamento. – Ele dá um passo mais rápido, ameaçador, e eu

vou na direção oposta. – Pare de fugir de mim, Ava. Você sabe que me deixa louco de raiva.

– Então pare de ser intransigente! – Quase dou risada quando ele de repente muda de direção e eu me jogo na direção oposta.

– Ava!

– Jesse! – Eu o imito, considerando a possibilidade de sair correndo e subir a escada antes que ele me alcance. As chances não são grandes.

Ele corre atrás de mim, e dou um gritinho, saindo como um raio da cozinha. Sei que nunca vou chegar ao topo da escada, então corro para a sala de ginástica e tento fechar a porta de vidro. Logo ele chega ao outro lado, empurrando-a contra mim, mas sei que sem usar toda a sua força, para não me machucar.

– Solte a porta! – ele grita.

– O que você vai fazer?

Ele imediatamente para de empurrar e olha para mim pelo vidro, a preocupação estampada no rosto.

– O que você acha que vou fazer?

– Não sei – minto. Sei muito bem o que ele vai fazer. Ele vai me atacar com uma transa de lembrete, mas minhas mãos estão segurando a porta. Sua apreensão parece se intensificar, e a pressão na porta diminui. Tiro vantagem disso e consigo fechar e trancá-la.

Ele está boquiaberto.

– Você não fez isso! – Jesse tenta girar a maçaneta. Eu recuo um passo. – Ava, abra a porta.

Eu balanço a cabeça. Seu peito nu começa a subir e descer, movido pela respiração violenta.

– Ava, você sabe como eu fico quando não consigo tocar você. Abra a porta.

– Não. Diga que vamos discutir o *nosso* casamento de maneira racional.

– Nós estávamos fazendo isso. – Ele mexe na maçaneta outra vez, e a porta treme. – Ava, por favor, abra a porta.

– Não, nós não estávamos discutindo, Jesse. Você estava me dizendo como tudo vai acontecer. Você nunca teve um relacionamento, não é?

– Não. Eu já disse isso.

– Dá para ver. Você é péssimo nesse departamento.

Seus olhos verdes ansiosos se fixam nos meus.

– Eu amo você – ele diz, suave, como se isso explicasse tudo. – Por favor, abra a porta.

– Você concorda? – Sei o quanto ele detesta não conseguir me tocar, e isso é tirar vantagem de sua fraqueza. Mas é a única fraqueza que conheço, então, se tiver de usá-la, vou usá-la, especialmente para algo dessa magnitude.

Seus dentes massacram o lábio inferior enquanto ele pensa em minha exigência.

– Eu concordo. Abra a porta. – Ele agarra a maçaneta, mas então penso em outra coisa, algo que vai me render outra contagem regressiva mais tarde. É melhor matar dois coelhos com uma cajadada só.

– Vou sair com Kate mais tarde – digo, ousada.

Seus olhos saltam, como eu sabia que ia acontecer.

– O quê?

– Ontem à noite eu avisei que ia sair com Kate hoje – eu o relembro.

– E daí? Abra a porta.

– Você não pode me impedir de ver minha amiga. Se vamos nos casar, não é para você poder me controlar ainda mais. Vou sair com Kate mais tarde, e você vai permitir... sem fazer escândalo. – Minha voz está calma e controlada, embora, por dentro, eu esteja me preparando para a transa de lembrete que vai deixar todas as outras no chinelo.

– Você está abusando da sorte, Ava. – A mandíbula de Jesse se aperta, e eu solto o ar, cansada.

Estou abusando da sorte porque quero sair com a minha amiga? Viro de costas para ele e vou até o banco dos pesos, sento e me acomodo. Não vou abrir essa porta até ele se render, então posso ter que ficar aqui por um longo tempo.

– Ava, o que você está fazendo? Abra a merda da porta. – Vejo-o sacudir a porta como louco. Meu Deus, eu amo esse homem, mas ele precisa aprender a controlar as exigências descabidas e a obsessão de me proteger.

– Não vou abrir a porta até você começar a ser mais comedido. Se quiser casar comigo, você precisa aprender a relaxar.

Ele me olha como se eu fosse uma idiota.

– Não é desmedido eu me preocupar com você.

– Você não se preocupa, Jesse. Você se tortura.

– Abra a porta. – Ele sacode a maçaneta de novo.

– Vou sair com Kate mais tarde.

– Tudo bem, mas você não vai beber. Abra a merda da porta!

Ah, sim, eu deveria tratar disso também, mas acho que já causei ataques cardíacos demais para uma manhã. Ele está fora de si, o que é ridículo. Estou bem aqui. Dou um suspiro, levanto e vou até a porta, destravando o trinco e dando um passo atrás, porque não quero matá-lo antes da hora. Ele entra, me abraça forte e cai comigo em um dos colchonetes, no chão.

Ele me sufoca com o corpo e respira pesadamente nos meus cabelos.

– Por favor, nunca mais faça isso comigo – ele implora. O medo dele sobre isso é uma das partes mais complicadas. – Prometa.

– É o único jeito de fazer você me ouvir. – Tento acalmá-lo acariciando suas costas, sentindo seu coração batendo forte contra o meu peito.

– Eu vou ouvir você. Só não coloque mais nada entre nós.

– Você não pode estar comigo o tempo todo.

– Eu sei, mas vai ser nos meus termos quando não estiver.

Dou risada e jogo os braços acima da minha cabeça.

– E quanto a mim?

Ele levanta a cabeça e me olha feio.

– Eu vou ouvir você – ele resmunga, mal-humorado. – Você está sendo bem

abusada, minha querida noiva. – Ele enfia o rosto no meu pescoço, fazendo um bico.

Oh, Jesse é tão cabeça-dura. Eu não me importo de debater isso com ele, no entanto. Eu esperava ser jogada na parede e comida até não aguentar mais depois das minhas estrepulias, então o fato de que está só abraçado a mim já é em si uma surpresa. Talvez eu tenha encontrado uma ferramenta de barganha.

Ele senta e me pega no colo.

– Por que você não vai beber no Solar?

– De jeito nenhum!

– Por quê? – Ele parece ofendido.

– Para você poder me vigiar?

– Faz sentido. Você pode beber, eu posso ter certeza de que você está segura, e então posso trazer você para casa.

Como ele fala, parece mesmo bastante lógico, mas não vou arrumar sarna para me coçar. Nunca mais ponho os pés naquele bar.

– Não. Ponto-final.

Ele faz outro bico, e balanço a cabeça para confirmar minha resposta. E, de qualquer forma, ela vai estar lá, lançando olhares e comentários maldosos. Sem chance.

– Mulher impossível – ele diz, de mau humor, levantando do chão comigo nos braços. Sou colocada de pé e ganho um beijo inocente. – Vou tomar um banho, e você vem comigo. – Jesse levanta a sobancelha, de maneira sugestiva, e abre aquele sorriso atrevido. Esse tipo de exigência não me incomoda tanto assim.

– Vou subir em um minuto. Preciso ligar para Kate. – Deixo o seu abraço e vou para a cozinha. – Onde está o meu celular?

– Carregando ali do lado. Não demore.

Encontro meu telefone e ligo para Kate.

– Alô? – sua voz grave surge. Ela está de ressaca.

– Oi! Está mal?

– Não. Cansada. Que horas são?

Olho para o relógio.

– Onze.

– Merda! – ela exclama, e ouço um alarido ao fundo. – Samuel, seu idiota. Estou atrasada! Ava, eu devia estar em Chelsea entregando um bolo! Ligo mais tarde!

– Ei! Ainda estamos de pé para hoje à noite? – eu grito, antes que ela desligue na minha cara.

– Claro! Ele deixou mesmo?

– Sim! Chego na sua casa às sete.

– Beleza! Vejo você mais tarde.

Desligo a chamada, e meu celular imediatamente me anuncia uma mensagem de texto. Eu a abro ao mesmo tempo que o sistema de monitoramento pisca para mim. Vou até o aparelho sem fio que me conecta a

Clive, enquanto olho para a tela do celular.

Meu sangue congela. É Mikael.

Não quero ler, mas meus dedos abrem a mensagem antes que eu consiga convencer meu cérebro a deletá-la sem ler.

Não vou poder encontrar com você na segunda-feira.

Vou para a Dinamarca temporariamente. Entro em contato quando voltar para marcarmos nossa reunião.

Meu estômago vai parar na boca, me deixando sem ar, e meu celular vibra na minha mão. O que é que vou fazer? Apago a mensagem imediatamente, ciente de que, com o péssimo hábito de mexer no meu celular, Jesse a encontraria. Também não respondo. Pelo menos tenho um pouco mais de tempo para encontrar uma solução e contar a Patrick. Por quanto tempo será que ele vai ficar fora? Quanto tempo tenho para me preparar para essa reunião? Considero escrever e dizer que já sei da história da esposa dele e de Jesse, mas o interfone toca outra vez, chamando minha atenção.

Atendo a chamada de Clive.

– Ava, tem uma entrega aqui para você. Vou subir em um minuto.

Ele não me dá chance de perguntar o que é ou de quem é e desliga. Volto para a cozinha, nervosa e apreensiva, e começo a mexer na configuração de senha no aparelho, para impedir que Jesse intercepte outras mensagens que Mikael possa mandar. Ele vai suspeitar quando vir que instalei um pedido de senha para entrar, mas prefiro lidar com um estado de suspeita do que com um furacão de um metro e noventa passando pela cobertura. Abro a porta, ouço o elevador chegar e o som inconfundível de Clive resmungando. Caminho curiosa até o elevador e vejo Clive carregando caixa após caixa, sacola após sacola.

– Ava, você tem um problema grave. Acho que é o que eles chamam de consumismo. Você é viciada em compras! Quer que eu ponha tudo isso lá dentro? – ele bufa.

– Ahn... sim. – Vejo caixas de presente e sacolas da Harrods por todos os lados. Que diabos é isso? Fico parada como uma boba, segurando a porta, de boca aberta, enquanto Clive coloca tudo dentro do apartamento.

Não acredito que ele fez isso. Por que não desconfiei que havia algo estranho quando ele me deixou decidir as compras com tanta boa vontade quando negociamos? Ou melhor, me deixou pensar que tudo saiu como eu queria. Deve ter gastado uma fortuna absurda ontem.

Clive deixa a última sacola e segue rumo à porta.

– Isso é tudo. Falta alguma coisa?

Olho embasbacada para as costas de Clive.

– Perdão?

Ele vira e faz uma careta.

– Na loja, sobrou algo, ou você comprou tudo?

– Ah... sim. Obrigada, Clive.

– Oh, uma jovem passou por aqui. – Clive me informa, mas logo tapa a boca, obviamente percebendo o próprio erro.

Isso me tira de meu torpor.

– É mesmo?

Seus olhos idosos saltam.

– Bem, eu não sei... – Ele caminha para trás. – Na verdade, deve ser de outro apartamento. Não tenho certeza – ele ri de nervoso. – É a idade.

– Estatura baixa, cabelos pretos? – pergunto. Ele usou o termo “madura” quando se referiu à loira de cabelos ondulados, que agora sei que é a esposa de Mikael... ou ex.

– Não tenho certeza, Ava.

Sinto um pouco de pena dele. Isso não deveria ser incumbência do pobre homem.

– Vamos manter isso em segredo, está bem?

– Hã? – ele parece aliviado.

– Sim, você não conta a Jesse sobre a *jovem*, e eu não conto para ninguém sobre os hábitos dos nossos vizinhos.

Ele tem um sobressalto. Sim, eu jogo sujo, meu senhor. Viro e fecho a porta na cara dele. Minha pobre mente consegue lidar com mais fatos? Não vou contar a Jesse. Não quero que ele entre em contato com Coral, ajude-a ou a veja. Já estou até o limite de incertezas e medo, lutando contra o ciúme desvairado, e acabo de embarcar nessa para o resto da vida. Eu aceitei me casar com ele. Sou idiota?

O telefone de Jesse começa a tocar na cozinha, e me pego seguindo o toque até chegar à ilha, onde olho para a tela. Certa ou errada, eu atendo, desconsiderando a voz da minha consciência, que diz que sou uma hipócrita.

– Coral? – digo, calma e clara. Ela fica em silêncio, mas não desliga. – Coral, o que você quer?

– Jesse está? – Sua voz é tímida, e fico um pouco surpresa que ela não tenha desligado.

– Ele está no banho. Posso ajudar você? – Tento soar educada, mas com uma ponta de irritação.

– Não, preciso falar com ele. – Ela não é nada polida. Parece indignada.

– Coral, você precisa parar de incomodá-lo. – Preciso ser clara, já que Jesse parece ter consciência, hoje em dia.

– Ava, não é?

Não sei se gosto de seu tom.

– Isso mesmo.

– Ava, ele vai fazer você precisar dele e depois vai abandonar você. Fuja enquanto pode – ela diz e desliga.

Fico com o telefone de Jesse suspenso na orelha, os olhos correndo pela cozinha, a mente inundada de novo, e tento convencer a mim mesma de que Coral está apenas com inveja. Todas essas mulheres estão com inveja e

ofendidas porque Jesse brincou com os sentimentos delas, usou-as e as jogou fora quando se cansou, ou não quis mais vê-las. Sei como me senti quando fiquei sem ele, então, se é assim que essas mulheres se sentem, eu entendo totalmente. Sinto muito por elas, mas não é minha culpa que não suportem o fato de que Jesse mudou por mim – e não por nenhuma delas... por mim. Ele parou de beber por mim. Parou de misturar negócios com prazer por mim. Isso tudo está no passado, um passado terrível, mas passado, mesmo assim. Eu me recomponho, em minha demonstração particular de determinação. Não vou abandoná-lo nunca. Ele me fez precisar dele, mas sei que também precisa de mim. Não vou a lugar nenhum.

Deixando o telefone dele no balcão, volto para a sala e fico de pé, com os braços em volta do meu corpo, olhando para a montanha de compras à minha frente. Não sei se fico excitada ou furiosa. Ele nunca tem consideração pelas minhas opiniões e desejos, com seus modos neuróticos e desafiadores, e agora temo estar me tornando neurótica e desafiadora também. Eu me ajoelho no chão e toco uma das sacolas com cuidado, olhando dentro dela com cautela, como se algo pudesse pular e me atacar. Hã? Isso não estava na minha pilha do “sim”. Tiro um vestido de seda azul-marinho da Calvin Klein. Estava na minha pilha do “talvez”. Abro uma das caixas e encontro um vestido estruturado Chloé creme e preto. Esse estava na pilha do “não” porque estava acima do preço máximo.

Oh, não. Eles misturaram tudo. Puxo outra sacola e encontro um jeans Diesel largo. Espere aí, esse não estava em *nenhuma* pilha. Abro todas as sacolas e caixas e encontro também lingerie de renda de todos os modelos e cores imagináveis.

Só Deus sabe quanto tempo depois, estou sentada no chão, no meio da sala, cercada por pilhas de roupas, sapatos, bolsas e acessórios. Todas as peças que experimentei estão aqui, exceto o vestido de renda – todos os “sim”, “não”, “talvez” e mais um monte de coisas que nem sequer provei. Sei que deve haver algum engano, porque até mesmo o curtíssimo vestido Chloé está aqui, e Jesse jamais o teria comprado para mim. Embora eu o tenha adorado.

Desabo no chão e olho para o teto alto da cobertura. Isso é demais – o vestido, o colar, o anel –, e agora tudo isso. Estou embevecida e agora me sinto um pouco sufocada. Não quero todas essas coisas. Só quero Jesse, sem o passado, sem as outras mulheres, e sem a complicação de Mikael.

– Oi, meu amor. – O rosto lindo e molhado de Jesse aparece no meu campo de visão, pairando sobre mim. – Fiquei esperando você. O que houve? – Faço um ruído de bochecho, faço um gesto para a coleção de designers ao meu redor. Ele não está vendo tudo isso? Jesse olha em volta, nem um pouco impressionado com as pilhas e pilhas de roupas femininas.

– Elas chegaram, então? – Jogo os braços para o alto, em uma dramática demonstração de exasperação, e ele solta a respiração pesadamente para combinar com o meu drama, antes de deitar ao meu lado. – Olhe para mim – ele pede, com cuidado. Viro o rosto para ele e recebo uma lufada de seu hálito fresco e mentolado. – Qual é o problema?

– Isso é muita coisa – reclamo. – Eu só quero você.

Ele sorri, seus olhos brilhando de prazer.

– Fico feliz, mas eu nunca tive com quem dividir meu dinheiro, Ava. Por favor, faça isso por mim.

– As pessoas vão pensar que estou me casando com você pelo dinheiro – abro o jogo. Já tive que enfrentar essa acusação.

– Eu estou pouco me lixando para o que as pessoas pensam. O que importa somos nós. – Jesse vira de lado e me puxa pelo quadril, para eu fazer o mesmo. – Agora pare com isso.

– Não vai sobrar nenhum dinheiro se você continuar gastando como ontem – resmungo baixinho.

– Ava, eu mandei parar.

– Venha me fazer parar – devolvo, com um meio sorriso.

Ele me cala. Jesse me consome em meio à metade do departamento de roupas e acessórios femininos da Harrods.



Entro no quarto depois de um banho refrescante e balanço a cabeça para Jesse, que está esparramado na cama, usando apenas cueca boxer branca e fazendo questão de mostrar que não está feliz. Sento em frente ao espelho de corpo inteiro e começo a secar os cabelos. Passamos o dia todo trazendo para cima aquela quantidade obscena de roupas e acessórios. Agora tenho o meu próprio lado do closet colossal e tinha um homem muito feliz ao meu lado – até eu começar a me arrumar para sair com Kate. Seu bom humor foi por água abaixo, mas, agora que Tom e Victoria vêm conosco, e com um monte de coisas para contar a Kate, estou ansiosa por hoje à noite, e Jesse precisa aprender a compartilhar. Termino de arrumar meus cabelos, desligo o secador, e começo a ouvi-lo suspirar e bufar na cama. Ele está se comportando como criança, então o ignoro e volto para o banheiro para passar hidratante no corpo e me maquiar. Estou no meio da aplicação da máscara para cílios quando ele chega como quem não quer nada e deita na *chaise longue* com um longo suspiro, o corpo reclinado sobre a poltrona e os braços sobre a cabeça, acentuando todos os músculos do tórax. Tento ignorá-lo, mas ver Jesse de um lado para o outro usando apenas sua cueca branca Armani é uma distração. Ele está fazendo de propósito.

Saio do banheiro rápido para escolher a lingerie e algo para vestir. Isso deve levar um tempo, especialmente sob o olhar crítico de Jesse, mas não chego à minha nova gaveta de calcinhas, antes de ser agarrada e jogada na cama, sem a toalha. Eu já devia saber. Ele vai me atrapalhar, me marcar e me deixar com seu cheiro, o controlador neurótico.

Ele me vira e me coloca de quatro, com as pernas abertas, e me segura pela cintura, restringindo meus movimentos.

– Você não vai gozar – ele rosna enquanto enfia dois dedos em mim, me alargando e me preparando.

A súbita invasão me faz enterrar o rosto nos lençóis para abafar um grito. Ele vai me abandonar antes do orgasmo, sei que vai.

– Isso é para o meu prazer, não o seu – ele diz, com firmeza. Seus dedos circundam minha entrada, e dou um gemido abafado, frustrada. Isso é a pior tortura. Ele sabe exatamente o que está fazendo. Meu corpo todo fica tenso em resposta ao seu toque.

– Relaxe, Ava. Não quero machucar você. – Ele enfia os dedos outra vez em mim, e meu instinto natural me faz contrair os músculos para tentar impedir a invasão.

Solto um grito.

– Relaxe! – ele berra, e tento obedecer, mas ele não colabora. Estou lutando

contra o inevitável, que é Jesse me abandonar antes de eu chegar ao clímax. Não quero sair à noite com essa pressão acumulada no corpo. Quero ir saciada e relaxada, e ele pode fazer isso. Que imbecil! Sinto-o se posicionar atrás de mim.

Eu choramingo.

– Porra, Ava. – Seu tom é ofendido. – Pare de lutar comigo.

– Você vai me deixar no meio do caminho, não vai? Não vai me deixar gozar.

– É minha escolha, Ava. – Jesse me dá um tapa no traseiro. – Relaxe!

– Não consigo! – O ardor do tapa se espalha por mim, e ele grita de frustração pelo meu desacato, começando a massagear meu clitóris.

– Ohhhhhhhh! – relaxo instantaneamente quando seu toque quente ataca meus sentidos e me joga nas nuvens, ligando o interruptor com o qual ele tem ligação direta. Um mar de prazer intenso me faz afundar, e começo uma jornada rápida em direção a um clímax incrível. Tento segurá-lo e mantê-lo ali, mas ele tira os dedos de mim. – Não! – grito, em total frustração.

– Ah, sim. – Seus dedos me penetram de novo, me estimulando, seu polegar dedilhando meu clitóris, me fazendo empurrar os quadris para trás em uma tentativa desesperada de conseguir mais fricção. Ele tira os dedos e espalha a umidade na minha fenda.

– Não, Jesse! – Sinto a ponta de seu sexo sólido em minha entrada. – Por favor!

– Você adora isso, Ava. – Ele avança, me abrindo, devagar, sob controle. – Oh, que delícia!

Sou capaz de chorar de fúria e frustração, mas isso não me impede de responder, empurrando o corpo de encontro ao dele, tomando-o inteiro. Sei que não vou gozar, mas não consigo evitar.

Ele grita, agarra minha cintura e me invade com força, arrancando o ar dos meus pulmões.

– Oh, meu Deus! – berro quando ele me preenche por inteiro. Ele vem para cima de mim, sem dar tempo de eu me ajustar ao seu tamanho. Está falando sério.

– Oh, Ava! – ele ofega, demorando-se dentro de mim. – Você é muito gostosa, *baby*. – Ele esfrega o quadril em mim com um gemido longo e profundo, e eu me concentro em controlar a respiração. – Apoie na cabeça.

Respiro mais fundo e estendo os braços para segurar as barras de madeira, gritando ainda mais quando a nova posição o faz me penetrar mais fundo. Enquanto sigo as suas ordens, ele fica parado, acariciando minhas costas. Os fogos de artifício que ameaçam explodir no meu ventre são quase uma dor.

– Está bem apoiada?

– Sim! – respondo, seca, ganhando mais um tapa na bunda. Vou gritar, e ele ainda nem terminou. Por que não o faço parar?

Ouçoo respirar fundo enquanto se afasta de mim, a pressão diminuindo um pouco, mas então sou lançada para a frente quando ele me penetra com uma estocada poderosa. Grito outra vez.

– Apoie os braços, Ava! – ele repete o delicioso movimento, e me preparo,

apoiando um braço na minha testa suada.

– Jesse, por favor! – imploro.

– Está gostoso, não está? – ele pergunta, com a voz selvagem e faminta.

– Sim.

– Você gosta quando pego você com força, não gosta, Ava?

– Sim!

– Eu sei que gosta. – Ele muda de posição e segura meus ombros com as duas mãos, antes dos próximos golpes, um seguido do outro e, a cada um deles, solto um grito de delírio. Jesse passa uma das mãos por baixo de mim e roça meu clitóris com os dedos.

Não consigo parar de gritar e cravo os dentes no braço, desesperada, enquanto minha cabeça começa a girar, com uma mistura de prazer inacreditável e dor lancinante. Posso sentir meu clímax se aproximando e, em uma tentativa inútil de dar vazão a ele, vou de encontro a Jesse em cada uma das investidas incessantes.

– Oh, não, você não vai conseguir – ele rosna, recuando e parando de me tocar.

Grito de raiva, e ele tira minhas mãos da cabeceira e me vira de frente para ele, me empurrando na cama. Ele se senta na minha barriga, prendendo meus braços com as pernas e começa a se masturbar. Fecho os olhos.

– Abra os olhos, Ava! – ele vocifera e aperta meu quadril, o que me faz gritar e me contorcer embaixo dele.

– Você é um desgraçado! – Meu olhar é mortal. – Vou ficar muito bêbada hoje!

– Não vai, não. – Ele continua a se estimular em cima de mim, e aperto bem os lábios. Ele cai para a frente, apoia a mão livre na cabeceira e goza nos meus seios com um grito gutural que ecoa pelo quarto todo. Arfando em cima de mim, ele diminui os movimentos e treme um pouco. Meus seios estão cobertos por seu líquido quente, meus cabelos estão despenteados, minha maquiagem provavelmente precisa ser refeita, e eu estou prestes a explodir com uma pressão imensa no meu sexo. Não estou feliz.

– Quer gozar? – ele pergunta, olhando para mim de cima, o suor cobrindo sua testa.

– Eu vou sair! – esbravejo, apenas para deixar claro que isso não está aberto a negociação. E de jeito nenhum!

– Mulher teimosa. – Ele passa a mão pelos meus seios e espalha seu sêmen em cada centímetro do meu tórax. – Meu trabalho aqui está feito – ele diz com um meio sorriso, antes de se inclinar e me beijar com paixão.

Meus lábios se abrem involuntariamente, e aceito suas lambidas ávidas, gemendo e implorando por mais, mas logo ele recua. Começo a bater a cabeça de um lado para o outro e depois me viro de bruços. Ouço-o rir e sinto mais um tapa no traseiro, enquanto ele levanta da cama.

– Nada de tomar outro banho.

– Eu não tenho tempo! – Pulo da cama e volto a me arrumar. A escova que eu havia feito parece mais um seco natural, e minhas bochechas estão coradas.

Parece que acabei de fazer sexo e estou saciada, o que é irônico, porque não estou. Aperto as coxas uma na outra, solto um gemido e pego uma toalha de rosto para limpar os vestígios de Jesse do meu peito. Não há como limpar o chupão no meu seio. Nada de decotes profundos para mim essa noite, e não é só por causa da marca que ele deixou.

Depois de refazer a maquiagem e me vestir, desço a escada no maior silêncio possível. Meus olhos percorrem a imensidão da cobertura, mas não o encontro, então vou na ponta dos pés até a cozinha e dou uma espiada pela porta.

– Você não vai usar isso!

Minhas pernas entram em ação com o som daquela voz feroz e corro para a porta, fechando-a para atrasá-lo, enquanto rezo para que o elevador esteja aqui. Agradeço a tudo que há de mais sagrado e pulo dentro do elevador, digitando o código rápido. As portas se fecham bem na hora que o rosto colérico de Jesse entra no meu campo de visão. E aceno para ele, abusada, e me viro para olhar minha imagem no espelho.

Tudo bem, o vestido Chloé cinza é um pouco ousado, mas minhas pernas são incriveis, se é que posso dizer isso. Foi ele que pediu.

As portas do elevador se abrem, e eu saio às pressas pelo chão de mármore, procurando as chaves enquanto corro. Ele tem que pelo menos vestir algo e esperar o elevador voltar para a cobertura, então acho que estou bem.

Ouçoo antes de vê-lo. Viro e o vejo sair voando pelo foyer do Lusso, parecendo o próprio Demônio. Aperto os lábios para conter o riso. Ele parece capaz de matar alguém. Ele vem na minha direção, descalço e gloriosamente nu, não fosse a fina e justa cueca boxer. Fico imóvel. Eu sabia que não ia sair com esse vestido. Quer ele me pegasse aqui ou no bar, eu sabia que ia voltar carregada para casa, com o rabo entre as pernas, e seria forçada a vestir algo mais aceitável para os padrões de Jesse.

Ele me joga sobre o ombro, puxa a barra do meu vestido para baixo e me leva de volta para o Lusso.

– Tenho mesmo muita sorte de me apaixonar perdidamente pela mulher mais impossível do mundo. Boa noite, Clive.

– Sr. Ward. – Clive acena sem prestar muita atenção em nós. – Olá, Ava.

– Olá, Clive! – cantarolo, em meio às gargalhadas, enquanto Jesse me carrega para o elevador e digita o código, resmungando o tempo todo.

– Você ainda não trocou esse código?

– Cale a boca, Ava.

– Estamos de bem? – eu sorrio.

– Não! – Ele me dá um tapa no traseiro, e solto um gritinho. – Não brinque comigo, menina bonita. Você já devia saber, eu sempre ganho.

– Eu sei. Eu amo você.

– Eu também amo você, mas você é um pé no saco.

Chegamos à casa de Kate já bem tarde, depois que recebi a aprovação de Jesse para um vestido rosa-claro e sapatos de salto combinando, mas ele quase me algemou à cama de novo quando viu meu anel de noivado na mesa de cabeceira. Jesse se certificou de que o anel voltasse para o dedo, mas o convenci a deixar o colar no cofre. Não me sinto bem usando esse diamante descomunal no dedo. O colar somado à equação me faria ter um colapso nervoso.

Kate vem correndo de casa, e Jesse sai do carro, para ela entrar no banco de trás.

– Uau! Gosto mais desse do que do Porsche – ela diz, acomodando-se no banco de trás. – Não contem ao Samuel que eu disse isso. Vamos lá, me deixe ver.

– O quê? – Viro no assento para ver minha amiga flamejante.

Ela congela e olha com medo para as costas de Jesse.

– Ai, merda!

– Tudo bem – Jesse a conforta.

Olho para ele, com o queixo caído.

– Ela sabia?

– Eu precisava de um dos seus anéis para garantir que o tamanho estivesse certo. – Ele dá de ombros e volta a atenção para o caminho. Ouço Kate suspirar de alívio.

– Foi romântico? Me deixe ver. – Ela faz um gesto para que eu estique a mão.

Começo a rir alto, e Jesse me olha de canto de olho, os lábios em uma linha fina, enquanto costura o trânsito.

– Sim, foi romântico – debocho. Se você chama algemas e ser forçada a engolir algo romântico. Mostro a mão para ela.

– Puta merda! – Kate segura minha mão com as duas e aproxima o diamante do rosto. – Isso é especial, hein? E então, quando é o casamento? – Ela solta a minha mão e procura seu espelhinho na bolsa. – Caramba, Ava. Você contou para os seus pais?

Kate sem querer abordou dois assuntos muito delicados.

– Não sei e não.

Jesse se mexe no assento e me olha com a expressão contrariada. Eu o ignoro. Não vou entrar nessa agora. Viro para trás outra vez, para ver Kate.

– A noite passada foi boa?

– Sim, foi incrível. – Ela mantém os olhos fixos no espelho.

– Que horas você foi embora?

– Não lembro. – Ela faz um bico para o espelho e depois volta os grandes olhos azuis para mim. – Alguma razão para esse interrogatório?

Jesse ri.

– Acho que Ava quer saber se você se divertiu lá em cima, depois que a levei para casa.

Kate dá um tapinha no ombro dele.

– Isso, minha amiga, não é da sua conta. Digo, é, mas não é – ela ri. Estou

cercada por gente louca.

Jesse para o carro na frente do Baroque e sai para deixar Kate saltar do banco de trás.

– Vou pedir as bebidas! – ela declara e sai dançando para o bar.

Jesse espera que eu dê a volta até a calçada. Está de expressão fechada e não escapa à minha percepção o cumprimento discreto que ele trocou com o leão de chácara.

Ele me puxa num abraço e respira fundo para sentir o perfume dos meus cabelos.

– Não beba.

– Não vou beber.

Ele recua e então encosta a testa na minha.

– Estou falando sério.

– Não vou beber – eu garanto. Não vou brigar. Discutir não vai me levar a lugar nenhum, só para dentro do carro e de volta ao Lusso num piscar de olhos.

– Eu venho buscar você. Me ligue. – Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto e me beija com vontade, uma demonstração pública de posse. Estou usando um diamante colossais; nada diz “comprometida” com tanta eficiência. Ele parece tão deprimido que quase não quero deixá-lo, mas nós temos que superar essa ansiedade maluca quando eu estou em qualquer lugar que não seja com ele.

Acarício o rosto barbado dele.

– Eu ligo. Vá correr ou algo assim. – Deixo-o na calçada e mentalmente rezo para que ele vá para casa, troque de roupa e dê doze voltas nos Royal Parks. Dou um sorriso amigável para o leão de chácara enquanto passo, e ele faz um meneio de cabeça, abrindo um sorriso cúmplice.

Encontro Kate no bar com Tom e Victoria, que já estão sendo servidos. Victoria está de melhor humor, e Tom fica maravilhado em me ver. Ele está usando uma camisa ridícula, listrada em rosa e amarelo. Parece um pirulito.

– Ava! – ele berra. – Uau! Que vestido fabuloso! – ele diz quando me cumprimenta.

– Obrigada. – Só Deus sabe qual seria a reação dele para o vestidinho cinza.

– O que vai beber, Ava? – Victoria pergunta, por sobre o ombro.

– Vinho! – digo, desesperada, e todos eles riem.

Nós nos acomodamos em uma mesa, e dou meu primeiro gole de vinho, relaxada, dando um suspiro de prazer e fechando os olhos, satisfeita. Oh, é tão bom.

– Meu bom Deus! Que diabos é aquilo? – Tom mergulha na mesa e agarra a minha mão, e então começa a babar no meu novo amigo. – O Adônis?

Eu encolho os ombros.

– Estou perdidamente apaixonada.

– Você o conhece há o quê? Um mês? – O tom de reprovação de Victoria me irrita. – E ele é dono de um clube de swing?

– E daí? – ataco, me sentindo na defensiva.

Ela se encolhe diante da minha hostilidade.

– E nada, só estou dizendo... – ela murcha no banco.

– Quando isso aconteceu? Até onde eu sabia, você só estava dormindo com ele – Tom repete as minhas palavras.

– Bem, agora vou me casar com ele. – Puxo minha mão e me refugio na minha taça de vinho. Tenho consciência de que vou enfrentar um interrogatório colossal de meus pais e de Dan. Não preciso ser sabatinada por esses dois. Oh, Dan volta amanhã. Com todos os espetaculares eventos dos últimos dias, esqueci completamente. Uma onda de culpa me invade por esquecer seu retorno, mas é logo substituída por uma pontada de excitação e, então, medo. O que Dan vai achar disso tudo?

– Como vai Drew? – Kate pergunta a Victoria.

Não sei se é uma pergunta decente, mas agradeço pela tática da minha amiga para desviar o assunto.

– Não sei – ela responde, ríspida. – Não estou mais saindo com ele. Tenho um encontro.

– Hoje? – Tom pergunta, perplexo.

– Sim.

Tom faz um ruído de desprezo e encosta na cadeira.

– Muito obrigado! Você está me dispensando!

Victoria arregala os olhos diante da ousadia de Tom.

– Você não pensa duas vezes antes de me largar toda vez que recebe um pouco de atenção! – O tom dela é recriminador e com toda a razão. Ele já abandonou Victoria sozinha em várias ocasiões, sempre que um cara lança um olhar promissor.

– Ainda assim, você podia escolher qualquer um dos outros seis dias. E quem é ele, afinal? – Ele mexe sua piña colada, tentando ao máximo parecer entediado.

– O amigo de um amigo – ela informa. – Ah, lá está ele. – Ela salta do banco. – Até mais! – Victoria se dirige a um rapaz de estatura média e mais ou menos bonito, próximo ao bar; eles se cumprimentam com um beijo constrangido no rosto e um aperto de mãos. Diz algo ao ouvido dele, e o rapaz concorda. Os dois vão embora. É uma boa manobra. Nós todos iríamos ficar olhando o desenrolar do encontro, e Tom iria ficar insuportável.

Durante a hora seguinte, nós rimos, conversamos sobre tudo e bebemos. Está uma delícia. E me faz pensar que preciso ter uma conversa séria com meu noivo temperamental sobre isso. Eu preciso dos meus amigos.

– E como vai Sam? – Tom vira para Kate.

– Por quê? Ainda quer transar com ele? – ela pisca para mim, e Tom ruboriza dos pés à cabeça, lançando um olhar terrível para Kate.

– Não – ele responde, cruzando as pernas. – Eu estava apenas sendo educado.

Como vai Jesse?

– Por quê? Você quer transar com ele também? – Kate refaz a pergunta abusada, e eu caio na gargalhada.

Tom olha para nós duas, irritado.

– O tema da noite é “Vamos pegar no pé do Tom”, é? –

– Parece que sim – eu digo e proponho um brinde. – Tom, Jesse deixaria você... louco!

– Ava! – ele se espanta.

– Oh, por favor! Eu sou obrigada a ouvir histórias torturantes sobre suas aventuras sexuais.

Kate ri.

– Vou lá fora fumar um cigarro, se o assunto agora é a vida sexual de Tom. – Ela pula do banco e vai para o fumódromo.

– Preciso ir ao banheiro – Tom resmunga e vai em direção aos toaletes, me deixando sozinha para olhar para as pessoas, um passatempo de que normalmente gosto, até que Matt entra no meu campo de visão, e eu me abaixo.

Merda!

O anel parece queimar meu dedo, e começo a suar. Não respondi sua mensagem de desculpas e sei que o verme nojento ligou para os meus pais outra vez. Quando penso que me livre dele, seus olhos pousam em mim. Olho em volta, preocupada que o leão de chácara esteja me vigiando e depois me volto para Matt, pegando o lampejo de um olho roxo se curando. Aplaudo Jesse mentalmente e de repente penso que gostaria de voltar atrás e ter ficado em casa com ele.

– Ava! – ele me cumprimenta, alegre, como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse ligado para os meus pais e passado informações falsas. Bem, mais ou menos falsas.

– Matt, acho melhor você ir embora. – Mantenho a voz firme e estável.

– Ava, por favor, me escute. Eu não poderia estar mais arrependido, de verdade. Fui um cafajeste. Mereci tudo o que aconteceu. – Ele não sabe em que posição ficar e olha para o copo de cerveja. – Se você está com outra pessoa agora, vou aceitar. Estou arrasado, mas vou aceitar.

Deixo as mãos sob a mesa, o anel longe dos olhos. Tenho que perguntar, não vou conseguir evitar.

– Como você sabe sobre Jesse?

O olhar chocado dele deixa o copo e encontra o meu.

– Então você ainda está saindo com ele?

– Não é da sua conta, Matt. E por que você fica ligando para os meus pais para contar mentiras?

– São mentiras?

– Com quem você anda falando?

– Ninguém. – Ele olha para qualquer lugar, menos para mim, mas então se debruça na mesa e chega perto demais. – Ava, eu ainda quero você de volta.

Endireito as costas e olho para a entrada, para checar se não estou sendo

espionada. Ele acabou de dizer que aceitou. Quantas vezes vamos ter que falar sobre a mesma coisa? Eu poderia beijar Tom, que está voltando do banheiro e olhando Matt de cima a baixo, o que faz Matt se afastar abruptamente da mesa, derrubando minha bolsa no chão. Desço do banco na hora.

– Oh, querida! – Tom se agacha para me ajudar a recolher meus pertences espalhados. – Ele continua gostoso! – ele sussurra no chão.

– Não mesmo. – Torço o nariz e me levanto. Vejo Matt indo embora, com a mão estendida em um gesto de “nos falamos mais tarde”.

– Aonde é que ele vai? – Tom exclama, batendo o pé.

– Pular de um precipício, espero – murmuro, cruel. Termino meu vinho de um gole só. Depois de ver Matt, eu beberia mais um.

– Matt está aqui! – Kate se joga no banco. – E está com um olho roxo. Parabéns, Jesse!

– Bem, foi um prazer, meninas, mas preciso de diversão esta noite, e não está parecendo que vou encontrá-la aqui. – Tom olha com desprezo para o público do bar, formado essencialmente por heterossexuais. – Vou para o Route Sixty. Querem vir? – ele pergunta, esperançoso.

– Não! – Kate e eu gritamos em uníssono e começamos a rir. Tom sai batendo os pés do bar, em busca de ação.

– Esse verme falou com você? – Kate pergunta, assim que para de rir.

– Ele tentou. – Estou prestes a me oferecer para ir ao balcão pedir mais bebidas, quando Tom volta correndo para o bar e tromba na mesa. Ele arfa pesadamente. Kate e eu olhamos preocupadas para ele, que controla a respiração.

– Vocês não vão acreditar em quem acabei de ver.

– Quem? – Kate pergunta, antes que eu abra a boca.

– Sally. – Seu rosto se abre em um enorme sorriso, e ele olha por sobre o ombro, antes de nos olhar, animado. – Sally, de minissaia e blusa decotadíssima, uma minissaia *muito* justa e uma blusa *muito* decotada. E tem um cara com ela!

Fico bastante surpresa, mas não por causa das roupas, e sim pelo jeito que está usando. Estou surpresa porque, na quinta-feira mesmo, ela parecia a ponto de se suicidar.

– O quê? A sem graça da Sally? A sonsa do escritório de vocês? – Kate pergunta.

– Sim – confirmo. – Tom, deixe a garota em paz. – Volto para a minha taça, lembrando imediatamente que quero outra.

– Vou tirar uma foto! – Tom sai dançando, tirando o telefone do bolso.

– Vou pegar mais drinques – desço do banco e pego a minha bolsa. – O mesmo?

– Precisa perguntar? – ela revira os olhos e balança a taça vazia para mim.

Tenho que me esforçar para chegar ao bar lotado e aguardo para ser atendida, atraindo a atenção de um sujeito musculoso, de rabo de cavalo, mas ignoro seu olhar insistente e peço nossas bebidas.

– Oi, posso oferecer uma bebida?

Olho em volta e dou um sorriso leve.

– Não, obrigada.

– Vamos, só uma bebida – ele insiste e se aproxima.

– Não, mesmo. Já pedi, mas obrigada.

O bartender coloca uma taça de vinho no balcão.

– Preciso ir à adega. O vinho daqui acabou. – Ele me deixa esperando ao lado do sujeito de rabo de cavalo, que baba em cima de mim. Reviro os olhos, mas o bartender não percebe.

– Talvez a gente possa sair um dia desses, então. – Ele está bem perto, agora.

– Sou comprometida – digo, por sobre o ombro. É impossível que ele não tenha visto o diamante gigante no meu dedo. Dou um bom gole no vinho.

– E daí?

Viro para ele.

– E daí... que eu sou comprometida. – Mostro o anel, e ele balança a cabeça, e não de um jeito amistoso. Acho que acabei de deixar o desafio mais interessante.

– Ele não está aqui, está?

– Não. Para a sua sorte, não está – respondo, seca, voltando para o balcão. Fico bastante aliviada quando vejo o bartender se aproximar.

Ele serve o vinho de Kate, e entrego o dinheiro, esperando que seja rápido. Os olhos invasivos do marombado ao meu lado estão me dando arrepios. Dou mais um gole no vinho e tento ignorar sua existência. Fico fora de mim quando o rapaz acena dizendo que não tem troco. Ele vai até o outro lado do balcão e começa a procurar em vários caixas.

O rabo de cavalo chega ainda mais perto.

– Se você fosse minha, não deixaria sair de perto de mim.

Oh, meu bom Deus!

– Olha, tentei ser educada. Cai fora!

– Acho que a gente poderia se divertir – ele passa o dedo pelo meu braço.

Dou um pulo, zangada comigo mesma por parecer tão inquieta, mas logo o bartender volta e chama a minha atenção. Graças a Deus! Ele me dá o troco, e pego a taça de Kate rapidamente, desesperada para sair da presença desse babaca. Viro rápido demais e acabo derrubando todas as minhas moedas.

Porra!

Coloco as taças no balcão e pego as moedas que consigo, deixando as que possam ter ficado lá. Não estou tão desesperada. Pego as bebidas, e o salto do meu sapato se prende em algo, me fazendo perder o equilíbrio de leve.

– Merda! – xingo. Agora ele vai pensar que estou bêbada e sou fácil.

Dou de cara com o asno quando viro outra vez.

– Está um pouco altinha, gata?

– Vá se foder! – Tentei ser paciente até agora.

– Uau, briguenta! – ele ri, e eu o empurro, pensando na sorte que esse sujeito tem de Jesse não estar aqui. Ele estaria no chão, agora.

Chego até Kate e coloco os drinques na mesa de um jeito meio desastrado, derramando uma quantidade considerável. Balanço a cabeça de leve e sento no banco, cambaleando de novo. Kate me olha desconfiada.

– Meus sapatos – murmuro.

– Você está bem? – Kate se inclina sobre a mesa, parecendo preocupada.

– Sim, eu estou bem – asseguro. Não estou bêbada. Essa é só minha terceira taça de vinho.

– Quem era aquele idiota? – Ela faz um sinal na direção do autodenominado gostosão, enquanto bebe um gole de sua nova taça de vinho.

– Exatamente isso... um idiota – digo, curta. – De qualquer forma, você tem explicações a me dar.

– Tenho?

– Sim, tem, e não desconverse. O que está acontecendo?

Ela dá um gole generoso de vinho, sem me olhar nos olhos.

– Do que está falando?

Estou ficando um tanto impaciente com minha amiga fogosa. Ela nunca me deixaria ser evasiva com as perguntas dela, e eu não seria, de todo jeito. Contamos tudo uma para a outra.

– Estou falando de você, de Sam e do Solar.

– Diversão!

– Não! Nem se atreva.

– Só estou me divertindo, Ava. Quem é você? A polícia do sexo?

– Então, não tem nenhum sentimento envolvido?

– Não!

– Sabe, se você fosse eu, estaria mexendo nos cabelos. – É minha vez de tomar um bom gole de vinho. – Tudo bem, então me ajude. Já que você está se recusando a abrir o jogo, vou desabafar. Sua opinião é importante para mim. – Abro um sorriso doce.

Ela ignora a minha alfinetada, e suas sobranceiras se levantam.

– Parece sério.

– E é. Sabe o dono da construtora do Lusso, o que me convidou para jantar?

Kate faz um meneio de cabeça.

– Sim, o dinamarquês. O bonitão escandinavo.

– Sim. Mikael. Jesse transou com a mulher dele. Eles estão se divorciando.

– Não! – Kate se inclina para o meu lado.

– Sim, e agora ele quer se vingar de Jesse e pelo jeito decidiu que sou o melhor jeito de atingi-lo. Preciso encontrá-lo e sei que não vai ter nada a ver com trabalho.

– Que merda!

– Eu sei. A esposa andou sondando, também.

– O que você vai fazer?

Balanço a cabeça e bebo mais um gole.

– Não sei, assim como não sei o que fazer sobre aquela mulher que apareceu

na festa de aniversário do Solar.

– Quem é ela? – Os olhos de Kate se arregalam cada vez mais. Não me surpreende. É muita informação.

– O nome dela é Coral. Lembra-se daquele homenzinho que estava no Solar no dia em que vimos o salão aberto?

– Oh, sim! Jesse acabou com ele. Deu medo, Ava.

– É o marido dela. Ela pediu para Jesse ser o terceiro em um *ménage à trois*, se apaixonou por ele, deixou o marido e agora está sem nada. Ela quer Jesse. Foi ao Lusso e também ligou para ele. Não contei a Jesse, mas atendi o telefone. Ela me aconselhou a deixá-lo.

– Puta merda! – Kate murcha no banco, e dou mais um gole.

Ouvir, assim, em voz alta, faz tudo soar ridículo, louco, surreal.

O rosto de Kate se ilumina, e ela segue os passos de alguém que se aproxima da nossa mesa, por trás de mim. Nem preciso me virar para saber quem é.

– Senhoras!

Levanto os olhos e vejo Sam sorrindo de orelha a orelha. O que ele está fazendo aqui? Era para ser a noite das garotas, e ela ainda não me deu o veredito sobre a minha enrascada.

Ele enfia a língua na orelha de Kate, e eu bufo baixinho. A antiga Kate jamais deixaria um homem invadir a noite das garotas. Pego meu vinho e engulo o restante, olhando pela borda da taça como Kate aceita o carinho de bom grado. Se amanhã ela tentar dizer que é só diversão, vou falar um monte... um monte! De verdade!

– Vou ao banheiro – aviso.

– Tudo bem – Kate diz por dizer.

Levanto e viro para a entrada, massageando as têmporas, com a intenção de acalmar minha cabeça, que lateja. Enquanto atravesso a multidão, o som à minha volta vai se transformando em um zunido, e o mundo ao meu redor começa a girar. Abro caminho entre os grupos de pessoas, todas embaçadas, e quase tenho um ataque quando vejo Jesse a poucos metros de mim, na porta do bar.

Merda!

Paro onde estou. Eu sabia que ele não ia me deixar em paz, nem mesmo por algumas horas, para desfrutar de umas merecidas taças de vinho. Posso estar com a visão turva, mas não há como negar a fúria estampada em seu lindo rosto. Não sei por quê. Não estou bêbada. Só bebi umas poucas taças de vinho, com gosto. É ele que tem problemas com o álcool, não eu.

E com esse pensamento, cambaleio outra vez.

Ficamos nos encarando por um momento, e depois ele começa a caminhar na minha direção. Tento me escorar em uma mesa quando sinto as pernas bambas, e a mudança em sua expressão, de raiva para o mais puro terror, é a última coisa que vejo antes que a escuridão tome conta de mim, e eu me sinta leve.



– Jesse, se acalme. Ela bebeu três taças de vinho. Não estava bêbada.

Meus olhos são atacados por luzes fluorescentes e pela brancura de todas as paredes. Sinto como se tivesse levado uma pancada na cabeça com uma barra de ferro. Onde diabos estou? Fecho os olhos outra vez e levanto a mão para afastar uma mecha de cabelo que coça a minha bochecha, o leve contato parecendo uma facada no meu cérebro.

– Ava? – ele diz em voz baixa e apertando a minha mão. – Ava, querida, abra os olhos.

Tento ao máximo, mas dói demais. Céus! O que há de errado comigo? É a pior ressaca da história? Não me lembro de ter bebido tanto.

– Alguém pode me explicar que porra está acontecendo aqui? – ele ruge.

Abro os olhos de novo e observo o lugar pouco familiar que me cerca. A única coisa familiar é sua voz furiosa, que é um estranho conforto para mim, mas, pelo amor de Deus, está fazendo um estrago na minha cabeça sensível. Levanto as mãos para apertar meu crânio dolorido.

– Ava, meu amor?

Aperto os olhos para ganhar foco e encontro um par de pesarosos olhos verdes. A sensação da palma de sua mão, quente, na minha cabeça, me faz gemer de protesto. Está doendo.

– Oi. – A voz não sai. Minha garganta está seca e raspando.

– Oh, graças a Deus! – Ele cobre meu rosto de beijos, e mexo as mãos para afastá-lo. Não consigo respirar.

– Ava, gata, está tudo bem?

Sigo o som de outra voz familiar e vejo Sam inclinado sobre mim, com o olhar mais sério que já vi. O que está acontecendo?

– Ela parece bem, merda? – Jesse grita com Sam. – Caralho!

– Calma!

Também conheço essa voz. Viro meus olhos sensíveis para o outro lado do quarto e encontro Kate sentada em uma cadeira.

– Onde estou? – pergunto, de boca seca. Preciso de água.

– Está no hospital, querida. – Jesse acaricia o meu rosto e beija minha testa outra vez.

Que raios estou fazendo no hospital? Tento me sentar, mas sou impedida pela força de Jesse pressionando meu corpo para me manter deitada. Bato nas mãos persistentes dele e me sento devagar, levando as mãos à cabeça quando a força da gravidade esmaga meu cérebro. Puta merda, essa é mesmo a pior ressaca da

história. Dou um gemido alto e cruzo as pernas, apoiando os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos. Algo puxa o meu braço, e noto uma cânula intravenosa.

– Alguém pode trazer um médico para cá? – Jesse berra, e eu me encolho.

Kate fica, mas Sam sai do quarto.

– Ava, o que aconteceu? – A voz de Kate está carregada de preocupação, uma reação rara para ela.

– Não sei – respondo, recostando na cabeceira da cama. Estou muito sonolenta de novo.

– Eu sei! – Jesse exclama e me acusa com o olhar.

Uso a pouca força que tenho para olhar feio para ele.

– Eu não estava bêbada!

– Você costuma desmaiar por estar sóbria? – mais um grito.

Ele me faz tapar os ouvidos, e me encolho de novo. Ele tem a decência de parecer arrependido quando eu reabro os olhos.

– Não grite com ela! – Kate me defende. Fico grata. Jesse olha para ela, enfia as mãos nos bolsos da calça e anda de um lado para outro pelo quarto. – Ela bebeu apenas umas poucas taças de vinho. Ava já bebeu duas garrafas uma vez e não desmaiou. – Kate se senta ao meu lado e afaga meu braço. – Você comeu?

Tento me lembrar.

– Sim – respondo. Jesse me deu comida o dia todo, entre carregar as roupas para o quarto e matar sua fome de mim.

Jesse para de andar, mordendo o lábio.

– Você está grávida? – ele pergunta, me olhando com atenção e voltando a morder a boca.

– Não! – respondo sem pensar, chocada com a sua franqueza, mas depois congelo.

Oh, meu Deus!

Minhas pílulas. Não voltei a tomar minhas pílulas! Acho que vou desmaiar outra vez. Estou febril, também. Oh, como fui estúpida. Tenho feito sexo como uma coelha e completamente sem proteção. Como deixei isso escapar? Olho para Jesse e faço uma expressão neutra.

Ele estreita os olhos para mim.

– Tem certeza?

– Sim! – eu me assusto com meu próprio grito histérico, segurando o braço no lugar para conter o gesto natural. Jesse vai assumir que meu tom é de defesa. Não é: estou entrando em pânico.

– Só estou perguntando. – Ele volta a andar de um lado para o outro.

– Do que você se lembra? – pergunta Kate, ainda acariciando meu braço.

Repasso a noite na cabeça, mas tenho dificuldade para lembrar qualquer coisa no momento. Tudo em que consigo pensar é o número de pílulas que perdi e quais são as chances de eu estar mesmo grávida. Tento abstrair essa preocupação e me lembrar de algo, qualquer coisa, sobre ontem à noite. Lembro-me de Matt, mas não vou mencioná-lo. E então veio o saradão nojento de rabo de cavalo, mas também não pretendo mencionar isso. Dou de ombros. Não há muito o que

eu possa dizer sem que Jesse entre em órbita, de tanta neurose.

Todas as cabeças no quarto viram para a porta quando o médico entra, seguido por Sam.

– Me disseram que você tinha acordado. – Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça. – Sou o dr. Manvi. Como se sente, Ava?

– Bem. – Dou um suspiro cansado. – Minha cabeça está latejando, mas, fora isso, estou bem.

Ouçó Jesse rosnar ao meu lado, enquanto senta e pega a minha mão.

– Ava, são quatro horas da manhã! – Jesse fecha os olhos para se recompor. – Você apagou por quase sete horas, então não ouse dizer que está bem.

Sete horas?

– Vamos comer alguma coisa. – Kate olha para Sam, que concorda com a sugestão. Pelo jeito os dois não querem estar na presença de Jesse com esse mau humor.

O dr. Manvi coloca uma luz em cada um dos meus olhos, antes de guardar o aparelhinho em forma de caneta no bolso do jaleco.

– Ava, do que se lembra sobre ontem à noite?

– Não muito. – Sinto Jesse apertar mais a minha mão, a raiva ainda evidente. Eu me sinto péssima. Não preciso disso.

O dr. Manvi olha para Jesse.

– Você é...

– O marido – ele declara, definitivo, sem tirar os olhos verdes de mim. Meus olhos saltam, mas ele permanece impassível. Ele se esqueceu de acrescentar o “quase”.

– Hã? – O médico mexe na papelada que tem nas mãos. – Aqui diz srta. O’Shea?

– Vamos nos casar no mês que vem. – Seus olhos penetram os meus, me desafiando a desmentir. Não tenho forças. Volto a deitar com cuidado.

– Ah, entendi. – O dr. Manvi parece satisfeito com a explicação de Jesse. Eu já nem me preocupo mais. – Fizemos alguns exames de rotina. – Ele arrasta uma cadeira fazendo barulho pelo chão emborrachado, o que me faz tremer. – Qual foi a data da sua última menstruação? – O médico me olha com um ar solidário, e tenho vontade de sair rastejando pelo quarto e me jogar no cesto de lixo hospitalar.

– Mais ou menos uma semana atrás – digo, em voz baixa. Não preciso olhar para Jesse para saber a reação.

– Certo. Bem é rotina fazer um exame de gravidez para tentar estabelecer a causa do desmaio. – Ele faz um pausa, e me preparo para o furacão Jesse, que vai passar pelo quarto, causando estrago. – Você não está grávida.

Levanto a cabeça rápido demais.

– Não estou?

– Bem, acho que não está, mas como só faz uma semana desde sua última menstruação, pode ser um pouco cedo para ter certeza. – Ele sorri, gentil, mas não ajuda a me acalmar. – Você usa pílulas anticoncepcionais, Ava?

– Sim.

– Então, acho que podemos afirmar com segurança que você não está grávida. – Ele me conforta com um sorriso e se inclina para a frente. – Ava, é importante que você tente lembrar qualquer coisa a respeito da noite passada, com quem conversou, quem conheceu...

A animosidade de Jesse perpassa nossas mãos dadas, me atacando.

– O quê? – ele vocifera. – O que você está tentando dizer?

Não me abalo em chamar a atenção dele pela grosseria, e o dr. Manvi continua, sem dar ouvidos.

– Fizemos mais exames. Seus sintomas nos fizeram suspeitar de algo.

– Sintomas? Que sintomas? – pergunto, confusa.

O médico respira fundo e se mexe na cadeira.

– Encontramos traços de flunitrazepam.

– *O quê?* – Jesse ruge.

Meus olhos saltam, e meu coração bate descompassado. Pelo amor de Deus!

Jesse se levanta e solta a minha mão. Olho preocupada para ele, que está tremendo e suando, a cólera saindo pelos poros.

– “Boa noite, Cinderela”, a droga do estupro? – ele grita para o pobre médico.

– Sim. – O dr. Manvi confirma o que Jesse e eu temíamos.

Entro em uma onda de pânico ao ouvir o que ocorreu comigo. Oh, isso é péssimo.

Jesse praticamente corre pelo quarto e joga a cabeça para trás.

– Pelo amor do santo Deus! – ele grita. Vejo suas costas subindo e descendo violentamente, enquanto ele se apoia em um gabinete de metal próximo.

– Ava, conselho que fale com a polícia. Você precisa dizer a eles tudo o que se lembrar. – O dr. Manvi vira para Jesse. – Senhor, pode me confirmar se ela ficou sozinha em algum momento?

Minha mente percorre os eventos da noite anterior, mas não me permite concatenar os pensamentos. Acho que não fiquei sozinha. Observo os dedos de Jesse massageando as têmporas. Ele vai explodir. Vai virar um turbilhão pelo hospital. De repente, dizer a ele que eu poderia estar grávida parece muito melhor do que isso.

– Ela não estava sozinha – Jesse responde, com mais calma do que eu esperava. – Eu a vi cair e cheguei a ela em um segundo. – Ele vira para me olhar, e me deparo com seus olhos torturados. Estou insensível. Acho que estou em choque.

– E você tem certeza disso?

– Sim. – Jesse quase voa para cima do médico.

– Ava, eu gostaria de fazer alguns exames – ele insiste. – Para averiguar se há ferimentos, hematomas ou arranhões, inicialmente. Só para ter certeza.

– Eu verifiquei cada centímetro dela. Não há nenhuma marca. – Jesse atravessa o quarto e abre a porta. – Kate?

Ouçõ um diálogo de palavras acaloradas e abafadas do lado de fora da porta,

sem dúvida Jesse querendo respostas. O médico me olha, confuso, e depois para Jesse, enquanto continuo tentando me lembrar de alguma coisa.

Ele logo está de volta ao meu lado.

– Meu amor, Kate disse que saiu para fumar, mas que Tom estava com você. Consegue se lembrar disso?

– Sim – respondo rápido. Eu definitivamente me lembro disso. – Mas Tom foi ao banheiro enquanto Kate estava fumando – acrescento.

– Tudo bem. Lembra o que aconteceu durante o tempo em que ficou sozinha? – ele pressiona.

– Sim. – Não vou dizer a ele por que eu me lembro. Puxa, mencionar Matt agora seria um erro grave. – Por quê?

– Porque não quero ninguém virando você do avesso, a menos que seja necessário. Então, por favor, pense bem. – Ele aperta a minha mão. – Antes de eu chegar, você estava bem? Consegue se lembrar de alguma coisa?

– Sim, lembro.

– Que bom – o dr. Manvi intervém. – Mas, Ava, eu ficaria mais feliz se você consentisse em fazer o exame.

– Não! Eu sei que nada aconteceu. Não tenho cortes nem hematomas.

– Se você tem certeza absoluta, não posso forçar.

– Nada aconteceu. Eu me lembro de tudo até a hora em que Jesse chegou. – Olho para Jesse. – Eu me lembro de tudo. – Minha voz treme. Eu tremo.

Ele acaricia o meu rosto.

– Eu sei. Eu acredito em você.

– Tudo bem. Seus sinais vitais estão normais – diz o dr. Manvi. – Sua cabeça vai doer por um tempo, mas, fora isso, sua recuperação vai ser total. Assim que eu assinar os papéis de sua alta e retirar o acesso do intravenoso, você pode ir para casa.

– Quanto tempo vai demorar? – Jesse voltou ao seu estado colérico.

– Senhor, hoje é a manhã seguinte a um sábado à noite no centro de Londres. Como eu posso dar essa resposta?

– Vou levá-la para casa agora – Jesse diz, taxativo. Olho para ele e percebo no mesmo instante que essa é uma batalha perdida – especialmente se eu quiser sair viva.

Deito, praticamente em transe, enquanto a agulha é removida do meu braço, e o médico conversa com Jesse. Não ouço nada. Apenas sons abafados a distância. Como isso aconteceu? Não deixei meu copo sozinho. Não aceitei bebida oferecida por outra pessoa. Fui cuidadosa e sensata. Meu Deus, e se eu tivesse ido para o banheiro segundos antes e não visse Jesse na porta do bar? Estaria inconsciente e totalmente alienada a qualquer coisa à minha volta. Eu poderia ter sido estuprada. Lágrimas inesperadas e tremores incontroláveis me atacam, e começo a chorar.

– Ava, por favor, não chore. – Sinto o calor de Jesse me envolver, que me abraça forte enquanto meu corpo treme em seus braços. – Meu amor, vou ficar muito louco de raiva se você chorar.

Solução sem parar enquanto ele me conforta, murmurando xingamentos e preces ao lado de minha cabeça.

– Desculpe – digo entre soluços. Não sei por que estou pedindo desculpas, talvez por ir contra a vontade dele e sair mesmo assim. Não sei mesmo, mas sinto tanto remorso.

– Ava, por favor, pare. – Ele me abraça mais forte e afaga meus cabelos. Sinto seu coração bater acelerado próximo à minha orelha.

Quando finalmente recupero um pouco de controle, enxugo as lágrimas e assoo o nariz. Devo estar um desastre.

– Estou bem – digo, respirando fundo algumas vezes e afastando-o. – Quero ir para casa.

Começo a levantar da cama aos trancos, mas me deparo com o poder de um muro alto, lindo e de olhos verdes. Ele me pega no colo e me carrega para a porta, passando por Kate no caminho.

– Pegue as coisas dela – ele ordena, seguindo em frente.

– O que está acontecendo? – Sam pula da cadeira do lado de fora do quarto.

– Ela foi drogada. – Jesse não se detém para dar explicações.

– Oh, que merda! – O horror é evidente na voz de Sam.

Ouçoo os saltos dos sapatos de Kate batendo no chão, enquanto ela tenta nos acompanhar.

– Drogada?

– Sim – ele grita e segue pelos corredores, comigo nos braços. – Vou levá-la para casa.

Ele me senta no DBS e afivela meu cinto de segurança. Eu me encolho para o outro lado quando a porta se fecha e depois ouço vozes do lado de fora do carro. Há uma batidinha leve no vidro da janela e, quando olho, vejo Kate me fazendo o gesto universal de “ligue para mim”. Faço que sim com a cabeça e encosto no vidro. Jesse entra no carro e coloca meus sapatos e minha bolsa no chão na minha frente. Fecho os olhos e apago.

Estou sendo colocada em uma cama enorme e noto vagamente meu vestido sendo tirado e resmungos de desaprovação vindos de Jesse, mas o ignoro, rolando para o lado e soltando o ar, relaxada, quando sou recebida pelo meu cheiro preferido no mundo todo: água fresca e menta. Sei que estou de volta ao meu lugar.



– Ohhhhhhhhhhhh, Deeeeeeeeeeeeeuus!

Eu me espreguiço, e é a espreguiçada mais gostosa que já dei na vida. Sento na cama, estalo o pescoço, olho em volta e me dou conta de que estou sozinha, então vou até a beira da cama e piso no carpete grosso, me preparando para um ataque de tontura quando me levanto. Mas nada acontece. Estou surpreendentemente equilibrada. Saio descalça do quarto, vou até a escada e vejo Jesse lá embaixo, sentado em uma das grandes poltronas, conversando baixinho ao celular. Ele está de banho tomado, barbeado e usando jeans azul-claros. Está nu da cintura para cima.

Sento no primeiro degrau e o observo pelo vidro curvo que leva ao grande living aberto. Ele parece refrescado, mas preocupado.

– Não sei – ele diz baixinho, cutucando o tecido no braço da poltrona. – Juro por Deus, eu arranco os olhos dele. – Ele tira a mão da poltrona e esfrega os olhos. – Estou quase, John. Preciso mesmo. Porra, está uma zona.

Oh, Deus, estou empurrando Jesse para a bebida de novo?

Como se ouvisse minha pergunta silenciosa, seus olhos se levantam e encontram os meus. Eu me mexo, incomodada, no último degrau, enquanto ele me estuda.

– Veja o que consegue descobrir, John. Não vou aparecer por alguns dias... é, obrigado, parceiro. – O telefone desliza até o meio de sua mão, mas a mão em si permanece na orelha, o cotovelo pousado no braço da poltrona. Eu me sinto uma intrusa.

Ele fica sentado na poltrona, e eu, no último degrau por um bom tempo, um encarando o outro pelo vidro. Não tenho ideia do que dizer a ele. Quis provar que ele estava sendo irracional com sua mania de proteção exagerada, mas agora tornei tudo cem por cento pior. Ele nunca mais vai me deixar sair de perto.

Enquanto contemplo meu próximo movimento, ele se levanta da poltrona e vem em direção ao pé da escada. Acompanho seus passos escada acima até que ele está a alguns passos de mim, me olhando. Sua expressão se alterna entre raiva e pesar, e sua linha de expressão está lá há algum tempo.

– Se você vai gritar comigo, eu vou embora agora – digo com a garganta seca. Não preciso do sr. Neurótico no meu pé. Só quero esquecer tudo aquilo e pensar que tive sorte de não ter sido muito pior. Poderia ter sido muito pior.

– Já gritei demais – ele responde, e percebo que sua voz também está alterada. – Como está se sentindo?

– Bem. – Tiro os olhos dos dele e os fixo nos meus pés descalços. Estou nua,

exceto pela lingerie preta de renda, e me sinto pequena com ele assim, sobre mim, me olhando desse jeito.

– Mais ou menos? – ele pergunta.

– Não. Bem – sei que soo emburrada.

Ele se ajoelha para ficarmos quase no mesmo nível e coloca uma mão de cada lado do meu corpo no degrau. Levanto os olhos até ele.

– Estou louco de raiva, Ava. – A voz dele é doce.

– Eu não estava bêbada – afirmo, taxativa. Droga, eu não estava nem remotamente bêbada.

– Eu disse para você não beber nada. Eu sabia que não devia ter deixado você sair.

– O que me deixa curiosa é por que você acha que pode dizer o que eu posso ou não fazer – eu o enfrento. – Eu sou uma mulher adulta. Você espera que eu viva uma vida com você em que cada movimento meu é controlado? – Minha voz está calma, mas firme, apesar da garganta seca. Ele tem que entender o meu ponto de vista.

Seus lábios formam uma linha fina, e posso ouvir as engrenagens entrando em funcionamento.

– Você é minha. Meu trabalho é manter você segura.

Olho para baixo e suspiro.

– Você disse que estava quase. Quase o quê? – Levanto o rosto.

Ele busca meus olhos. Deve saber que eu escutei, pois olhou para mim logo depois dessas palavras.

– Nada.

– Nada? – Não acredito, e isso se traduz na minha voz. – Você quer beber, não é? É disso que precisa para lidar com essa merda toda.

Ele arregala os olhos.

– Dá. Para. Parar. De. Dizer. Palavrões. Porra? Estamos nesta porra toda porque você saiu e me contrariou. – Ele puxa meu rosto para perto. – Não estaríamos nesta situação se você tivesse me ouvido.

Suas palavras insensíveis e o tom dele me machucam.

– Desculpe! – grito. – Me desculpe por não ouvir! – Eu levanto, deixando-o de joelhos na escada. – Sinto muito se você sente a necessidade de se afundar em vodca por minha causa! Eu obviamente faço mal para a sua saúde. Vou liberar você desse problema. – Dou meia-volta e vou em direção ao quarto, tremendo de ódio.

– Louco de raiva, Ava.

Viro e vejo que ele está vindo atrás de mim, com o rosto contorcido. Recuo um pouco e depois me amaldiçoo mentalmente por não me impor. Por que ele não consegue ver que são suas expectativas irracionais que o empurram para a loucura, e não eu? Jesse para diante de mim, arfando, seu hálito de menta sobre mim.

– Me beijei.

– Não! – Nem sonhando!

Seus olhos se estreitam e escurecem.

– Três...

Ele só pode estar brincando.

– Está zangado?

– Totalmente louco de raiva, Ava. Dois...

Ele está falando sério. Meu Deus!

– Um – ele sussurra.

Já sei que não devo nem tentar escapar desta vez.

– Zero.

Sou capturada como se estivesse correndo e jogada na cama em segundos, com os braços presos acima da cabeça. Suas pernas estão sobre as minhas, me mantendo cativa, embora eu não esteja lutando. Jesse respira sobre mim, traçando uma linha sobre o meu estômago com o dedo, e depois do meu sexo até a minha boca. Ele pousa a ponta do dedo no meu lábio inferior, antes de fazer o caminho de volta.

– Por favor, não beba. – Eu nunca me perdoaria se ele fizesse isso com o próprio corpo outra vez, por minha causa.

– Não vou beber, Ava. – Sua voz soa neutra e pouco convincente. Isso me incomoda. Ele se ajoelha e me coloca no colo, sentada em suas coxas. Depois afasta os cabelos do meu rosto e o segura entre as mãos. – Noite passada, enquanto você não acordava, eu senti as batidas do meu coração diminuindo a cada minuto. Você nunca vai saber o quanto eu amo você. Se você fosse tirada de mim, eu não sobreviveria, Ava. Tenho vontade de arrancar minha cabeça por permitir que você me desafie.

Meus olhos saltam diante da confissão. Seu rosto está mortalmente sério, o que é preocupante. Ele está, de fato, dizendo que poderia se matar, não está? Bem, isso é um momento de insanidade, mas não acho que seria bom dizer isso.

– Eu estou bem – digo, em uma tentativa fútil de fazê-lo relaxar.

– Mas e se não estivesse bem? E se eu não tivesse chegado naquele momento? – Ele fecha bem os olhos. – Eu tinha chegado ao bar para ver se você estava bem, e depois ia embora. Pode imaginar o que foi para mim ver você desabar daquele jeito? – Os olhos dele se abrem marejados e assombrados. Agora sei que o melhor a fazer é me algemar na cama, para sempre. Isso não é saudável, para ele ou para mim.

– Foi só um acidente, alguém fazendo uma brincadeira idiota. Eu estava no lugar errado na hora errada, só isso. – Tiro as mãos dele do meu rosto e as coloco entre nós. – Esse estresse todo vai acabar colocando você em coma, e aí o que é que *eu* vou fazer? – pergunto, em um fio de voz.

Ele balança a cabeça e começa a morder o lábio inferior.

– Você pareceu aliviada quando o médico disse que não estava grávida.

Eu olho para todos os lugares, exceto para ele, envergonhadíssima.

– Esqueci de tomar a pílula. – Sinto sua mão subir e se fechar em torno da minha e olho com cautela, encontrando acusação em seus olhos e a sobrancelha levantada. – Deixei passar algumas, não sei onde elas estão de novo.

– Você não comprou outra cartela?

– Esqueci. – Dou de ombros.

– Certo. – Ele me observa por um momento. – Então, quando foi a última vez que tomou a pílula?

– Faz alguns dias – respondo, bem baixo. Estou mentindo descaradamente, lutando contra a mão que quer subir para os meus cabelos. Não acredito que faz quase uma semana, e ainda não cuidei disso.

– Você vai comprar mais?

– Amanhã. – Um olhar estranho toma o rosto dele. Arrependimento? – Jesse? – faço uma pausa, sem saber o que fazer com o quebra-cabeça do que estou prestes a montar.

– Sim? – ele parece armado e levemente culpado. Jesse sabe no que estou pensando, sei que sabe, e agora estou desconfiada. Não pode estar tentando me engravidar de verdade? Ele faria mesmo isso? Não tenho certeza, mas se ele vem escondendo as minhas pílulas, então sabe que parei de tomá-las há uma semana. Ou acha que já fiz a substituição?

– Nada – digo, balançando a cabeça. Sei que ele não vai admitir, então vou me fazer de boba, mas vou procurar em cada canto dessa casa, na primeira oportunidade.

– Seu irmão ligou – ele diz, em uma óbvia manobra para mudar de assunto e me tirar de meus pensamentos.

Fico tensa na hora. Funcionou.

– Dan?

– Sim.

– Você falou com ele?

Ele lança um olhar dubio.

– Bem, eu não podia deixar seu telefone tocando sem parar, ele ficaria preocupado. E por que seu telefone tem senha?

Eu começo a rir e me pergunto quantas combinações ele experimentou para destravá-lo.

– Bem, isso não impediu você de atendê-lo, impediu? O que você disse ao meu irmão? – Minha voz carrega uma certa dose de pânico, o que é bom, porque estou em pânico. Dan vai ligar para a minha mãe no ato, e isso, junto com todo o resto, não é algo que eu quero ter de explicar.

– Não contei o que aconteceu. Não quero que sua família pense que não sei cuidar de você. Ele disse que você ia encontrá-lo. – Jesse me olha como se eu tivesse cometido o pior pecado do mundo por não comunicar meus planos, ainda que não existam planos confirmados.

– Você contou a ele que estou morando com você, não contou? – Meus lábios ficam tensos.

– Sim. – Ele não demonstra nenhum arrependimento.

Quero matar Jesse.

– Jesse, o que você fez? – Encosto a cabeça em seu ombro, desalentada.

– Ei, olhe para mim. – Ele está zangado de novo. Levanto a cabeça com pesar

e olho para ele com toda a tristeza que sinto. Sua ruga de expressão entra na discussão. – Você não acha que ele ficaria preocupado? Deixe para lá, Ava.

Ele me puxa contra o peito, e noto que seu coração está disparado.

– Vou sair para correr. Tome um banho. Vou comprar algo para comer.

– Você não pode ficar? – pergunto contra seu peito.

Não quero que ele saia. – Não. – Jesse me levanta e me encaminha para o banheiro. – Já para o chuveiro. – Ele abre o jato d'água e me deixa ali, afrontada e preocupada. Ele nunca quer me deixar.



Algumas horas mais tarde, vou até a cozinha e encontro Jesse ainda com roupas de corrida, o dedo enfiado num pote de manteiga de amendoim. Faço uma careta, ele levanta os olhos e abre um sorriso amarelo.

– Cappuccino com dose extra, sem chocolate. – Ele me oferece um copo da Starbucks, e eu o aceito, grata. – Eu trouxe tudo – ele diz, casual. – Eles não têm salmão.

– Obrigada. – Dou um sorriso e me sento ao lado dele.

– Espero que esteja usando renda por baixo dessa roupa larga. – Ele olha para mim de cima a baixo e enfia o dedo cheio de manteiga de amendoim na boca.

Olho para o meu jeans rasgado e a minha camiseta recortada do Jimi Hendrix e dou risada.

– Estou sim. – Levanto a camiseta para mostrar a lingerie de renda creme, e ele balança a cabeça em um gesto de aprovação. – Achei que fosse trazer o jantar. – Puxo o saco de papel mais próximo e encontro um croissant. Cravo meus dentes nele sem demora.

– Tecnicamente, já que você dormiu o dia todo, é hora do café da manhã. – Ele abre um sorriso discreto. – O que quer fazer hoje à noite?

– Posso escolher? – pergunto, com a boca cheia de croissant.

Ele vira a cabeça de lado.

– Eu já disse, às vezes tenho que deixar você fazer as coisas do seu jeito. – Ele estende a mão e tira uma migalha do canto da minha boca. – Sou a favor de dar e receber.

Deixo escapar uma gargalhada e tento não cuspir o pedaço de croissant que estou mastigando, depois começo a tossir e tampo a boca com a mão. Dar e receber? Esse homem é mais que louco.

– Eu disse algo engraçado?

Dou de cara com um rosto sério.

– Não, nada. Desceu pelo lugar errado. – Tusso mais um pouco, e ele bate nas minhas costas, coitado.

O interfone toca enquanto tento recuperar o controle, e Jesse levanta para atender.

– Clive, sim, mande-o subir. – Ele põe o fone no lugar. – Jay – ele diz, sem olhar para mim.

– Jay? Quem é Jay?

– O leão de chácara. Está com o registro da câmera de segurança do bar. – Jesse guarda o pote de manteiga de amendoim e sai da cozinha.

Ai, meu Deus!

O vídeo que vai mostrar que conversei com Matt?

Acho que vou vomitar.

Posso ouvir os dois se cumprimentando e, logo em seguida, Jesse volta para a cozinha com Jay. O rapaz me dá um sorriso confiante, que sugere que provavelmente já assistiu ao vídeo e sabe o que vai acontecer.

Sim, vou mesmo vomitar. Levanto do banco e começo a sair da cozinha.

– Aonde vai? – Jesse pergunta.

Não olho para trás. Meu rosto vai denunciar meu pânico.

– Ao banheiro – respondo de longe, deixando os dois na cozinha. Assim que saio do campo de visão deles, corro e me tranco no banheiro, onde estou a salvo do furacão que sei que estou prestes a enfrentar. Eu devia saber que Jesse não deixaria por isso mesmo. Eu devia saber que ele sairia em uma missão para caçar quem fez isso comigo. Meu Deus, isso é tão ruim. Sento no vaso, levanto, ando em círculos pelo banheiro. E então a maçaneta é sacudida.

– Ava?

Fico de pé, olhando para a porta.

– Sim? – minha voz sai esganiçada e nervosa. Estou muito nervosa.

– O que houve, meu amor? Você está bem?

Talvez eu deva dizer que não, fingir que estou doente para poder ficar aqui.

– Sim, estou. Desço em um minuto. – Dizer que estou doente seria burrice. Ele derrubaria a porta para cuidar de mim.

– Por que a porta está trancada?

– Nem percebi que tinha trancado. Só estou fazendo xixi. – Eu me encolho. Que bom que há uma folha de madeira grossa entre nós, porque meus dedos estão emaranhados nos meus cabelos.

– Está bem, não demore.

– Não vou demorar. – O som de seus passos confirma que saiu do quarto. Estou em pânico. Pânico real e nem sei por quê. Não combinei de encontrar Matt lá. Foi por acaso, só isso.

Merda!

Eu o amaldiçoo por ser tão persistente. Por que não deixar o assunto para lá em vez de chamar o segurança do bar para ver as imagens do circuito interno? Eu devia ir até lá e pisar no DVD. Escancaro a porta e saio do banheiro determinada, passando pelo quarto rumo à escada. Ele está levando isso longe demais. Paro no meio de minha marcha quando a imensa TV de tela plana se ilumina como um cinema, enfatizando tudo, tornando tudo maior. Mas não. As imagens estão embaçadas, os movimentos estão desencontrados, e a tela fica pulando. Jay avança a gravação, e as pessoas passam rápido pelo bar, as luzes piscam rápido aqui e ali, numa desordem de atividades aceleradas. Mas logo me vejo sentada com os demais.

– Pode parar – Jesse ordena, e Jay deixa a gravação em velocidade normal. – É aqui. Deixe rodar.

Sento no topo da escada e assisto à noite se desenrolar diante dos meus olhos.

Nada de interessante acontece por um bom tempo. Vejo Tom mergulhar do outro lado da mesa para pegar a minha mão. Vejo Victoria nos deixar para sair com o sujeito, e então Kate sai da mesa, e sei muito bem o que vai acontecer. Rezo em silêncio para a TV entrar em combustão espontânea, mas isso não acontece. Tom sai, e Matt se aproxima. Congelo dos pés à cabeça e vejo os ombros de Jesse ficando tensos, quase encostando nas orelhas. Ele está de costas para a câmera, mas não há como negar que é ele. Jesse nunca vai acreditar se eu tentar dizer o contrário.

– Pare aí – Jesse o instrui, vai até a TV e chega bem perto para fazer uma boa inspeção. Ele balança a cabeça, pensativo. – Continue.

Jay aperta o “play”, e Jesse dá alguns passos para trás. Isso é ruim. Fico sentada no degrau, me lembrando da última vez que Jesse soube que eu tinha visto Matt. Não quero um repeteco daquilo. Por que não previ isso? Então me vejo descendo do banco e me agachando com Tom, para pegar minha bolsa e minhas coisas esparramadas no chão.

– Preciso de outro ângulo – Jesse diz.

– Tem outra câmera. – Jay responde, prontamente.

– Consiga-a para mim. Você a viu conversando com ele?

– Ward, faço o possível, mas, se me chamam para cuidar de um bêbado causando problemas ou de garotas brigando, não tenho como vigiá-la.

Não me conformo. Ele vai contratar um guarda-costas para ficar ao meu lado. Isso é ridículo.

– Não preciso que me vigiem – esbravejo. Ambos viram o rosto para mim, Jay parecendo incomodado, e Jesse, tenso e agitado. O silêncio paira sobre nós por um momento. É desconfortável, e inconscientemente passo os braços ao redor do corpo enquanto me sento, sob os olhos de Jesse.

– Você deixou seu copo sozinho em algum momento? – Jay pergunta.

A pergunta me pega de surpresa.

– Não.

– Quando começou a se sentir estranha? – Jesse intervém, de braços cruzados.

– Perdi o equilíbrio perto do balcão, mas achei que fossem meus sapatos.

– Conversou com alguém nessa hora?

Merda! Devo mentir? Já vi a reação de Jesse quando um homem dá em cima de mim, e não é nada boa. Merda, merda, merda! Olho nervosa para Jay. Ele sabe no que estou pensando.

Jesse vira para mim com os olhos sombrios e desconfiados, o tórax expandindo e relaxando, os braços ainda cruzados diante do peito.

– Responda, Ava – ele diz, mais calmo do que imagino que esteja.

– Tinha um cara no bar que se ofereceu para me pagar uma bebida. Eu recusei – disparo as palavras depressa, obviamente contrariada e olhando para os pés, mas isso ele vai descobrir por conta própria quando terminar de ver a gravação, então é melhor eu me adiantar. – Mas foi tudo bem. Sai de perto do balcão e voltei para a mesa com Kate. – Tento minimizar a coisa toda antes que Jesse desmaie.

– Pare de dizer que está tudo bem! – ele grita.

Dou um pulo de susto e olho com relutância para ele, notando as veias do pescoço saltadas e o maxilar tenso. E então algo chama a minha atenção na tela. Eu não devia ter olhado. Devia ter ignorado o que captei, e talvez tivesse ficado para trás antes que Jesse tivesse a chance de ver também. Meu sangue congela. No bar há um homem alto e de terno. É tarde demais para fingir que não notei. Jesse vira para a tela para ver o que atraiu o meu olhar de repente, assim como Jay.

O silêncio se instala de novo enquanto todos nós vemos o homem na tela sair de quadro quando levanto para ir ao bar. Logo em seguida aparece o grandão de rabo de cavalo chegando perto demais, derrubando minhas moedas e as recolhendo, antes de eu perder o equilíbrio e voltar para a mesa. O homem entra em quadro de novo. Aperto os olhos para tentar enxergar melhor. É ele? Com certeza parece que sim, mas a mensagem de texto dizia que estava na Dinamarca.

De canto de olho, consigo ver Jesse tentando se conter, o que indica que está tendo os mesmos pensamentos que eu, mas estou vendo a filmagem com interesse agora, também ciente da respiração pesada dele, mas fascinada demais com o que acontece na tela para olhar e confirmar o que já sei. Ele vai surtar. Também acha que é Mikael. Mas Jesse não sabe que Mikael na teoria está na Dinamarca. Ou sabe?

Avançamos a gravação até que Sam chega, e levanto da mesa. Em seguida Jesse aparece no canto inferior da tela, e me vejo caindo, batendo no chão com força, e o grupo de pessoas que correm para me socorrer e se juntam ao redor do meu corpo sem vida bloqueia minha visão.

Ninguém abre a boca por vários minutos desconfortáveis. Olho para Jesse e percebo que ele está me encarando. Não consigo me acalmar com seu olhar sombrio e posso sentir as lágrimas brotando. Devo contar sobre a mensagem de texto? Jesse já está colérico. Devo somar isso à sua óbvia fúria?

Jay tosse, chamando a minha atenção.

– Já viu o bastante?

– Sim – Jesse responde, sem tirar os olhos de mim. Agora está claro que a chegada de Jesse foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.

– Vou embora, então. – Jay levanta e pega o DVD do aparelho. – Não precisa me acompanhar até a porta.

Olho para os meus pés. Podia ter sido pior. Jesse sem dúvida vai ter algo para dizer sobre minha falta de honestidade com relação à presença de Matt, mas ele não pode me culpar. Por que eu revelaria essa informação abertamente? Não sou idiota. Bem, pode parecer que sou. Nem pensei que pudesse haver registro em vídeo do circuito interno de segurança e com certeza não previ que Jesse começaria a dar uma de detetive.

– Você não me contou sobre Matt. – O tom calmo de Jesse não me engana, e por que ele comentou isso, em vez de falar sobre a questão principal... o homem alto no bar, usando terno. Sei que ele também acha que é Mikael.

Meus ombros estão duros de tensão, mas não olho para cima – já sei que ele

está zangado. Não preciso de confirmação visual, e acho que é óbvio por que não contei sobre Matt.

– Eu não queria chatear você.

– Chatear? – A surpresa deixa sua voz mais aguda.

– Certo. Eu não quis enfurecer você. – Olho para ele e o encontro impassível. Isso me surpreende; esperava vê-lo fervendo de raiva. – Foi por acaso.

– Mas vocês conversaram por alguns minutos. Sobre o que falaram?

– Ele pediu desculpas.

– E demorou tanto assim? – Suas sobranceiras se levantam. Ele está certo. Um pedido de desculpas leva dois segundos, mas não me lembro de cada detalhe da conversa. – Eu disse que você não podia mais vê-lo.

Fico boquiaberta.

– Jesse, eu não planejei encontrá-lo. Já expliquei, foi por acaso. – O que ele queria que eu fizesse? Fosse embora do bar? – Eu queria saber como é que ele sabe sobre você.

– Isso importa? – Ele está se controlando. Dá para ver.

– Não, não importa.

Jesse começa a morder o lábio e me observar. Eu me sinto culpada e nem sei por quê. Não fiz nada de errado. Ele não está gritando comigo, mas é claro que não está feliz. Que eu devia ter feito? Sei que está pensando o mesmo que eu sobre Mikael, mas não pode estar zangado comigo por causa disso. Eu nem sabia que ele estava lá – se é que era mesmo ele.

– Então esqueça. – Ele atravessa a sala e vem para a escada. – Vou tomar um banho. – Jesse passa por mim, deixando-me atônita com sua fachada tranquila. Acho que teria preferido um ataque de fúria. Pelo menos saberia onde fico nisso tudo. Eu me arrasto lá para cima e vou para o quarto. Preciso descobrir o que se passa naquela cabeça complexa. Sei que ele está transtornado, então por que está tentando se controlar? Não é bonito, mas eu de fato preferia que ele explodisse, porque assim os ânimos se acalmariam depois. Sinto que meu dedo está em um botão detonador. Passo pelo quarto e vou até o banheiro, onde o vejo debaixo do chuveiro. Mesmo agora, meus olhos são atraídos por toda aquela beleza diante de mim, borbulhando de raiva. É potente, mas ele não a deixa transbordar.

– Você pode, por favor, gritar comigo e acabar com isso? – Sento no gabinete da pia e coloco as mãos no colo. Noto pela primeira vez desde que acordei que não estou usando meu anel de noivado. Ele o tirou? O pensamento é como uma faca em meu coração. Não estou gostando nada disso.

Jesse não diz uma palavra. Continua se ensaboando, antes de sair e pegar uma toalha para se enxugar. Ele me deixa sentada exatamente onde estou, meus olhos percorrendo o banheiro todo, a incerteza me flagelando. Levanto e caminho nervosamente para o quarto.

– Jesse?

Ele me ignora por completo e vai até o closet, reaparecendo minutos depois, usando jeans desbotado. Sua mandíbula se contrai sem parar, e posso ver que ele faz muito esforço para conter suas emoções. Nunca pensei que fosse querer que

ele soltasse os cachorros. E aonde ele vai, afinal?

Jesse coloca uma camiseta cinza e vai para o banheiro, enquanto fico parada no meio do quarto, pensando no que fazer. Eu o sigo e vejo que está escovando os dentes. Seu olhar encontra o meu no espelho. Estou ansiosa... incomodada.

– Fale comigo, por favor.

Ele termina de escovar os dentes, lava o rosto e depois se apoia na beira do gabinete da pia, respirando fundo algumas vezes. Eu me preparo para a tempestade, mas ela não vem. Ele passa por mim e vai para o quarto.

Eu o sigo como uma desesperada.

– Aonde você vai? – pergunto, enquanto ele caminha para a porta.

Ele para e demora um tempo para virar e me lançar um olhar perturbado.

– Preciso resolver umas coisas no Solar. – Sua voz não tem nenhuma emoção, enquanto eu estou me lamentando. Estou aterrorizada.

– Achei que íamos fazer alguma coisa esta noite – eu o lembro, desesperada.

– Surgiu um problema lá. – Ele murmura e se vira para ir embora.

– Você está bravo comigo – grito, histérica. Não quero que ele saia. Ele normalmente insistiria que eu fosse junto, e eu brigaria com ele, mas agora *quero* ir.

Ele balança a cabeça e a deixa pender para a frente, mas não me encara. Preciso ver seu rosto. Ele deixa o quarto, desabo no chão e choro. Eu me sinto desamparada e incompleta. Toda essa dor só porque quis ter a última palavra, tudo isso porque insisti em sair e provar que eu estava certa. A única coisa que provei foi que estou perdida sem ele.

Rastejo para o outro lado do quarto e me jogo sobre a cama, procurando o lugar que mais tenha o perfume dele. É um mero substituto do real. Só ele pode fazer isso passar, ir embora. E o pior é que sei aonde ele foi, quem vai estar lá, e o que ele vai fazer. O que posso fazer? Estou um trapo, meu rosto está inchado e duro com as lágrimas, e minha cabeça dói, tomada por tantos pensamentos perturbadores. Será que ele vai abrir uma garrafa de vodca? Sei que, se o fizer, não vou vê-lo tão cedo – não quando ele está daquele jeito. Prefiro ficar sem ele do que ter a fera vazia que é Jesse bêbado. Nunca mais quero ver aquele homem.

Sento na cama, lembrando-me de uma coisa. Ele não está aqui, mas eu estou... e estou sozinha. Pulo da cama e corro para o banheiro, abrindo as portas e olhando para os vários frascos de cosméticos, caixas e tubos. Começo a minha busca, empurro o conteúdo para um dos lados, minhas mãos trêmulas não fazem nada para me ajudar a realizar a tarefa sem derrubar alguma coisa. Um grito frustrado sai de minha boca e, no auge da raiva, varro todas as prateleiras com os braços, derrubando todos os itens no chão do banheiro.

No que estou pensando? Ele não seria bobo de escondê-las em um lugar tão óbvio. Saio do banheiro e corro para o closet, enfiando as mãos nos bolsos de cada paletó, por dentro e por fora, virando seus sapatos e jogando para o alto pilhas e pilhas de camisetas muito bem dobradas. Nada. Mas não vou desistir. Minhas pilulas estão desaparecendo misteriosamente, e isso começou a

acontecer desde que conheci esse homem. Qual é o jogo dele?

Sento no chão do closet, enxugando as lágrimas, que ainda insistem em cair, e começo a procurar nos bolsos dos jeans dele, atirando roupas para todos os lados, freneticamente, sem encontrar nada. A sacola de cetim dourada aparece quando arranco um paletó do cabide e o conteúdo se espalha pelo chão.

Camisinhas.

Não precisamos disso.

Ele está mesmo tentando me engravidar! Puta merda!

Corro pela cobertura como uma desvairada, procurando em todas as gavetas e os armários, em todos os lugares onde ele possa tê-las escondido. Uma hora depois, porém, e nada de pílulas. paro tudo quando ouço meu telefone tocar e sigo o som até ele parar.

– Merda! – xingo, sozinha, mas então o toque de mensagem de texto surge, e acompanho o som, até encontrá-lo na poltrona em que Jesse estava sentado mais cedo. Preciso enfiar a mão no estofamento para resgatá-lo. A chamada perdida é da minha mãe. Oh, Deus, será que Dan já falou com ela? Não posso conversar com minha mãe agora. Sei que é um pensamento terrível, mas nem sei quando vou estar centrada de novo para ser capaz de falar com ela. Meu coração dói quando vejo que a mensagem é de John.

Ele está bem, mas é melhor você vir para cá.

Meu coração tem um alento no começo da mensagem, mas, ao final, vai parar no chão. É melhor eu ir para lá? John está fazendo cabo de guerra contra Jesse com uma garrafa de vodka? Corro escada acima para lavar o rosto e me arrumar um pouco. Não tem jeito: pareço ter chorado um rio, e nem toda a maquiagem ou a água do mundo vão resolver o problema. Pego minhas chaves e saio em disparada para o meu carro.

Faço a viagem até o Solar em tempo recorde e não fico surpresa quando os portões se abrem assim que paro diante deles. John deve estar me esperando. Meus passos em direção à entrada são rápidos e frenéticos, na pressa de chegar a ele. Vejo a porta aberta e passo correndo pelo hall, ignorando os ruídos que vêm do bar e do restaurante. Todas as conversas emudecem quando passo pela sala de verão. Sei que, se prestasse atenção, haveria expressões fechadas e mordazes apontadas para mim, mas não tenho tempo nem vontade de parar e enfrentar o ressentimento.

Ao me aproximar da porta do escritório de Jesse, ouço um ruído que me faz pular de susto. Que diabos foi isso? Toco a maçaneta e olho para trás, mas o corredor está vazio. Viro a maçaneta e abro a porta.

– Ava! – A voz de John retumba pelo corredor, me fazendo parar, mas não consigo vê-lo. – Porra, filho da puta! Ava, espere! – Ele surge, se movendo com mais rapidez do que eu julgava ser possível para um homem desse tamanho, os

óculos no lugar de sempre, e corre na minha direção como um trem fora de controle.

– Meu Jesus! Garota, não entre aí!

Olho para a fera enlouquecida que se aproxima em câmera lenta e pulo ao som de mais um estalo de estourar os tímpanos. O ruído tira a minha atenção da voz de John e para dentro do escritório de Jesse. O que é isso? Abro mais a porta, até conseguir enxergar a sala toda. E perco o fôlego.

Oh, meu Deus!



Volto alguns passos, cambaleando, meu coração para de bater por um instante. Que porra é essa que está acontecendo aqui?

– Não! – John me alcança e me puxa pela cintura.

Estou entorpecida, enquanto encaro a cena hedionda à minha frente, antes de lutar contra a força descomunal de John, que tenta me tirar da sala. Não sei como, adrenalina talvez, mas consigo me libertar e entro no momento em que Sarah levanta um chicote no ar e golpeia as costas de Jesse. Meu estômago vem parar na boca, e sinto a mão de John no meu ombro.

– Ava, querida – a voz de John tem o tom mais suave que já ouvi dele –, você não precisa ver isso.

Eu me desvencilho dele e fico ali parada, tentando compreender a cena que se desenrola diante de mim. É difícil, embora o tempo tenha parado, e todos os detalhes estejam muito claros para mim. Jesse está sem camisa ajoelhado no chão, a cabeça pendendo, débil. Ele nem mesmo olhou para mim. Sarah está de pé, atrás dele, usando calça preta de couro, corpete de couro e botas de salto alto, tão maligna quanto o chicote que tem na mão.

Não consigo me mexer. Estou presa no lugar. Minhas pernas tremem, meu coração bate tão forte que vai sair do meu peito, e não consigo abrir a boca. O que está acontecendo?

Sarah olha para mim com uma expressão de pura satisfação, enquanto levanta o chicote outra vez. Quero gritar, mandá-la parar, mas minha boca está seca e não responde ao comando do cérebro. Aquele rosto bicudo declara o prazer que ela sente em submeter Jesse a essa tortura e, sem dúvida, por me ter aqui como testemunha.

Ela chicoteia a pele nua de Jesse mais uma vez, e ele arqueia as costas, jogando a cabeça para trás, mas não emite nenhum som.

O grito que ecoa pela sala parte de mim.

Ele levanta a cabeça quando meu grito penetra seus ouvidos. Estou mais uma vez lutando contra John, que conseguiu me segurar de novo.

– Me solte! – Eu me debato com mais força, me contorcendo em seus braços, arranhando e desferindo socos.

– Ava? – A voz de Jesse me faz parar. É fraca e alquebrada, e sua cabeça se vira em minha direção.

Um urro desesperado deixa meus lábios quando nossos olhos se encontram, e tudo o que vejo são buracos vítreos e vazios. Ele não parece totalmente acordado. É como se estivesse drogado e oco. Tenta se levantar, mas vem cambaleando

para a frente, completamente desorientado. Meus olhos recaem em suas costas, onde conto pelo menos dez vergões, que vão de um lado a outro, uns sobre os outros, com gotas de sangue começando a brotar.

Estou passando mal. Meu estômago está revirado e, quando Sarah levanta o chicote mais uma vez, ouço a voz de John chamando seu nome. Meus joelhos falham, e caio aos pés de John.

– Ava? – Jesse finalmente está de pé, mas sem nenhuma estabilidade. Ele agita a cabeça para tentar se concentrar, seu rosto confuso se transfigura quando registra a minha presença. – Meu Deus, não! – O pavor toma suas feições perfeitas. Até sua voz soa diferente. Ele tenta caminhar, mas é impedido por Sarah, que agarra seu braço. – Me solte! – ele ruge, jogando-a para trás. – Ava, meu amor. O que você está fazendo aqui? – Ele corre para mim e se ajoelha à minha frente, segurando meu rosto e buscando meus olhos.

É uma imagem embaçada em meio às minhas lágrimas. Não consigo falar. Apenas balanço a cabeça freneticamente, tentando arrancar do meu cérebro o que acabei de ver. Isso é um pesadelo? Ele não fazia nada para impedi-la. Estava ali ajoelhado, esperando os golpes, totalmente em transe. Mexo os braços para todos os lados para afastá-lo de mim e fico de pé.

– Ava, por favor! – ele implora, e tiro suas mãos de mim. Preciso sair daqui.

Viro, tiro John do caminho, e corro às cegas pelo corredor, surgindo na grande sala de verão. Enquanto fujo às pressas, registro vagamente os sobressaltos e me deparo com Jesse e John vindo atrás de mim. Tampo a boca com a mão, sentindo a bile chegar à garganta. Meu Deus, vou vomitar. Entro correndo no banheiro e dentro de um dos cubículos, batendo a porta e me inclinando sobre o vaso bem a tempo de esvaziar o conteúdo do meu estômago em convulsões dolorosas e ruidosas, o rosto úmido de suor e lágrimas. Estou no mais baixo abismo do inferno.

O som da porta batendo na parede ecoa pelo banheiro feminino.

– Ava! – Ele esmurra a porta atrás de mim, e eu me sento quando sinto outra violenta onda de náuseas chegando. – Ava! Abra a porta!

Não sou capaz de responder enquanto continuo vomitando sem parar, nem se quisesse. O que vou dizer? Acabo de vê-lo aceitando ser açoitado por uma mulher que detesto – uma mulher que sei que quer Jesse e me odeia. Minha imaginação não atinge esse tipo de insensibilidade. Vomito de novo e procuro o papel higiênico para limpar a boca, ao mesmo tempo que ele bate na porta atrás de mim.

– Por favor! – ele implora, e surge um som abafado à porta. Sei que é a testa dele. – Ava, por favor, abra a porta.

Minhas lágrimas ganham força quando o ouço implorar. Não vou conseguir olhar nos olhos do homem que amo sabendo que ele fez isso a si mesmo.

– Quem a deixou entrar? – Seu tom é feroz, e ele esmurra a porta outra vez. – Porra! Quem diabos a deixou entrar?

– Jesse, não fui eu. Eu jamais a teria deixado entrar. – A voz de John é reconfortante. Tenho vontade de defendê-lo. Não foi ele quem abriu as portas. A voz irascível de John, seu esforço para me impedir de entrar no escritório de

Jesse, tudo me faz chegar a uma conclusão. Ele não me mandou aquela mensagem. Não abriu os portões. Foi ela outra vez. Subestimei o ódio dela por mim. Ela foi mais do que bem-sucedida em seu plano de me destruir, mas isso não apaga o fato de que Jesse estava participando ativamente e de comum acordo com aquela atividade abominável. Por quê?

– O que está acontecendo aqui? – O som familiar da voz de Kate me dá esperança de escapar dessa cena de terror. – Caramba! Jesse, o que houve com as suas costas?

– Nada! – ele urra.

– Não fale assim comigo. Onde está Ava? Que diabos está acontecendo aqui? Ava! – Ela me chama, e eu estou desesperada para responder, mas sei que, se eu abrir, Jesse vai entrar. Não quero vê-lo.

– Ela está aí dentro e não quer sair. Ava? – ele chama. – Por favor, Kate, tire-a daí. – Ele bate na porta de novo. Parece desesperado e histérico.

– Ei! Me diga por que ela está trancada lá e por que você está sangrando. – A voz de Kate é determinada.

– Ava entrou na minha sala e viu algo que não deveria ter visto. Ela está assustada. Preciso vê-la. – Ele respira com dificuldade e mal consegue falar.

Tenho vontade de gritar exatamente porque estou assustada, mas sou atacada por uma nova onda de ânsia, que me impede de falar.

– Se você magoou a minha amiga, Jesse... – Kate grita. – Ava?

Ele acabou comigo e de um jeito que ela não conseguiria imaginar. É pior. É bem pior.

– Não! – Jesse tenta se defender. – Não é nada disso!

– Então o que é? Ela está lá dentro vomitando. Ava! – A batida leve do punho de Kate tamborila na porta. – Ava, por favor. Abra a porta.

– Ava! – Jesse berra.

– Jesse, vá embora – Kate grita.

– Não!

– Ela obviamente não vai sair enquanto você estiver aqui. Ei, grandão, tire-o daqui.

– Jesse? – John chama, e rezo para que Jesse o ouça e vá embora. Não vou mesmo sair enquanto ele estiver aqui. – Vamos fazer um curativo aí, filho da puta idiota.

Fico sentada, com a cabeça apoiada nas mãos, ouvindo a conversa em que tentam convencer Jesse a sair do banheiro.

Finalmente, ouço a porta abrir e fechar, e, em seguida, as batidinhas sutis de Kate na porta.

– Ava, ele foi embora – Kate diz, do lado de fora. Eu me levanto e destranco a porta, para deixar minha amiga entrar no cubículo comigo. Ela entra e torce o nariz diante do vaso respingado de vômito. – Que diabos está acontecendo? – Ela se agacha de frente para mim.

Tento controlar a respiração entre os soluços, enquanto luto para estabilizar as cordas vocais.

– Ele pediu para ser chicoteado. – As palavras me fazem virar a cabeça para o vaso outra vez e ter uma nova onda de vômito, mas tudo o que consigo fazer é engasgar. Sinto Kate massagear minhas costas.

– Ele o quê?

Eu me afasto do vaso e encontro Kate boquiaberta. Quem acreditaria nisso? Mas vi as provas claras nas costas de Jesse.

– Eu entrei no escritório e o vi sendo açoitado por Sarah.

Seus olhos saltam.

– A vaca?

– Sim. – Faço o gesto com a cabeça para acompanhar a palavra, caso minha boca se recusasse a funcionar. – Ele estava de joelhos, Kate, como um tipo de escravo submisso. – Começo a chorar de novo, e minha mente é mais uma vez invadida pela imagem horrível do meu homem forte e decidido sendo espancado por vontade própria.

– Meu Deus. – Ela pausa a mão no meu joelho. – Ava, as costas dele estão um horror.

– Eu sei! – choro. – Eu vi! – Aquilo não foi um fetiche. Não havia prazer envolvido. Pelo menos não da parte de Jesse. Sarah já é outra história. Jesse queria ser ferido. Meu estômago convulsiona. – Kate, preciso ir embora. Ele não vai permitir. Sei que ele não vai me deixar ir embora.

Um olhar determinado toma suas feições pálidas e bonitas, e ela fica de pé.

– Espere aqui.

– Aonde é que você vai? – Minha voz é puro pânico. Ele vai invadir esse banheiro assim que Kate sair. Sei que vai.

– John levou Jesse para o escritório. Vou checar, só isso. – Ela abre a porta e passa pelo meu corpo jogado.

Prendo a respiração, esperando a confusão, mas nada acontece. A porta se abre e se fecha e, então, o silêncio. Estou sozinha. Levanto, mas minhas pernas estão trêmulas e fracas. Tento limpar o vaso, e então a porta se abre, e eu congelo, prendendo a respiração de novo.

– Ava? – Kate sussurra, batendo na porta com cuidado. – Jesse está no escritório com John. Sam vai abrir os portões.

Abro a porta e me vejo no espelho, antes de ser tirada do cubículo e levada para fora. Estou péssima.

– Espere. Preciso de água. – Eu me solto de Kate e vou até a pia, me inclinando para lavar o rosto e fazer um bochecho.

– Aqui, pegue um chiclete. – Kate enfia a goma na minha boca.

Nesse momento, avalio os méritos do álcool. Eu teria preferido encontrar Jesse bêbado? Sem dúvida alguma, teria lidado melhor com aquela criatura digna de pena do que Jesse apanhando. Ele é mesmo autodestrutivo. O pesar se transforma em raiva quando considero a reação dele aos hematomas nas minhas costas e no traseiro depois da viagem no porta-malas de Margô Sênior, e seu rosto quando viu meu braço machucado, depois do encontro com o senhor Jaguar Careca – o modo exagerado como ele reagiu.

Antes que eu tenha chance de informar minha intenção de procurar Jesse e exigir respostas, ele volta ao banheiro, em um pânico cego. Noto que seus olhos não têm mais a aparência vítrea quando pousam em mim, seu está peito úmido, seus cabelos loiros, mais escuros por causa do suor. Posso sentir os olhos de Kate indo de um para o outro, enquanto compreende a situação.

Ele vem até mim, e não o impeço de fazer o que sei que vai fazer. Ele se inclina, me pega no colo e sai do banheiro em direção ao seu escritório. Apenas olha para a frente e caminha com propósito, de volta pela sala de verão, sob o olhar atento de alguns membros, que ficam ali, apreciando o espetáculo. Ouço sussurros e vejo mãos apontando para nós. As lágrimas voltam a brotar nos meus olhos e escorrer pelo meu rosto. Estou em total agonia, meu estômago dói, e meu coração parece ter sido cortando bem ao meio.

Ele fecha a porta do escritório com o pé e vai direto para o sofá, se abaixando com um ruído de dor. Meu estômago revira outra vez. Seus braços me envolvem, e a cabeça dele vai direto para o meu pescoço. Está em silêncio, me segurando o mais perto possível enquanto tento me controlar e dominar os tremores que me atacam. Mas é uma batalha que não posso vencer. Meu homem lindo tem problemas graves e, quando penso que estou começando a entendê-lo, sou assolada pelo pior tipo de despertar. Não o conheço e com certeza não o entendo.

– Por favor, não chore. – Sua voz abafada chega aos meus ouvidos. – Isso está me matando.

– Por quê? – eu pergunto. É a única pergunta que consigo fazer. É tudo o que quero saber. Por que ele faria isso consigo mesmo?

– Eu prometi a você que não beberia.

O quê?

Ele foi açoitado em vez de beber, porque me prometeu que não beberia.

– Você queria beber?

– Eu queria bloquear a dor.

– Olhe para mim – exijo, mas ele não faz nenhum esforço para levantar a cabeça de seu local seguro. – Maldição, Jesse, olhe para mim! – Eu me contorço para tentar pegar a cabeça dele e levá-la, mas ele reclama de dor, e eu paro imediatamente. – Três – digo, calma, sem saber o que fazer. Sinto-o ficar tenso embaixo de mim, mas ainda assim não me olha. – Dois.

– O que acontece no zero? – ele pergunta, quase sem voz.

– Eu vou embora – respondo, tranquila.

Ele levanta a cabeça, e choramingo quando o vejo, seus olhos turvos, a dor transbordando deles, o queixo tremendo. Ele me encara fixamente. Seus olhos imploram.

– Por favor, não vá.

Toda a força que me mantinha minimamente composta se desfaz ao vê-lo e ouvi-lo. Seguro seu rosto entre as mãos e o beijo, mas não estou perto o bastante. Eu me mexo com cuidado e sento de frente para ele, com uma perna de cada lado, e o puxo para mim o máximo possível, sem machucá-lo.

– Me diga o que queria bloquear.

– A dor de magoar você.

– Eu não entendo. – Ele não sabe que isso está me magoando? – Eu preferiria que você tivesse bebido.

– Não preferiria, não – ele diz, com uma risada que me deixa nervosa. Recuo e olhos nos olhos dele.

– Eu teria preferido ver você com a metade de uma destilaria no corpo do que ver o que vi.

Ele abaixa a cabeça, envergonhado.

– Confie em mim, Ava, não teria.

– Confiar em você? Jesse, estou enojada pela traição. – Ainda nem pensei no que vou fazer a Sarah quando puser minhas mãos nela. Ela feriu meu deus neurótico e, quanto mais penso nisso, mais enfurecida fico.

Deixo o colo dele e bato em sua mão quando ele tenta me segurar.

– Eu não vou embora – digo, um pouco rude demais. Sua expressão de pânico me deixa com mais raiva. Começo a andar de um lado para o outro do escritório, batendo o dedo no queixo, sob o olhar intenso de meu homem temperamental, que continua aprontando. Meu Deus, eu estalei um cinto para ele na noite de lançamento do Lusso!

Sentando de frente para Jesse, no sofá oposto, seguro minha cabeça dolorida entre as mãos. Posso ouvir sua respiração pesada, como se ele quisesse dizer algo. Solto o ar, exausta, e massajeio as têmporas.

– Tem mais alguma coisa que eu deva saber?

– Como o quê? – ele pergunta, defendido. Não gosto de sua reação. Como é que vou saber? Ele já me surpreendeu com esse lugar, o problema com a bebida... e agora isso.

– Não sei, é você quem vai me dizer. – Jogo os braços para cima, irritada. Quero desesperadamente confortá-lo. Ficar longe dele está me machucando quase tanto quanto ver Jesse sendo chicoteado. – Por que eu ia preferir isso a ver você bêbado?

Ele se inclina para a frente com cuidado, os músculos do rosto tensos, os cotovelos apoiados nos joelhos, massageando as têmporas com cuidado.

– Álcool e sexo andam de mãos dadas para mim.

– O que isso quer dizer? – Minha voz está aguda e ansiosa.

– Ava, eu herdei o Solar quando tinha vinte e um anos. Pode imaginar um moleque nesse lugar, com um monte de mulheres dispostas e interessadas? – Ele parece envergonhado.

Minha mente divaga. Oh, consigo imaginar, sim, e não me admira que as mulheres estivessem dispostas e interessadas. Ainda estão.

– Você bebia e misturava negócios com prazer?

Ele solta uma respiração pesada.

– Sim. Como eu disse, álcool e sexo andam lado a lado. Mas isso tudo ficou para trás. – Jesse se inclina para a frente e faz uma careta de dor. – Agora, tudo se resume a você.

Ele estende a mão sobre a mesa entre nós, mas eu recuo. Ele abaixa a mão e

olha para o chão. Ainda não entendi, e ele ainda não explicou por que aceitou ser chicoteado por Sarah.

– Então você não bebeu porque isso faria você querer fazer sexo? – Minha testa deve estar parecendo um mapa topográfico, porque estou completamente confusa.

– Eu não confio em mim quando bebo, Ava.

– Porque você acha que vai pegar a primeira mulher que vir pela frente?

Ele dá uma risada nervosa e passa os dedos pelos cabelos.

– Acho que não. Eu não faria isso com você.

– Você acha que não? – Estou chocada.

– Não é um risco que estou disposto a correr, Ava. Eu bebo demais, perco a razão, e as mulheres se jogam em cima de mim. Você já viu acontecer. – Ele abre um sorriso constrangido.

Faço um ruído que traduz minha incredulidade.

– Você não parecia capaz de muita coisa na sexta-feira.

– Sim, mas não estava no meu nível normal de descontrole. Estava em uma missão importante.

– Então, você normalmente bebe bastante e depois faz sexo com um monte de mulheres? – Acho que estou começando a entender. – Você nunca bebeu quando fez sexo comigo?

Ele levanta e move a mesa, para poder ajoelhar diante de mim e pousar as mãos nas minhas coxas. Seu olhar penetra no meu.

– Não, Ava. Nunca estive sob a influência de álcool com você. Não preciso dele. O álcool bloqueava certas coisas para mim, me fazia esquecer o quanto minha vida era vazia. Eu não dava a mínima para as mulheres com quem dormia, nenhuma delas. E então você entrou na minha vida, e as coisas mudaram completamente. Você me trouxe de volta à vida, Ava. Não quero beber nunca mais porque, se eu começar, posso não parar mais, e não quero perder nenhum momento com você.

Lágrimas ameaçam escorrer dos meus olhos ao ouvir sua confissão.

– Você já fez sexo preguiçoso com mais alguém? – Prendo a respiração. De todas as coisas que eu poderia perguntar, essa tinha que ser a primeira?

Ele dá um suspiro pesado.

– Não.

Estreito os olhos para ele.

– E quanto à transa de lembrete?

– Ava, não! Nunca gostei tanto de alguém para precisar ou querer colocar algum bom senso na cabeça dela com sexo. – Ele aperta minhas coxas. – Só você.

Tiro as mãos dele das minhas coxas e me levanto, deixando-o agachado diante do sofá, parecendo perdido.

– Então, na quinta-feira, no seu escritório, está me dizendo que, se você tivesse bebido, eu teria me deparado com você transando com Sarah na sua mesa, em vez de apenas parecendo íntimo?

Ele levanta e vem até mim, agarrando meus quadris para me imobilizar, antes de se inclinar para entrar no meu campo de visão.

– Não! Não seja boba!

– Não acho que estou sendo boba. – Eu o fulmino. – Já é o bastante ter que me preocupar com o seu problema com a bebida. Não sei se consigo lidar bem com a preocupação extra de você ficar bêbado e querer comer outras mulheres! – estou gritando, mas não consigo evitar.

Ele se encolhe.

– Olha a boca! A bebida não me faz querer comer outras mulheres. Só me faz querer sexo!

– Então é melhor eu estar do seu lado quando você bebe, não é mesmo?

– Eu não vou beber! Quando é que você vai me ouvir, mulher? – ele grita. – Não preciso beber. – Ele me solta de repente, vai até a janela e volta. – Eu preciso de você!

E voltamos a isso. Tiro o dedo dele do meu rosto.

– Você precisa de mim para substituir a bebida e o sexo. – Tenho vontade de chorar. O que ele precisa é abandonar um estilo de vida que vai matá-lo se continuar por muito mais tempo. Sou sua fuga de uma morte prematura certa por overdose. Acho que vou vomitar de novo. Ele tem mesmo medo de que eu vá embora, mas isso não tem nada a ver com o quanto me ama. É porque tem medo de voltar para uma vida vazia. – Você me manipula.

– Eu não manipulo você! – ele parece ofendido.

– Você me manipula, sim! Com sexo! Transas de bom senso, transas de lembrete. É tudo manipulação. Eu preciso de você, e você usa isso contra mim!

– Não! – ele ruga e varre o gabinete de bebidas com os braços, mandando dúzias de garrafas para o chão, o som de vidro quebrado ecoando entre nós.

Dou um pulo para trás, mas ele vem até mim me segura pelos ombros.

– Eu preciso que você precise de mim, Ava. Não pode ser mais simples que isso. Quantas vezes vou ter que dizer isso? Enquanto você precisar de mim, vou me cuidar... É simples.

– E pedir para ser açoitado é se cuidar? – eu grito na cara dele.

Ele me solta e puxa os próprios cabelos, quase os arrancando.

– Eu não sei, porra!

Olho para cima, buscando o Céu. Não tem jeito.

– Eu preciso de você, mas não assim.

Ele segura as minhas mãos.

– Olhe para mim – ele ordena. Trago a cabeça para a posição normal, para podermos nos olhar nos olhos. – Me diga: o que você sente por mim? Eu sei o que sinto por você. Sim, eu tive muitas mulheres, mas sempre foi só sexo. Sexo sem compromisso. Sem sentimentos. Ava, eu preciso de você.

Olho para o meu homem lindo, perturbado e neurótico, que me olha no fundo dos olhos, e quero gritar com ele, bater a cabeça dele na parede e enfiar um pouco de bom senso nele da maneira convencional.

– Como você pode precisar de mim, se levo você a fazer isso consigo mesmo?

– pergunto, exausta. – Você é mais autodestrutivo agora do que antes de mim. Eu fiz você *precisar* de álcool, não só querer. Transformei você em um louco irracional e eu mesma não sou mais tão sã. Não vê o que estamos fazendo um com o outro?

– Ava! – Seu tom é de advertência. Ele sabe aonde quero chegar. – Não faça isso.

– E, só para que fique registrado, eu odeio o fato de que você dormiu com meio mundo. – Preciso que ele saiba disso, mas logo o pensamento mais terrível invade a minha mente.

Fico sem ar.

– Quando você sumiu por quatro dias... – nem consigo terminar a frase. Meu coração veio parar na garganta e explodiu.

Seus olhos se arregalam com minha conclusão óbvia, sua boca fica apertada, os músculos de sua mandíbula, tensos.

– Elas. Não. Significaram. Nada. Eu amo você. Eu preciso de você.

– Meu Deus! – Caio de joelhos. Ele não negou. – Você estava transando com outras mulheres. – Minhas mãos encontram meu rosto, e as lágrimas recomeçam, e é como se um soco fizesse um buraco enorme no meu estômago.

Ele se junta a mim no chão, apertando meus braços, me sacudindo.

– Ava, me escute. Elas não significaram nada. Eu estava me apaixonando por você. Eu sabia que ia magoar você. Eu não queria magoar você.

– Você disse que não poderia fazer isso comigo. Você se esqueceu de dizer *de novo*. Devia ter dito que não poderia fazer isso comigo *de novo*.

– Eu não queria magoar você – ele sussurra.

Meu rosto derrotado se ergue.

– Por isso, para remediar a situação, você comeu outras mulheres? – Meu estômago está revirando. Não consigo respirar. – Quantas foram?

– Ava, por favor, não faça isso. Eu me odeio.

– Eu também odeio você! – Choro, e meus ombros balançam com meus soluços incessantes. – Como você pôde?

– Ava, por que você não está me ouvindo?

– Eu estou, mas não gosto do que estou ouvindo! – Eu levanto, mas ele me segura pela cintura para me impedir de ir embora.

Ele encosta a testa na minha barriga, e vejo, através das lágrimas, que também soluça.

– Desculpe. Eu amo você. Por favor, eu imploro, não me abandone. Case comigo.

– O quê? – eu berro. Nós nem conversamos sobre isso, e já me sinto à beira de um colapso nervoso. Foi o golpe fatal. – Não posso me casar com alguém que não entendo – digo as palavras em voz baixa, entre os soluços, e sinto-o murchar diante de mim enquanto solta o ar. Posso ver os vergões horrorosos e as gotículas de sangue em suas costas. Estou passando mal de novo. – Achei que estivesse começando a entender você. – Minha voz falha. – Você me destruiu outra vez, Jesse.

– Ava, por favor. Eu estava em frangalhos. Perdi o controle. Pensei que ia conseguir esquecer você à força.

– Bebendo e transando com outras mulheres?

– Eu não sabia o que fazer – ele diz, baixinho.

– Você poderia ter conversado comigo.

– Ava, você teria fugido de mim mais uma vez.

– Todas as desculpas que você tem me dado são porque sua consciência estava consumindo você. Não foi porque você estivesse bêbado ou por causa do Solar. Foram porque você me traiu. Você disse que não usava o Solar para fazer sexo desde muito antes de me conhecer. Você mentiu para mim. Toda vez que acho que fizemos progresso, vem mais uma bomba. Não aguento mais. Eu não conheço você, Jesse.

– Ava, você me conhece, sim. – Ele me olha com uma expressão de súplica. – Eu errei. Estraguei tudo, mas ninguém me conhece melhor do que você. Ninguém.

– Talvez Sarah conheça você melhor. Ela parece conhecer você muito bem – digo, sem nenhuma emoção. – Por quê?

Ele desaba sobre os calcanhares e abaixa a cabeça.

– Eu decepcionei você. Eu queria beber, mas prometi que não faria isso e sabia o que poderia acontecer se eu fizesse.

Sua confissão me deixa tensa.

– Por isso você pediu para ser chicoteado?

– Sim.

Meu estômago encontra o meu coração na garganta.

– Eu não entendo.

Ele continua de cabeça baixa.

– Ava, você sabe que eu era um aventureiro. – A voz dele é mínima. Ele está com muita vergonha. – Eu desfiz casamentos, tratei mulheres como objetos e peguei o que não era meu. Magoei pessoas e sinto que isso tudo é minha penitência. Encontrei meu pedaço do Paraíso e sinto como se todo mundo estivesse fazendo um esforço desmedido para tirá-lo de mim.

O nó na minha garganta aperta mais um pouco.

– *Você* é o único que vai estragar tudo. Sozinho. Bebendo, sendo um controlador, transando com outras mulheres. *Você*!

– Eu poderia ter parado com tudo. Não acredito que tenho você para mim, Ava. Morro de medo de você ser tirada de mim.

– Daí você pede para uma mulher que eu detesto, uma mulher que quer tirar *você* de *mim*, flagelar você?

Ele franze o rosto para mim.

– Sarah não quer me tirar de você.

A frustração me faz balançar a cabeça.

– Sim, Jesse, ela quer! Fazer isso consigo mesmo é uma agonia para mim. Você pune a mim, não a você. – Estou desesperada para que ele perceba isso. –

Eu amo você, apesar de toda a merda que você joga em cima de mim, mas não posso ficar assistindo você fazer isso a si mesmo.

– Não me abandone – ele esmiúça as palavras, pegando as minhas mãos. – Morro antes de ficar sem você, Ava.

– Não diga isso! – grito com ele. – Isso é loucura.

Jesse me puxa para baixo, e fico de joelhos, como ele.

– Não é loucura. Aquele pesadelo que eu tive, de que você não estava lá. Foi isso, você tinha ido embora. Aquilo foi uma amostra de como a vida seria sem você. – Ele está fora de si. – Ava, aquilo foi a morte para mim.

Suas desculpas incessantes durante o sono fazem sentido agora.

– Se eu for embora, vai ser porque não consigo ver você se ferindo dessa maneira, não posso mais ver você se torturando assim.

– Você jamais vai entender o quanto eu amo você. – Ele tenta tocar meu rosto, mas eu me afasto. Essa frase só me irrita mais ainda. – Me deixe tocar você – ele pede, tentando me agarrar. Está ficando histérico e em pânico, e isso me destrói por dentro.

– Eu entendo, Jesse, porque sinto o mesmo! – grito mais uma vez – Embora você tenha acabado comigo, eu ainda amo você, e me odeio por isso. Então não ouse dizer que não entendo!

– Não é possível. – Ele me segura pelos braços e me puxa, gemendo de dor. – Não é humanamente possível! – Sua voz é séria. Ele realmente acredita nisso.

Eu me deixo ser abraçada, e ele quase me sufoca, mas não consigo corresponder. Estou emocionalmente drenada e entorpecida. Meu playboy forte e dominante está reduzido a uma alma amedrontada e desesperada. Quero meu Jesse determinado de volta.

– Vou buscar algo para limpar você. – Eu me desvencilho com dificuldade de seus braços relutantes. – Jesse, eu preciso limpar você.

– Não fuja de mim.

Eu finalmente me liberto e fico de pé.

– Eu disse que nunca vou abandonar você e falei sério. – Eu me viro e o deixo de joelhos, saindo de seu escritório em transe.

Não vou atrás de algo para limpá-lo. Dar atenção aos seus ferimentos não vai provar nada. Só há uma maneira de fazê-lo compreender que entendo como ele se sente. E se é assim que tem que ser, que seja.



Passo rápido pelos banheiros, pelo bar cheio e pelo restaurante. Não vai demorar até que ele venha me procurar, então tenho que ser rápida.

Chego ao hall de entrada e subo a escada dois degraus por vez, atravessando o lugar correndo e ignorando o olhar hostil das mulheres.

Então eu a vejo.

Ela conversa com algumas delas, sem dúvida fofocando sobre os eventos da última hora. Ainda está com o traje de couro preto, o chicote ainda na mão. Eu me aproximo por trás, e as demais mulheres se calam na hora. Com óbvia curiosidade sobre o porquê do silêncio súbito, ela se vira para olhar para mim. Sua expressão é de superioridade, misturada a uma satisfação doentia. Isso só faz meu sangue ferver ainda mais, e ela vira de frente para mim, relaxada, girando o chicote na mão.

– Você me mandou a mensagem de texto do celular de John – eu a acuso, calma.

Ela quase ri.

– Não sei do que você está falando.

– Claro que não sabe. – Balanço a cabeça, incrédula. – Você também abriu os portões quando descobri o salão aberto.

– E por que eu faria isso? – ela pergunta, petulante.

– Porque você o quer. – Minha voz está incrivelmente calma, considerando que eu seria capaz de matá-la e estou tremendo da cabeça aos pés. O olhar das outras queima a minha pele quando dirijo o meu olhar pelo grupo. – Todas vocês o querem.

Nenhuma delas abre a boca. Ficam ali apenas me observando, preocupadas com minha próxima atitude.

Sarah, entretanto, não consegue manter a matraca fechada.

– Não, querida, todas nós já o tivemos.

Basta.

Meu punho voa no direção do rosto dela, encontrando seu rosto cheio de Botox, fazendo-a cambalear para trás nos saltos altos e cair de bunda no chão. Mas não paro por aí. Agarro seus cabelos da maneira menos feminina e mais grosseira possível e a puxo para cima, prendendo-a contra a parede pela garganta. Ruídos de choque cortam o ar antes que um silêncio sepulcral tome conta, e o único som é a respiração de Sarah, atordoada.

– Se encostar um dedo em Jesse de novo, tenha ele pedido ou não, não vou parar até ter quebrado cada osso nesse seu maldito corpo. Você me entendeu?

Seus olhos estão arregalados. Posso senti-la tremer sob o meu jugo.

– *Você me entendeu?* – eu grito as palavras na cara dela. Perdi o controle.

– Sim – ela esganiça, baixinho, tentando afrouxar a pressão que faço em sua garganta. Estou prendendo sua respiração.

Eu a solto, e ela cai no chão como uma massa de couro, tentando recuperar o fôlego, com a mão no pescoço. Estou tremendo de raiva enquanto me viro para absorver as expressões estarrecidas das muitas testemunhas, todas em completo silêncio. Não preciso dizer mais nada. Deixei tudo claro para Sarah e todas as pessoas que estão ali assistindo ao meu surto. Eu as deixo e sigo em direção ao meu destino inicial, tremendo violentamente, com a respiração pesada. Chego ao pé da escada que leva ao salão aberto e titubeio por alguns segundos, mas, assim que me lembro das palavras de Jesse, corro escada acima movida pela adrenalina e pela determinação que pulsa em minhas veias.

Entro no salão pouco iluminado ignorando as poucas cenas que acontecem diante de mim, enquanto tento abstrair a música erótica que assola meus ouvidos. Não estou aqui para me excitar. Vou para o lado direito e encontro o lugar onde quero estar.

Dois homens conversam em voz baixa, enquanto uma mulher está recolocando a lingerie quando me aproximo, e todos eles voltam a atenção para mim. A conversa cessa imediatamente. Um dos homens me olha com cautela, enquanto o outro me lança um olhar de aprovação, os lábios se curvando em um sorriso malicioso. Tiro os sapatos e a camiseta, e jogo no chão antes de desabotoar a calça.

– Veio brincar, docinho? – um deles pergunta, vindo na minha direção.

– Steve, deixe-a – o outro cara o adverte. Está claro que me reconheceu. Olho feio para ele, que balança a cabeça.

– Ela quer brincar, não é, docinho? – Apesar de sombrios, os olhos dele brilham para mim.

– Ela é a garota do Jesse, Steve. Não vale a pena. – O amigo tenta argumentar com Steve, mas ele parece ter uma missão em mente e não gosta que digam o que deve fazer. É exatamente disso que preciso.

– Tudo vale no sexo e no Solar – Steve diz, ainda com o sorrisinho. – O que eu posso oferecer, gatinha?

– É sério, Steve. Ela é especial para ele.

– Ah, ela é mesmo especial. Agora pode ser especial para mim, também. Ward nunca teve problemas em compartilhar até agora.

Suas palavras despertam a bile que cobre minha garganta, e observo o homem mais sensato pegar a mulher pelo braço e se afastar com ela, com uma expressão de preocupação. Esse tal de Steve, no entanto, é convencido e autoconfiante, mas não de uma maneira atraente. Não que isso seja importante. Não tenho planos de beijá-lo.

Vou até uma estante próxima à parede e pego o chicote mais ameaçador que consigo encontrar, antes de me virar e entregá-lo para ele, com mãos firmes. Qualquer sinal de relutância vai me frustrar, e esse é o único jeito de demonstrar

a Jesse o quanto essa merda toda é uma loucura. Seu rosto se abre em um sorriso largo quando ele aceita o chicote e admira minha seminudez de cima a baixo. Tiro a calça jeans e me posto sob a armação suspensa dourada, com as mãos sobre a cabeça.

– Sem contato, apenas o chicote. Com força. – Minha voz é clara e resoluta. Estou decidida. Não tenho medo ou hesitação alguma.

– Com força? – ele pergunta.

– Com muita força.

– E quanto ao seu sutiã? – Os olhos dele estão fixos no meu peito.

– O sutiã fica.

– Tudo bem – ele concorda e caminha até mim, enfiando o punho do chicote no bolso de trás da calça, antes de prender minhas mãos na armação.

– Steve, é bom você parar – alguém diz.

– Isso não é da sua conta – esbravejo.

– Você a ouviu, é ela quem está pedindo. – Steve olha para mim com os olhos semicerrados e cheios de desejo, antes de dar a volta no meu corpo.

Meu coração começa a bater mais forte, e fecho os olhos, recitando as palavras de Jesse, como um mantra.

Não é possível. Não é possível. Não é possível.

Deixo minha mente em branco, exceto por essa frase, a música desaparece, e me preparo para meu próprio flagelo – a punição por ter reduzido Jesse à sombra frágil de um homem, por fazê-lo precisar beber, em vez de querer, por torná-lo um controlador neurótico e traído... por forçá-lo a fazer isso consigo mesmo.

Ouçó o golpe antes de senti-lo. Uma açoitada rápida e precisa corta o ar antes de chegar às minhas costas. Dou um grito.

Putá merda!

A chicotada causa uma dor lancinante e contínua, que se espalha por todo o meu corpo, e minhas pernas viram geleia. Mantenho os olhos bem fechados. Só agora me dou conta de que não combinamos um número de golpes. Prendo a respiração e aperto os dentes quando uma segunda chibatada atinge minhas costas, e eu mentalmente imploro para conseguir ficar em silêncio e aceitar a punição.

Fico tensa, aguardando a próxima e, quando ela vem, perco o controle sobre meu corpo e fico pendurada na armação, entregue. A quarta, a quinta e a sexta chicotadas vêm em intervalos regulares, até que eu finalmente me acostumo com o tempo de espera de uma para a outra e esteja entorpecida e alheia ao que ocorre. Não tenho ciência do que acontece ao meu redor, a música é um ruído ao longe, e as vozes à minha volta falam baixo. A única coisa que me mantém alerta é o tempo entre um golpe e outro e o movimento do ar antes que o couro atinja minha carne. Posso estar inconsciente. Não tenho certeza. Nem tensa estou mais.

Minhas costas são rasgadas mais uma vez, e eu me contorço, arqueio a coluna e deixo a cabeça pender para trás.

– Nããããããão!

O rugido que conheço tão bem me traz de volta ao aqui e agora no momento em que outra chibatada lancinante faz contato com a minha pele.

Tento me encolher, as amarras de metal chacoalham acima da minha cabeça. Não consigo abrir os olhos. Minha cabeça está pesada, meu corpo, sem vida, e meus braços estão dormentes, sem circulação.

– Deus! Ava, não! – Sua voz está alta, porém entrecortada. Meu corpo balança um pouco, e sinto as mãos dele em mim. – John, solte as mãos dela! Meu Deus, não, não, não, não, não!

– Filho de uma puta!

– Porra, John, tire-a daí! Ava? – Sua voz é puro terror. Ele me abraça e me acaricia toda, enquanto sinto mãos grandes e desajeitadas nas minhas. Parece uma eternidade, mas devem ter se passado apenas alguns segundos até meu corpo cair como chumbo. Estou inerte em seus braços. – Ava? Meu Deus, por favor! Ava? – Mal me dou conta de ser carregada.

E então a dor começa.

Oh, meu Deus!

Minha pele está em chamas, a dor emanando de cada terminação nervosa nas minhas costas. Ele me move, e nem sequer tenho forças para pedir que ele pare. Nunca senti uma dor assim.

– Não deixe ele ir a parte alguma! – A voz de Jesse é abafada, mas sei de quem ele está falando. Em meu torpor, percebo que assinei a sentença de morte de Steve.

Preciso impedir isso. Fui eu quem pediu, embora nesse momento eu esteja me perguntando por que fiz isso. Devo ser completamente louca, mas logo me lembro das razões que me levaram a tomar essa atitude. Ele talvez não permita que isso aconteça se tiver que me ver na mesma situação.

Meu lado louco e meu lado são discutem na minha mente, e ouço os passos pesados de Jesse e muitas reações de choque, enquanto ele me carrega pelo Solar.

– Que porra é essa? – A voz atônita de Kate está distante. – Jesse?

Ele não responde. Tudo o que ouço é a voz de John sumindo ao fundo, junto com a comoção que causei. Não me importo. A porta bate e, momentos depois, sinto o sofá sob as coxas dele e estou aninhada em seus braços.

– Menina estúpida! – ele soluça, com a voz alquebrada. Sinto-o enterrar o rosto no meu pescoço, cheirar os meus cabelos e acariciar minha cabeça freneticamente. – Menina louca e estúpida.

Abro os olhos com dificuldade e olho para o peito dele, sem foco. Sinto tanta dor, mas não tenho vontade de me mexer nem verbalizar meu desconforto. Estou entorpecida, como se flutuasse fora de mim, observando a cena de longe. E se minha tentativa de fazer Jesse entender meu ponto de vista falhar? E se ele quiser se punir outra vez? Eu não conseguiria passar por isso de novo, mas não porque esteja em absoluta agonia – eu não suportaria ver Jesse de joelhos, aceitando o flagelo infligido por Sarah, ou por quem quer que fosse. Não que eu jamais vá conseguir apagar aquela imagem da mente. Ela vai ficar gravada para sempre.

Não sei por quanto tempo permanecemos ali, em silêncio, eu olhando para o nada, totalmente alheia às circunstâncias, e Jesse soluçando de tanto chorar nos meus cabelos. Tenho a impressão de que horas se passam, talvez mais. Perdi por completo o senso de tempo e realidade.

Alguém bate à porta.

– O que é? – A voz de Jesse está baixa e falhada, e ele soluça mais algumas vezes.

A porta se abre, mas eu não sei quem é. Meus olhos fitaram o nada por tanto tempo que acho que não saem mais de lá. Ouço movimentos por perto e algo sendo colocado sobre a mesa à nossa frente, mas quem quer que seja não diz nada. A pessoa sai tão silenciosamente quanto entrou, e nem a porta faz barulho.

Jesse se mexe com cuidado embaixo de mim, e eu respiro fundo e rápido, com uma dor aguda. Ele para.

– Oh, meu Deus. – Isso é preocupante. – Ava, preciso mover você. Preciso ver as suas costas.

Balanço a cabeça de leve e pressiono o rosto contra o peito nu dele. Vai doer demais quando ele me mover. Quero adiar isso pelo maior tempo possível. As costas dele também estão um horror, sangrando, e ele está encostado no sofá comigo no colo, fazendo pressão contra ele. Também deve estar agonizando.

Ele suspira e pausa o queixo no topo da minha cabeça.

– Por quê? – ele pergunta, beijando meus cabelos. – Eu não entendo.

Se eu conseguisse falar, devolveria essa para ele.

– Ava, preciso ver suas costas. – Ele faz menção de se mover outra vez, e a dor me atravessa, mas fecho bem os olhos e o deixo me acomodar, até eu estar sentada no colo dele.

A gravidade aperta meu estômago e de repente tenho uma nova onda de ansia, as entranhas convulsionando, o corpo tremendo, o que só serve para aumentar a dor. Eu me dobro sobre o colo dele.

– Oh, Deus, Ava! – Ele põe a mão nas minhas costas, em um movimento instintivo para me confortar. O contato de sua mão quente me joga para a frente com um grito, e meu estômago decide que, sim, ainda há o que pôr para fora. Vomito no chão do escritório.

– Merda! Ava, perdão. Oh, merda! – Ele afasta os cabelos do meu rosto e se mexe devagar para ter uma melhor visão do meu corpo. – Porra! Porra, Ava, o que foi que você fez? – Sua voz traumatizada me diz que minhas costas devem estar tão ruins quanto a dor me faz acreditar. Estou desesperadamente tentando acalmar a ansia de vômito para tentar minimizar a dor. – Vou mudar você de posição agora, está bem? – Ele me pega pelas axilas e levanta. Dou mais um grito. – Não posso levantar você sem tocar sua pele. Ele murmura mais alguns palavões frustrados e tentar me deitar no outro sofá, sem tocar minhas costas.

Minhas pernas ainda estão bambas. Nunca imaginei isso.

– Deite de bruços. – Jesse me coloca no sofá sobre meu estômago, e coloco os braços sob a cabeça, como um travesseiro. – Ava, não acredito que você fez isso. – Ele se ajoelha ao lado do sofá e puxa uma bacia transparente com água e uma

garrafa contendo um líquido roxo. Despeja um pouco do líquido na água e pega um rolo de algodão, arrancando um bom pedaço, que mergulha na bacia e espreme para tirar o excesso. – Isso vai arder, querida. Vou ser cuidadoso, está bem? – Ele coloca o rosto no meu campo de visão, e meus olhos se erguem com um pouco de esforço, encontrando seus olhos verdes repletos de angústia.

Olho para ele sem vê-lo, todos os meus músculos se recusam a trabalhar.

Ele me dá um beijo doce e inocente, e é a primeira vez que não tenho que lutar contra a reação de meu corpo ao seu toque. Ele balança a cabeça, voltando a atenção para as minhas costas, e suspiro aflita quando ele desabotoa meu sutiã com cuidado, deixando as alças caírem para os lados. Em seguida sinto o algodão passar pela minha pele. A sensação é de que alguém esfrega as minhas costas com arame farpado. Choro de soluçar.

– Eu sinto muito – ele diz – Eu sinto muito.

Escondendo o rosto nos braços e apertando os dentes enquanto ele tenta me cobrir com a solução, substituindo o algodão sem parar e embecendo-o na mistura morna toda vez. Ele xinga baixinho a cada vez que me contorço.

Solto a respiração devagar, agradecida, quando ouço o som do recipiente sendo arrastado para longe. Viro o rosto para o lado e vejo que o líquido roxo agora está tingido de vermelho, com bolas e tufo de algodão empilhados lá dentro, absorvendo o restante do preparado. Ele se levanta e se afasta de mim, mas volta logo com uma garrafa d'água, agachando ao meu lado.

– Consegue se sentar?

Faço que sim e começo o doloroso processo de tentar sentar no sofá, enquanto Jesse não sabe o que fazer com as mãos e xinga diante de mim. Meu sutiã cai no colo e mal tento vesti-lo outra vez.

– Deixe. – Ele afasta as minhas mãos e põe a garrafa d'água em uma delas. – Abra a boca. – Obedeço sem pensar, recebendo as duas pílulas que ele coloca na minha boca. – Beba.

A garrafa parece feita de ferro, tal é o peso que sinto ao levá-la aos lábios. Ele deve ter percebido que estou tendo dificuldade, porque coloca dois dedos sob a base para aliviar o fardo. Agradeço aos céus pela água gelada que entra pela minha boca seca. Jesse vai até a mesa, pega as chaves e o telefone, distribuindo-os pelos bolsos, antes de vestir a camiseta e voltar para o meu lado.

Ele pega minhas roupas do encosto do sofá e se agacha diante de mim.

– Vou levar você para casa. – Ele abre o cós do meu jeans aos meus pés e dá uma batidinha nos meus tornozelos, para depois me ajudar a passá-lo pelas minhas pernas.

Ele olha para a camiseta e para os meus seios expostos e depois para o meu rosto, com o cenho franzido. Só de pensar em algo encostando na minha pele, sinto vontade de vomitar outra vez, mas não posso sair daqui ou entrar no Lusso nua da cintura para cima.

– Podemos tentar? – Ele esgarça a gola da camiseta e tira meu sutiã, que está pendurado nos braços, antes de passar a blusa pela minha cabeça.

Começo a levantar os braços para vestir a camiseta que Jesse segura, mas

lágrimas começam a escorrer dos olhos apenas pelo esforço, em pontadas de dor. Balanço a cabeça freneticamente. Dói demais.

– Ava, não sei o que fazer. – Sua voz está carregada de desespero, e ele segura o tecido longe do meu corpo. – Por favor, não chore. – Ele beija a minha testa, e eu continuo chorando. – Ah, dane-se! – Ele tira a camiseta e a joga no sofá. – Venha aqui. – Curvando-se para a frente, ele me segura por baixo do traseiro e me levanta com um braço só. – Coloque as pernas em volta na minha cintura e me abrace pelo pescoço. Tenha cuidado. – Faço o que ele diz devagar e com cuidado. – Você está bem? – ele pergunta.

Faço que sim e depois apoio a cabeça em seu ombro, entrelaçando os tornozelos em sua lombar, sentindo-o afastar meus cabelos do meu ombro e me segurar pela nuca, me mantendo o mais estável possível sem me causar mais dor. Meus seios estão espremidos contra o peito dele, minhas costas, totalmente expostas, mas, sinceramente, estou pouco me importando. Ele sai comigo em direção à porta e solta meu pescoço para conseguir abri-la, voltando à posição assim que consegue.

– Tudo bem, Ava? – ele pergunta, seguindo pelo corredor, indo para o salão de varaneio. Repito o movimento afirmativo, mas não estou nem um pouco bem. Sinto como se tivesse tostado sob o sol forte até perder a pele, expondo a carne viva. – John! – ele grita. Há uma sucessão de ruídos de choque, todos mais impressionados do que quando fui carregada para dentro.

– Como está a garota? – A voz de John está próxima.

– O que parece? Pegue um lençol de algodão na lavanderia.

– Ava? – O tom aflito de Kate invade meus ouvidos. – Oh, meu Deus! O que foi que você fez, sua idiota?

– Vou levá-la para casa. – Jesse não para por nada, nem por causa de Kate. – Ela está bem. Eu ligo para você.

– Jesse, ela está sangrando!

– Eu sei, Kate. Eu sei, porra! – Sinto seu peito se estufar sob o meu. – Eu disse que vou ligar para você. – Não a ouço mais, mas posso ouvir Sam confortando-a, sua habitual voz alegre tomada de preocupação.

Sei que estamos próximos do hall de entrada porque o ar fresco lentamente se espalha pelas minhas costas. É uma sensação bem-vinda.

– Jesse, meu amigo, eu não sabia.

Nós paramos abruptamente, e o silêncio se faz, todas as conversas preocupadas de repente calam, no momento em que a voz de Steve chega aos meus ouvidos. Aperto o corpo de Jesse com a pouca força que tenho, e ele acaricia meu pescoço.

– Steve, é melhor você agradecer a tudo o que há de mais sagrado que eu esteja com a minha garota nos braços, porque, senão, o pessoal da limpeza estaria varrendo seus restos mortais daqui por um ano. – A voz de Jesse é ácida, o coração bate descompassadamente.

– Eu... eu... – Steve gagueja e cospe as palavras com dificuldade. – Eu não sabia.

– Ninguém disse que ela era minha? – Jesse pergunta, claramente chocado.

– Eu... eu imaginei que ... eu...

– Ela é *minha*! – Jesse ruge, me fazendo pular em seus braços. Choramingo com a onda de dor terrível que o movimento brusco causa, e ele fica tenso, enterrando o rosto no meu pescoço. – Desculpe – sussurra. Sinto sua mandíbula apertada. – Você está morto, Steve. – Ele fica imóvel por algum tempo, e sei que está lançando seu olhar homicida para o rapaz. Eu me sinto responsável.

– Jesse? – A voz de John quebra o silêncio. – Está tudo bem. Prioridades, certo?

– Certo. – Jesse volta a andar, e logo a brisa fresca se torna um vento que machuca minhas costas. Ele desce os degraus com cuidado.

– Vou abrir a porta. – Os saltos de Kate batem na escada.

– Está tudo sob controle, Kate.

– Jesse, deixe de ser um imbecil teimoso e aceite a porra da ajuda! Você não é o único que se importa com ela.

Ele me aperta contra o corpo.

– Minhas chaves estão no bolso de trás.

A mão de Kate roça a minha calça enquanto ela tira as chaves de Jesse do bolso dele, e sorrio por dentro por ver que minha amiga esprevidada faz jus à sua reputação. Abro os olhos e me deparo com os dela.

– Oh, Ava. – Ela balança a cabeça e destrava o carro de Jesse.

Jesse se vira para o Solar.

– Todos vocês têm que voltar para dentro. – Ele não quer que ninguém me veja nua. Ouço o triturar de pedregulhos sob as pegadas das pessoas, enquanto Jesse espera comigo ainda nos braços, se certificando de que todos tenham ido embora antes de me soltar um pouco. – Ava, vou colocar você dentro do carro, e você precisa virar de lado e ficar de frente para o banco do motorista. Consegue fazer isso? – ele pede, suave. Eu me solto do pescoço dele para mostrar minha disponibilidade, e ele começa a me colocar no carro. – Não se curve para trás.

Eu me ajeito devagar no couro macio, até que meu ombro esteja em contato com o assento e eu esteja virada para o lado do motorista. Meu Deus, como dói. Em seguida ele me cobre com um lençol leve e fecha a porta sem nem tentar colocar o cinto de segurança em mim. Minha cabeça cai contra o encosto, meus olhos se fecham e, em pouquíssimo tempo, a porta do motorista bate, e o perfume de Jesse invade minhas narinas. Abro os olhos e ajusto minha visão até me deparar com olhos verdes cheios de pena.

Ele estende o braço e enxuga uma lágrima com os dedos.

– Pare – ele ordena, enxugando mais uma lágrima, mas não estou mais chorando de dor. Estou chorando de desespero.

Ele dá a partida e segue devagar pela trilha que leva aos portões, o rugido do motor e suas habilidades insanas ao volante, com as quais já me acostumei, dando lugar a um suave ronronar do DBS. Ele faz curvas com cuidado, acelera e freia gentilmente e olha para mim de tempos em tempos.

Continuo imóvel e olho impassível para o perfil do meu homem perturbado, me perguntando se a partir de agora posso ser classificada como perturbada

também. Minha sanidade é certamente questionável, mas sou sã o bastante para admitir. Eu era uma garota normal, sensata. Definitivamente não me encaixo mais nesse perfil.

O silêncio da viagem para casa é preenchido apenas pelo ronronar do carro e por “Run”, do Snow Patrol, tocando bem ao fundo.



Sei que, se me espreguiçar, vou gritar com toda a força dos meus pulmões. A forte vontade de me alongar está torturando meu instinto natural de me manter parada e abreviar a dor e a ardência. Todos os eventos dos dias anteriores me vêm à mente antes de abrir os olhos – todo o horror, o som de chicotadas, os momentos de dor, a angústia e o tormento. Tudo isso aterra em meu cérebro, que desperta com uma pancada espetacular, seguida de uma reverência. Meus olhos se abrem, e vejo Jesse. Sua mão toca a minha bochecha, o rosto dele bem próximo ao meu, os lábios entreabertos, e a respiração calma e estável me atinge. Parece tão sereno, os longos cílios tocando a pele, os cabelos loiros-acinzentados no seu despenteado habitual. Está com a barba por fazer, e sua expressão pacífica e bonita, tão próxima, me faz sorrir. Por baixo de seus modos complicados e irritantes, está um homem problemático, que bebe, transa desmedidamente e pede para ser açoitado para se punir. E sou fator contribuinte para esse estado patético.

Observo suas pálpebras se movendo e depois se abrindo, piscando algumas vezes antes de se concentrar em mim. Ficamos em silêncio por um momento, mas ele finalmente suspira e se aproxima, até um nariz tocar no outro. Não me sinto próxima o bastante. Tiro meus braços de baixo do travesseiro e me mexo, gemendo um pouco. Sua mão pousa no meu quadril para me manter no lugar, e ele chega mais perto até estarmos nos tocando com o corpo todo.

– É possível – sussurro em meio à incrível secura em minha garganta. – Entender o que você sente por mim. É possível.

– Você fez isso a si mesma para provar que me ama?

– Não, você sabe que eu amo você. Fiz isso para mostrar qual é a sensação. Seu rosto se fecha.

– Eu não entendo. Eu sei como é a sensação de ser chicoteado.

– Não é isso que quero dizer. Quero dizer a dor de ver o homem que eu amo se ferindo. – Acaricio seu rosto barbado e o vejo começar a compreender meu ponto de vista. – Nada nunca vai me machucar mais do que ver você fazer isso. Isso vai me matar, mais nada. Se você se punir outra vez, vou fazer o mesmo. – Minha voz treme um pouco, só de pensar em ter que encarar outro dia como o de ontem. Mas se ele me ama como diz amar, então meu pedido deveria ser fácil de atender.

Os olhos dele se perdem por alguns segundos, ele morde o lábio e começa a balançar a cabeça quase imperceptivelmente. Seus olhos voltam para os meus.

– Você me ama.

– Eu amo você. E preciso de você. Preciso de você forte e saudável. Preciso que compreenda o quanto amo você. Preciso que saiba que também não consigo viver sem você. Eu morreria antes de perder você.

– Eu não mereço você, Ava. Não depois da vida que tive. Nunca tive algo que valorizei ou quis proteger. Agora que tenho, tudo parece uma mistura de felicidade plena e medo extremo. – Seus olhos percorrem todo o meu rosto. – Tenho necessidade de controle com você, Ava. Não consigo evitar. Não mesmo.

– Eu sei – suspiro. – Sei que não consigo. – Chego mais perto de seu peito e absorvo o seu calor. Uma vez na vida, sinto que o entendo completamente. Ele teve uma vida sem amor, sem sentimentos, em completa desordem. Não sabe o que fazer com toda essa emoção recém-descoberta.

– Você está ferida por minha causa – ele diz, com os lábios nos meus cabelos.

– E você, por minha causa. Vamos ter que lidar com o passado. Enquanto eu tiver você, enquanto o tiver forte, nós podemos lidar com isso. Não é o seu passado que me magoa. É você. São as coisas que você faz agora. – Ele me afasta do peito.

– Você é completamente louca – ele diz com carinho e me beija. – Maluca.

Aceito seus lábios nos meus. É a única parte de mim que posso mover sem sentir uma dor lancinante.

– Sou completamente louca por você. Por favor, não faça isso consigo de novo. Mesmo. Minhas costas estão doendo.

Ele me olha feio.

– Ainda estou furioso com você.

– Eu também não estou muito feliz com você.

– Não posso tocar você – ele murmura, me beijando outra vez, distribuindo beijos pelo meu rosto.

– Eu sei. Como estão as suas costas?

Ele faz um ruído de desprezo e continua cobrindo meu rosto de beijos.

– Estou bem. Apenas zangado com você. Precisamos fazer você se mexer ou os cortes podem deixar marcas.

– Fico feliz se deixarem marcas – argumento. Estou contente em ficar aqui deitada e deixá-lo me beijar dos pés à cabeça.

– Nem pensar, moça. Você precisa de um banho de lavanda e uma pomada para esses ferimentos. Não acredito que, de todos os nossos membros, você pegou o mais insano.

– Peguei, é? – Eu não tinha como saber. Só entreguei o chicote para o primeiro homem que o aceitou.

– Sim, pegou. – Ele para de me beijar e estreita os olhos contrariados para mim. – John e eu íamos fazer uma reunião hoje mesmo para revogar a inscrição dele. Nós o temos monitorado faz algum tempo. Seu comportamento tem piorado nos últimos tempos e, ainda que algumas mulheres gostem do lado durão de suas façanhas sexuais, outras nem tanto. Ele deixa algumas mulheres incomodadas, e isso é um problema. – Um olhar de arrependimento passa por seu rosto, e sei que está pensando que deveria ter expulsado Steve há mais tempo. – Steve não tinha

feito nada que justificasse a sua expulsão até ontem à noite.

– Eu pedi. – Tento apaziguar a culpa de Jesse. Não quero um repeteco disso tudo.

– Existem regras, Ava. – Ele me beija, mordendo meu lábio inferior de leve. – Vocês discutiram limites?

– Não. – Percebo agora como fui idiota.

– Ele quebrou várias regras. Ele precisa ser expulso.

– Não me lembro dele. Não estava na festa de aniversário. – Eu me lembraria daquele rosto convencido.

– Não, ele estava de plantão.

– Plantão?

Jesse sorri. É uma visão bem-vinda.

– Ele é da polícia.

Eu tusso e depois solto um gemido de dor.

– O quê?

– Ele é um policial.

– Você ameaçou um policial de morte?

– Eu estava louco de raiva. – Ele afasta o cabelo do meu rosto e me olha com atenção. – Estive pensando.

Não estou gostando. Pelo jeito, ele também não.

– Sobre o quê?

– Bem, sobre várias coisas. Mas a primeira delas é que preciso conversar com Patrick sobre Van Der Haus.

Eu sabia que não ia gostar do que estava por vir, mas não tinha como fugir dessa. Mikael pode significar a aposentadoria de Patrick, e sei que ele vai desmaiar quando eu disser que não posso mais trabalhar com ele. Meu Deus!

– Já é segunda-feira! – disparo, tentando levantar da cama.

Suas mãos seguram meus ombros, me fazendo deitar de novo.

– Você acha mesmo que vou deixar você ir a algum lugar? – Ele balança a cabeça. – Ouça, não é a única coisa em que tenho pensado. – Jesse começa a morder o lábio.

Oh, não.

– O quê?

Ele se aproxima de mim.

– Não consigo ficar sem você.

– Eu sei disso.

– Mas não é porque estou preocupado em voltar a viver como antes. Eu te amo porque você me dá um propósito. Você preencheu um vazio imenso com seu rosto bonito e seu espírito e, embora eu torne a sua vida um pouquinho mais complicada com o meu jeito temperamental... – ele levanta uma sobrancelha, sarcástico –, quero fazer o mesmo por você.

Eu gargalho e gemo logo em seguida, mas Jesse não acompanha a minha histeria. Ele aperta os lábios e segura meu quadril com mais firmeza.

– Eu não sou temperamental, Jesse Ward. – Suas sobrancelhas sobem mais ainda. Ele obviamente discorda, mas ponho a mão na boca dele para impedir o contra-ataque. – Você disse que preenchi um vazio imenso com meu espírito...

– E seu rosto bonito. – Ele murmura contra a minha mão.

Reviro os olhos.

– Parte do meu espírito é minha incessante necessidade de desafiar o seu jeito temperamental. Você jamais vai se livrar dessa pequena parte de mim que se rebela contra você, e não quer que isso aconteça. É isso que me torna diferente de todas as mulheres no Solar, que lamberam suas botas por muito tempo. – Sou eu quem levanta a sobrancelha com sarcasmo dessa vez, e ele estreita os olhos em resposta. – Eu me entreguei a você completamente. Cada parte de mim é sua. Ninguém nunca vai me tirar de você. Jamais. E sei que parte do seu estresse é querer me manter o mais longe possível do que essas outras mulheres da sua vida representam.

– Não tive outra mulher na minha vida! – ele rebate contra a minha mão.

Aperto a mão sobre a boca dele.

– Mas eu preciso saber de uma coisa.

Suas sobrancelhas sobem de novo. Ele não consegue responder, porque minha mão está apertando seus lábios.

– Você quer me manter o mais longe possível das mulheres do Solar, mas e quanto ao sexo? – eu pergunto, sentindo-o sorrir sob a palma da minha mão. Eu afasto a minha mão da boca dele. Sim, é aquele sorriso atrevido. É uma visão linda, ainda que eu não esteja feliz com o fato de que está se divertindo com a minha pergunta. Jesse faz o impossível para me vestir como acha apropriado, de acordo com sua opinião, me faz usar renda (essa exigência de repente fica bastante óbvia) e não quer que eu beba.

Meu Deus!

A razão por trás desse pedido entra como uma pancada no meu cérebro.

– Você não quer que eu beba porque acha que vou fazer o que você fazia quando estava bêbado. Você acha que vou querer transar com tudo e com todos! – Praticamente berro as palavras para ele, e seu sorriso desaparece na mesma hora. Não dei a ele a chance de responder à pergunta anterior e já ataco com mais uma. Bem, nem é bem uma pergunta, é mais uma conclusão.

– Dá para deixar de falar desse jeito? – Ele rola para o lado e fica deitado de costas, sem um gemer nem sibilar de dor.

Ah, não. Eu me levanto como posso, ignorando a minha própria dor e sento sobre ele.

– É isso, não é? É esse o motivo.

Observo enquanto ele absorve as minhas palavras. Ele não pode argumentar, sei que o encurralei. Ele respira fundo e abre a boca, mas nada sai. Ele respira de novo, faz os mesmos gestos, mas nada sai. Repete a sequência toda três vezes, antes de finalmente falar.

– Não é só isso, Ava. Você fica vulnerável quando bebe.

– Mas isso é parte da razão, não é? – Sei que a outra é porque os homens

assumem que podem fazer o que quiserem.

– Sim, acho que sim – ele admite.

– Está bem, mas e quanto ao sexo? – Realmente preciso saber. Ele quer me tornar o oposto de tudo o que lembra o Solar, mas, mesmo assim, me come o tempo todo e de todas as maneiras.

O sorrisinho está de volta.

– Eu já falei. Nunca acho que estou perto o bastante de você.

– Sexo preguiçoso resolve isso.

– Sim, resolve, mas temos uma química incrível. Nunca senti isso.

Meu coração pula no peito e, pela primeira vez em um dia inteiro, é de felicidade. Ele nunca sentiu isso. Mas já dormiu com dúzias de mulheres. Ou teriam sido centenas? Meu sorriso se apaga.

– Que tipo de sentimentos?

Suas mãos descansam nas minhas coxas.

– Êxtase puro, Ava. Satisfação total. Um amor absoluto, completo, de fazer a terra tremer, e o universo vibrar.

Meu sorriso retorna.

– É?

– Sim. O Paraíso inteiro.

Eu caio para a frente, sobre o peito dele.

– Ai!

– Cuidado. – Ele me põe sentada outra vez – Dói muito? – Um lampejo de raiva passa por seus olhos à espera de minha resposta, e rezo para John ter dito para Steve sumir, antes que Jesse coloque as mãos nele.

– Está tudo bem. – Eu me ajeito. – O que é que vou fazer sobre o meu trabalho? – Onde é que foi parar o fim de semana? Dou risada por dentro. O fim de semana passou em uma luxuosa ida às compras, comida de luxo, joias de luxo, renda de luxo, uma festa luxuosa, um pedido de casamento peculiar, muito sexo incrível, fui drogada, chicoteada...

Solto um gemido alto. Foi um fim de semana cheio.

– Relaxe. Já falei com Patrick – Jesse se senta e nos carrega para a beira da cama.

– Há alguém na minha vida que você não tenha atropelado? – pergunto, seca. Ele levanta e me põe de pé, sua nudez maravilhosa bem diante de mim.

– Não seja espertinha – ele me adverte, muito sério. – Você não tem marcas de chicote no traseiro, moça. Por que parece que nossa casa foi invadida por ladrões?

Oh, eu me esqueci disso.

– Eu estava procurando uma coisa.

Ele faz uma expressão confusa.

– O quê? – ele pergunta, mas detecto uma ponta de cautela.

Eu o estudo, lendo sua expressão e linguagem corporal. Não consigo concluir coisa alguma.

– Nada.

Ele me faz dar um giro de cento e oitenta graus e me encaminha para o banheiro, com uma mão no meu cotovelo e a outra fechada em uma de minhas nádegas. A falta de curiosidade dele quanto ao que eu estava procurando só aumenta minhas suspeitas. Em geral Jesse não aceitaria uma resposta tão vaga para uma pergunta.

– O que você disse a Patrick? – pergunto, enquanto ele me coloca sentada sobre o gabinete do banheiro.

– Eu disse que você desmaiou no sábado e deu um mau jeito nas costas. Bem pensado. – Ele não achou estranho que você tenha ligado para ele?

– Não sei e não me importo. – Ele começa a preparar um banho e volta para mim. – Veja o que você fez com seu belo corpo – ele diz baixinho, olhando sobre meu ombro, para as minhas costas nuas no reflexo no espelho. – Não vamos poder fazer sexo com você deitada de costas por um bom tempo.

Uma onda de decepção me assola quando olho por sobre o ombro.

– É só isso? – digo, incrédula. Sinto como se tivesse sido esfolada viva, mas tudo o que tenho para mostrar de minha tortura são uns poucos vergões longos e vermelhos. Um deles com uma linha fina de sangue seco.

– O que quer dizer com “é só isso”?

Tiro os olhos das minhas marcas patéticas com uma careta e olho para Jesse, que tem uma expressão parecida com a minha, mas mais feroz. Eu o agarro pelo quadril.

– Vire-se – ordeno e giro o corpo dele, mesmo com a sua relutância. Suas costas ficam de frente para mim, e eu perco a respiração. Ele tem o dobro das marcas de chicotadas, mais sangue e, no geral, muito mais o que mostrar pelo dia fatídico que tivemos ontem. – Viu só? As suas são maiores que as minhas.

Ele vira no ato e me fulmina com o olhar, me agarrando pelos antebraços e me sacudindo de leve.

– Cale a boca, Ava!

– Desculpe! – Por que estou dizendo tanta besteira? – É que dói tanto! Pensei que a aparência ia ser muito pior.

– Já está ruim o bastante! – Ele me deixa e volta a preparar o banho, derramando óleo de lavanda e mexendo na água com a mão.

Viro a cabeça de lado para admirar sua nudez extraordinária enquanto balanço as pernas e giro os ombros, na intenção de devolver um pouco de flexibilidade ao meu corpo. Preciso relaxar. Posso sentir os músculos dos ombros tensos. Fico pacientemente sentada no gabinete enquanto Jesse pega toalhas e recolhe a bagunça que fiz. Ele faz tudo em total silêncio, sem olhar para mim nenhuma vez. Ele sabe o que andei procurando.

– Desça. – Ele me oferece a mão e uma expressão de expectativa, mas eu a recuso e desço do gabinete com cuidado, antes de tirar a calcinha e entrar na banheira. Em seguida afundo na água, que faz arder meus ferimentos.

Jesse entra e senta atrás de mim sem um pio de desconforto quando a água cobre suas costas. Ele leva as mãos aos meus ombros e me puxa gentilmente

para trás, me deitando sobre ele.

– Não adianta lutar contra mim. – Ele morde minha orelha, e eu me contorço. Ele dobra as pernas e me abraça pelo pescoço. Estou completamente envolvida por ele.

Pronto. Vamos começar uma conversa de banheira.

Descanso a cabeça em seu ombro e me delicio com sua barba por fazer roçando meu rosto.

– E então? Steve foi expulso?

– Foi.

– Sem mais perguntas?

– Só uma, se ele gostaria de ser enterrado ou cremado.

A resposta, embora brutal e exagerada, é exatamente o que eu estava esperando.

– Estou machucando você?

– Não, eu estou bem – eu o tranquilizo. – Então o mesmo se aplica a Sarah?

BUM!

Ele para de me acariciar, e continuo desenhando círculos suaves com os dedos nas coxas dele, como se não tivesse acabado de perguntar o que sei ser uma pergunta espinhosa. Steve não tinha interesse sexual em mim, não para algo sério, mas Sarah certamente tem e, mesmo que meu cabeça-dura pareça estar alheio às investidas dela, cabe a mim incentivar um controle de danos.

– O que Sarah tem a ver com isso?

– Ela machucou você.

– Eu pedi a ela.

– Eu também pedi a Steve – devolvo, tranquila.

– Sim, mas Steve sabia que você estava fora do jogo, que você é minha. Ele cruzou um limite que eu impus, não só porque ele fez a merda, mas pela maneira como ele conduziu tudo. Embora o primeiro motivo seja o real determinante. – Ele morde o lóbulo da minha orelha para deixar claro que é de mim que está falando. De quem mais seria? – Ele aceitou um chicote de alguém que não conhecia e não determinou limites. Você poderia ser uma pessoa instável, e ele não saberia.

– Eu provavelmente estava naquele momento em particular – murmuro. – E de qualquer forma, você é meu. Você também está fora do jogo, sabia?

– Sabia – ele diz, suave. – Eu sei, querida. Nunca mais, mas acho que você resolveu muito bem o seu problema com Sarah – ele acrescenta, sarcástico.

Abro um sorriso vitorioso. Sim, esclareci, mas ainda a quero fora de lá.

– Você não vai mandá-la embora?

– Ela é uma funcionária e amiga leal. Eu não posso mandá-la embora porque fez algo que eu pedi, Ava.

Solto um suspiro profundo e descarado, para deixá-lo ciente de que não estou feliz com isso. Amiga? Amiga leal?

– Ela planejou tudo, Jesse.

– O que quer dizer com planejou?

– A mensagem que recebi de John.

– Que mensagem?

– A que ela mandou pelo celular de John, pedindo para que eu fosse até o Solar.

– Você acha que Sarah pegou o telefone do John e mandou uma mensagem?

– Sim!

– Não seja ridícula!

– Não estou sendo ridícula! – berro. – Ainda está no meu celular. Vou mostrar.

– Ava, Sarah não faria isso.

Oh, por favor! Ela devia ser amiga dele, mas Jesse obviamente não a conhece bem. Eu tive o prazer de sua companhia por alguns segundos e já entendi qual era a dela.

– Acha que estou inventando?

– Não, acho que você foi dopada no sábado à noite e talvez tenha cometido um erro.

– Eu vou mostrar. – Pareço uma adolescente birrenta. – Ela quer você.

– Bem, ela sabe que não pode ter nada comigo. Eu pertenço a você. – Ele beija meu rosto.

– Você pertence, mesmo. – Empurro o rosto contra os lábios dele, pensando no quanto isso é difícil.

Jesse tem razão: não pode despedi-la por fazer algo que ele pediu para fazer, o que é uma droga, porque não consigo pensar em Jesse tomando a mesma atitude se a situação fosse o contrário. Meu único alento é saber que ele não tem o menor interesse nela. E disso tenho certeza absoluta.

– Incline-se para a frente para eu poder lavar as suas costas. – Ele me encoraja a me sentar com as costas eretas. – Vou ser gentil.

– Gosto quando você não é – sussurro, com malícia.

– Ava, não fale esse tipo de coisa quando não tenho condições de me aproveitar de você.

Dou um sorriso, e ele me banha sem pressa, passando a esponja com cuidado em minhas costas, beijando os pontos que quer, no momento que quer. Ele lava meus cabelos, me embrulha em uma toalha e me carrega para o quarto, onde me deita gentilmente na cama.

– Vai ser um pouquinho gelado. – Ele se senta no meu traseiro e aplica um pouco de pomada nas minhas costas. Minhas omoplatas se contraem e apontam para cima. – Shhhhh... – ele me acalma. – Você não vai mais fazer isso, não é?

– Vou fazer se você fizer – resmungo, enterrando o rosto no travesseiro, rezando aos céus para que ele não o faça.

Ele começa com gestos pequenos e gentis nas minhas costas, para me acostumar com a fricção, antes de começar a massagear os ferimentos, quando eu relaxo. O deslizar morno de suas mãos grandes pelas minhas costas logo se torna hipnótico, e noto algo rijo e úmido na minha lombar. Dou um sorriso. Ele não vai conseguir manter as mãos longe de mim por muito tempo, e espero que

não consiga mesmo. Mas vai usar uma camisinha. Sou massageada até que toda a tensão tenha se dissipado, e minhas costas estejam um pouco mais próximas do normal.

– Olá?

Nós dois levantamos a cabeça ao som da voz de Cathy entrando no quarto.

– Merda! – Jesse xinga, pulando da cama. – Esqueci de ligar para Cathy. Ele desaparece dentro do closet e volta usando jeans e uma camiseta azul clara. – Levante. – Ele me pega pela cintura e me tira da cama. – Preciso alimentar você.

– Não estou com fome.

– Você vai comer. – Lá vem aquele tom. – Seu estômago deve estar nas costas depois que você terminou de esvaziá-lo no chão do meu escritório.

Eu me encolho.

– Desculpe.

– Não precisa pedir desculpas. Vista-se. Nos vemos na cozinha. – Ele me dá um beijo casto e me deixa sozinha para me vestir.

– Bom dia, Ava. – Cathy me oferece um sorriso gentil, assim que termina de encher a máquina de lavar louças.

Usando meu jeans velhos, macios e rasgados e uma camiseta branca grande demais para mim, para não encostar demais nas costas, sento no banco ao lado de Jesse, e ele se inclina para sentir o perfume dos meus cabelos molhados.

– Oi, Cathy, como vai? – afasto Jesse, que rosna para mim, antes de passar o dedo sujo de manteiga de amendoim no meu lábio inferior. Minha língua automaticamente se projeta para limpar. – Ai, Deus! – faço uma careta de desagrado, e ele ri. Em seguida me puxa para mais perto e lambe todos os vestígios.

– Hummm... – ele sorri e planta um beijo molhado de manteiga de amendoim nos meus lábios. Limpo a boca e volto minha atenção para Cathy, vendo que ela assiste à nossa brincadeira com um sorriso terno. Fico muito vermelha.

– Estou muito bem, Ava. Quer algo para comer? Salmão?

– Ah, sim, por favor – respondo, e ela assente, enxuga as mãos no avental branquíssimo e vai até a geladeira. Olho em volta e vejo que a bagunça que fiz na cozinha já não existe mais.

– Temos novidades, Cathy – Jesse avisa, animado.

Temos?

Olho confusa para ele, que me ignora.

– Ava em breve será a sra. Ward.

Meu queixo cai, mas ele ainda me ignora. Eu tinha me esquecido disso, com tudo o que tivemos nos últimos dias. Como pude?

– Oh, que maravilha! – Cathy coloca os ovos e o salmão sobre a ilha da cozinha, vem até mim e me abraça forte.

– Oh, estou tão feliz! – ela canta ao meu ouvido. Aperto os dentes enquanto ela esfrega as mãos nas minhas costas com vontade, sem me dar tempo de levantar do banco. Depois segura o meu rosto com as duas mãos. – Não posso dizer o quanto isso me faz feliz. Ele é um bom menino. – Ela me dá um beijo molhado na bochecha e me solta. – Venha aqui, você! – Ela puxa Jesse para um abraço igualmente entusiasmado, que ele aceita de bom grado, sem se encolher nem gemer de dor, enquanto me observa sobre o ombro de Cathy, de boca aberta para ele.

Depois dos eventos de ontem à noite, achei – ao que parece, para o meu engano – que esse assunto ia ser revisto. Meu anel desapareceu do meu dedo e, quando Jesse me perguntou se eu ainda ia me casar com ele, eu disse que não podia. Não seria melhor resolver o balde de merda que se desenvolveu durante o fim de semana? Nossas inseguranças, Sarah, Coral, Mikael...

Ele me desconsiderou completamente. Ainda nem falei com os meus pais. Se vou mesmo me casar com esse babaca temperamental, eles deviam saber antes.

– Meu menino finalmente está criando juízo. – Cathy aperta as bochechas dele e lhe dá um beijo parecido com o que deu em mim. Ela está se comportando como uma mãe orgulhosa. Isso me faz pensar em qual seria a natureza do relacionamento de Cathy e Jesse. Parecem mais do que funcionária e patrão. Ela liberta Jesse de suas mãos um tanto enrugadas e puxa seu avental para enxugar as lágrimas, soluçando.

– Cathy, pare com isso! – Jesse a adverte.

– Desculpe. – Ela se recompõe e volta a preparar nosso café com um sorriso largo nos olhos. – Então... Quando e onde?

Eu me preparo para a resposta e estico o braço para pegar o bule de café. Os fogos de artifício vão começar a voar.

– No mês que vem, no Solar – Jesse a informa, confidente.

Bato o bule na minha xícara de café e olho para Jesse.

– É mesmo?

– Mesmo – ele responde, calmo. Não demorou muito para o babaca controlador que me enlouquece voltar.

– Que ideia adorável – Cathy festeja.

Meus olhos vão de Jesse para ela. Será que ela sabe o que se passa no Solar?

– Sim, vai ser adorável. – Jesse tampa o pote de manteiga de amendoim e começa a arrancar o rótulo, ignorando minha expressão atônita, que está fixa no seu rosto. Vejo quando ele me olha de canto de olho e começa a morder o lábio inferior enquanto enrola um pedaço do rótulo entre os dedos e o atira para longe.

Eu solto o ar devagar, tentando acalmar minha frágil paciência e pego o pedacinho de lixo que foi parar no balcão de mármore. O que aconteceu com discutir nosso casamento juntos?

Levantando do banco, eu vou até o lixo só para ter outra coisa para fazer, além de chutá-lo nas canelas. paro atrás dele e sussurro em seu ouvido:

– Com quem você vai se casar? – E sigo em direção à lata de lixo.

Ele rosna.

– Eu vou passar por cima de tudo, Ava.

– Perdão? – Cathy se vira do cooktop.

– Nada – dizemos em uníssono, antes de lançarmos olhares fulminantes um para o outro. A hostilidade que emana de seu corpo é palpável. O fim de semana provou que precisamos nos concentrar em questões mais importantes, como dar um ao outro a segurança de que ambos obviamente necessitamos.

Piso no pedal da lata e jogo o minúsculo rótulo lá dentro, mas algo brilha no fundo do recipiente escuro, chamando a minha atenção. Enfio a mão ali e tiro metade de um cartão prata e branco. É um convite de casamento. Viro o pedaço de papel e inclino a cabeça, antes de procurar a outra metade na lata. Eu a encontro e junto as duas partes.

Sr. e sra. Henry Ward têm o prazer de solicitar a sua presença na cerimônia de casamento de sua filha, miss Amalie Ward, com o dr. David Garcia.

Oh, Deus!

O convite é arrancado da minha mão e jogado no lixo, antes de eu ser praticamente arrastada pela cozinha até voltar ao meu lugar à mesa, atordoada.

– Sente – ele ordena naquele tom, aquele que sei que não devo ignorar. Jesse me senta no banco com cuidado, olho para cima e encontro músculos tensos e veias saltando no pescoço.

– Sua irmã – pergunto, em voz baixa.

– Esqueça – ele adverte, sem olhar para mim.

Minha cabeça entra em ação. Nunca conversamos muito sobre a família dele, mas sei que ele não a vê há um bom tempo. Por escolha deles ou de Jesse? Se estão enviando um convite para o casamento da irmã, então suponho que a decisão deva ter partido de Jesse. Eu o observo com atenção, mas não ousa dizer nada.

– Aqui está. – Cathy serve nosso café da manhã e, em seguida, enfia um espanador no bolso do avental. – Vou deixá-los comer em paz.

– Obrigado, Cathy – Jesse diz, mas não soa nem um pouco agradecido.

Não consigo falar. Começo a cutucar as bordas de meu bagel com salmão em um silêncio constrangedor e, depois de uma eternidade de quietude, finalmente me rendo e desço do banco.

– Aonde é que você vai? – ele pergunta, seco.

– Lá para cima. – Saio da cozinha, deixando meu café da manhã intocado. Jesse e seus desafios constantes não estão fazendo bem para o meu apetite.

– Ava, não se afaste de mim – ele ameaça. Eu o ignoro. – Ava!

Eu me viro.

– Você está mais do que louco de raiva se acha que vou me casar com você, Jesse – digo com calma e deixo um rosto magoado na cozinha. Eu já estava contando que seria derrubada no chão, mas, para minha total surpresa, e preocupação, sou autorizada a deixar a cozinha, indo para a suíte máster sem contagem regressiva nem transa de lembrete. Estou em estado delicado no

momento, então ele não pode fazer o que bem entender comigo.

Encontro Cathy no meu quarto de hóspedes favorito, espanando os móveis e cantando “Valerie”. Ela me faz sorrir. Fechando a porta do quarto, vou para o banheiro escovar os dentes. Sigo para o trabalho. Não ficarei aqui na torre o dia todo como uma inútil, e minhas costas já estão bem melhores, é só não fazer movimentos bruscos. Prefiro enfrentar meu chefe e seu interrogatório sobre a natureza de meu relacionamento com Jesse.

Procuro entre as araras e mais araras de vestidos e acabo optando por um dos meus antigos. Eu me troco e calço os sapatos, para depois me olhar no espelho e aplicar a maquiagem. A porta do quarto se abre.

– Aonde é que você vai? – ele pergunta, com uma ponta de apreensão na voz.

– Vou trabalhar.

– Não vai, não.

– Vou, sim. – Continuo a tarefa de me maquiar, ignorando sua presença imponente atrás de mim. Não poder me tocar vai matá-lo, especialmente agora, quando ele gostaria de me prender.

– Como estão suas costas?

Olho para ele.

– Sensíveis – respondo, carregando a voz de advertência. Volto a atenção para o espelho e choro por dentro pelo homem atrás de mim, que realmente não sabe o que fazer consigo mesmo. Sua maneira de lidar com minha rebeldia está fora de questão. Ele está perplexo. Termino minha maquiagem e começo a arrumar minha bolsa. – Onde está meu telefone? – pergunto, já que ele está atrás de mim, imóvel.

– Está carregando no meu escritório.

Fico surpresa que ele tenha me dado essa informação.

– Obrigada.

Pego minha bolsa e vou para a porta, mas dou um pulo quando Jesse se coloca na minha frente, bloqueando a minha passagem.

– Vamos conversar – ele dispara as palavras, como se fossem lixo na boca dele. – Por favor, não vá. Quero conversar com você.

– Você quer conversar?

Ele encolhe os ombros, acanhado.

– Bem, se não posso colocar bom senso nessa sua cabeça com sexo, acho que vamos ter que conversar até você criar um pouco dele.

– Esse é o modo convencional de fazer as coisas, Jesse.

– Sim, mas o meu jeito é muito mais divertido. – Ele me dá aquele sorriso atrevido, e tenho que me esforçar para não sorrir junto. Preciso manter essa conversa séria. Ele pega a minha mão e se aproxima de mim.

– Nunca tive que explicar a minha vida para ninguém, Ava. Não é algo de que eu goste de falar.

– Não vou me casar com alguém que se recusa a se abrir. Você continua me negando informações, e aí acabamos em uma confusão enorme.

– Eu sei – ele suspira. – Ava, você sabe mais sobre mim do que qualquer outra

alma viva. Nunca fui tão próximo de alguém, não como acontece com você. Você não precisa se abrir muito ou contar histórias da sua vida quando está só transando com alguém.

Tenho uma reação de aversão ao ser lembrada de seus dias de aventura, que acabaram não faz muito tempo.

– Não diga essas coisas.

Ele me leva para a cama.

– Sente – ele dá a ordem, me empurrando de leve. E respira fundo.

– Da última vez que vi meus pais, as coisas não foram nada bem. Minha irmã armou tudo para nos encontrarmos. Meu pai soltou os cachorros, minha mãe ficou triste, e eu fiquei muito bêbado, então acho que você imagina como a coisa terminou.

– Sua irmã obviamente quer consertar as coisas. – Minha voz é baixa, mas esperançosa.

– Amalie é um pouco teimosa – Jesse suspira, e dou gargalhadas por dentro. Então os dois têm algo em comum! – Ela não aceita que muita coisa já aconteceu, muitas palavras duras foram ditas ao longo dos anos. – Ele olha para mim, e vejo angústia em seus olhos. – Não dá para consertar, Ava.

– Mas eles são seus pais. – Não consigo imaginar minha vida sem meu pai e minha mãe. – Você é filho deles.

Ele me oferece um meio sorriso, que sugere que não estou entendendo nada, o que é bom, porque não estou mesmo.

Mais um suspiro.

– Esse convite só chegou porque minha irmã o enviou escondido dos meus pais. Eles não me querem lá. O endereço deles foi apagado e substituído pelo de Amalie.

– Mas Amalie obviamente quer a sua presença. Você não quer vê-la se casar?

– Eu adoraria ver minha irmã caçula se casar, mas também não quero ver o dia do seu casamento arruinado. Se eu for, só tem um jeito de a festa terminar. Acredite.

– O que aconteceu para as coisas chegarem a esse ponto?

Seus ombros desabam, e ele começa a acariciar minhas mãos com os polegares. Posso ver que dói muito, o que só torna tudo mais frustrante para mim, porque mostra que ele ainda se importa.

– Você já sabe que meu tio Carmichael me deixou o Solar quando morreu. As coisas já estavam estranhas depois que meus pais se mudaram para a Espanha, e decidi ficar com Carmichael. Eu tinha dezoito anos e morava no Solar. Entendo que esse seria o pior pesadelo de qualquer pai – ele ri. – Eu embarquei em uma vida de playboy e só afundei mais depois que Carmichael morreu. Se não fosse por John, talvez o Solar não existisse mais. Ele praticamente cuidou de tudo sozinho enquanto eu me entregava às bebidas e às mulheres. – Eu me acalmei, mas meus pais me deram um ultimato. O Solar ou eles. Escolhi o Solar. Carmichael era meu herói, eu não podia vender o negócio. – Jesse termina o discurso com um ponto-final definitivo.

– Seus pais sabiam que você continuava... – começo a tossir para limpar minha garganta seca. – Bem, o que você vinha fazendo? – Não consigo dizer todas as palavras. Vou passar mal.

– Sim, e eles previram isso tudo, então, veja, eles estavam certos e nunca mais me deixariam esquecer isso. Tive uma vida sórdida, admito. Carmichael era a ovelha negra da família. Ninguém conversava com ele, e a família o deserdou. Tinham vergonha dele, e então, quando ele morreu, assumi seu lugar. Meus pais têm vergonha de mim. É isso.

Não gosto nada da última parte.

– Eles não deviam ter vergonha de você.

– É assim que as coisas são.

– Você conhece John há muito tempo, então? – Se ele ajudou a tocar o Solar nos primeiros dias, estamos falando de uns dezesseis anos.

– Sim, faz tempo. – Ele sorri com carinho. – John era um grande amigo de Carmichael.

– Quantos anos ele tem?

Ele me olha e fecha o rosto.

– Acho que uns cinquenta.

– Bem, quantos anos tinha Carmichael?

– Quando morreu? Trinta e um.

– Tão novo? – digo, sem pensar. Eu o imaginava como um tipo falastrão, bronzado, de cabelos grisalhos compridos.

Ele ri de minha expressão impressionada.

– Carmichael e meu pai tinham dez anos de diferença. Ele foi um temporão.

– Oh. – Faço um cálculo rápido. – Então também só havia dez anos de diferença entre Carmichael e você.

– Era mais como um irmão.

– Como ele morreu? – Estou abusando da sorte agora, mas estou intrigada. Estou começando a criar uma imagem para a história de Jesse e, nesse momento, me sinto como um cão com um osso.

O rosto de Jesse é tomado pela tristeza.

– Em um acidente de carro.

Tenho um sobressalto, mas logo me dou conta de uma coisa, e meus olhos pairam sobre o estômago dele, sobre a área onde sei que fica a cicatriz. Jesse estava no carro com Carmichael. Todas as vezes que eu o pressionei e especulei sobre isso, ele disse que era muito doloroso falar sobre o assunto. E realmente é.

– Não vá trabalhar. – Ele me coloca no colo com cuidado e roça o nariz no meu. – Fique em casa e me deixe amar você. Quero levar você para jantar hoje à noite. Estou devendo um momento especial.

Eu me derreto no colo dele. Os fatos recém-descobertos, aliados à sua gentileza, me impedem de dizer não.

– Volto ao trabalho amanhã – digo, taxativa. Preciso resolver umas questões profissionais, também conhecidas como Mikael.

– Tudo bem. – Ele revira os olhos. – Está certo. Vou correr para aliviar um pouco da pressão que minha sedutora temperamental me faz sofrer, e então vamos passar a tarde toda na cama e saímos para jantar à noite. Que tal?

– Ótimo. Mas eu corrijo o meio dessa sentença e troco por “deus iludido”. Ele abre o sorriso reservado apenas para mim e cai de costas na cama, com cuidado.

– Me beije. Agora – ele ordena, e mergulho de cabeça em um beijo agradecido. Ele se abriu, e eu me sinto bem melhor. Estou de novo tomando sol no Sétimo Céu de Jesse.



– Bom dia, meu amor.

Arregalo os olhos, alarmada. Manhã?

– Não é de manhã, é?

– Não, são cinco da tarde. Você dormiu a tarde toda. Como estão as suas costas? – Ele rasteja pela cama, totalmente nu, até ficar grudado em mim, e me delicio com as gotas que brilham em seus ombros e seu peito. Ele se barbeou e cheira divinamente.

Eu me mexo um pouco.

– Está tudo bem. – Viro para o seu peito a fim de me embriagar naquele perfume delicioso.

– Pense nisso: se você parasse de trabalhar, poderia fazer isso todo dia. Não seria perfeito?

– Para você... – resmungo. – Perfeito para você, porque saberia onde eu estou o tempo todo. – Beijo o peito dele, contemplando que Jesse talvez consiga que as coisas terminem como quer. Eu conheço Patrick bem, mas não bem o bastante para ter certeza de que ele vai dispensar Mikael quando eu contar o que está acontecendo.

– Exatamente. – Ele entrelaça os dedos nos meus cabelos. – Você poderia ir ao trabalho comigo todos os dias, e nunca precisaríamos nos separar.

– Você enjoaria de mim.

– Impossível. Vai me deixar levar você para jantar?

– Ou poderíamos ficar aqui. – Deslizo a mão pelo seu estômago, passando os dedos por sua cicatriz.

– Nada me deixaria mais feliz, mas quero sair com você. Você se importa? – ele pergunta, cortês demais.

Não é típico dele. E, além disso, Jesse recusando a chance de me manter na cama? Estou ficando desconfiada.

– Mas, pensando bem – ele sussurra –, já não sei o que é estar dentro de você há tempo demais. Isso é inaceitável. – Ele me deita de costas, com todo o cuidado. – *Baby*, sexo preguiçoso está fora do cardápio por algum tempo, então acho que vou só comer você. Alguma objeção? – Ele deita metade do corpo sobre o meu, os olhos instantaneamente soltando faíscas. Isso, combinado às palavras eróticas, me leva ao êxtase.

– Está perguntando se pode me comer? – Agora eu estou muito desconfiada.

Seus olhos dançam, travessos, e ele beija os cantos da minha boca, um por vez.

– Olha a boca. Estou tentando ser razoável. – Ele ondula o quadril e me acerta naquele local preciso e delicioso.

– Não seja! – disparo.

Ele recua, a ruga de expressão a postos. Ele pensa no meu pedido por alguns segundos.

– Você não quer que eu seja razoável?

– Não. – Estou com a respiração alterada. Ele sabe exatamente o que está fazendo comigo.

– Então, vamos deixar as coisas claras. Estou um pouco confuso. Ele roça o quadril em mim, despertando uma pulsação persistente no meu sexo. – Você não quer mesmo que eu seja razoável?

Ele me roça com mais força.

– Não!

– Estou vendo. – Ele enfia um dedo na borda da minha calcinha e acaricia meu clitóris muito de leve, me levando ao teto. – Carta branca?

– Sim!

– Bem, agora você está me dando sinais ambíguos – ele diz, enquanto massageia meu sexo. – Adoro o quanto você está molhada para mim.

Minha coluna faz um arco, todo o incômodo nas minhas costas substituído por desejo. Estou borbulhando. Ele me penetra com um de seus longos dedos e acaricia a parede superior da minha vagina.

– Macia, quente, e feita só para mim. – Ele puxa o bojo do meu sutiã com a mão livre e aperta meu mamilo, já excitado, até transformá-lo em uma pedra. – Minha marca está sumindo – ele comenta quando cai de boca no meu seio, mordendo e chupando. – Não queremos que você se esqueça a quem pertence, não é?

Solto um gemido alto quando ele substitui um dedo por dois.

– Queremos, Ava?

– Não – digo, com a voz cheia de ar.

Ele morde meu mamilo e passa os dentes por ele, enviando choques de prazer direto para o meu centro.

– Adoro o quanto você é receptiva ao meu toque. Isso me dá o poder. – Dois dedos se transformam em três e, com as costas dele no estado em que estão, recorro aos lençóis, que agarro com força. – Está gostoso? – ele está falando do vaivém dos seus dedos, circulando dentro de mim, enquanto vê que estou me contorcendo embaixo dele.

– Tão bom – minha voz treme, assim como meu corpo. Eu preciso disso.

– Abra os olhos, Ava. Me deixe ver quando você gozar para mim.

Abro os olhos e encontro os dele, enquanto Jesse me estimula até eu me desfazer na cama.

– Me beije – eu ordeno, com os quadris acompanhando o movimento dos dedos dele. Eu estou a ponto de gozar e quero a boca dele na minha.

– Quem tem o poder, Ava? – ele pergunta, com os olhos semicerrados. – Me diga quem tem o poder.

– Você.

– Boa menina. – Ele levanta o rosto e me ataca com seus lábios, o polegar ainda circulando meu clitóris, fazendo minhas mãos se agarrarem aos seus cabelos como uma tábua de salvação, e me beija com urgência, me levando ao clímax. Sua língua percorre minha boca, firme, mas devagar, direta, mas com paixão. Ele está me lembrando.

Seu peito firme fazendo pressão ao meu lado, sua boca sobre a minha, e seus longos e talentosos dedos trabalhando deixam meu corpo se acalmar, minha mente clarear, e minha alma se reintegrar. Estou completa de novo. Uma onda incessante me invade, e perco o fôlego em sua boca, meu corpo tremendo incontrolavelmente quando chego ao orgasmo.

– Só para mim – ele rosna as palavras que sei que está falando sério, sua possessividade carnal sobre meu corpo me torna frágil com tanto desejo. – Apenas para mim, para sempre, entendeu?

– Sim – suspiro e relaxo completamente sob ele, o sangue aos poucos deixando de fazer pressão nos meus ouvidos.

– Levante. – Jesse me faz abraçá-lo pelo pescoço. – Passe essas pernas fantásticas em torno da minha cintura.

Obedeço e o envolvo, deixando que me levante da cama. Ele vai até a porta do quarto.

– Aonde vamos? – pergunto, na esperança de que estejamos indo remar, ao estilo de Jesse.

– Para o meu escritório.

– Espere! – grito de repente.

Ele para na hora.

– O que foi?

– Me leve para o closet.

– Por quê?

– Porque precisamos de uma camisinha.

– O quê?

– Precisamos de uma camisinha – repito, embora saiba que ele me ouviu muito bem.

– Eu não tenho.

– Tem, sim. No closet. – Eu devia estar furiosa com ele. Seu corpo tenso me diz que ele está inclusive esperando por isso. Jesse sabe que eu sei.

– Ava, eu não uso camisinha com você.

– Então não vamos fazer sexo. – Dou de ombros. Ele está cavando um buraco para si mesmo.

– Como é que é? – Ele se afasta e me olha com desagrado.

Estou lutando para manter o rosto impassível quando devia estar furiosa diante da possibilidade de ele estar escondendo minhas pilulas.

– Você me ouviu.

O olhar de desagrado se transforma em um olhar de reprovação.

– Pelo amor de Deus. – Ele vai até o closet, comigo no colo, num abraço apertado, e logo encontra as camisinhas que disse não ter, resmungando o tempo todo.

– Sabe, minha marca também está sumindo – digo, olhando para o peito dele enquanto saímos do quarto.

O olhar feio dá lugar a um sorriso atrevido.

– Está, é?

– Sim, precisa ser renovada. – Levanto as sobancelhas e vejo, em delírio, que seus olhos se tornam mais sombrios.

– Minha garota é possessiva. Divirta-se, *baby*.

Dou um sorriso e cravo os dentes no seu peito. Um gemido baixo escapa dele, que nos leva para o andar de baixo e direto para o escritório.

– Quero você aqui, assim sempre que tiver que trabalhar, vou ver você nua sobre a minha mesa. – Ele me coloca sobre a mesa de madeira, assim como a caixa de camisinhas, antes de se sentar na cadeira de couro. Ele está totalmente nu e duro como aço. Meus olhos embevecidos o percorrem de cima a baixo. Ele segura o elástico da minha calcinha, e eu me apoio na mesa para levantar os quadris e deixar que ele a retire. Jesse abre a primeira gaveta da escrivaninha e guarda a calcinha, fechando-a em seguida e voltando a olhar para mim.

– Você acabou de gozar nela. – Ele pausa as mãos nas minhas coxas. – Quero poder cheirar você também. Abra as pernas.

Oh, meu Deus!

Abro as pernas o máximo possível, me revelando completamente para ele. Não há nada que ele já não tenha visto um milhão de vezes, mas, dessa forma, eu me sinto totalmente exposta. A cadeira rola para a frente, e ele desabotoa e tira meu sutiã, descendo as alças pelos braços. Minha respiração já está acelerada, estou pronta para começar de novo, mas posso dizer pelo seu humor e pela abordagem que isso vai acontecer nos termos dele. Ele detém o poder e, sentado naquela cadeira, completamente nu, o abdome rígido, a ereção colossal sobre o ventre, parece mesmo bastante poderoso.

– Se apoie nas mãos, para trás. – Ele coloca meu sutiã na gaveta, junto com a calcinha, e se encosta na cadeira.

Faço o que ele pede, empinando os seios. Estou nervosa não sei por quê. Ele já me possuiu de todas as formas possíveis, em todos os humores que conheço, mas hoje estou um pouco inquieta. Seus olhos deixam os meus, descendo sem pressa pelo meu corpo, até pararem sobre o meu sexo. Seus olhos ficam ali, e ele, ao se reclinar, se acomoda mais na cadeira. Ele parece confortável, já eu, nem tanto.

Aqui sentada, tão nua quanto ele, e meu coração bate como nunca, enquanto o vejo encerrar minha fenda, fascinado.

– Por que está nervosa? – ele pergunta sem olhar nos meus olhos, e sua voz grave não contribui em nada para me acalmar.

– Não estou. – É mentira. Eu me sinto escancarada e exposta, o que é ridículo. Não há uma parte do meu corpo que não o tenha recebido, dentro ou sobre.

Ele leva o olhar até o meu, e tudo fica mais suave imediatamente.

– Eu amo você.

Todo o meu ser relaxa com essas três palavras.

– Eu também amo você.

– Nunca duvide disso.

– Não vou. Terminou sua observação? – Levanto uma sobrancelha, maliciosa.

– Não. – Ele volta a abrir as minhas pernas. Eu as fechei um pouco, sem perceber. – Estou avaliando meus bens. – Ele recosta e volta a apreciar minha área mais íntima.

– Eu sou um bem?

– Não, você é o *meu* bem. – Jesse mantém os olhos onde estão, e decido que também vou me aproveitar do meu bem. Seu corpo perfeito ainda me faz salivar.

– Quer ouvir meu veredito?

– Quero.

Seus olhos me fitam, e ele abre um sorriso.

– Sou um homem muito rico. – Ele traz a cadeira mais perto e pega meus tornozelos, colocando a sola dos meus pés nos próprios ombros. Se eu achava que estava exposta antes, não tenho nem ideia de como me sinto agora. – Não tenha vergonha de mim. – Ele me olha com uma expressão de leve tristeza. Em seguida, põe as mãos nos meus pés e beija o meu calcanhar, e o toque quente provoca uma pulsação que sobe pela perna e vai direto para o meu sexo.

Solto um gemido baixo.

– Coloque os cabelos para trás dos ombros – ele ordena, baixinho. Eu me apoio em uma das mãos e junto meus cabelos, jogando-os para trás. – Bem melhor. Agora consigo ver *todos* os meus bens. – Ele morde meu calcanhar.

Tenho um espasmo.

– Ver você excitada e saber que sou eu o responsável é o sentimento mais gratificante do mundo. – Ele passa o dedo médio pelo centro de minha vagina, terminando com uma ligeira pressão no topo do meu clitóris.

Meus lábios se abrem, e a respiração se torna curta e rasa. Eu me contorço com a incrível necessidade de fechar as pernas.

– Deixe-as abertas, Ava. Quero ver você latejar com o meu toque quando gozar para mim. – Sua voz rouca acentua meu desejo de explodir sob seu toque intenso e seus olhos mais intensos ainda.

Ele troca um dedo por dois e acaricia meu clitóris devagar. Minha cabeça pende para trás. Solto um gemido. Sei que estou cometendo uma transgressão enorme.

– Olhos, Ava. Mantenha os olhos nos meus.

– Estou quase lá – choramingo.

– Eu sei, mas vou parar se você não olhar para mim. Escute, Ava. Me mostre esses olhos lindos.

Levanto a cabeça pesada com um esforço sobre-humano, ainda tremendo sob o seu toque. Nossos olhares se fixam um no outro, e ele aumenta os movimentos, os olhos cheios de desejo e os lábios entreabertos fazem meu corpo relaxar e intensificam meu prazer. Os únicos movimentos vindos dele são os dedos em

mim, seu membro pulsante e o subir e descer de seu peito. Em seguida, ele vira a cabeça para um de meus pés e passa os dentes pela minha pele.

É o suficiente.

Contenho um grito e aperto os ombros de Jesse com os pés, enquanto sou tomada por todos os lados por uma pressão que explode e transforma meu corpo em uma massa de nervos expostos.

– Ai está – ele suspira, beijando meu pé e ainda deslizando o dedo pela minha vagina. – Ava, você está latejando. É perfeito.

Meus seios sobem e descem, minha pele está coberta de suor, e meus músculos se contraem com ferocidade. Ele está me observando terminar meu clímax, encostado na cadeira, com o olhar firme na minha entrada. A satisfação em seus olhos é extraordinária.

– Venha aqui. – Ele estende as mãos e eu me deixo levar, tirando os pés dos seus ombros. Dobro as pernas e sento no colo dele, uma perna de cada lado, me apoiando no encosto. – Para cima.

– Camisinha – estou arfando.

– Ava, não me peça para usar uma camisinha – ele está quase implorando.

– Jesse, percebe a sorte que tivemos de eu já não estar grávida? – Trazer uma criança ao nosso relacionamento? Isso seria mais do que idiota.

Ele balança a cabeça e me puxa, se posicionando, mas fico tensa, tentando ao máximo impedi-lo de me penetrar. Ele me olha, e seus olhos me dizem tudo o que preciso saber. Eu o afasto de mim e me sento, sem que ele me penetre. Mantenho os olhos nos dele, mas eles se fixam no chão. Jesse sabe que eu o peguei.

Eu viro, pego uma das embalagens metalizadas da caixa e me ajoelho diante dele, entre suas coxas. Ele me observa abrir a embalagem, antes de segurar seu pênis e deslizar o preservativo. Ambos ficamos em silêncio, e eu me coloco de novo no colo dele.

Endireito a coluna, insinuando meus seios à curta distância de sua boca. Ele tira vantagem da posição, sorrindo para mim antes de passar sua língua quente em torno de cada mamilo, para depois morder um de cada vez. Já tive dois orgasmos de ver estrelas e, se ele continuar com os dentes nos meus seios, o terceiro não vai demorar. Como Jesse faz isso comigo?

Sinto sua mão no meu traseiro, e ele se posiciona embaixo de mim, a estranha sensação do látex deslizando na minha coxa.

– Desça devagar. – Sua instrução, curta e precisa, é dita de modo a deixar claro quem detém o poder.

Faço o que ele pede, baixando sobre ele, e seu mastro de aço e carne encontra a passagem e a atravessa, com um suspiro longo e controlado. A cabeça dele pende para trás e encosta na cadeira, ao mesmo tempo que a minha cai sobre seu ombro, meus olhos fechados. Não é a mesma coisa, mas ainda é ele dentro de mim.

– Fique parada. – Seu hálito mentolado aquece o meu rosto, e ele segura a minha cintura com as duas mãos.

Eu espero. Posso senti-lo pulsar dentro de mim, e é necessária toda a força que tenho para não contrair os músculos em torno dele. Ele precisa de um momento.

– A sensação de ter você em torno de mim é perfeita. Quanto tempo acha que aguentaria sem corresponder? – Ele me beija e passa a língua no meu lábio inferior. Eu não conseguiria aguentar nada. Tento beijá-lo, mas ele se afasta e vira o rosto para o lado. – Não muito, pelo que vejo.

Eu me afasto, e ele olha para a frente de novo.

– Você está me negando um beijo – digo, suave.

– É um desafio.

– Você é um desafio. – Abaixo o rosto para tentar beijá-lo, mas ele vira de novo. Tento estimular algum movimento ondulando os quadris, mas ele aperta a minha cintura. Não precisa usar de muita força para me imobilizar.

– Você precisa de mim. – Sua voz é rouca, sexy como nunca, e me enlouquece enquanto eu tento controlar a respiração, seu membro ainda pulsando dentro de mim.

– Eu preciso de você. – Sei que essas palavras significam mais para ele do que “eu amo você”. Sua expressão satisfeita só confirma isso. Tento capturar seus lábios, mas ele vira o rosto de novo. – Como você se sentiria se alguém impedisse você de me beijar? – pergunto.

– Homicida – ele afirma e rosna, voltando os olhos para mim. Jesse diminui a pressão na minha cintura, e eu tiro vantagem da ausência de controle e abaixo o corpo, gemendo. Seus olhos primeiro se apertam e depois se abrem.

– Eu também – digo, firme, continuando o movimento de esfregar a pélvis nele.

Suas bochechas se enchem de ar, e ele expira com força, suas mãos vão para os meus quadris, detendo minhas táticas tentadoras.

– Quem detém o poder, Ava?

– Você.

Seus olhos brilham.

– Você quer que eu coma você?

– Sim.

– Resposta correta. – Ele levanta meus quadris e me segura por um momento, me trazendo para baixo com tudo, soltando um grito gutural. Dou um grito e agarro o encosto da cadeira. – Assim? – ele pergunta, recua e se enterra em mim outra vez.

– Isso, assim, meu Deus! – Minha cabeça gira, meus olhos se fecham.

– Olhos! – ele vocifera, com outra colisão de quadris. – Sinta, Ava. Está sentindo?

Abro os olhos com esforço, minha visão turva. A expressão de posse, pura e selvagem em seu rosto bonito, me faz sentir a criatura mais desejada do planeta.

– Estou sentindo.

Ele geme e me penetra mais uma vez, mais uma e mais uma, me levantando e puxando-me para baixo, numa sucessão de golpes do quadril. Uma camada de

suor surge em sua testa, a mandíbula fica tensa, a veia do pescoço, saltada. Eu me seguro com mais força no encosto da cadeira, minhas articulações brancas, sem circulação. Quero beijá-lo, mas, em primeiro lugar, ele não disse que posso e, em segundo, nossas bocas nunca ficariam unidas. Meu sexo vibra, e meu clitóris, sensível e esgotado, implorando por uma pausa de tanta intensidade, mas preciso de mais um – só mais um.

– Vou gozar. – Minhas palavras desesperadas são desconexas e quase indecifráveis. – Jesse, estou quase!

– Espere! – ele diz e me penetra de novo. Suas mãos quase machucam meus quadris. – Você vai esperar.

– Não consigo – grito, e ele para imediatamente, a falta de fricção e ritmo esfriando meu orgasmo.

– Você vai esperar – ele arfa. Ele vibra tanto dentro de mim, a respiração pesada e difícil. – Controle, Ava.

– Não consigo controlar nada com você. – Encosto a cabeça no ombro dele, e o fogo em meu âmago diminui de intensidade.

– Eu sei. – Ele vira a cabeça e beija meus cabelos. – Sou o seu dono, então eu vou controlar. – Ele circula os quadris, despertando meu orgasmo abandonado. Não posso discutir com essa afirmação. Ele é meu dono mesmo, e não tenho a menor ilusão de que está falando apenas do meu clímax iminente.

– Eu amo você – murmuro contra seu ombro úmido.

Ele suspira.

– Eu também amo você, querida. Vamos gozar juntos?

– Por favor.

– Ponha seus lábios em mim.

Deslizo os lábios pelo pescoço, maxilar e depois vou para a boca dele, e Jesse inicia um lento e lânguido balanço do quadril, para a frente e para trás, enquanto atraio seus lábios para os meus.

É o Jesse Gentil, é como se eu me relacionasse com uma dúzia de homens diferentes.

– Hummm. Você é deliciosa – ele diz. – Posso senti-la se contraindo em torno de mim. É tão gostoso. – Ele orienta meus quadris, nos fazendo roçar um no outro.

– Você é gostoso. – Aperto as coxas e agarro seus cabelos para puxá-lo para mais perto.

– Goze para mim. – Ele faz mais alguns movimentos circulares calculados, seguidos de uma estocada rápida, e caio em um doce abismo, com um gemido satisfeito, meu terceiro orgasmo sucessivo já não tão arrebatador, mas não menos fenomenal ou prazeroso. – Meu Deus! – O corpo dele enrijece. Não posso sentir seu sêmen jorrar, mas todos os demais sinais do clímax estão ali. Ele me abraça. – Você. É. Fantástica.

Eu me moldo em seu pênis pulsante com avidez e o seguro dentro de mim. É o prazer personificado. *Ele* é o prazer personificado.

– Foi tão bom – digo, abusando de seus lábios com os meus. Ele me deixa

fazer o que quiser, me abraçando com toda a força e acariciando meus quadris com toques leves como uma pluma. – Não foi tão ruim, foi?

– Não, não foi, mas ainda tem algo entre nós.

– Você quer brigar com a camisinha?

– Quero. – Ele me afasta e sorri. – Você precisa se arrumar, ou vamos nos atrasar.

Volto a beijá-lo.

– Aonde vamos? – Eu ficaria exatamente onde estou, sem reclamar. – Estou confortável.

– Vamos jantar. Eu fiz reserva. – Ele ri e segura o meu rosto com as duas mãos, me afastando. – Para o chuveiro.

– Me deixe amar você. – Eu mergulho e mordo a orelha dele, devagar.

– Ava... – ele me adverte, desviando de minhas carícias. Seus olhos têm um brilho de travessura, e ele toca a marca que me fez no seio. – Você sempre vai ter isso. – E olha para os meus olhos. – Sempre.

Desenho a marca que fiz no peito dele.

– Você devia mandar tatuar seu nome na minha testa. – Eu sorrio. – Assim, não vai restar dúvida de a quem eu pertencço.

Ele levanta as sobrancelhas e faz um ligeiro bico.

– Não é uma má ideia. – Ele se levanta comigo nos braços, e assumo minha posição bebê chimpanzé.

Jesse nos leva para cima, mantendo a conexão dos corpos até chegarmos à nossa cama, quando sai de dentro de mim e me deita com cuidado sobre os lençóis. Ele balança a cabeça e faz um ruído de desgosto ao tirar a camisinha, dando um nó e atirando-a no lixo.

– Fique de bruços. Preciso passar pomada em você. – Ele me ajuda a virar e acaricia meu traseiro.

– Preciso tomar banho – suspiro.

– Passo de novo depois.

– Você também precisa de pomada.

– Eu estou bem. O que importa é você. – Ele se senta no meu traseiro e espirra a pomada nas minhas costas, me fazendo arquear de susto.

– Cadê o aviso? – soluço.

– Desculpe – ele ri. – Vai ser um pouco gelado.

Estico o pescoço para olhar para ele, que me brinda com aquele sorriso encantador, que sei que é reservado apenas para mim.

– Você é tão lindo – murmuro, sonhadora, acomodando o rosto no travesseiro. – Acho que vou guardar você para mim, para sempre.

– Está bem – ele concorda, rindo de novo.

– Onde você está escondendo minhas pilulas? – lanço a pergunta no ar, casualmente, e a maneira como ele fica imóvel de repente me diz que estou certa. Ele as escondeu, sei que sim.

– Do que está falando?

– Estou falando do fato de que minhas pílulas andam criando pernas e fugindo, e isso só aconteceu depois que conheci você.

– Por que eu faria isso? – Suas mãos se movem em círculos lentos e carinhosos nas minhas costas.

– Não vou a lugar nenhum, se é isso que preocupa você.

– Não, não vai.

– Tudo bem. Vou ao médico pedir outras – digo, também casualmente, e vou escondê-las. Não tenho ideia do que fazer se ficar grávida. Morrer na hora, acho.

– Você só vai ter que usar camisinha até eu reiniciar meu ciclo – acrescento.

– Não gosto de usar camisinha com você. – Ele dá ênfase às palavras.

– Então você não vai me comer – concluo, cruel.

– Olha a boca!

Dou risada. Não sei por quê. Eu devia estar furiosa, em pânico, preocupada. Não consigo imaginar como ele me trataria se eu estivesse grávida. Puta merda, seria insuportável. Eu seria envolvida em algodão, trancada em uma cela almofadada e guardada por nove meses. E como ele seria com um filho, se é assim comigo? Esse tempo de espera até a menstruação chegar vai ser o mais longo da minha vida.

– Você está bem? – ele pergunta.

– Sim – respondo rápido. – Há quanto tempo Cathy trabalha para você? – pergunto, mudando de assunto.

– Quase dez anos.

– Ela tem muito carinho por você.

– Tem, sim – ele diz em voz baixa, e sei que Jesse sente o mesmo por ela.

– Cathy sabe do Solar? Ai!

– Querida, desculpe! – Seus lábios tocam minhas costas, beijando meus ferimentos. – Desculpe, desculpe.

– Tudo bem. Relaxe. – Eu o sinto levantar e depois sua mão descendo rápido no meu traseiro. – Ai!

– Sarcasmo não combina com você, moça.

– E? – eu pergunto.

– E o quê?

– Cathy. Ela sabe?

– Sim, sabe. Não é uma sociedade secreta, Ava. Não há disfarces nem códigos. – Ele fica de pé. – Pronto. Levante.

– Você o manteve em segredo de mim – murmuro indignada, sentando na beira da cama.

– Mas foi porque eu estava me apaixonando perdidamente por você, rápido demais, e morria de medo que você fugisse de mim se descobrisse. – Uma sobranceira se levanta, acusadora, e sei o que vem depois. – E você fugiu.

– Foi um choque. – Os eventos que acompanharam minha descoberta ainda me fazem tremer, e tenho vontade de lembrá-lo que voltei depois da bomba do Solar. Foi a bebida que me afastou. – Eu sabia que você era experiente, mas

nunca imaginei que seria porque é dono de um clube de sexo.

– Ei! – Ele me abraça e me deita na cama, com um beijo. – Não vamos revisitar o passado. Agora somos só nós, hoje e amanhã e no dia seguinte, pelo resto da vida.

– Está bem. Me beije. – Sorrio.

– Com licença, mas quem detém o poder? – Seus lábios tentam se curvar num sorriso, e seu olhar vai dos meus olhos para os meus lábios.

– Você.

– Boa menina. – A boca dele sobre a minha, me dando exatamente o que quero, mas recua rápido demais, e mostro minha irritação com uma bufada.

– Vou ignorar você. Use seu vestido creme novo. – Jesse levanta e me deixa sozinha para tomar banho e me arrumar para o jantar.

Entro na cozinha me sentindo especial em meu novo vestido creme, um cinto fino dourado e sapatos novos cor de creme. Meus cabelos soltos varrem minhas costas, e minha maquiagem está leve. Paro de repente quando tenho a primeira visão de Jesse. Ele está ao telefone, concentrado, e está maravilhoso com seu terno azul-marinho e a camisa rosa-claro. Meus olhos sobem dos sapatos para suas longas e bem-torneadas pernas, passando pelo peito firme e perfeito, até seu rosto liso e devastadoramente bonito. Mas o cenho está franzido.

Fecho o rosto em resposta, e seus olhos suavizam. Ele se senta num banco e bate de leve na coxa. Vou até lá e me acomodo no colo dele, enquanto procuro meu gloss na bolsa. Ele afunda o rosto nos meus cabelos para inspirar meu perfume e passa o braço pela minha cintura para me trazer mais perto.

– O que mais você tem para me dizer além disso? – ele fala sem a menor cerimônia.

Viro para lançar um olhar questionador, ao mesmo tempo que aplico o gloss. Ele ignora a minha óbvia curiosidade e me beija no rosto.

– É muito conveniente que a outra câmera esteja quebrada – ele comenta, seco. – Já checkou as imagens do lado de fora do bar?

Oh, não!

Jesse respira fundo para relaxar. Aperto sua coxa, e ele me olha, para depois beijar a minha testa.

– Tudo bem. Me avise sobre o que encontrar. – Ele bate o telefone no balcão, e o aparelho desliza pelo mármore. – Que piada!

– Você acha que era Mikael na imagem, não acha?

– Sim, acho.

– Acha que ele me drogou?

– Não sei, Ava. – Ele parece desanimado.

– É um pouco de exagero, não é?

– Esse homem me odeia, Ava. E sabe que você é meu calcanhar de Aquiles. Ele estava esperando por isso.

Fico de pé e viro de frente para ele.

– Não é melhor irmos à polícia? – pergunto. A preocupação de Jesse está começando a me preocupar também.

– Não. – Ele balança a cabeça. – Vou resolver isso.

– Está bem – digo, em voz baixa. Não vou discutir esse assunto com ele. Ele dá um sorriso leve e depois estreita os olhos, brincalhão.

– Gostei do vestido. – Sua mão desliza pela parte interna da minha coxa, e seus dedos passam pela borda da minha calcinha.

– Também gostei do meu vestido. – Caramba, estou excitada outra vez. Minha bolsa cai no chão, e me agarro ao seu paletó.

Ele tira a mão e a leva até a minha boca, passando o dedo úmido pelos meus lábios lambuzados de gloss.

– Sou um homem de muita sorte. – Ele me pega no colo e me deita nos braços, para um beijo longo e sensual. Depois de fazer tudo o que queria, ele se afasta e me oferece aquele sorriso, reservado só para mim.

Retribuo, passando o polegar pelo seu carnudo lábio inferior.

– Essa cor não fica bem em você.

– Não? – Ele faz um bico, e dou risada. Ele me levanta e pega o controle remoto do som. – Quero dançar com você.

– Quer?

– Quero.

Sorrio outra vez quando “Pumped Up Kicks”, do Foster The People, começa a tocar, bem alto. Oh, ele quer *mesmo* dançar. Sou puxada contra o peito dele, e sua mão livre segura a minha.

Coloco a outra mão em seu ombro e olho para ele, sorrindo.

– Você me faz tão feliz.

Seus olhos brilham, os lábios perfeitos se curvam nos cantos.

– Vou fazer você feliz pelo resto da minha vida, querida. Vamos dançar. – Ele sai da cozinha andando de costas e, assim que chegamos à sala, gira meu corpo para longe e depois para os seus braços, antes de começar a me conduzir pelo amplo espaço. Dou risada e olho para aquelas piscinas verdes de prazer, enquanto desviamos de móveis e rodopiamos. Ele também sorri e me leva de um lado para o outro da cobertura, para o terraço, dando a volta no deck, antes de me trazer de volta para dentro.

– O que estamos fazendo? – pergunto quando damos a volta no sofá outra vez.

– Não sei. Algo entre uma valsa e um rock, eu acho. – Ele sorri, e continuo acompanhando. Os olhos dele parecem prestes a explodir de felicidade. – Acho que gosto tanto disso quanto de estar enterrado em você.

– Verdade? – pergunto, chocada.

– Não. – Ele faz uma careta. – Acho que essa foi a frase mais estúpida que eu já disse.

Minha cabeça pende para trás, numa gargalhada, e ele se inclina, pousando os lábios no meu pescoço, enquanto me leva de volta à cozinha. Jesse me levanta, minhas pernas enlaçam seus quadris estreitos, e minhas mãos acariciam seus cabelos. Matenho o contato visual, e ele para de se mover, me estudando

enquanto me senta no balcão.

Jesse segura meu rosto com as duas mãos e fixa o olhar no meu. Ele não precisa dizer nada, mas sei que vai. É como se quisesse demonstrar o quanto é bom em seu talento recém-descoberto: conversar comigo.

Seus polegares acariciam minha face.

– Quem detém o poder, Ava?

Reviro os olhos.

– Você.

– Você está errada.

– Estou? – digo, surpresa. Ele detém o poder. Acabou de deixar isso bem claro.

– Está. – Ele sorri, e junto as sobrancelhas, confusa. – É você quem tem o poder, meu amor.

– Mas você sempre insiste que é você que detém o poder.

Ele dá de ombros.

– Eu gosto que você massageie meu ego.

Começo a rir.

– Está brincando?

– Não.

Paro quando vejo que ele não está rindo junto, mesmo que isso seja hilário. Ele me atravessa com aqueles olhos lindos.

– Tenho o poder sobre o seu corpo, Ava. Quando seus olhos estão repletos de desejo por mim, é aí que tenho o poder. – Suas mãos agora deslizam pela parte interna das minhas coxas.

Meu corpo desperta, minha boca se entreabre, minhas mãos agarram a lapela do paletó dele.

Ele sorri, se aproxima e me beija com carinho.

– Viu? – ele sussurra, tirando as mãos das minhas coxas e as minhas do paletó. – O poder é seu de novo.

Eu o observo com um meio sorriso, compreendendo completamente.

– É por isso que você me come até eu perder os sentidos, faz contagem regressiva e ordena que eu beije você quando estou com raiva.

Ele sorri.

– Olha a boca.

– Você acaba de se expor completamente. Nunca mais vou deixar você me tocar!

Ele gargalha. Seu peito se expande, e ele deixa a cabeça pender para trás. Acho que eu já sabia disso. É por isso que corro quando ele começa a contar. Sei do que é capaz quando põe as mãos em mim. Ele baixa a cabeça, os olhos percorrendo o meu rosto.

– Bem, sr. Ward, dada a quantidade de sexo que fazemos, eu diria que você detém a maior parte do poder nesse relacionamento.

Sorrio quando ele começa a rir de novo. É uma visão maravilhosa. As linhas finas decorando seus olhos verdes o fazem brilhar ainda mais.

– *Baby*, sexo entre nós nunca vai ser o bastante.
– Isso torna você um homem muito poderoso, então.
– Oh, Deus, Ava. – Ele afasta meus cabelos e segura o meu rosto. – Eu amo tanto você. Me beije.

– Está se sentindo fraco?

Ele se inclina na minha direção.

– Sim, estou. – Seus lábios roçam os meus, e permito que ele me beije, dando a Jesse o controle de que precisa, deixando sua língua dominar meus sentidos, enquanto ele geme em minha boca e se alimenta do poder que ofereço.

– Está melhor? – pergunto, ainda durante o beijo.

– Muito. Vamos, meu amor, temos um encontro. – Ele me põe de pé, desliga a música e pega minha bolsa do chão. – Pronta?

– Ah, me deixe mostrar a mensagem. – Tiro meu telefone da bolsa. Quase esqueci.

– Que mensagem? – ele pergunta, com o olhar confuso. Ele também se esqueceu.

– A que foi enviada do telefone de John. – Vasculho minhas mensagens, o coração batendo nervosamente. É agora. Esse é o momento em que eu me livro desse peso no peito. Tenho a mensagem aqui, é impossível negar. John não faria isso. – Aqui está. – Mostro o telefone para ele, e Jesse pega o aparelho. Sua linha de expressão se aprofunda quando ele lê a mensagem, um olhar pensativo muda suas expressões. Seus olhos vão para os meus e depois voltam para o telefone. Ele está pensando mesmo nisso.

Depois do que parece uma eternidade, eu tensa e ele encarando a tela, Jesse começa a balançar a cabeça.

– Vou resolver isso. – Ele deixa meu celular no balcão e não parece nada feliz.

Relaxo de alívio. Acho que quase esperei que ele fosse defendê-la ou dizer que só pode ter sido outra pessoa, mas quem mais faria isso? Não preciso dizer mais nada. Ele sabe, e estou aliviada.

Meu telefone começa a tocar, e eu o pego no balcão. Vejo o nome de Ruth Quinn brilhando na tela, dou um suspiro e rejeito a chamada. Ela vai ligar para o escritório em seguida e descobrir que não fui trabalhar hoje.

– Quem é?

– Uma cliente nova. Um pé no saco.

Ele pega o celular, desliza o aparelho pelo balcão e me abraça.

– Nada de trabalho hoje. Está pronta para o nosso encontro?

Indico que sim com a cabeça contra o peito dele.

– Estou.

Ele beija o topo da minha cabeça e me solta, para então me oferecer o braço de maneira cavalheiresca. Sorrio, passo o meu braço no arco formado pelo de Jesse e deixo que ele me conduza pela cobertura, até o elevador.

Estamos refletidos em todos os espelhos em torno de nós. Para onde olho, posso vê-lo em toda a sua beleza e eu com a mão dentro do paletó dele, pouco disposta a soltar. Ele me olha com o canto dos olhos.

– Eu devia obrigar você a me dar uma transa de desculpas aqui e agora – ele diz, em voz baixa e grave.

– Eu devo desculpas a você?

– Deve. – Ele olha para a frente de novo, e nossos olhares se cruzam no reflexo da porta do elevador.

– Pelo quê? – Vasculho minha mente para tentar encontrar o que quer que ele possa estar dizendo e descubro que – no mundo de Jesse – tenho toneladas de atitudes que ele pode usar contra mim. Mas essa manhã fui muito complacente, e ele foi bastante razoável.

– Você me deve desculpas por me fazer esperar tempo demais por você. – Seu rosto é sério, e suas palavras, cheias de significado.

Sorriso e me encaixo no corpo dele. Eu não tive que esperar muito tempo por ele, fora os dois relacionamentos ruins. Enquanto Jesse lutava contra inúmeros demônios, eu seguia a vida e a maré, como qualquer jovem normal. É um pensamento estranho.

As portas do elevador se abrem, ele passa o braço pelo meu ombro, e atravessamos o foyer do Lusso.

– Clive – Jesse cumprimenta o concierge, que retribui com um aceno de cabeça e volta a atenção para algo em sua mesa.

Saimos para o ar da noite, e Jesse abre o DBS.

– Ah, Kate ligou. Você precisa ligar para ela.

– Você atendeu meu telefone outra vez? – pergunto, mas ele despreza a acusação.

Solto um suspiro e abro a bolsa para pegar o telefone, mas depois de procurar um pouco, saio de mãos vazias.

– Jesse, deixei meu telefone na torre.

Ele faz um movimento exagerado, querendo provar o inconveniente que estou causando.

– Aqui. – Ele me entrega a chave. – Corra ou vamos chegar atrasados para o jantar.

– Vou ser rápida. – Saio correndo de volta pelo foyer do Lusso, olho feio para Clive, que me ignora, e digito o código do elevador. Por que ele não está no térreo? Aguardo com impaciência que ele chegue e embarco.

Saio antes de as portas se abrirem por completo e enfio a chave na porta, deixando-a ali enquanto corro para a cozinha. Pare de repente, alarmada, quando vejo duas pessoas sentadas nos bancos, ambas parecendo bastante ameaçadoras.



– O quê... como... quando...? – gaguejo a cada palavra. De onde eles vieram?

– Olá! – minha mãe diz, seca e precisa. Meu pai só fica ali sentado, balançando a cabeça.

Não sei dizer se ela está zangada ou não. Quero correr até eles e abraçá-los até ficarem sem ar; não os vejo há semanas, e aqui estão, diante de mim, mas não consigo captar seu humor.

– Como entraram aqui? – Finalmente uma frase completa.

– Ah, você não sabia? Seu pai é um ladrão aposentado. – As sobrancelhas muito benfeitas da minha mãe se levantam, e meu pai apenas parece mal-humorado e reprovador.

– Mãe? – Fecho o rosto.

Ela suspira e se levanta.

– Ava O'Shea, venha até aqui e dê um abraço em sua mãe. – Ela abre os braços para mim.

Eu caio no choro.

– Eu sabia que ela ia fazer isso! – meu pai resmunga. – Mulheres!

– Cale a boca, Joseph. – Ela faz gestos com os braços outra vez, e corro para eles, soluçando como uma criança e sibilando de dor baixinho quando ela afaga minhas costas, com carinho. – Oh, Ava. Por que está chorando? Pare, você está me deixando triste.

– Estou tão feliz em ver vocês! – Minha voz sai abafada no casaco cinza de minha mãe, e meu pai bufa de irritação diante das duas mulheres de sua vida, que são manteigas derretidas. Ele nunca foi de manifestar emoções e acha qualquer demonstração de afeto muito desconfortável.

– Ava, você não poderia nos evitar para sempre, mesmo que estejamos longe. Me deixe olhar para você. – Ela me afasta um pouco e enxuga minhas lágrimas.

Não há como negar que sou filha da minha mãe. Seus olhos são como os meus, grandes e cor de chocolate, e seus cabelos, da mesma cor que os meus, são curtos e lisos. Ela está muito bem para os seus quarenta e sete anos – muito bem.

– Você nos deixou loucos nas últimas semanas.

– Desculpe. As últimas semanas foram malucas. – Tento me recompor. A máscara para cílios deve ter escorrido pelo meu rosto, e preciso assoar o nariz com urgência. – Esperem aí. – Olho para minha mãe e depois para o meu pai, que dá de ombros e resmunga. – Como vocês entraram? – Eu estive tão cega, de choque e emoção, que esqueci que estamos dentro da cobertura de dez milhões

de libras de Jesse.

– Eu os convidei.

Viro e dou de cara com Jesse perto da entrada, as mãos nos bolsos da calça.

– Você não comentou nada – digo. Estou confusa.

– Eu não queria uma discussão. – Ele encolhe os ombros. – Eles já estão aqui.

Olho para a minha mãe, que abre um sorriso largo, e sinto vergonha ao ver que Jesse também exerce seu efeito sobre ela. Não sei por que estou constrangida; ele causa esse efeito em todas as mulheres. Preciso lembrar também que Jesse está mais próximo da idade dela do que da minha.

– Ahn... Mãe, pai. Esse é Jesse. – Faço um gesto entre as duas partes. – Jesse, estes são meus pais. Elizabeth e Joseph. – Não planejei que as coisas acontecessem assim. Não planejei nada, na verdade.

– Nós já nos conhecemos – Jesse diz.

Meus olhos correm para os dele.

– O quê?

– Nós já nos conhecemos – repete, o que não é necessário, porque ouvi da primeira vez.

Ele quer sorrir. Tudo bem, estou completamente confusa. Ele suspira e vem na nossa direção até parar diante de mim, um pouco perto demais, considerando que meus pais estão ali, e isso tudo deve estar sendo uma surpresa para eles. E para mim.

– Não fui correr esta manhã – ele diz.

– Não? – Fecho o rosto. – Você saiu com sua roupa de corrida.

Ele ri.

– Eu sei. Não é o que eu teria escolhido vestir para conhecer seus pais, mas era necessário – ele minimiza.

– Você está compensando agora, Jesse. – Minha mãe afaga o braço de Jesse, e fico boquiaberta.

Que diabos está acontecendo aqui? Quero xingar aos quatro ventos, mas minha mãe detesta palavrões tanto quanto Jesse.

– Desculpem – massagem minhas têmporas –, mas estou confusa.

– Sente. – Ele toca meu braço, me conduz para um dos bancos e senta ao meu lado. Minha mãe volta a sentar ao lado de papai.

– Falei com a sua mãe ontem à noite, bem tarde. Ela estava compreensivelmente preocupada com você e me fez várias perguntas. – Jesse levanta a sobrancelha para minha mãe, que ri de leve.

– Intrometida, não é? – diz meu pai, e minha mãe lhe dá um tapinha no ombro.

– Ela é minha garotinha, Joseph.

– Enfim – Jesse prossegue –, pensei que seria melhor que eles viessem e vissem por conta própria que não sou um louco desvairado, mantendo você cativa na nossa torre. Então, aqui estão eles.

– Aqui estamos nós! – mamãe cantarola. Pelo jeito ela não tem o menor

problema com o homem deslumbrante que acaricia a minha mão.

Tento me recuperar do choque.

– Então, você os conheceu hoje de manhã? Por quê?

– Achei que precisava me explicar – diz Jesse. Olho para ele e penso que poderia chorar. Não acredito que ele tenha feito isso. – Ava, nenhum de nós esperava um pelo outro, e por diferentes razões. Sei que a opinião de seus pais significa muito para você e, se significa muito para você, significa para mim também. Minha prioridade é você. É só você que importa para mim. Eu amo você.

Ouçõ minha mãe se estatelar no chão em um desmaio imaginário, e meu pai, embora um pouco frio, faz um gesto de aprovação com a cabeça.

– Tudo o que qualquer pai quer é que sua filha seja bem cuidada. – Meu pai estende a mão para Jesse. – Acho que você vai fazer isso bem.

Jesse aperta a mão de meu pai.

– É um trabalho em tempo integral. – Jesse sorri, minha mãe suspira, e dou risada.

Meu Deus!

Jesse me olha com a sobancelha erguida, sardônico. Ele sabe no que estou pensando. Será que meus pais sabem que ele realmente está falando sério quando diz isso? Preciso dar os parabéns a Jesse pelo discurso. Ele os conquistou totalmente, e sinto um fardo enorme ser tirado dos meus ombros, mas tenho consciência de que eles ignoram a natureza dos negócios de Jesse e o que ele fazia quando bebia. Ou a punição a que se submeteu quando achou ter falhado comigo, porque pensou merecer um castigo – ou o fato de que eu poderia estar grávida. A lista é enorme. E todo um outro peso surge nas minhas costas. Ele contou para os meus pais sobre o problema com a bebida? Depois do telefonema de Matt, eles devem estar se perguntando sobre isso.

Minha mãe se levanta e dá a volta na ilha da cozinha, os olhos marejados.

– Venha aqui, sua boba! – Ela me puxa do meu banco e me abraça com força. Solto um assobio de dor algumas vezes, apertando os olhos. – Você se meteu numa encrenca das boas. Você se apaixonou, Ava. Era só ter me contado.

Oh, eu me meti numa encrenca mesmo, mas por razões que ela nem sequer imagina.

– Está bem. Vamos comer ou não? Estou babando por uma cerveja. – Meu pai me traz de volta à realidade.

Minha mãe me solta e se ajeita.

– Você se importa se eu usar o seu banheiro, Jesse? – ela pergunta.

– Claro. Vire à direita e logo depois à direita outra vez. Ao lado da sala de ginástica. Divirta-se.

– Perdão? – mamãe diz, surpresa.

Dou risada.

– Desculpe. – Ele sorri, olhando para mim rapidamente, antes de voltar os olhos para minha mãe. – Fique à vontade. Como eu disse, à direita e depois à direita. Ao lado da sala de ginástica.

– Obrigada. – Minha mãe me dirige um olhar de “uau, ao lado da sala de ginástica!” e pega a bolsa no balcão, deixando Jesse, meu pai e eu papeando na cozinha.

– Que carro você tem? – Meu pai começa, e solto um gemido. A paixão dele por carros grandes e caros está prestes a ser satisfeita a qualquer momento.

Jesse me faz sentar de novo.

– Um DBS.

– Um Aston Martin?

– O próprio.

– Ótimo. – Meu pai balança a cabeça e não consegue fingir desinteresse. – E o hotel fica em Surrey Hills?

Jesse deve ter sentido que fiquei tensa ao seu lado, porque me abraça com carinho.

– É sim. Posso mostrar a você um dia. Quem sabe na próxima visita.

– Claro. Elizabeth adora tudo o que é luxuoso. – Meu pai revira os olhos. Minha mãe é mesmo difícil de agradar. – Bela casa, a sua. – Ele olha em volta, antes de voltar os olhos para Jesse.

– Obrigado, mas sua filha é a responsável por tudo isso. – Ele pega uma mecha dos meus cabelos e enrola em um dedo. – Eu só compreí.

– Então esse é o grande projeto que ocupou todo o seu tempo? – meu pai pondera. – Você fez um bom trabalho.

– Obrigada, pai. – Fico mais do que aliviada quando ouço a campainha. Meu pai e uma conversa casual não são a melhor dupla.

– Quer atender? – Jesse me dá um tapinha no traseiro, e eu me levanto.

– Quem é?

– Não sei. Vá ver. – Ele me empurra de leve, eu deixo os dois e vou até a porta. Ninguém pode subir sem conhecer o código, então só pode ser Clive.

Abro a porta e vejo Dan, Kate e Sam, todos no hall de entrada da cobertura, e meu primeiro pensamento é: “Dan e Kate dividindo o mesmo quilômetro quadrado?” Isso não é bom. Logo Dan dá um passo para a frente com um sorriso no rosto, e eu me atiro nos braços dele, ignorando a dor nas costas e a tensão entre ele e minha melhor amiga.

– O que você está fazendo aqui? – Eu o abraço com vontade, e ele ri.

– Estou fazendo o que me pediram. – Ele me afasta de leve e me olha. – Você está bonita – ele diz, ainda com um largo sorriso. – Onde está o cara para quem tenho que fazer o discurso de “se você magoar a minha irmã...”?

Uma onda de medo me percorre ao pensar em Jesse aceitando tal discurso.

– Na cozinha, mas você não precisa fazer isso.

Ele me olha com carinho.

– É o meu trabalho – ele diz, com firmeza, e depois volta os olhos para a cobertura. – Porra! – ele sussurra quando dá uma boa olhada em volta. Dan me solta e entra.

Kate dá um passo para a frente com um olhar receoso em seu rosto claro. Ela me abraça.

– Esta deve ser a situação mais embaraçosa em que já me enfiei – ela sussurra ao meu ouvido. – Horrível.

Dou risada.

– Não me aperte tanto. – Tento me desvencilhar dela. – Sam sabe? – sussurro de volta.

– Desculpe, e não. Ele nem faz ideia.

– Ei! Cadê o amor? – Sam tira Kate da frente e me abraça com cuidado. – Você é uma doida – ele diz, baixinho.

– Eu sei.

– Não faça mais isso. Onde está meu amigo?

– Na cozinha.

Ele me solta e vai direto para a cozinha. Olho para Kate, que balança a cabeça.

– Se pudesse ter escapado dessa, eu teria. – Ela solta uma respiração estressada. – Venha. – Kate pega a minha mão, e vamos juntas à cozinha, onde vemos Jesse apresentando todo mundo. Os olhos curiosos de Dan passam de Jesse a Sam por mil razões diferentes.

Cathy surge do nada com Luigi e três garçons, e Jesse vai até eles dar instruções. Observo enquanto ele deixa Cathy beijá-lo na bochecha, cumprimenta Luigi e aponta para alguns lugares na cozinha e no terraço. Cathy faz gestos para dispensá-lo e acena para mim, animada.

– O que está acontecendo? – pergunto, quando ele se junta a mim na cozinha.

– Vamos jantar.

– Aqui?

– Sim, consegui que Luigi viesse e fizesse as honras. Vamos comer no terraço. A noite está ótima. – Jesse me coloca diante dele e afasta os cabelos do meu rosto.

– Não acredito que você fez isso.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– O que for necessário, você sabe disso.

Minhas mãos deslizam para dentro das mangas de seu paletó, para tocar seus bíceps.

– Pode ser que você ouça o discurso do irmão mais velho. – Abro um sorriso de desculpas. – Acha que pode aguentar, só para agradá-lo?

Seus lábios se apertam em uma linha fina.

– Você quer dizer outro homem me dizendo como devo cuidar de você? Acho que não.

Meus ombros caem um pouco.

– O que for necessário? – sussurro as palavras dele. Não consigo nem imaginar o quanto doeu ter que conversar com meus pais. Isso vai contra todos os seus instintos naturais.

Ele segura o meu queixo com o dedo e me beija de leve, no canto da boca.

– O que for necessário – ele confirma. – Venha.

Ele orienta todos a sair da cozinha e ir para o terraço, onde vejo que já está tudo arrumado para um jantar. A mesa do deck foi posta de maneira sublime, os aquecedores do pátio foram acesos para aquecer um pouco a noite fresca, e garrafas de vinho e cerveja resfriam na adega, ao lado da churrasqueira. Lanço um olhar confuso para Jesse. Como organizou isso tudo? Ele sorri e me faz o conhecido gesto de alguém dormindo. Enquanto eu dormia a maior parte do dia, ele estava ocupado conhecendo meus pais e preparando tudo isso? Estou chocada.

Ainda estou um pouco em transe, vendo as pessoas que mais amo no mundo conversando, rindo e bebendo à mesa, enquanto Luigi e sua equipe preparam e servem um delicioso banquete italiano. Jesse mantém a mão no meu joelho, comendo com uma mão só, apertando-o de vez em quando, particularmente forte quando Dan começa a fazer o discurso do irmão mais velho. Vejo o esforço de Jesse para se manter educado e, quando minha mãe flagra a conversa, fico imensamente grata pela intervenção. Ela dá uma bronca em Dan e sorri com doçura para Jesse, antes de voltar a conversar com Kate, que relaxou um pouco, embora seja impossível não notar a tensão que existe entre ela e Dan. Sam, no entanto, está totalmente desavisado e faz um excelente trabalho em manter meu pai gargalhando com sabe Deus quais histórias.

– Kate não está normal – Jesse aponta, em voz baixa, enquanto completa meu copo d’água.

– Ela e Dan têm uma história – explico. – É complicado.

As sobrancelhas de Jesse se erguem de surpresa.

– Estou vendo. Você gostou da sua massa?

– Estava deliciosa. – Pouso a minha mão sobre a dele na minha perna. – Obrigada.

– De nada, meu amor – ele pisca. – Não há mais nada no caminho, não é?

– Não, caminho livre. – Sorrio e me derreto quando ele abre aquele sorriso, reservado somente para mim, seus olhos brilhando de felicidade.

– Fico feliz que tenha dito isso. – Ele se levanta, interrompendo todas as conversas à mesa, toda a atenção se voltando para ele. Jesse puxa a minha cadeira. – Levante – Eu o obedeço, confusa. – Se você nos derem licença por alguns minutos... – ele diz para os convidados, que continuam em silêncio, antes de me levar pela mão.

– Aonde vamos? – eu pergunto às suas costas.

Ele para, vira e se apoia em um dos joelhos, a poucos metros da mesa. Ouço minha mãe ter um sobressalto, seguido do meu susto. Viro para ele com a boca aberta e os olhos arregalados, enquanto ele pega a minha mão e me encara com seus olhos claros como cristais.

– Vamos fazer isso do modo convencional? – ele pergunta, em voz baixa.

Começo a tremer.

– Oh, meu Deus.

Tento respirar apesar de um nó do tamanho de um melão na garganta. Viro devagar e olho para a mesa e seus ocupantes, todos nos observando com atenção.

Minha mãe está com a mão na boca, e meu pai tem um leve sorriso nos lábios. Dan está impassível, e Kate e Sam estão relaxados em suas cadeiras, com sorrisos idênticos.

Meu coração galopa no peito, e viro o corpo inteiro para Jesse, meus olhos marejados, fitando os dele. Ele acabou de conhecer meus pais. Não pode fazer isso comigo – não na frente deles.

– Eu atropei todo mundo. – Os olhos dele brilham. – Delicadamente... Ou mais ou menos. Cheguei até a pedir a sua mão ao seu pai. – Os cantos de sua boca se curvam em um meio sorriso, e um soluço escapa dos meus lábios. – Você deve saber o quanto isso foi difícil para mim. – Jesse me solta e desliza as mãos pela parte de trás das minhas coxas, para me trazer para mais perto. Eu me apoio em seus ombros. – Tudo o que for necessário, Ava – ele sussurra.

Minhas mãos chegam à parte de trás da cabeça dele, e meus dedos mergulham no seu cabelo loiro-acinzentado, enquanto ele olha para mim.

– Case comigo, meu amor.

– Você é completamente louco. – Começo a chorar, me inclinando para beijá-lo, minhas mãos segurando os dois lados do seu rosto. – Louco, completamente louco.

– Posso ser louco e casado? – ele pergunta com a boca na minha. – Por favor, me diga que vou ser louco e casado com você. – Suas mãos me puxam até eu ficar de joelhos, e então ele me segura pelos ombros com firmeza, e seus olhos cheios de lágrimas buscam os meus. – Tudo se resume a você, e vai ser sempre assim. Para o resto de minha vida, é só você. Eu amo você, loucamente. Case comigo, Ava.

Eu me jogo no peito dele em uma série de soluços e ouço minha mãe cair no choro.

– Isso é um sim?

– Sim.

Ouçoo-o respirando com dificuldade.

– Não consigo respirar – ele murmura, caindo para trás e me levando junto, os dois esparramados no chão do terraço. Ele me beija com adoração. Mais uma vez, o meu ex-playboy, neurótico e temperamental me beija onde quer e quando quer. E não tem a menor vergonha disso. – Eu amo tanto você. – Jesse pega a minha mão e coloca o anel de volta no meu dedo, antes de beijá-la e envolver o meu corpo outra vez, num abraço apertado.

– Eu também amo você – sussurro ao seu ouvido.

– Estou tão feliz! Você é o melhor presente de aniversário que já ganhei.

O quê?

Eu levanto o olho para ele, ainda lacrimejando. Ele sorri, quase envergonhado.

– É seu aniversário?

– É. – Ele começa a morder o lábio.

– Hoje?

– Sim. – Ele acompanha a resposta com a cabeça.

Estreito os olhos para ele, brincando.

– Quantos anos está fazendo?

– Trinta e oito.

Abro um sorriso brilhante.

– Feliz aniversário.

Ele me brinda com aquele sorriso reservado somente para mim e me puxa de novo para o seu peito, enterrando o rosto no meu pescoço.

Eu me derreto nele.

Eu amo esse homem, em toda a sua perfeição e em cada um dos seus traços complicados e irracionais. Ele me arrebatou com rapidez e precisão. E fez eu me apaixonar por ele, me fez precisar dele.

Foi tão imprevisível, tão apaixonado e tão absolutamente irresistível. E agora ele é todo meu, e sou inegavelmente dele.

Finalmente o entendo.

Finalmente me submeti ao meu amante.



O flagelo

Não sinto a dor do chicote. Não arde nem corta quando o couro atinge minhas costas. A única dor que sinto está no coração. É a terrível agonia de fracassar – falhar em proteger a única coisa que tem valor na minha vida.

Beber teria entorpecido essa tortura, mas teria causado mais dor... mais fracasso. Mal consigo respirar de tanta culpa. Não consigo encarar meus erros – já foram tantos –, e todos são estopins em potencial para afastar a minha menina.

Sei que Sarah está tendo prazer com isso. Vi o brilho em seus olhos doentios quando ela entrou aqui e me viu com uma garrafa de vodca quase nos lábios. Eu podia sentir o cheiro da ignorância e da fuga que o álcool ia me proporcionar, mas também posso sentir o remorso que viria em seguida.

Me punir. É minha única opção. Deus sabe que já fiz Ava passar por muita coisa. E ainda há muito mais que ela não sabe. Foi por isso que achei tão fácil largar a garrafa, tirar a camiseta e cair de joelhos. Isso me dá a oportunidade de rezar também.

Mesmo em transe, sei que isso jamais vai bastar, mas estou perdido. Não sei o que fazer para consertar as coisas – me tornar milagrosamente merecedor do amor dela. Talvez não exista mais esperança para mim. Talvez eu sempre vá estragar tudo de bom que aparecer na minha vida. Talvez essa seja a minha penitência. É Deus me dando uma breve percepção de como minha vida poderia ser, sabendo que vou estragar tudo, me deixando mais vazio e perdido que antes.

Ou talvez um dia eu possa acertar alguma coisa na minha vida.

Acho que ouço vozes. Ou estou sonhando?

Minhas costas se arqueiam, minha cabeça pende para trás quando o couro golpeia minhas costas outra vez. Já perdi a capacidade de falar, ou fazer qualquer ruído, na verdade. Então que som é esse? Só preciso de um milésimo de segundo para me dar conta. É alto. Está assustador.

É o meu anjo.

Levanto a cabeça e vejo Ava lutando contra John. Ela está gritando, berrando, se debatendo e batendo nele.

– Ava? – só consigo dizer a única palavra capaz de encher meu coração de alegria. Apenas o nome dela tira de mim toda a dor. Mas não agora. Ela congela ao som grave da minha voz, seu rosto virando para mim. A dor e a angústia gravadas em suas feições belas me destroem. Ela está aqui. Mas como?

Ela grita o meu nome, fazendo meus músculos mortos entrarem em ação. Minha necessidade de alcançá-la é desesperadora. Mas nada funciona. Minhas pernas são como gelatina, minha mente continua enevoada. Ele olha para mim, e, em seguida, seu corpo pequeno se dobra, e ela cai aos pés de John.

– Ava? – Finalmente convenço as minhas malditas pernas a entrar no jogo e me ajudarem a ficar de pé. Merda, estou mais embriagado que qualquer quantidade de vodka poderia me deixar. Espero que seja apenas um pesadelo, mas, quando agito a cabeça e consigo um mínimo de foco, meu coração quase para. Ela chora tanto, olhando para mim, e pura agonia jorra de seus lindos olhos. – Meu Deus, não! – começo a correr, mas algo me detém. Levo alguns segundos de desespero para perceber o que é. – Me solte! – Praticamente jogo Sarah longe e corro para a minha garota. – Ava, meu amor. O que está fazendo aqui? – Eu me junto a ela no chão, buscando seus olhos. Quando os encontro, odeio o que vejo neles: mais dor. Uma dor que se intensifica à medida que me aproximo, quanto mais olho para eles.

Ela me empurra para longe, me fazendo soltá-la. Entro em pânico.

– Ava, por favor! – John é tirado do caminho, e ela desaparece porta afora. Minha força parece voltar diante da visão dela fugindo de mim mais uma vez. Fico de pé. – Porra!

John olha preocupado para mim, pensando em qual será meu próximo passo. Ele sabe que é melhor nem perguntar. E sai correndo pelo corredor. Vou atrás.

Não sinto minhas pernas, mas elas se movem rápido. Vejo-a entrar no banheiro feminino e saio em disparada atrás dela, com John atrás de mim. O som que me recebe é como um soco no meu estômago. Ela está passando mal.

– Ava! – eu devia tentar fazê-la sair do cubículo com cuidado, mas meu medo cresce a cada segundo. Eu esmurro a porta. – Ava! Abra a porta! – ouço-a se mexer, mas ela não cede. – Por favor. – Deixo minha cabeça bater na porta, meu peito e minhas mãos pressionados contra a madeira, como se isso me deixasse mais perto dela. – Ava, por favor. Abra a porta.

Nada.

– Quem a deixou entrar? – Eu não tinha a intenção de socar a porta, com raiva. – Porra! Quem diabos a deixou entrar?

– Jesse, não fui eu. Eu jamais teria deixado Ava entrar. – A mão imensa de John aperta meu ombro, fazendo círculos para tentar me acalmar, em uma parte das costas que não está machucada. Não preciso olhar para ele para saber que está sendo sincero.

Ambos viramos para a porta quando Kate entra, seu belo rosto olhando para mim e depois para John.

– O que está acontecendo aqui? Caramba, Jesse, o que houve com as suas costas?

– Nada! – Merda! Eu não quero que o mundo inteiro me veja e as merdas que eu faço.

– Não fale assim comigo. Onde está Ava? Que diabos está acontecendo aqui? Ava!

Eu me encolho diante da bravura da resposta dela, mas não estou em posição de chamar a atenção dela por isso. Mereço muito mais que a boca grande da melhor amiga de Ava. Eu me junto a ela na porta.

– Ela está aqui dentro e não quer sair. Ava? Por favor, Kate, tire-a daí. Ela está aqui dentro e não quer sair. Ava? Por favor, Kate, tire-a daí. – Bato na porta, sem saber o que mais fazer. Ela não vai sair enquanto eu estiver aqui. Sei disso, ainda que me magoe.

– Ei! Me diga por que ela está trancada aí e por que você está sangrando. – A amiga espertinha de Ava faz uma pergunta que não tenho como evitar.

– Ava entrou na minha sala e viu algo que não devia ter visto. – Estou sendo vago e a sobranceira levantada de Kate me diz que ela percebeu. – Ela está assustada. Eu preciso vê-la. – Meu pânico cresce a cada segundo que fico sem poder tocá-la.

– Se você machucou a minha amiga, Jesse... – ela grita. – Ava?

– Não! Não é nada disso! – Minhas mãos puxam meus cabelos. O que é que eu vou fazer?

– Então o que é? Ela está lá dentro vomitando. Ava! – Kate bate de leve na porta. – Ava, por favor. Abra a porta.

– Ava! – eu berro. Vou derrubar a porta, se for preciso.

– Jesse, vá embora.

– Não!

– Ela obviamente não vai sair enquanto você estiver aqui. Ei, grandão, tire-o daqui.

– Jesse? – John puxa meu braço, sua voz mais suave do que o normal, mas há uma ponta de “não tente me enganar” no seu tom. Posso ser bom de briga quando quero, mas já vi John em ação e, embora eu saiba que seria uma briga boa, não tenho a força física necessária. Ele me derrubaria com um polegar. – Vamos fazer um curativo aí, filho da puta idiota.

Com relutância, deixo John me tirar do banheiro feminino, esperando que minha ausência a encorage a sair. Lanço um olhar suplicante para Kate, qualquer coisa que a faça ver minha comoção. Ela nunca vai entender, mas o pior de tudo é que sei que Ava também não vai.

John quase me arrasta para o meu escritório. Posso sentir o olhar dos membros, os homens provavelmente se sentindo vingados por me ver nesse estado por conta de uma mulher, talvez pensando que estou colhendo o que plantei por tantos anos. Estão certos. As mulheres provavelmente estão ansiosas para me confortar, para me ajudar a esquecer. Nunca vai funcionar. Se eu perder essa mulher, só há uma coisa que pode afastar a dor. E estou mais do que preparado para ela.

John solta o verbo assim que fecha a porta do meu escritório. Fico diante de seu corpanzil e aceito a bronca que tanto mereço.

– Seu filho de uma puta! – Sua voz estrondosa me faz dar um passo para trás. – De todas as merdas que você já fez, de todas as cagadas monumentais que já aprontou, essa merece uma medalha! – ele me cutuca com o dedo no ombro,

sem muita força, mas o bastante para me fazer cambalear. – Eu avisei! Fique longe da bebida! Não significa que era para trocá-la por um chicote! – Olho para ele e o vejo tirar os óculos, algo que só acontece quando quer que alguém veja o quanto ele está furioso. E ele está realmente puto. E aponta os óculos para mim. – Você é o seu pior inimigo, Jesse.

– Eu sei – concordo, com a voz fraca. Não tenho defesa, nada vai tornar o que fiz aceitável. Mas vou tentar.

A cabeça de Sam surge à porta, nos interrompendo. Ele dá um sorriso nervoso, pede desculpas pela interrupção e sai de novo, sem dizer nada.

A atenção de John se volta para o ser patético diante dele outra vez.

Eu.

– Falei para você vestir a camiseta. Eu disse para você ir até a sua garota e acertar as coisas, não afundar em sua autopiedade e se meter naquela merda sádica da Sarah! Seja homem, seu idiota filho da mãe! – Os braços dele se levantam de frustração. – E nunca mais questione a segurança desse lugar!

– Como diabos ela entrou aqui, então? – grito, as palavras de John me lembrando do mistério.

– Não faço ideia, mas vou descobrir. Guarde minhas palavras.

Estou prestes a gritar mais um pouco, até que a visita aparentemente sem propósito de Sam entra em meu cérebro derrotado.

– Merda! – xingo, passando por John e voando pelo corredor. Ele estava conferindo se eu estava fora do caminho, e por uma razão específica.

Corro pelas dependências do Solar e paro na porta do banheiro feminino, onde a encontro de pé e olhando para mim, como se tivesse a certeza de que eu viria. Uma compreensão silenciosa passa por nossos olhos enquanto nos observamos, e Kate fica em um canto, quieta. Sem a menor intenção de ser dissuadido, vou até Ava, pego-a nos braços e saio do banheiro. Enquanto caminho para o meu escritório, com Ava em segurança no meu colo, sinto um conforto indescritível. Vai além do que jamais senti e, nesse momento, me dou conta de que cada palavra a partir de agora vai ser decisiva. Vou fazer cada uma delas valer.

Fecho a porta com o pé e me sento com ela no sofá, mantendo-a bem perto de mim, tentando não demonstrar a dor que sinto ao contato do couro na minha carne viva. O torpor está diminuindo, sendo substituído por um latejamento que acompanha uma calma no meu coração. Por instinto, meu rosto encontra o seu pescoço, o perfume dos cabelos dela é um alento. As lágrimas, não.

– Por favor, não chore. Está me matando.

– Por quê? – A pergunta suave chega aos meus ouvidos, me pegando desarmado como um idiota. É uma pergunta que eu deveria ter esperado e que agora tem necessidade de resposta.

– Eu prometi a você que não ia beber. – Minha resposta é risível. Talvez eu esteja criando coragem para dar as respostas que ela quer e precisa – contar a ela o fracasso que eu sou. Peço perdão a Deus, mentalmente.

– Você queria beber?

– Eu queria bloquear a dor.

– Olhe para mim – ela diz, brusca, mas não consigo encará-la. Não consigo confrontar a mágoa que causei. – Maldição, Jesse, olhe para mim! – Ela se move, tentando me arrancar de meu esconderijo covarde. Meu gemido de dor a detém. – Três. – Sua voz calma me deixa tenso. Essa é a única palavra que vai me deixar mais próximo das respostas do que eu gostaria. Preciso escolher bem cada palavra, fazer o melhor possível do que pretendo dizer. Ava está usando meu próprio método de manipulação contra mim. – Dois.

– O que acontece no zero? – Já sei a resposta para essa pergunta.

– Eu vou embora.

Levanto a cabeça no ato, a confirmação magoando mais do que eu imaginava.

– Por favor, não vá.

Seu rosto se entristece, e todo o ressentimento se desfaz diante das minhas palavras. Eu não tinha a intenção de fazê-la se sentir culpada. Ava senta no meu colo com uma perna de cada lado, e seus braços me envolvem com cuidado.

– Me diga o que você queria bloquear.

– A dor de magoar você.

– Eu não entendo. Eu preferiria que você tivesse bebido.

– Não preferiria, não. – O riso irônico foi involuntário. Ela não tem ideia.

Ava se afasta, determinada a me olhar nos olhos. Eu nunca poderia negar isso a ela.

– Eu teria preferido encontrar você com a metade de uma destilaria no corpo do que ver o que vi.

Abaixo a cabeça.

– Confie em mim, Ava, não teria.

– Confiar em você? Jesse, estou enojada pela traição. – Ela se afasta de repente, e a ausência de suas curvas suaves contra meus músculos duros é insuportável. Tento abraçá-la, mas ela se desvencilha de mim. Isso dilacera a minha alma.

– Eu não vou embora – ela dispara, me fazendo recolher as mãos, abalado.

E começa a marchar pelo meu escritório. Normalmente adoro vê-la batendo o dedo no queixo enquanto pensa, mas hoje essa visão sempre tão doce não contribui em nada para me acalmar. Meu mal-estar só piora quando ela se senta no sofá em frente ao meu, se colocando fora do meu alcance. Formo frases na minha mente, palavras que expliquem isso tudo ou que a façam se sentir melhor, mas ainda não têm uma ordem. Não sei por onde começar. Não posso fazer nada além de observá-la suspirar e massagear as têmporas, fazendo círculos reconfortantes. Quero fazer isso. Quero fazer todo o possível para que ela se sinta melhor.

– Tem mais alguma coisa que eu precise saber? – ela diz, esperando minha reação para a pergunta inesperada.

Tento disfarçar a tensão do meu corpo.

– Como o quê?

O olhar de desgosto em seu rosto é definitivo.

– Não sei, você é que vai me dizer. – Ela joga os braços para o teto. – Por que eu iria preferir isso a ver você bêbado?

Aperto os dentes e me inclino para a frente, tentando diminuir a distância entre nós. Meus cotovelos encostam nos joelhos, e eu imito a tentativa de Ava de acalmar a dor de cabeça fazendo círculos nas minhas têmporas também.

– Álcool e sexo andam de mãos dadas para mim – digo as palavras que vão dar início à revelação dos meus segredos.

– O que isso quer dizer?

– Ava, eu herdei o Solar quando tinha vinte e um anos. Pode imaginar um moleque nesse lugar, com um monte de mulheres dispostas e interessadas? – Nunca senti tanto remorso pelo meu egoísmo.

– Você bebia e misturava negócios com prazer? – Sua voz é mínima e cautelosa. Ela está começando a juntar as peças.

– Sim. Mas isso tudo ficou para trás. – Eu me inclino para a frente. – Agora, tudo se resume a você. – Preciso que ela entenda isso. Talvez facilite explicar todo o resto.

– Então você não bebeu porque isso faria você querer fazer sexo?

– Não confio em mim ao consumir álcool, Ava.

– Por que você acha que vai pegar a primeira mulher que vir pela frente?

Outra risada irônica escapa sem querer dos meus lábios.

– Acho que não. Eu não faria isso com você. – Eu devia me matar por ser tão ousado e protegê-la do problema que vai ser lidar com a minha merda por mais tempo.

– Você acha que não? – Ela levanta as sobrancelhas.

– Não é um risco que estou disposto a correr, Ava. – Não *mais*, acrescento para mim mesmo. – Bebo demais, perco a razão, e as mulheres se jogam em cima de mim. Você já viu isso acontecer.

– Você não parecia capaz de muita coisa na sexta – ela grita, incrédula.

– Sim, mas eu não estava no meu nível normal de descontrole. E estava em uma missão importante. – Merda, como é que vou fazer isso?

– Então, você normalmente bebe bastante e depois faz sexo com um monte de mulheres? Já bebeu quando fez sexo comigo?

Não consigo fazer isso sem contato, então empurro a mesa que bloqueia meu acesso e caio de joelhos diante dela.

– Não, Ava. Nunca bebi quando estive com você. Não preciso. O álcool bloqueava certas coisas para mim, me fazia esquecer o quanto minha vida era vazia. Eu não dava a mínima para as mulheres com quem dormia, nenhuma delas. E então você entrou na minha vida, e as coisas mudaram completamente. Você me trouxe de volta à vida, Ava. Não quero beber nunca mais porque, se começar, posso não parar mais, e não quero perder nenhum momento com você. – Sou um desgraçado. Um desgraçado desesperado e inútil.

Posso ver as lágrimas se formando nos seus olhos castanhos. Não sei como isso pode ficar pior.

– Você já fez sexo preguiçoso com mais alguém?

Não consigo esconder a exasperação que toma conta de mim quando ouço sua pergunta boba e solto um suspiro pesado.

– Não.

– E quanto à transa de lembrete? – Ela está feroz.

– Ava, não! Nunca gostei tanto de alguém para precisar ou querer colocar algum bom senso na cabeça dela com sexo. – Encontro as pernas dela e as aperto, tentando confortá-la. Não acho que vá funcionar, mas estou disposto a tentar qualquer coisa. – Só você.

Ela empurra as minhas mãos e se levanta.

– Então, na quinta-feira, no seu escritório, está me dizendo que, se você tivesse bebido, eu teria me deparado com você transando com Sarah na sua mesa, em vez de apenas parecendo íntimo?

O quê? Sarah? Ela está louca? Eu me levanto num pulo e vou até ela, agarrando seu corpo pequeno com firmeza.

– Não! Não seja boba!

– Não acho que estou sendo boba. – Ela me fulmina. – Já é o bastante ter que me preocupar com o seu problema com a bebida. Não sei se consigo lidar bem com a preocupação extra de você ficar bêbado e querer comer outras mulheres! – Ela está perdendo o controle, suas palavras duras me fazem recuar em choque, ainda que eu não tenha o menor direito de estar assim.

Também não tenho o menor direito de repreendê-la pela linguagem... mas o faço mesmo assim.

– Olha a boca! A bebida não me faz querer comer outras mulheres. Ela só me faz querer sexo!

– Então é melhor eu estar do seu lado quando você bebe, não é mesmo?

Oh, sim, seria melhor, mesmo. Mas já é tarde demais.

– Eu não vou beber! Quando é que você vai me ouvir, mulher? – Também estou perdendo o controle, o plano de dizer as coisas certas caindo por terra. – Não preciso beber. – Fico com medo de estar apertando com muita força, então a solto e saio de perto dela, caminhando pelo escritório, tentando pensar em algo que me acalme. Não adianta. Nada vai adiantar. Aponto um dedo para o rosto dela. – Eu preciso de você! – Meu dedo é empurrado de lado.

– Você precisa de mim para substituir a bebida e o sexo.

De onde ela tirou isso? Eu preciso que ela respire. Não pode ser mais simples que isso.

– Você me manipula.

– Eu não manipulo você! – Eu me defendo, chocada, mas eu sei que é o que faço. Contato constante, exigências descabidas e levá-la às estrelas com a união de nossos corpos são maneiras de mantê-la comigo, mas também de mantê-la segura.

– Você me manipula, sim! Com sexo! Transas de bom senso, transas de lembrete. É tudo manipulação. Eu preciso de você, e você usa isso contra mim!

– Não! – berro, varrendo para o chão o veneno que me trouxe até esse momento hediondo de minha vida com os braços. O som do vidro se quebrando

diminui, e eu me pego segurando Ava com força nos braços outra vez.

– Eu preciso que você precise de mim, Ava. Não pode ser mais simples que isso. Quantas vezes vou ter que dizer? Enquanto você precisar de mim, eu vou cuidar de mim... É simples.

– E pedir para ser açoitado é se cuidar? – ela grita.

Meus cabelos são punidos severamente com um puxão violento.

– Eu não sei, porra! – Eu sei. Desespero. Frustração. Desolação. Medo. Já são quatro, e ainda não acabei.

– Eu preciso de você, mas não assim. – Seu derrotismo me preocupa mais ainda, então eu seguro as mãos dela com carinho.

– Olhe para mim. – Ela traz a cabeça para a posição normal, e seus olhos encontram os meus. – Me diga: o que você sente por mim? Eu sei o que sinto por você. Sim, tive muitas mulheres, mas sempre foi só sexo. Sexo sem compromisso. Sem sentimentos. Ava, eu preciso de você.

– Como você pode precisar de mim se eu levo você a fazer isso consigo mesmo? Você é mais autodestrutivo agora do que era antes de mim. Eu fiz você *precisar* de álcool, não só querer. Transformei você em um louco irracional e eu mesma não sou mais tão sã. Não vê o que estamos fazendo um com o outro?

Suas palavras me dilaceram, mesmo que a primeira parte da frase seja verdade, provavelmente. A última parte, entretanto, não é. Nós estamos nos amando, é o que estamos fazendo. Tudo o que eu faço é por que a amo.

– Ava.

– E, só para ficar registrado, eu odeio o fato de que você dormiu com meio mundo.

Respiro devagar, concordando com ela em silêncio, mas então ela tem um sobressalto, e um som horripilante gela de medo as minhas veias.

– Quando você sumiu por quatro dias... – As palavras param em sua boca, a apreensão estampada em seu lindo rosto.

Meus olhos se arregalam, como se precisasse que ela note o meu remorso. Meu tempo acabou.

– Elas. Não. Significaram. Nada. Eu amo você. Eu preciso de você.

– Meu Deus! – Ela cai diante de mim e começa a chorar, transtornada pela dor. Nunca me senti tão podre, tão inútil, tão desesperado. – Você estava transando com outras mulheres.

Também fico de joelhos, segurando-a com força e gentileza, sacudindo-a de leve, sem saber o real motivo.

– Ava, me escute. Elas não significaram nada. Eu estava me apaixonando por você. E sabia que ia magoar você. Eu não queria magoar você.

– Você disse que não podia fazer isso comigo. Você se esqueceu de dizer *de novo*. Você deveria ter dito que não podia fazer isso comigo *de novo*.

– Eu não queria magoar você.

– Por isso, para remediar a situação, você comeu outras mulheres? – Sua pergunta, absolutamente pertinente, me deixa sem resposta. Eu me pergunto o mesmo, dez vezes por dia. – Quantas foram?

Eu recuo.

– Ava, por favor, não faça isso. Eu me odeio.

– Eu também odeio você! Como você pôde?

– Ava, por que você não está me ouvindo?

– Eu estou, mas não gosto do que estou ouvindo! – Ela levanta e está indo embora. Eu a agarro pelos quadris e encosto a testa no ventre dela, minhas emoções me dominam. Me corpo começa a tremer.

– Desculpe. Eu amo você. Por favor, eu imploro, não me abandone. Case comigo.

– O quê? – Seu tom é de choque, nojo, tudo que eu não quero que seja. – Eu não posso me casar com alguém que não entendo. – Essas palavras são o golpe final, deixando-me prostrado no chão. – Achei que estivesse começando a entender você. – Sua voz treme. – Você me destruiu outra vez, Jesse.

– Ava, por favor. Eu estava em frangalhos. Perdi o controle. Pensei que conseguiria esquecer você à força. – Disparo as palavras, freneticamente, tomado pelo pânico.

– Bebendo e transando com outras mulheres?

– Eu não sabia o que fazer. – Sei que soa patético, mas é tudo o que tenho. A ansiedade absoluta, e o medo de vê-la se machucar não melhoraram. Isso nunca vai passar. Assim como o temor de perdê-la. Mas minha habilidade de fugir do amor puro, intenso e natural, sim. Minhas desculpas para tê-la deixado durante aqueles quatro dias nunca vão ser boas o bastante. Medo em um homem como eu é risível, mas é a isso que essa mulher me reduz. A destroços. Um trágico esboço de homem. Não mereço o amor que essa mulher me dá. Mas sou egoísta demais para desistir dele assim tão facilmente.

– Você poderia ter conversado comigo – ela diz.

– Ava, você teria fugido de mim mais uma vez.

– Todas as desculpas que você tem me dado são porque sua consciência estava consumindo você. Não foi porque você estava bêbado ou por causa do Solar. Foram porque você me traiu. Você disse que não usava o Solar para fazer sexo desde muito antes de me conhecer. Você mentiu para mim. Toda vez que acho que estamos progredindo, vem mais uma bomba. Eu não aguento mais. Eu não conheço você, Jesse.

– Ava, você me conhece, sim. Eu errei. Estraguei tudo, mas ninguém me conhece melhor do que você. Ninguém.

– Talvez Sarah conheça você melhor. Ela parece conhecer você muito bem. – Sua voz não tem emoção alguma. – Por quê?

Meu corpo se entrega, e meu traseiro encontra os calcanhares.

– Eu decepcionei você. Eu queria beber, mas prometi que não o faria e sabia o que poderia acontecer se bebesse.

– Por isso você pediu para ser chicoteado?

– Sim.

Meu estômago encontra o meu coração na garganta.

– Não entendo.

Não mostro a ela a vergonha em meus olhos. Não preciso.

– Ava, você sabe que eu era um aventureiro. Eu desfiz casamentos, tratei mulheres como objetos e peguei o que não era meu. Eu magoei pessoas e sinto que isso tudo é minha penitência. Encontrei meu pedaço do Paraíso e sinto como se todo mundo estivesse fazendo um esforço desmedido para tirá-lo de mim.

– *Você* é o único que vai estragar tudo. Sozinho. Bebendo, sendo um controlador, transando com outras mulheres. *Você!*

– Eu poderia ter parado com tudo. Não acredito que tenho você para mim, Ava. Morro de medo de você ser tirada de mim.

– Daí você pede para uma mulher que eu detesto, uma mulher que quer tirar *você* de mim, flagelar você?

– Sarah não quer me tirar de você. – Eu a olho confuso, mas Ava obviamente discorda, a julgar pelo olhar de total incredulidade em seu rosto. E sei que ela provavelmente tem razão. Eu poderia ignorar isso antes de Ava entrar em minha vida, mas não mais.

– Sim, Jesse, ela quer! Fazer isso consigo mesmo é uma agonia para mim. Você pune a mim, não a você. Eu amo você, apesar de toda a merda que você joga em cima de mim, mas não posso ficar assistindo a você fazer isso.

– Não me abandone. – Minha voz tem um indesejado tom de comando, e eu pego as mãos dela. – Eu morro antes de ficar sem você, Ava.

– Não diga isso! Isso é loucura.

Ela não vê? Eu a puxo para baixo, e ela fica de joelhos.

– Não é loucura. Aquele pesadelo que eu tive, de que você não estava lá. Foi isso: você tinha ido embora. Aquilo foi uma amostra de como a vida seria sem você. – Lembrar-me daquilo traz de volta todas aquelas imagens aterrorizantes. Ecuridão. Vazio. Dor indescritível. – Ava, aquilo foi a morte para mim.

– Se eu for embora, vai ser porque não consigo ver você se ferindo dessa maneira. Não posso mais ver você se torturando assim.

– Você nunca vai entender o quanto eu amo você. – Eu seguro o rosto dela, mas Ava se afasta outra vez. – Me deixe tocar você. – O pânico toma conta de mim, as visões do meu pesadelo agora são muito reais.

– Eu entendo, Jesse, porque sinto o mesmo! – Seu grito me impede de tentar trazê-la de volta para os meus braços. Como ela pode se sentir assim? – Embora você tenha acabado comigo, eu ainda amo você, e me odeio por isso. Então não ouse dizer que não entendo!

– Não é possível. – Merda, ela não faz ideia! A raiva percorre meu corpo ao dizer a frase, e estendo os braços, puxando-a com violência para mim e respirando fundo. – Não é humanamente possível!

Ela não me rejeita desta vez. Ela sucumbiu, me deixando senti-la e abraçá-la por algum tempo, antes de se afastar.

– Vou buscar algo para limpar você. – Não estou preparado para deixá-la ir, mas ela encontra forças em algum lugar e consegue se desvencilhar de mim. – Jesse, eu preciso limpar você.

– Não fuja de mim.

– Eu disse que nunca vou abandonar você e falei sério. – Ela sai, me deixando de joelhos e pronto para rezar um pouco mais. Não acabou e, apesar de suas palavras, não estou convencido de que ela possa mesmo me amar com a mesma força com que eu a amo. Como poderia? E não há nada que Ava possa fazer para provar.

Primeiro livro da saga erótica de Jodi Ellen Malpas
O Amante



O Amante

This Man, best-seller do The New York Times

Jodi Ellen Malpas

essência

Ava cede à sedução de Jesse e vive com ele uma paixão avassaladora. Mas, após algumas semanas, se dá conta de que não conseguirá conviver com o lado sombrio de seu amante e o abandona, bêbado, em sua sofisticada cobertura.

Cinco dias depois de deixá-lo, ela encontra Jesse em coma alcoólico. A altivez impenetrável do empresário sedutor é substituída por uma fragilidade desconcertante, que desperta em Ava o desejo maternal de cuidar do amante.

No entanto, ela não irá desistir de descobrir os segredos que ele camufla com seus olhos penetrantes, corpo sarado e sorriso inebriante, mesmo que essa busca a leve a se enredar cada vez mais na sufocante teia sedutora de Jesse.

Conseguirá Ava compreendê-lo? E Jesse, se permitirá amar e ser amado? Saber a verdade, afinal, os afastará mais ainda ou selará uma vida em comum?

Será difícil resistir a essa aventura sexual, que tem, como cenário, endereços sofisticados de Londres.



©Megan Laurie/LSL Photography Ltd.

Antes de se dedicar à trilogia best-seller *O Amante*, a britânica Jodi Ellen Malpas, nascida e criada no sudeste da Inglaterra, tentou abafar o desejo de escrever trabalhando com o pai no ramo da construção civil. Com coragem, Jodi enxergou no mundo da autopublicação, na internet, uma oportunidade para dar vazão ao seu desejo de se tornar autora e publicou o primeiro livro da sua trilogia, que agora chega ao segundo volume impresso aqui no Brasil.

Após o grande sucesso dos livros, que repercutiram no mundo todo, a autora decidiu largar o emprego ao lado do pai – mas não sem antes carregar, para a nova empreitada, os sofisticados elementos do mundo da decoração de luxo –, e passou a se dedicar em tempo integral à nova carreira de escritora.

Atualmente, Jodi vive com o marido e os filhos na cidade de

Northampton.

Jesse Ward queria Ava O'Shea e a teve. Em poucas semanas, esse empresário sedutor se revelou intenso, temperamental e controlador, mas também gentil, carinhoso e protetor.

Após um turbilhão de emoções e sensações, Ava se rendeu à paixão, mas acabou se afastando depois de conhecer um lado obscuro de seu amante, que parecia perfeito demais para ser verdade.

Longe dele, a talentosa decoradora se sente vazia, incompleta, em total agonia. Mas, assim como um vício, ficar longe do empresário era a única maneira de sobreviver, considerando sua faceta autodestrutiva. Porém, não se escapa de Jesse Ward, e Ava devia saber disso! Por outro lado, Jesse também sofre com a montanha-russa de emoções que a chegada de Ava em sua vida proporcionou, e é pego de surpresa por seus próprios sentimentos, além de uma dependência doentia por seu objeto de desejo.

Passados cinco dias desde que foi deixado por Ava, bêbado e furioso, em sua luxuosa cobertura, num bairro sofisticado de Londres, ele volta a encontrá-la e a controlá-la com suas inebriantes técnicas de conquista. Mas Ava está determinada a descobrir a real faceta que o empresário esconde com a ajuda de uma entourage de amigos e funcionários fiéis.

A missão é ambiciosa, mas ela não vai desistir!

